



Je ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin



P 30
7419

PHYSIOLOGIA DAS PAIXÕES E AFECÇÕES

PRECEDIDA DE UMA NOÇÃO PHILOSOPHICA GERAL

E POR UM ESTUDO APROFUNDADO E DESCRIPÇÕES ANATOMICAS

DO HOMEM E DA MULHER

SUAS DIFFERENÇAS PHYSIOLOGICAS, PHYSIONOMICAS, PHILOSOPHICAS
E MORAES, BASEADAS NAS THEORIAS DE

LAVATER, MOREAU, PORTA, LE BRUN, ROUSSEL, VIREY E OUTROS

SEGUIDA DE UMA CLASSIFICAÇÃO METHODICA
DE TODOS OS SENTIMENTOS AFFECTIVOS E MORAES, CONFORME
A FORÇA COM QUE OBRAM NO ESPIRITO, NA IMAGINAÇÃO
E NO CORAÇÃO

PELO

Dr. Mallo Moraes (A. J. de).

NATURAL DA CIDADE DAS ALAGOAS.

*Em cumprimento a ordem da Real Legislativa e de
diversas obras litterarias e scientificas*



Segunda edição em 2 tomos augmentada

RIO DE JANEIRO

EMP. TYP. — **DOUS DE DEZEMBRO** — DE P. BRITO
IMPRESSOR DA CASA IMPERIAL:

1855.

PHYSIOLOGIA DAS PAIXÕES

O SR. F DE PAULA BRITO (*)

Concluindo este meu escripto, forçoso me é revelar, que muito concorreo para a sua publicação o empenho generoso do distincto cavalheiro, que ácima escrevi o nome.

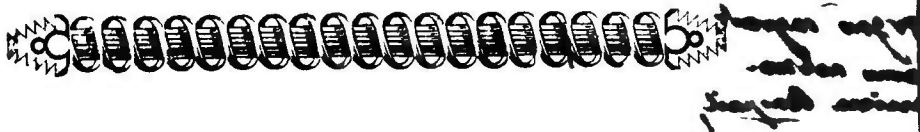
O Sr. Francisco de Paula Brito é um d'esses raros caracteres, que se vota incansavel e incessantemente em proveito da imprensa fluminense.

As letras nacionaes devem a este generoso cavalheiro importantissimos serviços, porque são verdadeiros serviços os que se fazem com grandes sacrificios.

Por minha parte, consinta-me elle, que aqui lhe tribute os mais sinceros respeitos.

Dr. Mello Moraes.

(*) Peço ao Sr. F de Paula Brito (bem que com sua repugnancia), me consinta transcrever aqui esta para a manifestação dos meus sinceros sentimentos.



PHYSIOLOGIA DAS PAIXÕES

Do systema nervoso.

Desta substancia incognita se alonga
A varia t̃ea dos sensiveis nervos,
Que messageiros rapidos n'um ponto
Levam ao centro d'alma a idéa, a imagem
Dos externos objectos... Talvez nelles
Das sensações reminiscencia exista!
Profundo abysmo, e cego labyrintho,
Impenetraveis sombras de quem foge
Celeste dom da Poesia! Ah!..

MACEDO.

Do cerebro (orgão da intelligencia), dos seus involucros e funcções.

O *cerebro* é o orgão a que o SUPREMO AUTOR da Natureza confiou as funcções mais importantes e as mais admiraveis, dirigidas pela *alma*, principio *activo*, *intelligente* e *sensivel*, cuja natureza intima e modo de acção, ultrapassam as especulações do mais incansavel meditador. No entanto o senso intimo, e os phenomenos da consciencia justificam-lhe a existencia, e assignalam-lhe propriedades ou facultades, que mais adiante passaremos a descrever.

Do cerebro (1).

O cerebro occupa toda a cavidade craneana; é simétrico, ovoide, um pouco comprimido sobre seus lados, convexo e

(1) Durante a vida mortal, a alma está inteiramente unida ao corpo, diz o Dr. Mathey, ella acompanha seus progressos, seus desenvolvimentos e suas modificações: e muitas vezes está de todo sob sua inteira dependencia. «Vejo em meus membros, dizia S. Paulo, uma lei que combate contra a lei de meu entendimento, e que me sujeita á lei do peccado, que está em meus membros.»

O homem é um ente mixto; suas faculdades intellectuaes não se podem manifestar senão por meio da materia; o cerebro parece ser o órgão necessario á sua manifestação: é elle bem conformado e de conveniente energia? Nesse caso as faculdades serão mais desenvolvidas e mais activas; no entanto que sua má organização ou fraqueza original occasionarão um defeito mais ou menos absoluto dellas.

Observando na infancia o desenvolvimento dessas faculdades, nós as veremos, com effeito, seguir o dos órgãos gradualmente, maxime o do cerebro, precoce (*) em uns, e tardio em outros. Os meninos rachyticos, em geral mais intelligentes que aquelles da mesma idade, que são isentos dessa affecção, têm, como é sabido, a cabeça mais volumosa, e o cerebro parece gozar de maior gráo da excitabilidade: porém esta ultima condição póde faltar; ainda que o cerebro seja de consideravel volume, sendo de um tecido muito molle e muito lymphatico, as faculdades do espirito se manifestarão mais tarde, e serão menos activas.

Póde-se imaginar que cada parte ou cada protuberancia, serve para manifestar uma faculdade ou uma disposição particular do espirito ou da alma; tal é a hypothese que tem servido de base á doutrina do doutor Gall.

Esse celebre escriptor cita grande numero de factos em apoio de sua theoria: elle conseguiu reconhecer, pela inspecção do craneo, apalpando-o em todos os sentidos, as diferentes qualidades ou vicios do espirito, que eram proprias aos individuos de quem elle examinava a cabeça. Qualquer que seja a validade desse systema, que não pretendemos aqui approvar, nem rejeitar, devemos observar com seu autor, se as diferentes partes, ou a totalidade do cerebro, não adquirindo senão muito tarde seu aperfeiçoamento e solidez, e seu estado de infancia prolonga-se até á idade de dez a doze annos; nesse caso a natureza parece trabalhar com energia nova no desenvolvimento das partes, e tem-se visto meninos reputados sem capacidade, tornarem-se homens de talento. Cato, quando menino, passava por estúpido e teimoso; foi

(*) Os meninos, cujo cerebro se desenvolve e adquirem grande actividade antes de tempo, porém, se chegam á idade avancada; a maior parte delles morrem hydrocephalicos antes do sétimo anno; temos muitas vezes observado isso. (Vede o Journal de Medecina de Paris, e Jornal da Sociedade de Medicína pratica de Montpellier.)

arredondado em cima, achatado e desigual em baixo, offerecendo sua grossa extremidade para trás, e a mais estreita para diante.

preciso que Cezar apparecesse para excitar seu genio e manifestar sua grande alma.

Se não ha desenvolvimento e aperfeçoamento algum, haverá completo idiotismo; será incompleto se o desenvolvimento de certas partes cerebraes se pôde effectuar; porque então as faculdades correspondentes a essas partes se desenvolverão.

As boas qualidades da alma e do espirito manifestam-se, conforme Gall, na parte anterior e superior da cabeça, e as inferiores ou viciosas na parte posterior.

Na verdade, as cabeças dos idiotas, dos homens mediocres, e as dos homens eminentes por seu genio, offerecem aos olhos do observador notavel differença. Em geral, as cabeças grandes, e principalmente testas grandes, annunciam grande desenvolvimento do orgão do pensamento; dahi se derivam as denominações tornadas populares, *de grandes, de vastas cabeças*, como synonymo de grandes genios. Vêde as cabeças de Bacon, de Libnitz, de Boerhaave, de Haller, de Pascal, de Voltaire, de Loche, etc., etc.; comparae a cabeça de Jupiter do capitolio com a de Baccho, e vereis que differença nellas se encontra. Nas grandes e bellas dimensões, na altura e extensão da fronte assim como na saliência della, reconhece-se na primeira o Deos do raio e o Senhor dos outros Deoses. Em todas as suas producções os antigos nos deixaram eternas provas de seu genio observador. O Apollo pythio ou de Belvedere, servirá sempre de modello aos artistas que quizerem representar sob formulas o genio das bellas artes.

A' medida que desses typos se afasta a intelligencia suprema, vê-se a fronte inclinar-se para trás e diminuir-se gradualmente. Descendo-se á escala dos entes, chega-se assim á ultima classe dos animaes que conservam ainda com o homem algumas relações de organização: os reptis têm o craneo chato e a testa absolutamente nulla; a linha facial confunde-se com a parallela, que da base do nariz se estende até abaixo da cova ou foça occipital. Camper, em suas indagações sobre a differença das feições do rosto, estabeleceo traços caracteristicos e constantes das faculdades intellectuaes dos diversos povos, sobre a differença que existe na situação respectiva da linha que elle chama facial. Suas observações podem applicar-se aos animaes de todos os generos. Sem duvida, as regras geraes que os diversos physionomistas hão querido estacionar, conforme suas observações particulares, estão sujeitos a excepções e a algumas observações igualmente bem fundadas; porém é uma verdade incontestavel que a extensão e a força das faculdades intellectuaes, são com razão compostas do volume e da energia do cerebro; que seu desenvolvimento e sua actividade marcam-se pelo exterior, e podem-se reconhecer até certo ponto nas formas da cabeça, nas feições do rosto, e nas attitudes do corpo.

Alguns physiologistas têm pensado que a falta de juízo, a irresolução dependem da desigualdade no volume, na consistencia ou na ener-

Nota-se em todo este órgão uma sensível diferença de conformação, tanto no seu aspecto interior, como exteriormente. A primeira vista se observa, que elle se divide em

gia do cerebro. Isto pôde ser; essa hypothese tem fundamento, ao menos pela analogia, sobre a observação relativa ao effeito da desigualdade, ou da força dos órgãos dos sentidos, dos olhos particularmente; o resultado constante é a vista vesga ou o estrabismo.

Ajuntemos ás condições necessarias para as manifestações, a existencia dos órgãos dos sentidos e sua boa conformação. Por mais perfeita que supponhamos a organização do cerebro, a alma ficará sempre inactiva, se não existe algum dos sentidos, e só imperfeitamente manifestará seu poder ou sua virtualidade, se os dous principaes sentidos faltarem, a vista e ouvido. *Nihil est intellectu quod prius non fuerit in sensu.* Este axioma ainda não deixou de ser certo em metaphysica, dizem os philosophos.

O mesmo não teria determinação, se o tacto geral, a vista, ou o olfacto não o dirigissem para o fim que convém ao animal attingir para sua propria conservação; se desde sua entrada na vida não existissem relações ou communicações entre a acção nervosa e os órgãos digestivos (donde nasce a necessidade de nutrição ou o sentimento da fome), e o sentido exterior destinado a pol-o em contacto com o alimento que lhe é mais conveniente. Assim, a criancinha não procuraria o seio materno, se não fosse advertida de sua presença por um sentimento particular, experimentado provavelmente na superficie. O pintinho ao sahir da casca não se atiraria sobre os grãos que estão a seu alcance, se a vista o não dirigisse. O cabritinho, sahindo do ventre materno, não preferiria a grama entre as outras hervas que se lhe apresentam, se não tivesse por guia o olfacto.

O que dizemos aqui, com mais razão se pôde dizer das disposições innatas da alma e do espirito. Ellas não se manifestariam, pois, se os sentidos não existissem ou se não fossem tocados pelo objecto ou pelo concurso de objectos proprios a desenvolver as boas ou más inclinações: os mais bellos genios poderiam ficar assim ignorados, e pereceriam sem jámais serem conhecidos. Moliere, não teria feito obras de primor dramaticas se não tivesse visto nunca theatros. Rosseau, não haveria passado de mediocre escriptor, se a simples circumstancia do fechamento das portas da cidade de Genebra não o tivesse determinado a expatriar-se, se não houvesse sido lançado no grande mundo entre os homens de letras. E' certo que as circumstancias, ou os acontecimentos fortuitos, o acaso só, se se quer, faz muitas vezes grandes talentos, grandes homens, e grandes sceleratos.

Insistimos sobre esse ponto, não porque adoptemos a opinião de Helvetius, que admite o poder exclusivo da educação dos sentidos relativamente á actividade do espirito, e que nega a influencia da organização; elle supõe que ella é a mesma em todos os individuos, e que todos têm igual aptidão para as sciencias e para as artes, para as virtudes e para os vícios, o que é demonstrado falso pela experiencia. Mas parece-nos de outro lado, que Cabanis e Gall estudáram tambem

duas regiões: uma *superior*, que corresponde á abobada craneana; e a outra *inferior*, que corresponde á base; dous *hemisphæros laterales*, os quaes longitudinalmente apresentam

muito sua theoria, primeiramente sobre a influencia das extremidades nervosas internas, depois sobre a conformação particular do cerebro. Cremos que á nascença do menino, e alguns mezes depois, não obstante seus gritos e movimentos authomaticos o cerebro é, como disseram Locke e Condillac, lamina liza relativamente ás idéas.

O instincto ou a impulsão interior ficará sem effeito, sem determinação, sem manifestação de inclinações, se não ha concurrencia de acções de um ou de muitos orgãos exteriores. Um menino que nascesse absolutamente privado dos cinco sentidos, não teria signal algum de instincto nem de intelligencia, ainda que tivesse o cerebro bem organizado; nelle haveria, quando muito, o sentimento vago do mal-estar, ou do bem-estar, que nasce das impressões variadas feitas pelo systema nervoso interior: só exprimiria, durante sua vida, a necessidade de a satisfazer, ou satisfeita, a fome e a saciedade, a dor e a calma, a agitação, os gritos, os movimentos ou repouso, seriam todas as suas expressões; seu estado habitual seria de absoluto idiotismo.

Aquelles, pois, que não assemelhado o cerebro ás outras visceras, e que o tem chamado *escretorio do pensamento*, podem razoavelmente suppor que somente os abalos dos nervos interiores, communicados ao centro cerebral, bastam para fazer nascer ou produzir, se se quer, idéas semelhantes áquellas de que os elementos e os principios componentes estão fóra de nós: e não tem outra via para chegar ao cerebro senão os sentidos? suppoem elles que o estomago possa formar chyló sem alimento? não o cremos. Effectivamente adinitemos que os sentidos do gosto e do olphato, que pertencem mais particularmente ao instincto, e que servem de guia ao orgão digestivo, gozam impressões que deixam *poucos traços no cerebro* (*), e *difficeis de lembrar*.

Admittimos que a impressão das extremidades nervosas internas, communicuem-se ao cerebro, ou talvez ao cerebello (**), ou a medulla alongada só no feto, e no recém-nascido, e que este reage consequentemente sobre certos musculos ou certas fibras musculares; isso sim, é incontestavel; porém tudo quanto podemos concluir dahi é, que as impressões internas obram sobre o cerebro á maneira do sangue arterial; em geral, o excitam como centro nervoso; ellas o dispõem

(*) As expressões de *traços feitos no cerebro, de fibras postas em movimento*, e outras semelhantes, são puramente hypotheticas, e preciso convir; porém, servem de tornar sensiveis nossas conjecturas sobre o mechanismo das funções intellectuaes; e para substituil-as por outras era accessario mudar a hypothese.

(**) Os acephalos poderiam servir de fundamento a esta conjectura.

na região superior muitas convulsões exteriormente de cor cinzenta (e que se denomina *substancia cortical*), e interiormente branca (*substancia medullar*). E' singular a disposição

talvez a receber as impressões ou as idéas, que os órgãos dos sentidos mais tarde lhe devem transmittir.

Deste modo é que se pôde conceber que na primeira idade as dores da cabeça e dos dentes, preparam por grãos o cerebro a perceber as sensações propriamente ditas. Nessa época, e somente quando as idéas estiverem formadas, e existirem em grande numero, as modificações nervosas das visceras terão uma influencia notavel sobre ellas, as perturbarão, as desnaturarão ás vezes, e é nessas modificações internas que muitas vezes é preciso ir procurar a causa primaria da alienação mental; mas essa influencia só tem lugar em épocas determinadas da vida, e em algum tempo em alguns casos, só haveriam idéas innatas, isto é, nascidas antes do inteiro desenvolvimento dos sentidos do cerebro. E' preciso, portanto, restringir o pensamento que alguns ideologistas modernos ligam á expressão de *idéas instinctivas*.

Repetimos: os sentidos sós, dão á alma poder de manifestar sua energia; só elles lhe dão idéas simples e compostas, ou abstractas; elles a poem primeiramente em communicação com o mundo exterior, e conforme são as impressões que ella recebe, agradaveis ou peniveis, o corpo se approxima ou se afasta; as mãos agarram ou repulsam, a voz geme, ralia ou ordena, os olhos supplicam ou ameaçam; elles exprimem o desejo, a alegria, a colera, a dor, o amor; e é então somente que pelos repetidos actos dos órgãos dos sentidos, o cerebro torna-se capaz de reter ou de conservar, de reproduzir, de combinar as idéas ou as impressões que os objectos exteriores ou as sensações interiores lhe hão despertado: só pela comparação dessas diversas sensações, dessas diferentes idéas, é que podemos adquirir a faculdade de julgar, de reflectir, de pensar, em uma palavra, então a razão, a consciencia, e a vontade, o espirito, os talentos, o genio, e todas as diversas qualidades da alma se desenvolvem.

As inclinações boas ou más, determinadas sempre, segundo o Dr. Gall, pelo arranjo ou pela organização primitiva das fibras cerebraes, e por seu gráo de actividade, defendem tambem, ao que julgamos, das relações sympathicas que ligam o centro cerebral ao systema nervoso exterior e interior. Esses systemas formam assim um todo unico, cujas modificações e desarranjos em uma parte fazem-se quasi sempre sentir e notar em outra: terei cuidado no curso deste nosso trabalho, de apoiar nossa opinião em alguns factos que nos parecem bem concludentes.

Seguramente, a melhor organização, a mais feliz e rara constituição, é aquella em que os diferentes ramos nervosos, em que as vidas distinctas estão em juizo equilibrio. Merece o nome de sabio, aquelle em quem tudo é bem coordenado, em quem a acção regular do cerebro contrabalança a dos nervos interiores ou a acção, na qual a acção

ção exterior deste importantissimo orgão, que as convoluções de um lado (em todos os homens) jamais se parecem com as do outro.

deste ultimo é moderada sem ser destruida; aquelle em quem as paixões que avassalam a vida organica, não invadem o dominio da intelligencia, porém que ao contrario sustentam, reanimam e exaltam sua energia, que se extinguiriam sem ellas. Feliz daquelle que acha constantemente em si a força necessaria para resistir á sua impetuosa e funesta influencia! Felizes tambem daquelles que não têm sentido a necessidade de oppor-lhes a razão para vencel-os. Os virtuosos sem esforço não têm merito.

Nada diremos aqui das paixões (*) e de seus efeitos sobre o organismo em geral, ou sobre alguns orgãos em particular: mais adiante fallaremos dellas; e aqui somente trataremos da sua poderosa influencia na producção das diversas especies de alienação mental.

ACÇÃO ESPECIAL DO CEREBRO NO ESTADO DO SÃO, DURANTE A VIGILIA.

O cerebro, diz o Dr. Mathey, depois de ter recebido sensações, examina-as, compara-as e escolhe-as; o espirito entra em si mesmo, e reflecte-se sobre as percepções ou idéas que o hão forte e profundamente excitado; fixa-se nellas e torna-se então insensivel ás novas impressões que os sentidos lhe transmittem. O pensador, mergulhado em suas profundas meditações, não vê senão a idéa que o domina; não escuta os sons que lhe ferem os ouvidos; a mesma necessidade da natureza, a fome, em vão o sollicitam; é surdo a essa voz interior, ordinariamente tão poderosa. Archimedes é degolado pelos soldados romanos, que se têm apossado de Syracusa, sem que elle o presinta; estava nesse instante inteiramente occupado da solução de um problema. Em outra occasião viram-no sahir do banho inteiramente nú, e correr pelas ruas como louco, gritando : *achei-a, achei-a*. Sabe-se que se tratava da liga posta na corda de Dionysio, o tyranno, que elle acabava de descobrir banhando-se.

Os martyres da fé christã, cheios da consoladora idéa da bemaventurança celeste, que os esperava, depois da morte, quasi que não percebiam os aprestes de um supplicio cruel, que nada de terrivel lhes apresentava; seguiam seus algózes com alegria, e diante de si só viam a vida eterna. A meditação, esse poder da alma, que faz calar as sensações ou a dor, engrandece o pensamento, e eleva o genio acima das opiniões

(*) Crichton tratou a fundo desse assumpto, sob a relação physiologica e pathologica. (Inquirição sobre a natureza e origem do desarranjo mental, por Alex. Crichton. V, 2.º 1798).

Não se pôde na *região superior* do cerebro fazer outra divisão que esta: na *região inferior*, o cerebro ou encephalo, apresenta tres lobulos cerebraes, occupando as fossas

vulgares. Pôde-se tambem fazer perder a razão, quando a meditação é muito forte e muito continua; se ella faz nascer vastas e sublimes concepções do cerebro bem organizado, occasionam tambem os desvarios dos espiritos fracos e as visões dos melancolicos; e sua viva e intima persuasão chega ás vezes a fazel-as passar por realidades aos olhos dos homens simples, ignorantes e credulos. Tão verdade é que a linha de demarcação entre a sabedoria e a loucura não é sempre facil de traçar: muitas vezes varia os lugares e os tempos. No juizo dos sabios da inquisição, Galileo foi um impio e um louco, que era preciso condemnar ao fogo, e que só escapou disso, retractando-se e renunciando, apezar seu, a emittir uma verdade, hoje geralmente admittida. Democrito, procurando nas cavernas do cerebro os orgãos do pensamento, passou por um insensato aos olhos dos habitantes d'Abdera; Hypocrates foi chamado, e a conversação que elle teve com esse philosopho, lhe fez conhecer que só os Abderianos tinham necessidade do elebaro (planta). Tratamos da loucura que faz a admiração dos Hindous e dos Musulmanos; para elles o signal de maior sabedoria em seus Derviches ou Fakhirs, é andarem á roda durante horas inteiras, e fazerem-se agarrar por cima do omoplata com ganchos de ferro, sendo suspellidos assim a trinta pés de elevação, e voltearem rapidamente no ar por espaço de um quarto de hora.

Sem duvida, não existe um só homem, por pouco que medite na vida, que não tenha tido occasião de verificar por si mesmo o effeito ou influencia retractiva que produz sobre os sentidos a preocupação do espirito. Que se não tenha sorprendido ás vezes, fallando alto e só, ou então em companhia não respondendo ao amigo que o questiona repetidas vezes, e que chega enfim a despertal-o? Essas distracções são involuntarias, são bem differentes daquellas que um tolo ou um fatuo, que tem a pretensão de passar por espirito occupado ou superior a tudo que o rodeia, affecta; ellas nascem effectivamente de uma grande preocupação, de um pensamento fixo sobre um objecto particular, e por isso essa actividade independente e instantanea do cerebro, approxima-se muito ao estado em que habitualmente se encontra o espirito de muitos alienados: desenvolveremos isso em outra parte.

No entanto o orgulho humano custará a crer n'isto; e não deixa de ser verdade, que uma imaginação muito activa, uma meditação contínua e profunda, ou o habito da levandade, da distracção, estão bem perto de se converter em delirio melancolico ou em demencia; é uma triste verdade, porém certificada pelas numerosas observações dos medicos.

ACÇÃO DO CEREBRO DURANTE O SOMNO.

Se a formação de nossas idéas, sua conservação e reprodução, ou a memoria, que é a base de todas as nossas faculdades intellectuaes, são

anteriores, medias, da base do craneo, e as occipitales inferiores. Nota-se de mais, atrás da cellaturcica a ponte de *Varolio*; e na goteira basilar, a medulla oblongada, que con-

phenomenos proprios a excitar a admiração de todo o observador atento e curioso de se conhecer a si mesmo; como não ser igualmente impressionado da continuação da acção do cerebro durante o somno, dos sentidos e da vontade? Como conceber que com olhos fechados e os outros órgãos dos sentidos em completa inacção, tenhamos, sem querer, todas as sensações ou percepções que costumamos a ter quando acordados, e não estas como muitas outras, muitas vezes mais claras e mais distinctas que no estado da vigilia? Idéas ás vezes que hão feito com facilidade crer na existencia de um ser sobre natural, que nos vem advertir em sonhos dos acontecimentos das cousas futuras: porém mais ordinariamente essas idéas são confusas, extravagantes e incoherentes. Não só as idéas que nos hão occupado quando acordados se retratam á nosso espirito, como tambem aquellas que, por assim dizer, estavam a muito tempo apagadas: vemos pessoas mortas á grande numero de annos e de quem já tinhamos perdido a lembrança. Os sonhos ainda nos fazem ver objectos que não nos tinham jámais tocado quando despertados; transportam-nos a paizes, a cidades onde nunca estivemos; fazem-nos ouvir e fallar linguas que nos são desconhecidas, e ensinam-nos cousas que completamente ignoramos. Porém o que é extravagante, e o que nós não percebemos, é que nós mesmos, que fazemos as perguntas e damos as respostas, recebemos de nós mesmos as instrucções que julgamos ter dos objectos exteriores e das personagens que nos apparecem; nossa imaginação está em estado de delirio, e nos faz formar juizos absurdos; é o que reconhecemos quando acordamos.

Observemos, além disso, que nossos gostos, nossas inclinações, nosso caracter habitual, acham-se igualmente mudados em nossos sonhos. O homem de coragem foge do perigo, e quando desperta enche-se de indignação por isso; o poltrão faz actos de bravura que o espantam; o homem brando e pacifico tem accessos de furor; o piedoso e continente cenobita vê a seductora imagem da voluptuosidade, e pecca a pezar seu.

Essas mudanças têm grande relação com aquellas que se operam no estado de mania. No somno, as extremidades nervosas interiores são as unicas que obram ainda sobre o cerebro, e sua acção é então muito mais forte e muito melhor sentida que na vigilia; o órgão do pensamento, sem ser distraido pelos sentidos, a vivacidade das idéas que contém se torna por isso muito maior. A sympathia dos órgãos genitales é particularmente muito poderosa; as imagens voluptuosas e lascivas que então se formam, exercem uma reacção notavel, mesmo nos órgãos que as fazem nascer. E' tambem, a maior parte das vezes, uma actividade augmentada do estomago, que faz sonhar que se está comendo. Trench, fechado u'um negro carcere e morrendo de fome, refere que assistia em sonhos ás brilhantes ceias das melhores casas de Berlim, que elle frequentava antes de ser encarcerado. Porém ás vezes tambem está o

tinha no canal espinhal. Os dous *hemisphérios* do cerebro são entre si unidos por um corpo medular, mais estreito anterior que posteriormente, e que se estende de um lado á ou-

estomago muito cheio, e o mesmo sonho tem lugar; neste caso a digestão é custosa; muitas vezes as agonias que ella occasiona, com a oppressão da circulação nos vasos abdominaes, promovem extraordinarias imagens, phantasmas e monstros taes, como os que são parte do delirio: os esforços que se fazem para combatel-os, para gritar por soccorro, determinam o despertar, e no mesmo instante cessa o pesadello e o incommodo: percebemos logo o valor imaginario dessas singulares sensações. Nos meninos a illusão phantastica é mais teimosa; persiste depois de acordar, porque seu juizo não está ainda bem formado, e as impressões nessas idades são mui vivas.

Se acontece nos sonhos, que os musculos submettidos ao imperio da vontade, executam movimentos como no tempo da vigilia, esse estado chama-se *somnambulismo*. Alguns somnambulos, com effeito, passeiam dormindo, praticam acções que têm o costume de praticar quando acordados, ou outros mais perigosos; lançam-se a nado, atravessam rios, etc., etc.; escrevem, falam, têm os olhos abertos, porém mais ordinariamente sem ver. E' bem sabida a historia daquelle joven ecclesiastico somnambulo, que se levantava no meio da noite, pegava em um papel, escrevia e compunha sermões; quando acabava uma pagina lia de principio a fim em voz alta (se se pôde chamar *ler*, essa acção feita sem soccorro dos olhos), e se alguma cousa lhe desagradava, riscava e escrevia as correccões com muita exactidão. A testemunha ocular de tão extraordinario facta, querendo-se assegurar se o somnambulo não fazia uso algum dos olhos, poz-lhe uma folha de papelão de baixo do queixo, de modo a interceptar-lhe a vista do papel que estava sobre a mesa, mas elle continuou a escrever sem diso se perceber. (Vêde a Encyclopedia antiga).

Affirma-se que Lafontaine era sujeito ao somnambulismo, e que sua fabula dos dous pombos, uma das melhores, tinha sido composta e escripta durante seu somno. Conhecemos um creado que, estando profundamente adormecido, respondia ás questões que lhe faziam sobre o que tinha dito, feito ou pensado durante o dia; divulgava então o que tinha feito tenção de guardar como segredo. De manhã não tinha a menor lembrança das interrogações que lhe haviam feito, e nem de suas respostas.

Essa falta de lembrança das cousas ditas ou feitas durante o somno, é muito commum no maior numero dos somnambulos; serve isso de estabelecer uma differença caracteristica entre o somno natural, agitado por sonhos ordinarios, e o somnambulismo. Observemos tambem, que ella existe igualmente no somnambulismo magnetico, conforme a relação dos magnetisadores. E' inutil em nosso assumpto procurar a explicação dessas differenças; porém não devemos calar um phenomeno muito mais raro, e muito mais surprehendedor, que o somnambulismo; elle tem sido reputado falso pelas pessoas que não têm tido occasião de observar: aquellas mesmas que o hão visto

tro, e que mui bem se póde ver, afastando os hemispherios um do outro (*corpo calloso*), em cujo meio se nota longitudinalmente o *rafe*; e em seus lados dous cordões chamados

de perto e cuidadosamente o observado, apenas ousam crel-o real: queremos fallar do transporte apparente dos sentidos e da faculdade de perceber suas impressões pela região gastrica.

Affirma-se que certos catalepticos têm, durante os accessos, a faculdade singular de ver e ouvir; em uma palavra, de gozar de todos os seus sentidos exteriores, sem a participação dos órgãos destinados a receber as sensações e transmittil-as ao cerebro, o que effectivamente parece um abstrdo paradoxo. Eis, todavia, um facto desse genero, do qual nós garantimos a authenticidade. Uma senhora foi accomettida por diversas vezes de ataques de catalepsia, durante os quaes adquiria a faculdade de ver, com os olhos fechados, os diversos objectos que deitavam sobre ella as pessoas que a rodeavam, e que se punham em harmonia com a doente, collocando a mão sobre o epigastro della; respondia então por signaes ás questões que lhe dirigiam; indicava com perfeita exactidão o conteúdo de um bilhete fechado e guardado na algibeira do interrogador, e do qual se estava seguro que ella não podia ter o menor conhecimento. Ella sentia o rapé fechado n'uma boceita e que estava fóra de sua vista; ouvia distinctamente o que se dizia em voz baixa e a grande distancia della.

Temos conhecimento desses factos estranhos, transmittidos por um medico, distincto por suas luzes, por seu juizo, e por sua vivacidade; todavia foi com o espirito prevenido contra os prodigios catalepticos, que elle vio pela primeira vez a Senhora... em crise, e que repetio as experiencias de que acabamos de fallar. Suas duvidas foram a principio abaladas, e por fim convenceo-se da realidade de um tal phenomeno.

Além disso, alguns autores, igualmente dignos de fé, hão referido casos semelhantes ao precedente. O professor Dumas falla de uma moça sujeita a ataques de hystericismo e catalepsia, que experimentava uma tal concentração de sensibilidade para a região pericardial, que os órgãos dos sentidos ahi ficavam como inteiramente fixos: assim ella encerrava no estomago todas as sensações da vista e do ouvido, que se não produziam nos órgãos acostumados a isso (*Doenças chronicas*).

Affirma-se que o magnetismo animal produz nos magnetisados, cahidos em somnambulismo, o desenvolvimento dessa singular faculdade, e dá lugar a phenomenos igualmente inacreditaveis.

Na verdade, elles destroem todas as noções adquiridas, todas as opiniões recebidas pela physiologia dos sentidos e do entendimento humano; afastam-se muitissimo da regra commum; são tão extraordinarios, tão raros, que quer-se antes negal-os absolutamente, do que admitir que existe n ainda na natureza mysterios impenetraveis á nossa sagacidade. O amor proprio facilmente toma esse partido. Seria talvez mais prudente e mais conveniente confessar que nossos conhecimentos são ainda muito limitados, e que serão provavelmente sempre imper-

os *nervos de Lancisi*; e as extremidades anterior e posterior do corpo calloso, denominado *joelhos*; nada mais se encontra de notavel nas partes lateraes.

feitos relativamente á natureza da alma, á sua séde, e a seu modo de communicação com o corpo.

Finalmente não esqueçamos que os physicos negaram muito tempo a existencia da queda das pedras cahidas do céo, e que estão hoje plenamente convencidos da realidade desse phenomeno, ainda que não estejam seguros de poder dar actualmente disso satisfatória explicação: porém elles pensam que antes de tudo é preciso ter vontade de observar sem prevençãõ, sem prejuizo, e que para estar no direito de regeitar um facto como não existente, não basta delle negar a possibilidade, recusando vel-o e ouvil-o.

Póde-se, com razão, suppor que nem tudo tem sido illusão no magnetismo animal desde Mesmer até ás experiencias feitas por Butancy: convém discernir a verdade, e separar o que é real e verdadeiro, do que é illusorio, imaginario e falso.

O maior numero dos medicos que desdenharam certificar-se da realidade do magnetismo e de seus espantosos effeitos, contenta-se em dizer, que elles não são mais que o producto da imaginação exaltada nos magnetisados; isso já é confessar que os factos podem existir: ora, quer sejam elles consequencia da exaltação da imaginação, ou de qualquer outra faculdade, o resultado, tal qual nos annunciam, não é menos inexplicavel, nem menos curioso, e nem menos interessante para o observador imparcial; vale bem a pena de ser verificado. Alguns medicos Allemães de reconhecido merito, tambem hão nestes ultimos tempos tido em pouco occupar-se disso. M. Kluge tenton explicar esses phenomenos com a sobrenatural explicação dos ganglios ou da vida vegetativa (vida organica de Bichat); elle julga que está debaixo da subordinação desse systema: dahi procedem, diz elle, relações completamente novas nos órgãos interiores, e as forças intellectuaes; faculdades até então latentes, desenvolvem-se e dão lugar a uma infinidade de phenomenos desconhecidos anteriormente (Gazeta medico-cirurgica de Salzbouurg).

O Dr. Gall olha o magnetismo unicamente como meio de activar em mui alto gráo os órgãos do pensamento. Esta opinião é consequente á theoria dos órgãos cerebraes, porém deixa o problema irresolvido; a de Kluge satisfaz mais o esprito, e risca talvez uma parte das difficuldades; porém não se póde deixar de perguntar: que inconcebivel mechanismo póde, no somnambulismo magnetico, não só substituir o maravilhoso órgão da vista, como augmentar delle o poder? Como podem, o cataleptico natural, e o magnetisado, ver objectos que os olhos não poderiam perceber? Penetrar no interior do corpo vivo, e encher o que ali se passa, ver as variadas ligações dos tecidos das visceras, animaes nos intestinos, collecções purulentas, etc.? E não só descobrir a existencia occulta dessas desordens organicas, como tambem della o termo e as mudanças, os symptomas que as devem preceder; prevel-as, annunci-l-as muitos dias, muitas semanas antes, e predizer

A parte inferior (voltai-a para cima), apresenta (caminhando-se de diante para trás) 1.º os lobulos anteriores do cerebro, concavos inferiormente, para se bem accommoda-

com justeza? Eis o que não podemos conceber; o que não está explicado, e nos parece inexplicavel.

Temos dito já muito, talvez, sobre um assumpto obscuro; continuemos nossas indagações sobre o delirio, e mostremos em detalhe a analogia que existe entre o estado morbido do cerebro e sua acção em certos estados da vigilia e do somno.

ACÇÃO DO CEREBRO NO DELIRIO, EM GERAL, E NAS DIVERSAS ESPECIES DE ALIENAÇÃO MENTAL.

A lenta e difficil digestão, diz o Dr. Mathey, dos alimentos, e a indigestão simples, são os typos, ou os primeiros grãos do embaraço do estomago, do cholera-morbus, e da febre gastrica; a intensidade, a duração e o perigo dos symptomas são somente que differem. Assim, comparando os diversos delirios com os phenomenos intellectuaes que acabamos de examinar, vemos que ha approximamentos naturaes a fazer entre os sonhos, a profunda meditação, ou grande preocupação do espirito e delirio febril, a mania e a melancolia, e que apesar das notaveis differenças que se terão da intensidade, da duração do delirio, e dos perigos que o acompanham, a natureza dessas diversas desordens, ou desses diversos estados da acção cerebral, é idenuico; elles têm uma unica e mesma origem, as modificações do poder nervoso.

No delirio excitado pela febre, o doente vê objectos que não existem; tem falsas percepções que crê reaes; está no estado do homem em saude, que sonha; porém neste ultimo o despertar dissipa os prestigios do somno; no entanto que as idéas ou as illusões do delirio persistem no estado da vigilia, e duram emquanto dura a febre que os determina e entretém. Entretanto quando cessa, e o doente torna a seu conhecimento, parece acordar, e entra em outro mundo. Todos os convalescentes de febre ataxica ou maligna, percebem então a mudança que se opéra em seu espirito, e ainda que nem todos se lembrem bem das delirantes idéas que os hão agitado durante o accesso de sua molestia.

As lesões da sensibilidade organica, e os symptomas febris, formam os traços característicos e distinctivos dessa ordem de affecções nervosas.

O melancolico em delirio parece estranho a tudo que o rodeia; durante um espaço de tempo mais ou menos longo, elle fica concentrado em si mesmo e nas falsas idéas que o absorvem, e entrega-se a todas as emoções que ellas fazem nascer. Se são tristes, seu porte é abatido, morno e silencioso; profundos suspiros escapam-se de seu peito, e annunciam as extremas agonias que elle experimenta: foge dos homens; busca com paixão a solidão, e não vendo no futuro senão um accrescimento de desgostos, medita o suicidio, e chega muitas vezes a effectual-o. Suas visões o fazem ás vezes observar uma abstinencia invencivel e mortal.

rem ás eminencias mamillares (elevações ósseas): em sua parte anterior se observa a escavação longitudinal que aloja dous prolongamentos, que com os seus remates

Nesses casos, a impressão, nascida mesmo no centro do cerebro, é mais forte e mais duravel que aquella que é excitada no orgão da vista. Uma mulher atacada de melancolia religiosa, acreditava ver durante a noite a Santa Virgem descer a seu quarto sob a fórma de lingua de fogo. Outra, de espirito cultivado, e que os acontecimentos da revolução franceza lançaram em profundos desgostos e em melancolico delirio, ia passeiar sempre nos jardins do hospital, marchava gravemente, acreditando ver Jesus Christo, com toda a sua côrte celestial, caminhar em ordem de procissão no alto dos ares, e entoar canticos melodiosos: adiantava-se com passo grave para seguir o cortejo; mostrava-o, plenamente convencida de sua realidade, como se o objecto ferisse seus sentidos, e entregava-se a arrebatamentos violentos contra aquelles que queriam persuadi-la do contrario (*Pinel*).

Tasso, em consequencia das perseguições de que foi victima por causa de seu amor por Eleonora, irmã do duque de Ferrara, cahio na mais profunda melancolia; via-se constantemente rodeado de venenos e de supplicios, e perseguido por um duende com quem pretendia ter entretenimentos mui seguidos. O melancolico Gilbert, poeta, julgava-se sempre perseguido por philosophos que lhe queriam roubar seus papeis; em um de seus accessos de terror chimerico, elle engulio a chave da caixinha em que tinha seus manuscritos fechados. Esse accidente terminou sua vida. Um mancebo, indo a pé á Lyon, durante os fortes calores do estio, foi accomettido em caminho pelo delirio frenetico, e fugio para as montanhas: depois de seu restabelecimento muitas vezes repetio que tinha intima convicção de haver visto um velho de barba branca, tão bem vestido, que elle muito tempo o seguio através dos rochedos e dos bosques, imaginando ser o Eterno Padre.

A maior parte das vezes em vão procura-se desenganar o alienado e convence-o de suas illusões; elle nellas persiste teimoso. Todas as suas sensações, todas as percepções vem confundir-se com a idéa dominante que o subjuga. Aos olhos do heróe de Cervantes os moinhos de vento são formidaveis gigantes. Uma alienada, que se julgava rainha de França, encerrada em Salpetrière, não via ao redor de si senão duquezas, marquezas, e danias d'honor. Um joven accomettido de melancolia erotica, por causa de um amor contrariado, tomava por sua amante todas as mulheres que vinham visitar o hospital, chamava-as com o nome querido de *Adelina*, com ar apaixonado e accento da mais viva ternura. Outro alienado, que se julgava o propheta Mahomet, ouvindo um dia o ribombo do canhão, persuadiu-se que estavam rendendo homenagem ao enviado do Todo Poderoso; um profundo silencio se apoderou de si, e deixou brilhar todo o excesso de sua alegria.

Reflicindo-se um pouco sobre o que se observa todos os dias na sociedade, admira-se os traços de semelhança que approximam os homens preoccupados ou muito apaixonados, dos melancolicos em deli-

bolbosos repousam sobre a lamina crivosa ethimoidal, dando origem aos nervos *olfactivos* (1.º par de nervos conforme os antigos anatomicos) cujas raizes trifidas, expandidas e cri-

rio; o erro, a illusão muitas vezes lhes são communs. O avaro, idolatra do seu ouro, que põe toda a sua gloria e seu soberano bem em engrossar um thesouro que para nada lhe serve, não é mais ajuizado, seguramente, do que o insensato na miseria, que imagina que todos os bens da terra são delle. Um pedante, *todo cheio de arrogancia*, loucamente apaixonado por um systema absurdo, que se gaba de ter creado, é digno de ser posto ao lado daquelle que segurava gravemente n'uma palma, imaginando empunhar o sceptro do mundo. Mas sem enumerar todos os vicios e tresvarios de espirito que circulam no commercio da vida civil, cuja pintura de mão de mestre foi feita por Theophrasto, Montaigne, Erasmo, Swift, Labruyere, e Adisson; quantos racionadores não vemos nós, que se julgam muito razoaveis, e que a politica ou espirito de partido fazem delirar! Com que avides não se os ve agarrar tudo que pôde dar consistencia á sua opinião, tudo que pôde lisongear suas esperanças! Com que arrebatamento, com que raiva não desprezam tudo que parece desfavoravel ou contrario á sua idéa favorita! Seu juizo altera-se, a prevenção os cega e os perde; elles não discernem mais, confundem em seu inveterado odio todos os objectos, todas as pessoas, cuja linguagem não é a sua, cuja côr não é a que elles abraçam. A que excessos não têm elles chegado? Que abusos, que excessos não se commetteriam ainda, se o passado não esclarecesse o futuro, se a razão não dissipar os erros da asnatia prevenção, e prevenir os devios e os crimes da insensata impetuosidade?

Vio-se, em certo tempo, o povo mais alegre, mais generoso, e mais imprevidente da terra, conforme a observação de um dos seus escriptores, tornar-se o mais sombrio, o mais viagativo, e o mais desconfiado de todos, e entregar-se ao assassinio e ao suicidio com espantosa facilidade. A influencia do espirito e do caracter daquelle que governa, tem muito poder nesse povo leviano; facilmente cede ás emoções que o agitam, aos variados impulsos que o arrastam; ouve-se no mesmo dia elle gritar com igual enthusiasmo: « Viva o Reil Viva a Liga! » corramos ás armas.

.....
.....

Tornemos ao delirio parcial.

Na melancolia hypocondriaca, o cerebro do melancolico é somente tocado das impressões interiores; parece insensivel ás sensações que não têm relação alguma com seu mal, imaginario ou real; elle está inteiramente occupado em escutar, em estudar os mais ligeiros movimentos de seu organismo; as menores mudanças que percebe ou que suppõe perceber em suas feições, em sua maneira habitual de existir, lançam-no em extremas agonias, em desesperação, e muitas vezes promovem as mais estranhas e extravagantes idéas, ou a inclinação ao suicidio.

Na melancolia religiosa, ou delirio mystico, ao contrario, o cereb

vadas, chamam-se *campos olfactivos*. O primeiro objecto que ora se encontra, vindo de diante para trás, é um encruzamento medular denominado *chiasma optico* (2.º par de ner-

só percebe as impressões nascidas em seu proprio centro; os mais habituaes sentimentos das extremidades nervosas internas, e as sensações exteriores parecem não ferir mais o melancolico; elle não sente a impetuosa necessidade da fome, ou pelo menos adquire o poder de resistir a ella só pela força de sua vontade, que a idéa dominante torna muitas vezes invencível. Julgamos dever offerecer d'isso um exemplo na seguinte historia; ella nos parece propria a interessar o leitor.

Pedro Landar (*), de idade de trinta annos, natural de Rancourt, soldado da brigada ligeira, foi conduzido ao hospital militar de Paris, a 27 do ventose (sexto mez do anno da republica franceza) do anno X. Seu bilhete de entrada trazia um aviso do capitão da sua companhia, que convidava o medico a examinar com muita attenção o doente, que não tomava o menor alimento. Elle foi por isso posto debaixo da mais escrupulosa attenção. Não se queixava de cousa alguma; o unico motivo, dizia elle, de o terem mandado para o hospital, era a sua obstinada recusa a toda e qualquer especie de alimento, e que assim passava ha dous annos.

M. Alexandre Ballin, cirurgião, foi encarregado desse doente. Buscou primeiramente conhecer a causa de sua habitual tristeza, passando a maior parte do dia deitado, com a cabeça apoiada na mão e ante braço do lado direito; porém como elle respondia vagamente ás questões que lhe eram dirigidas, e M. Ballin percebesse que a presença de seus camaradas o incommodava, propoz-lhe fallar-lhe em particular, o que elle accitou; eis o resumo da historia da sua doença, feita pelo proprio enfermo.

Era pedreiro; tinha recebido alguma educação, e vivia como todos os outros homens. Haveria pouco mais ou menos tres annos que, sem que indisposição primitiva a isso dêsse lugar, começou a entristecer-se; aborrecia-se na sociedade de seus companheiros, desejava a solidão, e retirava-se a seu quarto, onde se applicava seguida e assiduamente á leitura dos livros de piedade, taes como a Biblia, a vida dos Santos, etc. Esse gosto crescia todos os dias, e mesmo nas horas de seu trabalho e de seu repouso, entregava-se a esse exercicio, privando-se assim tanto de um como de outro. Entretanto não frequentava a igreja, e nem via padre algum; as igrejas offereciam-lhe reuniões muito numerosas, e os padres nunca lhe tinham inspirado confiança. Este estado durou um anno: nessa época, dia de S. João, depois de ter lido e meditado mais tempo ainda que de costume, deitou-se. Apenas adormeceu, appareceu-lhe um anjo, e lhe annunciou, que Deos, satisfeito de suas preces e de suas leituras, o tinha escolhido para dar aos homens um exemplo de seu poder, e lhe ordenava ao mesmo tempo que je-

(*) Esta observação foi extrahida da Decada philosophica e politica, anno X, da republica Franceza, 3.º trimestre.

vos), que atravessando os buracos opticos vão constituir a retina, no interior do globo do olho. Atrás do chiasma optico avulta um prolongamento mediano, cujas pontas adherem

juasse durante quarenta dias e quarenta noites. Cheio de reconhecimento e altivo com a escolha da Divindade, começou desde então a impor a si grandes privações, só comia e bebia com mui grandes intervallos, e quando imperiosa necessidade o obrigava. Com esse jejum de quarenta dias, elle emagreceo muito, e perdeu as forças, de modo a não poder mais entregar-se a seus trabalhos usuacs. Sua mãe e seu irmão, com os quaes morava, não poderão decidil-o a tomar maior quantidade de nutrição, e esperavam todos os dias vê-lo morrer de fome.

Quando o tempo que lhe havia sido prescripto expirou, elle tornou a ver n'um segundo sonho o mesmo anjo, que já lhe tinha apparecido. O ministro do Creador o felicitou sobre a exactidão com que havia obedecido ás ordens que lhe tinham sido dadas, e que desde então elle estava morto pela carne e pelo sangue (são suas proprias expressões), e que não teria mais necessidade de nutrição alguma para viver; ao mesmo tempo o anjo lhe apresentou um vaso que tinha, e lhe disse que o licor que continha bastava para sustentar-lhe a existencia, que jámais se esgotaria; elle o approximou de seus labios, e encheo a bocca de um licor vermelho, de delicioso gosto e cheiro extremamente suave. O anjo desapareceo: quando despertou sentia ainda em seus labios e na bocca a preciosa beberagem que lhe acabavam de dar; elle percebeo ao mesmo tempo que os movimentos de sucção lhe davam maior quantidade. Desde então recusou toda a especie de alimento; e se fatigado pelas instancias de seus parentes, consentia em tomal-o algumas vezes, lançava-o immediatamente. Persuadido de que havia recebido uma vida totalmente nova, e cheio de confiança em Deos, de quem era o escolhido, esse homem julgava-se muito feliz, e contente de sua sorte, recuperou alguma nediez.

Tendo estado até então ignorado em seu paiz, attrahio sobre si a attenção: julgou-se que elle representava essa singular farça para isentar-se do recrutamento: em consequencia fizeram-no vir a Paris; sentaram-lhe praça em um batalhão, onde esteve muitos mezes, recusando todos os alimentos que lhe apresentavam. Finalmente decidiram mandal-o para o hospital.

Offereceram-lhe quantidade de alimentos e de bebidas convenientes a seu estado. Elle continuou a recusar tudo, e achavam todas as manhas na cabeceira de seu leito a comida que lhe tinham dado na vespera. As sollicitações, as preces que lhe dirigiram, não poderam vencer sua obstinação; elle conservou-se até ao sexto germinal (1.º mez da republica franceza), sem tomar a menor nutrição, quer solida, quer liquida; entretanto todas as noites deitava onça e meia a duas onças de urina, que não apresentava á analyse outra differença da do homem em estado de saude, mais que uma quantidade um pouco maior d'urea.

Seu halito era mui fetido, a lingua branca, a bocca habitualmente viscosa; exercia continuamente o movimento de sucção, e engolia a cada instante a saliva, que elle por esse meio adquiria em grande

ao corpo pituitario, á que se chama *Espontão pituitario*, offerecendo em seu interior uma cavidade mais larga superior que inferimente (o *infundibulo*), o qual se communica

quantidade: o pulso era pequeno, fraco e lento. O doente dormia mui pouco á noite, e nunca de dia: a bocca seccava-se-lhe logo que dormia e quando fallava um pouco mais. Seu olhar era fixo.

A 6 do germinal elle consentio em tomar alguma bebida, e escolheo agua com vinho, em porção de um terço de vinho em dous terços de agua. Deo-se-lhe uma meia porção, porém apenas tinha engolido parte della, logo a lançou.

Elle tomou até 13, ora um pouco de leite puro, ora misturado com assucar, e ora assucar só que deixava derreter, e que procurava, dizia elle, maior quantidade do licor com que se nutria.

A 13 tomou um pouco de arroz, e vomitava sempre uma parte desses alimentos.

A 14 declarou que não queria tomar cousa alguma: Ballin prohibio-lhe então qualquer especie de alimento; elle estava triste, queixava-se muito de aborrecimento, e pedia seu bilhete de sahida.

A 15 evacuou alguma cousa, e pela primeira vez, depois de sua entrada no hospital. Até 18 teve absoluta dieta; solicitou viva e reiteradamente sua sahida, e a permissão de voltar para sua familia. Foi-lhe concedido.

A 19 o doente pñe-se a caminho, e ainda que muito fraco, pretendeu ir a pé até á casa de seus parentes.

A 3 do floreal (8.º mez da republica franceza), elle foi trazido outra vez em uma padiola para o hospital; só tinha podido chegar ao quartel na rua de l'Oursine.

Tinha perdido inteiramente a cabeça; não se pôde saber o que tinha feito desde sua sahida do hospital, e se tinha comido: estava n'um estado de desperhecimento e fraqueza extrema. Sentia, dizia elle, a mão de Deos pezar sobre elle; via o Diabo á seu lado, atormentando-o; recusava toda a especie de soccorro; e implorava a morte.

Seus ultimos momentos foram horriveis: os musculos do pharynx estavam paralyzados, e as dores que o doente experimentava nos esforços que fazia para executar os movimentos de deglutição, faziam-o repellar tudo que lhe approximavam dos labios, e cerrar os dentes para impedir a introdução de alimentos em sua bocca. Se, não obstante todos esses contratempos, conseguia-se introduzir algum liquido no estomago, era logo todo regeitado por vomitos.

Tomou-se o partido de nutril-o com clysteis de caldo; elle conservou os quatro primeiros, mas depois deitava fóra todos os que lhe applicavam.

Finalmente, a 7 do floreal, ao meio dia, elle succumbio.

Pela abertura do cadaver nada se encontrou de extraordinario, nem no cerebro, nem no cerebello.

A bocca e a lingua estavam inteiramente seccas; esta ultima parte, além de secca, *du*a.

com a cavidade do terceiro ventriculo. A base do infundibulo (cavidade do esptao pituitario) assenta sobre uma eminencia, e continúa com o chamado *Tuber cinerium*, que fórma

As paredes do ventre muito abattidas e tocando na columna vertebral.

O estomago reduzido ao quarto de seu volume ordinario, contendo grande quantidade de mucosidade amarella; o esophago e os orificios cardiaco e pylorico, sãos; as tunicas do estomago extremamente grossas, duras e quasi cartilaginosas.

O duodeno e todos os intestinos finos cheios de bilis de um verde carregado, as tunicas dos intestinos singularmente espessas, com tudo menos que as do estomago.

A bexiga muito pequena, e apresentando em suas membranas uma grossura ainda mais consideravel que a do estomago e a do tubo intestinal.

As outras víceras nada de particular apresentavam.

Tambem o horrivel facto de que o professor Cezar Ruggieri, nós transmittio os detalhes, mostra até que gráo de feroz coragem e de insensibilidade pôde chegar a melancolia religiosa.

Matheos Lovat, sapateiro de Veneza, algum tempo depois de se ter castrado, persuade-se que Deos lhe ordena de morrer em uma cruz; prepara em silencio os instrumentos de seu martyrio; o dia fatal chega; Lovat coroa-se de espinhos, dos quaes alguns penetram na pelle da testa; com um lenço branco liga os flancos e as coxas, afim de cobrir as partes mutiladas; o resto do corpo fica nú. Assenta-se no meio da cruz, ajusta seus pés sobre a travessa de baixo, pondo o direito sobre o esquerdo, e os atravessa assim com um grande prego que elle faz penetrar ás martelladas até traspassar a madeira; liga-se fortemente na cruz pelo meio do corpo, e munido de outros dous grandes pregos muito aguçados, atravessa successivamente suas duas mãos, collocando a ponta no meio da palma, e batendo no chão com a cabeça do prego. Levanta depois as mãos até o lugar em que deviam ser fixadas, e introduz as extremidades dos pregos nos furos que elle tinha feito com antecedencia na parte transversal da cruz. Mas antes de pregar a mão direita, della se serve para fazer com um trinchete uma larga ferida do lado esquerdo... A's oito horas da manhã encontrou-se esse desgraçado, crucificado, suspenso na faxada de sua casa.

Transportado ao hospital, nenhuma de suas feridas pareceo perigosa; cicatrisaram, com effeito, promptamente; teve-se occasião de observar durante seu tratamento, que nos intervallos lucidos que seu delirio melancolico lhe deixava, soffria sensivelmente de suas feridas, no entanto que nos outros momentos parecia nada experimentar.

Observa-se na mania um desenvolvimento extremo, um accrescimento de energia vital que se manifesta em todos os ramos do systema nervoso; nos órgãos dos sentidos, no cerebro, e nos órgãos interiores que sympathisam mais com elle; excesso de sensibilidade dos sentidos, da

o pavimento do referido terceiro ventriculo. Atrás desta eminencia, apparecem duas outras contiguas e arredondadas (*eminencias mamillares*), brancas por fóra, e par-

vista e do ouvido; excesso de irritabilidade muscular, força prodigiosa, poder de resistir aos esforços combinados de muitos homens reunidos, de arrancar, de quebrar os mais grossos e mais solidamente plantados; desenvolvimento de calor interno, facilidade em supportar o frio mais intenso, excitação dos órgãos genitales e do estomago.

Quantas mudanças operam no moral essas modificações nervosas! Obscenos propositos, extrema lascividade nas pessoas mais castas e mais pudicas; voracidade, continua agitação, gritos foribundos, inexgotavel loquacidade, teimosas vigílias, afastamento e horror á luz, desejos de fresco e de frio; actos de violencia e de furor, inclinação ao assassinio, ao roubo, etc.

No maior grão da mania, a perturbação das funcções nervosas é geral; todas as percepções do alienado são falsas, ou para melhor dizer, a impressão dos objectos exteriores sobre os sentidos; parece não se communicar ao cerebro; o órgão do pensamento não concebe mais que idéas confusas, tumultuosas e sem consequencia: a attenção, o juizo, o sentimento mesmo de sua propria existencia, parecem destruidos; então a mania confunde-se com a demencia. O maniaco sonha um absurdo, todo o seu corpo está agitado; a calma renasce pouco, porém o completo acordar tarda muito a effectuar-se, e em alguns casos não se faz.

É muito frequente, no alienado mais tranquillo, conservar assim como certos somnambulos, a facilidade de ver claramente os objectos que o rodeam, responder assás razoavelmente ás questões que lhe dirigem, e dissimular a causa de seu delirio (isto é mais applicavel aos melancolicos), e ser susceptivel de temor, de esperteza, ou de fria reserva.

Na exaltação ou extravagancia, ou na mania alegre, observa-se durante a força do accesso no somnambulismo, um prodigioso augmento das faculdades intellectuaes, da memoria, e principalmente da imaginação. Isso foi que fez dizer aos antigos, que a mania era acompanhada do espirito prophetico.

Areteo tinha observado que, em certas circumstancias, os doentes adquiriam uma singular firmeza de vista e de tacto; podiam ver ou sentir, tocando objectos que se escapam aos sentidos no estado mais natural (*). Vê-se, diz elle, que são engenhosos e dotados de singular aptidão para comprehender; sabem *astronomia*, *sem haver tido mestre*; conhecem a philosophia sem a terem aprendido, e parece que as Musas de repente lhes inspiram o genio poetico.

(*) Esta observação tem alguma analogia, se nos não enganamos, com a estranha faculdade que se desenvolve na catalepsia ou no somnambulismo magnetico; parece seguir-se dahi que esse estado sobrenatural não era desconhecido a Areteo.

dacentas por dentro, as quaes correspondem aos pilares anteriores da abobada, ou trigono cerebral. Por detrás das eminencias ditas, acham-se dous prolongamentos grossos e

As observações dos modernos vem em apoio das do medico da Capadocea.

.....
.....
Quando a doença está ainda em toda a sua força, diz Pinel, e que o alienado conserva o sentimento de sua existencia, os pensamentos mais salientes, as mais engenhosas e picantes combinações distinguem seus discursos; diverte-se em disputar e contradizer os outros; revela com agudez tudo quanto se lhe diz de inexacto ou de irregular; referindo algum acontecimento, fal-o com fogo, e reveste-se de um sobrenatural de inspiração e de enthusiasmo. A' medida que a effervescencia se apazigua, o alienado toma um tom mais moderado, e suas idéas se renovam com mais calma, porém com menos vivacidade e energia. Seus gestos são menos expressivos, porém mais naturaes e verdadeiros; soffre com mais paciencia contradicções; não tem mais arrebatamentos, e pouco a pouco a razão toma nelle seu imperio.

Então, a mãe pede seus filhos, completamente esquecidos por ella em seu delirio. O esposo quer ver a mulher adorada, o musico seu instrumento. Essa passagem graduada do delirio ao bom senso, demanda toda a attenção tanto do medico como do enfermeiro; é necessario facilitar-a, evitando com cuidado recusas ou condescendencias inconsideradas com os desejos do convalescente, porque uma contrariedade ou uma emoção da alma, ainda que agradável ou ligeira, podem facilmente fazel-o recahir, não estando sua razão ainda sufficientemente firme.

Não é sem razão que se diz, que os velhos dementes voltam ao estado da infancia; elles se approximam na verdade á primeira idade da vida pelo modo por que então se executam as funcções intellectnaes, e não somente nos velhos, como tambem nos moços, por qualquer causa.

Nós temos sufficientemente feito conhecer os caracteres distinctivos da mania; a distracção, a falta de attenção ás impressões de qualquer genero, extrema-se em termos, e consequentemente a falta de juizo e abolição do pensamento, constituem a natureza da demencia: as idéas formam-se, porém nascem e apagam-se com a mesma rapidez, e sem deixar o menor traço. Ha nellas, do mesmo modo, sentimentos affectuosos e pequenas paixões que as agitam ás vezes; os movimentos de colera, de temor, de horror; os choros, os risos, se succedem promptamente uns aos outros. Neste estado de oscillação, por assim dizer, e de debilidade das faculdades mentaes; tem por fim, a imbecillidade ou idiotismo: o individuo então arrasta uma vida puramente organica e vegetativa; o cerebro deixa de ser o orgão do pensamento; obra unicamente como centro nervoso, e assim pôde obrar um grande numero de annos.

divergentes, para os hemisphérios, e convergentes para a medula oblongada, que são as coixas do cerebro, compostos de fibras estriadas de branco e pardo, encontrando-se perto do seu bordo interno uma substancia negra em fórma de um crescente de lua. Entre as eminencias mamillares, e os afastamentos das coixas cerebraes, ha um espaço triangular crivado de pequenos orificios para dar passagem a vasos; este espaço é a continuação do *Tuber cinerium*, e a continuação tambem do pavimento do terceiro ventriculo.

Do bordo interno das coixas do cerebro, e desse espaço crivoso sahe um par de nervos (o 3.º par), que distribuindo-se nos musculos restos do olho, chama-se *motor ocular*. Atrás das coixas referidas, vê-se uma grande eminencia branca quasi quadrilatera, denominada *protuberancia annular*, ou ponte de Varolio, ou *mezocephalo*, a qual continúa anteriormente com as coixas do cerebro, e posteriormente com as do cerebello. Sobre a linha mediana, e na parte inferior, se nota uma depressão longitudinal, por onde passa a *arteria basilar*; e a sua parte superior é formada pelos tuberculos *quadrigemeos*; entre estes e aquelles existe um canal chamado *Aqueducto de Silvio*, ou caminho do terceiro para o quarto ventriculo.

A substancia do *mezocephalo*, é exteriormente branca, e formada de fibras traversas: a interior é composta de fibras brancas e cinzentas. Nos bordos externos do *mezocephalo*, nasce o quarto par de nervos chamados *patheticos* (4.º par), mui delgados, os quaes se vão distribuir nos musculos grandes e obliquos dos olhos. Do meio dos bordos externos do referido *mezocephalo*, nasce o nervo *trifacial* (5.º par), muito volumoso, apparecendo por duas origens de cada lado. No bordo posterior do *mezocephalo* nasce o sexto par (6.º par), conhecido dos anatomicos pelo nome de *motores oculares externos*. Pelos angulos posteriores o *mezocephalo* continúa com as *coixas do cerebello*, cujas partes posteriores continuam com o corpo *restiforme*. Atrás do *mezocephalo* parte a *medula oblongada*, divisivel no feto em duas porções; esta divisão mais se distingue no adulto por um sulco mediano, em cujos lados se encontram tres elevações paralellas, que são:

- 1.º o corpo pyramidal.
- 2.º o corpo olivar.
- 3.º o corpo restiforme.

pag. 27 III

Do Insensatos

Porta afixa q' os insensatos apartados, a respiração é difícil e ardente; os olhos sempre occupados em piscarem se, e abrirem se; quando se peixão voltão-nos f' esmo; qd. abertos são fixos e lacrimosos, apparecem ralar entorno dos seus orbitas, ou são obscuros e cobertos, mas sempre em movimento.

Os laucos comparados aos panaros e aos macacos

Entre os corpos *restiformes* observa-se uma cavidade chamada — seio do quarto ventriculo, ou *calamus escriptorum*, que na verdade fórma a parede anterior deste ventriculo.

As coixas do cerebello são cobertas por dous cordões nervosos (7.º par entre os antigos), que os modernos dividem no em *nervo faial*, ou *pequeno sympathico* (8.º par) em *nervo acustico* (9.º par), que é o maior dos dous, e o que lhe fica mais por de trás. Entre o corpo olivar e o restiforme, existe uma serie de filetes nervosos, a quem os antigos chamavam o oitavo par de nervos; mas que modernamente se dividem em nono par, ou *nervo glosso pharingeo*, e em 10.º par, ou *nervo vago*, ou *pneumogastro*, ou *mediano sympathico*. Por todos estes nomes é este par de nervos conhecido.

Da face lateral do corpo *restiforme* nascem os nervos *accessores de Willis* (11.º par): e por ultimo o grande *nervo hypoglosso* (12.º par) que nasce entre o corpo pyramidal e olivar.



Do cerebello.

O cerebello é uma parte do cerebro, situado nas fossas occipitales inferiores, separado do cerebro superiormente pelo tentorio do cerebello.

O cerebello é dividido em sua linha media, em duas porções por uma elevação da mesma substancia, á que se chama *verme*. Para mais facilidade do estudo os anatomicos tem dividido esta eminencia verme, em *verme superior*, *verme inferior*, e *verme posterior*: os dous ultimos vermes formam antes depressões, á que chamam *valla*, onde é recebida a medula oblongada.

O cerebello assim visto, apresenta uma face superior, outra face inferior disposta em fórma de laminas superpostas, que parecem de proposito arranjadas a accomodar-se o cerebello nessas partes.

O cerebello compõe-se de substancia cinzenta por fóra, e branca ou medular por dentro, onde a disposição arborizada que se vê dentro denomina-se «arvore da vida.» A substancia branca se continúa com as coixas do cerebello, e compõe-se

de tres ordens: a primeira se communica com a medula oblongada; a segunda com a protuberancia annular; a terceira com os tuberculos quadrigemeos. No interior da substancia branca se encontra um nucleo pardacento ou amarellado, que por sua configuração se o tem denominado *corpo dentado* ou *franjado*. Aqui temos o que se observa na massa encephalica, pelo que diz respeito ao seu exterior.

Do interior do cerebro.

Fazendo-se um córte ou incisão horizontal por ambos os lados, e ao nivel do *corpo calloso*, e tirando-se assim toda a massa cerebral, que fica ácima desta incisão, apparece uma larga superficie branca ou medular, chamada *centro oval* de Vieussens; e no meio deste centro se vê, o *corpo calloso*, ou grande comessura do cerebro, cujo joelho anterior, abraçar o septo lucido, e o posterior se continúar com a abobada ventricular, e bem as partes lateraes continuarem-se com os hemispherios cerebraes.

Se com o cabo do escalpello, ou outro qualquer instrumento, levantar-se um dos lados do corpo calloso e da massa cerebral, ao lado externo delle, achar-se-ha uma cavidade chamada *ventriculo lateral* (são dous os ventriculos, um de cada lado), de fórma irregular, mas offerecendo tres prolongamentos chamados *cornos*, dos quaes um é anterior e voltado para fóra; outro, posterior e mais curto, e unido com o lobulo posterior, voltado para dentro, denominado tambem *cavidade dygital* ou *anciroide*. O terceiro e ultimo, é o *corneo inferior*, que voltado desce para fóra, para diante e para dentro, á terminar-se na base do cerebro, e por detrás das coixas, ao nivel quasi do prolongamento ou corpo calloso anterior. Assim, pois, vimos o corpo calloso e a substancia medular immediatamente, formando a parede superior de cada um dos ventriculos lateraes; e agora veremos que elles são separados por uma membrana medular diaphana, composta de quatro laminas como que encaixadas na curva ou joelho anterior, a que se chama *septo lucido*: no meio destas quatro laminas existe uma cavidade maior no feto, á que se chama o quinto ventriculo. Adiante do *septo lucido*, existe

um buraco ou furacem, que, como que faz comunicar um ventriculo lateral com o outro.

No pavimento dos ventriculos lateraes se encontra o *plexo coroideó*, que é um cordão de vasos de diversas especies, unido com o do outro lado pelo furacem do *septo lucido*, e bem por uma membrana que passa de um lado á outro, ligando ambos os cordões em fórma de mesenterio, que se denomina por *véo interposto*, ou *Téa choroidéa*. Este cordão (*a téa coroideá*) é coberto pelo *trigono cerebral*. Se cortarmos transversalmente o *trigono cerebral*, e voltarmos para trás a parte cortada, descobriremos na sua parte postero-inferior umas estrias paralellas formadas pelo contacto de vasos cohecidas pelo nome de *lyra*.

Na parte anterior do pavimento dos ventriculos lateracs nota-se um tuberculo piriforme de côr parda, cuja extremidade maior olha para diante, chamado corpo *estriado*, porque compõe-se interiormente da substancia pardacenta, atravessada de muitas estrias brancas; este corpo inferiormente se continúa com as coixas do cerebro, e exteriormente se confunde com os hemispherios cerebraes.

Na parte interna do prolongamento posterior do *corpo estriado*, nota-se um tuberculo, esbranquiçado, *ovoide*, em parte coberto pelo plexo coroide, á que se chama *talamos opticos*, cujo interior é igual ao corpo estriado. São divididos os *talamos* do *corpo estriado*, por uma tira medullar e fibrosa, chamada *semi-circular*, que anteriormente começa perto do terceiro ventriculo, e que posteriormente acaba no *cornu inferior* do ventriculo lateral.

No meio do cerebello notamos o *verme superior*, que adiante termina n'um tuberculo, perto das eminencias quadrigemeas posteriores; esse remate chama-se *úvula*. Tirando-se uma pequena porção da *pia mater*, que está entre a úvula e as eminencias *quadrigemeas*, vê-se a *valvula de Vieussen*, ou grande valvula do cerebro, que é uma lamina delgada de substancia pardacenta, intermeiada de substancia medullar e fixa por toda a parte, e quasi quadrilatera, e se insere posteriormente na porção central e medullar do cerebello, e lateralmente nos prolongamentos do cerebello aos *testes*; e anteriormente ao bordo posterior dos tuberculos quadrigemeos posteriores; sua direcção é obliqua

para baixo e para trás, e fórma a parede superior ou posterior do quarto ventriculo. O terceiro *ventriculo* é uma cavidade que se vê logo que se tenha tirado o *trigono*, que lhe fórma a abobada ou parede superior. Suas paredes lateraes são formadas pelos *thalamos opticos*, e a inferior o é pelas eminencias pardacentas, que já notamos na base do cerebro, o *chiasma optico*, até o bordo anterior da ponte de Varolio. A extremidade anterior do ventriculo chamado *vulva*, termina um pouco além da comessura anterior, onde prolongando-se, caminha para a base e vae terminar-se na *tige pituitaria*. Posteriormente este terceiro ventriculo termina perto da comessura posterior, abaixo da qual se nota uma abertura chamada *Anus*.

Elle communica com os ventriculos lateraes atrás dos pilares anteriores do trigono pelo *furamen*, por onde vimos o plexo coroide de um ventriculo passar continuado com o do outro lado.

Abaixo da comessura posterior, no lugar chamado *anus*, está o orificio do *aqueducto de Silvio*, canal que se dirige para trás, abaixo dos *tuberculos quadrigemeos*, entre elles e a *ponte de Varolio* (que por isso se chama ponte inferior), que assim communica a cavidade do *terceiro ventriculo* com a do *quarto*, onde o ventriculo começa ao nivel do bordo superior dos tuberculos quadrigemeos, e acaba o *aqueducto de Silvio*, do qual é continuação; sua parede superoposterior é formada pela *valvula de Vieussen*, e pela parte media da face inferior do cerebello.

No interior deste ventriculo notam-se duas laminas delgadas, nascidas na face inferior da *uvula*, e que se dirigem para os lobulos dos nervos *vagos*, que se chamam *valvulus similunares*, ou de *Tarine*.

No fim do *cornio posterior* do ventriculo lateral se vê uma eminencia branca por fóra, e pardacenta por dentro, chamada *esporão*, de fórma triangular. A abobada cerebral tem quatro *pilares*, dous anteriores, que terminam nas *eminencias mamillares* e formam o angulo anterior; e dous posteriores, que descem nos *cornos inferiores* dos ventriculos lateraes, onde se confundem cada um com o *cornio de Amon*, degenerando-se n'umas tirinhas livres, chamadas *corpos franjados*.

Incizando-se a substancia medullar, de modo a abrir pouco a pouco, o *cornu inferior* do ventriculo lateral, seguindo-se os seus contornos, vê-se que a parede posterior é formada por uma saliencia medullar, como spiral; e o *cornu de Amon* continuar até a base do cerebro, onde termina por uma tuberosidade, cuja desigualdade merece o nome de *pé de hipocampo* ou *protuberancia cylindroide*. A substancia do *cornu de Amon* é branca por fóra e cinzenta por dentro; continua-se com o *lobulo posterior* do cerebro, e em cima com o *corpo calloso* e a abobada, a qual fórma sobre o seu bordo livre o *corpõ franjado*.

Afastando-se brandamente os pilares anteriores um do outro, vê-se adiante delles um cordão transversal (*comessura anterior do cerebro*), fibroso que continúa atravessando o *corpo estriado* para os hemispherios cerebraes, formando uma curva com a convexidade para diante. Este feixe fibroso é mais espesso para as suas extremidades, do que no meio, onde é livre.

Afastando-se do mesmo modo os *thalamos opticos*, um do outro, vê-se que uma lamina medullar cinzenta, mui delicada, une-as entre si (*comessura molle dos thalamos opticos*): esta lamina se dilacera com a maior facilidade. Dividindo-se sobre a linha media a metade posterior do *corpo calloso* e da *abobada*, e afastando-se um pouco estas partes, vê-se que os *thalamos opticos* apresentam na sua extremidade posterior e inferiormente, duas elevações chamadas *corpos geniculados*, internos e externos.

Ao longo do bordo interno de cada *thalamo optico*, se nota um pequeno cordão esbranquiçado, que caminhando para trás se vae unir com um corpusculo pardacento, pontudo, posteriormente situado entre os corpos geniculados internos, encerrando ordinariamente granitos duros, reconhecidos por alguns por crystaes regulares: o corpusculo é a glandula *Pineal*, e os cordões se chamam freios.

Em baixo da extremidade posterior dos ditos freios, vê-se um cordão branco fibroso e transversal, cujas extremidades se confundem com os *thalamos opticos* e a *comessura posterior*.

Atrás dessa *comessura*, e atrás da glandula *pineal*, nota-se um plano inclinado para baixo e para trás, apresentando quatro eminencias arredondadas (*tuberculos quadrigemeos*),

conhecidas por eminencias *Nates, Testes*; ellas são brancas por fóra e cinzentas interiormente, e continuam-se assim com a *ponte de Varolio* e com as *coixas do cerebello*, e mais especialmente com os cordões que existem atrás dos tuberculos, chamados — processos do cerebello aos *Testes*.

Da medulla da espinha.

Chama-se *medulla da espinha* a continuação da medulla oblongada, que está no canal vertebral, onde fórma um longo cordão medullar, mais ou menos arredondado; um tanto achatado, porém de diante para trás; menos grosso do que a medulla oblongada, mas apresentando duas entumescencias nos lugares onde nascem nervos mui volumosos: a primeira nota-se nos dous terços inferiores da região cervical, donde se destacam os nervos que vão formar o *plexo brachial*; a outra é na parte inferior da região roseal, donde sahem os nervos para o plexo crural e siatico.

Termina a medulla, na segunda vertebra lombar; para baixo não existe mais medulla da espinha, mas em seu lugar apparece um grosso feixe de nervos, denominado *cauda equina*.

Divide-se a medulla da espinha em duas ametades lateraes; por duas cisuras que não se tocam. Cada uma é subdividida em dous cordões por um ligeiro sulco: os dous cordões anteriores são considerados como continuação dos corpos *pyramidaes*, os posteriores dos *restiformes*.

A medulla compõe-se exteriormente de substancia branca, pulposa, na qual é difficil achar textura fibrosa; interiormente acha-se um pouco de substancia cinzenta, disposta em semicirculo de cada lado.

Olhando-se as duas faces convexas, vê-se dous crescentes, distantes um do outro, e são comtudo reunidos por um filetinho transversal cinzento.

A medulla da espinha não enche toda a aria do canal vertebral, tambem fluctua livre, mas é retida em posição por uma serie de prolongamentos membranosos triangulares, situados aos seus lados entre as raizes dos nervos vertebraes (*ligamento dentado*): a base destes tirangulos corresponde

a medulla, e seu vertical prende a *dura-mater*. A medulla espinhal dá origem a trinta pares de nervos: oito *cervicaes*, doze *dorsaes*, cinco *lombares*, cinco *sacros*. Todos provêm de dous feixes de raizes, umas *anteriores*, e outras *posteriores*, que só se reúnem depois de terem atravessado a *dura-mater*; entre uns e outros é que se acha o ligamento *dentado*.

Dos involucros do cerebro ou meninge.

Tres são as membranas que revestem o cerebro, que são por sua ordem a *dura-mater*, a *arachinoide*, e a *pia-mater*.

DURA-MATER.

Esta membrana, assim chamada pelos antigos, por tomarem-na como origem de todas as membranas do corpo, é a mais exterior e a mais forte de todas: é branca, anacarada, fibrosa, e semelhante á aponevrose.

Densa, espessa e de fibras encruzadas em todos os sentidos; recebe vasos de toda a especie e nervos.

Ella forra todo o interior da cavidade craneana e canal vertebral: adhere muito aos ossos do craneo, e mormente na sua base, mas no canal vertebral a adhesão é frouxa, e por tecido cellular: sua face exterior é desigual por causa dos muitos filamentos com que se liga ás partes visinhas; o interior é liso, polida e coberta por um prolongamento ou lamina parietal da *arachinoide*.

Em varias partes desta face, e mormente nas visinhanças da foice, acham-se corpusculos glandulosos amarellados, que se chamam glandulas de *Pachioni*.

A *dura-mater* deve ser olhada como formada de duas laminas, intimamente unidas em muitos lugares, e muito separadas em outros. A lamina externa é a que adhere aos ossos e enviam por quantos orificios no craneo vemos, prolongamentos de involucro aos vasos e nervos que os transitam, e que atravessando a espessura dos ossos, continuam confundindo-se com o *pericraneo*. A lamina interna fórma tambem prolongamentos ou pregas, que proeminam livremente no interior da cavidade craneana, que são:

1.º A *foice do cerebro*. Esta fórma um cepto falsiforme,

que se prolonga verticalmente no interior do craneo, e insere-se na linha media, e os ossos da abobada do craneo desde a apofese *crista galli*, até a protuberancia occipital interna; é menos larga anterior do que posteriormente, onde se confunde pela base e com o tentorio. Esta *foice* se estende entre os dous hemispherios cerebraes, que mantêm em posição, e impede de pezar um sobre o outro, quando nos deitamos de um lado.

2.º O *tentorio*. E' outro prôlongamento da lamina interna da dura-mater, estirado transversalmente como um *diaphragma* entre os lobolos posteriores do cerebro e o cerebello: tem uma fórma quasi simular com duas circumferencias, uma convexa maior, que se insere atraz e lateralmente na protuberancia occipital interna, e na crista que dalli nasce; para os lados no bordo superior do rochedo, na *apophese clinoides* posterior. A pequena circumferencia, concava e livre, se insere adiante na *apophese clinoides* anterior, cruzando a direcção das fibras do bordo posterior: este bordo livre circumscreve com a *apophese basilar*, uma abertura ovalar, onde se acha collocada a protuberancia annular.

3.º A *foice do cerebello*. A foíce do cerebello, preguinha triangular que se prende por sua base, no meio da parte posterior e inferior do tentorio, e por seu bordo posterior a *crista occipital interna* e inferior, até o bordo posterior do buraco occipital, onde envia dous pequenos prolongamentos para o bordo do mesmo. Esta foíce está situada entre o cerebello, que o mantem em posição.

Dissemos que em muitos lugares as duas laminas da dura-mater são separadas; ora estes afastamentos constituem canaes de fórma triangular que dão passagem ao sangue venoso, que se chamam os seios da dura-mater; elles recebem todo o sangue do cerebro, e são:

1.º O *seio longitudinal superior*, que occupa o bordo convexo do processo falsiforme, que começa no *crista galli* e na protuberancia occipital interna, e continúa no *torcular de Heroflo*, este recebe o seio recto, e dá origem aos seios lateraes.

2.º O *seio longitudinal inferior*, que occupa o bordo inferior do cerebro, e este termina no seio recto.

3.º O *seio recto*, occupa o meio do tentorio entre esse

lugar e a base da foice; adiante segue no fim do seio longitudinal inferior, e atraz termina no *torcular de Herofilo*.

4.º Os *seios lateraes*, ou transversos, um de cada lado, partindo do *torcular de Herofilo*, e occupando as goteiras lateraes internas do occipital que lhe servem de parede exterior, e a grande circumferencia do tentorio, que lhe servem de outras duas paredes até o bordo do rochedo, e então desce para o buraco rasgado posterior.

5.º Os *seios petrosos posteriores*, occupam um rego visivel no bordo superior do rochedo, e abre-se anteriormente no seio cavernoso e posteriormente no seio lateral.

6.º Os *seios petrosos inferiores*, situados ao longo do bordo postero-superior do rochedo, communicam-se adiante e atraz com o seio precedente.

7.º Os *seios circulares* do buraco occipital, que occupam o lugar que seu nome indica.

8.º Os *seios occipitales posteriores*, que são mui pequenos, e occupam a foice do cerebello; continuam-se em cima com o seio lateral, e embaixo com o circular do buraco occipital; este seio não é constante.

9.º Os *seios occipitales anteriores*, que estão sobre a apophesi basilar, e continuam-se atraz com o seio circular do buraco occipital, e adiante com os transversos da apophesi basilar, ou com os petrosos inferiores.

10. Os *seios transversos* da apophesi basilar, que atravessam de um seio petroso inferior á outro.

11. Os *seios cavernosos*, situados aos lados da *sellaturtica*; estes seios continuam-se em cima com os seios petrosos, e embaixo terminam-se no orificio inferior do canal carotidiano. Elles encerram a arteria carotida, e o nervo do sexto par.

12. Os *seios circulares* da *cellaturtica*, que circumdam o *corpo pituitario*, e abrindo-se no seio cavernoso.

13. Os *seios transversos* da *cellaturtica*, mui volumosos e curtos; postos atrás das *apophesis clinoides posteriores*, e terminando-se nos dous seios petrosos inferiores.

14. Os *seios ophthalmicos* mui pequenos, e que vão do seio cavernoso á fenda sphenoidal.

Dá-se tambem o nome de seios, mas impropriamente, a muitas veias situadas fóra da duramater rachidiana.

Da arachnoide.

A arachnoide é uma membrana serosa, situada entre a *dura* e a *pia-mater*, muito transparente, e seus vasos no estado natural não acarretam sangue rubro, e é formada como todas as outras sorosas, de uma folha ou lamina parietal, que é a que forra a *dura-mater*, e d'outra visceral, que é a que reveste o encephalo.

Toda a face exterior desta membrana adhere mais ou menos firmemente ás partes com que está em contacto; e toda a face interior é livre e sempre unida. Entre a extremidade posterior do corpo calloso, e a parte anterior da face anterior do cerebello, a arachnoide cerebral e cerebellosa, em lugar de se continuarem uma com a outra, dirigem-se para baixo, formando um canal chamado arachnoideano, que envolve as veias de Galeno, e penetra por baixo do trigono, dentro do terceiro ventriculo, e dalli aos outros ventriculos.

Da pia-mater.

Este terceiro involucro cerebral toca-o immediatamente, é uma membrana finissima e vasculosa; distingue-se da arachnoide, porque segue a massa cerebral por todas as suas sinuosidades, e que em quanto a arachnoide só dá uma membrana que cobre por fóra as circumvalações. E' esta *pia-mater* especialmente destinada a levar para a massa cerebral os vasos sanguineos já reduzidos a calibre minimo; e por isso é que ella se ensinúa em todas as sinuosidades. A *pia-mater* envia para fóra prolongamentos, que acompanhando, envolvem os nervos que partem do cerebro, e que se chama *Nerveleme*.

Dentro, a *pia-mater* fórma prolongamentos que se dividem nos ventriculos cerebraes, a fim de ahí levar os vasos sanguineos, e se chamam plexus coroides, dos quaes dous entram nos ventriculos lateraes atrás das coixas do cerebro: outro prolongamento penetra o terceiro ventriculo debaixo do corpo calloso e do trigono, que é a teia coroide ou véo interposto. Emfim ha outro prolongamento que entra no quarto ventriculo perto do *calamus escriptorum*. Estes ple-

xos são olhados como compostos de muitos vasos finos entortilhados, e misturados de muitos vasos, com glandulas de Pachioni.

A *pia-mater* continúa da medula oblongada sobre a medulla espinhal, introduzindo-se entre as duas porções lateraes que a constituem, ou compõem a extremidade inferior: ella termina por um longo filamento que desce com a *cauda equina* até o fim do canal vertebral.

Dos nervos.

Os nervos são cordões esbranquiçados, compostos de filamentos medulares, tendo por uma extremidade os centros nervosos, e por outra os órgãos.

Geralmente são considerados como nascendo dos centros nervosos: em alguns casos têm sido vistos nascer da circumferencia para o centro.

Nascidos dos centros nervosos, os nervos se dirigem para os órgãos: em sua passagem elles tomam o sentido e inflexão desses. Sua fórma é em geral cylindrica; sendo na origem mais volumosos, e successivamente diminuem e se tornam capillares.

Os nervos em sua distribuição formam especies de redezinhas; conhecidas sob o nome de *plexus* (1), e apresentam de mais, em seu trajecto um grande numero de entumescencias denominadas *ganglios*. Sua terminação nos órgãos nem sempre é do mesmo modo.

(1) O movimento da vida dos vegetaes, escreve *Chardel*, não tem outro fim mais que intrer nelles uma circulação unica, destinada a provel-os no desenvolvimento e nutrição de sua organização. Não se dá o mesmo com os animaes: sua vida deve, além disso, procurar-lhes sensações, e servir a fazer executar suas determinações; fornece, em consequencia, a duas outras circulações, de que acabamos de examinar a formação e uso.

A glandula cerebral nos animaes apodera-se dos raios solares que o sangue arterial lhe traz, e n'uma elaboração admiravel, compõe d'elle um fluido quasi tão subtil como a luz, porém que ainda conserva bastantes aproveitaveis a tornar-se objecto de uma circulação organica: essa é a segunda modificação vital do corpo humano; tem muita analogia com o fluido electrico. O cerebro da-lhe impulso para um movimento alternativo de contracção e dilatação, analogo ao que já explicamos, fallando do coração. A circulação nervosa divide-se como a

E' nos *orgãos dos sentidos*, que se encontra o maior numero de nervos, e os mais volumosos. A *visão* e a *audição*, se operam por meio de expansões membranosas, inteiramente formadas da substancia nervosa. Na *pelle*, o numero de nervos é consideravel, principalmente nas *mãos* e nos *labios*: as *membranas mucosas*; os musculos exteriores,

do sangue, em arterial e nervosa (*); espalha-se no systema da nutrição particular a cada orgão, e fórma a affectibilidade do corpo que fóra de proposito confunde-se com a sensibilidade sensual da alma. Com effeito, o cerebro secreta um fluido que circula nos nervos: uns são destinados aos movimentos; partem do encephalo ou de suas dependencias, e chegam ás extremidades: outros dão-nos sensações e vem de todas as partes para o encephalo. Esta distincção entre o agente da vontade e o das sensações, foi reconhecida pelo Sr. Magendie: devera fazel-a depois de muito tempo; porque em certos casos pathologicos as sensações sobrevivem aos movimentos, e em outros mais raros, são os movimentos que sobrevivem ás sensações (**).

Nosso corpo nada sente, mas é affectivel, e o fluido nervoso que fórma sua affectibilidade, toca a sensibilidade da alma, trazendo-lhe as commoções que recebeo. Cortai os nervos, a communicação se interrompe, e os orgãos não tem mais sensações. A compressão dos trajectos nervosos ainda é mais notavel; porque pode-se, quando cessa, seguir a invasão do fluido nervoso em um membro entumecido, e observar os progressos do restabelecimento de suas relações com a sensibilidade; se se as tinha suspendido, sente-se-as renascer: é d'alguma sorte fazer e desfazer. Parece que se não póde quasi deixar de reconhecer depois disso a existencia do fluido nervoso. E' uma modificação vital destinada a unir a *impressionabilidade* do corpo com a sensibilidade da alma.

Ninguem ignora que depois da morte, obtem-se com a ajuda do fluido galvanico, contracções musculares semelhantes ás que a vontade deter-

(*) Esta divisão da circulação em arterial e venosa, foi reconhecida pelo Sr. Magendie, que a provou por experiencias. A marcha da natureza na circulação sanguinea, tornava-a provavel, e mais se verá que ella é uma necessidade demonstrada pelo raciocinio. O fluido nervoso fórma a affectibilidade como o sangue fórma a excitabilidade, espalhando-se no systema da nutrição dos orgãos que activa: portanto os membros paralyzados languecem e emagrecem.

(**) Em um rigoroso inverno um invalido levantou a coberta quasi rubra de um fogão de metal, sem perceber que se tinha profundamente queimado; recordamo-nos de haver lido esse facto nas antigas Memorias da Academia de Medicina. Existem, além disso, muitos outros phenomenos analogos. Nossas sensações nascem por occasião das impressões que a affectibilidade recebe: é preciso pois que o fluido nervoso haja formado essa affectibilidade antes de communicar-nos sensações. O mesmo não acontece com os movimentos: a vida espiritualizada, que os faz executar, segue os nervos como conductores logo que elles entram para o systema da nutrição á formar a affectibilidade muscular. O Sr. Bogros provou a circulação nervosa injectando com o mercurio a maior parte dos nervos.

depois os interiores; nas arterias e nas veias, elles são mais raros: bem como nos vasos lymphaticos, onde sua existencia não é bem demonstrada.

A *sensibilidade* é desenvolvida nos nervos em um tão alto gráo, que sua irritação produz dores atrozes e determina contracções convulsivas nos musculos.

minara durante a vida, e sabe-se agora que o cerebro de certos animaes, tais como o torpido gynamoto electrico, secreta fluido electrico (*); de sorte que póde, por verdade demonstrada, ser a vida um fluido analogo ao fluido electro-magnetico, e que como elle deve sua origem ás emanações solares.

O cerebro é o centro da affectibilidade; todas as impressões recebidas pelos órgãos, ahi se vem retractar: é um echo onde os ataques que o corpo soffre retinem n'um ponto em contacto com a alma; esta experimenta emoções chamadas sensações; é no espirital uma traducção que o fluido nervoso lhe faz.

A affectibilidade é a sentinella do corpo; é a voz que lhe serve de communicar-nos tudo quanto a affecta: o fluido nervoso, depois de a ter formado, torna para o cerebro, e delle se escapa em parte para envolver a sensibilidade da alma que o attrahe por uma sorte de aspiração; unia porção do fluido nervoso abandona então a circulação para entrar no serviço da vontade, que o associa dahi em diante á todos os seus actos.

E' assim que se fórma a terceira e ultima modificação da vida humana: chamada vida espiritualisada. Não se trata mais do mecanismo da respiração, nem de uma secreção que o cerebro prepara, mas sim de uma elaboração toda espirital, que arrasta a vida fóra do movimento organico, levando-a para o trabalho dos pensamentos, onde fica á disposição da alma (**).

A vida espiritualisada faz mover o corpo sem pertencer-lhe, obedece a uma circulação toda espirital, no entanto que o fluido nervoso se espalha ao contrario por uma circulação puramente organica. Se fosse de outro modo, de uma parte, alma, suspendendo o curso, se subtrahiria ás sensações dolorosas, e de outra a impulsão organica obstaría a execução dos movimentos voluntarios.

Portanto, a natureza das cousas basta para demonstrar pelo raciocinio a existencia das duas modificações vitaes que acabamos de classificar, porque os movimentos voluntarios circulam espiritalmente, e o fluido nervoso materialmente, de sorte que as sensações que nos causa são independentes da vontade. Os phenomenos do somnambulismo lucido, não deixam duvida alguma a esse respeito.

Pensar, é um trabalho que possa intelligencia faz sobre nossa sensibilidade, e como neste mundo a vida está associada á todas as nos-

(¹) *Observações Zoologicas*, tomo primeiro, p. 49.

(***) A alma, deixando a terra, leva a vida espiritualisada, que a envolve como um véo luminoso; pa-a diante se verá dous exemplos disso.

Suas funcções sendo de conduzir o sentimento e o movimento, tem-se cuidadosamente investigado a existencia dos nervos particulares para cada uma destas acções; por fim reconheceo-se que havia effectivamente nervos *sensoriaes* (que transmittem as sensações), nervos *motores* (que presidem aos movimentos), e outros *mixtoss*, como os que partem da

sas sensações, está necessariamente a todos os actos. Já temos dito que nossa alma a arrasta no movimento de sua acção espiritual, é isso que depois lhe dá meio de obrar sobre o corpo, que por sua natureza é-lhe estranho; e sem esse intermediario nenhum poder teria sobre elle (*). A vida espiritualisada não conserva bastantes elementos materiaes para mover immediatamente a organização; porém obra sobre a affectibilidade, e esta sobre a contratibilidade muscular.

Com effeito, a vida espiritualisada na execução dos movimentos voluntarios, segue os nervos como condutores, e perde-se com elle na excitabilidade dos musculos contrahindo-a (**): cada movimento despende por tanto, uma porção de vida espiritualisada; porém ella renova-se sem cessar, e se accumula durante o somno, porque nesse estado despendemos muito pouca, e o fluido nervoso continúa a se espiritalisar, escapando-se para nossa alma.

As tres modificações vitaes que acabamos de assignalar, são uma condição necessaria da união do ser espiritual á materia. Na verdade, a existencia vegetativa do corpo a teria deixado completamente estranha á sensibilidade da alma, se uma modificação de sua vida não o pozesse em relação com ella (**); e d'outro lado, a vontade desta não podia dispor dos orgãos sem o soccorro de um agente intermediario que lhe obedecesse.

A vida humanaprehende essas diversas condições, experimentando tres modificações differentes que se produzem umas pelas outras, e são de tal modo ligadas entre si, que sua reunião não apresenta mais que um todo. Entretanto não se confundem; porque do mesmo modo que o fluido nervoso separado do sangue ahi não entra mais, assim tambem a vida espiritualisada não volta mais para a circulação nervosa que a produziu: todavia este ultimo phenomeno pôde manifestar-se accidentalmente, e é isso que constitue o somnambulismo lucido.

Acaba-se de ver que pomos o principio da vida animo-vegetal no ar que decompos, respirando-o. Circula com o sangue, que a leva ao

(*) E' por causa disso que depois dos exercicios fatigantes ou de uma longa vigilia, quando se tem desperdissado muita vida, os movimentos tornam-se difficeis, e a vontade, os faz penivelmente executar, ainda que sua energia moral seja a mesma. Veja-se o que dizemos adiante da causa do somno.

(**) Uma parte da vida espiritualisada de que dispomos nos movimentos voluntarios, não volta, e se perde na evaporação do calor vital.

(***) As tres modificações da vida humana encontram-se e unem-se no systema da nutrição particular a cada orgão: é lá que a excitabilidade, a affectibilidade, e os movimentos voluntarios acham um theatro, onde cada um representa seu papel.

medula da espinha, que se distribuem ao mesmo tempo na pelle e nos musculos. Estes ultimos apresentam nma raiz posterior *sensorial*, e outra anterior *motriz*. Distinguem-se os nervos segundo que nascem immediatamente do cerebro, da *protuberancia annular*, da *medula oblongada*, e da *espinha*.

cerebro; este orgão separa-a, e produz o fluido nervoso: este fórma depois a vida espiritualisada, abandonando a circulação organica para entrar no serviço da alma e tornar-se agente.

Assim, as tres modificações da vida humana são produzidas umas pelas outras, e sahem do corpo á alma, na ordem progressiva que acabamos de indicar; porém quando se examina o poder que as fórma, reconhece-se que segue uma marcha totalmente contraria, e que ella liga essas modificações entre si, descendo da alma ao corpo em uma ordem precisamente inversa.

Com effeito, nossa alma attrahe a vida de que se apropria por uma especie de aspiração espiritual (*), e torna-se por isso causa principal do movimento da circulação nervosa: esta communica aos orgãos do peito o poder de decompor o ar, para apoderar-se dos raios solares que elle contem, e são elles que misturados com o sangue, produzem depois a excitabilidade do coração, cujas contracções e dilatações poem a circulação sanguinea em movimento.

Por esta exposição vê-se que as diversas modificações vitaes, tornam-se elementos umas das outras; elevando-se por grãos do corpo á alma, no entanto que o poder de formal-as desce tambem em progressões da alma ao corpo.

Isto bem entendido, pôde dar uma idéa de nossa existencia sobre a terra, e da maneira porque o physico e o moral communicam entre si.

Com effeito, as sensações da sensibilidade sensual nos são transmitidas pelas modificações vitaes, que unem o corpo á alma na ordem por nós indicada a principio, no entanto que as da sensibilidade moral, e a execução dos movimentos voluntarios, partem d'alma e seguem a progressão inversa para chegar á organização (**).

Pôde-se considerar a vida humana, como um fluido animalisado

(*) Ver-se-ha para diante que a vida espiritualisada liga-se aos plexos solares ecardiacos, onde reagem todos os movimentos da alma; é uma causa da continuação da respiração durante o somno: e quanto á aspiração espiritual, que não fizemos mais que indiciar, nós a explicaremos logo que a vida for melhor conhecida.

(**) A união das tres modificações de que se compõe a vida humana, pôde ser destruida em uma parte do corpo; tal é o resultado da paralyisia, em que membro atacado reduz-se sómente á vida animo-vegetal. As sensações sensuaes nos são communicadas na ordem seguinte: vida animo-vegetal, fluido nervoso e vida espiritualisada. Os movimentos voluntarios executam-se na progressão inversa; vida espiritualisada, fluido nervoso, e vida animo vegetal.

Os nervos dividem-se em troncos, ramos, ramusculos, em filetes capillares, e em papillas.

Os nervos sahem do *cerebro* e da *medula espinhal*, symmetricamente por pares fronteiros uns dos outros, e se vão distribuir em cada lado, nas mesmas partes, uns á direita e outros á esquerda.

pelo jogo dos orgãos que o formam, e que o despojam pouco á pouco do que havia tomado de material na circulação sanguinea, para pô-lo em relação com a sensibilidade do ser espirital. Materialmente falando, nossa alma não está em parte alguma, pois que em parte alguma se a pôde perceber (*); ella só é accessivel á sensação e á vida, que sahe da circulação organica para dar-lhe essa especie de toque espirital, não entra mais, e fica á disposição da vontade.

O movimento é uma criação intermediaria entre o espirito e a materia; é o elemento da vida. Esta se materialisa primeiramente para unir-se ao corpo, e se espiritalisa ao depois para receber a acção da alma.

A ultima modificação vital é de tal modo separada de toda a materialidade, que toma a propriedade luminosa que os raios solares só tem como elle, por terem o movimento fóra da materia; porém a luz do sol é completamente livre, no entanto que a vida espiritalisada, tornando-se agente da alma, obedece-lhe; é uma luz que está submittida á acção espirital, porque assemelhando-se á ella, está encadeada aos movimentos da vontade, que segue na execução dos actos (**).

Taes são as noções que temos colhido sobre a formação da vida humana: julgamol-as escriptas sob os dictames da natureza; porém ha pessoas muito recommendaveis, todavia, que despresam tudo que não é a sciencia, tal qual aprenderam; e basta que o resultado de nossas observações seja fructo de outro methodo differente do seu, para que o regeite sem exame. Só com os modernos é que se pôde esperar

(*) Retem-se uma alma por sua sensibilidade, como se retem um corpo pelo que fórma sua consistencia: eis porque a illusão do sonho a captiva, não obstante sua vontade. Deunais, a alma reconhece as sensações entre o cerebro e o cerebello; d'ahi é que parte, e profundamente, a acção dos pensamentos, para vir executar-se nos lobolos anteriores do cerebro, por movimentos que o percorrem transversalmente

(**) Ordinariamente não percebemos a luz da vida espiritalisada, porque a affectibilidade organica não é de natureza a receber impressões; porém esta ordem de cousas muda no estado magnetico, e os somnambulos, cuja affectibilidade se espiritalisa pela invasão do agente da vontade na circulação nervosa, servem-se dessa luz para ver o interior dos corpos. Explicaremos esse phenomeno physiologico, fallando do somnambulismo lucido, cuja realidade não é hoje duvidosa. Pedimos ao leitor que torne a ver no capitulo setimo das *Theorias Physicas*, a explicação da maneira porque a luz ordinaria nos affecta.

O cerebro, propriamente dito, não fornece senão dous nervos exclusivamente *sensoriaes*, que são os *olphactivos*, que se distribuem nas fossas nazaes, onde vão constituir o olphacto; e os *opticos*, que penetram no vertice das orbitas e vão receber as impressões produzidas pela luz, sobre os olhos.

abrir uma discussão sobre idéas novas; desgraçadamente, porém, seus estudos os chamam a outras; assim as descobertas importantes quasi que só crescem sobré o tumulto daquelles que as fizeram. Depois de milliares de annos os philosophos se esforçam inutilmente por remontar ás causas; hoje os sabios abandonaram a indagação dellas, para só cuidarem do exame dos effeitos, e agora que deixaram a verdade atrás de si, é bem difficil persuadil-os a lançarem um volver d'olhos para a retaguarda. Comtudo, não se pôde negar que as hypotheses chimericas da physica não offercem base alguma aos systemas da physiologia, e será forçoso confessar que por falta do conhecimento do intermediario, que une a vontade á execução dos actos, tem-se muitas vezes confundido o jogo do mecanismo das sensações com a faculdade de sentir. Quando se toma a excitação dos apparatus pela alma, é facil concluir sua instituição da destruição dos orgãos. A verdade é que a physica não sabe qual é o principio do movimento, que a physiologia não conhece melhor o da vida, e que a psychologia confunde muitas vezes o trabalho dos pensamentos com o poder de pensar. Entretanto apezar desta ignorancia das cousas, bastante gente, que pretende ser exclusivamente positiva, recusa qualquer exame, e decide que certos phenomenos são impossiveis; no entanto que outros esperam chegar ao conhecimento do ser espirital e das verdades absolutas a ajuda de uma luz toda excepcional.

Tal é o estado das sciencias, e emquanto se não remontar aos principios, a incredulidade do materialismo, e os sonhos do espiritualismo disputarão nossa fé, e continuarão a occultar-nos a verdade (*).

(*) As relações da sensibilidade da alma com a affectibilidade do corpo, são pouco conhecidas da medicina; assim quasi sempre encaixa nas molestias nervosas. Vio-se que a affectibilidade forma-se na nutrição particular á cada orgão; é por consequencia ahí que se acha o theatro dos soffrimentos que as molestias do corpo nos fazem curtir. O fluido nervoso parece susceptivel de pouca alteração, porém a substancia dos nervos é nutrida por succos lymphaticos que as percorrem, e que parecem exercer a maior influencia sobre a natureza da affectibilidade. Os virus, propagam-se do mesmo modo de glandula em glandula, pelos succos lymphaticos, sem que até agora se tenha dado conta satisfatoria do caminho que seguem. Ignora-se tambem a marcha da circulação cellular, que parece favorecer um movimento geral de exhalção e absorpção. Talvez tivessesmos podido procurar alguma nova luz sobre esse importante assumpto, mas as explorações da physiologia psychologica levaram nossas observações para outro lado. Pedinos áquelles que estão em estado de estudar a natureza, de fazer a esse respeito o que temos pezar de não haver feito.

A *protuberancia annular* fornece seis troncos principaes, que se distribuem, uns nos musculos dos olhos, outros na pelle do rosto. Um só, o nervo *auditivo*, exclusivamente sensorial, vae entrar no ouvido, para receber os sons e transmitir-os ao cerebro.

A *medula alongada* dá nascimento a quatro pares de nervos, entre os quaes se distingue o nervo *vago* ou *pneumogastrico*, que entra no peito e no ventre, onde encontra filetes do *grande sympathico*, com os quaes se reúne e estabelece uma comunicação nova entre a vida de relação e a vida de nutrição. O nervo do *gosto* tira a sua origem da *medula alongada*.

O nervo *grande sympathico*, constitue por si só o que se chama systema nervoso da vida organica, e é um nervo consideravel, que se distribue em quasi todas as visceras, e goza de um grande prestigio na economia animal: elle é formado por todos os filetes que lhe enviam alguns dos nervos do cerebro, e quasi todos os da medula vertebral. Este nervo se distribue principalmente nas partes, cuja acção não é submettida ao imperio da vontade, como o coração, o estomago, os intestinos, o utero, etc.

Os nervos fornecidos pela medula espinhal, se dividem em oito pares *cervicaes*, em doze *dorsaes*, em cinco *lombares*, e em seis pares *sacros*.

Dous destes nervos, o *cubital*, cujo choque causa o entorpecimento de todo o braço, e o *sciatico*, séde de dores mui vivas na coxa e na perna, merecem ser nomeados á parte.

Os nervos são cobertos na sua origem pela *pia-mater*, e na sahida do craneo e do canal vertebral pela *dura-mater*, que os acompanha durante um certo espaço, para formar o involucro exterior, sob a apparencia de uma niembrana celular resistente; mas em chegando ás partes onde se terminam, os nervos, são molles e polposos.

Os nervos ordinariamente estão rodeados de um tecido cellular, mais ou menos gorduroso; cada filete nervoso é rodeado de uma bainha celular que, como involucro geral, tem o nome de *nevrileme*; muitos dos principaes troncos nervosos seguem o mesmo trajecto que as arterias, com as quaes caminham.

Muitas partes sensiveis e irritaveis recebem nervos, que se vem ahí terminar de um modo que nem sempre é o

mesmo; os nervos que penetram nos musculos, ahi degeneram em fibrillas de tal sorte finas, que escapam á vista; os que recebem as visceras degeneram tambem em filetes tão delgados e tão molles, que é sempre impossivel de os seguir no tecido destas partes. Muitos nervos, em lugar de se ramificarem, como os outros, se terminam por extremidades molles e polposas; taes como os nervos opticos, cuja expansão fórma as *retinas* dos olhos; a porção molle dos nervos *acusticos* ou auditivos, que é o instrumento immediato do ouvido, nos fornece tambem um exemplo. Ha nervos que se veni terminar por borlas nervosas, por papillas no tecido dos órgãos, assim como o nervo *lingual*.

Os nervos são os órgãos das sensações, e constituem as da vista, do olphacto, da audição, do gosto e do tacto: são tambem os órgãos do movimento, da contracção muscular, estando sempre debaixo da dependencia immediata do systema nervoso geral. A compressão, a ligadura ou a secção de um nervo, desenvolve a paralyisia ou a perda do movimento nos ramos nervosos da porção desse que está inferior á compressão, á ligadura ou á secção.

Considerações geraes sobre a intelligencia humana.

O cerebro é o órgão das faculdades intellectuaes, diz Mr. Guapin, moderno compilador. Esta verdade, continua dos Gregos, tem sido muitas vezes contestada, e muitas vezes mesmo desconhecida no seculo XIX; porém ninguem a porá em duvida.

As faculdades intellectuaes são multiples, e são-nos mais ou menos communs com os animaes.

A anatomia, a respeito da localisação das faculdades intellectuaes, está muito pouco adiantada.

A observação dos factos cerebro-intellectuaes, tem excedido, e excederá muito tempo á anatomia. Esta sciência chama-se phrenologia; é positiva no que diz respeito aos factos observados em que se apoia.

A cranocopia, ou arte de adivinhar os factos phrenologicos pela inspecção da caixa ossea do craneo, é, e será sempre uma sciencia conjectural por numerosas razões anato-

nicas, ainda que muitas vezes se apoie em observações exactas.

E' prudente da parte dos artistas e dos philosophos estudal-a por suas probabilidades e generalidades. Ir mais longe é generalisar muito de pressa, e de um modo muito absoluto, exempto de toda a experiencia e observação. O cerebro do homem é comparavel a um piano, continua Guapin, que tivesse tres oitavas; logo, divide-se em tres grupos de orgãos, associados e confundidos em um só, e cada orgão se subdivide em teclas especiaes ou orgãos secundarios: dahi vem sua unidade, e suas especialidades tão multiplicadas. As faculdades do homem dividem-se em:

Faculdades individuaes de conservação e de reprodução, ou faculdades animaes;

Faculdades intellectuaes;

Faculdades sociaes ou humanas, tendentes a constituir e perpetuar as sociedades e a humanidade.

O cerebro tem, como se vê, um polo humano e um polo animal ou individual, e logo de principio o seu estudo conduz á esta conclusão, que a educação deve ter principalmente por fim desenvolver as faculdades humanas que nos elevam acima do bruto, submettendo-lhes as faculdades intellectuaes e as animaes, ou do individuo.

Os orgãos cerebro-intellectuaes, tem com os das outras funcções uma ordem de desenvolvimento: uns apparecem e se extinguem em primeiro lugar; outros se manifestam mais tarde, e coaservam sua vitalidade n'uma idade mais avançada. A memoria das palavras manifesta-se com a vida, e muitas vezes se diminue para o meio da existencia, ou aos dous terços della.

Nas series dos seres, as faculdades individuaes ou animaes apparecem em primeiro lugar; as faculdades intellectuaes seguem-se, e as moraes são as ultimas a se desenvolverem. As anomalias cerebro-intellectuaes do homem, devem logo prevalecer, primeiramente sobre as nltimas, e depois sobre as segundas.

A ausencia das primeiras torna o individuo **improprio á vida**. A ausencia das segundas faz delle um **idiota**. A ausencia das terceiras torna-o um **homem das raças inferiores**, e ás vezes ainda mais, isto é, um **tigre, um animal feroz**.

Os principaes orgãos, as teclas principaes da oitavas das faculdades cerebro-animaes, são:

O *eu* ou personalidade;

O amor physico que impelle á reproducção do individuo;

O amor maternal, nas mulheres, e mesmo em alguns homens.

O amor dos lugares em que se habita, da casa ou habitação, origem de um patriotismo restricto.

O instincto da lucta, da destruição, e mesmo da carnagem;

O instincto da circumspecção, tão desenvolvido em todas as especies entre as femeas animaes.

Essas teclas da oitava animal do piano cerebral, talvez não sejam as unicas importantes: porém basta o que precede, para que nossos leitores entrem no trilho da verdade. A observação corrigirá e accrescentará mais tarde, segundo suas indicações.

Inutil é dizer aqui que essas teclas cerebraes têm seus *sustentados* e seus *bemois*.

A personalidade pôde existir mui grande, com ou sem o amor da approvação, que é uma das fórmãs; com ou sem a vontade individual, que é outra, e que ás vezes toma, mas erradamente, o nome de virtude, firmeza, virtude que supprime faculdades intellectuaes, e principalmente sociaes.

Outro exemplo: a circumspecção pôde existir com mais ou menos ardil; com mais ou menos descripção. O ardil e a descripção não são, na verdade, mais que a circumspecção apropriada á certos actos.

Os principaes orgãos, as principaes teclas da oitava cerebro-intellectual, são os instinctos:

De tocar, do olphacto, do paladar, dos sons, das fórmãs, das côres, do tempo, dos numeros,* e da palavra.

Cada um desses instinctos cerebro-intellectuaes, julga da accentuação das impressões, de sua melodia, e das harmonias de que são susceptiveis em sua ordem especial.

Os principaes orgãos, as principaes teclas da oitava das faculdades moraes, são:

O instincto philosophico, e instincto de sociabilidade, o instincto do ideal, e o instincto venerador ou religioso.

Talvez mesmo fosse mais conveniente reduzi-las a tres, e represental-as pelo quadro seguinte, da anatomia physica que

fazemos nesta occasião da ultima oitava cerebro-intellectual.

Philosophismo. — Instincto observador. Instincto generalisador; Indagação do porque e do como, de tudo e por tudo.

Sociabilidade. — Justiça, Amor (caridade, segundo Jesus Christo, e S. Paulo), Veneração.

Ideal, ou Instincto do Bello. — Tendencia ás combinações intellectuaes; necessidade da verdade, da exactidão e da harmonia nessas combinações. — Instincto de uma perfeição absoluta; precisão de sentir por toda a parte, unidade, mesmo na multiplicidade; amor da melodia, sendo esta palavra entendida no que é possível. — Instincto visionario, procurando os mysterios, o desconhecido, e as causas primarias.

Com um pouco de reflexão se comprehenderá que o bosquejo das faculdades cerebro-intellectuaes, que aqui apresentamos, é uma verdade completa pelo todo, mas relativa e incompleta nos detalhes: é um esboço e não um quadro.

Não temos a pretensão de fazer um novo systema como o de Gall; só queremos tirar de suas observações tão numerosas, e de suas grandes descobertas, as verdades que saltam aos olhos, para evitar que se as confunda com os erros ou probabelidades de que semeou seus estudos.

Lendo o que precede todo o homem digno desse nome, deve dizer e dirá:

« Sou homem, porque sondo os grandes mysterios da universalidade das cousas. Porem mais elevada que a dos animaes, minha alma pôde se embalar em mil sonhos deliciosos, cuidando em Deos, esse sublime nó de todas as difficuldades, nesse infinito que nos domina.

« Sou homem, porque sou creado á imitação da SUPREMA PROVIDENCIA; porque sei comprehender a melodia e a unidade, a multiplicidade e a harmonia nas obras da natureza, e nas em que a intelligencia humana é chamada a crear no globo em qualidade de coadjutor da Divindade.

« Sou homem, porque sei venerar tudo que é veneravel, isto é, conforme o plano providencial do universo, quer no mundo, quer na humanidade. Amo tudo o que é nobre, bello e grande: a velha arvore da floresta, os raios e os furacões da tempestade, o cimo elevado dos montes, a immensidade dos mares. Amo tambem Pithagoras e Moy-

ses, o Jupiter de Phydias, e as scientificas descobertas do espirito humano nos tempos modernos.

« Meu coração cheio de ternura, encerrou-se na prisão de Socrates, e se não pôde consolar de sua morte; seguiu Jesus ao jardim das oliveiras; chorou ao pé do Calvario, e disse, e dirá mil vezes com S. João: « Amae-vos, homens, « amae-vos: eis vosso caminho. Elle não quer dous pesos e « duas medidas: aqui, as riquezas da industria, das artes, e « do saber; lá, o mais absoluto despego, em bem-estar, em « poesia, em sciencia, e pelos desherdados.

« Minha intelligencia comprehendeo que fazia parte de uma armada conquistadora, de uma armada que deve empregar as forças e as leis da natureza para a combinação dos esforços sociaes, para a exploração do planeta, para a criação do plano do complexo dos trabalhos que reclama, para a organização da familia, da communhão e da humanidade. Discipula de Descartes, quer observar, quer experimentar, quer proceder do conhecido ao desconhecido; quer dividir, para vencer as difficuldades; reduz as generalidades mui precipitadas, as que só abraçam uma parte dos factos; e é assim que ella entende chegar a resolver os *porques* e os *comos* de que ella está sitiada.

« Eis os meus titulos de nobreza; não ha outros; são mui grandes e mui bellos, para que delles me não glorie. D'outro modo, não sou mais que um canario, ou quando muito, um rouxinol, se meu ideal não multiplica e não harmonisa minhas melodias; não sou mais que um engenhoso castor, se meu instincto constructor gyra sempre no mesmo circulo sem visões, sem precisão de melhoras, privado do desejo de augmentar os encantos naturaes pela combinação dos effeitos das construcções humanas. Qual seria, ó mulheres, vossa superioridade, no ponto de vista natural, se fosseis só geradoras e nutridoras de vossos filhos? Para attingir á nobreza e á dignidade de vossa especie, sabeis dar a esses filhos o leite da intelligencia e do saber moral; gerae-os, amamentae-os, e educae-os. Este ultimo character pertence de direito á humanidade, mas algumas especies inferiores delle são privadas.

Porém não ha rebaixamento e degradação para aquelle que, como o tigre, o leão, o leopardo, não conhece outra familia mais que a sua, e que está prompto a inimolar a

seus desejos tudo que lhe faz obstaculo. Se o escravo de seus instinctos individuaes póde ter a figura de um homem, e essa uma fórma enganadora; póde ser intelligente, porém então essa intelligencia é por elle posta ao serviço de suas paixões pessoaes; é um assassino, um ladrão, um violador; quer na ordem individual, quer na moral. Nascido na Zelândia, teria sido antropophago, sem innatas repulsões pelas comidas e prazeres dos canibae; em outro lugar, póde gostar da tortura e do supplicio, e dizer ao ajudante do carresco: « toma duas mocdas, cede-me o teu lugar. »

Ainda que não pretendessemos localisar de uma maneira absoluta as faculdades intellectuaes; somos obrigados a notar que a fronte se abaixa insensivelmente desde as mais bellas raças humanas até á rã, de modo que fórma uma mui interessante serie cranocópica. O que falta aos outros animaes de substancia para manifestar instinctos religiosos, artisticos, sociaes e philosophicos, é a porção que está collocada no homem nas partes antero-superiores e antero-lateraes.

Todos os órgãos cerebro-intellectuaes constituem outros tantos instinctos ou propensões diversas, e a distincção estabelecida entre a intelligencia e o instincto, é muito fallivel. Os que a introduziram na linguagem, não eram physiologistas, não tinham estudado bem a natureza, e esqueceram que o homem não era mais que o mais perfeito dos mamíferos, e que nelle a oitava das faculdades moraes sobrepuja singularmente todas as outras.

Cada órgão mais ou menos desenvolvido, constitue uma predisposição mais ou menos forte; cada um delles é susceptivel de receber impressões, e dotado de imitação, de memoria, de juizo e de vontade.

O pensamento é a expressão latente ou manifesta dos juizos que se exercem por occasião das impressões produzidas por uma causa interna e externa.

Toda a sensação é um pensamento mais ou menos nato, mais ou menos confuso, voluntario ou involuntario. Todavia, na linguagem usual, a palavra sensação implica uma idéa, que se liga mais á oitava das faculdades animaes; no entanto que as expressões de sentimento e conhecimento, ligam-se mais ás faculdades intellectuaes e ás puramente hu-

manas, ainda que se falle hoje muitas vezes em sensações intellectuaes e moraes.

A sensação de causa externa é constantemente precedida de dous factos : primeiro, da impressão; segundo da transmissão dessa impressão no cerebro.

Chamamos sentidos aos prolongamentos nervosos, por intermedio dos quaes o cerebro sahe de alguma sorte da caixa ossea do craneo em busca de impressões.

Uma sensação pôde ser fallivel, quer por defeito do sentido que recebe a impressão, quer por defeito do nervo que o conduz, quer por defeito do órgão cerebral que o aprecia.

O instrumento de Daguerre, offerece-nos um meio de sabermos o que se passa em nosso cerebro. Se a impressão é fraca, de pressa se apaga e assemelha-se a essas imagens que não passaram pelo mercurio. Se, ao contrario, a impressão é viva, torna-se susceptivel de conservar-se nos lugares cellulares do cerebro, e de reproduzir-se no espirito pela memoria, exactamente como as imagens daguerreochifamas que se feixam na lamina de prata por um processo chimico.

Uma idéa, continúa Guepin, poderia não ser mais que a combinação de chimica transcendente entre dous elementos mui subtis : a impressão e a propensão. Raspail, que primeiro trilhou essa via, diz com razão, que as palavras, idéa, juizo e raciocinio não foram creadas para facilitar a linguagem, visto não haver idéa sem juizo, nem juizo sem raciocinio.

Podemos e devemos dizer outro tanto das expressões, sensação, sentimento e conhecimento, que só se tornam notas precisas, attribuindo-se a sentido que mais alto lhes demos; ao contrario, lembram muito a metaphysica induzida que pela primeira vez as imaginou.

Penetremos mais adiante na analyse das faculdades ou instinctos cerebro-intellectuaes.

Cada uma dellas constitue uma propensão, e possui, como se tem dito, suas afenidades e suas attracções, cada uma, por consequencia, cria impulsões e meditações a que as outras faculdades são chamadas, ou como ajuda, ou como conselho; cada uma tende a obrar e a manifestar-se por factos chamados actos.

Sendo cada faculdade uma fonte de impressões e tendencias, umas preenchem esse papel na ordem humana, ou-

tras na ordem puramente intellectual ou physica. As ultimas são puramente pessoas em suas impulsões: dahi veem os predomínios tão facéis de comprehender, e todas as variedades das naturezas humanas.

E' muito logico considerar toda a tendencia como desejosa dos meios de se satisfazer, como caminhando a seu fim, isto é, para um resultado que lhe satisfaça; mas seria contra a experiencia e observação diaria dos factos considerar exclusivamente certas faculdades como origem de impulsão, como meio de reflexão, como meio de execução, visto ser a personalidade humana sempre representada pela faculdade activa e dominante que se manifesta. Exemplifiquemos:

Desejo musica: tomo o dinheiro necessario, com ou sem o consentimento de minhas outras faculdades, e vou ao espectáculo.

Desejo musica: assento-me ao piano, e penso em musica; depois executo-a.

E ainda: Tenho desejo de musica: vou procurar um amigo, com ou sem a vontade de minhas outras faculdades que me podem o reter-me em casa; depois executo-a conforme a minha tendencia dominante do momento.

Este exemplo póde ser singularmente variado e applicado a todos os órgãos cerebraes, porque cada um delles ama e deseja, pensa activa ou passivamente, é susceptivel de chamar os outros órgãos, e dar-lhes conselhos, de seguir seus pareceres ou dar-lhes o seu, segundo sua energia relativa.

Vamos desenvolver nossa opinião, continúa Guepin.

Cada uma das proposições por nós designadas, sendo mais ou menos pronunciadas, mais ou menos acentuadas em cada homem, produzem todas as variedades, todas as gradações da especie humana.

Cada propensão póde ser longa ou muito fraca; mais desenvolvida toma o nome de gosto; e ainda mais, o de paixão. Acima da paixão temos a mania e a loucura.

Quando uma impressão produz-se no cerebro, as diversas propensões tentam amparar-se della para formar uma combinação que será mais ou menos estavel, segundo a energia da impressão.

Os órgãos cerebraes de nossa intelligencia são logo uma verdadeira assembléa deliberante encarregada de presidir aos actos voluntarios da vida.

A vontade não é mais que o resultado de uma dessas deliberações que são incessantes, mais que o resultado da força que nos arrasta para uma acção qualquer, ou para uma abstenção, mais que o producto do voto das propensões cerebraes, mais que o resultado de seu escrutinio.

Convidam-nos para ir ao theatro ouvir excellente musica: eis um desejo representado por dous. Outro desejo exprimido por sete nos faz escrever estas linhas, e ficamos a trabalhar, detido por um poder de que a cifra 5 é a expressão.

Se os votos são iguaes ou quasi iguaes, ha ahi indecisão, a vontade é oscillante. Se, depois do escrutinio, os órgãos que votaram mal disso se apercebem, sua propensão desaparece, nada mais resta então senão um voto contrario ás propensões que lhe são oppostas, isto é, mais que um remorso.

O remorso é directamente proporcional á energia das tendencias vencidas.

Quando os órgãos intellectuaes são vivamente excitados, a vontade pode tornar-se energica, a indecisão extrema, e o remorso amargo.

Em nossas assembléas deliberantes ha agentes que conduzem os outros homens fracos que deixam obrar, dorminhocos ou inattentos que não tomam parte na discussão. O mesmo se reproduz em cada homem por suas faculdades cerebraes. Todos nós somos conduzidos por nossos dominadores.

« A propensão, diz Raspail, que prevalecer no homem, mesmo não civilizado, é a sociabilidade que se vê enfraquecer-se gradualmente e acabar-se inteiramente de todo, descendo a escalla dos seres animados. O mais virtuoso é aquelle em que mais domina essa propensão. E é no egoista que ella tem menor gráo de predominancia; no vicioso e no máo é que predomina uma propensão totalmente differente. A loucura ás vezes não é mais que o resultado da pouca estabilidade das diversas combinações que tem lugar entre as impressões e as propensões, combinações que se decompõe com tal rapidez, que disso resulta quasi ao mesmo tempo uma multidão de vontades as mais disparatadas: é um sonho continuo. Todo o homem tem em cada noite seus accessos de loucura, porque á noite os órgãos não elaboram mais de

um modo constante e normal. A falsidade do espirito é uma variedade da loucura.

« O vicioso não habita na solidão: só o sábio e o monomaniaco é que ali póde viver; para que haja vicio ou virtude, é necessário haver uma sociedade qualquer.»

Esta doutrina, continúa Guepin, que acabamos de expor summariamente, não é senão a traducção em linguagem philosophica das crencas antigas. Oh! não é materialisar o homem, chegar por nova via ás consequencias que tem sido o guia dos sabios de todos os tempos e de todos os lugares.

A moral de todos os individuos e de todos os povos, tem sido sempre o egoismo; a moral pois, sempre foi o egoismo, ainda no futuro, isto é, a resultante das attracções do homem; porém o egoismo d'uma natureza idealisada, não tem relação alguma com o da bestialidade. Para o homem aperfeiçoado pela educação, para aquelle cujas partes anteriores e superiores do cerebro, tiverem adquirido toda a desejavel predominancia, os actos de dedicação, os transportes da mais calorosa sensibilidade não serão, como habitualmente se crê, factos de abnegação, porém actos pessoaes, ditados pela necessidade de satisfazer uma inclinação muito desenvolvida, e muitas vezes irresistivel. O homem virtuoso é um egoista a seu modo; como todos os outros, quer satisfazer suas tendencias e seus gostos, para procurar felicidade para si; e como suas inclinações e seus gostos o arrastam para as idéas grandes e generosas, para os actos de religião, de sociabilidade, de philosophismo, e de idealismo, é entregando-se ás suas tendencias, procurando seus gozos pessoaes, subalternizando o *animal*, que está e vive nelle pela parte posterior do cerebro, e o *homem*, propriamente dito, é que habita a parte anterior, que chega aos actos mais nobres e mais elevados. Sim, é uma felicidade, e uma felicidade mui grande arriscar a propria vida para salvar a de outrem, e dal-a mesmo se necessario for, pela santa causa da humanidade.

O egoismo sob esta fórmula é realmente humano. Torna-se animal, e mesmo brutal, quando subalternisa a poesia do amor intellectual e moral ao amor physico, o amor dos homens ao da familia, as indagações do estudo, da religião e da philosophia aos prazeres da casa e da pesca. Disse, que é preciso usar de todas as attracções do homem, que as attracções são uma roda que achará seu lugar em uma meca-

nica apaixonal, como a sociedade commum, e estareis na verdade; mas livrae-vos bem de ajuntar que todas as paixões são igualmente uteis, igualmente santas, porque seria collocar na mesma linha, instinctos, appetites, voluptuosidades de ordens muito differentes, e negar a gradação que existe na serie dos animaes a respeito do desenvolvimento mais consideravel das partes da massa cerebral que correspondem á frente.

O homem virtuoso é um artista, cujo ideal trabalha na maior das artes; no entanto que os outros se elevam a grandes concepções de musica, de pintura, de geometria, mais perfeito ainda em seu genero, elle vê o bello na justiça e na verdade, segundo as crenças de seu tempo, e o ideal n'uma virtude, em uma vigorosa tendencia da alma humana, cujos presentimentos estão sempre concordes com as futuras descobertas da moral, porque estão em concordancia com o plano providencial.

Newton, Leibnitz, Arago, Palestrino, Rossini, Miguel-Angelo, Raphael e Jericho, poderam e deveram comprehender e perceber com presteza grandes acordes de geometria, de musica, de pintura, que só longos estudos permitem ao vulgo apreciar convenientemente. Assim Zoroastro, Pythagoras, Socrates, os Graccos, S. João, Origenes, e alguns outros corações d'ouro dos tempos modernos, se elevaram acima de seus contemporaneos por um sentimento mais exquisito do amor dos homens, por apreciação mais ou menos conscienciosa das relações da ordem moral e social, que escaparam a seus contemporaneos, e conselho para o dominio publico.

O futuro? E' que todo o ente humano deve ser conduzido por uma educação conforme ás leis da natureza, a comprehender sem custo as obras dos Palestrino, dos Rossini, dos Miguel-Angelo, dos Raphael, dos Newton, dos Leibnitz, dos Arago, e a sentir a sua perfeição relativamente á sua epocha, sua imperfeição relativamente a um tempo mais avançado, e que o mesmo succeda, quanto á moral e ás relações sociaes.

Homens, amai-vos!

Eis o mais sublime e o mais perfeito dos preceitos. Porém não basta sentir instinctivamente seu valor: a humanidade não existirá realmente senão no dia em que se tornar pratica dos povos; senão no dia em que as intelligencias mais emi-

nentes demonstrarem que elle abraça e resume em si todos os esforços do passado em todas as direcções da intelligencia, porque é a mais nata expressão do ideal dos homens virtuosos.

Da Pluralidade dos órgãos intellectuaes.

Dnas hypotheses sómente são discutiveis: uma da unidade das faculdades intellectuaes, outra da pluralidade. Esta ultima opinião apoia-se em numerosas razões, e sobre a observação dos factos.

Qual de nós, entrando n'um collegio, não se tem surpreendido da diversidade das faculdades de cada collegial? Este tem disposição para a musica, porém é privado do sentimento das côres; este outro é já mystico, tem uma tendencia muito pronunciada para a adoração; um terceiro faz-se notar por grandes disposições para o desenho, ainda que muito mediocre a outros respeitos. Como admittir esta variedade e desigualdade especial das intelligencias; sem tambem admittir a divisão em muitos órgãos do instrumento intellectual? Um piano não tem numerosos toques, que correspondem a notas mui diversas? é por isso privado de unidade? Porque pois o instrumento cerebro-intellectual não seria multiple juntamente?

Uma segunda razão que tem seu valor, é a similitude que se póde estabelecer entre os sentidos internos e os externos. Por termos um órgão para receber as impressões dos sons, outro as da fôrma e da côr, tres outros para as outras tres series das impressões exteriores: é o homem menos uma unidade intellectual e moral? Porque, pois, esta divisão do trabalho estabelecida para os sentidos não é tambem para as faculdades de uma outra ordem? Como repugnar admittir para estas ultimas o que vemos nas outras?

Faz-se uma collecção fallante aos olhos, desenhando-se uma successão de perfis de animaes, cujas testas desde a rã, vão melhorando até chegar á do homem por transições bem ordenadas, e por uma insensivel graduação.

A fôrma geral do cerebro, sendo a mesma em todos os homens, não explica de modo algum as variedades psychologicas: logõ é preciso que ellas residam nas partes isoladas.

Essas partes isoladas, seja qual fôr sua ligação, não podem ser senão órgãos diferentes.

Não se tem visto muitas vezes nma ferida, um corpo estranho, exaltar ou supprimir uma faculdade intellectual? Não foi por causa de uma quéda, que Gretry tornou-se de repente um musico tão notavel? Não ha exemplos de pessoas que tem perdido, sem alteração alguma das outras faculdades intellectuaes, a de pronunciar e de escrever nomes, por causa da rotura do nervo chamado tympanico ou auditivo? Não se tem visto a compressão, por um tumor dos lobulos anteriores do cerebro, destruir completamente a faculdade da linguagem? Não se tem visto exemplos de apoplexia, que só tem alterado uma das faculdades da intelligencia, como a memoria dos lugares e das fórmulas, facto curioso, do qual um caso notavel temos neste momento debaixo da vista? Que outra hypothese, senão a da multiplicidade dos órgãos, poderia explicar esses factos interessantes?

Exposição da Doutrina de Gall.

Gall, não se limitou a emittir os principios de phrenologia que nos guiou ao nosso estudo da intelligencia humana; elle foi mais longe, fez a anatomia intellectual dessa intelligencia, e buscou localisar cada faculdade do espirito em um órgão especial do cerebro. A primeira parte desse grande estudo, a que servio de fundamento a nosso estudo, é inatacavel com as modificações que lhe fizemos experimentar; a segunda não é; pode-se discutir os detalhes. Comtudo Gall ainda foi mais longe; fez uma terceira obra, creou uma nova sciencia, a craneoscopia, que aprecia as faculdades do homem pela fórma de sua caixa ossea. Evidentemente a craneoscopia, ou craneologia, só póde dar indicações semi-positivas; seu valor diminue ainda mais quando se sabe o quanto póde influir as fórmulas da caixa cerebral; comtudo, ella não é para desprezar. Nos homens de genio, nos seres extraordinarios, suas indicações geraes são a maior parte das vezes justificadas pela experiencia, e não comprehendemos como os artistas, que ha tanto tempo usam della por instincto, esqueçam-se hoje de estudar suas regras, apoiando-se ellas em dados geralmente verdadeiros.

Ultimamente tem-se accusado Gall de haver mentido á sciencia, e apresentado como observações positivas factos por elle fabricados. Se esta asserção fosse verdadeira, diminuiria a estima que se devia a seu character, porém em nada modificaria nossas demonstrações, pois que nunca lhe demos attenção, não tendo nunca partilhado de Gall sobre a localisação craneoscopica das faculdades cerebro-intellectuaes no que lhes quiz attribuir de absoluto.

Nosso mestre, continúa Guepin, contava vinte e sete órgãos, entre os quaes dezenove communs ao homem e aos animaes, e oito privativos ao homem, servindo de conservar sua superioridade. Os primeiros órgãos são: 1.^o, da propagação da especie; 2.^o, do amor maternal; 3.^o, da amizade; 4.^o, da defesa propria; 5.^o, do instincto carniceiro (amor da destruição); 6.^o, da vida; 7.^o, do amor da propriedade; 8.^o, do orgulho, ou antes, personalidade; 9.^o, da vaidade, ou antes do amor da approvação; 10, da circumspecção; 11, da educabilidade; 12, das localidades; 13, dos sentidos; 14, das pessoas; 15, da palavra e da linguagem artificial; 16, das côres; 17, dos tons; 18, dos numeros; 19, da mecnica.

Os órgãos próprios ao homem são: dos instinctos religiosos; da firmeza; da imitação; da benevolencia; do espirito de Christo; do talento poetico; do espirito metaphysico; da sagacidade comparativa.

Spurzheim, collaborador de Gall, admittê ainda alguns outros órgãos, que são os seguintes: o instincto da assistencia; da ordem e do tempo; um órgão da justiça; outro da esperanza; outro do sobrenatural; outro do sentido da extensão; depois tres outros para a configuração, a consistencia e peso dos corpos.

E' de pouca importancia admittir os vinte e sete órgãos principaes de Gall, ou a divisão de Spurzheim, que preferimos. Qualquer que se aceite deverá responder, quer pelos nomes de seus órgãos principaes, quer por subdivisões a todas as faculdades do entendimento.

Gall attribuia todas as faculdades especiaes ao homem, e caminhava então no verdadeiro, á parte anterior e superior do cerebro, e a em que estão apoiados os ossos da testa.

Gall admittia ainda, que quanto mais indispensavel, mais seu órgão se approxima da linha mediana e da base do cerebro. Reconhecia tambem que as faculdades que se soccor-

rem mutuamente, estão em justa posição, donde se deprehende que se poderia reduzir todos os órgãos cerebraes essenciaes ao homem a um pequeno numero. Tal é o nosso parecer. Cremos que o instincto religioso, ou religiosidade, o instincto philosophico, ou casualidade, assim chamado por que conduz á indagação das causas, o instincto da benevolencia ou sociabilidade, e o instincto artistico ou idealidade, podem ser considerados como quatro faculdades cardiaes exclusivas ao homem no sentido em que apenas são rudimentarias nos animaes. Da combinação dessas quatro tendencias nasce uma multidão de faculdades compostas.

Este modo de apresentar os factos, foi o que adoptámos na nossa *Phylosophia, do Seculo* (Sandré, Paris 1850), porém cremos tel-a aperfeiçoado, reduzindo a tres faculdades cardiaes, e a nove de segunda ordem, todos os instinctos que merecem o nome de instincto humano.

Eis-aqui, finalmente como Gall procedia em seu curso, e em seus escriptos: primeiramente começava por estabelecer a necessidade e a ingenistidade da faculdade de que se occupa. Indica depois as épocas de sua apparição, de sua plenitude, e de sua diminuição, seus caracteres especiaes, conforme as idades e os sexos; finalmente pelo exame d'um grande numero de cerebros de homens e de animaes, chega a indicar sua localisação. Chama gosto a energia de um orgão manifestada por frequentes desejos, porém moderados; paixão, a energia manifestada por uma extrema actividade, mostrando successivamente toda a differença que existe entre o gosto e a paixão da indagação das cousas; o gosto e a paixão da sociabilidade. Uma vez collocado nesse terreno, não tarda a concluir que a possibilidade, o gosto, a inclinação, a precisão, a paixão podem comprehender todas as faculdades das quaes não são senão degrãos diversos. Ao lado dos modos de quantidade, admite tambem modos de qualidade, modos affectivos, como os de prazer e magoa.

Procedendo, conforme suas numerosas observações, dividia os homens em cinco classes: a primeira em que predominavam todas as faculdades especiaes ao homem, seria admiravelmente organizada para praticar com facilidade, e mesmo com ventura o estudo e a virtude, isto é, para reccorrer á prece dos fortes, e chegar ao resultado que ella prepara pela graça que dá, isto é, pelo saber. A esta pertencem as orga-

nisações felizes que dominam o mundo sob os nomes de Confucius, de Zoroastro, de Pythagoras, de Moysés, de Socrates, de Descartes, de Leibnitz, de Condorcet. A esta classe deve-se ainda ajuntar, em segunda linha, a massa das celebidades em Theologia e sciencias applicadas ás melhorias sociaes.

Gall fazia uma segunda classe dos individuos, nos quaes dominavam as faculdades animaes. Menos levados para o ideal, menos bem organisados para o estudo, com menos felicidade repartidos pela natureza, menos preparados por seus orgãos a praticar o bem, isto é, o que é util a todos, têm necessidade da educação e cultura que damos ás plantas de nossos jardins, cuja fraqueza reclama amparo e direcção. Desgraçada da sociedade que não sabe prevenir seus defeitos por uma educação em harmonia com suas necessidades; desgraçados dos legisladores que não preverem os vícios ou a insufficiencia da educação desses homens: é por elles sobre tudo que importa que as leis humanas sejam leis aceitas e approvadas pela physiologia.

O grande phrenologico fazia uma terceira classe dos individuos em que as faculdades humanas e as communs aos animaes são igualmente desenvolvidas. E' preciso a essas organisações excepçionaes uma educação mui habil: é naturalmente entre elles que se encontram ás vezes os maiores homens na ordem politica, e os maiores criminosos. Geralmente mais energicos, mais vigorosos, mais completos que os outros individuos, os dominam e arrastam-os; têm muitas vezes nomes celebres. Quer se chamem Cezar, Nicolau I, Alexandre, Napoleão, Danton ou Mirabeau, todos são dotados de indomavel actividade e de fogosa energia.

A quarta compõe-se dos homens que têm todas as faculdades ordinarias, á excepção de uma só, que se acha desenvolvida de uma maneira toda excepcional.

Gall collocava n'uma quinta classe a grande massa, isto é, todos aquelles que nada têm de saliente, nem para o bem nem para o mal.

Sem ter tirado de sua doutrina todas as possiveis deducções, levou muito longe seus presentimentos, e se apresentava suas conclusões em fórmula de questões, era muitas vezes menos reservado em sua intimidade. Então não hesitava em dizer-nos com accento de profunda convicção:

« O estado de perfeição que o cerebro adquire no seio de uma sociedade escolhida, em relação aos órgãos especiaes ao homem, transmite-se de geração em geração, e desta sorte é que se ha de melhorar a raça humana. Assim explicam-se as diversidades cerebraes de raças, talvez dotadas primitivamente de igual aptidão. Minha doutrina deve tornar-se a base dos systemas de educação e legislação. Aquelles que tem querido, e querem, dirigir os homens, quer na infancia, quer na idade viril, sem ter estudado suas diversas naturezas e as condições physiologicas de seus órgãos, são os verdadeiros autores das revoluções passadas e futuras, são os perigosos oppressores da humanidade. Sua autocracia deixava infallivelmente grandes lembranças; poder-se-ha ligar a grandes obras, mas a final de contas exercerá sempre uma acção perigosa e subversiva a respeito do que devesse existir. »

Gall foi em sua mocidade passarinho, pescador e habil caçador, portanto esse sabio naturalista tinha tido tempo de estudar a intelligencia sob todas as suas fôrmas, desde o homem até os animaes mais inferiores. Suas lições eram semeadas de curiosas anedotas que serviam para provar sua doutrina. Possuia uma magnifica collecção de craneos de homens celebres e de animaes, de que fazia uso em seu curso.

O rapido extracto que acabamos de dar, basta para que se comprehenda uma doutrina que não tem encontrado adversarios reaes senão entre os homens que julgam ter direito a combater um interesse de posição. Os mais scepticos, depois de haverem-na por muito tempo rejeitado, acabaram por aceitar-a. Broussais comprehendendo a logica de suas deducções, e tornou-se ultimamente continuador de seu antigo adversario. Devemos acrescentar ainda que, em geral, são os espiritos mais eruditos que philosophicos, e pouco tífulos em faculdades sociaes, que atacam a doutrina cerebro-intellectual que acabamos de expor, affectando confundir sempre a sciencia conjectural da craneoscopia, e a sciencia positiva chamada phrenologia. Quem ousaria negar que ha no cerebro fibras de movimento, e fibras de sentimento e partes consagradas á intelligencia? Se a anatomia não descobriu ainda a divisão destas ultimas, a falta é della, que com o escalpello na mão ficou atraz de nossas observações dia-

rias, e das curiosas observações fornecidas por numerosos accidentes.

Quem pois ousasse dizer que as unicas verdades da physiologia são só as que se provam pelo escalpello, negaria tambem o methodo á que devemos nossa sciencia moderna.

Da Alma e suas Faculdades (1).

Posso; que nesta habitação terrena
Existe, e mora simplice substancia
Incorporea, immortal; assim do Eterno
O quiz a immobil lei. Silencio, ó Musa,
Tu não penetras a inrolada nuvem,
A occulta ligação, que prende, occulta
A simplice substancia á terrea massa;
De uma e outra reciproca harmonia,
Mistura de concordia e de tumulto,
Continuada paz, perpetua guerra,
Impervia sempre a humano intendimento:
A razão neste pelago se engolfa;
Qual sem a douta Bussola o piloto
Entre cerrado escuro nevoeiro,
Que tolhe a vista da Polar Estrella,
Pelos mares Austraes s'entranha e perde.
Escuto, sinto a lei, e o mais ignoro.

MACEDO.

(1) Sentir e pensar, diz Chardel, são faculdades que nossa alma exerce sobre a terra, enquanto a vida a retém no corpo. Essas faculdades são espirituaes, e, por sua natureza, differem de tal modo das propriedades da materia, que o accesso lhe seria impossivel sem o soccorro dos órgãos. Sem elles, com effeito, todos os esforços da vontade não desarranjariam um atomo.

A alma humana parece pois uma estrangeira sobre a terra, retida em um novo mundo. O corpo presta-lhe órgãos para perceber, e a vida dá-lhe o meio de fazer uso delles. Porém abrindo-lhe o mundo material, fecha-lhe o espiritual; porque na terra a sensibilidade da alma envolvida na vida, não recebe mais sensações do que as impressões que ella lhe transmite. Nesta ordem de cousas, a intelligencia, preocupada pela natureza dos objectos que lhe estão por diante exclusivamente a affectam, fórma illusões, e não concebe mais existencias que aquellas com que suas novas sensações a poem em relação.

Comtudo, as faculdades espirituaes que não vêem uma acção immediata sobre a materia, manifestam, por isso, uma natureza essencial-

Havendo nós tratado do cerebro e das alterações que sofre; cumpre-nos dar algumas noções á cerca da alma, considerada em si mesma, isto é, de suas faculdades e de suas modificações. Para este nosso empenho recorreremos ás theo-

mente differente. Os metaphysicos talvez tenham em seus estudos muito multiplicado as distincções; e disso tem resultado uma e muitas vezes obscuras subtilidades fatigantes. Não entraremos nesses detalhes, e assignalaremos somente n'alma duas naturezas de sensibilidade.

Com effeito, a faculdade de sentir tem dous usos; torna-nos aptos a receber sensações, e capazes de amar ou odiar. Só experimentamos affecções quando se nos póde retribuil-as, e nada nol-as inspiraria sobre a terra se não houvessem perto de nós entes susceptíveis de paixões. E' a vontade de servir ou prejudicar que desenvolve em nossos corações uma vontade analoga. E essa troca de sentimentos, ainda que não se manifeste neste mundo, senão por intermedio dos corpos, não pertence menos exclusivamente ás almas.

E' necessario no estudo da psychologia, distinguir bem o uso dessas duas naturezas de sensibilidade; porque as sensações da sensibilidade sensual chegam-nos de fóra, no entanto que as emoções da sensibilidade moral nascem-nos interiormente. As primeiras são devidas á acção do corpo sobre a alma; e as segundas á reacção da alma sobre o corpo. A vida servindo-lhes de intermediario, parte-se assim em duas modificações, das quaes uma pertence ao movimento organico, e a outra obedece á vontade.

A primeira dessas modificações vitaes é conhecida pelo nome de *fluido nervoso*. Põe nossa sensibilidade sensual em relação com a affectibilidade organica, e como já dissemos, abre-nos a faculdade de conhecer o mundo dos corpos, e fecha-nos a do mundo espirital. O contrario acontece no momento da morte; porque derepente a terra desaparece a nossos olhos, e nossa alma encontra sua verdadeira patria.

Em quanto estamos neste mundo, nossa sensibilidade sensual envolvida em um fluido nervoso, não se exerce senão a respeito dos objectos terrestres, de que traduz as impressões em sensações que nossa alma recebe logo (*); no entanto que as emoções d'alma, communicando-se á vida, são traduzidas em movimentos physicos para o corpo.

De mais, se reconhecerá, por pouco que se queira reflectir, que a união d'uma alma com um corpo, não se podia fazer sem associar de uma parte a sensibilidade sensual á affectibilidade organica, e d'outra, sem dar á sua vontade um meio de obrar sobre a materia. Portanto, para qualquer reconhecer a realidade de nosso ser, a necessidade das

(*) Esta traducção não é sempre tão rapida, que não deixe perceber intervallo, e muitas vezes mesmo a alma, para bem comprehender a impressão organica, é obrigada a examinal-a muitas vezes. E' uma das causas que distinguem os homens de imaginação viva dos de reflexão lenta.

rias que mais se compadecem com as doutrinas physiologicas, e por guia nos servimos das idéas emittidas pelos Srs. Delavigne, Thiel, Chardel e outros.

O estudo do homem intellectual e moral, tem sido de ta-

duas modificações vitaes que acabamos de assignalar, está demonstrada. Esta divisão conduz a uma observação, de que cremos que se pôde tirar uma lição util; porque as duas naturezas que o homem reune na terra, reflectem-se na vida que lhes serve de communicação.

Na verdade, as emoções de sensibilidade sensual, devidas ás relações do corpo com a alma, trazem em seu excesso um presagio de destruição que se manifesta no esmorecimento que as segue; no entanto que, ao contrario, o amor, o odio, a ambição, e todas as paixões, reagindo d'alma sobre o corpo, parecem, em sua energia, não conhecer limites, e dão-nos o sentimento da immortalidade.

As sensações da sensibilidade sensual ligam-nos á terra e limitam nossos desejos aos interesses materiaes da vida; nossas affecções moraes, ao contrario, fazem-nos muitas vezes esquecer-os, e ás vezes atacam-nos com tanto poder, que uma morte repentina é disso o resultado; porque é assim que se morre de dor ou de prazer (*). O homem, cuja intelligencia desenvolve-se no estudo das sciencias sublimes, devidas á sensibilidade sensual, taes como as mathematicas e astronomia, ordinariamente concebe com difficuldade a espiritualidade de sua alma, no entanto que aquelle em quem as affecções moraes dominam, a sentem mais, e melhor a comprehendem. Procede isso de o primeiro nutrir seus pensamentos nas relações do corpo com a alma, e o segundo nas da alma com o corpo (**).

A sensibilidade sensual é passiva, e nossa vontade tem pouco sobre as sensações que ella nos procura, porque o fluido nervoso a que ella é devida está submettido ás leis de uma circulação organica, que pertence exclusivamente ao corpo.

A sensibilidade moral, ao contrario, é activa, recebe a influencia da vontade, e obedece-lhe até certo ponto, de sorte que podemos dirigir-lhe o emprego, quer a isso nos entregando, quer nos recusando.

O amor, o odio, e todas as nossas paixões, são nros diferentes que fazemos de nossa sensibilidade moral. Nossos pensamentos a excitam e a alimentam, e a vontade do homem pôde assim deita dispor nos sentimentos de sua escolha, e recusal-a aos outros, onde com o correr do tempo acaba por tornar-se incapaz.

Sentir, é existir passivamente; porém para a alma humana amar ou

(*) Já lemos nos Anaes de Medicina, que um pai, perdendo na flor da idade uma filha unica que ternamente amava, quiz vel-a ainda antes que a enterrassem; seus olhos se fixaram immoveis sobre esse objecto de dor, e cahio sem vida ao pé della. A autopsia não mostrou signal algum de lesão.

(**) As sciencias exactas só procedem de uma applicação secca e rigorosa da intelligencia na exploração do mundo physico. Não succede o mesmo á poesia e ás artes, que se dirigem muitas vezes á sensibilidade moral.

manha importancia, que os nossos maiores juntaram á investigação o saber outr'ora recommendado *nosce te ipsum*. O principio pensante principia as suas operações apoderando-se dos attributos visiveis dos objectos, das causas que produ-

odiar, é viver, é fazer um uso activo de sua existencia; e a alma é livre, não de existir, porque é immortal, porém de dar á sua existencia o emprego que sua vontade determina. Este emprego deve um dia fazer sua felicidade ou sua desgraça, porque o estado da alma é que constitue o paraizo ou o inferno. Nós trazemos para a terra facultades que nella se desenvolvem; nossos sentimentos formam nossa vida moral, nossos pensamentos delles se apoderam e os excitam; porém nossa vontade, livre em sua escolha, decide-se pelo bem ou pelo mal, e por isso crescem nella os sentimentos generosos e bons, ou o egoismo e a perversidade.

A memoria é uma reacção da intelligencia sobre a sensibilidade; quanto mais poderoso é, quanta mais vivacidade têm as sensações reproduzidas (*). A alma acha sempre em si elementos necessarios para retratar os factos e os lugares, e suas lembranças não têm a esse respeito outros limites que aquelles levantados pelo tempo, e a destructibilidade dos órgãos. Não se dá o mesmo com a sensibilidade moral, cujas lembranças consistem em reproduzir a emoção dos sentimentos experimentados antes, o que se torna impossivel quando habitos oppositos as extinguem em sua nascença.

Um velho egoista não se lembra mais das afeições generosas de sua mocidade, e se sua memoria ainda lhe traça as circumstancias de seus primeiros amores, são destituidas do encanto que as ennobrecia então. As acções que honraram os dias de sua primavera parecem-lhe sem motivo, e como se tem tornado incapaz de experimentar os sentimentos que o determinaram em outros tempos a obrar assim, acha-os como loucura; porque para o homem decahido, tudo se reduz ao que lhe resta.

A memoria do coração faz reviver os amores do tempo passado; mas quando nossa sensibilidade moral se extingue, a lembrança dos factos não a reanima mais, e nos recordamos das circumstancias sem achar a terna emoção que ellas despertaram em nós. O homem, durante sua estada na terra, excita e desenvolve os sentimentos de sua escolha; tornam-se o unico movel de suas acções, e decidem de seu futuro; porque passando de um mundo á outro, conservam-se no que são.

(*) Se existissem para a alma lembranças anteriores á formação do corpo, se conservariam em seu poder; porém a execução lhe estaria suspensa emquanto estivesse no mundo; porque o trabalho da memoria faz-se no cerebro, cuja affectibilidade ficaria estranha ás sensações que se tentasse de reproduzir. E' por essa razão que os sonnambulos, tornando á vida ordinaria, perdem as lembranças do estado lucido.

zem os phenomenos, e das leis que regulam as relações; tem conhecimento de si mesmo, logo que percebe estas cousas; assim que as conhece, sente-se e distingue: diz *eu*, e qualifica as qualidades exteriores do não *eu*. E' pela *consciencia*,

Somos naturalmente livres, e disso achamos a prova em nossa propria consciencia, porque sentimos nossa liberdade como sentimos nossa existencia. Sob a relação de sensibilidade sensual, procuramos o prazer e fugimos á dor, e por consequencia o fim jámais é duvidoso; porém podemos enganar-nos na escolha dos meios; é ali que está o acto da nossa vontade; os outros animaes participam desse genero de liberdade, e é porque antes de obrar, elles julgam tambem do que tem de consecutivamente esperar ou temer, que se consegue domal-os.

A sensibilidade moral cria para o homem um interesse de outra ordem; devemos-lhe a sciencia do bem e do mal, do justo e do injusto.

Os soffrimentos de outrem affligem a alma humana, porque ella acha em si mesma um sentimento de amor para os outros. Esse sentimento faz nossa felicidade, e nos interessa para com todos os seres sensiveis; porque desce até aos animaes com uma benevolencia cheia de encantos; porém é sobre tudo em nossas relações com nossos semelhantes, que nos faz experimentar seus doces attractivos. Laços invisiveis, porém reaes, unem todos os homens; partilhamos suas dores logo que nos são conhecidas, e a consciencia que nossa natureza nos dá dos males que nos podem affligir, torna-se para nós a medida dos que os outros têm que temer.

Deos, collocando assim na sensibilidade de cada homem um apreciador dos prazeres e dos soffrimentos de todos, lhes dá o sentimento de igualdade de seus direitos, e a idéa do justo e do injusto. Somos naturalmente imparciaes em tudo que não nos diz respeito pessoalmente; porém logo que nosso interesse uos colloca entre o amor de nossa individualidade e o de nossos semelhantes, temos uma escolha que fazer, e nessa escolha somos iniquos, justos, ou virtuosos.

Acaba-se de ver como se fórma a vontade do homem pelo uso da razão; porém muitas vezes succede que nossas determinações precedem nossos juizos. Vê-se nascer então, no bem como no mal, a prudencia ou a imprudencia, conforme domina a razão, ou a imprevidencia em nossas resoluções.

Limitamos aqui as reflexões que nos forneceram um primeiro exame das faculdades da alma.

Esta exposição é sem duvida bem incompleta: porém abrimos novo caminho á exploração, e as poucas palavras que dissemos, parecem-nos sufficientes para assignalar os pontos de partida. Vio-se que nossa peregrinação na terra tinha por fim determinar a natureza de nossos sentimentos: nossa confiança em Deos dá-nos a esperanca de que o principio do mal póde assim se destruir, porém que o germen de uma volta ao bem, jámais perece inteiramente.

ou percepção interna que se chega a este fim. E' o principio intelligente que se estuda em si proprio: o spectaculo do seu desenvolvimento não é do mesmo modo que os phenomenos exteriores gozados por elle; porém conhece-se pela reflexão e pela consciencia; isto é, pelos sentimentos dos factos em si mesmo. A certeza propria á consciencia é uma certeza absoluta: não é dado a ninguem sentir, pensar e querer, sem ser logo instruido por uma percepção interior de diversas modificações do seu ser. Ora, toda a faculdade que observa, toda a percepção intellectual que sorprehende, só observa, só sorprehende o que existe; o objecto, a realidade que a consciencia nos revela, é a reunião das modificações de nossa natureza interior, isto é, seus sentimentos, seus pensamentos, suas vontades.

E' pela *experiencia* que comprehendemos os factos que existem em nós; e quando a observação ha esgotado seus recursos, tem-se obtido toda a certeza de que os conhecimentos humanos são susceptiveis. Porque a principio os factos interiores se produzem em todos os individuos, e são certamente submettidos a leis constantes: além disso, o sentimento pôde ser transmitido de um individuo a outro; de sorte que sendo o phenomeno exactamente descripto, no que interessa, seja por seus caracteres intrinsecos, seja pelas circumstancias que o hão produzido, salvo as gradações ligeiras e fugitivas, nada ha que não possa ser verificado por todos os observadores competentes, e provado de uma maneira authentica. Ora, acontece aqui ao espirito o mesmo que em todas as vezes que se estudando, crê ter tomado sufficientes precauções, e não ter formado seu juizo com ligeireza; tem confiança no resultado que acaba de obter, porque julga estar em estado de ver as cousas taes quaes são, porque tem fé em si mesmo e em sua veracidade. A autoridade da consciencia, pois, é irrecusavel, e que o principio da certeza que dahi resulta é de um valor igual, senão superior, ao principio da certeza baseada sobre a testemunha dos sentidos (1).

(1) A CONSCIENCIA SOB AS VISTAS MORAES.

Não ha cousa mais timida do que a má consciencia, dizia *Pithagoras*

A consciencia, como diz *Pascal*, é o melhor livro de moral que possuímos, e que devemos consultar repetidas vezes.

Dos phenomenos da consciencia e das nossas idéas em geral.

Consciencia; quem és tu?.. fiel relógio
Obra prima do Artifice Supremo,
Que ao homem lá no fundo d'alma apontas
Delictos e virtudes! de ti fuja
Quem lembrança do crime afflige, ancia,
Desgraçado, o Lieutard, o que as mãos impias
Tyranno cruentou em sangue humano,
Se fugindo a si mesmo escapar pensa
Nos solitarios bosques embrenhado:
Companheiro fiel dos réos, o medo
Vac em seu coração, e lhe povôa
De phantasmas sem conta a oppressa idéa,
Brando murmurio de agitados ramos
E' do trovão o estrondo que annuncia
O raio vingador do Omnipotente.
Pequenino regato que deriva
Por entre alvos seixinhos saltitante
Os brados com que o sangue despargido
Clama vingança aos Céos; e em toda a parte
Sombras, ventos, outeiros, que figura
Mil lemures de aspecto carrancudo
Lhe quebram tanto os olhos, que endoucece.

(J. M. DA COSTA E SILVA.)

Entende-se por phenomeno os modos de um ente, suas apparencias, as mudanças pelas quaes se manifesta. Logo, toda a mudança é um phenomeno. Se tem lugar no seio de alguma força material, recebe o nome de phenomeno physico; se no centro de uma força simples e intelligente, é chamado phenomeno psychologico ou de consciencia.

Eu prefiro, repetia *Cícero*, o testemunho da minha consciencia, a quantas apologias queiram fazer de mim; e *Ovidio* pensa que uma consciencia pura ri das falsarias calumnias.

O humanitario *Pen* diz que a liberdade da consciencia é um direito que os homens recebem da natureza, ao mesmo tempo que a vida.

Bias era de parecer que a verdadeira consciencia é superior ao recio.

A voz da consciencia, dizia *Stael*, é tão mimosa, que facilmente lhe suffocam os sons; assim como tão pura, que ha toda a difficuldade em desconhecê-la.

E' essencial não confundir aqui o phenomeno com a substancia ou o ser. O phenomeno é observavel, a substancia oculta-se á toda a observação. De mais, se experimentamos uma sensação, se praticamos um acto, são os modos interiores os phenomenos que residem em nós, porém que não estão em nós, porque nós não somos nem um acto de attenção, nem t'ima sensação, mas somos um ser no qual esses factos apparecem. Assim, pela expressão phenomeno de consciencia, não queremos designar o espirito, mas tão sómente as modificações e as manifestações do nosso espirito.

O caracter geral desses phenomenos é o conhecimento e o *saber*, assim como o exprime a palavra consciencia mesmo. Saber é ter com o espirito e pelo espirito, é ter uma *idéa*. A idéa em geral é a noção elementar de um facto interior ou exterior.

Differentes caracteres das idéas.

De qualquer maneira que a intelligencia humana se desenvolva, que ella se espalhe no mundo exterior, que se concentre no mundo interno, não conhece os objectos senão sob condições de certas idéas fundamentaes que são: 1.º, *a unidade e a multiplicidade*; 2.º, *o phenomeno e a substancia*; 3.º, *as causas absolutas e as relativas*; 4.º, *o finito e o infinito*; 5.º, *o perfeito e o imperfeito*.

Se estudamos os numeros, só podemos encontrar duas cousas, *singular e plural*. Se observamos o mundo da consciencia ou dos sentidos, só vemos tambem duas cousas, as manifestações ou as apparencias, que são movéis ou fugitivas, e o ser que não cahe em apparencias, é o theatro invisivel dessas mudanças, ou em outros termos, o *phenomeno e a substancia*.

Se percebemos um phenomeno material com certa fôrma, isto é, *finito* limitado, nós o concebemos no espaço infinito e absoluto que o contém. Se percebemos uma serie de acontecimentos, determinada uma época finita, concebemos ainda um tempo infinito e sem limites, que é o lugar dos acontecimentos, porém que não é medido e nem gasto por elles. Logo que temos idéa de uma cousa limitada e secundaria, elevamo-nos tambem á causa absoluta e independente, á

força primaria, além da qual se não pôde encontrar nenhuma outra causa. Quando percebemos um acto moral, vemos se elle é bom ou máo, bello ou feio; porém além dessa bondade e belleza, ha ainda a bondade e a belleza infinitas, ou para mais claramente fallarmos, achamos-nos no mundo moral, *perfeito e imperfeito*. Todas as idéas que acabamos de enumerar podem ser reduzidas a duas grandes cathogorias, que são, *unidade e pluralidade*.

Estabelecidas estas cathogorias, resta determinar os caracteres das idéas. A idéa da *unidade* é necessaria e racional; a da *pluralidade* é contingente e empirica. Idéa necessaria é aquella cujo objecto não pôde ser concebido não existindo: taes são as idéas de infinito, de substancia, de causa absoluta e de unidade. Idéa *contingente* é aquella que concebemos de uma cousa que pôde ser, mas que não existe. Assim, tal ou tal phenomeno particular pôde existir; a supposição de sua não existencia não implica contradicção. As idéas contingentes são aquellas do finito, do phenominal, do imperfeito e da *pluralidade*. A idéa da *unidade* é racional, isto é, incomprehensivel para a observação, e a idéa da *pluralidade* é empirica, isto é, nos é dada para a observação e para a experiencia.

Diversas especies de idéas.

As idéas dividem-se ainda em diversas classes (Delavigne) em relação à sua *origem*, seu *objecto* e sua *natureza*.

As idéas *simples* são o producto de um unico sentimento; as idéas *compostas* de uma reunião de elementos parciaes, como os do *homem*, do *animal*; as idéas *sensíveis* vemnos pelos sentidos, como a *harmonia*; as idéas *abstractas* nos vem pela abstracção que separa as qualidades das substancias, como *fragilidade*, *doçura*; as idéas *adventicias* pela explicação directa dos órgãos ou do espirito ao objecto, como *regato*, *montanha*; as idéas *ficticias* ou chimericas, por um puro capricho de imaginação, como *cavallo alado*, *chuva de ouro*.

As idéas, consideradas em relação ao seu objecto, são *individuaes*, *particulares*, *geraes* e *collectivas*.

Idéa individual é aquella que representa um só individuo, como Cezar, Anna, meu pai, etc.

Idéa geral não é mais que um ponto de vista em que se concentram as semelhanças que se notam entre os individuos de que se fórma uma classe: é uma idéa abstracta applicada genericamente a um maior ou menor numero de individuos, e indicando seis caracteres communs, como por exemplo, homéns, plantas.

Idéa particular exprime qualidades communs a muitos individuos, distinguindo-os de um numero maior, como por exemplo, vinte camponezes, alguns brasileiros.

Idéa collectiva comprehende uma classe de individuos revestidos do mesmo caracter, como por exemplo, senado, armada.

As idéas são *verdadeiras* ou *falsas*, *claras* ou *obscuras*, *completas* ou *incompletas*, consideradas em relação á sua natureza. Chama-se *idéa verdadeira*, aquella que está conforme com o objecto de que trata, como por exemplo, a que designa o cysno branco; *falsa* é aquella que delle differe. *Clara* e *distincta* é aquella quando o espirito a comprehende facilmente, e não a confunde com outra, como por exemplo, uma mangueira, uma jaqueira; é *obscura* e *confusa* quando representa mal o objecto e delle não especialisa a natureza, como por exemplo, o espaço, o tempo.

Finalmente, a idéa é *completa* quando abraça todo o objecto; *incompleta* quando só o representa em parte.

Da origem e formação das idéas.

Ha poucas questões, diz M. Delavigne, que tenham sublevado entre os philosophos mais numerosas controversias, como tem acontecido com a da origem e formação das idéas. Uns, como *Aristoteles*, *Bacon*, *Gassendi*, *Loch* e *Condillac*, empregando-se só no phenomeno da sensação, tractaram de derivar todas as noções que compõe os conhecimentos da intelligencia humana: esta é a escola dos *sensualistas*.

Os outros, bem como *Platão*, *Descartes*, *Mallebranch* e *Libnitz*, só observando as faculdades da alma, pelo exercicio das quaes todos os nossos conhecimentos se adquirem, con-

fundiram as faculdades, e quizeram que estas fossem innatas: é esta a escola dos *Idéalistas*.

Conforme as idéas actuaes, filhas dos raciocínios, das confrontações e manifestações, conhece-se que o primeiro objecto de que temos uma idéa, somos nós mesmo: distinguimo-nos do mundo material que nos rodêa; separamos o *eu* de tudo que não é elle, do não *eu*; ora, para chegar a esta distincção, concebe-se que é preciso primeiro sabermos o que é o *eu*; porque não se pôde distinguir uma cousa que ainda se não conhece; uma cousa de que se não tem idéa alguma. Mas para se poder conhecer é preciso que nossa alma obre, que dirija sobre si mesma suas investigações; e nesta operação ha dous phenomenos que certificar: a alma obrando, e a alma se conhecendo. (*Actividade, consciencia e idéa*). A actividade é a causa, a consciencia o meio, e a idéa o producto.

A idéa do *eu*, e de todas as suas manifestações, tem por causa a actividade que exerce pelo *sensu intimo* ou a consciencia.

Determinando a existencia do *eu*, reconhecemos que é elle circumscripto, e percebemos que existem fóra delle phenomenos. Esses phenomenos nos affectam diversamente, segundo os órgãos que nos põem relações com elles. Assim vemos as côres e sentimos os cheiros; as fórmãs e os contornos nos tocam; os sons ferem nossos ouvidos, e provamos os sabores. Ora estas cinco especies de impressões desappareceriam logo sem deixar traço algum em nosso espirito, se nossa actividade delles se não apoderasse: porém nós olhamos em lugar de ver, escutamõs em lugar de ouvir, e conseguir formar uma idéa nata de todos os objectos. Portanto nossa actividade é ainda a causa, nossos órgãos ou a impressão exterior o meio, e a idéa o producto.

A idéa do não *eu* material, e de todas as suas modificações, tem por origem a actividade, se exercendo pela percepção exterior.

Logo que o homem se conhece, sabe que é activo, e exercendo sua actividade, concebe-se como causa pela relação aos actos que produz. Com a idéa adquirimos pois simultaneamente a idéa de causalidade. Ora, estudando as sensações que experimentamos, não podemos reconhecer a causa em nós, attribuímos aos differentes phenomenos que nos hão

impressionado, e somos invencivelmente levados pela lei da razão a reconhecer: 1.º, que estes phenomenos têm em si mesmo a causa; que estão nesta causa como os productos de nossa actividade, estão no poder activo, que está em nós, em nosso *eu*. Porém as causas dos phenomenos exteriores, isto é, as leis que os produzem, têm um character de contingencia, que não satisfaz a razão; sentimos igualmente toda a insufficiencia do *eu* para explical-os; é-nos preciso pois attribuil-os a uma causa unica, infinita e necessaria, acima da qual nada ha mais a procurar. Esta causa unica, não sendo o *eu*, nem o não *eu*, não pôde ser outra senão DEOS, o Ser immaterial que existe fóra de nós. Nós o comprehendemos por um acto superior de nossa razão ou faculdade geral de conhecer por uma alta intuição que põe nossa intelligencia em relação com a Suprema Intelligencia. Aqui ainda a *actividade* é a causa, a razão o meio, e a idéa o producto. A idéa do não *eu material*, ou de Deos, tem por origem a actividade do *eu*, exercendo-se pela actividade. Em outros termos: quando queremos conhecer nossa alma, nossa actividade dirige sobre ella a *consciencia*. Quando queremos estudar o *mundo material*, sobre elle nossa *actividade* dirige a percepção externa. Quando procuramos conhecer o *mundo immaterial*, nossa actividade faz uso da razão. Portanto, a *actividade*, exercendo-se por estes tres meios, é a causa geral de todas as idéas.

As mais importantes de nossas idéas, são as da alma, do corpo, e de Deos.

Quando a *consciencia* nos tem revelado a idéa da alma, todas as faculdades de nossa intelligencia se poem ao serviço de nossa actividade; a attenção, o juizo, a abstracção, a generalisação, e a memoria se exercem alternativamente sobre o *eu*, e fazem-nos conhecer todos os phenomenos de que ella é o theatro. Dahi nascem as idéas de casualidade, de substancia, etc. O mesmo acontece quando a percepção externa faz distinguir o não *eu* physico, todas as nossas faculdades se applicam ao estudo da generalidade dos factos que se produzem sobre nossos sentidos, e com a idéa dos corpos nós temos a de todas as suas propriedades.

Mas é sobre tudo, da idéa de Deos, que se derivam as nossas mais altas e profundas idéas: como as da immortalidade, de justiça, de bondade e de verdade.

Theoria das faculdades da alma.

A alma, em seu modo de existir, se manifesta por tres modos inteiramente differentes, sob as vistas de suas faculdades, que são: *intelligencia, actividade, sensibilidade*.

Bem que exista, diz Mr. Delavigne, entre essas faculdades uma especie de geração necessaria, jámais obram isoladamente: todos tres se revelam ao mesmo tempo no facto mais simples. Tomemos, por exemplo, a sensação: para sentir é preciso saber-se o que se sente; para saber-se o que se sente é mister *conhecer-se* o que implica uma operação de *actividade* e attenção.

A alma é pois primeiramente intelligente, depois activa, e finalmente sensivel. Mas a transição de cada um desses estados é tão rapida, que escapa á reflexão, e, pela consciencia, nelles ha a simultaneidade no desenvolvimento de nossas faculdades. Só a analyse e o raciocinio é que tem alguma parte sobre esse phenomeno physiologico: as tres faculdades de que é a alma provida, não destroem sua unidade, nem sua indivisibilidade. Como Deos que a fez á sua imagem, ella manifesta-se por um trino, que é *intelligencia, actividade, e sensibilidade*, sem deixar de ser uma unica e mesma substancia. Todavia esse harmonioso trino póde ser encarado em suas partes: considerando-a sob o primeiro ponto de vista, nós a sorprendemos, por assim dizer, no que ella tem de mais intimo; porque já mostramos na *actividade* a condição da intelligencia, e nesta a condição de sensibilidade.

A *actividade*, conforme a maneira porque se exerce, é instinctiva, voluntaria ou livre. A principio o homem obra por si mesmo, e cede a um impulso irresistivel, é o *instincto*; ou, em outro termo, a *espontaneidade*; depois delibera e determina, é a *vontade*; finalmente cousumma ou suspende sua acção, é a liberdade.

Considerando a alma como *intelligente*, nós a vemos exercitar-se de muitas maneiras: ou concentra seu estudo sobre si mesma pela consciencia, ou o dirige sobre um objecto que ella quer conhecer, e toma então o nome de *attenção*. Vemol-a depois perceber exteriormente os objectos, *julgar*, raciocinar, abstrahir as qualidades das substancias, estendel-as a outras da mesma natureza, ou *generalisal-as*.

Finalmente, o poder de *recordar* e de associar as idéas, nos apparecerá ainda na alma intelligente.

Encarada como *sensibilidade*, a alma experimenta prazer ou dor sob a acção dos objectos physicos. As idéas do verdadeiro, do bello, do justo, do bem, affectam-na agradavelmente; ao contrario, a injustiça, a mentira e o mal, causam-lhe um sentimento penoso. Por tanto, em outros termos, a *actividade* se apresenta como instinctiva ou espontanea, como voluntaria e como livre; ella é a base e a condição da *intelligencia* e da *sensibilidade*. A *intelligencia* ou a razão têm por fim conhecer e determinar as idéas; os instrumentos ou faculdades de que se serve são, a *consciencia*, a *at-tenção*, a *comparação*, o *juizo*, o *raciocinio*, a *abstracção*, a *generalisação*, a *memoria* e a *associação das idéas*.

Da sensibilidade.

Sensibilidade é a faculdade que possui nossa alma de ser affectada de uma maneira qualquer. Tres classes de phenomenos têm poder de affectar nossa alma: phenomenos *physicos*, *moraes* e *intellectuaes*. Dahi procedem tres especies de sensibilidade correspondentes, *physica*, *moral* e *intellectual*.

A *sensibilidade physica* (1) é posta em jogo (diz Delavigne) pelos objectos exteriores, por meio de cinco órgãos chamados sentidos: *gosto*, *tacto*, *olphacto*, *vista* e *ouvido*; comprehende todos os gozos e dores do corpo.

A *sensibilidade moral* é determinada pela acção de um ser como nós dotado de intelligencia e vontade; comprehende todas as alegrias e todas as penas do coração.

A *sensibilidade intellectual* é provocada pelas diferentes noções de nossa intelligencia; comprehende todos os prazeres e todos os desgostos do espirito.

Qualquer que seja a modificação organica que desperte a

(1) Não confundamos a sensibilidade com o conhecimento sensível, que se refere á intelligencia, e cujos caracteres estudaremos quando tractarmos da *precepção exterior*. A sensibilidade é sempre prazer ou pena; o conhecimento é, ao contrario, indifferente.

sensibilidade, nossa alma não póde conservar-se completamente indifferente: ella experimenta logo um sentimento de alegria ou de dor. Se a impressão fere o orgão, a sensação é desagradavel, e a alma *soffre*; no caso contrario, ella experimenta gozo: *gozar* e *soffrer*, isto é, *prazer* e *dor*; taes são os phenomenos *simples* da sensibilidade.

Porém depois da dor ou do prazer, nasce na alma um sentimento de attracção ou de aversão, de amor ou de odio pelos objectos que accasionaram a sensação. Então a sensibilidade se transforma; complica-se, e os phenomenos, pelos quaes ella se produz, tomam a denominação de *phenomenos complexos* da sensibilidade.

Na sensação agradavel ou penosa, nós só fazemos experimentar a acção de uma força exterior que nos impressiona; mas é facil de ver que então a sensibilidade sob um aspecto duplo, e que excitada pela impressão que a determina, ella reage para a causa dessa impressão. Ora, o movimento reactivo que violentamente produz nossa sensibilidade, varia conforme a natureza da sensação que excitou.

Depois de uma sensação agradavel, a sensibilidade é expansiva; depois de uma desagradavel, ella se contrahe e busca livrar-se da impressão. No primeiro caso ella se expande, no segundo se restringe: a expansão ou a contracção não são mais que as fórmas do prazer ou da dor que a alma sente depois da impressão.

As tres fórmas de sensibilidade por nós demonstradas, têm entre si relações intimas, e muitas vezes reagem umas contra as outras; igualmente reagem contra as faculdades da alma; porém esta conserva sobre ella precioso imperio. Assim, dirigindo ao objecto que impressiona a alma, a intelligencia póde embotar, aguçar, e desnaturar mais ou menos a *sensibilidade physica*; mas é sobretudo na *sensibilidade moral* que ella mostra-se soberana. Precede-a, necessariamente, determina-a e a rege a seu gosto. Uma alma energica tem poder de reduzir, e muitas vezes mesmo de fazer desaparecer, só pela força da vontade, as emoções que a perturbam.

Não é da sensibilidade e da *passividade*, com effeito, que depende aniquillar a dor, quando a soffremos; não podemos só por nossa vontade fazer nascer em nós gozos. E' verdade que temos uma influencia indirecta so-

bre nossa sensibilidade, collocando-nos, por exemplo, nas circumstancias proprias de desenvolver prazer. Porém não o produzimos; a causa está fóra de nós; nós a soffremos, queremos dizer, somos passivos, tanto no prazer como na pena. O desejo é tambem um modo da sensibilidade; tem o mesmo caracter. Alguns philosophos creram que o desejo era um facto activo, uma especie de direcção das faculdades activas para um fim determinado. E' um erro; porque não está em nosso poder crear um desejo, ou destruir o que existe em nós, para substituil-o por outro. Podemos comprimir um desejo, e não ceder a uma incitação passiva de nossa natureza; porém está além de nossas forças destruir um desejo que continuará a existir apezar nosso. O que dizemos aqui do desejo, se applica tambem á paixão, que não é mais que um desejo prolongado. E' essencial traçar a linha de demarcação que existe entre a sensibilidade e a actividade; porque onde começa a sensibilidade, expira a responsabilidade humana.

Quer seja a *sensibilidade* examinada em si mesma, quer julgada pelos phenomenos que produz, é facil distinguil-a da *intelligencia* e da *actividade*. Todo o mundo comprehendendo que sentir, de qualquer maneira que seja, não é *conhecer* nem *obrar*. Do mesmo modo, se é certo que a alma pôde experimentar penas e gozos, depois de tal conhecimento e de tal acto, não é menos certo que nem esses gozos e nem essas penas possam ser confundidas com o conhecimento e com o mesmo acto, e que não exista entre esses phenomenos identidade de especie alguma.

Quanto ao lugar da sensibilidade, na ordem do desenvolvimento de nossas faculdades, essa questão tem dado tres soluções oppostas. Uns têm julgado que a sensibilidade physica tem a iniciativa, que a razão vem depois, e que por ultimo, apparece a actividade; porque querer, dizem elles, é querer alguma cousa, e por consequencia, ter uma consciencia de que se quer; donde se segué que a faculdade de conhecer procede da faculdade de querer.

Outros pretendem que a razão é que primeiro se desenvolve; um ente que se não conhece, é indifferente a si mesmo, e é para si como se não existisse. Não pôde amar-se, porque não sabe ainda o que é. Ora, não soffremos e não gozamos senão porque nos amamos. O prazer e a pena reduz-

se ao amor de si mesmo. Assim, sem conhecimento não ha amor de si, sem amor de si não ha sensibilidade; logo, o conhecimento é o antecedente chronologico da sensibilidade que a seu turno precede e determina a vontade.

Outros, finalmente, pretendem que, se para sentir é preciso conhecer, para conhecer é indispensavel que a actividade ahi tenha algum gráo, e por consequencia dão ao facto activo a anterioridade.

Esta questão não póde ser resolvida immediatamente pela experiencia, porque não se trata aqui do actual, mas do primitivo da sciencia psychologica. Ora, a observação é muda sobre os primeiros ensaios do pensamento, e por tanto só pela indução é que podemos remontar ao berço da vida intellectual. Assim, estudar o facto psychologico actual em toda sua complexidade, e afirmar o que foi no passado, e o que é no presente: eis a unica solução possivel da questão. Se interrogarmos um facto interno, em sensação, por exemplo, reconheceremos que a sensação não existe por nós, e que só é sentida emfim, quando ahi ha attenção; porém nós não podemos ser attentos, sem sermos attentos para alguma cousa, queremos dizer, sem conhecermos; logo, não podemos sentir sem obrar, não podemos obrar sem conhecer; isto quer dizer, que a sensibilidade, a intelligencia, e a actividade se põe em jogo n'um momento simultaneo. Não se póde conceder a iniciativa a nenhuma destas tres faculdades, mas deve-se afirmar que ha contemporaneidade em seu desenvolvimento, e como ha estabilidade nas leis do mundo intellectual, pensamos que o dia de hoje é de uma maneira que sempre assim foi. Regressamos ao primitivo, passando pelo actual.

Da faculdade de conhecer, ou da razão.

A faculdade de conhecer, ou a razão, é a faculdade pela qual o homem abraça todas as realidades phisicas, moraes e intellectuaes, fallando em outros termos, todos os phenomenos que se produzem no theatro do *eu phisico*, e do *não eu metaphisico*.

Seus principaes meios de exercicios classificam-se conforme a ordem das noções que adquirem. E' pela conscien-

cia que ella penetra os mysterios da alma e de todos os phenomenos do mundo interior; é percepção externa quando ella chega ao conhecimento do mundo visivel, ou *não eu physico*. É percepção instinctiva, quando ella eleva-se até ao mundo invisivel ou *não eu metaphysico*.

Tomada em sua mais ampla accepção, a faculdade de conhecer recebe o nome generico de *razão* ou *intelligencia*; divide-se em muitas faculdades que se designam sob diferentes nomes, segundo o modo de seu exercicio, a saber: *consciencia, attenção, percepção, juizo, raciocinio, abstracção, generalisação, memoria e associação de idéas*.

Nestas diferentes maneiras de conhecer, é sempre a alma que conhece: *ella* se conhece pela consciencia ou vista interna; *ella* conhece o mundo exterior visivel pela percepção externa ou vista externa: e pela razão intuitiva, que é tambem uma vista interna; *ella* attinge o mundo exterior invisivel.

Os caracteres proprios da razão são: a *passividade*, a *impessoabilidade* e a *universalidade*.

Nós não temos a liberdade de conceber um principio diversamente do que concebemos. Se tomamos esta verdade mathematica: « dous e dous são quatro », não está em nosso poder conceber que dous e dous não sejam quatro. Soffremos essa concepção, e não podemos modificá-la. Se percebemos um corpo, percebemol-o fatalmente com taes e taes qualidades, e não depende de nós perceberol-o de outra maneira.

O mesmo succede em todas as espheras da razão humana. O pensamento está submettido a leis que não póde mudar. Esforçai-vos, em respeito á moral, para conceberdes que o bem não é bem, não o conseguireis. Em estatica esforçai-vos em conceber que um objecto não é bello, quando assim vos parece, e ficareis sugeito, a pezar vosso, ao jugo de vossa percepção. Portanto, não basta querer pensar de um modo determinado, para que assim succeda. A razão modifica-se á sua vontade, é *passiva*. Se é passiva, é impessoal, porque tudo que não produzimos, tudo que não emana de nós, não nos pertence. O que nos pertence, o que é nossa propriedade, é a vontade e seus actos. Queremos andar, andamos. Praticamos uma acção, e essa acção é nossa, podemos continual-a ou suspendel-a a nosso bel prazer, para co-

meçar uma opposta a ella. Tudo quanto é livre vem de nós, e está em nós; nossa pessoa reflecte-se no acto. A liberdade constitue a pessoabilidade; porém todas as que são estranhas ao acto produzido, que elle em nós se cumpre, independente de nós, que o não podemos dominar, somos passivos.

Ora, sendo a razão inevitavel ou passiva, necessariamente é impessoal. Entretanto ha alguma cousa de pessoal na razão, porém só no sentido de apparecer no homem, e nelle residir.

Finalmente, o ultimo character da razão é a universalidade. Com effeito, nada ha de individual; não se pódo dizer, por exemplo, *minha verdade*, como se diz *meu acto*. A verdade não nos pertence, ella não foi creada para nós. Conhecemol-a completamente independente. Existia antes de nós a termos pereebido, e existiria do mesmo modo se nós a deixassemos de perceber: como a atmosphaera que respiramos, ella é de todo o mundo, e de ninguem em particular; é necessaria á nossa existencia, sem fazer parte de nós. Se as concepções fossem individuaes, não cuidariamos em impol-as aos outros. O que é puramente individual em nós, só tem valor no nosso individuo. Quando uma cousa, está encerrada em nós, só existe em nossa vontade, a força activa. Ao contrario, concebemos as relações mathematicas dos numeros, a differença entre o bello e o feio, essa concepção não existe só em nossa razão, porém em toda a razão humana e clamamos em delirio contra quem nega esses axiomas do pensamento. A lei que nos obriga, com o mesmo titulo obriga a todos os homens. Não é o individuo que constitue seu modo de conceber, *sua razão*. Logo ella não é individual, mas sim *universal e absoluta*.

E' necessario distinguir na razão dous monumentos bem distinctos: a *espontaneidade* e a *reflexão*. O pensamento espontaneo dá-nos primeiramente as idéas de *nós, mundo e Deos*, o todo em uma synthese vaga e confusa; porém pouco a pouco a reflexão e a analyse eliminam essa totalidade complexa, então tudo se esclarece, distingue-se, e determina-se: é o segundo movimento.

Visto isto, a razão começa por ser expontanea; e depois torna-se reflectida. Ora, a reflexão tem por elemento necessario a vontade, e a vontade é a pessoabilidade. E' pre-

Não ha sabio sem inimigos, p.^o é grande
o numero dos invejosos.

A mulher vaidosa é como a mariposa, q.
attractada pela chama, cahe finalm.^{te} de
rada por ella. Assim a mulher, fascinada
pela lisonja não vê a seus pés o abismo da
perdição; e quando n'elle se precipita,
despresada por a quellas mesmas que m.^o a
lisonjeavam.

Procure sempre na mulher que escolher
des p.^o esposa a maior soma de virtudes e
bons sentimentos, e nunca a maior soma
de ouro: porque este, o destino pode rou-
bar; e a mulher virtuosa, longe de ser at-
tada pela sorte, será a vossa consolador
e fiel amiga neste mundo.

O homem desconfiado, é um tiranno de
si mesmo por que prevenido sempre
contra todos, vive amargurado, á come-
do pela misantropia, e morre odiado

cisamente isso que distingue a reflexão da razão espontanea, que sempre é impessoal.

A sensibilidade está circumscripta na esphera do sentimento; a *actividade* só comprehende uma ordem limitada de phenomenos; nada é subtrahido á intelligencia. Collocada como um archote entre a *sensibilidade* e a *actividade*, esclarece as emoções de uma e as determinações de outra. Póde ser comprimida e solicitada por uma ou por outra, porém em todos os casos ella tem sobre essas duas faculdades o privilegio de comprehendel-as e saber a influencia que têm sobre ella.

A intelligencia é, pois, a faculdade por excellencia. E' ella que nos revela a nós mesmos, e que faz conhecer as relações que temos com todos os entes da criação, assim com a causa de todas as existencias. Ella é que consagrando a liberdade do homem, isto é, a moralidade de nossas acções, o eleva acima do bruto, e o approxima da Divindade.

Das faculdades que se referem á faculdade geral de conhecer.

A faculdade de conhecer, ou intelligencia, não se exerce de um modo uniforme; multiplica-se, por assim dizer, dividindo-se em diversas faculdades de que ella é o principio, para designal-as sobre os objectos que a ella se offerecem. Portanto, é pela *consciencia* que ella estuda o que se passa no fundo da alma; *percepção externa* que toma conhecimento do mundo physico; e pela razão intuitiva que contempla o mundo superior das intelligencias. Se se trata de observar e discernir factos multiplicados, quer sejam internos, quer externos, ella recorre á attenção; o *juizo* e o raciocinio vem depois alargar os circulos de seus conhecimentos. Ella póde ainda *abstrahir* e *generalisar* suas idéas, registal-as por meio da *memoria*, e *associal-as* conforme *certas leis*. *Taes os factos que devemos estudar* (1).

(1) Temos tratado, diz Chardel, de dar um conhecimento geral das bases da psychologia physiologica, e nos liavemos esforçado para evitar a obscuridade; até aqui suppomos ter-nos explicado bastante e claramente, para que um espirito meditativo possa facilmente compre-

Da consciencia.

A *Consciencia* é a vista interna, pela qual a alma analysando-se a si mesma, percebe sua existencia, seus estados e suas operações.

A consciencia é que nos revela o *eu sentindo*, o *eu conhecendo*, e o *eu obrando*; porém ao mesmo tempo nol-o mostra como unidade, como substancia, e como causa.

hender-nos, e nos persuadimos que o mesmo succederá com o resto dos nossos escriptos; mas temos necessidade que o leitor não esqueça o que precedeo, e que queira, prestando-nos attenção, procurar em suas proprias observações uma multidão de consequencias, que nós não fizemos mais do que indicar.

Vio-se que devemos nossas sensações ao fluido nervoso que se escapa do cerebro para unir a sensibilidade da alma ao centro da affectibilidade organica. Nossos pensamentos não são portanto senão um exame das sensações recebidas, e concebe-se que esse exame deve fazer-se necessariamente sobre o aparelho e o agente que as procurou, isto é, com a vida e sobre o cerebro.

Na verdade, a affectibilidade do cerebro é o echo da affectibilidade do corpo: é um espelho onde todas as impressões recebidas se vêem pintar. Uma parte do fluido nervoso que as traz fica ao serviço da alma, que delle se serve ao depois para reproduzir no cerebro as impressões que quer examinar: dahi resulta sensações novas, que não são mais que uma imagem mais ou menos das recebidas primitivamente; nossa intelligencia compara-as, e assim as executa, produzindo o trabalho da memoria e o dos pensamentos.

A memoria é, pois, uma reacção da intelligencia sobre a sensibilidade; porém se alma é passiva, recebendo as impressões primarias, no entanto que é activa, executando a de nossas lembranças. Uma e outras dão-nos as mesmas sensações; por isso os sonhos que (como logo explicaremos) nascem de uma reacção da intelligencia sobre a affectibilidade, fazem-nos experimentar tudo o que a realidade poderia ter de attractivo ou de penivel.

Vamos agora fallar de um órgão que importa conhecer para conceber as relações da alma com o corpo. E' designado pelo nome de *plexos solar e cardiaco*: é uma dependencia do *grande sympathico*, que fórma entrelaçamentos nervosos na parte inferior do peito e para a região do coração. Concebe-se que esses entrelaçamentos nervosos indicam antes um órgão centro de sensações, que um órgão-determinado; portanto, só fallamos do *plexos* para designar o theatro das reacções da alma sobre o corpo. Todos conhecem a influencia que a *alegria* e a *tristeza* exercem sobre a circulação sanguinea, da qual muitas vezes ellas precipitam ou suspendem o curso. E' pois evidente que existe no peito um echo das emoções moraes, e é elle que nós assigualamos sob o nome de *plexos solar e cardiaco*.

A vida espiritalisada obedece á alma que ella envolve; mas tem na

Ella saca a idéa da uniãde do sujeito pensante nos variados phenomenos que elle apresenta; a idéa da substancia de sua immutavel fixidade; a idéa de causa de suas modificações e seus productos.

A alma transporta depois esses dados ao mundo exterior, e applicando aos phenomenos que ahi se manifestam a mesma lei de producção que ha observado em si mesma, eleva-se por esse modo a uma substancia absoluta, isto é, a Deos.

organisação duas ligas que ella só abandona com a morte: uma no cerebro, no ponto onde se espiritalisa o fluido nervoso; outra no plexos; é lá que ella traduz em agitações physicas os movimentos que recebeo das affecções moraes. Disso resulta sensações consecutivas que os membros mandam ao cerebro, e que nada nos ensinam exterior; porque não têm outro fim mais que renovar as emoções que as causaram: tal é o effeito especial das lembranças da sensibilidade moral (*). Nós não somos interiormente senhores das sensações que recebemos, assim pois que não podemos a nosso gosto nem produzil-as e nem fazel-as parar (**). Comtudo, como são devidas ao agente da vontade, a alma exerce sempre ahi grande influencia, seja retendo o movimento da vida espiritalisada que os executa, seja, ao contrario, a ella se abando-
nando para recebêl-os com todo o poder de sua sensibilidade.

O uso augmenta o imperio que exercemòs sobre nós mesmo, porém isso é com a ajuda de um trabalho longo e penivel, que acaba por asenhorear-se da reacção dos plexos sobre o moral. Todavia, alguns individuos, no meio das mais tormentosas circumstancias, chegam assim a isolar bastante o trabalho de seus pensamentos das agitações de sua alma, para poderem continuar a julgar do que melhor convem á sua situação. Outros, ao contrario, e principalmente as mulheres, abando-

(*) Os nervos se dividem naquelles que pertencem ás percepções e aos movimentos, e nos da vida individual destinados ás funções organicas. Uns partem do cerebro, outros do cerebello. Os primeiros estão em relação com a intelligencia, e os segundos com as emoções d'alma; sobre estes é que as paixões reagem, o que liga a existencia do ser espirital com a actividade vital do ser physico. Portanto, as affecções morbidas dos principaes orgãos da vida, taes como os do peito, do estomago, e sobre tudo os do utero nas mulheres, reagem poderosamente sobre o moral dos doentes.

(**) Por esta razão, ás vezes as dores moraes sobrevivem á sua causa. Uma mãe, sabendo que seu filho acabava de ser morto, experimentou na região do coração contracções que a suffocavam; a nova era falsa; seu filho chegou, e só muito tempo depois é que ella conseguiu reter seu pranto; os soluços, apezar seu, continuavam a suffocal-a. As penas moraes causadas pela ternura, podem algumas vezes ser misturadas de algum encanto, porque dão á alma a consciencia de sua immortalidade; os soffrimentos da sensibilidade sensual, causados pelas affecções morbidas dos orgãos, proam sua destructibilidade, e nos fazem prever a aniquilação do corpo.

A consciencia é pois o primeiro meio de conhecer; preside a todas as operações da intelligencia, a todas as impressões da sensibilidade, e a todos os actos da vontade; em outros termos, não podemos pensar, obrar ou sentir, sem ser immediata e instantaneamente advertidos pela consciencia.

Da attenção.

Attenção, assim como o indica a etymologia da palavra, é

nam-se á sua sensibilidade, e entregam-se sem reserva ás emoções que as dominam (*).

As sensações partem da alma quando são devidas á sensualidade moral, no entanto que nos chegam do exterior, quando a sensibilidade sensual recebe-as. A reacção da vida espiritualizada sobre os plexos, é muito apparente nas primeiras, porém menos nas segundas, que ficam commummente inapercebíveis (**).

Portanto, o fluido nervoso communica á alma as impressões que o corpo recebeo, traduzindo-as em sensações, e esta envia por seu turno á organização, por intermedio da vida espiritualizada, as emoções de sua sensibilidade que se transformam em movimentos physicos. Dous focos de affectibilidade scrvem na machina humana para esta reciprocidade de acção: um collocado no cerebro, é o echo das impressões organicas; o outro, collocado nos plexos, é o das emoções da alma. Disto resulta que as impressões da affectibilidade se espiritualizam no cerebro, no entanto que as affectões moraes, ao contrario, se materializam de algum modo nos plexos (***). E' necessario conceber o mechanismo destas communicações para comprehender uma multidão de phenomenos que logo explicaremos.

(*) Quando a alma quer-se abandonar á sua sensibilidade, em vez de receber a vida espiritualizada, ella a entrega aos movimentos que suas emoções lhe communicam, a fim de receber por reacção sensações mais vivas. Temos visto mulheres começarem voluntariamente esta especie de jogo, e acabarem não sendo mais senhoras de si, por cahirem em terriveis convulsões.

(**) No estado magnetico lucido, a affectibilidade geral adquire uma extrema susceptibilidade, e as emoções que a alma recebe das sensações de toda a natureza, se repetem distinctamente nos plexos: de sorte que muitos somnambolos, attentos ás repetições desse echo, se confundem com as primeiras sensações, e imaginam ver e ouvir por esse lado.

(***) A alma está encadeada á affectibilidade do cerebro; sua sensibilidade ahí se acha envolvida, de sorte que ella só póde receber sensações por intermedio desse orgão; o fluido nervoso leva ahí as impressões physicas, e os plexos para ahí enviam o movimento das affectões moraes. Tem-se-nos perguntado ás vezes, porque somos levados a apertar sobre o coração os objectos de nosso amor, e eis a razão, é porque nós os approximamos assim o mais perto possivel dos movimentos da alma que se repetem em todos os *plexos solares e cardiacos*.

a faculdade pela qual nosso espirito *tende* para qualquer objecto, e nelle se concentra para melhor estudal-o. A attenção não é, pois, um proceder especial da faculdade de conhecer, mas sim um modo de nossa actividade. Todavia, estreitamente ligada a todas as operações da intelligencia, ella é um auxiliar de todas as nossas faculdades. A consciencia, a percepção, a razão intuitiva, o juizo, o raciocinio, etc., alternativamente imploram seu apoio, e lhe devem mais ou menos o resultado que obtem. E' deste modo que unindo-se á consciencia, ella torna mais claro e mais distincto o que esta só tinha entrevisto.

O mesmo succede com os objectos que poem em jôgo a percepção externa, que só deixariam em nosso espirito fugitivos clarões, se a attenção não viesse imprimir sua energia a essa faculdade, obrando de concerto com ella, se não *olhassemos* em lugar de *ver*, se não *escutássemos* em vez de *ouvir*, etc.; finalmente, os progressos da nossa intelligencia dependem do papel que representa a attenção em seus exercicios. A attenção, levada ao superlativo, é poderosamente influida pela vontade, que póde á gosto determinál-a ou suspéndel-a, e que lhe communica sempre seu poder ou sua fraqueza.

Da percepção exterior.

Percepção exterior é a faculdade de que nossa alma é dotada de conhecer os objectos externos, que affectam nossos sentidos por intermedio dos órgãos. E' preciso, visto isto, não confundir os sentidos com os órgãos: entende-se por sentidos a faculdade de perceber as qualidades da materia pela occasião das sensações; e por órgãos os nervos, os musculos, isto é, os apparelhos organicos, ou onde residem os sentidos, e que servem como de conductores á impressão sensível.

A alma é dotada de cinco sentidos: *vista*, *ouvido*, *tacto*, *gosto* e *olphacto*. Cada um destes sentidos localisa-se em um órgão que lhe é proprio: a *vista* no *olho*, o *ouvido* na *orelha*, o *gosto* na *bocca*, o *olphato* no *nariz*, e o *tacto* na superficie do corpo, e principalmente na mão.

O exercicio de cada sentido é determinado por uma sensação que o desperta e torna occasião de idéas especiaes, conforme a natureza do órgão impressionado. Assim, quan-

do o corpo ou a mão são affectados por um objecto physico, o tacto percebe as qualidades do objecto na occasião da sensação, e revela-nos as idéas sensíveis de dureza, de frialdade, de calor, de divisibilidade, etc.

A *vista*, que mostra-nos a figura e a côr do corpo, percebe ao mesmo tempo todas as combinações de figuras, e todas as variedades de cores que a ella se offerecem. Então, chamando o *tacto* em soccorro da vista, notamos que as côres acham-se associadas a certas extensões tangíveis, que tal tinta corresponde a tal fórma, a tal distancia e a tal figura, e por meio da memoria e da inducção, julga que essas apparencias visíveis são acompanhadas de propriedades que o tacto ha precedentemente descoberto sob apparencias semelhantes. Esses modos de percepções da vista chamam-se *conhecimentos*, porque são productos da experiencia; chamam-se, ao contrario, percepções *naturaes* da vista, aquellas em que os sentidos só percebem as noções que lhe são proprias.

O *ouvido*, é a faculdade pela qual nós percebemos os sons com suas gradações de intensidade, de timbre, de tom e de todas as suas combinações de compasso, rithymo, melodia ou harmonia. A memoria e a inducção vem ainda associar as percepções do tacto ás do ouvido, de modo que tal phenomeno tangivel, tal choque, tal movimento faz-nos ouvir a volta dos sons que temos percebido anteriormente em circumstancias semelhantes.

A mesma observação *applica-se* ao olphato, que nos faz perceber o cheiro e todas as suas combinações; ao *gosto*, que faz-nos perceber o sabor e todas as suas gradações. Aqui, como nas percepções da vista e do ouvido, a memoria, e a inducção para ensinar-nos que tal cheiro deve corresponder á tal corpo, e tal sabor á tal fórma.

Notemos, além disso, que o ouvido, o gosto, ou o olphato, não nos fazem de maneira alguma conhecer a natureza do som, do cheiro, ou do sabor. Tudo quanto nos ensina as diversas qualidades que nossos sentidos percebem é o que nos são exteriores, e que não são o *eu*.

Do juizo.

Juizo, é uma faculdade, pela qual affirmamos uma rela-

ção de conveniencias ou de desconveniencias, entre dous objectos percebidos: a affirmação dessa relação suppõe a comparação.

A palavra Juizo tem tres accepções diversas, que convém não confundir: é applicada á faculdade de julgar, a seu exercicio, e a seu producto. Esse producto quando é formulado pela palavra, toma mais particularmente o nome de *proposição*. Considerada debaixo de um ponto de vista geral, a proposição é *substancial*, ou attributiva. É substancial, quando só affirma ou nega a existencia do socego: *eu sou*; é attributiva quando annuncia um ou muitos attributos do sujeito: *eu sou mortal*.

Sob o ponto de vista mais restricto, a proposição é *affirmativa* ou *negativa*: no primeiro caso annuncia uma relação de conveniencia entre o sujeito e o attributo: *Deos é justo*; no segundo, uma relação da desconveniencia: *Deos não é cruel*. Esta distincção não tem lugar a respeito do juizo; é sempre affirmativa, quer da conveniencia, quer da inconveniencia entre os termos em assumpto.

Do raciocinio.

Raciocinio, é a faculdade de extrahir um ou muitos juizos de um juizo qualquer.

Assim como a palavra juizo, a palavra *raciocinio* tem tres accepções distinctas: é applicada á faculdade, a seu exercicio, e a seu preceito.

O producto do raciocinio póde formular-se de uma infinidade de maneiras; porém a faculdade de raciocinar só tem dous procederes: deducção e inducção; *raciocinar* por *deducção*, é descer do geral ao particular, ou do principio á consequencia; *raciocinar* por *inducção*, é subir do particular ao geral, ou da consequencia ao primeiro.

Sirva de exemplo esta proposição: *a virtude é amavel*, o attributo *amavel* é pelo sujeito inteiramente affirmado; se pois decompõe-se a idéa de virtude em seus elementos parciaes, taes como a justiça, a sabedoria, a bondade, etc., etc., póde-se affirmar o mesmo attributo e dizer: *a virtude é amavel*; logo, *a justiça é amavel, a sabedoria é amavel, a bondade é amavel*, etc. Vê-se que esses novos juizos sahem do pri-

meiro, no qual estavam implicitamente comprehendidos: é concluir do geral ao particular.

Sendo a proposição esta: a *justiça é amavel*. E' evidente que o attributo *amavel* que se affirma da justiça, póde-se affirmar igualmente da virtude, de que ella é somente um elemento. Assim se dirá: a *justiça é amavel*, logo a *virtude é amavel*. Assim faz-se entrar a idéa particular de justiça na idéa mais geral de virtude, onde ella é comprehendida; é concluir do particular ao geral.

Em summa, a legitimidade das operações do raciocinio repousa sobre o que a relação tem exprimido entre os dous termos de um juizo, não só verdadeiro nesses dous termos, como em tudo que os compõe ou os contém.

Da abstracção.

Abstracção, é uma faculdade, pela qual nós isolamos de sua substancia, ou uma da outra, para melhor conhecê-las, as qualidades que em sua natureza são inseparaveis dessa substancia. N'uma bola de bilhar, por exemplo, podemos considerar a fórma espherica, a côr, a grossura, a dureza, etc.; sem dar attenção á fórma, sem dar attenção á grossura, etc.

A's vezes emprega-se erradamente a palavra abstracção, em linguagem usual como synonymo de difficuldade e obscuridade; nada, ao contrario, é tão facil de perceber como o que é abstracto. Melhor se abraça uma qualidade particular de um objecto, que o mesmo objecto em seu todo. Quanto mais uma idéa é abstracta, mais clara é; quanto mais se aperta o campo do pensamento, mais facil é medil-o e exploral-o. Todas as sciencias fazem abstracções; a geometria abstrahê a extensão, a acustica abstrahê o som, a physica o corpo, e a philosophia o espirito; uma sciencia que não fosse abstracta, seria universal, o conhecimento simultaneo do que existe, queremos dizer, a omnisciencia do proprio Deos.

Ha tres especies de abstracções: primeiramente a que se faz pelos sentidos. Assim, quando percebemos um corpo, cada um de nossos sentidos não póde dar-nos senão uma qualidade isolada, e por consequencia abstracta, de todas as outras; o gosto abstrahê o sabor, o

tacto a solidez; assim succede com todos os outros sentidos; porque se não fizessem abstracção, era preciso que todas as partes do corpo fossem confundidas e penetraveis por um só sentido, que as perceberia n'um momento simultaneo. Ora, cada um de nossos sentidos não pôde attingir mais que uma qualidade particular do corpo que lhe é correlativo, isto é, que elle abstrahе das outras qualidades com que se acha restaurada e identificada; e essa abstracção necessaria, que é a condição de toda a percepção, chama-se *abstracção dos sentidos*.

Quando somos obrigados a estudar por divisões ou abstracções successivas, uma totalidade complexa e confusa, o trabalho da intelligencia para chegar á sciencia, chama-se *abstracção do espirito*.

Quando fallamos, somos ainda forçados a abstrahir, porque em todas as proposições ha uma idéa geral, e uma idéa geral é sempre formada por abstracção; esta abstracção é chamada *abstracção de linguagem*.

E' preciso entretanto não se julgar que a linguagem faça abstracção de um lado, no entanto que o espirito faz do outro, e os sentidos ainda do outro. E' evidente que é sempre que faz as abstracções, porém ora com a ajuda dos sentidos, ora por si só, e ora com o soccorro da linguagem.

A palavra, assim como o juizo e raciocínio, applica-se igualmente á faculdade de abstrahir, a seu exercicio, e á seu producto.

A apreciação desse producto é um dos escolhos da abstracção. O espirito, esquecendo que as concepções que creou não têm outra substancia mais que elle proprio, habitua-se a olhar como rival a existencia que lhe presta, e as vivifica pelo pensamento, e dá-lhe de algum modo corpo pela linguagem. Em guarda contra essa illusão, vemos sempre nas abstracções o que ellas com effeito são, isto é, as qualidades e as relações das cousas, menos existencia.

Da generalisação.

A *Generalisação*, é uma qualidade do espirito, pela qual nós estendemos á uma classe inteira de entes e de factos, uma noção abstracta que lhes é commum. Assim, muitos indivi-

duos estando reunidos, a abstracção estuda separadamente sua qualidade e generalisação, compara-as entre si, negligencia suas differenças, para só considerar em suas semelhanças.

Vê-se, pelo que vae dito, que a generalisação suppõe abstracção, mas que della differc. Quando notamos que uma mesma qualidade acha-se em muitos objectos, a noção que temos desses objectos é puramente individual; para que a intelligencia perceba as relações communs, para que cesse, não conhecer senão os individuos e os factos isolados, é necessario que a generalisação venha em soccorro da abstracção, e reduza esses individuos á uma familia, e esses factos á uma lei.

Sem a faculdade de generalisação, isto é, sem as idéas geraes de que ella é principio, não poderíamos julgar e nem raciocinar; logo, é sobre a generalisação que repousam todas as sciencias.

Notemos, que a generalisação não se limita em arranjar em uma mesma classe muitos individuos ou muitos factos. Ella reconhece nessa classe certas series menos geraes, que ali são comprehendidas: os generos, as especies e as variedades. E' assim que por uma gradação bem manejada, nossa faculdade de generalisação faz subir dos individuos ás variedades, das variedades ás especies, das especies aos generos, dos generos ás classes mais geraes, e descer dessas classes geraes para os generos, as especies, as variedades, até aos individuos.

Da memoria.

A *Memoria*, é a faculdade que possui o espirito humano de conservar e recordar todos os seus conhecimentos.

A palavra memoria exprime, como se vê, dous factos distinctos: *conservação* e *reminiscencia* das noções.

Dous differentes systemas explicam a conservação dos conhecimentos. Confiné um, sendo a alma humana essencialmente activa, constantemente obra, e as noções de que deixa de occupar-se de um modo presente nella se demoram como actos obscuros. Segundo o outro, a memoria reside no cerebro, cujas fibras têm a faculdade de reproduzir sob a impulsão d'alma, os mesmos movimentos de que

foi acompanhada a percepção primitiva. Tem-se applicado estes systemas, o primeiro á conservação ao fundo d'alma das noções metaphysicas intellectuaes; o segundo, a essa mesma conservação no fundo d'alma das noções phisicas ou imagens. Suppõe-se neste ultimo caso, que o cerebro assemelha-se ao mundo material, e que por uma especie de optica, que lhe é propria, torna-se visivel á alma no facto de lembrança sensivel.

Considerada como reminiscencia, a memoria é espontanea, quando, sem que saibamos por que e nem como noções em outros tempos adquiridos se reproduzem por si mesmas em nosso espirito, facto que commumente exprimimos dizendo que uma idéa nos veio; é voluntaria, quando obrando os dados confusos da espontaneidade, procuramos ressarcir o que nos escapa, e pôr-nos em posição de conhecimentos que temos consciencia de já ter sido. N'um e n'outro caso, a reminiscencia das idéas é producto do desenvolvimento da actividade.

A memoria tem relações intimas com a consciencia. Na verdade, não nos podemos recordar de um facto, senão com a condição de haver sido sentido, isto é, que a consciencia tenha testemunhado. Assim, nós não nos lembramos de ter visto um objecto, mas sim do sentimento que experimentamos quando em presença desse objecto. Tudo que não tem pois resonancia na consciencia, é para nós como se não existisse, e poderia, por consequencia, ser reproduzido pela memoria, que só se exerce sobre os dados dos sentidos internos.

As noções, que a memoria fornece, não são sempre completas; acontece muitas vezes que empregando-se unicamente em certas relações dos factos que envolve, negligencia muitas circumstancias, taes como as de tempo e de lugar. Dá-se ás lembranças dessa natureza o nome de *reminiscencia*. A reminiscencia é uma variedade da memoria.

Da associação de idéas.

A *Associação de idéas*, é uma faculdade, pela qual nosso espirito conserva em certa ordem as noções que tem adquirido, e as une inteiramente na mesma ordem todas as vezes

que opéra sua reproducção. Encarada como propriedade das idéas, a *associação* é a tendencia que ella tem de se excitar mutuamente.

Vê-se que esta faculdade apresenta, como a memoria, dous factos distinctos: primeiro, conservação dos conhecimentos com certa ordem precisa; segundo, a reproducção ou volta desses mesmos conhecimentos na mesma ordem. Por continuação de analogia, essa reproducção tem lugar instantanea ou voluntariamente.

A associação, quer seja espontanea, quer voluntaria, funda-se em certas relações, cujos principios são os de causa e de effeito, de meio e de fim, de substancia e de qualidade, de principios e de consequencias, de semelhanças, de analogia, de contrariedade, de approximação, de tempo ou de lugar.

A associação de idéas póde fundar-se ainda sobre circumstancias perfeitamente essenciaes, sobre relações das palayras, seu conhecimento, identidade de letras iniciaes, sua approximação em uma mesma linha, etc. A's vezes ella tem por base as relações que se estabelecem no espirito entre certas cousas, quando, bem que de naturezas differentes, ellas o affectam do mesmo modo.

Os objectos physicos têm principalmente grande influencia de associação: percebidos immediatamente pelos sentidos, elles obram com mais força sobre a alma. O aspecto de um campo de batalha faz nascer na alma do viajante emoções que elle não sentiria lendo a narração do combate.

A associação, quando repousa sobre relações verdadeiras e rigorosas, exerce sobre nossos juizos, e nos nossos raciocinios, salutar influencia. Mal dirigida, e quando só recolhe relações arbitrarías ou fortuitas, torna-se, ao contrario, uma origem frequente de erros, perde o espirito com prejuizos e sophismas, e o coração com paixões. Na verdade, desde que se ha admittido em nossas crenças certas associações de idéas, é impossivel não sentir, não julgar, e não obrar em consequencia. Não se deve pois senão cuidar muito em fazer dessa faculdade prudente e legitimo emprego. Que jámais, por exemplo, o homem isole a idéa do bello da do verdadeiro, a idéa de seus direitos da de seus deveres.

A associação das idéas é um dos elementos de saber viver, que consiste principalmente em não despertar na alma de

nossos semelhantes impressões peníveis, e esforçar-nos de praticar o contrario disso.

Da actividade.

A *actividade*, que fórma com a *intelligencia* e a *sensibilidade* o complemento da trindade psychologica, é a força pensante em acção; uma é espontanea, isto é, desenvolve-se de si mesma, sómente pela influencia do destino; a outra voluntaria, isto é, de que a vontade se ampara para pô-la em jogoe dirigil-a.

Na verdade, o homem obra primeiramente e instinctivamente: os primeiros actos de seu corpo e de seu espirito são puramente involuntarios; ora, esse modo de *actividade*, anterior a toda a reflexão, é determinada nelle pela propria energia de seu ser; é uma expansão exterior, um movimento espontaneo, que na alma desperta a idéa do poder que tem de obrar ou de não obrar. Porém então a alma, que não é só expansiva, volta e recolhe-se em si mesma; a essa *actividade* distincta ella faz succeder outra, de que a reflexão é a condição; é a *actividade* voluntaria.

O caracter da *actividade* espontanea, é a impessoabilidade. Os caracteres da *actividade* voluntaria e livre, são a *pessoabilidade* e a *moralidade*.

Da actividade voluntaria e livre.

Actividade voluntaria e livre, é propriamente a faculdade de fazer uma acção, com consciencia de que se podia deixar de fazer. Assim, a *actividade* voluntaria facilmente distingue-se de actividade instinctiva, que produz actos sem nisso termos parte. Porém o phenomeno de *actividade* espontanea é tão real como o da actividade voluntaria; este ultimo somente é mais apparente: depois o que ha de proprio em todo o acto voluntario, é poder-se repetir á nossa ordem, e por consequencia poder ser evocado, por assim dizer, ante a consciencia, que o examina e julga, no entanto que um acto espontaneo não se repete á vontade, e seu caracter é passar impercebido ou irrevocavel, não podendo ser chamado ulte-

riormente senão com a condição de ser reflectido, isto é, destruído como facto espontaneo.

Do phenomeno da vontade e de sua circumstancia.

O *phenomeno da vontade*, é complexo, e apresenta quatro elementos: primeiro, *predeterminar um acto que se tem de fazer*; segundo, *deliberar*; terceiro, *determinar-se*; quarto, *obrar*.

Esses quatro elementos ligam-se entre si por relações necessarias de tal sorte, que o primeiro é a condição do segundo, o segundo do terceiro, e este do quarto. Porque para *obrar* é necessario ter tomado uma deliberação; ora, não se determina sem examinar os motivos pró ou contra, sem *deliberar*. De outro lado não se delibera sem objecto, sem materia para deliberação, queremos dizer, antes de ter *predeterminado um acto que se tem de fazer*.

Vê-se por isto que a vontade humana tem sua razão e sua base na liberdade; se a alma não fosse uma força livre, não se poderia determinar e nem obrar com intelligencia; não conheceria nem o fim, nem os meios da acção.

Demonstração da Liberdade.

Não se trata aqui da liberdade physica, queremos dizer, do poder que o homem tem de manifestar seu pensamento por actos exteriores; *liberdade*, em linguagem philosophica, é o poder de que somos dotados de escolher entre uma e outra cousa, de querer ou de não querer depois da deliberação.

A liberdade demonstra-se de tres maneiras: primeiro, pela consciencia (*prova psychologica*); segundo, pelos attributos de Deos (*prova theologica*); terceiro, pela razão geral (*prova moral*).

Primeiro. *Pela consciencia*. Sentimos nossa liberdade como sentimos nosso pensamento: cada um de nós tem convicção intima que suas determinações são producto de sua propria vontade; que os actos que se lhe seguem, dependem

do de simples preferencia, são inteiramente facultativos; que elle está, como diz a Escriptura, na mão de seu conselho. Isso é tão verdadeiro, que segundo seus actos, bons ou máos, isto é, conforme ou não aos principios da moral, somos invencivelmente levados a imputar-nos o erro, ou a reivindicar o merito. Ora, poderíamos, sem absurdo, imputar-nos o erro, ou attribuir-nos o merito de determinações e de actos, que não nos pertencessem, e que não fossem livres? A testemunha da *consciencia* prova pois irrecusavelmente a liberdade.

Segundo. *Pelos attributos de Deos.* DEOS é verdadeiro, é esse um attributo que a razão mostra essencialmente ligado á sua existencia. Ora, se não somos livres, DEOS deixa de ser verdadeiro, porque introduzindo em nossos corações a intima convicção de uma prerogativa que nós não possuímos; nelles gravando uma chimerica distincção entre o bem e o mal; inspirando-nos depois de certos actos sentimentos de *prazer* ou de *pena*, de *satisfação* ou de *remorsos*, ternos-ia entregado á invencivel illusão. Logo, a idéa de DEOS implica nossa liberdade.

Terceiro. *Pela razão geral.* Se o homem não fosse livre, isto é, se elle fosse o cego instrumento de uma força superior, suas acções. perdendo por isso toda a moralidade, toda a legislação divina ou humana seria um absurdo. Qual é na verdade, o fim das legislações? prescrever o bem e prohibir o mal. Mas para que o homem faça, para que evite o mal, é preciso que tenha o poder de escolher entre um e outro; é preciso que suas determinações e seus actos não sejam, nem forçados, nem necessarios; é preciso, em uma palavra, que seja livre. De outro modo não haveria justiça possivel. Os elogios ou as recompensas dadas á virtude, a reprehensão ou os castigos infligidos ao vicio, implicariam sua razão ou iniquidade.

Finalmente, entre todos os povos do mundo, selvagens ou civilizados, liga-se a estima ou a gloria a certas acções, que se julgam honestas, virtuosas ou heroicas; exprobação e vergonha a outras julgadas deshonestas, criminosas ou infames; logo, universalmente reconhece-se que o homem tem faculdade de praticar o bem e abster-se do mal; logo, a liberdade é o fundo do merito e do demerito, o que torna justa a punição ou a recompensa.

Entretanto o homem não é absolutamente livre. E' livre quando obra, porém não em certas cousas que é passivo. Não depende de nós, por exemplo, deixar de experimentar fome, sede, frio, calor, em uma palavra, todas as affecções physicas de que nossos orgãos são susceptiveis. Nós não somos livres tambem de recusar a evidencia, de não pôr differença alguma entre o bem e o mal, de querer nossa desgraça, etc.

Contra a liberdade se elevam duas objecções principaes: uma, tirada da presciencia de DEOS; outra, do poder dos motivos que determinam nossas acções,

Primeira. *A presciencia de Deos.* DEOS previo todas as acções do homem; o que DEOS previo acontecerá necessariamente, pois que elle é infallivel; logo, o homem não é livre.

Esta objecção cahe por si mesma, observando-se que em DEOS não ha presciencia, pois que para elle não ha futuro, e que o momento em que elle conhece a acção do homem, é indivisivel daquelle em que o homem a pratica. DEOS não prevê, vê. Ora, ver uma acção, não é tornal-a necessaria: se do alto de uma collina observamos abaixo de nós o pastor que guarda seu rebanho, é elle menos livre em suas acções, por não poder impedir que nós dellas sejamos testemunha?

Além disso, DEOS vê as acções do homem com suas circumstancias, sendo a liberdade comprehendida nesse numero, com tanto que não possa dizer, que é por que DEOS vê que o homem pratica uma acção, mas sim que se DEOS a vê, é por que o homem a isso se determina.

Segunda. *O poder dos motivos.* Nós não obramos sem motivos; ora, são os motivos que nos dão impulsão, e que nos arrastam; logo nós não somos livres.

Segue-se desta objecção, que um homem solicitado a obrar por dous motivos igualmente poderosos, não se poderia determinar, nem por um, nem por outro, e como as conchas de uma balança, se conservaria suspensas entre duas forças iguaes. Estaria no caso do asno de *Scolastico* morrendo de fome entre dous feixes de feno, por não saber qual dê a preferencia.

Os motivos podem ser comparados ás exhortações e aos avisos, e não aos pesos, que obram violentamente em razão á sua massa nos eixos da balança. Esta não tem o poder de

abaixar a concha menos carregada, no entanto que a vontade pôde-se determinar pelos motivos mais fortes, assim como pelos mais fracos. A prova está em que homens collocados em circumstancias semelhantes, e debaixo da impulsão das mesmas, muitas vezes os mais oppostos partidos.

Do Eu (1).

O *eu* é a mesma alma, é o principio invariavel, que sente, que pensa, que obra e que conhece-se a si mesmo; elle não é, nem *sensibilidade*, nem *intelligencia*, nem *actividade* porém o sujeito, o ser absoluto, unica séde dessas tres faculdades.

(1) Antes de explicarmos as relações da alma com o corpo, diz Char-del, convém examinar os principaes argumentos daquelles que negam sua existencia, oppondo-lhes os motivos de nossa fé pela dualidade de nosso ser na terra.

Segundo os materialistas, o ser espirital, que não tivesse extensão material, não poderia obrar sobre um corpo, e o que chamamos alma não é mais que o producto do mecanismo organico. Apoiam essa opinião na marcha progressiva da natureza, que vem da elasticidade dos metaes para a contractibilidade vegetal dos sensitivos, para chegar em fim á sensibilidade animal. Fazem notar que as organizações seguem do mesmo modo uma marcha progressiva, passando dos vegetaes aos animaes, dos de sangue frio aos de sangue quente, e dos em que começa o systema nervoso a formar-se, até o homem, que é que termina a cadeia dos seres. Em que, além disso, dizem elles, differimos nós dos outros animaes? Elles pensam e obram como nós; nós nascemos e morremos como elles.

Taes são os principaes argumentos dos materialistas. Vamos discutil-os: exporemos tambem os motivos de nossa convicção pessoal, e depois se verá que uma multidão de phenomenos parecem justifical-a.

Afirmar que um ser espirital não poderia obrar sobre a materia, é cortar a difficuldade sem resolvel-a. Temos visto no exame das theorias physicas, que a luz, ainda que materialmente inaccessivel, obra com tudo sobre a materia, e deve-se concluir disso que formando ella a vida humana, pôde fornecer á alma um intermediario que a ponha em relação com a organização. Em não suppor-se que a intelligencia é um producto organico, é inconcebivel poder a materia formar o pensamento; porque o mais engenhoso mecanismo não poderia mudar a natureza das cousas.

Com effeito, o pensamento não pertence, nem aos raios do sol, nem á materia, e pretender fazel-o resultar de sua reunção, não é guiar-se

O que sobretudo caracteriza o *eu*, é o que faz nossa pessoalidade completa, é o sentido íntimo, a consciencia que tem de sua propria existencia. Elle possue-se no meio de todos os phenomenos variaveis de que é centro, responde ás

pela razão, mas sim propor á nossa fé um mysterio inconcebivel, que os que se lhe tem offerecido.

Dous elementos unem-se na formação dos corpos; porém por mais variadas que sejam suas combinações, não produzem mais que agitações dentro, e impulsões fóra; porque é tudo que se póde obter com a materia e o movimento. Isso está longe das sensações e dos pensamentos; e a razão é forçada a convir e reconhecer no homem um ser sensível e intelligente, que julga conforme suas sensações, comparando-as com a unidade de seu *eu* (*).

E' verdade que a natureza marcha por progressões reguladas, parece ensaiar-se na organização dos outros antes de chegar ao homem. Elles tem conosco immensa analogia; porém pretender julgar por elles o principio de nossa intelligencia, é abandonar a base de nossos conhecimentos, e procurar firmal-a em seres desconhecidos. Parece-nos evidente que em parte alguma podemos melhor fazer o estudo de nossa alma, que em nós mesmos, e que todos os nossos juizos a respeito dos animaes, se reduzem a comparações conosco. Onde está a prova, além disso, de que os bixos não tenham alma? está nas opiniões aventuradas sobre o exame, e inconsideradamente lançadas nas discussões por um mal entendido zelo religioso! Mas querendo-se procurar a verdade, e não o triumpho d'um partido, devem-se abandonar as concessões irreflectidas, e ligar-se antes ao fundo do que á fórma da discussão.

O que faz com effeito a negativa da alma dos bixos, accitado como próva do nada da alma humana, não lança luz alguma sobre a questão, e limita-se a pôr em evidencia a falta que os adversarios dos materialistas não commettido, affirmando que os outros animaes não têm alma.

Parece que certos philosophos, comparando o homem com o bruto, procuraram menos as dissimilhanças que as similhanças. Collocaram a distincção na extensão da intelligencia, e pozeram em paralelo um animal intelligente com um homem estúpido, tal como um critico, e perguntaram-se depois onde estava a superioridade (**)? Ignoramos se taes questões têm por fim a descoberta da verdade, porém parecem-nos pouco proprias a chegar ali. Além disso, a superioridade de intelligencia distingue-nos menos dos outros animaes, do que a differença das relações que a ligam ás necessidades da organização.

Demais, em vão se tentará confundir o homem e o bruto, porque a

(*) Tem-se dito que existia no cerebro um fluido que secretava o pensamento. Esta imagem, que apresentava a alma sob um novo aspecto, parece-nos muito mal olhada, porque o mecanismo necessario para operar uma seereção, não concorda com a natureza dos fluidos.

(**) A estupidéz do cretin é mui provavelmente resultado do abuso que nas gerações anteriores as almas fizeram dos corpos submettidos a seu imperio.

impressões exteriores, desenvolve e põe em exercicio todos os seus recursos, e passa constantemente de ser identico para todos os accidentes da *sensibilidade*, da *intelligencia* e da *actividade* espontanea e voluntaria.

natureza traça entre os bixos e nós uma linha de separação que se não pôde desconhecer, e que nos colloca n'uma ordem toda particular. Nos homens a intelligencia governa e dispõe do corpo como de um instrumento de que usa á sua vontade; nos animaes, ao contrario, é a organização que domina, e a intelligencia só se occupa em satisfazer as necessidades e os appetites. Dahi procede a perfectibilidade humana, e o estado estacionario dos animaes. Na verdade, a uniformidade dos productos é a consequencia forçada dessa escravidão ás necessidades do corpo, que se repetem sempre as mesmas. Assim, as andorinhas constroem agora seus ninhos como dantes construíam, e como sempre construíram (*).

Deos, enviando ao mundo dos corpos um espirito independente, e pondo á sua disposição uma organização material, deo-lhe o imperio da terra, onde appareceu haverá sete mil annos. Os outros animaes, que o tinham precedido, ficaram sujeitos a seu dominio, porque foi rei da criação desde o momento em que a vida poz á sua disposição instrumentos proprios a escravisal-o. Os animaes, por isso mesmo que sua organização os possue, deviam receber o jugo do homem, que dominando a sua, podiam della dispor para obrar como senhor sobre a delles (**).

Portanto, Deos, formando de orgãos materiaes uma intelligencia livre, e chamando-a sobre a terra, poz toda a ereação sob suas leis. Sem duvida, o uso que o homem tem feito desse beneficio, tem-o muitas vezes tornado funesto. O suicidio é disso uma triste prova; e no entanto esse repudio da vida não é mais que um acto de absoluta submissão da organização á uma vontade que a constringe á destruir-se.

O corpo humano não ficou no que era em sua criação, e a liberdade que temos de dispor d'elle como nos agrada, o tem singularmente alterado. As gerações que se hão sucedido, têm á esse respeito pesado umas sobre as outras com todo o peso de sua independencia. Os meuninos conheceram os fructos amargos das loucuras, das paixões e dos vícios de seus pais, e os transmitirão um dia áquelles que ebamaram para a terra. D'ahi procede a variedade infinita das fórmas humanas, e uma das causas das numerosas molestias que nos affligem. Uma multidão de organizações traz agora de nascença germens de destruição, e quasi ninguem chega ao termo da existencia commum, fixado pela natureza (***) .

(*) Se se perguntar por que disposição mecanica as andorinhas constroem diversamente das tutinegras, responderemos que ignoramos; porém a questão não está ahi, está na constante uniformidade dos productos de cada especie.

(**) Não é a fórma dos orgãos, mas á independencia da vontade que o homem deve seu poder sobre os animaes, e esse poder lhe seria disputado pela especie, fosse ella qual fosse, que fosse chamada a dominar uma organização, em vez de ser dominada por ella.

(***) A eslação da vida dos mamiferos terrestres, é de sete vezes o tempo de

Da identidade do eu.

A identidade do eu, é a propriedade que elle tem de conservar-se em ser o mesmo em suas manifestações variadas.

Entre os animaes, ao contrario, as fórmãs variam pouco, e as doenças são raras; porque a intelligencia serve sempre do mesmo modo a necessidades sempre uniformes; porém quando para o nosso dominio, elles passam não vivem mais para sua organização, mas para nós. Com effeito, no estado de domesticidade, arrancam os animaes á sua natureza para submettel-os a nossas phantasias; portanto suas fórmãs se alteram, e suas molestias se multiplicam. O que admiramos na educação que se chega a dar aos animaes, é a habilidade dos mestres apoderarem-se do poder do corpo sobre a intelligencia de seus educandos, para desviar-a de suas rotinas, fazel-a obedecer ás vontades do homem. Vimos cães taes, como Murito, Fido e Bianco, calcularem com promptidão e justeza; porém fazei-os voltar ao estado selvagem, abandonai sua intelligencia ao imperio da organização, essa sciencia emprestada desaparecerá, e Muni'o, Fido e Branco recomeçarão a saltar, e a fazer tudo quanto os outros cães fazem e farão sempre.

Parece-nos evidente estarem os animaes submettidos aos appetites que o homem domina. Seu corpo possui sua alma, e a nossa regra o destino do corpo que governa. A primeira consequencia desta ordem de cousas é, que os outros animaes devem forçosamente ficar estacionarios, no entanto que os homens são, ao contrario, essencialmente progressivos. Com effeito, como já temos feito notar, a escravidão de uma intelligencia a uma organização cujas necessidades todas se repetem sempre as mesmas, deve constantemente produzir em cada individuo resultados pouco mais ou menos identicos; no entanto que a intelligencia que possui a organização deve variar della o uso, e multiplicar assim a diversidade dos productos. D'ahi vem o estado estacionario dos brutos, e a perfectibilidade do homem.

A differença das lingoas é disso uma prova, porque se a intelligencia humana só fosse destinada a servir ás necessidades da organização, a linguagem dos povos, bem como a dos brutos, seria por toda a parte a mesma; porém cada um serve-se do órgão da palavra modificando-lhe os sons a seu gosto, e a diversidade das palavras responderia á das vontades, se a necessidade de communicar seus pensamentos não tivesse precisão do uso de uma linguagem commum. Assim, a dispersão dos homens sobre a terra devia multiplicar os idiomas (*), e póde-se afirmar que foi a escripta, e sobre tudo a imprensa, que fixou as linguas;

seu desenvolvimento; o que sendo para o homem de quinze annos, dá para o curso ordinario da vida cento e cinco annos.

(*) Tem-se pretendido explicar a diversidade das linguas na Bíblia; porém a diversidade dos modos de escrever teria tambem precisão de explicação, se não fosse consequencia natural do emprego variado que as intelligencias devem fazer dos órgãos que a vida põe á sua disposição.

A consciencia e a memoria concorrem para provar essa identidade. Quaesquer que sejam os sentimentos da alma, quaesquer que sejam suas idéas e actos, ella sente que fica sempre incommutavel, debaixo da perpetua mobilidade de seus

e quanto não variam ellas ainda cada dia? Entre os animaes a uniformidade da linguagem seria um phenomeno inexplicavel se se não achasse a solução na escravidão de sua intelligencia á organização, que sempre exige os mesmos serviços.

A palavra, que transmite para fóra de nós a viva expressão de nossos sentimentos e de nossos pensamentos, é uma necessidade da alma, que ella satisfaz, dispondo habilmente da aptitude de nossa voz a produzir sons e articulações. Não falta o órgão aos brutos, e jámais fallaram, porque sua organização não tem necessidade que possa exigir um tal serviço; portanto sua voz não faz mais que exprimir appetites ou soffrimentos; é o grito do prazer ou da dor.

O canto dos passaros tem melodia, porém é sempre o mesmo; é uma necessidade que a estação dos amores renova em cada primavera. O homem, criando a musica, não se limitou a variar até ao infinito as modulações de sua voz, fez ainda cantar uma multidão de instrumentos, e produziu com a melodia e os acordes, effeitos proprios a commover a alma, e que os appetites phisicos não poderiam inspirar.

As mesmas observações se applicam á arte de escrever, arte talvez mais admiravel que a palavra, porque o instrumento que a intelligencia nisso emprega é uma criação que inteiramente lhe pertence. Que! dizia um selvagem a um explorador dos desertos Americanos, essas palavras e expressões tão fugitivas de meus pensamentos, poderão ainda por meio das linhas que traço repetir-se sobre a terra muito tempo depois de eu já não existir?

Taes são, com effeito, ás maravilhas da escripturação; ella nos permite conversar com aquelles que já não existem, transmittindo-nos vivos os pensamentos das gerações que nos precederam na terra. A pintura, a escultura, em uma palavra, todas as artes e todas as sciencias, provam que a intelligencia do homem dispõe á sua vontade dos órgãos, e como os conhecimentos adquiridos com esses instrumentos conservam-se propriedade d'alma, ella pôde transmittil-os de geração a geração, e delongar assim os limites do saber.

Entre os animaes, ao contrario, o aperfeiçoamento é impossivel, pois que sua intelligencia, sujeita ás necessidades do corpo, não tem por si mesma inspiração alguma, e por conseguinte não possui conhecimento algum proprio. Nesta ordem de cousas os tempos se passam sem trazer mudança alguma, porque ás gerações só se transmittem organizações semelhantes, cujas necessidades são sempre as mesmas reduzidas.

A alma dos animaes parece ligada á terra por todos os modos, por isso mesmo que só faz servir aos appetites do corpo e velar em sua conservação. Nossa alma, ao contrario, parece habitar por momentos a terra; sente que ha uma outra patria, e na appareição das gerações humanas que successivamente tem possuido a terra, todas tem nella deixado traços de sua independencia. E' notavel que a febre do poder

phenomenos temporaneos. Além disso, é uma verdade de experiencia e de senso commum, que o *eu*, que sente, pensa e obra em nós hoje, é o mesmo que sentia, pensava e obra-va em outros tempos. Por tanto, não ha irritação, nem in-

desconhecida aos outros anintaes, traballie sem cessar em nossa especie; assim, o homem nunca desenvolve mais intelligencia que na arte da destruição, e a guerra foi em todos os tempos objecto de suas mais profundas meditações. Nada diremos da diversidade de nossas vestimentas, nem de nossas casas, cuja architectura constantemente varia; porém não podemos passar inteiramente em silencio os governos e as leis, não só exclusivamente reservados á especie humana, mas que são para ella uma necessidade.

Concebe-se que entre os brutos, onde a organização determina as acções de cada individuo, não ha lugar para lei alguma convencional; porque a natureza physica é que decide de tudo; porém logo que a intelligencia é quem dirige os appetites, é preciso que leis convenientes regulem as relações dos espiritos independentes e rejam suas associações. Portanto, os brutos, como os vegetaes, só conhecem por seus reguladores as attracções organicas: no entanto entre os homens, onde o physico obedece, os governos são uma necessidade, quer sejam instituidos para a geral felicidade, quer para os fins particulares de alguns; porque, em todos os casos, a vontade que governa deve-se manifestar aos povos que rege (*).

Acabamos de expor qual é em nossa opinião a verdadeira linha de demarcação traçada entre os brutos e nós. Pouco importa que em certos individuos a intelligencia seja mais ou menos desenvolvida. Alguns factos isolados não mudam as leis da natureza que sujeitam os brutos ás necessidades de sua organização; no entanto que o homem governa a sua, e não apparece um momento sobre a terra, senão para nella reinar como senhor.

Depois, não vemos o que poderia merecer a confiança que muita gente dá ao systema dos materialistas; porque a materia ninguem conhece; e em uma palavra, sobre que ha muitos seculos se discute, e que não tem tido em resultado senão uma etiqueta ligada em physica á ignorancia das cousas.

Sentir e pensar, são as faculdades do ser espirital; ellas só existem porque este existe, e a organização não faz mais que prestar-lhe seu soccorro para pol-as em relação com o mundo material. Se a intelligencia pertencesse ao corpo: como separaria sens productos do tempo e das circumstancias em que está collocado? Como viveria (porque seu viver é o sentir) em um passado que já não existe, e um futuro que ainda está por existir? Como poderiam as ficções da imaginação commover nossa sensibilidade, a ponto de arrancar-a á materialidade presente para introduzil-a em regiões que jámais existiram?

Tudo sobre a terra assignala no homem a dualidade de seu ser; os movimentos de sua physionomia disso offerecem completa prova,

(*) Swedenberg afirma que nos infernos existem governos, e isso deve ser assim, porque é um resultado da natureza da alma que não muda.

terregno do *eu*, porque se a sua identidade cessasse destruiria toda a lembrança.

E' preciso á identidade do *eu* duas salva-guardas: primeiro, *actividade* continua, sem a qual não pode-

quando pintam exteriormente sentimentos contrarios aos que interiormente os agitam; porque se sua vontade faz mentir assim as feições, é que pertence á intelligencia distincta da organização de que dispõe. Dahi vem essas mudadas perfidias, mais enganadoras que a palavra, e que seriam impossiveis se a alma não estivesse unida ao corpo por um intermediario que lhe obedece.

Que fazemos nós, na verdade, dando á nossa figura uma expressão opposta a nossos sentimentos? Separamos o estado de nosso ser moral do de nosso ser physico. Logo é evidente que elles são distinctos entre si, e que o laço que os une faz executar n'um as determinações do outro (*). Esse laço é a vida; ella só nos abre o mundo material, apresentando-nos o uso dos órgãos corporaes de que a morte nos priva mais tarde, de sorte que nossa alma não conserva depois meio algum de relação directa com a terra.

A existencia do homem neste mundo apresenta pois, para aquelle que a quer estudar, uma divisão natural: alma, vida e corpo.

Alma é um ser simples, pois que é, comparando suas sensações na unidade de seu *eu*, que adquire todos os seus conhecimentos. Quanto ao corpo e á vida, são compostos, e para estudal-os é preciso remontar aos elementos que os formam.

A vida (diz o psychologista physiologico Chardel) em si mesma não é mais que uma porção do movimento elementar, de que cada ente se ampara para della fazer o motor de seu mecanismo organico, e causa de seu calor individual.

O movimento e a materia combinam-se em todos os corpos, e o calor não é senão o primeiro modo de agitação produzida por essa mistura: assim, manifesta-se logo que os raios solares se encontram, e todas as vezes que a combustão os aparta de um composto. Já explicámos precedentemente esse phenomeno, fazendo notar que era a luz em estado de combinação, designada pelos sabios sob o nome de calorico latente, etc.

Cada ente, para compor sua vida, dá á massa uma quantidade de movimento elementar conveniente á sua natureza particular, e produz, amparando-se della, um calor que lhe é proprio, porque fórma-o modificando a substancia luminosa, que individualisa a seu modo. Não acontece o mesmo com o calor exterior; penetra os corpos sem pertencer-lhes, e sem tornar-se motor de seu trahalho interno. O movimento do calor vital põe em jogo o mecanismo das organizações, para produzir a madeira das arvores, e a carne dos animaes. Considerados a esse respeito, os seres vivos offerecem uma inumeravel variedade de fabricas, onde os raios solares modificam a materia combinando-se com

(*) A morte põe fim, no homem, a essa dualidade de ser, e a alma, restituida á sua simplicidade, não tem mais que uma physionomia, que não pôde occultar, e, nesse sentido a mentira torna-se-lhe impossivel.

ria existir; segundo, *unidade* que a faz escapar á divisão.

De sua unidade.

Ter provado que o *eu* é identico, é ter dito que elle é *um*,

ella. E' assim, com effeito, que todos os corpos desenvolvem e entretem os solidos e os liquidos de que são formados.

Cada organização renova sua vida por uma decomposição de mixtos: um carvalho, por exemplo, apropria-se de uma certa quantidade de raios solares, que entrega ao ar e á agua que o alimentam. A circulação da seiva introduz esses raios assim *vegetalisados*, até que uma parte se fixe na formação da madeira; no entanto que outra evapora os liquidos e exhala-se em uma especie de transpiração de que a arvore é rodeada.

O mesmo succede com o homem: decompomos o ar, respirando-o, e o queimamos para nos ampararmos dos raios solares que elle contém, e que a combustão aparta; elles se misturam e circulam com o sangue, que os derrama no systema da nutrição dos órgãos; de sorte que cada fibra recebe a acção particular á que sua natureza a torna propria. Uma parte do movimento assim *animalizado*, fixa-se nos diversos productos que o corpo humano fabrica, no entanto que outra se escapa, rodeando-nos de uma atmospherá de vapores.

Cada organização ampara-se de uma quantidade de movimento sempre igual; ella não pôde, na decomposição dos mixtos, separar nem mais nem menos; porque a esse respeito seu poder é determinado pela natureza: assim, o calor vital dos individuos é susceptivel de poucas variações: elle tem no homem uma actividade avaliada em 30 a 32 grãos.

Se o calor exterior está em harmonia com a acção da vida, favorece o jogo dos órgãos, porém quando é mais forte, de que é resistente sua agregação, torna-se destruitiva, e o individuo morre. A morte tambem apparece quando o frio é excessivo; porque trasfega o calor vital, á medida que se fórma, e acaba por fazer parar o movimento organico que o reproduz.

Nós já dissemos que se podia considerar os entes organizados com tantas outras fabricas, cuja vida põe o mecanismo em jogo, e a esse respeito, a vida não é mais que a causa do movimento e do calor individual: ella forma-se pelos raios solares, quando ainda se circulam com os liquidos que evaporizam; porque logo que entram na formação da madeira das arvores ou da carne dos animaes, param, o calor cessa, e não são mais vida. Assim traz a morte o resfriamento dos corpos, qualquer que seja a quantidade de raios luminosos que a sonegar em estado de combinação, e que a combustão pôde tirar.

A vida, propriamente dita, é pois no homem, esta porção do movimento elementar animalizado na respiração, e que circula depois levada pelo sangue. E' notavel os livros hebreos collocarem do mesmo modo a vida no sangue dos animaes.

A organização humana, como todas as machinas imaginaveis, acha fóra de si: mesma a causa de sua actividade interna; somente ella se lhe apropria individualizando o movimento que sua respiração dá ao ar; no entanto que o mecanismo das machinas inanimadas é posto em

ou em outros termos, que em nós não ha muitos *eus*, que nossa pessoalidade não se compõe de dous ou de mais seres; que nossa sensibilidade só revelando um *unico principio*, uma unica substancia, não só fica sempre o mesmo,

jogo por um motor que as impelle, sem nunca identificar-se com ellas.

A simplicidade destas explicações contrasta com a embaraçada definição que os physiologistas dão da vida; conforme elles, ella compõe-se da reunião do jogo das funcções organicas: extranha confusão dos efeitos e das causas que nos mostra os impulsos em vez do movimento que as produz. Não se chega a taes desacertos senão pela ajuda de peníveis esforços; porém é preciso renunciar ás explicações, ou apresentar os resultados como causas quando a sciencia pára no exame do mecanismo do phenomeno. Assim é que se tem chegado a excluir a alma dos systemas physiologicos. Parece que certa gente leva ao estudo a triste convicção de que o materialismo é a sua historia, no entanto que o espiritalismo não é mais que uma fabula.

Algumas pessoas confundem ainda o impulso vital com a acção espirital, e suppoem que devemos o movimento das funcções organicas á presença da alma; porém no somno, onde a vontade abandona o corpo a si mesmo, cada qual se póde convencer de que o jogo do mecanismo interior continúa: além disso os vegetaes o possuem tanto como nós, e é evidente que a acção espirital é-lhes estranha.

Até aqui a physica não offerencia base alguma em que a physiologia se podesse firmar, e os trabalhos desta se limitavam ao exame da forma e do jogo dos órgãos; ignorava o que era a vida em si mesma, e comtudo pretendia explicar as relações da alma com o corpo, como se fosse possível dar a razão disso sem conhecer a natureza e o laço que os unia.

Emquanto os sabios recusarem remontar aos elementos, a fonte da vida não será melhor conhecida em medicina do que é a do movimento em physica, e muitas vezes a arte de curar ficará reduzida a um verdadeiro empyrismo.

Sobre a terra, para nossa alma, a vida é um intermediario obrigado; ella só põe os objectos terrestres em relação com as faculdades espirituaes, e sem ella, por uma inevitavel reciprocidade, a vontade não teria poder algum sobre os órgãos. A excitação dos apparatus nervosos não é mais que uma occasião de sentir, e não uma sensação, e a impressão que o órgão recebeu não faz senão provocar na alma uma emoção espirital chamada sensação.

A vida, propriamente dita, limita-se a produzir o movimento necessario a pôr o mecanismo das organisações em jogo, o que não bastaria para reparar as perdas que ellas fazem; porém ellas encontram nos alimentos que consomem, uma substancia que a ellas se assemelha pelo trabalho da vegetação de umas, e da digestão das outras. Os vegetaes possuem na terra o ar e agua, nutrição de que têm necessidade: utanjares tão simples não convem aos animaes; é que aquelles que elles comem, tinham pelo menos recebido uma preparação na organisação vegetal.

O homem engole os alimentos destinados á sua subsistencia depois

porém que é simples e indivisível em suas sensações, em seus pensamentos, e seus actos. Esta verdade não é só proclamada pela consciencia; a razão mesmo nos demonstra que o exercício de nossas faculdades seria impossivel em

de tel-os humedecido na bocca e mastigado com os dentes: o estomago recebe-os em seguida, elabora-os para formar delles o chylo; esse trabalho continúa nos intestinos finos, e diminuc-se progressivamente, aproximando-se das ultimas vias.

O chylo é levado por diversos canaes até os vasos pulmonares, onde a significação se acaba no apparelho respiratorio e toma outro nome; o sangue circula depois saturado pelo movimento que deo a respiração: nutre os órgãos, e é assim que intretem a vitalidade geral do corpo. O coração lhe deve uma excitabilidade particular que o faz contrahir-se todas as vezes que se dilatando recebe dos vasos pulmonares nova porção de sangue; disso resulta uma alternativa de dilatação e contracção, que só se acaba com a morte, e que em medicina chama-se *systole* e *diastole*.

O coração é o principal órgão da circulação sanguinea: duas especies de vasos nelle concorrem, as arterias e as veias; umas recebem o sangue que o coração lhes envia, e o repartem por todas as partes; as outras o trazem ao coração. Nesse movimento continuo o sangue, percorrendo os diversos órgãos, dá-lhes vida e nutrição; volta enegrecido e usado, porém a respiração torna a dar-lhe sua côr vermelha, enriquecendo-o de nova quantidade de raios solares.

Os alimentos que tomamos servem de nutrir-nos materialmente. Nossas perdas a esse respeito fazem-se mui lentamente, e do mesmo modo se reparam. Não acontece o mesmo com a vida, propriamente fallando: escapa-se com os vapores que exhalamos, e o movimento organico a consome rapidamente; somos em consequencia, obrigados a dar constantemente ao ar que decomponmos, nova porção de movimento, para individualisal-o em proveito nosso.

Assim, o trabalho da respiração não pôde estar muito tempo suspenso sem causar a morte, e somos forçados a acceleral-o em razão da quantidade de vida que despendemos.

A combustão do ar que respiramos, acha-se em certas mo'estias, diminuida, ou momentaneamente suspensa, e a formação da vida e do calor sofre as mesmas alterações. Tal é a causa do frio que certos doentes experimentam, ou continuamente, ou por intervallos. Fazei um febricitante soprar com um canudo n'uma lamina vegetal azul, a côr se conservará pouco mais ou menos no mesmo estado; no entanto que seu sopro no periodo do calor fal-a passar á violeta. Esse phenomeno provem da grande quantidade de acido carbonico que separa então a rapidez da combustão do ar no peito.

Esta experiência é bem simples; porém julgamos que pôde esclarecer a medicina, e pedimos aos doutores que a tomem em consideração. As modificações que o principio vital recebe, varia muitas vezes a natureza que delle se ampara. Comtudo, a vida tem grande analogia entre todos os animaes de sangue quente; a dos passaros é geralmente mais activa.

uma causa multiple. Com effeito, supponde muitos *eus*, ou um *eu*, composto de partes, onde collocariamos nós a sensação, a idéa ou a vontade? A vontade, por exemplo, residiria completa em cada parte do *eu*? Teriamos então muitas vontades, e nós não supponmos uma determinação senão em acção. Será ella parcial em uma parte do *eu*, e em outra? Então só teremos fragmentos de vontade, o que é um absurdo.

O mesmo raciocinio applica-se á sensação e á idéa. Donde se segue que o *eu* é um e indivisivel em suas funcções, em seus pensamentos e em seus actos; que em nós não ha dous seres que sintam, um o bem, e outro o mal que succede; mas sim que em um só ser se concentram nossos prazeres e nossos desgostos, que todos os desenvolvimentos, todas as acções de nossa vontade se derivam de uma unica impulsão, e que finalmente todas as nossas sensações são idéas e producto de um mesmo poder, exercitando-se de muitas maneiras.

Da distensão d'alma e do corpo (1).

Nós não reconhecemos os seres senão por suas proprie-

(1) DAS COMMUNICAÇÕES DO HOMEM TERRESTRE COM O MUNDO ESPIRITUAL.

Tudo que no homem terrestre, diz Chardel, não é puramente organico, tem seu principio no homem de espirito, e delle não é mais que uma traducção physica. As affecções, diz Swedenborg, pintam-se na figura; a palavra exprime o pensamento, e as acções manifestam a vontade. Comtudo, a alma impressionada na vida, esquece sua propria natureza, e só vê realidade nas novas relações que deve aos órgãos do corpo.

Todas as sciencias se fixam nesse circulo; mas depois da morte, a alma só percebe o mundo espirital: a fortuna e a saude, incessantes objectos dos cuidados da vida, deixam de occupal-a.

Outros interesses a sollicitam por sua actualidade, e a terra torna-se-lhe estranha.

Só percebemos aqui em baixo as relações materiaes, porque vivemos na vida do corpo. Mas tudo muda no outro mundo. Nossas almas sentem-se então immediatamente affectadas por novos objectos, e nossos pensamentos tomam outra direcção.

O anjo, diz Swedenborg, pensa conforme os objectos espirituaes, e o homem conforme os objectos materiaes: assim, as approximações individuaes são raras, ainda que entre os dous mundos as communica-

dades: se dous seres e mais se manifestam com propriedades differentes, somos forçados a reconhecer que são distintos entre si. Ora, alma é só uma, simples, indivisivel e activa; a materia, ao contrario, é extensa, composta, divisivel

ções sejam incessantes e tão naturaes, que se confundam com a sensação da vida, e fiquem inapercebidas.

O sol, espirital luz para todas as almas encarnadas e não encarnadas, espalha sobre ellas o elemento da sensibilidade, e vê-se que ellas delles se appropriam em um trabalho que se faz pelo occipital. Por ahí é que nos chegam, as influencias do outro mundo (*), e pôde-se facilmente reconhecer, logo depois da invasão do somno, que a vontade do homem que dorme, retira-se para essa parte da cabeça.

Swbenborg assegura que a acção divina opéra por essa via sobre o homem espirito.

A influencia do mundo espirital não chega, no estado normal, a impressionar directamente o cerebro; pára no plexos, e disso resultam emoções mais ou menos sentidas. Todavia, pôde, quando dormimos, produzir sensações fantasticas misturadas de lembranças (**).

Assim pôdem pessoas chegar á idade madura, sem terem sido commovidas e preoccupadas por sonhos. Poderiamos citar uma multidão de exemplos, porque os phenomenos desse genero não são raros (***) .

Algumas vezes, em estado de vigília, a influencia dos espiritos sobre o homem terrestre manifesta-se por palavras pronunciadas na vida daquelles a quem ellas se dirigem; obram então directamente sobre o cerebro como as dos sonhos. « Ouvimos dentro de nós, diz Swedenborg, as palavras dos anjos, e fóra as dos homens.» Esta revelação é notavel, porque, na verdade, parece que as palavras dos seres espirituaes, que não tem acção sobre o ar, não podem ser ouvidas pelo homem, senão reagidas pela vida no cerebro. Então aquelle aquem ellas se dirigem é o unico que as ouve; o mesmo succede com todas as communicações com os espiritos, que se fazem sempre por intermedio da vida espiritalisada.

Lê-se na Biblia (Daniel, Cap. 9): « Eu, Daniel, vi só esta visão, e os que estavam comigo não a viram.» Todas as reacções da alma sobre a organização executam do mesmo modo pela via interior. Por essa razão é que o homem adormecido ouve só as palavras de seus sonhos.

As communicações ordinarias entre os dous mundos, são continuas e communs a todos os homens; ellas se confundem com as sensações

(*) As encarnações seguem o mesmo rumo.

(**) Vide o artigo Somno e Sonhos.

(***) Conduzimos um doente ás aguas de Nevis, diz Chardel, e elle morreo subitamente; na noite seguinte elle appareceu em sonhos á sua irmã, duzentas leguas d'ahi. — Minha irmã, disse elle, acabo de morrer. — Que terrivel desgraça! exclamou ella. — Não é uma desgraça, respondeo elle, porque eu estou melhor do que estava aqui na terra. (Vêde a ultima nota ao sonho . Ouvimos nos sonhos tão realmente, como acordados; porque ouvir é uma faculdade da alma, que manifesta seu poder de perceber os sons, qualquer que seja a causa que os produz.

e inerte; attributos oppostos que se combatem. Logo, a alma é distincta da materia.

Bem que distincta da materia, a alma lhe está intimamente unida na pessoa humana. Qual é o segredo de uma

da vida, e como nós já dissemos, deram nascimento á fabula do Bom e Mão Genio. Cada qual pôde seguir-lhe os traços em si mesmo, e o observador reconhecerá com que obstinação certas idéas nos perseguem, apezar nosso. Nada é mais difficil ás vezes do que fixar sons em um circulo determinado. Esta difficuldade pôde ser em caso de molestia invencivel: assignala as alienações mentaes, onde, como observa o Sr. Esquirol, os doentes não são mais livres de fixar sua attenção; parecem, ao contrario, sobre tudo nas lipemancias, abdicar a uma influencia estranha, que procura afastar delles os mais devotados corações, e impellil-os á sua destruição. Os Evangelhos fallam em vinte lugares de possessões, e não obstante o materialismo da philosophia moderna, devc reconhecer que as lipemancias offerecem phenomenos analogos (*).

Além disso, parece que a influencia do mundo espirital pôde, por resultado de accidentes, passar ao estado de communicação directa, e manifestar-se então claramente.

A seguinte anecdota disso offerece um exemplo:

Em 1815, o conde L... voltando do campo, foi sorprendido por uma tempestade. O raio derrubou seu cabriolet, e o acharam na estrada privado dos sentidos. Transportaram-o para um castello vizinho, onde foi magnetizado. Não entrou no estado lucido; porém chamado á vida, aclin-se em relação com duas sociedades de espiritos que elle só ouvia, ainda que lhe fallassem no tom da conversação ordinaria.

O conde de L... podia ter então vinte e dous annos. Era militar, e servia na guarda. Um dia, uma das vozes de que se trata, denunciou-lhe uma conspiração contra o governo. Indicou o lugar das reuniões, o nome dos conspiradores, seu plano de operação, etc. Sahia já para ir fazer sua declaração, quando outra voz o deteve, reprehendendo-lhe sua incredulidade. « Não esqueçais, disse-lhe esta, que Deos vos do a razão, e esse é o archote com que deveis, antes de tudo, esclarecer vossos passos.» O aviso pareceo-lhe prudente. Tomou informações, e certificou-se de que a pretendida conspiração nada tinha de real. Dir-se-ha sem duvida, que o conde de L..., que nos referio esta anecdota, estava louco, não nos surprenderia que elle assim se tornasse: porém os phenomenos que nelle se manifestaram não são menos curiosos.

Ordinariamente, diz Swedenborg, os espiritos que conversam com o homem, servem-se, sem disso perceberem-se, do idioma deste, porque revstem os pensamentos das palavras que encontram na memoria. Comtudo, o profeta sueco assegura, que todas as almas fallam a

(*) Buffon notou que a loucura só se declara depois da puberdade, e já fizemos notar precedentemente, que os espiritos que procuram encarnar-se, seguem a luz da vida dos homens terrestres. Os magnetizadores podem ser considerados como possuindo até certo ponto seus somnambulos; mas é preciso, para produzir taes phenomenos que um caso pathologico lhes prometta desenvolver-se, o que tem feito confundil-os com os doentes ordinarios.

tal união? Como seres tão dissemelhantes têm a faculdade de reagir um sobre o outro? O desejo de penetrar este mysterio tem excitado muito os philosophos, e dado nascimento a muitos systemas. Quatro, principalmente, são os

mesma linguagem, e que é para ellas isso uma faculdade natural como a de pensar, que só fazem traduzir em palavras. Muitos phenomenos de lucidez, que recentemente se tem observado na Allemanhia, parecem confirmar esta revelação (*).

Acabamos de indicar por que via os espiritos communicam com osco, e disso resulta, que tanto no somno como na vigilia; nunca suas aparições *projectaram sombra*, porque só são presentes nas impressões que o cerebro recebe, e não há existencia alguma que possa pôr obstaculos aos raios luminosos. Não entra em nosso projecto assignalar todos os perigos que acompanham essas communicações (**).

Dá-se como prova das falsidades das aparições, o ellas diminuirem com os progressos das luzes, e que o maior não justificaria uma derogação ás leis da natureza. Concordamos que a credulidade e a ignorancia têm misturado muito erro á verdade; porém esta razão não basta para fazer rejeitar sem exame uma fé commum a todos os povos, e que parece fundada no sentimento da immortalidade da alma. As leis da natureza não são, além disso, bastante conhecidas, para que se possa dellas bem determinar os limites, e as aparições não as exceedem, se seguem a via por nós indicada; o corpo não é mais que um instrumento, do qual a vida nos empresta o uso, e é por seu intermedio que os espiritos communicam com osco. Logo, não é surprehendente que elles possam fazer parar nossos movimentos, assim como um magnetizador pôde ás vezes réter os de um somnambulo lucido.

Um de nossos amigos, de mais de 60 annos de idade, a quem a philosophia de Duputs (autor da *Origem dos cultos*) dispunha pouco á credulidade, era atormentado ha muito tempo por um ruido estranho, logo que se mettia no leito e apagava a vela. Levantava-se, chamava os criados, procurava por toda a parte, e nada encontrava. Uma noite, a essa bulha, juntou-se a *sensação* de lhe pnxarem a coberta; elle levantou-se precipitadamente, e achou-se diante de um desconhecido, vestido

(*) A visionaria de Prevost, communicando com os espiritos, ouvia-se exprimir-se em uma linguagem desconhecida, que ella comprehendia naturalmente e traduzia para os assistentes no idioma do paiz.

(**) Em 1789, as reuniões de illuminados eram numerosas em Paris. A duqueza de Crequy conta a seu respeito uma anedota, que se encontra em muitas Memorias desse tempo; trata-se da cruz dos Balmites, scena passada nos Elysios Bourbon. O conde Caylu introduzio á meia noite nesse lugar, pela pequena porta do jardim, a duqueza de Gevres: os proprietarios estavam ausentes, porém ella conhecia perfeitamente os lugares, e o que ahí a aterrorisou a ponto que fugio, saltando por uma janella que dava para a estrada. No outro dia, o conde de Caylu, que era responsavel pela duqueza, foi encontrado morto em seu leito sem lesão alguma. Contam-se muitas historias como esta, terminadas do mesmo modo, e julgamos que nesse caso, a morte pôde resultar de um abalo impressionado assás energeticamente na vida espiritalisada, para desligal-a do cerebro.

mais celebres: as *causas occasionaes*, de *Descartes* e *Mallebranche*; a *harmonia preestabelecida*, de *Leibnitz*; o *inflexo physico*, de *Euler*; finalmente o *mediador plastico*, de *Cudworth*.

á romana, cujo olhar severo se fitára nelle. A figura desse homem esclareceu-se com uma luz particular, semelhante á que se filtra através do alabastro.

Nosso amigo quiz gritar e lançar-se fóra do leito; mas nem sua lingua, e nem seus membros obedeceram á sua vontade. Conservou-se mudo e immovel, e teve muito tempo de se assegurar de sua importancia, porque a apparição silenciosa que o fascinara durou mais de meia hora; enfim desapareceu sem deixar traço algum. Logo depois o movimento tornou, chamou, saltou fóra do leito, procurou por toda a parte, porém as indagações foram tão minuciosas, quanto inúteis.

No dia seguinte, nosso amigo estava na maior emoção; esta visão o tinha prostrado; contava todos os detalhes della, como quem tinha cuidadosamente observado os mesmos; e entretanto acabou por attribuil-os á sua imaginação, ainda que ninguem fosse menos disposto do que elle á formar illusões. Perguntar-se-lia talvez: Que quer dizer essa apparição? Ignoramos; porém parece-nos que se espera dos espiritos em suas relações comnosco uma serie de consequencias que a vida das almas na terra justifica bem mal, porque muita gente ficaria embaraçada para dar a razão de todos os seus actos.

Parece que depois da morte, a alma conserva por algum tempo as idéas religiosas que tinha na terra. E' notavel que nas apparições que acabamos de referir, nenhum dos assistentes ouviu e nem visse nada. Nosso pai, continúa Chardel, possuía na Bretanha o lugar que dantes tinha sido abbadia de Lentenac; uma herdade lhe era dependente; era lavrada por um antigo militar chamado João Sanson; morreo, e algum tempo depois appareceu a um cultivador que entrava na herdade de madrugada. Fallai-lhe, disse-lhe a viuva. Não tenho animo, respondeo este; tenho muito medo. Elle ainda traz a veste azul, que vós me destes, e que tenho vestida (*). O defunto pedio que se fizesse á Santa Anna d'Auray uma romaria que elle tinha promettido, o que foi executado gratuitamente. Soubemos esses detalhes de sua viuva, hoje fallecida.

Ha uma dezena de annos que morreo Cartel, rendeira, na villa de Belin, perto de Lentenal. Pouco tempo depois uma rapariga sua criada, vio-a de manhã indo mugir as vaccas; lançou um grito e quiz fugir, porém o filho da defunta acodio, e retendo-a, ordenou-lhe que perguntasse á sua mãe o que queria. Tratava-se ainda de uma romaria á Santa Anna d'Auray, que foi executada gratuitamente.

Durante as perturbações que agitaram a Bretanha, morreo na villa de Gareune, perto de la Chese, um tecelão chamado João Goujon. Era viuvo, sem filhos, e deixava sua choupana abandonada e deserta. Uma rapariga de 19 annos, voltando do campo, ia entrar na herdade vizi-

(*) A viuva tinha dado a veste de seu marido ao rapaz lavrador, a quem elle appareceo.

Primeiro. As causas occasionaes. Conforme esse systema, o corpo não pôde obrar realmente sobre a alma, nem a alma sobre o corpo; mas por uma lei continuamente interdicta, DEOS faz nascer os pensamentos da alma a pós dos movi-

nha, quando recuou lançando gritos, porque via, dizia ella, João Goujou, que olhava para ella, deitado atravessado na soleira da porta. Elle pediu que se dissessem niissas por sua intenção, e indicou para esse uso dinheiro que elle havia occultado n'um canto de sua chaminé, atrás de uma pedra que se destacava do muro. Nós quizemos na nossa volta ao paiz tomar informações, porém a moça e o cura eram fallcidos.

Todas essas appareções de espiritos foram invisiveis para os assistentes: deve-se crer outro tanto das que appareceram á celebre Joanna d'Arc, cuja sublime simplicidade devia inspirar respeito e admiração, e que entretanto, na França, onde o engenho nada respeita, tornou-se heroína de um poema licencioso.

Perguntar-se-nos-ia a razão de serem estas historias communs nos campos, e raras nas cidades; é isto talvez porque ellas exigem, como no estado lucido, uma predisposição naquelles que os recebem, e a que se oppõe a incredulidade, e que álem disso, a agitação que traz entre nós o movimento da civilização, é-lhe um obstaculo. A seguinte anecdota passou-se em Paris.

Para o outono de 1832, um dos nossos amigos, estudante de medicina, occupava um quarto no quarto andar, em uma velha casa da rua de la Harpe n. 30. A cidade fazia então fabricar covas no terreno do antigo convento das Cordilheiras. Encontravam-se ahi tumulos de tijolos encerrando cada um, um esqueleto mais cu menos bem conservado. O nosso joven seguiu a operação, e depois de ter dado algum dinheiro aos operarios, trouxe para casa uma quantidade de ossos, que dispôz em parte como uma especie de ornato nas paredes do seu quarto.

Dous dias depois, brincando com um de seus amigos que veio vê-lo, só o deixou muito tarde. Desceo para conduzi-lo, e quando subito, sentio, tomado de um movimento de terror, e para dissipal-o fumeu e aspirou algumas gotas de aguardente; pouco depois deitou-se, e adormeceu profundamente. Fui acordado, nos disse elle, por uma dor no peito; eu estava com o rosto voltado para a janella. Ouvi um ruido confuso de palavras e gemidos, e vi ao clarão da lua que penetrava no meu quarto, desenhar duas fileiras de homens vestidos com roupas de um branco pardo. Seus rostos luziam como se fossem de prata; seus olhos fixos sobre mim, eram calmos e sinistros; olhavam por momentos lamentavelmente. Julguei-me entregue a um pezadelo espantoso; mas eu estava bem acordado, porque ouvi um carro passar na rua, e o relógio de S. Severiano dar horas. A appareção tinha tomado consistencia. Eu distinguia todos os detalhes. Quiz saltar do leito, porém uma mão que me apertava o pulso, reteve-me nelle. Levantei a cabeça, e vi perto de mim um homem de alta estatura; tinha namão esquerda um livro; sua figura pallida era cheia de dignidade. Em vão

M^{me} Anna J. Sr
L. V. Ec. Sr. D. Melo Moraes

Participo a V. Ex^{ca} que to-
mei terça-feira o remedi,
o curimento amaterio de um
grande porcão que tinha
dezaparecer e agora em tão
tinho duito do misturado
com sangue e as vezes seu
quer vivo jorem isto em
pizena quantidade te-
nho deves em quando uma
do sobre o pente, as ori-
nas são claras e made
disto tem novo cheiro
como tinho.

L. V. Ec. M^{to} Obij

Maria Barbara F. Araujo

mentos do corpo, e os movimentos do corpo após dos pensamentos da alma; de tal sorte, que as modificações de um e de outro são occasiões *de exercicios*. Esta hypothese, contraria á testemunha da consciencia, prejudica a liberdade

tentei fallar; minhas idéas se confundiam n'um sentimento de raiva, de desesperação e de terror. Ouvi durante muito tempo esses homens fallarem-se em voz baixa. Affrouxaram-me o braço, e me dirigiram um discurso, em que só distingui estas palavras: *curiosidade, infamia, clemencia, sacrilegio, mocidade...* Sentí-me livre; saltei fóra do leito, abri minha janella. Tinha muita vontade de precipitar-me na rua. Com tudo a frescura da noite chamou-me á vida real. Voltei os olhos para o meu leito, vi-me deitado; o abbade segurava-me sempre o braço, e eu julgava que me fallava pelo movimento de seus labios. As duas fileiras de monges estavam em seu lugar, e nesse momento meu terror se dissipou. Fiquei pelo menos uma hora a considerar esta scena estranha. Ouvi dar quatro horas, e o dia começava a despontar. Tornei para o meu leito. O abbade tomou-me o pulso e apertou-o com uma sorte de benevolencia. Sua mão tornava-se mais fria, á medida que o crepusculo augmentava. Vi então como uma massa confusa de homens que se agitavam aos raios da lua; ouvi abrirem-se portas e fecharem-se, depois um véo estendeo-se sobre meus olhos, e eu adormeci profundamente.

De manhã, ao acordar, experimentava ainda una viva dor no pulso, e a janella estava aberta como eu a tinha deixado. Parecia-me que acabava de escapar a um grande perigo.

Vê-se que as precedentes aparições passaram-se todas no cerebro d'aquelles que as viram, e que não tiveram existencia alguma exterior; e não poderia ser de outro modo se, como temos explicado, essas communicacões se fazem por meio da vida. Alguns magnetisadores tem acreditado que os espiritos podiam obrar immediatamente sobre a materia; porém os factos por elles citados são raros, e o enthusiasmo muitas vezes faz delirar. Diremos mesmo que a faculdade de ver não sahe do seu lugar nos somnambulos lucidos, porque pôde-se affirmar que seus alhos estão em *convulsão* para receber as imagens que a luz da vida lhes conduz detrás para diante (*); e se nesta visão, completamente activa, os olhos do somnambulo não se *convulsam*, é uma presumpção que procura em sua imaginação o phantasma dos objectos que elle mesmo ahi traça.

O conhecimento da vida parece-nos quasi o unico archote que possa esclarecer o estudo dos phenomenos da psychologia.....
.....
.....

(*) A alma no trabalho dos pensamentos, projecta a vida de trás para diante. A acção parte da base do craneo, e vae executar movimentos horizontaes nos lobulos anteriores do cerebro. Faremos além disso observar que em todas as aparições os espiritos se mostram com olhos como nós.

do homem, e faz a causa primaria representar um papel pouco digno della.

Segundo. A *harmonia preestabelecida*. Neste systema, a dependencia apparente das duas substancias não é mais que uma illusão: DEOS, conhecendo todos os corpos e todas as almas possiveis, as teria provido desde o instante do nascimento, conforme suas respectivas conveniencias. Nesse caso a alma e o corpo de cada um de nós se assemelharia a dous relogios, perfeitamente regulares, que marcam sempre a mesma hora, ainda que movidos por differentes molas.

Sem que essas substancias obrassem umas sobre as outras, mais do que as dos relogios, a serie das determinações da alma corresponderia exactamente, e pela força das cousas, á serie dos movimentos do corpo : porém o que seria então da liberdade?

Terceiro. O *inflexo physico*. O philosopho inglez Codworth, chama desse modo um agente intermediario de sua invenção, que participando ao mesmo tempo da natureza do corpo e da alma, poderia sem difficuldade obrar sobre uma e sobre outra; isto é, complicar a difficuldade, em vez de a esclarecer, para isso esse mediador teria necessidade de outro mediador; por tanto, a união das duas substancias, n'elle, não é mais concebivel do que era no homem.

A todas estas hypotheses substabeleceremos uma doutrina mais prudente e mais razoavel, aquella que reconhecendo ter a alma e o corpo uma influencia reciproca, revelada pelo sentimento, confessa que o mysterio dessa influencia lhe escapa. « O homem, diz Pascal, é para si mesmo o mais prodigioso objecto da natureza, porque elle não pôde conceber o que é o corpo, e menos ainda o que é o espirito; e menos que cousa alguma, como pôde o corpo estar unido ao espirito, e é entretanto seu proprio ser.»

Phenomenos anormaes do systema nervoso nos extaticos e sensivcis.

DO EXTASE.

No estado habitual da existencia, escreve Guepin, o homem põe-se em relação com os objectos exteriores por interme-

Antonio Tertuliano dos Santos, commissario de café, contava que, na
noite em que assassinaram a Filippa Neri de Carvalho, estando
elle a escrever, elle cahira sobre o papel uma porção de
aria, não sabendo elle de onde provinha por mais que se preparasse.
De manhã soube que o seu amigo tinha sido morto, attribuiu
como um signal, a aria que elle cahira sobre o papel.

Antonio Neri era escravo, e se chamava Camillo com 30 annos,
na. O assassinato era julgado e elle tinha um amigo -
Foi implicado no caso de Antonio em 1843 - Elle
reclamou um advogado para se defender -
O assassinato foi julgado em 1843 e o veredicto foi
de culpado e a pena de morte - 1843 - findo o caso

O! meu Deus meu bom Senhor
Vos por de coração que hoje

19

Oh meu Deus oh minha

3

sem mão lá mão porque o moço e bom ~~na mão~~
mão e mão

3

4 15

7

ção dos sentidos que lhe conhecemos. Então existe um poder reflexivo e uma contractibilidade, que a nossa sciencia moderna cada dia analysa com mais perfeição; então tambem a sensibilidade se mostra em todas as partes do nosso ser, sob as diversas fórmãs que pertencem á cada uma dellas. Mas pôde acontecer que a contractibilidade, o poder, e a sensibilidade mesmo, desapareçam, o que produz o estado de catalepsia. Nesse caso, o órgão da nossa intelligencia, o cerebro, privado de seus meios naturaes, pôde crear novos phenomenos. Assim é que todos os sentidos podem ser transportados ao epigastrio, factos curiosos assignalado pelo Sr. Petetin, que oobservou nos catalepticos do Lyon, e que as academias desprezavam depois por um grande numero de circumstancias, abandonando assim uma das mais importantes e difficeis questões da sciencia, ás soluções e ás experiencias dos ignorantes, dos empyricos e dos charlatães.

Este estado particular, que pôde continuar com a catalepsia, mas que nem sêmpre tem lugar; este estado, no qual, além da ausencia da contractibilidade muscular, e principalmente de sensibilidade, pôde haver uma deslocação dos sentidos, e todos os phenomenos extraordinariamente curiosos que naturalmente procedem de uma tão profunda modificação de nosso ser, tem o nome de *extase*; porém é muito raro que se apresente sempre nas mesmas circumstancias e sob as mesmas influencias. E depois disso até hoje não se estudou sufficientemente os phenomenos que o extase pôde produzir, para separar os factos positivos dos contos mentirosos e das narrações maravilhosas de que a credulidade popular e o charlatanismo os rodeam muitas vezes em detrimento da sciencia.

O extase, continúa Guepin, esse estado de que acabamos de mostrar as principaes condições, porém que será bem difficil definir, é uma maneira de existir que até agora não tem sido estudada nos animaes. Entretanto está bem provado que os domadores de tigres e leões exercem uma acção magnetica nas feras que querem domar.

O extase, sobre tudo, é um phenomeno de ordem cerebro-intellectual ou cerebro-moral; pertence especialmente ao genero humano. Seria mesmo curioso indagar se os phenomenos que se derivam delle, podem existir nos Australianos e nos Hottentotes, o que é pouco provavel.

Se se considera que nesta situação anormal, as faculdades religiosas, sociaes e artisticas ou poeticas, representam muitas vezes um grande papel, por não dizer o principal, concebe-se que ella só se apresenta habitualmente nos homens, cuja raça ha sido aperfeiçoada por uma longa educação; todavia, não está absolutamente provado que o futuro não nos revele a esse respeito as mais preciosas descobertas. Os antigos pretendiam mostrar que Pithagoras tinha achado ou aprendido em suas viagens o meio de conversar com os animaes. Sem aceitar esta maneira de estabelecer a questão, cremos que algum dia os phenomenos do extase poderão abaixar-se indirectamente até sua natureza.

Conhecido no mundo desde mui remota antiguidade, cultivado muito tempo nos templos como sciencia secreta, praticado na India pelos discipulos de Brahma, sob o nome de enlevos para com DEOS, como complementos dos estudos e dos exercicios da religião, o extase se manifestou depois em todos os povos, imprimindo em seus costumes, em seu character, em seus habitos, em seu genio especial as fórmulas pelas quaes elle se produz. Elle foi que creou os feiticeiros, os possuidos do demonio, os lycantrophos, os magnetisadores, e certos phenomenos religiosos que ulteriormente teremos occasião de descrever e apreciar. Extremamente raro em nossos dias entre os catholicos, deve sobre tudo aos Swedemborgistas, essas curiosas manifestações que desde vinte annos deveriam ter fixado mais a attenção dos medicos, dos philosophos e de todos os homens que se occupam de physiologia humana e social.

Desde então vieram as mesas volantes e os sensiveis de Reichenbach. Basta dizer que a sciencia dos phenomenos extaticos não existe ainda senão no estado poetico ou metaphysico; que ainda não colligio esses numerosos factos, estabelecendo os principios seguros que conduzem á uma solução positiva, e por consequencia á uma theoria susceptivel de abarcar todos os phenomenos, e de explicar as verdadeiras molestias moraes.

Notemos, antes de passar adiante, que existe no homem uma tendencia para a imitação, que manifesta todas as nossas propensões, tendencia de que Gall formou um orgão separado sob o nome de *mimica*, porém mais poderoso e mais elevado, quanto a nós, do que indica a denominação que pre-

cede, e destinada pela Providencia a copiar tudo que se apresenta a nosso exame, para realisal-o conforme as necessidades de nossa existencia. Dirigida por nossas faculdades cardiacas, a imitação, como a memoria, o raciocinio e a imaginação, dá excellentes resultados, buscando pôr em equilibrio as civilisações das diversas regiões pela introduccão de factos e idéas uteis, de processos de caça, pesca, agricultura, industria, e de organização social, que podem contribuir para a felicidade das associações humanas. Desviada de seu fim, subtrahie a direcção que deve seguir, e o espirito de copia torna-se uma monomania, tem pedido attenção, designando-a com o nome de imitação contagiosa.

Uma desgraçada moça, depois de haver lido uma das detestaveis carnificinas que tantas vezes se deram como pasto ao povo, lançou pela janella, sob sua influencia, o filhinho amado. Outra, depois de haver usado do mesmo alimento intellectual, armou-se com uma faca para assassinar o menino que lhe haviam confiado, e foi muito feliz por fazer o pai da criança acreditar na revelação da enfermidade que soffria, e subtrahir-se assim a um assassinio, e ás suas consequencias. Nunca a imitação contagiosa é mais frequente e mais commum, do que sob a influencia dos phenomenos do extase, por cuja causa cria uma predisposição mui favoravel á sua multiplicidade.

O extase, logo, deveria manifestar-se muitas vezes como verdadeira epidemia, e é o que tem acontecido. O unico homem do seculo, que tratou com philosophia a questão de que nos occupamos, foi o Sr. Bertrand de Rennes, redactor do antigo *Globo*, autor de um livro sobre as revoluções da terra, e de uma obra, ex-professo, sobre o assumpto que nos occupa. Referir-nos-hemos muitas vezes a seus escriptos, para lembrar o nome de um mestre, de um amigo, e de um compatriota, que não foi apreciado como merecia seu grande valor philosophico, na época em que viveo.

DOS EXTATICOS NATURAES.

O extase, continúa Guepin, manifesta-se naturalmente menos nos catalepticos, que nos outros. Nesse caso muitas vezes a contractibilidade muscular é perfeita, só a sensibilidade não existe. No ultimo seculo, Souvages deo conta á

Academia das Sciencias de um facto dessa natureza. Eis alguns trechos de sua narração, a mais antiga das que conhecemos:

« Como a moça tinha os olhos abertos, julguei que o fingimento, se o era, não podia continuar com uma pancada applicada bruscamente no rosto; porém essa experiencia não a fez fazer a menor careta, e nem interromper o fio do discurso. Procurei um outro expediente: fui com o dedo rapidamente até o olho, e approximei tanto d'elle uma vela accesa, que lhe chegou a queimar os cilios das palpebras; mas ella nem ao menos pestanejou.

« Em segundo lugar, uma pessoa que estava escondida, soltou de repente um grande grito no ouvido dessa rapariga, e fez bulha com uma pedra que jogou na cabeceira do leito em que ella estava. Em outra occasião teria tremido de aterrorisada, então não lhe produziu effeito algum.

« Em terceiro lugar, puz em sua bocca e olhos aguardente e sal amoniaco; appliquei-lhe mesmo sobre a cornea; a principio a plumagem de uma penna, e depois a ponta do dedo, mas sem successo algum.

« O tabaco de Hespanha no nariz, as picadas de um alfinete, as contorsões nos dedos faziam sobre ella o mesmo effeito que sobre uma estatua, não deo nunca o menor signal de sentimento.»

Semelhantes factos são hoje tão numerosos, que não vale a pena de mais tratarmos delles.

Do Somno e seus phenomenos.

Vem, do silencio carinhoso filho!
Vem meus despertos olhos
Com a vara letargica tocando
Em supor deleitoso
Meus pesados desvelos adormenta!..

Em quanto hórrida turba
De spectros feios, de medonhos sustos,
De visões espantosas
Em torno do meu leito divagando
A idéa me aterravam!!

Hoje porém desceste, e a flux a taça
De teu nectar suave
Me fizeste esgotar! Entre teus braços
Jazi inteira a noite
Em branda paz, que a do sepulchro imita!

J. M. DA C. M.

E' o somno um dos máis curiosos phenomenos, escreve o psychologista physiologo Chardel, que a existencia do homem efferece sobre a terra: parece, quando profundo, separar a intelligencia da organisação, não deixando após si lembrança alguma: e ás vezes nos sonhos é o homem acompanhado de tantas illusões, de imagens tão extravagantes, e de emoções tão vivas, que nada tem de comparavel os acontecimentos reaes.

Dir-se-hia, pelas relações singulares, que certos individuos tem em seguida com o futuro, que foram-nos mandados pela influencia de um mundo superior que as sensações da vida nos occulta em quanto estamos acordados: tal é a origem de uma multidão de superstições com tanta confiança acolhidas n'outro tempo, e que em nossos dias alguns rejeitam com mais segurança que luzes.

Muitos philosophos tem pensado que o somno consiste no entorpecimento dos órgãos, e que pertence exclusivamente ao corpo, no entanto que a actividade, ao contrario, é da essencia do espirito, e continúa a manifestar-se por sonhos quando dormimos (1).

E' notavel a facilidade com que se baseam quasi sempre sobre principios que menos se conhecem; isso retarda a marcha da sciencia, pois que a fazem preceder por prejuizos que é preciso destruir depois. Se se não tivesse começado por adoptar idéas absolutas sobre a alma e a materia, a alta philosophia não estaria hoje a refazer-se. Ignoramos a via porque chegaram a convencer-se que a actividade é da essencia do espirito; mas o que sabemos por experiencia é, que se experimenta, quando acordado, intervallos de affrou-

(1) Goufroy sustentou essa doutrina em tres artigos do *Globo* (jornal) ns. 19 e 22 de maio, e 9 de junho de 1827, onde deo uma explicação do somno e dos sonhos, que Chardel refutou nessa época.

xamento, e mesmo de completo repouso. Além disso deve-se reconhecer que toda a determinação de actividade é uma interrupção relativa.

O poder de pensar pertence á alma; porém não se segue d'ahi que ella o exerça sem descanso. Raciocinar assim, é sustentar que obreiro é só aquelle que está agarrado incessantemente á obra.

Assegura-se que o somno consiste no entorpecimento dos órgãos, e que, por consequencia, pertence ao corpo cujos sentidos se adormecem, em quanto o espirito continúa a velar; mas não attendem que esse entorpecimento, attribuido ao corpo, provém unicamente da suspensão de suas communicações com a alma. Com effeito, os órgãos não têm sensibilidade por si mesmo, e não são impressionaveis; os dos sentidos podem, quando dormimos, continuar a receber impressões; porém então sua affectibilidade cessou de estar em relação com o ser espirital, de quem não recebe mais sensação.

Abri as palpebras de um homem profundamente adormecido, e reconheceréis que a imagem dos objectos ainda se representa em seus olhos; entretanto não vê, porque nelle a sensibilidade da alma não se communica mais com a affectibilidade do corpo (1). Assim é a suspensão das communicações ordinarias entre o ser espirital e o ser physico, que constitue essencialmente o somno.

De mais, se examinamos que modificação nossa existencia experimenta passando da realidade ao somno, certificamo-nos de que n'um corpo adormecido o sangue circula, a respiração se faz, a digestão se opéra, em uma palavra, o trabalho da vegetação continúa, e tudo que depende do movimento organico soffre pouca alteração. E' preciso ainda reconhecer que a circulação nervosa não pára, porque todas as impressões um pouco fortes despertam, causando sensações assás energicas, que obrigam a alma a occupar-se dellas.

Por tanto, o somno não affecta sensivelmente o mecanis-

(1) O mesmo succede ao entorpecimento causado pela compressão dos nervos: interrompe a circulação nervosa, e os membros não mostram mais sensações; porém o entorpecimento acaba muitas vezes por picadelas que não acompanha o despertar, porque a circulação nervosa continúa quando dormimos, no entanto que é suspendida pela compressão dos nervos.

mo orgânico; torna-se depois de uma vigília uma necessidade imperiosa, comtudo elle está sempre, até certo ponto, submettido ao imperio da vontade, porque podemos provocal-o, e sobre tudo suspendel-o por muito tempo. Já explicámos, fallando das funcções dos plexus, como a alma se serve de seu poder sobre a vida para conter a reacção das emoções que perturbariam seu juizo: o somno tem alguma cousa de analogo; tambem quando estamos muito occupados de um objecto, nossa vontade absorvendo a vida de que dispõe, mergulha-nos em uma especie de somno que se prolonga por muito tempo. Logo que o somno sobrevem, os olhos se fecham, as contracções musculares cessam, e o corpo se curva sob seu peso.

Taes são os primeiros symptomas que se manifestam na organização do homem que dorme, e até ao presente é pouco mais ou menos o que a esse respeito se sabe. Do mesmo modo se ignora como se fazem os trabalhos da intelligencia durante a vigília; somente se tem notado que elles têm a maior analogia com o que se passa nos sonhos. Eis o estado actual das luzes. Muito se tem escripto sobre o somno, sem nada se dizer que completamente satisfaça, porque consiste em uma mudança de relações entre o ser moral e o physico, cujo modo ainda está desconhecido: como explicar, na verdade, os differentes usos das modificações vitais que o corpo põe á disposição da alma quando se ignora o que é a vida? No somno a vontade abandona o cuidado da organização, e á medida que seu agente se retira, as contracções musculares cessam, e o corpo abate-se sob seu peso.

Pela mesma razão a necessidade do somno cede á uma vontade contraria, tanto que a vida spiritualisada conserva-se assás numerosa para se fazer obedecer; porém torna-se irresistivel quando o esgotamento desta modificação vital delle faz uma necessidade.

Tem-se comparado o somno á morte, porque elle interrompe por algum tempo as relações da organização com a sensibilidade, e ella as destroe para sempre. Mas com a morte a vida spiritualisada abandona o corpo e segue a alma que envolve; no entanto que no somno não faz mais que afastar-se do centro da affectibilidade, approximando-se do ser espirital, para evitar as sensações que o fluido nervoso traria.

Durante a vigilia, a alma, ajudada pela vida espiritualizada, apossa-se do corpo, e o dirige á sua vontade. O corpo de seu lado apossa-se da alma dando-lhe sensações, e o fluido nervoso que lhe serve para esse uso e objecto de uma circulação de que o cerebro é o principal órgão. Uma parte da vida se escapa constantemente para a alma espiritualisando-se, e lá é que as sensações se produzem na união do centro da affectibilidade com a sensibilidade: é ali tambem necessariamente que se fórma o somno; porque elle consiste na suspensão momentanea das relações do corpo com o ser espirital.

Durante a vigilia a alma aproxima-se da affectibilidade; invade a organização, e della se apossa pela acção sustentada que imprime á modificação vital que lhe obedece, e é assim que conserva a rectidão do tronco, mantendo as contracções musculares. No somno, ao contrario, a vontade abandona o corpo, a acção de seu agente cessa, e os membros se abatem á medida que a vida espiritualizada se retira. A alma retira sua sensibilidade da presença immediata das impressões cerebraes, e por isso suas relações com a affectibilidade se enfraquecem.

O somno ordinariamente é simultaneo; mas ás vezes declara-se pouco a pouco, e começa por entorpecimento que das extremidades ganha o tronco e a cabeça. As mesmas gradações podem acompanhar o despertar, porém seguem uma ordem inversa, e a cabeça já acordada permite então sentir, ainda que vagamente, a existencia dos outros membros ainda em repouso (1).

O corpo cede á sua inercia natural, logo que deixa de occupar-se delle, e a flexão geral dos membros do homem é consequencia da retirada do agente de sua vontade; mas como essa é estranha aos movimentos do mecanismo organico, elles se mantêm durante o somno, de sorte que o fluido nervoso continúa a espiritualisar-se, escapando-se do centro

(1) O somno, rigorosamente fallando, só existe na cabeça, no centro da affectibilidade, donde a alma se isola quando dormimos, e que se acha em relação mais ou menos afastada com a affectibilidade das outras partes; é isso que produz as gradações em que se acaba. Na vigilia, a alma, dispondo da vida espiritualizada, une-se intimamente á affectibilidade cerebral; no entanto que no somno, afasta-se seu agente tanto, quanto o permitem os laços da vida.

da affectibilidade cerebral; então a accumulacão que se faz, communica-nos as emoções da affectibilidade, causando-nos sensações que constroem a alma, apezar seu, a velar nas necessidades do corpo. Tal é a causa natural do despertar; e é tambem isso que se oppõe a que a alma possa produzir o somno á sua vontade, tanto que a vida espiritualizada é assás abundante para unir forçadamente sua sensibilidade ás impressões que o corpo recebe.

A noite é o tempo do descanso, e ordinariamente o primeiro somno é profundo, mas torna-se mais ligeiro á medida que as perdas da vida espiritualizada se refazem: é por essa razão que os sonhos são mais frequentes e mais continuados de manhã. As communicações imperfeitas, que se restabelecem entre a alma e o corpo, dão-nos então semi-sensações; excitam a memoria, e os esforços que a intelligencia faz sobre a affectibilidade cerebral para completar suas lembranças, acabam de traçar as imagens de sonhos. Tudo que commove nossa sensibilidade pôde reproduzir-se nessa occasião (1).

Se se trata de um lugar que nos occupa, as impressões que o cerebro dahi recebe nos apresentam então uma serie de quadros que se succedem na ordem de nossas idéas. Essa ordem é quasi sempre tal, que nada de semelhante pôde ter com a realidade; é o trabalho da memoria, e sabe-se que nossas lembranças se encadeam umas ás outras, e reúnem muitas vezes as circumstancias mais disparatadas; percorrem lugares e acontecimentos, sem se importar com o tempo e as distancias, e muitas vezes associa a imagem daquelles que já não existem com a de personagens vivas.

A vegetação animal se conserva no somno, porque é devida á uma excitação particular a cada orgão que o mecanismo vital por si mesmo reproduz. Deveria succeder o contrario com a respiração que depende principalmente da alma; comtudo ella continúa tambem quando dormimos, porque o agente da vontade que a produz nunca deixa inteiramente o peito. Sabe-se que a vida espiritualizada tem dous focos, um no cerebro e outro nos plexus; toma ahi ligações que só pôde

(1) Basta algumas vezes para fazer sonhar e mesmo fallar uma pessoa profundamente adormecida, passar-lhe uma penna nos labios, ou questional-a, apertando-lhe ligeiramente o dedo minimo.

abandonar com a morte. No somno só sua parte fluctuante é que se retira do peito, e por isso a respiração torna-se mais laboriosa.

Poder-se-hia comparar o somno ás privações momentaneas de sentimento que suspendem tambem as relações da sensibilidade com a affectibilidade. Com effeito, a syncope tem duas causas: acontece, seja pela energia do movimento da alma que interrompe subitamente suas communicações com o cerebro, seja por um espasmo organico que suspende o curso da circulação nervosa, e enfraquece sua união com a vida espiritualizada (1).

O somno é em parte voluntario e em parte forçado; porque depende da quantidade de vida espiritualizada que o corpo fornece, e da disposição que a alma della fez. Torna-se profundo quando despendemos muito. Logo que o agente da vontade não é bastante abundante, o homem experimenta em suas acções uma difficuldade de execução que o convida a se abster, e é isso que chamamos vontade de dormir.

O que quer entregar-se ao somno escolhe ordinariamente um lugar commodo, abrigado de viva claridade, e pouco accessivel ao ruido. Ahi, sua alma abdica o corpo que governa, para dar-lhe tempo a renovar a vida; e se se tratar de um somno, procurado antes que necessario, os sonhos muitas vezes começam logo. E' curioso então vê-los misturar suas illusões ás impressões da realidade ainda presente e, de alguma sorte, a affectibilidade cerebral disputar com ella. Nada semelhante a isto succede na especie de somno que precede ou termina o somnambulismo, porque é produzido por uma mudança de affectibilidade.

A precisão do somno faz-se sentir todas as vezes que o esgotamento da vida, que não se renova senão em proporção decrescente, approxima-se de seu termo. Annuncia então uma morte proxima. A campanha na Russia, no inverno, disso offerece tristes exemplos; os soldados francezes respondiam aos companheiros, que os apressavam a marchar, que um

(1) Quando a exaltação da sensibilidade moral dá á alma um mui grande poder sobre a vida espiritualizada, o impulso que ella lhe imprime pôde completamente separal-a do fluido nervoso; e é por isso que se morre de dor ou de prazer. A syncope prolongada é sempre perigosa; porque diminue o effluyio do fluido nervoso, que pôde parar e causar a morte,

somno invencível se havia apoderado delles. Essa precisão era o resultado da diminuição da vida que o frio subtrahia constantemente. A asphyxia causada pelo vapor do carvão apresenta os mesmos symptomas; porém é além disso acompanhada de embaraço no cerebro, devido á pobreza do sangue, que cessa de entreter a excitabilidade dos vasos. A alma emprega a vida espiritualizada para fazer obrar o corpo, e nossos movimentos tornam-se difficeis logo que esta diminue sensivelmente; esta diminuição convida-nos a dormir, e é por esta causa que nos velhos um somno continuo é um máo prognostico.

O nó de nossa existencia consiste na união do fluido nervoso com a vida espiritualizada; a parte fluctuante desta ultima retira-se do peito quando dormimos, e é isso que torna a respiração mais laboriosa. A morte natural offerece alguma cousa de analogo; porque a liga do agente da vontade com os plexos é a primeira a destruir-se, o que se annuncia por uma respiração de estertor mais ou menos prolongada. Finalmente, o laço se rompe, o peito se opprime, e o ar que encerra faz ouvir um longo e ultimo suspiro; a vida espiritualizada precipita-se então para o cerebro, e o abandona logo com a alma, a quem envolve com um véo luminoso.

O trabalho da memoria pinta imagens no cerebro do homem acordado, do mesmo modo que no do homem adormecido, com a differença então que acordado temos consciencia de nossos actos, no entanto que nos sonhos, a alma affastada da affectibilidade cerebral, recebe como uma obra estranha os quadros que ella mesma acaba de traçar. Um exemplo bastará para tornar o mecanismo sensível. Supponhamos que nos queremos lembrar de uma cidade por nós conhecida; nossa vontade para formar essa lembrança reagirá sobre nossa sensibilidade, renovando na affectibilidade cerebral as impressões que recebeo ao aspecto dos edificios. Veremos interiormente o que vimos exteriormente; isto é, o agente de nossa vontade reproduzirá em nosso cerebro impressões semelhantes ás que recebemos por intermedio de nossos olhos. A pintura será mais ou menos exacta, conforme for o trabalho executado. Os quadros, assim traçados formam, quando acordados, a base de nossas lembranças; mas durante o somno a illusão forma-se, e isso é os sonhos.

Cada um, quando tenta retratar na idéa os detalhes de

um lugar, póde reconhecer, examinando attentamente, que as imagens de suas recordações formam-se e completam-se umas após outras, e que só percebe bem o todo, depois de ter terminado o quadro. Essas imagens são tanto mais vivas, quanto melhor serve a affectibilidade do orgão. Algumas pessoas, e sobre tudo os meninos, veem interiormente fechando os olhos, objectos sobre os quaes sua attenção se concentra, e muitas vezes produzidos por sua imaginação.

O trabalho da memoria explica o como se fórma a illusão dos sonhos. Vemos e ouvimos no somno como acordados; nossas sensações são as mesmas, sómente chegam a nós por differentes vias. Quando velamos, o fluido nervoso transmite ao cerebro impressões recebidas exteriormente, no entanto que dormindo a intelligencia traça directamente as imagens dos sonhos no meio da vida espiritalisada.

Nossos conhecimentos não têm outra origem mais que nossas sensações, e logo que as impressões devidas á memoria tornam-se tão vivas como as que são produzidas pela presença dos objectos, a illusão fórma-se, e confundimos a obra de nossas lembranças com a realidade. A alma ouve então o som das palavras em que tem peusado, e vê as personagens do que se occupa. Tal é a causa das allucinações; ellas têm seus grãos, e ordinariamente aquelles que as experimentam, as combatem á sua nascença; porém a continuação das sensações erroneas acaba por subjugal-as, e nesse estado deploravel, a vida torna-se uma triste mistura de erros e verdades, onde a razão desvairada não se encontra mais.

O somno suspende as relações entre a alma e o corpo; é um estado onde o ser moral isola sua sensibilidade da *impressionabilidade* do ser physico (1); demonstra a união das duas naturezas que reunimos sobre a terra.

Não poderíamos, com effeito, aprazar a nosso gosto o trabalho dos pensamentos, se fosse elle producto do jogo da organização; prestando-se attenção a que o somno por muitos respeitos está submettido á vontade, que delle se póde

(1) Esse isolamento momentaneo da alma, que durante o somno se refugia na vida, apartando-se do apparelho das sensações de que se approxima depois, prova que sua existencia não depende delle, e que poderá um dia abandonal-o.

defender, livrar-se, ou expulsal-o, se ficará convencido que o poder de pensar, que por algum tempo se isola do corpo assim, não poderia ser produzido por elle.

As sensações que recebemos dormindo têm diferentes causas: nascem de movimentos interiores, ou de impressões que o corpo recebe de fóra. Se acontece, por exemplo, que uma lembrança nos recorde uma floresta, procurando examinar esse lugar selvagem, pintamos todos os detalhes que se offerecem a nossos pensamentos, e nossa imaginação poderá representar ahi os mais risonhos quadros, ou as scenas mais tragicas. Um sonho, de que o terror traça o quadro, acaba ordinariamente por abalos que despertam subitamente.

No somno, nem sempre a alma é enganada completamente por seus sonhos. Algumas vezes reconhece seu erro, comparando as lembranças da realidade com as desordens dos sonhos (1). Porém a illusão torna a apparecer logo, ainda que o juizo a tenha por instantes percebido. E' preciso despertar completamente para escapar aos prestigios dos sonhos, e muitas vezes a vontade em vão o tenta. Algumas vezes os quadros que os sonhos nos apresentam, têm tal vivacidade e ligação, que nos captivam a ponto de tornar-nos insensíveis á outra qualquer causa, a alma absorvida pelas sensações que recebe, concentra-se em seu exame, e póde então ordenar movimentos que a vida espiritualizada faz executar no corpo sem interromper o somno. Este estado, que se chama somnambulismo natural, não é raro, e apresenta um phenomeno opposto ao do somno ordinario, porque os membros movem-se e estão de algum modo acordados, no entanto que o agente da vontade não possui ainda a affectibilidade do cerebro, senão segundo a serie de sensações produzidas pelo sonho; a attenção que ahi presta prolonga o somno, e produz o isolamento por muito tempo.

Acaba-se de ver que os sonhos ordinarios formam, quando, por uma causa qualquer, o cerebro recebe no somno impressões proprias a excitar a memoria, e nós já mos-

(1) Esta situação no somno é digna de attenção: as lembranças da realidade, e as sensações dos sonhos, combatem traçando alternativamente no cerebro imagens oppostas, e é a mesma alma que pinta esses quadros contradictorios. Nada distingue melhor o poder de pensar do trabalho dos pensamentos.

trámos como suas illusões se continuam passando de um objecto a outro; mas temos guardado silencio sobre os sonhos que poderiam ter outra origem. A este respeito a fé da antiguidade apoiava-se em uma multidão de factos que pareciam confirmados; entretanto são hoje olhados como fructos de uma credulidade supersticiosa, e as convicções têm um caracter totalmente opposto.

A incredulidade moderna, attribuida ao progresso das luzes, talvez não tenha outra base que um sentimento de materialismo geralmente espalhado, porque para quem admite outra sciencia, a possibilidade das communicações entra na ordem das probabilidades, quer no somno, quer na vigilia. Os entretenimentos com pessoas que já não existem, são communs nos sonhos; porém é mais raro que se tenha então consciencia, pelas lembranças da realidade, que fallamos com um morto; comtudo, isso póde acontecer, e então quasi sempre o phantasma desaparece á primeira questão que lhe fazemos (1). Crê-se achar a prova de que essas conversações interrompidas são produzidas pelas illusões do somno. Nós não sabemos porque motivo se ha de suppor que a razão das almas cresce prodigiosamente fóra dos corpos. Seja o que for, deve-se não esquecer que a pessoa que rece-

(1) Temos muitas vezes em nossos sonhos, escreve Chardel, conversado scientemente com pessoas mortas. Tivemos conhecimento com M. N..., antigo orador; afogou-se, e seu corpo foi encontrado em Marne. Algum tempo depois o vimos em sonho, e lhe perguntámos se se tinha suicidado; sim, respondeo elle, eu estava velho, minha vida tinha-se tornado um penoso fardo, desembaracei-me della. Nós nos esforçavamos para retel-o, para fazer-lhe outras perguntas, porque sentiamos que nós queria escapar; porém envolveo-se em uma nuvem, e desapareceo.

Em 1832, o cholera roubou um de nossos amigos; pouco depois elle appareceo-nos em sonho, e veio-nos abraçar; nós apertámos-lhe a mão, perguntando-lhe como se achava no outro mundo: não nos respondeo cousa alguma, e desapareceo em uma nuvem como M. N...

Tivemos relações com uma moça, fallecida já ha muitos annos; muitas vezes nós a vimos em nosso somno, e algumas vezes em circumstancias fatigantes. Uma noite, entre outras, a reconhecemos no meio dos aprestos de um cadaver que nos apertava em seus braços. Sois uma cruel, lhe dissemos; sabeis que dormimos, e vós vos aproveitades do nosso somno para nos atormentar. Ella desapareceo immediatamente, e nunca mais a tornamos a ver. Poucas pessoas chegam á idade madura sem ter tido algum sonho que as hajam fortemente preocupado.

be communições em sonhos, mistura, provavelmente, ali tudo que sua memoria lhe fornece, e que portanto o erro ainda acha ali um grande lugar.

DO METHODO.

O *Methodo*, diz Delavigne, é a applicação e a execução dos processos que segue a intelligencia na indagação e demonstração da verdade.

A natureza externa e a natureza interna, o mundo physico e o mundo moral, só offerecem ao exercicio espontaneo de nossas faculdades a percepção dos objectos complexos, e um instante de reflexão não tarda a convencer-nos que não vemos mais que um todo confuso, sem separar noção alguma distincta.

Com effeito, sabemos bastante para affirmar que tal objecto existe fóra de nós, ou que tal phenomeno passa-se dentro de nós; porém não poderíamos levar um juizo certo aos diversos elementos desse objecto, nem as diversas circumstancias desse phenomeno.

Ora: que marcha segue a natureza para desembrulhar esse cahos, para perceber em sua ligação, e coordenar juntos os elementos desse todo, que a principio só é della percebido em geral? procede por via de decomposição e recomposição, ou por outra, por analyse e synthese. D'ahi vem dous processos, e por consequencia duas partes do methodo.

DA ANALYSE E DA SYNTHESE.

A *Analyse*, continúa o mesmo escriptor, é uma operação do espirito, que consiste em decompor em seus diversos elementos, para estudal-as umas após outras, as noções complexas de um factu ou de um phenomeno.

Vê-se, por esta definição, que a analyse entregue a suas proprias forças, esclarecendo os detalhes das cousas, não faria mais que obscurecer o todo, e que as idéas espalhadas e isoladas que fornecesse, deixariam de corresponder ás realidades objectivas que só existem por sua reunião. Logo, é preciso, depois de separar e dividir, para melhor comprehender, approximar e misturar para reconstruir o todo da noção, tornar a pôr em seu lugar os diversos elementos desuni-

dos pela *analyse*, fazer *um* o que tínhamos feito *multiple*, em uma palavra, empregar a *synthese*.

Portanto, a *analyse* e a *synthese* estão essencialmente unidas. Cada uma dellas não fórma um methodo differente, são dous meios, dous processos do methodo; por um sobe-se do particular ao geral; por outro desce-se do geral ao particular.

Recorremos á *analyse* para examinar separadamente todos os objectos que o pincel do artista traçou, e pela *synthese* admiramos o seu todo. Não são então mais valles, arvoredos, castellos; é a paisagem inteira que tira novo lustre dos accidentes do horizonte, harmonisados entre si dos reflexos de luz que produz a disposição dos objectos.

O espirito humano procede pois naturalmente pela *analyse* e pela *synthese*, mas não sem inverter, segundo o caso, a ordem de seu emprego. Assim, na indagação da verdade, principia pela *analyse* e acaba pela *synthese*. Ordinariamente faz o contrario na administração.

Se a *analyse* não tem grande valor, destituída da *synthese*, esta absolutamente não vale o que vale a *analyse*. O resultado de uma *analyse* exacta pode-se traduzir em systema; uma *analyse* defeituosa dá, quando muito, lugar a uma *hypothese*.

O escolha da *analyse* é ser mui subtil ou mui larga. No primeiro caso estraga o espirito; no segundo só o esclarece incompletamente. O da *synthese* é a precipitação. Inclínados a generalisar, temos muitas vezes pressa de submeter a leis, que regem, factos já observados, factos ignorados, ou insufficientemente conhecidos; e dahi procedem os systemas erroneos, as sciencias falsas ou aventuradas, que obstam a marcha do espirito humano.

DA DEFINIÇÃO.

A *Definição* é a explicação de uma palavra, ou de uma cousa. Logo, ha duas especies de definições: as das palavras, e as das cousas.

As *definições das palavras* têm por fim fazer conhecer o sentido que se dá aos termos de que se usa.

Essas definições, por isso mesmo que são arbitrarías e convencionaes, são mui importantes. Com effeito, succede

muitas vezes serem as mesmas palavras tomadas em accepções totalmente diversas. Se, pois, não se tivesse cuidado de precisar a accepção que se liga a ellas, expor-se-hia a gente a não ser comprehendida, e disso resultaria nas discussões uma multidão de erros e de equívocos.

As *definições de cousas* têm por fim fazer conhecer um objecto ou um factó, de maneira que esse factó ou esse objecto não possa ser confundido com outro. Sente-se que essas sortes de definição deixam nada arbitrário, pois que até vão aos attributos das cousas que não pertencem á vontade do homem mudar.

As *definições de cousas*, quando não são puramente descriptivas, compõem-se de dous termos, que se reúnem por uma affirmacção. O primeiro desses termos designa o genero, e toma o nome de *maior* termo; exprime uma idea geral. O segundo, que se chama *menor* termo, designa a especie; exprime a idéa particular. Assim neste exemplo: o homem é um animal *racional*; a palavra *animal*, ou o *maior* termo, encerra a idéa geral ou o genero; a palavra *racional* ou *menor* termo, contém a idéa particular ou a especie.

Toda a definição, para ser boa, exige quatro condições.

A primeira deve ser *clara*; ao contrario é inutil.

A segunda *curta*, isto é, nada ter em si de superfluo.

A terceira *reciproca*, isto é, que haja identidade entre os termos da definição e da cousa definida, de tal modo que as duas proposições sejam convertiveis, como neste exemplo:

Um triangulo é o espaço comprehendido entre tres linhas rectas; póde-se dizer com igual verdade: o espaço comprehendido entre tres linhas rectas é um triangulo. Notamos que esta terceira condição não é sempre realisavel.

A quarta, finalmente, exige que a definição comprehenda o *genero mais proximo*, e a *diferença immediata*. Assim, seria uma má definição esta do homem. O homem é um *ser*, dotado de taes ou taes faculdades; porque a idéa de ser, tem muita comprehensão, e indica um genero remoto. Descendo-se, ao contrario, o homem é um *animal*, exprime-se o *genero mais proximo*, aquelle em que elle está melhor circumscripto: e quando se ajunta que elle é *racional*, exprime-se a *diferença immediata*, isto é, seu attributo essencial e constitutivo.

DA DIVISÃO.

A *Divisão* é o instrumento da analyse; consiste em distribuir um todo em suas partes, ou um genero em suas especies. No primeiro caso divide a comprehensão do sujeito, e toma o nome de *partição*. No segundo, divide só a extensão, e conserva o nome de *divisão*.

A unica regra da *partição* é fazer exactos numeramentos. A *divisão*, propriamente dita, está sujeita a certas condições.

Primeiro. Deve ser *immediata*, isto é, abraçar as partes principaes do objecto antes das partes secundarias.

Segundo. Deve ser *inteira*, isto é, não admittir parte alguma constitutiva do todo, sob pena de não chegar a um conhecimento perfeito do objecto, ou á solução completa da questão.

Terceiro. Deve ser *distincta*, isto é, feita de modo que as subdivisões apresentem differenças notaveis, e não se confundam umas com as outras.

Quarto. Finalmente, deve ser *discreta*, isto é, encerrada em limites razoaveis. A *divisão*, levada muito longe, pulverisa de algum modo o objecto, e não dá em vez de luz que se procura senão obscuridade e confusão: *confusum est, quidquid in pulverem sectum est* (*Seneca*.)

DAS CLASSIFICAÇÕES.

Entende-se por *classificação*, diz Delavigne, a distribuição por classes de objectos ou factos individuaes, conforme as semelhanças communs.

Duas arvores, por exemplo, apresentam-se a nossos olhos: observamos primeiramente em cada uma dellas certas partes e certas propriedades, porém não nos limitamos em consideral-as isoladamente: então nosso espirito as compara, e fundando-se sobre certas semelhanças que lhes descobre, dá-lhes o nome de arvores, nome que se estenderá depois a todos os objectos que com estas tiverem as mesmas analogias. E' assim que procede a intelligencia para formar as classificações; mas não se limita ás grandes cathogorias que fórma a principio; subdivide essas primeiras *classes* em

generos, e os generos em *especies*, que comprehendem individuos, entre os quaes se encontram relações mui intimas.

A grande vantagem das classes é alliviar a memoria, limitando o numero das palavras e dos factos; além disso, das propriedades notadas n'um individuo, tiramos as propriedades de outro individuo da mesma especie.

Distinguem-se dous modos de *classificações*. *Classificações naturaes*, e *classificações artificiaes*.

As primeiras, fundadas nas relações que resultam da natureza mesmo das cousas, exigem o conhecimento de todas as propriedades dos objectos; as segundas pertencem mais especialmente ás creações do espirito.

DA CERTEZA.

A *Certeza*, é a adhesão irresistivel da vontade, continúa Delavigne, á uma percepção qualquer. Ella é marcada com o character da fatalidade; quando nós estamos certos de uma cousa, não depende de nós destruir nossa certeza. Não podemos duvidar de nossa existencia e da existencia do corpo. Mas nós, impotentes para destruir nossa certeza, não podemos do mesmo modo criá-la. Não basta querer estar certo para chegar á certeza, muitas vezes um homem atormentado pela duvida faz esforços por sahir desta fluctuação de idéas, e nellas recae, apesar seu. A certeza, sendo passiva, está fóra da responsabilidade humana, porque não se podia imputar ao homem o que elle não podia, nem impedir nem produzir.

E' erradamente que se tem confundido a *certeza* com a *evidencia* e a *crença*. A *evidencia* é uma luz que esclarece os objectos, e que penetra no espirito por todos os meios de observação de que dispõe; a *certeza*, é o assentimento da vontade ás percepções evidentes da intelligencia; a *crença*, não é mais que uma simples opinião, baseada em geral sobre a authoridade ou analogia.

Tres especies de certeza correspondem a nossos tres principaes meios de conhecer: primeiro, *certeza physica*, que tem por objecto as noções que nos são fornecidas pelos sentidos; segundo, *certeza metaphysica*, que tem por objecto as noções evidentes que a razão adquire sem soccorro dos órgãos; terceiro, *certeza moral*, que tem por objecto os factos attestados pela consciencia, ou apoiados em testemunho.

A *certeza* tem ainda diferentes nomes, conforme a maneira por que se produz. Assim, chama-se *immediata*, quando se manifesta á primeira vista dos phenomenos, sem intermedio de raciocinio algum, e só pela força da evidencia; *mediata*, quando só se mostra com a ajuda de indagações, de induções e de raciocinios. As *certezas immediatas*, que tambem se chamam *intuições, verdades primarias, factos irresistiveis*, são a base e o ponto de partida de todas as sciencias. Irresistivelmente admittidas em sua unica exposição, escapam á dêmonstração.

A *certeza*, qualquer que seja o nome que lhe deem, não admitte grãos, ou é inteira ou nulla, é ou não é; não ha meio termo.

Esta questão da *certeza* tem dado lugar a longas discussões entre os philosophos. Alguns pretenderam mostrar que nada havia certo para o homem, e professaram a *duvida universal*.

Outros fizeram-se *dogmaticos* ou *crentes*, por systema. Quanto a nós, evitamos quanto é possivel tomar por certo o que não é; damos nosso assentimento depois de haver observado, examinado e verificado; porém reservamo-nos sobre tudo do sceptismo: a duvida absoluta é o suicidio da intelligencia.

DA ANALOGIA.

A palavra *Analogia* tem duas significações distinctas, conforme é applicada ás cousas ou ao espirito. Por *analogia* nas cousas, entende-se as relações ou semelhanças que unem entre si certos phenomenos, e por *analogia* no espirito, a natural tendencia da intelligencia a referir á uma cousa identica os factos semelhantes.

Analogia, é um dos processos de nosso juizo. Todas as vezes que um objecto produz sobre nós as mesmas impressões, que outro anteriormente nos causou, as propriedades pelas quaes se manifesta, levam-nos a olhal-o como semelhante ao primeiro, a respeito das propriedades que ainda não tinhamos descoberto nelle. Do mesmo modo a *analogia* faz-nos crer na generalidade dos phenomenos attestados pela observação, faz-nos prendel-os uns aos outros, e descobre-nos leis. Foi assim que Franklin descobrio a explicação do phe-

nomeno do raio no desprender da fuisca. Mas muitas vezes a analogia nos engana com apparencias mentirosas, e nos faz formar falsos juizos. E' necessario, pois, submettel-a ao cadinho da experiencia, e só admittir seu testemunho, quando confirmado pela razão.

DA INDUCÇÃO.

A *inducção*, que tantas vezes tem sido confundida com a analogia, della differe comtudo essencialmente, pois que a *analogia* faz-nos crer pela generalidade dos phenomenos, e a *inducção* porsua estabilidade.

Com effeito, quando notamos entre dous objectos certas semelhanças, concluimos pela analogia, que uma circumstancia que podemos directamente observar n'um desses objectos, acha-se tambem no outro, bem que não se nos mostre do mesmo modo, e verificamos esta nova relação entre os dous objectos; porém nada nos garante que essa relação, certificada pela analogia, seja essencial, nem que tenha o character de uma lei permanente. A *inducção*, ao contrario, mostra-nos como verdadeiros no passado e no futuro, os principios de todos os phenomenos, estudados pela observação, e confirmados pela experiencia. Assim, quando vemos o sol levantar-se hoje, induzimos naturalmente que elle levantou-se hontem, e que se ha de levantar amanhã.

Portanto, a *analogia* descobre nos factos as relações da actualidade, e a *inducção* as relações de permanencia.

Por isso mesmo que ella é uma origem fecunda de juizos, a *inducção* é o principio da maior parte das acções humanas. Baseada na leinbrança e na previdencia, ella comprehende, como se vio, a noção do passado e do futuro.

DA DEDUCÇÃO.

A *deducção* distingue-se essencialmente da *inducção*; a *inducção*, como a *analogia*, é um meio de synthese, isto é, de composição; a *deducção*, ao contrario, é um meio de analyse, isto é, de decomposição; consiste em tirar de uma noção geral as noções particulares nella contidas. Sirva para exemplo este principio: *todo o vicio é odiavel*. Achemos em decomposição o primeiro termo desta proposição, que

encerra implicitamente *inveja, orgulho, mentira*, etc. Tomando então um dos elementos que fornece esta analyse, affirmamos sua relação com o primeiro termo, dizendo: *a mentira é odiavel*. Eis uma deducção, ou se quer, um juizo deduzido.

AUTHORIDADE DO TESTEMUNHO DOS HOMENS.

O testemunho dos homens, quando revestido de certos caracteres, e cheio de certas condições, é para o espirito um motivo natural de crer.

Os diversos factos, que nos transmite o testemunho dos homens, podem-se classificar em factos naturaes e maravilhosos, contemporaneos ou antigos.

Os factos *naturaes* estão em harmonia com as leis geraes da natureza; os *maravilhosos*, só por uma gradação excepcional a essas mesmas leis. São *contemporaneos* ou *passados*, conforme succederam no tempo, ou anteriormente ao tempo em que vivem aquelles que os contam.

A apreciação da realidade do testemunho dos homens, comprehende duas cousas: os *factos* e as *testemunhas*.

Quanto aos *factos*, cumpre, primeiro, que sejam possiveis; segundo, que sejam da *referencia da observação*; terceiro, que sejam *publicos*.

Quanto ás *testemunhas*, é preciso, se se trata de factos ordinarios e que não passem do commum, que não sejam nem *tolas*, nem *mentirosas*; se se trata de sciencia, é preciso serem reconhecidos por *superiores* em letras.

Os factos contemporaneos podem ser referidos por uma unica testemunha, ou por muitas; as testemunhas podem ainda ser escriptas ou simplesmente verbaes. As que são escriptas têm mais authoridade, porque é mais facil certificar-se de que as condições relativas ás testemunhas foram preenchidas. O testemunho deve inspirar-nos menos confiança, quando os factos nos são transmittidos verbalmente. Quando muitas testemunhas o attestam, são mais seguros do que quando são contados por uma só.

Os factos passados, são transmittidos pela *historia*, a *tradicção* e os *monumentos*. A *historia* nos dá a conhecer todos os factos relativos aos principios, ás noções, á humanidade, e e ás revoluções do globo. A *tradicção*, auxiliar da historia,

preenche-lhe as lacunas. Os monumentos consagram-se á memoria das acções historicas mais brilhantes, como as victorias, as conquistas, etc.

Historia. O valor do testemunho de um author historico resulta da maior ou menor authenticidade e integridade de suas obras. A authenticidade é o caracter que faz que seus escriptos lhe pertençam verdadeiramente; a integridade é aquelle pelo qual se reconhece que nada lhe tem sido augmentado, e nem tambem cortado; deve ainda indagar-se se o historiador viveo em tempo despotico, se foi arrastado pelo temor ou influido pela lisonja; finalmente, se concorda ou não com os outros historiadores.

Tradição. Os acontecimentos que nos dá a conhecer, são tanto mais incertos, quanto mais se alongam do tempo em que tiveram lugar. Passam de bocca em bocca, de geração em geração, e acabam por se desfigurar e não serem mais reconhecidos. Muitas vezes modificados pelas imaginações dos homens, só chegam até nós debaixo das brilhantes, mas mentirosas côres da poesia.

Monumentos. Ha diferentes especies de *monumentos, edificios, estatuas, e medalhas.* Os monumentos devem ser erigidos na época em que se passaram os factos, cuja memoria consagram; além disso é preciso que tenham facil e clara significação, a fim de que se não possa desconhecer a intenção em que foram fundados.

Tal é o testemunho dos homens, cujo valor absolutamente negado por certos philosophos, tem sido muito exagerado por outros. Se o pyrrhonismo historico é totalmente insustentavel, igualmente inadmissivel é ver no testemunho universal o unico caracter pelo qual se reconheça a verdade; isto é, suppor que está no principio, no entanto que bem evidentemente só está na consequencia.

Concluamos pois que a autoridade do testemunho dos homens está essencialmente subordinada á experiencia e á razão.

DO RACIOCINIO.

Raciocinio, sob o ponto de vista physiologico, é a *faculdade* que tem nosso espirito de extrahir um ou muitos juí-
TOM. III.

zos de um juizo qualquer; debaixo do ponto de vista logico, é a execução dessa faculdade, é a *operação* pela qual extrahimos de um juizo já formado um ou muitos juizos ulteriores (convem, para essa operação ser legitima, que cada juizo deduzido esteja contido no juizo geral). Vê-se por tanto que o raciocinio é uma operação toda intellectual; sua expressão grammatical, sua fórmula sensível, fallada ou escripta, chama-se argumentação.

DE SUAS DIFFERENTES FÓRMAS.

Bem que no espirito seja sempre o mesmo acto, o raciocinio reveste-se de diferentes fórmulas na linguagem. Essas fórmulas ou argumentações são em numero de oito: *syllogismo*, *enthymema*, *prosylogismo*, *epichérèma*, *sorite*, *dilemma*, *exemplo*, e *indução*.

Sylogismo (com razão, isto é, união de muitas proposições), é um argumento composto de tres proposições ligadas de tal modo entre si, que a terceira deriva-se essencialmente das duas primeiras. Exemplo:

Todo o homem é mortal.

Ora, Pedro é homem.

Logo, Pedro é mortal.

As duas primeiras proposições chamam-se *maior e menor*, ou genericamente *premissas*. A terceira chama-se *conclusão* ou *consequencia*.

Essas tres proposições comprehendem tambem tres termos que importa não confundir com ellas: são o grande termo, isto é, o attributo da consequencia; o pequeno termo, isto é, o sujeito da consequencia; finalmente o meio termo, isto é, a idéa média que serve de estabelecer a relação entre o sujeito e o attributo da consequencia.

Assim, no exemplo de syllogismo que acabamos de dar, a proposição maior contém o grande termo *mortal*, que é o attributo da conclusão; a proposição menor o pequeno termo *Pedro*, que é o sujeito da conclusão; e o termo médio homem, que encerrando igualmente estas duas proposições ou premissas, representa a idéa e serve de unil-as.

Podem-se distinguir duas especies de syllogismo; syllogismos *simples*, e syllogismos *compostos*.

Sylogismo simples é o que acabamos de estudar.

Os *sylogismos compostos* são em numero de quatro: complexo, condicional, conjunctivo e disjunctivo.

Sylogismo complexo é aquelle em que o attributo da conclusão acha-se em parte na primeira, e em parte na segunda das duas proposições que formam as premissas. Exemplo:

Os Persas adoravam o sol.

Ora, o sol é uma cousa insensível e corporal.

Logo, os Persas adoravam uma cousa insensível e corporal.

Sylogismo condicional é aquelle em que uma das premissas é uma proposição condicional. Exemplo:

Se ha movimento na natureza, ha vida.

Ora, na natureza existe movimento.

Logo, ha vida nella.

Sylogismo conjunctivo é um *sylogismo* no qual a primeira das duas premissas é uma proposição conjunctiva. Exemplo:

Não se póde servir a DEOS e ao dinheiro ao mesmo tempo.

Ora, o avaro é escravo do dinheiro.

Logo, o avaro não serve a DEOS.

Finalmente, *sylogismo disjunctivo* é aquelle em que a primeira das duas premissas é um disjunctivo. Exemplo:

Ou a terra gyra ao redor do sol, ou este ao redor da terra.

Porém não é o sol que gyra ao redor da terra.

Logo, é a terra que gyra ao redor do sol.

Enthymema (no espirito, isto é, raciocinio, do qual uma das proposições fica no espirito ou é subentendido), é um *sylogismo* sem menor. Exemplo:

O vicio é odioso.

Logo, a hypocrisia é odiosa.

Prosyllogismo (isto é, reunião de proposições antes de chegar á conclusão), compõe-se de cinco proposições que abraçam dous *sylogismos* de tal modo combinados, que a conclusão do primeiro torua-se a premissa do segundo. Exemplo:

O que não tem parte, não póde perecer pela dissolução das partes.

Ora, a substancia espiritual não tem partes.

Logo, não pôde perecer pela dissolução das partes. Porém a alma humana sendo uma substancia espiritual; não pôde perecer pela dissolução das partes.

Epichereza (esforço), é uma argumentação que encerra a prova de uma de suas duas premissas, ou de todas duas.
Exemplo :

A sciencia, que aperfeiçoando o espirito, aperfeiçoa tambem o coração, é uma sciencia util, pois que o homem só é perfeitamente feliz pelas qualidades do espirito e do coração.

Ora, a Logica, aperfeiçoando o espirito, aperfeiçoa tambem o coração, pois que fazendo-nos pensar com justeza, faz-nos praticar a virtude.

Logo, a Logica é uma sciencia util.

Sorite (montão, cumulo), é um composto de proposições de tal modo ligadas entre si, que o attributo da primeira torna-se o sujeito da segunda, o attributo da segunda o sujeito da terceira, e assim por diante até que o sujeito da primeira acha-se reunido ao attributo da ultima, na conclusão.
Exemplo:

Os ambiciosos são cheios de desejos.

Aquelles que desejam muito tem muitas faltas.

Aquelles que tem muitas faltas são desgraçados.

Logo, os ambiciosos são desgraçados.

Dilemma (isto é, prender duas vezes seu adversario), é um argumento que divide uma questão em dous pontos de vista rigorosos que são successivamente apreciados e seguidos de uma consequencia commum. Contra os scepticos servimo-nos do argumento seguinte.

Ou sabeis o que dizeis, ou não sabeis; se sabeis, pode-se saber alguma cousa; se não sabeis, tendes errado em assegurar que nada se pôde saber, porque não se deve assegurar o que se não sabe.

O *exemplo*, é um argumento, pelo qual se conclue: 1.º Da analogia das causas á identidade dos efeitos; 2.º Da analogia das causas á analogia dos efeitos; 3.º Das causas contrarias a efeitos contrarios.

D'ahi procedem tres especies de exemplos: *á pari*, *á fortiori*, e *á contrario*.

A' pari. Todas as gerações que nos precederam, têm suc-

cessivamente desaparecido da scena do mundo, logo, *semelhantemente* a geração actual desaparecerá por sua vez.

A' fortiori. A intelligencia humana é impotente para comprehender um atomo, *com mais forte razão* não póde ella comprehender a natureza de DEOS.

A contrario. Se o homem virtuoso merece honras, mesmo quando não se conhece; o homem criminoso, *ao contrario*, não merece mais que desprezo, quando mesmo se applaude em sua prosperidade.

Inducção (*inducere*, conduzir para, isto é, conduzir para a conclusão), é um argumento que caracteriza em detalhe as partes de um todo, e conclue de um todo o que foi concluído de cada parte. Exemplo:

A saúde é vaidade; ella é tão fragil! As riquezas são vaidade! sua conquista custa tanto trabalho! seu gozo tanta ansiedade! sua perda tantos pezares! A gloria é vaidade; ella tem tantas vicissitudes! A sciencia é vaidade; ella é tão incerta! As graças são vaidade; ellas são tão pouco duraveis!

Logo, tudo é vaidade sobre a terra.

Todos esses argumentos podem-se reduzir ao syllogismo. E' a unica expressão do raciocinio em toda a sua simplicidade. As diferenças que apresentam os outros modos não são mais que apparentes: são fórmãs de que se revestio o syllogismo para disfarçar sua nudez, e o amoldar aos movimentos oratorios.

As regras do syllogismo, outr'ora muito complicadas, estão reduzidas a duas: primeiro, conservar no meio termo, em cada premissa, uma significação identica; segundo, não tomar termo algum de um modo mais geral na conclusão que nas premissas, o que mais simplesmente ainda se resume neste unico preceito: *A maior deve conter a conclusão, e a menor mostrar que o é assim.*

Dos sophismas, e dos meios de resolvê-los.

Um falso raciocinio, ainda que especioso, feito com intenção de enganar, chama-se *sophisma* (sabedoria, habilidade, astucia), toma o nome de *paralogismo* se tem seu principio na ignorancia. Ha sophisma ou paralogismo todas as vezes que

em um argumento as premissas não contêm as consequências.

Distinguem-se duas especies de sophismas; os de *grammatica*, e os de *logica*.

Os *sophismas de grammatica*, tem sua origem na ambiguidade das palavras. Eis alguns exemplos:

O homem pensa.

Ora, o homem é corpo e alma.

Logo, o corpo e a alma pensam.

O sophisma resulta aqui de ser a palavra homem tomada ora n'um sentido distributivo, ora n'um collectivo; porém o homem só pensa no sentido distributivo, emquanto alma.

O peccado mata a alma.

Logo, a alma não é immortal.

Aqui o sentido proprio está confundido no sentido figurado.

Tudo que é raro é caro.

Ora, um bello cavallo, bom marchador, é raro.

Logo, um bello cavallo bom marchador é caro.

Isto não é mais que uma subtileza pueril. A boa marcha do cavallo é que se diz aqui ser rara, e a boa marcha não se vende. Vê-se que para reſutar os sophismas de *grammatica*, basta destruir todo o equivoco, precisando por definições o sentido e o valor das palavras.

Os *sophismas de logica* são extremamente numerosos; mas podem ser reduzidos aos sete artigos seguintes:

1.º *Ignorancia de assumpto*. Esse sophisma, muito frequente nas discussões familiares, consiste em discutir vagamente, e em provar uma cousa totalmente diversa da que está em questão. Foi essa arma dos adversarios de Newton, em seus ataques contra o principio da gravitação. Elles pretendiam que esse systema renovava o abuso das cousas occultas; no entanto que Newton não considerava a gravitação como uma causa, mas um effeito.

2.º *A petição de principio*, ou circulo vicioso, que consiste em suppor verdadeiro o que está verificado, e em provar o incerto pelo mais incerto.

Esse sophisma alterna os principios e as consequências, e gyra indifferentemente n'um circulo. Exemplo: *o sol é immovel, logo a terra gyra; a terra gyra, logo o sol é immovel.*

3.º *Tomar pôr causa o que não é causa (causa pro non causa)*; isto é, imputar um effeito a causas que lhe são estranhas. E' a esse sophisma que tende a opinião em que está o vulgo, de que a apparição dos cometas é presagio de grandes flagellos; que as phases da lua influem sobre o tempo; que a presença de uma coruja no teto ameaça de morte as pessoas que elle cobre, etc.

4.º *O numeramento imperfecto*. E' uma divisão incompleta, da qual se tira uma consequencia geral. Cahir-se-hia n'um sophisma dizendo-se: os Francezes, os Inglezes, os Allemães, e todos os povos da Europa são brancos; logo, todos os homens são brancos.

5.º *Julgar de uma cousa pelo que só accidentalmente lhe convem*. Esse sophisma consiste em concluir do particular ao geral. Assim é que se diz: a vaccina tem sido funesta a alguns meninos; logo, a vaccina é um preservativo perigoso.

6.º *Passar do que é verdadeiro em alguns respeitos ao que é simplesmente verdadeiro*. E' tirar uma consequencia absoluta de uma verdade relativa. Exemplo: *o homem é o soberano do universo; logo elle é o primeiro dos entes*. Os Deuses, diziam os Egypticos, devem ter a fórma humana, porque não ha cousa mais bella que ella, e tudo que é bello deve estar em DEOS. Era raciocinar mal, porque não é uma verdade absoluta ser o corpo humano o que ha de mais bello.

7.º *Confundir o sentido dividido com o sentido composto, e reciprocamente*. Entende-se por *sentido composto* o sentido completo e rigoroso de uma cousa, e por *sentido dividido* aquelle que só mantem na palavra sua primeira significação com algumas restricções. Quando o Evangelho diz: *os cegos vlem*, deve-se entender os cegos *divididos* de sua cegueira, os que foram cegos; o sentido composto seria um sophisma.

Todos os sophismas são syllogismos viciosos: para resolvel-os basta pois submettel-os ás regras do syllogismo. Assim depois de ter comparado a conclusão do principio, para verificar por analyse em que pecca o laço que os une, se observará se em cada uma das premissas o meio termo conserva uma significação identica, e se algum termo é tomado em um sentido mais geral que nas premissas.

Dos signaes e da linguagem em suas relações com o pensamento.

Chamam-se *signaes* os diversos processos, pelos quaes o homem traduz exteriormente seus pensamentos.

Ha duas especies de linguagem: *linguagem natural*, e *linguagem artificial*.

Linguagem natural, chamada tambem *linguagem d'acção*, compõe-se do *jogo da physionomia*, dos gestos e dos *gritos* ou *sous inarticulados*.

Entende-se por *jogo de physionomia* a contracção ou dilatação dos musculos do rosto, donde procedem os movimentos tão expressivos dos olhos, das sobrancelhas, e dos labios; por *gestos* todas as attitudes e todas as posições que o corpo toma em seguida ás impressões interiores; por *gritos* ou *sous inarticulados*, essas emissões de voz instinctivas que nos arrancam os diversos sentimentos de que nossa alma é affectada.

A *linguagem natural* pinta energica e rapidamente o pensamento, porém exprime-o em sua maior generalidade, e seus processos puramente syntheticos não poderão bastar por muito tempo ás precisões sempre crescentes da intelligencia. Foi preciso recorrer a signaes artificiaes, não mui espontaneos e determinados, como os signaes naturaes, pelos movimentos da alma, porém cujas differentes combinações exclusivamente convencionaes, variam segundo os tempos e os lugares.

A *linguagem artificial* compõe-se das *figuras*, dos *symbols*, e da *palavra*.

Chamam-se *figuras* as representações materiaes mais ou menos grosseiras de um objecto cujos signaes naturaes eram impotentes para reproduzir os detalhes ou as circumstancias.

Chamam-se *symbols* (*imagens*, *emblemata hieroglyphos*), as figuras que depois de haverem sido a principio signaes especiaes de si mesmas, tornaram-se signaes comparativos de outro objecto. Esta sórma de linguagem, tão familiar aos antigos povos, deixou entre nós alguns vestigios: hoje ainda o leão é o symbolo da força, o pavão o do orgulho, etc.

Finalmente, a *palavra*, ou *linguagem articulada*, consiste na emissão de sons modificados pela acção da lingua e dos labios, e aos quaes se está convencido de ligar tal ou tal idéa. Expressão do pensamento reflectido, como a linguagem de acção é do pensamento espontaneo, a *palavra* tem sobre esta a vantagem de reproduzir mais claramente com mais detalhes as idéas sensiveis, moraes e intellectuaes. Mas o que lhe dá incontestavel superioridade, é poder exprimir as idéas abstractas e geraes, que não correspondendo a objecto algum real na natureza, escapam forçosamente á linguagem inarticulada. Sob esse ponto de vista, a *palavra* creou as sciencias, em que o espirito humano só marcha ajudado de abstracções e generalidades.

Apresenta-se aqui uma questão, que tem sido diversamente resolvida pelos philosophos: saber se o homem nasceo com a palavra, ou só com a faculdade de fallar. A escola eclectica deo á linguagem uma origem divina. Conforme Rousseau, a *palavra foi necessaria para estabelecer a palavra*; segundo Bonald, *o homem não póde dizer seu pensamento sem pensar sua palavra*, donde se depreheende que o homem teria sido creado com a palavra, assim como foi com o ouvido, com a vista, o tacto e todos os outros meios pelos quaes se põe em relação com o mundo exterior. Conforme outro systema, bem que a idéa privada do signal que a representa, seja tão fugitiva que apenas mereça esse nome, ainda é preciso que exista antes do signal, que não é senão traducção della.

Qualquer que seja a opinião que se adopte, a palavra é a imagem do pensamento; o pensamento a seu turno é reproduzido pelos signaes alphabeticos ou letras; os grupos das letras formam as palavras.

Sendo as palavras os signaes de nossas idéas, devem como ellas se dividir; ora, todas as nossas idéas se reduzem ás noções de *substancias*, de *qualidades*, e de *relações*. Logo, só existem tres especies de palavras: os *substantivos*, ou signaes das idéas de *substancia*; os *adjectivos*, ou signaes das idéas de *qualidades*; os *verbos* ou signaes de idéas de *relação*.

Todas as outras partes do discurso entram nestas tres classes. Assim, a *proposição* e a *conjunção* devem ser classificadas entre os verbos, pois que exprimem, como elles, idéas de relação. O *pronome* não é mais que a substituição de um substantivo; o *participio* é um adjectivo; o *adverbio*

um composto de substantivo e de proposição, e a *interjeição* pôde ser considerada, não como representação de uma idéa, mas como uma phrase elliptica.

Da moral.

A humanidade, diz Guepin, viveo muito tempo sem comprehender sufficientemente que acontece com a moral o mesmo que com todos os conhecimentos humanos; pois que ella é perfectivel e progressiva, não em sua essencia, porém na intelligencia que della temos, e sobretudo em nossa habilidade pratica em pô-la em acção.

Que! direis vós talvez, essa moral tão doce, que na familia ordena á esposa e aos filhos que obedeçam, que vae adiante dos pobres para alliviar seus infortunios; essa moral, que se expõe ás epidemias, que creou os hospitaes, que vela á cabeceira dos doentes, que entra nas prisões e mesmo nas galés, para ali prégar o amor, que, segundo as necessidades, associa os esforços, ou individualisa-os, não será ainda a perfeição?

Philosopho desapiedado, coração de ferro! nós não queremos nem tua razão gelada, nem teu progresso, que nos arrancariam a alma; felizes por amar e adorar de um certo modo, não desejamos mudar; queremos continuar a amar e a adorar, como faziam nossos paes, continuando nossas tão caritativas esmolas.

A poesia do passado, esse bello anjo da nossa vida, sacudirá sobre nossa cabeça suas brancas azas para dar-nos toda a quietação; e quando nós obrarmos, nos diz sua voz interior, segundo nosso coração, e conforme nossas forças, que poderemos dormir em paz; DEOS não exige impossiveis de suas creaturas.

Porque, ó joven, essa queixa de uma alma timida, porque essa prevenção prematura, em face da sciencia? A verdadeira moral, por mais austera que seja sua linguagem, é sempre uma emanação da Sabedoria universal e infinita. O progresso está na raia da linha que ella nos traçou. Quem te diz que renunciés á poesia e ao amor? Se queremos supprimir a es-

mola impotente, não é para fazer cousa melhor recorrendo à segurança universal? Quem falla pois em destruir a fé, supprimir a esperança e substituir a fraternidade humana e suas divinas consequencias pelo nada? Não queremos, nem gelar teu coração, nem comprimir os arroubos de tua alma; mas pedimos que te esclareças sobre as exigencias da soberana Justiça. Podes saber, não duvidamos que saibas, qual é o bem que desejas que te façam; porém aprende primeiramente a conhecer qual era o que poderias desejar se fosses pobre e soffresses. Homem de duvidas, apesar de tuas pretensões ao monopolio da fé, sabe comprehender que convidamos tua bondade a exercer-se na linha dos deveres impostos pela eterna sabedoria e traçados pelo plano de união da natureza.

Essa bondade, continúa Guepin, que se torna terna como o pensamento de uma amante, cheia de tolerancia e afeição como o coração de uma mãe; porém ao mesmo tempo que pensa no futuro para penetrar-se das grandes cousas que avocam çada dia a alma humana; que recorra ás mais nobres tendencias de nosso ser; que tenha sempre o ideal por fim, e então se tornará assim a regra moral, segundo a sciencia.

Será pois enfraquecer a palavra sentimental de Jesus Christo, desenvolvê-la ao clarão das leis da natureza? Seus encantos de amor e de poesia serão menos grandes por se exercerem em um theatro mais elevado, mais vasto, e mais digno da humanidade?

O estudo e a sciencia, os factos passados e a experiencia que destes resulta, devem representar para o futuro na vida social, um papel desconhecido a nossos paes. Nossa industria, que do proletario elevou-se á associação, cresceu em relação á escravidão antiga, onde a segurança mutua do individualismos, o saber scientifico moderno superou ao saber rudimentario das épocas anteriores ao seculo XVI. Não estamos mais no tempo em que os altos conhecimentos só se distribuiam a um pequeno numero de iniciados, em que os padres do Egypto, Orptheo, Pythagoras, e tantos outros impunham silencio ao saber em presença das massas ignorantes; em que os chefes dos primeiros christãos mesmo exitavam em escrever o seu *credo* ou as pa-

lavras sacramentaes da consagração, com medo dos profanos. Portanto, no meio de novos factos, a moral deve tomar uma nova direcção.

Todos, dizem, tem como crença que os tempos que hão de vir serão essencialmente differentes dos tempos passados. E, entretanto, ainda no seio de nossa sociedade, homens intelligentes, a outros respeitos, tendem para a immobildade. O filho de nossas villas, e principalmente de nossos campos, espantam-se á vista de uma moda nova. Não imaginam que se possa vestir diversamente delles; e se ouvem fallar de vestidos differentes do que vêem todos os dias, julgam-os logo e sem nenhuma reflexão, ridiculos e mal feitos; não comprehendem que entes da especie humana possam-se accommodar com elles, ainda que sejam amplos, graciosos, cheios de elegancia e confortaveis. Encontrareis no mundo essa gente: são os immoveis, especie ronqueira e choramigas. Quem leo um pouco da historia, conhece-os bastante. Elles maldisseram de Zoroastro, Moysés, Orphea, Pithagoras, Socrates, Platão, Aristoteles, e dos mais valentes campiões da philosophia; maldisseram de Christo e dos Apostolos seus ajudantes; das descobertas da sciencia; dos progressos das artes e da industria; todos os dias queixavam-se das invenções novas. O vapor, o gaz, os caminhos de ferro, e os telegraphos electricos, não tem mais valor que a imprensa. Em tempo de Francisco I foi que as descobertas de Galileo se julgaram um crime para os devotos daquela época. Porém a terra gyra, e, ainda que elles se desesperem, trará cada dia alguma cousa de novo, alguma luz desconhecida á humanidade. A moral tambem se engrandecerá, quer no que respeita ás cousas positivas ao homem, quer no que se refere aos interesses pessoaes; e comtudo, tal é a força do habito e dos prejuizos, que não seja permittido professar isso.

Aquelle que se gaba abertamente de ser cartesiano, mesmo voltairiano, não ousaria dizer que convem desenvolver a moral de Christo, retocar mesmo o preceito um pouco indiano que submete a esposa ao esposo. Quanto a nós, que pouco se nos dá com a opinião, quando é justa em seus dictames, diremos e dizemos já o nosso parecer.

Leitor, pedimos-vos licença para usar do apologo, a fim de demonstrar-vos a verdade do que vai dito.

Ha algum tempo, em uma de nossas cidades, uma bella

moça estava de cama, soffrendo; não tinha podido franquear sem trabalhos, sem doenças, os dias de transições de sua puberdade. A seu lado, sua familia desfazia-se em delicados cuidados, e empenhando-se em servil-a, fazia vir uns após outros os mais celebres medicos do paiz. Sangrias e ventosas, emeticos e purgativos, vesicatorios e causticos, tonicos e ferruginosos, nada havia aproveitado. Um novo medico, o Galeno do lugar, foi consultado; porém elle afastou-se tanto do modo porque rodava inutilmente a medicina da pobre paciente, que o despediram sem pesarem o valor de suas observações, sem discutir a efficacia de seus meios, sem dar attenção á singular logica de tudo quanto elle propunha. Em vão dizia elle que as idéas mais simples são ordinariamente aquellas pelas quaes se chega ao extremo; e que o mesmo succedia com a verdade. Foi despedido. Entretanto a terrivel chlorose continuava a devorar a joven doente; suas faces eram marmore branco, e um sangue empobrecido corria em suas veias!

— Oh! dizia ella: que bello sol; se eu o pudesse gozar!..

— Não, lhe respondiam; são necessarias transições.

— Que cheiro tão appetitoso tem esta carne assada!

— Mais tarde a comerás, minha filha; toma por agora este caldo.

— Que fome, que eu tenho!

— A dieta é ainda util.

— Que afflicção me fazem estas malditas fontes; como me incommodam estes causticos e estes vesicatorios!

— Sem elles, pobre menina, os humores te matariam; tu não poderias viver.

— Meu Deos! como me enchem de vinho de quinina, de canella e de elixires!

— A medicina assim o quer, cara filha; ella sabe o que faz.

Assim fallava sua familia, feliz por dar-lhe todos os cuidados. Mas a doente finava-se a olhos vistos!

Estava-se entretanto nos principios de maio, nessa época de renovação, em que tudo na natureza parece reviver, em que os prados se enchem de flores e os bosques de passaros que se desafiam descantando amor.

A doente tornou a pedir o medico despedido: ella estava tão mal, que lhe obedeceram.

Este, acodio logo. O mal é grave, porém não desesperemos, disse elle aos paes. Só existe uma sciencia, é a da natureza; a medicina é um dos ramos dessa grande arvore. Disse, e desenvolvendo sua these, fez sua doente respirar o ar embalsamado do campo. Mandou dar-lhe carne assada como ella appetecia; supprinio-lhe logo o caustico e o vesicatorio, depois de haver reduzido á justas proporções as doses das substancias tonicas e modificadoras do sangue.

Não é o que se come, que nutre, dizia elle, mas sim o que se digere; não são os medicamentos que se engolem que modificam a economia, e sim a dóse que os intestinos absorvem. Então as forças se reanimarão, as faces revestiram-se das rosas perdidas; a estatua de marmore desapareceo, e uma moça bella e cheia de vida substituiu a pobre doente!

Leitor, continúa Guepin, esta joven e pallida enferma é a humanidade, cujos chefes representam a familia tão amante, tão devotada, mas tão pouco esclarecida. O medico novo, a verdadeira sciencia, a physiologia em acção. Na chlorose dessa moça, quem não enxerga as miserias de nossa epoca? Na sua privação de ar e sol, nossas deploraveis habitações, tão mal edificadas mesmo para os ricos, e tão insalubres para os pobres? O visicatorio e o caustico, são nossas prisões, nossos hospitaes, nossos hospicios, nossos depositos de mendicidade, que se creem necessarios e mesmo indispensaveis, por se terem todos os dias debaixo da vista. A dieta de nossa doente, é a vida usual de muitas familias desgraçadas. Seu alimento insufficiente e pouco nutritivo: não é o regimen debilitante de nossas populações? A abundancia dos remedios, sua exuberancia não representam os mil impotentes meios que uma moral intelligente oppõe aos soffrimentos geraes que uma moral de entranhas generosas applica desageitada, e muitas vezes contrariamente ás leis da natureza que governam tambem a humanidade. Em vez disso que fez o medico salvador? Deo ar, luz e sol; mandou fazer exercicio e usar do melhor dos alimentos, e reduzio as drogas a doses. Seus predecessors matavam a doente com zelos, com dedicações, e ella curou.

A conclusão de tudo isso; direis vós? Ella não se fará esperar.

A esmola e seu cortejo de meios usuaes não curam a humanidade da chlorose; são esses pois os erros moraes. A medicina que não cura é uma sciencia falsa. A verdadeira moral corresponde á verdadeira sciencia; della procede; só ella póde curar. Os mais generosos e devotados sentimentos não bastam se não são dirigidos pelo necessario saber.

A moral, á bem dizer, não é mais do que a porção da lei religiosa que une os homens, regulando suas constantes relações de sexo, de familia, e de sociedade. Implicitamente contida na regra dos sabios da antiguidade, de fazer aos outros todo o bem que desejamos que se nos faça, conservou-se um pouco mais do que devia ser no estado germinal.

A moral ainda se confundirá no futuro como aconteceu no passado, e succede no presente com o ardor da alma humana em buscar o bello, o verdadeiro, o justo e o ideal. Ella será sempre o sentimento applicado ás regras individuaes e sociaes no que ha de mais elevado; porém deverá necessariamente mudar de direcção.

A obrigação de fazer aos outros todo o bem que desejamos que se nos faça, terá por consequencia a educação de todos os filhos do povo, meninos e meninas, sem distincção de sexo, e a organização de trabalhos sufficientemente retribuida pelos adultos. Os soccorros mutuos substituirão a esmola que avilta a mão do trabalhador e a revindica, e essa remuneração tão legitima depois de uma vida perfeitamente laboriosa, tomará o lugar dos depositos de mendicidade e dos hospícios.

Eu conheço e comprehendo essa doutrina, dirá o homem do mundo, mas não vejo como fazer sua applicação; posso acceitar os principios e regeitar as consequencias.

Das penas e recompensas moraes.

Ha considerações na vida do homem que de sobejo manifestam a idéa vantajosa de sua criação, e de haver dentro em si um agente poderoso da moralidade de suas acções. O atheo ou materialista, quando nega esta grande verdade, é arteiramente para certos fins, e não por intima convicção,

pois reconhece nas acções humanas um valor de merecimento quando as acções são moralmente boas, e de demerito quando as acções são moralmente más, e por conseguinte virtude e vicio. Assim, existindo em nós essencialmente a idéa de virtude; a outra que se segue necessariamente ha de ser a da recompensa; e a idéa do vicio, a do castigo, visto o premio que a virtude espera pela conformidade de suas acções, e o castigo do vicio estão na triplice acção do agrado, consenso ou reprovação de um tribunal interior chamado consciencia, quer seja dos homens, quer da Divindade.

Consciencia que és tu? fiel relogio,
Obra prima do Artifice Supremo,
Que ao homem lá no fundo d'alma aponta
Delictos e virtudes! De ti fuja
Quem lembranças do crime afflige, aneia,
Desgraçado, o Lieutard, o que as mãos impias,
Tyranno cruento em sangue humano,
Se fugindo assim mesmo escapar pensa
Nos solitarios bosques embrenhado:
Companheiro fiel dos réos, o medo
Vae em seu coração, e lhe povôa
De phantasmas sem conto a oppressa idéa.
Brando murmurio de agitados ramos
E' do trovão estrondo que annuncia
O raio vingador do Omnipotente,
Pequenino regato, que deriva
Por entre alvos seixinhos saltitantes
Os brados com que o sangue despargido
Clama vingança aos céos; e em toda a parte
Sombras, ventos, outeiros que figura
Mil Lémures de aspecto carregado
Lhe quebram tanto os olhos, que endoudece.

C. e Silva, o P.

Quando as acções são moralmente boas, e que a consciencia tem repetidamente confrontado, tornam-se um pouco desnecessarias na pratica da virtude, porque o contentamento de si para si anticipa a recompensa do agente virtuoso. Ninguém pintou tão bem o character do homem virtuoso com anticipação do premio que a virtude offerece, do que o nosso reformador da poesia portugueza, o illustre Garção, quando disse:

O constante varão, que justo e firme
Da difficil virtude segue os passos,
O pesado semblante do tyranno
Não teme, não estranha-

Veja ferver o chumbo, erguer as cruzes;
Ouça afiar na pedra o curvo alfange;
Soffra no potro asperrima tortura;
Não perde a côr do rosto.

Em severos costumes ensaiado,
Préza mais a innocencia do que a vida;
Fiel á patria, ao principe, aos amigos,
Acaba como vive.

Com pavoroso estrondo se desatem
Em vermelhos coriscos as estrellas,
Brote volcões a terra; da ruina
Impávido não foge.

Assim Mario subio ao capitolio,
Entre aguias e lictores conduzido,
Com aspecto sereno; inda que atadas
As rôxas mãos em ferros;

Na presença de Cezar e conscriptos;
« Fui (disse) fui fiel á Galba e á Roma;
Confesso o meu delicto, se delicto
A virtude se chama.

As legiões romanas testemunhas
Poderão ser; vós, consules, tribunos
A verdade dizei: dizei se Mario
Foi amigo de Galba!

Patricios e soldados do divino
Julio ás aras jurem, se me viram
Sempre ao seu lado? alli Camurio
Alçou a mão traidora.

Eu vi o triste velho descorado
A garganta off'recer ao duro golpe;
E indo da patria o nome repetindo
A grande alma fugir-lhe.

Oh Cezar, aqui tens de Mario Celso
O crime e a confissão! Romanos, Mario
Foi á Galba fiel! Vamos aonde
Está o cadafalso.»

Acabou de fallar; Consules, Padres
Attonitos ficaram; porém Cezar
De tão rara constancia namorado
Nos braços o recebe.

Mas nem sempre os homens são justos para com os outros, pois muitas vezes vemos a virtude desprezada no alvergue singelo da honra, ou perseguida entre o acanhado espaço de uma masmorra; ao contrario o vicio carregado de crimes recebendo em tectos dourados honras e louvores. Neste estado de cousas vemos como que o systema compensativo mostrar a grandeza do que é magnanimo ou singelo, fazendo conhecer pelo prisma da verdade, em pouco, a degradação em que se deve ter o perverso, a fim de se habilitar o justo á receber o premio dos seus merecimentos.

Mas qual marpezia rocha, um peito forte
Não roga, não se abate.

(Garção.)

O habito do merito constitue a virtude, assim como o do demerito constitue o vicio. Ora, a idéa da virtude ligando-se inevitavelmente em nosso espirito, segue-se á idéa de *recompensa*, e a de vicio á de *castigo*.

A recompensa da virtude, e o castigo do vicio estão na approvação e na desapprovação da consciencia, dos homens, e de DEOS.

A consciencia nunca falta: o contentamento de si mesmo recompensa o agente virtuoso; o remorso pune o culpado. Porém os homens nem sempre são justos; a virtude desdenhada e perseguida, o crime adulado e honrado, apparecem-nos neste mundo como verdadeiras desordens. Um tal estado de cousas pede uma compensação. Precisarás que cedo ou tarde a harmonia se restabeleça, e isso não póde succeder senão pela destruição das relações que a molestam, isto é, pelo soffrimento e degradação do máo, pela felicidade e reabilitação do justo.

Da sanção da moral.

A sanção da moral está pois na pena e na recompensa, uma ligada como promessa, a outra como ameaça á violação ou á observação da lei da moral. Esta sanção é dupla por natureza; *actual* ou *terrestre*, e consiste na satisfação moral ou no remorso, na estima ou no desprezo dos homens; *interior* ou *divina*, repousa nas penas ou recompensas de uma outra vida.

Deveres do homem para consigo mesmo.

O homem, dotado de sensibilidade, de intelligencia, e de liberdade, está em relação com sua dupla natureza material e espirital, com os entes iguaes ou inferiores, e com a causa primaria ou DEOS. D'ahi vem as tres especies de deveres, cujo conhecimento faz o objecto da *moral especial*.

A *moral especial*, pelas relações e obrigações que della se derivam, divide-se em tres partes: primeira, *moral individual* ou deveres do homem para consigo mesmo; segunda, *moral social* ou deveres do homem para com seus semelhantes e para com os animaes; terceira, *moral religiosa* ou deveres do homem para com DEOS.

Os deveres do homem para consigo mesmo são de duas sortes: uns, relativos á sua alma; outros, a seu corpo.

Os deveres do homem a respeito de seu corpo tem por objecto as diversas *faculdades* de que é dotado, isto é, de *actividade voluntaria* e *livre*, de *intelligencia* e *sensibilidade*.

1.º *Actividade voluntaria e livre*. A vontade é o mesmo homem; faz sua força, e constitue sua dignidade; importa pois cultivar-a com cuidado, dirigil-a para o bem e desviar-a do mal; convém sobretudo assegurar o imperio que ella tem direito de exercer na intelligencia e na sensibilidade.

2.º *Intelligencia*. Por ella é que nos é dado conhecer a DEOS, ao mundo e a nós mesmos; attingir á verdade, e descobrir o erro; logo, é dever nosso trabalhar para seu desenvolvimento.

3.º *Sensibilidade*. Esta faculdade instrue a alma á respeito

da acção dos objectos exteriores sobre os órgãos; adverte-a das necessidades cuja satisfação é indispensavel ao bem estar e conservação do corpo. E' evidente que é obrigatorio para nós tornal-a cada vez mais delicada e segura, evitar tudo que poder prejudical-a ou destruil-a, e fazer finalmente todos os esforços para harmonisal-a com a intelligencia e actividade.

Os deveres do homem para com seu corpo tem por objecto manter seus órgãos no estado de saude e de bemestar. O corpo é o escravo da alma, um instrumento á suas ordens; logo, ella deve, em retribuição dos serviços que d'ella recebe e por seu proprio interesse, velar com cuidado em sua conservação, satisfazer suas necessidades, intreter, e mesmo se possivel for, augmentar seu vigor.

Todos esses deveres resumem-se para o homem na obrigação de conhecer e de procurar tudo que lhe é util, de amar-se a si mesmo sem prejudicar a outrem; em uma palavra, fazer todas as suas faculdades concorrerem para o complemento da lei moral.

Não tem direito sobre sua existencia: é dever seu defendel-a do perigo; por consequencia, é-lhe interdito o suicidio e o duello.

Moral social, ou deveres do homem para com seus semelhantes.

O homem não está isolado sobre a terra, occupa um lugar determinado no systema geral, e acha-se em contacto com os entes semelhantes a si, e com os inferiores.

Fazemos parte da sociedade humana, da sociedade nacional e da familia; a sciencia de nossos deveres, como membros da humanidade, de uma nação, de uma familia, é o que faz o objecto da *moral especial*.

Deveres do homem em geral.

A humanidade é uma familia, de que todos os membros

são irmãos. Essa *fraternidade* é a base de nossos deveres para com o homem em geral.

Esses deveres dividem-se em deveres *negativos*, e em deveres *positivos*. Os deveres *negativos* estão todos contidos no preceito de *não fazer a outrem o que não queremos que se nos faça*. Consiste em respeitar a vida, os bens, a reputação, e a liberdade do proximo; em não pôr obstaculo ao desenvolvimento de sua intelligencia e de sua sensibilidade; em não arrastal-o á prazeres funestos, etc.

Os deveres *positivos* estão todos encerrados no preceito de *fazer a outrem o que queremos que a nós seja feito*. Consistem em amar nossos semelhantes, em ser indulgentes com suas faltas, soccorrel-os na desgraça; e, ainda mais, procurarmos-lhes os meios de se esclarecerem e de se instruirem, e encaminhal-os ao bem, tanto por nossos conselhos, como por nossos exemplos.

Deveres para com o Estado.

O Estado compõe-se da familia, da sociedade e da nação. E' pela familia que o individuo entra na sociedade, pela sociedade que entra na nação, e pela nação que entra na sociedade universal do genero humano.

Na familia, o homem se apresenta como filho, como esposo, como pae, como senhor ou como criado.

Como filho, deve á seus paes respeito, amor, docilidade e reconhecimento; como esposo, deve á sua companheira ternura, protecção e fidelidade; como pae, deve a seus filhos a triplice educação, physica, moral e intellectual, apropriada a suas necessidades e posição; como senhor, deve a seus famulos indulgencia, bondade e justiça; como criado, deve a seus amos zelo, fidelidade, discrição e deferencia. O complemento dos deveres do homem na familia está subordinado ao complemento de seus deveres para com a sociedade.

O homem na sociedade apresenta-se como *homem publico* ou *privado*. Como *homem publico* deve preencher com zelo e devotamente as funcções que lhe são confiadas, velar na

execução das leis, e dar o exemplo disso; como *homem privado*, deve ao *homem publico*, no exercício de sua autoridade, obediencia activa, se as ordens deste são conformes á lei; obediencia passiva, se á ella são contrarias.

O complemento dos deveres para com a sociedade está subordinado ao complemento dos deveres para com a nação.

O homem na nação, apresenta-se como *governante*, ou como *governado*.

Como *governante*, jámais deve perder de vista que o poder de que é depositario vem de cima, e que o não recebe senão para fazê-lo concorrer para o bem da humanidade. Por consequencia deve proporcionar aos governados justiça, segurança e protecção; deve reprimir todos os delictos sociaes, propagar a educação moral e religiosa, animar o merito, honrar a virtude, dirigir as intelligencias para a indagação da verdade, os corações para o amor do bem; deve, em fim, desenvolver e organizar todas as fórmas sociaes, de modo que nenhum delles possa ser destituido das primeiras necessidades da vida material.

Como *governado*, o homem deve aos depositarios do poder, respeito e obediencia *activa*, e concurso se as prescripções estão em harmonia com as leis divinas e humanas; obediencia *passiva* e constrangimento, se estão em desacordo com essas leis.

No estado actual das sociedades, os deveres do homem para com a nação tem sempre são rigorosamente conciliaveis com seus deveres para com a humanidade; uma civilização progressiva tende, de mais em mais, a conciliar-os e confundil-os.

Destino do homem. — Provas da immortalidade da alma.

O destino do homem neste mundo é o complemento da lei moral. Essa lei está toda nãas tres palavras da doutrina catholica: *conhecer*, *amar*, e *servir* a DEOS.

O homem deve applicar sua intelligencia em conhecer a

as P...
non filius est autem...
non filius...
non filius...

Cam admissio de hominem edam...
q' opus de procreacione transmittit...
ogermum dicitur a cum novo...
sella sua semel hanc tanto phisicam...
moral. Tunc transmittit opus a...
filios, eate mensura a infirmitate...
q' p'ponit: ~~etiam etiam de f...
de roto, de membris, de corpore, de gustu,
de ore, de uis, de proferendis, de tempore
munito a coraether, suo elemento pro
provis, q' tras opilla q' sub jiga...
sentimentis de coram q' p'p'ria. Ego
mai reparare opilla a p'p'ria...
dama, eate q' de a corpore, sua...
go q' ~~admittit~~ proteges a cause
vor emente, ~~q' de a corpore~~, repro
derit q' de p'p'ria q' q' oiver no futu
ro! eto d'p'p'ria d'p'ria a creacione opai
concentra nulla osu amor, seu a fagos...
velo, hanc p'p'ria a d'p'ria...
sim filis de involuimento, em modo q'...
liquor anatur, q' p'p'ria opai
suo filio a p'p'ria q' d'p'ria...
d'p'ria q' tal modo q' b'p'ria a p'p'ria
ca d'p'ria q' alyras, alyras. At sua vos
grossa e p'p'ria e mai harmoniosa
q' a caliditas opilla, q' p'p'ria calor, q' p'
osai, melodiosa d'p'ria alyras
p'p'ria instrumenta de d'p'ria.
Olla osai sua d'p'ria valens...
individuo a d'p'ria a hominem completo
tunc a temperam ^{influenza} alyras a coraether q'
v'g, liquor a constitutio de homine, eate sua
influenza conforma a sua p'p'ria alyras.~~

incumbens aspirans & una propria
natura, utrumque in utroque alio
cum facit an minus forte. Composita
de alma & corpore, & una unius substantia
e' de se recipit reciproca de un' s' ab
e' autro q' defendit operante comple
muto de un' distincto natura
De utrumque continuo, de corpore un
luta tyrannica cum a alma facit q'
de utroq' arrastem^{ta} p'ula terra can^{ta}
luna de proceres mundanos, un^{ta}
q' a alma un' procura de un' fel
citas un' pura aspira a felici
dus eterna s' goro obscura un' un
talibus na ~~Phisica~~ de ~~Phis~~

Thomam seris un' enigma in ex
plicandis, de Dr. Boergoer, un' comple
vo manutruo de causas in comple
hominis, se ad eligens nos, un' un
un' un' un' un' un' un' un' un' un'
gradus un' un' un' un' un' un' un'
na p' hunc de un' un' un' un' un'
de q' for' un' un' un' un' un' un'
e' un' un' un' un' un' un' un' un'
aliqua causa de un' un' un' un'
de un' un' un' un' un' un' un' un'
un' un' un' un' un' un' un' un'
loco un' un' un' un' un' un' un' un'
de un' un' un' un' un' un' un' un'
de un' un' un' un' un' un' un' un'
Numerous causas un' un' un' un'
predispocionis un' un' un' un' un'
er aspirans de un' un' un' un' un'

~~causas de un' un' un' un' un' un' un' un'~~
~~de un' un' un' un' un' un' un' un'~~
~~causa un' un' un' un' un' un' un' un'~~
~~sub un' un' un' un' un' un' un' un'~~
~~de un' un' un' un' un' un' un' un'~~
~~de un' un' un' un' un' un' un' un'~~
~~de un' un' un' un' un' un' un' un'~~
~~de un' un' un' un' un' un' un' un'~~

Do cerebro os espiritos descendem
Ao coração, que lhos compensa em sangue,
Que o nutre, e que por veias, por arterias,
Sem cessar circulando corre os membros,
Os vivifica, e da materia exhausta
Pela transpiração repara as perdas!
E' elle quem aos lyrios do semblante
Mistura a rubra rosa; quem nos labios
Faz brilhar o carmin, e ás mãos e aos braços
Com azues, tortos veios dá realce!
Por todo o corpo os nervos diffundidos
Levam as sensações d'alma ao alcaçar!
Nelles reside activa sentinella,
Principio do prazer, da dôr, da vida,
A sensibilidade, que prevista
Ao mais pequeno insulto se alvorota,
E chama em seu soccorro o corpo inteiro.
Ella os contrahe mal sente o frio intenso,
Ou sol estimulante; ella tempera
Com chylo mais suave os acres fluidos,
E pelo ardor da sêde nos adverte,
Que o sangue escandecido auxilio implora
De suave licor, que o refrigere!
Dos outros animaes o differençam
A articuladâ voz, que pinta ao vivo
O que pensa, o que sente, e o pranto, e o riso!
Mais precioso dom lhe fez o ETERNO!
Alma immortal aos Anjos semelhante,
Que cogita, que julga, e livre escolhe,
Por ella o Homem dominando o Mundo
Todos os animaes curva ao seu jugo,
Dispõe dos elementos! dous motores
Do humano ser operações regulam,
Pessoal interesse, e Amor se chamam.

Para se conservar é o interesse
Quem o engenho lhe aguça, e lhe faz gratos
Os improbos trabalhos, e as fadigas.
Elle é o pai das artes proveitosas,
Doutrinado por elle o Homem soube
Buscar nos bosques nutritivos frutos,
O arado fabricar, o alvião, o ensinho,
Rasgar o seio da fecunda terra,
E os germens confiar-lhe em tempo idoneo!
Tirar dos animaes primeiro a pelle,
Para cobrir-se, apoz da ovelha os velos,

E das plantas os tenues filamentos
Fiar, tecer, e commodo vestido
Com elles procurar-se! pelo fogo
Os metaes a seus usos sujeitando
Fórma da industria os varios instrumentos!
Cançado de habitar em fundas grutas,
As corpolentas arvores derruba,
E em casas as transforma! lança o freio
Ao suberbo corsel, e aos bois o jugo.
Se em longas velas cativando o vento
Em pequeno baixel affronta os mares,
Zomba das vagas, das procellas zomba;
Se em plantas aromaticas procura
Os balsamicos succos, que adormentam
Da torva enfermidade as vivas dores,
Ao interesse o deve, prompto sempre
Em promover individual benesse!
Oxalá que imprudente algumas vezes
De ventura chymerica no trilho
Não o levasse ao precipicio, á morte!

Mais puro sentimento o Amor, que ao Homem
Faz recordar sna celeste origem,
As suas affeições generalisa,
C'os semelhantes seus o identifica,
Onde o Creador descobre a imagem!
Muda de nomes, e de objectos muda;
Tal o velho Protheo se transformava
Em pedra, em rio, em arvore, em serpente,
Em jubado leão, manchado tygre.
Tal o fogo diverso sempre, e o mesmo
Ora é fumo, ora é chamma, é luz, e é raio!

Sem Amor qual do Mundo a sorte fôra?
Que seria dos Homens? vagabundos
Quaes feros animaes por densos bosques,
Elevadas montanhas, ermas praias,
Procurando alimento, pugnariam
Para uns aos outros o roubar!.. familias
Como sem elle se fundaram? como
Ellas umas com outras alliadas
Formariam nações?.. uivos bravios,
Rudes interjeições as linguas foram
Que hoje tão variadas, tão sonoras,
Das Musas na cadencia nos encantam,
Humidos antros, ou cavados troncos
Do rei da creação palacios foram!

Deste estado de simples natureza
Quanto já longe estão Cafres, e Geijas,
Do vasto Canadá guerreiras Tribus,
E os selvagens das margens do Amazonas,
A quem nós com razão chamamos brutos
O affecto conjugal, paterno affecto,
As suaves cadeias da ternura
Como existiram em ferinos peitos
Que a sensual ardencia á tóa unira
Com passageiro laço? brotariam
De Catão e de Régulo as virtudes,
Onde eram propriedade, e Patria ignotas?
Sem o favor de articulado idioma
Seria dado a Pylades e Orestes
D'alma a alma entreter commercio? vida
De privações vivendo, e de rapinas,
Como a inciga piedade dera ouvidos
O Homem, copia de Jokó? nem prazeres,
Nem commodos, nem artes, nem virtudes,
Sem amor nunca a terra conhecêra
Porque do seio seu sahiram todas.

Sim, oh bella Lieutard, quantas virtudes
Dão valor, dão realce á essencia do Homem,
São amor, se de perto as examinas.
E o que é Religião mais que amor puro,
Que ao Creador tributa a Creatura
Pelo ser, que lhe deu, desejo ardente
De com elle se unir na Eternidade?

Não foi de Lino a Cythara sonora
Que os bravios mortaes tirou dos matos,
Foi amor, que, gerando a Sociedade,
As cidades fundou, distinguio povos,
E c'o interesse pessoal de accôrdo
Leis estabeleceo, fundou governos,
E os humanos juntou do altar em torno!..

O homem, por todos os modos visto, e mais que muito observado, é uma profusão de funcções, uma infuidade de actos, que quanto mais estudados, mais importantes se mostram á contemplação do philosopho. O seu espirito, como escreve o conde de Oxenstiernn, exposto a ser preza dos devoradores sentidos, e o seu corpo pasto de bixos e podridão, offercem um contraste admiravel. O nascimento um principio de molestia, e a vida uma natural imagem da

morte: eis aqui o que é o homem, cuja origem é tão ignominiosa, tão cheia de amargura a vida, tão temeroso o fim. O seu berço é a imundicia, macaque a infancia, loucura a virilidade, e molestia a velhice: chora ao nascer, padece enquanto vive, e morre desesperado: loucas vaidades entretêm a sua mocidade, projectos chymericos lhe tomam a idade madura, e para a velhice estão arrependimentos e suspiros. Mancebo, até ignora a natureza dos seus desejos, velho, reconhece-os, mas não os pôde satisfazer; o seu corpo é um receptaculo de corrupção, e o seu espirito a residencia da melancolia, das inquietações, das vãs esperanças e de panicos terrores. A sua avareza traz apòs si a indigencia, as suas devassidões dores e remorsos, a sua colera desgraças, a sua glotoneria enfermidades; a sua inveja tormentos, e a sua preguiça pobreza.

Comprehendido assim o homem, e o preço porque a natureza vende o que ella produz para o nosso uso, o cuidado que toima em desfazer a nossa alegria em amarguras e tristezas, e os riscos que são necessarios passar para vir á luz, vê-se que apezar da superioridade que deo ao homem sobre os animaes, nenhum ha que nasça mais fragil e mais destituido de todos os soccorros. Os mais animaes nascem sem custo, e providos logo de tudo. Quanto trabalho não custa o homem á desvelada mãe! Que trabalho na educação! Quanto tempo primeiro que seja capaz somente de andar e fallar! Os demais animaes não precisão de mestre, e só o homem é que nasce em profunda iguorancia, menos de chorar, porque soffre.

Extracto da historia do homem, por Buffon.

« Percorrendo a superficie da terra, começando pelo Norte, encontra-se na Laponia e nas costas septentrionaes da Tartaria, uma raça de homens de pequena estatura, cuja figura estravagante e phisionomia é tão selvagem, como seus costumes. Todos os povos dessas regiões têm o rosto largo e chato, o nariz tambem chato e machucado, o iris pardo tirando para negro, as palpebras retrahidas para as fontes, as faces extremamente altas, a bocca muito grande, a parte

inferior do rosto estreita, os labios grossos e revirados, a voz fina, a cabeça grande, os cabellos lisos e negros, e a pelle trigueira: são muito pequenos e corpulentos, ainda que magros: a maior parte delles não tem mais que quatro pés de altura, e os maiores não tem mais que quatro e meio. Os Barandianos ainda são mais pequenos que os Laponios, e os Samoiedas mais corpulentos. Estes tem a cabeça maior, o nariz mais largo, a pelle mais escura, as pernas mais curtas, os joelhos mais salientes, os cabellos mais compridos e menos barba. Os Groenlandinos ainda tem a pelle mais trigueira que todos os outros; são côr de azeitona carregada. Entre todos esses povos as mulheres são tão feias como os homens... Não só esses povos se assemelham pela fealdade, pequenez do tallie e côr dos cabellos e dos olhos, como tambem por que todos pouco mais ou menos tem as mesmas inclinações e costumes; são todos grosseiros, supersticiosos, e estupidos; a maior parte são idolatras, mais grosseiros que selvagens, sem coragem e sem respeito para si mesmo.

« Examinaudo-se todos os povos visinhos desse grande pedaço de terra que a raça laponia occupa, ver-se-ha que entre elles e essa raça não ha relação alguma. Só os Ostiacos e Tungosos se lhes assemelham. Os Samoiedas e os Barandinos em nada se parecem com os Russos; os Laponios nem com os Fenicios, nem com os Godos, nem com os Dinamarquezes e nem com os Norueguenses. Os Groenlandezes tambem differem dos selvagens do Canadá: esses povos são altos e bem feitos, e ainda que sejam mui dessimilhantes entre si, comtudo muito mais differem elles dos Laponios. Os Ostiacos, dos Samoiedas, parecem ser um pouco menos feios, e encolhidos que os outros, porque são pequenos e mal feitos.

« Os povos da Tartaria tem a parte superior do rosto muito larga e enrugada, mesmo na mocidade; o nariz curto e grosso, os olhos pequenos e encovados, as faces muito elevadas, a parte inferior do rosto fina, o queixo comprido e saliente, a queixada afundada, os dentes grandes e separados, as sobrancelhas grossas cobrindo-lhes os olhos, as palpebras espessas, a cara chata, a tez trigueira e azeitonada, e os cabellos negros: são de estatura mediocre, porém muito fortes e robustos; tem pouca barba e espigada como a dos Chinezes; suas pernas são curtas e as coxas grossas.

« Os Kalmucks, que habitam na vizinhança do mar Cas-

pio, entre os Moscovitas e os grandes Tartaros, são, conforme Tavernier, os homens mais robustos, mais finos e mais disformes que o céu cobre: têm o rosto tão chato e tão largo, que ha de um olho a outro o espaço de cinco a seis dedos. Seus olhos são extremamente pequenos, e o pouco que elles têm de nariz é chato, onde se vê dous buracos em lugar de ventas. Têm os joelhos voltados para fóra, e os pés para dentro. Os Tartaros do Daghestão são, depois dos Kalmucks os mais feios de todos os Tartaros.

« Os pequenos Tartaros ou Tartaros Nogais, tem perdido parte de sua feizeza, por se terem misturado com os Circasianos. A' medida que se caminha para o Oriente, na Tartaria independente, as feições dos Tartaros adoçam-se um pouco, porém os caracteres essenciaes á essa raça conservam-se sempre. Finalmente, os Tartaros Mongolos, que conquistaram a China, e que de todos esses povos eram os mais policiados, são ainda hoje os menos feios e mal feitos: no entanto têm, como todos os outros, os olhos pequenos, o rosto chato e largo, pouca barba, mas sempre negra ou russa, e o nariz achatado e curto. Entre os Tartaros Hergissios e Tcheremissis, ha um povo inteiro cujos homens e mulheres são de singular belleza. Os costumes dos Chinezes são inteiramente oppostos aos dos Tartaros, mas a respeito da figura e feições, ha entre elles caracteres de não equivoca semelhança.

« Os Chins têm os membros bem proporcionados e são grossos e gordos; têm o rosto largo e redondo, os olhos pequenos, as sobranceiras grandes, as palpebras altas, e o nariz pequeno e achatado: têm sete ou oito espigas de barba negra em cada labio, e muito pouca no queixo. Os viajantes hollâneezes concordam todes em que os Chins, em geral, têm o rosto largo, os olhos pequenos, o nariz chato e quasi nenhuma barba. A differença de tez e de costumes não impede que elles sejam de um mesmo tronco, porque emquanto á tez, a differença vem do clima e dos alimentos, e a respeito dos costumes, vem tambem da natureza do terreno, e da opulencia mais ou menos grande. Os Japonezes assemelham-se muito aos Chius. Os habitantes do Yeço são grosseiros, brutaes, sem costumes e sem artes: têm o corpo curto e grosso, os cabellos compridos e hirtos, a testa chata, a tez amarella, porém um pouco menos que a dos Japo-

nios; têm o corpo muito cabelludo e mesmo o rosto.

« Os habitantes de Arauana apreciam uma testa larga e chata, e para a tornarem assim applicam uma chapa de chumbo na testa das crianças que nascem. Têm as ventas largas e abertas, os olhos pequenos e vivos, e as orelhas tão grandes que lle chegam ás espaduas. Comem sem nojo ratos, serpentes e peixe corrompido.

« Os habitantes da costa da Nova Hollanda, que está a 16 grãos e 15 minutos de latitude meridional, e ao meio dia da ilha Timor são, talvez, os mais desprezíveis de todos os homens, e os que mais se approximam dos brutos: são altos, direitos e delgados; têm os membros grandes e desenvolvidos, a cabeça grande, a testa redonda, e as sobrançellas espessas; suas palpebras estão sempre mui fechadas, tomam esse habito desde a infancia para garantir os olhos dos mosquitos que os incommodam muito, e como nunca os abrem, não podem ver ao longe, salvo levantando como para olhar para cima. Têm o nariz grosso, os labios e a bocca grandes, e arrancam provavelmente os dentes da frente do lado superior, pois que homens, mulheres, crianças e velhos d'elles são privados. Não têm barba; seu rosto é comprido e de aspecto muito desagradavel, sem uma só feição que possa agradar; sens cabellos não são compridos e lisos como os de todos os indios, porém negros e crespos como os do negro, e têm a pelle tão preta como a dos negros de Guiné.

« Se examinarmos agora os povos que habitam um clima mais temperado, veremos que os habitantes das provincias septentrionaes do Mogol e da Persia, que os Americanos, os Turcos, os Georgianos e Mingrelianos, os Circassianos, os Gregos, e todos os povos da Europa, são os homens mais bellos, mais claros e mais bemfeitos de todo o mundo, e que apesar da distancia que ha entre a Cachemira e a Hespanha, a Circassia e a França, existe uma singular semelhança entre esses povos tão separados uns dos outros, mas situados pouco mais ou menos em igual distancia do Equador. Os Cachemirianos são celebres por sua belleza; elles não têm nem o nariz achatado e nem os olhos pequenos de coruja como seus vizinhos. O sangue Georgiano ainda é mais bello que o Cachemiriano; não se encontra um rosto feio nesse paiz, e a natureza espalhou na maior parte das mulheres, graças que não se veem nas outras. Os homens tambem são muito

bellos; têm naturalmente espirito, e seriam proprios para sciencias e artes, mas sua má educação torna-os muito ignorantes e viciosos. Apesar de todos os seus vicios, os Georgianos não deixam de ser civis, humanos, graves e moderados. Só se encolerizam, e isso mesmo raramente, quando concebem odio a alguém, ainda que sejam inimigos irreconciliaveis. Os Circassianos e os Mingrelianos são tão bellos e bem feitos, como os Georgianos. E' raro encontrarem-se corcundas e coxos entre os Turcos. Os Hespanhoes são magros e muito baixos; têm o talhe delgado, bella cabeça, feições regulares, olhos bellos, dentes bem arranjados, porém tez amarella e trigueira. Nota-se que em algumas provincias da Hespanha, como ao redor da ribeira de Bidassoa, os habitantes têm as orelhas de descomunal grandeza.

« (Ouvir-se-ha melhor com as orelhas grandes, que com as pequenas? Conhecemos um homem que tendo orelhas muito grandes e grosseiras, tem o ouvido extremamente fino e o espirito muito judicioso. Afóra esse, todos os que temos visto com orelhas muito grandes, são estupidos; as pequenas, ao contrario, annunciam character fraco, sensivel, ou afeminado.)

« Os homens de cabello negro começam a ser raros na Inglaterra, Flandres, Hollanda, e nas provincias septentrionaes da Allemanha: quasi tambem que não se encontram em Dinamarca, Suecia e Polonia. Conforme Linnaeus, os Godos são de alta estatura, têm os cabellos lisos e de um louro prateado, e o iris azulado. Os Fenicios têm o corpo musculoso e carnudo, os cabellos de um louro amarello, e o iris pardo claro.

« Ha tambem variedade na raça dos negros como na dos brancos. Os negros, assim como os brancos, têm seus Tartaros e seus Circassianos: os de Guiné são extremamente finos e têm um odôr insupportavel; os de Sofala e Moçambique são bellos e não têm máo cheiro. Estas duas especies de homens se assemelham mais pela còr do que pelas feições do rosto; seus cabellos, sua pelle e o odôr do corpo, seus costumes e seu natural, tambem são muito differentes. Os negros de Cabo-Verde não têm tão máo cheiro como os de Angola; sua pelle é mais bella e mais preta, o corpo mais bem feito, as feições do rosto menos duras, o natural

mais brando e o talhe mais vantajoso. Os Senegalezes são de todos os negros os mais bem feitos e os mais susceptíveis de disciplinar. Os Nagôs são os mais humanos; os Mondogos os mais crueis; os Minas os mais resolutos, os mais caprichosos, e os mais sujeitos a desesperarem-se.

(Sendo assim, é necessario estudar cuidadosamente todas essas cabeças, e indicar em cada especie as feições que são communs aos mesmos caracteres).

« Os negros de Guiné têm o espirito extremamente limitado, e não têm memoria; não podem contar além de tres. Por pouco espirito que tenham, não deixam de ter muito sentimento; têm um coração excellente e o germen de todas as virtudes. Todos os Hottentotes têm o nariz muito chato e largo; não o teriam comtudo tanto, se as mãis não os achatassem logo depois de seu nascimento.»

(Está bem decidido que *elles o não teriam?* e a fórma da cabeça não deve por ventura servir de base á fórma do nariz? Não ha cabeças que por sua fórma concorrem necessariamente á achatação do nariz, assim como ha outras onde o nariz só poderia ser chato por um esforço violento? O mesmo habito que os Hottentotes têm de achatar o nariz a seus filhos, não é uma prova de que essa fórma lhes é mais natural que qualquer outra?)

« Elles têm tambem os labios muito grossos, principalmente o superior, os dentes muito brancos, as sobrancelhas espessas, a cabeça grande, o corpo magro e os membros delgados. Os selvagens do Canadá e das terras visinhas são todos muito altos, robustos, e assás bem feitos; todos têm os cabellos e os olhos negros, os dentes muito brancos, a tez atrigueirada, pouca barba e quasi que nenhum cabello em parte alguma do corpo. São duros e infatigaveis no andar, e muito ligeiros na corrida; tanto supportam a fome como o maior excessõ de nutrição; são atrevidos, corajosos, ativos, graves e moderados; finalmente, assemellam-se tanto aos Tartaros Orientaes pela côr da pelle, dos cabellos e dos olhos, pela pouca barba e cabello no corpo, e tambem pelo natural e costumes, que se julgaram vindos dessa nação, se não fossem separados uns dos outros por um vasto mar. Elles estão tambem sob a mesma latitude, o que ainda prova o quanto o clima influc na côr, e mesmõ na figura do homem. »

(E por consequencia tambem sobre o caracter, espirito e costumes.)

Esboço da estrutura do corpo humano: seus movimentos são voluntarios, organicos, ou convulsivos?

O corpo humano (diz Chardel) compõe-se de partes molles e de partes solidas, que lhe servem de ponto de apoio. Conhecemos toda a sua estrutura exterior. As carnes se dividem em porções separadas, que formam cada uma um musculo particular.

A estrutura assim divide-se do mesmo modo, em muitos ossos, ordinariamente unidos por articulações mais ou menos moveis; a maior parte dos musculos ligam-se por sua extremidade a differentes ossos; esses musculos contrahindo-se encurtam-se; suas extremidades se approximam, e por consequencia tambem os ossos a que estão fixados: é por esse mecanismo que nossos membros executam seus diversos movimentos.

Nossa vontade só obra nos musculos por intermedio dos nervos; estes são especies de fios de uma côr esbranquiçada, analoga á substancia do cerebro. com que communicam, porque é o centro da circulação nervosa.

Os movimentos do corpo humano são voluntarios, organicos ou convulsivos. A alma, por intermedio dos nervos, faz executar movimentos voluntarios; os movimentos organicos são devidos á acção da vida, e chamam-se movimentos convulsivos todos os que são determinados por qualquer causa de perturbação.

Os movimentos convulsivos manifestam-se em alguns vegetaes, taes como os sensitivos; os movimentos organicos pertencem a todos os entes vivos; e quanto aos voluntarios, resultam de uma determinação d'alma, e são o apanagio exclusivo dos animaes.

Extracto de Winkelman. (1)

« A respeito da configuração dos homens, a experiencia nos mostra que a alma e o character se pintam, a maior parte das vezes, na physionomia dos individuos. Assim como a natureza sempre variada em suas producções, separou os grandes paizes e os poderosos imperios por montanhas, rios e mares, do mesmo modo imprimio traços caracteristicos nos habitantes das diversas regiões. Vê-se tambem que nos paizes muito alongados ella marcou as partes do corpo do homem, e mesmo sua estatura, com sensiveis differenças. E' factó que os animaes, em suas especies e debaixo de diversos climas, não differem menos entre si que os homens. Ha observadores que dizem ter notado que os bixos tomam o character dos habitantes do paiz em que vivem.

« A configuração do rosto é tão differente como as linguas e seus dialectos. Como a differença da linguagem provém dos orgãos das palavras, os nervos da lingua devem ser mais entumecidos nas regiões frias que nos paizes quentes. Se faltam pois letras aos Chins, Japonezes, Groenlandezes, e ás diversas nações da America, é nesse mesmo principio certamente que se deve buscar a causa disso: por tanto as linguas do norte são compostas de tantos monosyllabos e tão erisadas de conçoantes, que a combinação e pronunciação dellas tornam-se, senão impossiveis, ao menos muito dilliceis ás outras nações.

« Um celebre escriptor do principio deste seculo, busca a differença dos dialectos da lingua italiana na construcção e conformação dos orgãos das palavras. Seguindo essa opinião, diz o mesmo escriptor, que os Lombardos, nascidos nas mais frias regiões da Italia, têm a pronuncia dura e syncopa; que os Toscanos e os Romanos, habitando um clima mais temperado, têm a falla mais cheia e mais compassada, e que os Napolitanos, gozando de um céu ainda mais quente, articulam as palavras com a bocca muito aberta e fazem soar as vogaes mais que os Romanos. Aquelles que podem

(1) Historia da arte da antiguidade.

ver os homens de diferentes nações, distinguem-os tanto pelos traços da physionomia, como pelos sons da palavra.

« O homem, tendo sido sempre o principal objecto da arte, os artistas de todos os paizes deram a suas figuras a physionomia de sua nação; porém o que sobre tudo prova que a arte antiga havia adoptado uma diversidade de fórmulas, conforme a configuração dos homens, as mesmas entre nossas nações modernas, e as copias que tem sido feitas por nossos artistas. Os Allemães, os Hollandezes, e os Francezes são tão diferentes em si, como os Chins, Japonezes e Tartaros; e os artistas desses paizes, que nunca deixaram sua patria, e que não tem tomado o character estrangeiro, são logo reconhecidos por seus quadros. Rubens, apesar de habitar muito tempo a Italia, desenhava constantemente suas figuras como se nunca houvesse deixado Flandres.

« A bocca saliente e inchada que os Mouros têm de commum com os signaes de seu paiz, é uma excrescencia, uma inchação causada pelo calor do clima: é por isso que os labios se inflammam, ou pelo calor do clima, ou pela abundancia de humores nos transportes de colera. Os olhos pequenos dos habitantes do Norte e do Meio-dia devem ser collocados na classe das imperfeições de seu talhe, que é curto e reforçado. A natureza á medida que se aproxima das extremidades, produz geralmente muitas dessas fórmulas bosquejadas. Obrigada a combater alternativamente o calor e o frio, ella só gera substancias imperfeitas: alli suas plantas precoces crescem muito depressa; aqui seus vegetaes tardios não chegam a amadurecer. As flores expostas aos ardores do sol, perdem sua frescura, privadas de seus raios não tomam cor; vemos mesmo que as plantas encerradas em um lugar sombrio degeneram. Mas á proporção que ella se aproxima (á natureza) do centro, e que habita um clima mais temperado, é mais regular em suas fórmulas e mais rigorosa. Dahi segue-se que nossas idéas de belleza, assim como as dos Gregos, moldadas sobre as mais regulares fórmulas, devem ter mais justeza que as noções que podem ter povos que, para me servir do pensamento de um poeta moderno, não são mais que um esboço da imagem de seu Creador.»

Dos caracteres do genero humano, tirados da fórma do semblante,

Em physiologia as palavras *rosto* e *physionomia*, não devem ser tomadas por synonymos.

Rosto, é a grande divisão da cabeça, que está abaixo e diante do craneo do homem, e que comprehende os sentidos da vista, do ouvido, do paladar e do olphacto; uma parte dos órgãos da mastigação e aquelles que servem para a expressão da physionomia. A plantação dos cabellos, a parte inferior, e angulo da queixada, marcam os limites do rosto, cuja figura se approxima da elegante fórma de um oval insensivelmente comprimido, e estreitado em sua extremidade inferior.

Physionomia, em linguagem physionomica, é só o rosto considerado relativamente ao exercicio da vista (1).

A parte do rosto onde a physionomia mais apparece, é do labio superior até ao cume da testa.

Os animaes têm pouca physionomia (2), e no entanto cara muito grande, a parte inferior della não tem relação alguma nem com a vida intellectual, nem com a moral.

No homem, o rosto comparado ao craneo parece pequeno, entretanto nelle ha muita mais physionomia; differença extremamente notavel, e que depende da extensão que occupam no rosto humano as regiões assinaladas para a expressão das vias moral e intellectual.

A physionomia não é, como ordinariamente se diz, o espelho da alma, um meio passivo de expressão; é um dos órgãos mais eloquentes e mais activos da linguagem do coração e do espirito, uma das superficies da organização que

(1) Segundo a analogia, a palavra *physionomia* deriva-se do latim barbaro *visagium*, que quer dizer *o que exercz a vista*, porque na verdade a funcção do olho considerada como órgão da visão e de expressão, é o que mais sobresahe na parte do rosto que consti tue essencialmente a physionomia.

(2) Ordinariamente não se usa da palavra *physionomia* fallando-se dos animaes; essa palavra só convém ao homem, pois que só elle verdadeiramente tem physionomia, queremos dizer, o meio eloquente de mostrar detalhadamente n'uma pequena divisão da superficie do corpo so diversos estados de seus sentimentos e de seus pensamentos.

mais relações tem com as affecções da alma, e onde as doenças, as paixões, os vícios e as virtudes operam mais notáveis mudanças.

O coração, o pulmão e o cerebro, são tidos por órgãos essenciaes á vida interior.

A physionomia é o órgão essencial da vida, quando ella se espalha exteriormente, é que apparece em todo o seu desenvolvimento e brilho na expressão variada das paixões.

A' vista destas reflexões, é evidente que, na fórma da physionomia e da cabeça em geral, é que principalmente se deve procurar os caracteres essenciaes do homem, e a prova mais decisiva que o genero humano é um genero separado de todos os generos de animaes por um vasto intervallo, que é uma familia isolada, e que deve ter sua historia e seu retrato á parte do quadro da natureza.

Basta sem duvida olhar a physionomia de um homem com attenção, para ver-se e reconhecer-se, ainda mesmo entre os mais hediondos selvagens, o sello da humanidade e as differenças essenciaes e characteristics que collocam o homem a tão grande distancia dos irracionaes, que revelam, que proclamam de algum modo sua superioridade de organização, sua nobreza e sua classe, e o gráo de perfeição e de excellencia de sua natureza.

No entanto, os moralistas, e mesmo os naturalistas, negligenciam a physionomia, e não dão muita importancia ás relações exteriores do homem, ou cedendo a um habito de classificação e congrassamento trazido de muito longe, recusam admittir, relativamente ao material da organização, as differenças essenciaes entre o homem e os animaes.

Desta sorte, Moscati e Mombaldo viram apenas no interior da organização humana caracteres capazes de distinguil-a da organização de muitos macacos.

Lineo collocou o homem na familia dos *primates* (1), confundindo-os com os macacos, os makis, e os moragos. « Reunião ridicula a respeito dos maragos, conforme a nota de Daubertan (2), e não fundada relativamente aos macacos. »

(1) Lineo. *Systema Naturæ*.

(2) *Encyclopedia methodica*, Dictionário da Historia Natural, parte dos quadrupedes.

Buffon, o mesmo Buffon, que soube lançar ás vezes olhares tão profundos sobre a natureza dos animaes, fez entre o Hottentote, que concedera ser d'uma raça inferior ao homem, e o jokó, que apresenta como o primeiro dos macacos, approximações que não são fundadas em nenhuma parte importante das organisações por elle comparadas; approximações pitorescas na verdade, mas que só fazem sobresahir as disposições superficiaes, taes como « os cabellos hirtos ou lã crespa da cabeça do Hottentote, os labios grossos e proeminentes, o nariz achatado, o olhar estúpido e feroz, o rosto coberto de uma barba longa sobrepujada por duas meias boccas de cabellos ainda mais grosseiros, que por sua saliencia e largura diminuem a testa, fazendo-os perder seu character augusto, e não só sombrea-lhe os olhos, como fixa-os e arredonda-os como os dos mais animaes. »

Levantai somente esse involucro superficial, e deixai de parte esses traços e essa roupagem, da qual Buffon exaggera a importancia, e ficareis convencido que no rosto do Hottentote, como no do Europeo, apparecem os caracteres de um *genero* bem decisivo, do genero humano, e não póde ser unido ao dos macacos; nem pelo hediondo e miseravel selvagem do meio-dia d'Africa, e nem mesmo pela mais baixa raça da escala da humanidade sem retractação da natureza.

Exposemos aqui alguns desses exemplos de um modo physionomico, isto é, com a intenção de mostrar, ou pelo menos de fazer perceber algumas relações entre o *signalamento* do genero humano, e as qualidades distinctas e sublimes de sua natureza interior; relações tão bellas e tão interessantes a descobrir, e que o physionomista, o philosopho e o esclarecido amante das bellas artes, procuram com o mesmo empenho.

A cabeça do homem, não sendo pendente como a dos quadrupedes, nem pegada ao corpo pela extremidade posterior, porém sustentada e apoiada no pescoço como sobre uma columna, o rosto completamente voltado para o horisonte, e deixa ver em cheio e ao primeiro lance de vista tudo que o exterior do homem apresenta de mais caracteristico e nobre. Os olhos estão collocados o mais vantajosamente possivel, e a situação dos outros sentidos igualmente concorre para augmentar seu poderio, estender sua esphera d'acção e multiplicar as percepções com que

cada um delles enriquece constantemente o imperio do pensamento.

Accrescentemos que, no rosto do homem os sentidos tão favoravelmente dispostos para o exercicio de suas funcções, relativamente aos objectos exteriores, são mais chegados uns aos outros que nos animaes, e mais vizinhos do cerebro; vantagem muito grande para a intelligencia, e que o naturalista deve fazer sobresalir com cuidado no quadro dos caracteres do genero humano.

A physionomia, tão vantajosamente conformada a contribuir para a superioridade do pensamento no homem, é principalmente notavel pelas vantagens que sua fórma e sua estructura lhe dão para servir á expressão da affecção da alma; vantagens que não partilham com elles os animaes, ainda mesmo aquelles cuja conformação geral mais se aproxima do modo da organização humana.

O que mais caracteriza o rosto humano, são as favoraveis disposições, em linguagem physionomica; é ser elle quasi todo physionomia e corresponder pela riqueza e variedade de seus meios de expressão, ao numero e á perfeição de pensamentos de qualquer genero, e á variedade das paixões que podem agitar nossa alma.

Essas disposições são tanto mais difficeis de estabelecer, por o rosto comprehender duas ordens de musculos differentes para seu uso; a saber: primeiro, os musculos que contribuem para a vida animal, movendo com força a queixada inferior; segundo, os musculos que concorrem para a vida moral e intellectual pelo jogo e movimento da physionomia.

Por economia admiravel da natureza, os musculos no rosto humano são pouco apparentes, e acham-se profundamente situados e reclusos nos lados, e só tomam parte na expressão geral da physionomia quando o homem por um genero de vida contrario á sua natureza, extrahe-lhes o desenvolvimento.

O rosto do homem, aliás muito mais desenvolvido que o dos animaes, offerece em sua extensão transversal espaço conveniente á expressão dos sentimentos anteriores, um amplissimo theatro para que, como diz Shakespeare, as paixões se possam pintar á vontade em todas as gradações e combinações.

Na estreita e comprida cara dos animaes, não se podem assim mostrar: ellas se apresentam fracas e mal desenliados os traços; no entanto que o homem acha meio de patentear todos os sentimentos, todas as suas mais secretas agitações em alguns pontos de sua superficie exterior; o quadrupede, para ser pathetico é obrigado a fazer fallar todas as partes de seu corpo.

E' sobretudo a admiravel estructura da physionomia que explica o como póde essa parte ser tão expressiva.

Tudo, nessa estructura, parece disposto para favorecer as relações do moral e do physico do homem, que se manifesta pela physionomia.

Uma pelle transparente e branda fôrma o exterior e o elemento superficial da organização do rosto; os vasos e os musculos collocados por baixo desse involucro, variando a cada instante de aspecto os movimentos e as tintas sob a influencia da acção nervosa, que um grande numero de nervos faz circular de todos os lados com tanta rapidez como abundancia, mostram a differença da physionomia do homem da dos outros animaes.

Todos esses elementos organizados, todas essas partes que se agitam, não somente juntas, como isoladamente, cada região da physionomia, cada fibra, obram separadamente, fallam sua linguagem, tomam um character em cada emoção, e formam um traço particular no quadro das paixões. Nada semelhante a isso se observa nos animaes.

Mesmo no macaco, a cara não se approxima a modo de organização tão perfeita.

Um musculo largo, a que chamam *cuticular*, e que no homem é muito fino, e terminado nos lados do queixo, nos animaes prolonga-se e cobre-lhe a cara de um espesso véo, separando a pelle, aliás muito grosseira, dos vasos e dos outros musculos, que são volumosos, pouco distinctos uns dos outros, e somente proprios para produzirem caretas e movimentos bruscos, que não têm analogia alguma com os movimentos delicados; tal é a expressão da physionomia do homem. E' mesmo a essa finura, a essa transparencia da pelle, que a figura do homem é devedora de um tão grande attractivo, desse aspecto tão moavel e animado, dessas ondulações, e desses movimentos que dão á vista encantada o espectáculo indifinitamente variado do sentimento e da vida.

Do homem em relação á mulher.

O homem, considerado como materia, é sujeito a certas leis pelas quaes sua organização trabalha, produzindo phenomenos admiraveis que se não podem confundir com os que apresenta a materia bruta: como animal sensível está sujeito ás necessidades inherentes á sua organização, e como ser intelligente a diferentes faculdades, que se referem todas ao entendimento.

O homem deste modo considerado, é um composto dos mais oppostas qualidades, porque suas fórmas mais desenvolvidas, suas fibras mais robustas que as da mulher, recebendo impressões sob variados caracteres, permite que seja elle um complexo de vicios e virtudes, de força e de fraqueza, de grandeza e de baixeza, de intelligencia e de estupidéz.

O homem, tal qual se vê, embora todas as antitheses, é mais fraco que máo, e por isso merece; como bem se exprime um philosopho, mais compaixão que odio. Muitas vezes julgamos o homem pelo exterior; e assim visto algumas vezes nos enganamos.

E' notavel, diz o celebre Montaigne, que tudo se estime por suas proprias qualidades, menos o homem. Louvamos um cavallo por que é vigoroso e elegante, e não pelos arreios que tem em si; um galgo por sua ligeireza e não pela coleira que traz; porque do mesmo modo não estimamos nós o homem por suas qualidades pessoases? Se elle possui um rico trem, um bello palacio, e possui muitos haveres, eis-nos com elle!!! No entanto se compramos um cavallo, elle vem nú para o nosso poder, e porque quando estimamos um homem o queremos envolvido e enfeitado? Neste caso elle só nos mostrará qualidades que não tem, e occultará as que podiam fazer julgar verdadeiramente do seu merecimento.

O homem é um composto de corpo e alma, e esta é a mesma em todos os homens; mas a organização das fibras mais ou menos delicadas do corpo, um sangue mais ou menos espirituoso, as circumstancias dos humores, em combinação, fórma o caracter individual, e por sua influencia é a fonte de nossos vicios e de nossas virtudes.

O homem é o mesmo, dizia J. J. Rousseau, porém modificado pela religião, pelos governos, pelas leis, pelos costumes, pelos prejuizos e pelos climas.

A alma é que domina nas sociedades, que faz os negocios, os grandes homens, os conquistadores, e quem governa o espirito e o coração.

O Padre Antonio Vieira (sermão), querendo dar uma idéa justa do homem, definiu a alma por suas faculdades dizendo: « Quereis saber o que é alma? Olhai para um corpo sem alma; se aquelle corpo era de um sabio, onde estão as sciencias? Foram-se com a alma porque eram suas. A rhetorica, a poesia, a philosophia, as mathematicas, a theologia, a jurisprudencia, aquellas razões tão fortes, aquelles discursos tão deduzidos, aquellas sensações tão vivas, aquelles pensamentos tão sublimes, aquelles escriptos divinos e humanos que admiramos e excedem a admiração, tudo isto era a alma.

Se o corpo é de um ártifice, quem fazia viver as tabuas e os marmores? Quem amolecia o ferro, quem derretia os bronzes, quem dava nova fórma e novo ser á mesma natureza? Quem ensinou naquelle corpo regras ao fogo, fecundidade á terra, caminhos ao mar, obediencia aos ventos, e a unir as distancias do uiverso. e metter todo o mundo venal em uma praça? A alma.

Se o corpo morto é de um soldado, a ordem dos exercitos, a disposição dos arraiaes, a fabrica dos muros, os engenhos e machinas bellicas, o valor, a bizarria, a audacia, a constancia, a honra, a victoria, e levar na lamina de uma espada a vida propria e a morte alheia; quem fazia tudo isto? a alma.

Se o corpo é de um principe, a magestade, o dominio, a soberania, a moderação no prospero, a serenidade no adverso, a vigilancia, a prudencia, a justiça, todas as virtudes politicas com que o mundo se governa. de quem eram governadas e de quem eram? da alma.

Se o corpo é de um santo, a humildade, a paciencia, a temperança, a caridade, o zelo, a contemplação altissima das cousas divinas, os extasis, os raptos subindo, o mesmo pezo do corpo, é suspendido no ar; que maravilhâ! Mas isto é a alma.

Finalmente, os mesmos vícios nos dizem o que ella é: uma cobiça que nunca se farta; uma soberba que sempre sobe; uma ambição que sempre aspira; um desejo que nunca se aquieta; uma capacidade que todo o mundo a não enche como a de Alexandre; uma altivez como a de Adão, que não se contenta menos que com ser Deos; tudo isto que vemos com os nossos olhos, é aquelle espirito sublime, ardente, grande, immenso, a alma.

Até a mesma formosura, que parece dote proprio do corpo, e tanto arrebatava e captiva os sentidos humanos, aquella graça, aquella proporção, aquella suavidade de côr, aquelle ar, aquelle brio, aquella vida, que é tudo senão a alma? E senão vêde o corpo sem ella. Aquillo que amaveis e admiraveis, não era o corpo, era a alma; apartou-se o que se não via, ficou o que se não póde ver. A alma levou tudo o que havia de belleza, como de sciencia, de arte, de valor, de magestade, de virtude; porque tudo, ainda que a alma se não via, era a alma.

Por falta de se fazerem iguaes reflexões, nós admiramos a elevação de uns e a obscuridade de outros, e attribuímos á felicidade, o que mais facilmente acharíamos nos caracteres. Só pensamos no espirito e não nas qualidades da alma. No entanto, é sobretudo della que depende o nosso destino: louve-se embora as luzes de uma bella imaginação; não podemos estimar, nem aborrecer, e nem temer aquelles que só tem espirito. Quando o homem se quer elevar muito acima de sua condição; suas necessidades o impellem, a violação da lei é punida pela inquietação do espirito e pelas dores do corpo.

Pela acção é que o homem nasce; elle é uma mistura de paixão e de razão; mais passivo que activo. Sua actividade quasi sempre é effeito da paixão ou do objecto que lhe imprime o movimento. Os unicos principios activos que o poem em acção, são o interesse, o amor e o odio, prazer e dor.

Da mulher em relação ao homem.

Não são somente os órgãos sexuaes que distinguem a

mulher do homem, porque as partes do corpo, ainda as que parecem indifferentes aos sexos, mais ou menos experimentam influencias sensiveis. Na puberdade os orgãos soffrem mudanças e augmento nas forças vitaes, mas tudo isto é muito mais apreciavel no homem do que na mulher. Observa-se que em geral o homem tem maior desenvolvimento em seus orgãos, porque comparativamente os musculos são grossos e robustos, o cerebro mais volumoso, os ossos mais fortes e pezados, a voz mais grave, os cabellos mais grossos e mais asperos.

A mulher commumente tem madeixas longas e finas, a cõr da pelle alva e macia, as carnes tenras, as fõrmas redondas, os contornos dos membros elegantes, as cadeiras largas e espaçosas, as cõxas roliças e carnudas, a voz maviosa, a sensibilidade mui activa e voluvel, o systema nervoso altamente exaltado, suas afeições sempre chegadas á natureza, são mais variaveis e menos profundas que as do homem: as partes superiores do corpo, como o peito, as espaduas e a cabeça, são largas e reforçadas, não sendo assim as da mulher, que tem o contorno da cabeça muito menor, as espaduas e peitos estreitos. As partes inferiores do mulher são mais volumosas. Esta differença de conformação é relativa ás funcções de cada sexo; o homem destinado para o trabalho e para o emprego das forças physicas, ao uso do pensamento, e a servir-se da razão e do génio para manter a familia, de que é ou ha de ser chefe; a mulher a quem é confiado o fructo da concepção, tem necessidade de uma bacia espaçosa que permita a dilatação do utero na época da gestação, e a passagem do feto no tempo do nascimento. A sensibilidade excessiva da mulher é uma necessidade em sua existencia, por ser por ella que a torna capaz de tomar interesse por seu filho, por seu esposo, pela familia, constituindo-a o mais importante objecto da vida do homem.

O homem vive mais exteriormente, pelo vigor dos seus membros, pela extensão de suas relações e de seus pensamentos; a mulher vive mais internamente pelos seus sentimentos e compassivos cuidados: aquelle é a cabeça e os braços da familia, esta é o coração e o seio: o homem obra e pensa; a mulher ama e se desvella. O homem recebeo em partilha o génio e a força; a mulher recebeo os encantos e a amabilidade. Assim como a mulher não pôde competir com

o homem na força do corpo e vôos do espirito, o homem a não pôde igualar nas qualidades do coração, nas meiguices do seu tracto e atractivos do corpo. O menino assemelha-se á mulher pela sua constituição e character, e a mulher com o correr dos annos assemelha-se ao homem. Os sentimentos deste compoem-se mais com a razão, e o espirito daquella toca mais ao affecto: ella espalha sobre suas acções os atractivos do coração e do amor; o homem imprime o cunho do bom senso em tudo quanto obra: a mulher agrada, o homem admira; a mulher rôba os corações e domina o amor, o homem surprehende o espirito e causa admiração. Ama-se a mulher, e respeita-se.

As causas que indicam as differenças sexuaes consistem em que a força vital desenvolve os órgãos superiores do corpo do homem, e os inferiores da mulher. No primeiro ha uma tendencia, a superioridade e a grandeza da alma, e na segunda, ha um incitamento nervoso. No homem as forças da vida derramam-se pela cabeça, e na mulher reconcentram-se no utero. Tudo annuncia no primeiro a força que protege, e na segunda a fraqueza que necessita do braço amigo que a apoie. O homem dá, e a mulher recebe. A natureza, por tanto, destinou a mulher a ser menos do que o homem, e a viver em uma esphera mais circumscripta; mas por uma disposição admiravel, o mais forte entrega-se ao mais fraco, sob o dominio do amor, e o simples gesto de uma virgem é mais que sufficiente para desarmar o mais feroz dos homens. A mulher, por sua construcção organica, é sempre fraca, e semelhante ao menino, as suas carnes são tenras, os órgãos flexiveis, que cedem facilmente aos impulsos, os contornos redondos, a sensibilidade viva, e por isso extremamente versatil, e incapaz de firmeza nas proprias sensações.

Daqui se deduz a razão porque a mulher é mais susceptivel de irritação do que o homem, porque acabam mais com ella as impressões physicas, que o nexo das idéas, porque sua imaginação sendo mais facil a exaltar-se, e por tanto mais poderosa sobre o seu corpo, entregam-se antes aos sentimentos do coração, do que á razão reflectida e severa.

Como a variedade das sensações implica com a sua agudeza e duração, a mulher sente mais pela superficie os prazeres e as penas, que o homem. Sua imaginação é tanto mais

poderosa, quanto mais delicado é o seu organismo. A mulher é destinada pela natureza a ser inspirada pelo homem, e como a sua razão é mais fraca, mais facilmente vem a ceder, e esta é a razão porque são mais susceptíveis á superstição, á credulidade, aos escrupulos, e aos terrores infundidos pela religião mal exercida. É a força physica que torna o homem superior á mulher, e as suas qualidades moraes são dependentes do máo uso que faz da sua intelligencia, da sua educação, de acordo com os temperamentos. A mulher em tudo é antes passiva que activa, e como sua mobilidade nervosa não possa compadecer-se com o afínco de suas affecções, estas tocam mais ás sensações que ao pensamento; e ellas aprendem mais as cousas por partés, que no todo, e deste modo particularisám os objectos; por serem dotadas de maior finura de tacto e de uma penetração de interesse, do que de uma serie de idéas que se encadeam e vão como por analyse para o homem que procede pela synthese. O homem comprehende as cousas no todo, a mulher as comprehende por partes.

A amabilidade do character na mulher, origina-se do temperamento e da fraqueza muscular que dá nascimento á actividade nervosa, e é por isso que conscios, os embusteiros e charlatães, as procuram para propagarem as idéas que incutem.

No Norte as mulheres são mais louras que os homens, e a sua alvura vem a ser demasiada. As meridionaes são morenas, mais ou menos engraçadas. As mais bellas mulheres da França são as que habitam a Provença, que foi povoada por uma colonia grega. As Hespanholas mais lindas são as de Cadix, bem como as de Guimarães entre as Portuguezas. As Sicilianas e Napolitanas, descendentes das colonias gregas, são as mais formosas da Italia. As Albanezas têm o corpo elegante, porém mais bellas que estas são as da ilha de Chio, e as do archipelago do mar Egêo.

Afirmam os viajantes que as mulheres de contornos mais proporcionados, e por isso mais formosas, são as Circasianas, as Mingrelianas, e Georgianas (1).

(1) Mulheres! Ah! quem é aquelle que não se acha disposto a perdoar seus caprichos, a submitter-se a seus conceitos, e a dissimular suas debilidades? E qual é a penna que poderia pintar todos os matizes desta

Das paixões e affectos em geral; considerações philosophicas.

O homem com a invenção supera aos brutos
O impulso das paixões com a razão doma,
Amor o faz humano, a honra proba,
Orna-lhe a mente o estudo.

Pedra Branca.

Com a existencia vem as emoções do espirito, e de concumitancia vem as paixões; e se o homem fosse privado dellas, sua permanencia no mundo seria antes um flagello, que ventura.

O maior grão de intelligencia com que o SUPREMO AUTOR DA CREAÇÃO dotou o homem, e a idéa do justo que

flor, que em todos os paizes do mundo tem tanto preço, diante da qual bate o coração da adolescencia, se inflamma a imaginação do homem, quando já nada pôde abrasal-a, e cuja lembrança arranca ainda um sorriso da velhice?

As mulheres em todos os paizes da terra têm certos attractivos particulares que as distinguem. Uma ingleza nos encanta pela elegancia de seu talhe, e pela modestia de seu ar; uma allemã pelo rosado de seus labios, e a doçura de seu sorriso; uma franceza pela amavel vivacidade que anima todas as suas feições. A sensação que se experimenta á vista de uma hespanhola, tem um não sei que de magico, que é superior a toda descripção. Ella é um tanto pallida pela influencia do clima, debaixo do qual vive; porém com quantos encantos não está compensada essa sua pallidez? Onde poderão encontrar-se fórmãs tão formosas como as suas, movimentos tão garbosos? A hespanhola, reservada algumas vezes á primeira vista, e tocada de um ligeiro vislumbre de melancolia, faz cahir prostrado a seus pés o homem mais insensivel, quando ella fixa sobre elle seus grandes olhos negros, cheios de expressão, acompanhando-os com um terno sorriso.

A mulher sul-americana tem um typo particular de belleza. Ella reúne aos traços da Europa os do Oriente com quem tem tanta analogia. A sul-americana é formosa como a flor do tropico. Onde a natureza é graciosa, a mulher rara vez deixa de sê-lo: espelho sensivel do mundo objectivo, reproduzem-se sempre em sua figura a belleza do céu e os encantos da natureza, como no crystal do lago adormecido se reproduzem o fulgor das estrellas, e os festões do pecegueiro em flor. A penna de Byron seria a competente para descrever os ethnographicos da mulher habitadora dos lindos e solitarios valles da America Meridional; descendente de dous mundos de poesia e de mysterio, ella sahio do Oriente como o sol; fez-se *christã*, perfumou sua alma debaixo do céu esmaltado de ouro da Andaluzia, e, nova Cytheréa, trouxe seus olhos da Arabia, e seu sorriso de Cadiz, ao mundo do ouro, das flores

lhe embebeo na consciencia, é o que principalmente o distingue dos brutos, e a historia de suas inclinações, de seus vicios e virtudes, é o que convem apreciar, porque em cada momento de sua vida o vemos em contradicções consigo mesmo; ora querendo e não querendo, desejando, e ao mesmo tempo aborrecendo; tenaz de manhã, e bem fraco á tarde: heroe n'um dia, cobarde em outro; uma vez piedoso, outra feroz; generoso n'uma hora, n'outra mesquinho; tudo querer e nada lhe agradecer, etc.

Existem dentro de nós tres faculdades, como já fizemos ver, centraes, e cinco paixões primórdiaes, cuja origem vem de uma das tres faculdades, a sensibilidade, de que dependem as variedades ou subdivisões, que as determinam e modificam conforme as circumstancias.

As impressões, sendo transmittidas por via dos sentidos

do ministerio, e da esperanza, mais poetico que o Oriente, mais dourado que as duas Cýtherás.

Porém a perfeição que mais sobresahe na filha formosa do valle dos jardins, é a dos olhos. Os bellos olhos são a flor do tropico. Onde os jasmíns são grandes e fragrantés, os olhos faltos de expressão. A bananeira, a lorangeira, o *chirimoyo*, se erguem aos parques do Rio de Janeiro e de Lima, e a mulher leva tambem em suas pupillas os signaes de um sol vivificante. Mas, os lindos olhos não o são por serem grandes, azues, negros, ou rasgados. Lindos são os olhos que olham bem a quem os fita, isto é, a expressão dos olhos forma seu maior attractivo, e eis aqui por que as brasileiras e hespanholas americanas têm olhos formosos; ellas sabem olhar e fazer com os olhos discursos que seria incapaz de traduzir a penna vaporosa de Lamartine.

A sul-americana em geral nao tem essa belleza que assombra, ou que se admira; mas tem essa graça que enternece e que se ama. Se ella não possui esses traços constantes, que de uma belleza Romana não fazem mais do que uma belleza, tem essas graças fugitivas que de uma pessoa amavel fazem vinte. Nós contemplariamos um dia inteiro essas bellezas perfeitas; porém esses lindos olhos não terão mais do que um mesmo olhar, um mesmo sorriso; entretanto que nos labios de uma sul-americana se verão passar rapidamente um prazer e um pezar, e suas feições pallidas, tão ligeiramente sulcadas pelo movimento insensivel de um sentimento terno, ou de um pensamento delicado.

As brasileiras e as hespanholas americanas são em extremo sensiveis, e eis ali porque não se encontram entre ellas essas bellezas perfeitas, de fórmás gregas, de contornos romanos, e de côres de rosa e alabastro de que abunda a Europa. A sensibilidade desfigura nellas, pelos seus movimentos, as proporções da figura e os matizes da formosura; porém dá-lhes physionomia em lugar da belleza, dá-lhes essa physionomia que falla ao coração e faz palpitar o peito de amor. Passa tambem rapidamente a belleza no Brasil, porque as mulheres, que em

ao órgão central, são fielmente apreciadas, e dão origem á resolução. Se a impressão é agradável, produz em nós o sentimento do desejo, e se não é, então produz o do odio. Dentro em nós estes sentimentos são comparados, apreciados e imitados com maior ou menor intensidade, dependente da susceptibilidade nervosa do individuo impressionado.

A' medida que se desce pela escala zoonomica, vemos que quanto mais bem organizado é o animal, tanto mais se compenetra das emoções que sentio, e deste modo não sendo tão furiosas as paixões como as do homem, sente o *prazer e a dor, o amor e o odio*, tambem sente a inveja; conserva a amizade, e tem reconhecimento aos objectos que lhe inspira.

Não são sensiveis aos olhos do inexperto estas qualidades moraes e philosophicas dos animaes; ao philosopho é que é

geral, se mantem retiradas dentro de suas casas, estão sempre debaixo da sombra, e a belleza, lesa como outras flores, carece dos raios vivificantes do sol.

A brasileira é geralmente delgada, e de estatura regular; mas por mais delicadas que sejam suas fórmas, estas são sempre vivamente pronunciadas, suas extremidades são finas e voluptuosas como as de um menino, seu collo com muita graça collocado, dá á sua cabeça doces e voluptuosos movimentos. Sua cintura, naturalmente fina, guarda proporção com as partes de seu corpo, sem sollicitar a belleza de uma disproporção exaggerada que a arte e a natureza repellem igualmente.

A hespanhola americana é geralmente alta, e airosa: o seu modo de andar é elegante e seductor; seus pés são um luxo poetico da natureza. A liberdade de que goza desde a infancia, a suave temperatura do clima sobre o qual vive, imprimem certa doçura e suavidade em sua cutis, muitas vezes de uma brancura macilenta, um reflexo calido e dourado, como se tivesse penetrado por ella os raios do sol.

Os movimentos da brasileira, cheios de certa languidez voluptuosa, o seu andar lento e molle, a sua voz doce e melodiosa, os seus gestos melindrosos e sua expressão sentimental se confirmam bem com o clima deleitoso sobre o qual vive, e com a terra poetica que ella habita.

A hespanhola americana entra em uma habitação da maneira mais gentil, e nenhuma mulher de alguma parte do mundo, sem mesmo exceptuar a Gaditana, é mais elegante no andar. As suas maneiras, tão graciosas e molles, contrastam admiravelmente com a vivacidade de sua physionomia e com os raios de fogo que despendem seus rasgados e negros olhos, cujo mimoso olhar não tem igual.

O ardor do clima priva ás fluminenses d'aquella compleição fresca e rosada das Europeas; porém a sua pallidez é cem vezes mais attractiva que a brancura e o rosado da Venus de Guido, e sua languidez tem um poder e um encanto que é impossivel definir.

Dr. Valdez.

dado conhecê-las e apreciar-as; e assim elle nota, em uns qualidades sociaes, em outros discernimento em distinguir quem seja seu dono, o amigo e o contrario. A prudencia é o distinctivo de uns, assim como a vigilancia é a partilha de outros.

O cão tem o somno tão leve, que o menor movimento o desperta a cuidar da guarda das cousas que lhe são confiadas.

Alguns animaes tem altivez em seus sentimentos, outros não: o elephante recusa a femea quando permanece em captiveiro, só para não sujeitar seus filhos ao mal que elle soffre: as qualidades moraes deste animal são admiraveis.

Muitos passaros preferem a morte á perda de sua liberdade. O gallo quando acha o verme ou outra qualquer cousa, chama as suas companheiras para repartir com ellas do seu achado, e muitas vezes se contenta de as ver comer, sem que elle em nada toque.

Alguns passaros quando tem as femeas nos ninhos a chocar, as desprezam; fronteiros a ellas cantam para as excitar por meio da harmonia, e algumas vezes o observador nota que se esforçam na modulação da voz. As virtudes não lhe são estranhas, porque elles reconhecem a mão beneficente; assim como a fidelidade em alguns e a amizade em outros, são cousas que espantam o orgulho do homem. A pomba, cuja castidade é inviolavel, resiste por muito tempo sem que o pombo consiga os seus affectos; porém se uma vez franqueia ella o coração, elle o possui por toda a vida.

Assim chamamos paixão a uma commoção, que viva e profundamente affecta a alma e a faz mudar de novos juízos, estados e resoluções; segundo que amamos ou aborrecemos a presença ou a lembrança de um objecto.

Chamamos affecção da alma, a inclinação, ou repugnancia que ella tem por um objecto sensivel, ou que parece, sob a fórma de uma impressão material, segundo que ella tem prazer ou pena.

O autor do Dictionario Philosophico, investigando profundamente os sentimentos moraes, faz sentir que sendo a paixão tudo o que affecta viva e profundamente a alma, não se póde confundir com o gosto, por serem suas impressões mais moderadas; diz que o que se origina no temperamento

e amor proprio ao principio, é que faz nascer as impressões que se podem qualificar como molestias do espirito.

Só conheço (continúa elle) uma que é independente, e que vem do temperamento e dos sentidos, é essa especie de amor que se pôde admittir entre os necessitados: toda outra qualquer paixão se gera sobre esta apparencia ou opinião do bem ou do mal: se do bem, a sensação que se experimenta chama-se *amor*, se do mal, chama-se *odio*. O bem é presente ou futuro: o presente gera o prazer, e o futuro o desejo. O mal presente gera a tristeza, o mal futuro dá origem ao temor. Assim, todas as paixões gyram sobre o prazer e dor, amor e odio.

E' necessario muito cuidado, diz Mr. Lambert, para preservar-mo-nos das paixões: a principio ellas obedecem, ao depois ordenam, são mais faceis de desvanecer, que de satisfazer.

As paixões têm uma multidão de grãos, começando da simples emoção, á paixão a mais violenta e tumultuosa. Quintiliano, o rhetorico, divide as paixões em duas classes: chamando aos sentimentos brandos *affectos ethicos*, como o *desejo*, a *amizade*, o *riso*, a *candura*, etc., e os sentimentos violentos e irresistiveis capazes de transtornar a machina organica, chama-os propriamente *paixões* ou *affectos patheticos*, taes como o *amor*, a *ambição*, o *odio*, a *colera*, etc.

O Dr. Cogan, no seu tratado philosophico das paixões, diz que um dos tres termos, *Paixão*, *Emoção* e *Affecção* ou *Affecto*, é sempre empregado para exprimir os effeitos sensiveis que os objectos ou as idéas a elles concernentes fazem n'alma; porém elles são tão frequentemente tomados n'um sentido vago e indeterminado, que ha difficuldade em restituil-os á sua significação precisa e distinctiva.

Muitos autores não admittem sentimentos mixtos, e no entanto o estudo aprofundado dos sentimentos moraes, reconhece que a *inveja* é um sentimento mixto, por participar dos diversos modos de ser d'alma. Os affectos brandos obram sobre o coração; os vehementes obram sobre a imaginação.

As paixões, geralmente fallando, principiam sempre por apparencia ou opinião de um bem ou de um mal, isto é, por sympathia ou antipathia: se de um bem, nasce o *amor*; se de um mal, o *odio*: o bem pôde ser presente ou futuro; o bem presente gera o prazer, e o futuro o desejo; o mal, se é pre-

sente, gera a dor, se é futuro, gera a tristeza e o medo. Assim, julgamos que todas as paixões nascem do prazer e da dor. O prazer dá nascimento ao amor, a dor ao odio, e todas têm por principio ou motivo o interesse.

Le Brum, observador attento, e mais que muito delicado, quer que as paixões, como movimento d'alma, residam na parte sensitiva da organisação, que se esforça em seguir o que a alma julga ser bom, ou em fugir do que ella julga ser máo: ordinariamente tudo que excita n'alma paixão, faz o corpo praticar alguma acção. Como é certo que a maior parte das paixões d'alma produzem acções corporaes, é necessario sabermos quaes são as acções do corpo que exprimem as paixões, e a que é acção. A acção não é mais do que o movimento de qualquer parte do corpo, e a mudança não se faz senão pelos movimentos ou contracções musculares; os musculos recebem movimento pelas extremidades dos nervos que os atravessam; os nervos obram pela impressão dos espiritos contidos nas cavidades do cerebro, e o cerebro recebe os espiritos do sangue que continuamente passa pelo coração, aquecendo-o; rarefazendo-o de tal sorte, que a faz produzir certo ar subtil que vai ao cerebro e o enche.

O cerebro (continúa Le Brum), deste modo cheio, reparte seus espiritos com as outras partes do corpo por meio dos nervos, que como pequenas fibras ou botões, levam esses espiritos aos musculos em maior ou menor abundancia, segundo a necessidade que tem para executarem a acção a que são chamados.

Assim, aquelle que obra mais, recebe mais espiritos, e por consequencia tornam-se mais grossos do que os outros que delles são privados, e que por essa privação parecem mais fracos e mais afastados.

Ainda que a alma esteja presente a todas as partes do corpo, todavia ha diversas opiniões sobre o lugar em que ella exerce mais particularmente suas funcções. Uns querem que seja na glandula pinal, por ser uma parte solidaria, em quanto que as demais são duplas, sendo necessario algum lugar onde as duas imagens que vem dos olhos, ou que partem do mesmo objecto, possam reunir-se em uma antes de chegar á alma, afim de que se lhe não apresentem dous objectos em vez de um. Outros dizem que a séde da alma está no coração, porque é nesta parte que se sentem as pai-

xões. Le Brum é de opinião que a alma recebe as impressões das paixões no cérebro, e que sente os efeitos no coração. Os movimentos exteriores que se notam, confirmam a sua asserção.

Os antigos philosophos deram á parte sensitiva da alma dous appetites; no appetite concupiscível collocaram as paixões simples, e no irascível as mais ferozes e as que são compostas; querem que o amor, o odio, a alegria e a tristeza estejam encerradas no primeiro; e o temor, a intrepidez, a esperança, a desesperação, a colera e o medo residam no outro appetite. Outros ajuntam a admiração, que apresentam como primeiro, seguindo-se o amor, o odio, o desejo, a alegria e a tristeza; e destas se derivam as outras que são compostas, como o temor, a intrepidez e a esperança.

Não será pois fóra de proposito dizermos alguma cousa da natureza das paixões, para as conhecermos melhor.

Começaremos pela admiração. A admiração é uma surpresa, que faz a alma considerar com attenção os objectos que lhe parecem raros e extraordinarios, e essa surpresa tem tanto poder, que arrasta ás vezes os espiritos para o lugar em que está a impressão do objecto, e a alma o faz de tal maneira, que se ocupe na consideração dessa impressão, que não restando espiritos para se communicarem aos musculos, o corpo torna-se immovel, como uma estatua, e esse excesso de admiração causa espanto, o que póde acontecer antes de conhecermos se o objecto é conveniente ou não. De sorte que parece que a admiração está junta á estima, ou o desprezo seguindo a grandeza ou pequenez do objecto: da estima vem a veneração, e do simples desprezo o desdem. Mas quando alguma cousa se apresenta como boa á nossa vista, faz que lhe tenhamos amor; ao contrario, se nos mostra como má ou nociva, excitamos odio. Amor é pois uma emoção d'alma, causada pelos movimentos que a incitam a unir-se voluntariamente aos objectos que lhe parecem convenientes.

O odio é uma emoção causada pelos espiritos que incitam a alma a querer separar-se dos objectos que se lhe apresentam como nocivos. O desejo é uma agitação da alma, causada pelos espiritos, que a dispoem a querer cousas que se lhe apresentam como convenientes; não só se deseja a presença do bem ausente, como a conservação do presente.

A alegria é uma emoção agradável da alma, que consiste no gozo que tem do bem que as impressões do cerebro lhe representam como seu. A tristeza é um langor desagradavel, que consiste no incommodo que a alma recebe do mal ou do defeito que as impressões do cerebro lhe apresentam.

Das paixões spasmodicas, segundo o Dr. Pinel.

As paixões em geral, diz o Dr. Pinel, são modificações desconhecidas da sensibilidade physica e moral, das quaes sómente podemos differençar e assignalar os caracteres distinctivos por signaes exteriores. Por mais oppostas que possam parecer algumas de entre ellas, como a colera, o terror, a dor mais viva, uma alegria repentina, são principalmente marcadas por spasmos variados dos musculos do rosto, e manifestam-se exteriormente por traços salientes de que os poetas, os escultores e pintores de primeira ordem têm feito aprofundado estudo.

A vista exercitada do anatomico pôde indicar os musculos, que por sua acção isolada, simultanea ou successiva, servem para a expressão das paixões de que fallamos, e tambem para todos que nos podem agitar. A natureza do objecto que excita a alegria, as idéas accessorias que a ella vem-se juntar, o concurso de outra qualquer paixão, e o gráo de sensibilidade individual podem dar expressões mui differentes dessa paixão. Mas quando é simples, os artistas e os verdadeiros observadores concordam em attribuir-lhe os signaes seguintes: rosto rubro e inflammado, ou então pallidez livida, pupilla espantada, sobranceilhas levantadas, rugas na fronte, labios cerrados, principalmente no meio, uma especie de riso de indignação e desdem, os queixos tambem cerrados, e ás vezes com rangimentos dos dentes; as veias do pescoço e das fontes entumecidas.

Os repetidos transportes de colera são sempre nocivos ao juizo, do qual impedem o livre exercicio, e uma irascibilidade extrema; é ás vezes preludio da alienação, ou poderosamente dispõe o individuo para ella: e terrivel para as mulheres, sobretudo no periodo e seguimento dos partos, como os frequentes exemplos nos tem mostrado: o habito pôde

acabar para as melancolicas em um delirio furioso ou em um estado de estupor e de demencia.

Um sentimento de horror, ou um vivo terror e ultimo gráo de desesperação, ainda que se não possam olhar inteiramente como synonymos, têm grande conformidade nos spasmos dos musculos do rosto: a testa torna-se enrugada de alto a baixo, sobranceilhas cahidas, pupillas contrahidas, brilhantes e moveis, ventas arregaçadas e abertas: a perturbação pôde ser ás vezes tão profunda, que faça perder a razão.

Das paixões debilitantes ou oppressivas, segundo o Dr. Pinel.

As paixões debilitantes ou oppressivas, assim como o desgosto, o odio, o temor, as saudades, os remorsos, o ciuime, a inveja, que são o germen de tantas desordens e males na vida social, tem tambem servido de enriquecer as bellas artes, e parecem respirar em algumas obras primas de pintores ou escultores mais eminentes. Ellas são susceptiveis de diversos grãos de força e de infinitas gradações, conforme o concurso de qualquer outra paixão, de sensibilidade individual, de idéas accessorias que sobrevem, ou da vivacidade da causa determinante; porém só degeneram em alienação levadas a um moi alto gráo de intensidade, ou por passagens repentinas de uma á outra, ou por commoções em sentido contrario.

Os caracteres exteriores de um desgosto profundo são, em geral, um sentimento de langor, grande diminuição de forças musculares, falta de appetite, pallidez do rosto, sentimento de plenitude e de oppressão, respiração difficullosa e ás vezes intercortada de soluços, somnolencia mais ou menos profunda, e finalmente, sombrio estupor ou violento delirio.

A razão pôde algumas vezes lutar, com mais ou menos vantagem, contra a desgraça, e não ceder senão a impressões profundas e repetidas de um desgosto amargo. O interior da vida domestica offerece á especie humana um perpetuo contraste de vicios e de virtudes, e se de um lado se

veem familias prosperar uma serie de annos no seio da ordem e da concordia, quantas outras, principalmente essas classes inferiores da sociedade, affligem a vista com o repugnante quadro do deboche, da crapula, das dissensões e de vergonhosa miseria?

E' sobre tudo, continúa Pinael, antes ou durante a menstruação, ou então depois dos partos nas mulheres, que as emoções de qualquer natureza são perigosas, e é esta a razão de serem as alienações muito mais frequentes entre as mulheres que entre os homens.

A's vezes os acontecimentos mais crueis são que conduzem á desesperação e á alienação. Certos principios tambem, ou idéas em sentido contrario, que profundamente se apoderam da imaginação, podem produzir combates interiores, e vivas emoções, que acabam por occasionar a perda da razão.

As fadigas da guerra durante uma ou muitas campanhas, a vida mais dura e mais penosa, o calor, o frio, a fome, um somno ligeiro e seguido ás vezes de muitas noites de vigilia, são nui proprios a communicar ao corpo um vigor viril, e Cezar servio-se deste meio para corrigir ou fortificar uma constituição fraca e deteriorada; porém a repentina interrupção della, e a passagem para um reponso apathico, igualmente debilitam o moral e o physico, fazem languecer todas as funcções da vida, produzindo uma tristeza involuntaria, uma especie de pusillaniedade, donde nascem temores, e bem assim uma hypocondria que póde levar á demencia declarada. Uma passagem rapida de uma vida muito activa para um estado habitual de ociosidade, póde arrastar variados symptomas physicos e moraes, segundo uma multidão de circumstancias accessorias, mas o resultado é o mesmo.

Das paixões alegres ou expansivas, segundo o Dr. Pinael.

Os pintores e escultores têm reproduzido, com tanta verdade, quanta energia, os caracteres distinctivos dessas pai-

xões marcadas exteriormente por uma especie de dilatação do rosto, e pelas contracções simultaneas de certos musculos.

Não deyemos fallar, continúa o mesmo, senão daquellas que por sua extrema intensidade são capazes de perverter a razão, como seja a alegria, o orgulho, o amor, o enlevo estatico, ou admiração applicada aos objectos de culto. As affecções analogas, e que estão comprehendidas em certos limites, parecem communicar nova actividade ao entendimento, e tornar suas funcções muito mais animadas; porém levadas ao mais alto gráo, ou aguçadas por obstaculos, ellas só offerecem violentos desvios, passageiros delirios, um estado de estupor, ou uma alienação declarada.

Uma alegria mui viva, e um estado inesperado de felicidade, podem fortemente abalar os espiritos fracos, e occasionar a perda da razão; mas não é pelos abalos em sentido contrario, que se succedem, que se prodnzem as contrariedades vivas, ou os desgostos profundos?

A esperança, que não é senão uma alegria antecipada pela idéa de um bem futuro, é capaz de dar á imaginação um grande vôo, e produzir a mais poderosa seducção, principalmente sendo dirigida sobre objectos de vaidade e de orgulho; resultando disto uma alta estima de si mesmo, e uma profunda convicção de merecer os mais elevados lugares, mormente na mocidade ou na idade madura. Assim, os revezes inesperados, ou os acontecimentos contrarios, fazem experimentar vivos abalos, e podem occasionar uma alienação manifesta. A's vezes tambem as agitações concentradas, e uma especie de combate interior entre as inclinações do coração e os escrupulos religiosos, podem occasionar um delirio melancolico, ou trazer a mania.

Das paixões compostas, segundo Le Brum.

O *temor* é a apprehensão do mal futuro, que adianta as penas de que somos ameaçados, é uma paixão composta. A *esperança* é uma forte apparencia ou opinião de obter-se o que se deseja. Quando a *esperança* é extrema, torna-se em segurança, porém o extremo contrario degenera em *dese-*

peração. A *deseperação* é a presumpção de não poder obter o que se deseja, e que faz perder o que se possui. A *intrepidez* é um movimento do appetite, que faz a alma armar-se contra o mal, afim de combatel-o. A *colera* é uma agitação turbulenta, que a dôr e a intrepidez excitam no appetite, pela qual a alma concentra-se em si mesma para fugir da injuria recebida, e ao mesmo tempo armando-se contra a causa que lhe faz a injuria, afim de vingar-se.

As paixões simples são desafiadas pelo movimento do sangue e dos espiritos. Nota-se que a admiração não promove mudança alguma no coração e nem no sangue, assim como acontece ás outras paixões.

O *amor*, que não é acompanhado de regosijo, de desejo ou de tristeza, as pancadas do pulso são iguaes, e muito maiores que as naturaes. Sente-se no peito um doce calor; a digestão das carnes faz-se brandamente no estomago, de sorte que esta paixão é util á saude.

No *odio* nota-se o contrario; o pulso é desigual; as pancadas são menores, e muitas vezes máis acceleradas que de ordinario; sente-se no peito um calor intermeado de ardores acerbos e picantes, e o estomago deixa de fazer suas funcções.

Na *alegria*, o pulso é igual e mais apressado que de ordinario, mas não tão forte e nem tão extenso como no amor: sente-se um agradável calor, não só no peito, como em todas as partes exteriores do corpo.

Na *tristeza*, o pulso é fraco e lento; sente-se como que cordas que apertam o coração, e neve, que gelando-o, communica sua frieza a todo o resto do corpo.

O *desejo*, tem uma particularidade, e vem a ser, agitar o coração mais violentamente que outra qualquer paixão, e fornecer ao cerebro mais espiritos que, communicando-se aos musculos, tornam os sentidos mais agudos, e todas as partes do corpo moveis.

A alma, estando presente a todas as partes do corpo, e servindo para dar-lhes expressão, o *mêdo* se pôde exprimir por um homem que corre e que foge; a *colera*, por um que feicha as mãos e que parece ferir alguem. Mas se é verdade que ha una parte do corpo, onde a alma exerce mais particularmente suas funcções, e que essa parte está no cerebro, podemos dizer tambem, que o rosto é a parte do corpo em

que ella mais effeitos mostra do que sente. A sobrançella e os olhos são os lugares onde as paixões mais se manifestam. O que é certo é que a pupilla, por seu fogo e movimento patenteia a agitação da alma, mas não dá a conhecer a natureza dessa agitação. A bocca e o nariz têm muita parte na expressão das paixões; porém ordinariamente estas partes só servem para seguir os movimentos do coração. O movimento das sobrançellas, se é forte, exprime fereza, e se é simples, a paixão é fraca, e se a paixão é composta, o movimento é composto; se doce, a paixão que exprime é branda e alegre. Ha duas maneiras de elevação das sobrançellas: uma é quando as sobrançellas se elevam no meio, e então exprimem movimentos agradaveis. Observa-se que quando as sobrançellas se elevam no meio, os cantos da bocca tambem se erguem, para denotar tristeza; o labio se eleva no meio. Quando a sobrançella se abaixa no meio, este movimento prova existir dôr corporea; quando porém se abaixam dos lados, é effeito contrario.

No *riso*, todas as partes do rosto se mexem, porque as sobrançellas abaixando-se, fazem o nariz, a bocca e os olhos seguirem o mesmo movimento.

No *choro*, os movimentos são compostos e contrarios, porque as sobrançellas abaixando-se do lado do nariz e dos olhos, a bocca se erguerá do lado contrario.

Ainda ha uma observação a fazer, que é o abatimento do coração, que transpira em todas as partes do rosto. E se, ao contrario, o coração sente alguma paixão, ou está animado e firme, todas as partes do rosto participam deste movimento, particularmente a bocca, o que prova ser ella a parte do rosto que mais essencialmente marca os movimentos do coração; e nota-se que quando se está contente, os cantos da bocca se erguem; quando se está afflicto, elles se abaixam, e quando se sente aversão, a bocca se estende e eleva-se no meio (1).

(1) Se repararmos nas diversas obras de Physiologia e Pathologia, veremos que os autores não concordam no verdadeiro sentido da palavra *Sympathia*, por isso que cada um a quer applicar ao objecto que tem em vista; quer ao organismo sã, quer no estado de molestia, e quer á mora¹, e lhe dão o sentido segundo as idéas que têm.

Tissot considera a *sympathia* debaixo de dous pontos de vista: o primeiro tem em consideração ao ponto donde ella parte, e chama-a

Utilidade das paixões.

Bem que o fructo mais certo das paixões seja o aborrecimento e a dôr, que nascem da agitação e perturbação que ellas causam, comtudo ellas têm algumas vantagens; levam-

sympathia activa; e no segundo tem em vista o lugar onde termina, e chama-a sympathia passiva.

Bichat reconhece que a sympathia pôde ser, ou de sensibilidade, ou de contractibilidade, segundo que ellas modificam estas duas potencias da organisação (*).

J. Hunter já se afasta do sentimento destes dous escriptores, e diz serem ellas, ao seu ver, já de continuidade, já de contiguidade, e finalmente remotas; e conforme as partes que ella faz entrar em acção, podem ser continuas, ou contiguas ou remotas.

Jouly, só reconhece dous modos de ser das sympathias, que são de sentimento e movimento.

Legoux diz que a sympathia consiste em certo consenso de acção ou affecção, estabelecida entre órgãos mais ou menos remotos e analogos, ou dessemelhantes; por sua estructura e vitalidade, ou por seus usos.

Tem-se recorrido a diversas causas para se explicar os phenomenos

(*) O augmento da acção, diz Darwin, da parte primeira das series dos movimentos associados, é ás vezes seguido pelo augmento da acção das partes secundarias das mesmas series; e outras vezes por uma diminuição de sua acção.

Do mesmo modo a diminuição da acção da parte primaria de uma serie de movimentos associados, é seguida ás vezes da diminuição da acção das partes secundarias, e outras vezes pelo augmento dessa acção.

A primeira dessas situações chama-se Sympathia directa, a outra Sympathia inversa.

Em geral, creio (continúa o mesmo) que quando a parte primaria de uma serie de movimentos associada é exercitada com mais força que ordinariamente, produz a sympathia directa nos individuos robustos, e a sympathia inversa nos individuos fracos; porque uma boa comida dá calor a uns e frio a outros. Quando a parte primaria de uma serie de movimentos associados é mais fracamente exercitada que ordinariamente, produz a sympathia directa nos individuos fracos, e a inversa nos robustos; porque se se fica a cavallo durante certo tempo, exposto ao ar frio, sobrevem a uns as indigestões e azias, e a outros a digestão fortifica-se, resultando a fome.

isso se comprehenderá melhor talvez, considerando a força e a fraqueza, applicadas aos corpos animaes, como consistentes na quantidade do poder sensorial que reside nas fibras contractis, e a quantidade do estímullo applicado, como já fizemos ver.

Ora, quando um estímulo defeituoso, mais ou menos limitado, é applicado parcialmente a partes sujeitas a movimentos continuos, a perda do poder sensorial diminue-se de momento, porém não sua secreção geral no cerebro, nem sua distribuição nas partes fracamente estimuladas. Eis porque, se entre os individuos robustos, ou em quem as fibras abundam em poder sensorial, a primeira serie de uma porção de movimentos associados, é privada de uma parte de seu

nos ás grandes acções quando são razoaveis; fortelizam o coração e o espirito, e nos excitam a tornarmo-nos uteis á sociedade pelos encantos da estima e da consideração: mesmo as paixões mais loucas, são uteis á harmonia social, e só prejudicam a aquelles que as possuem, e nunca são más senão por seu excesso. O lavrador ocioso deixaria inutili-

das sympathias: uns attribuem ao systema nervoso, como meio de comunicação dos orgãos, e que liga as funcções e as affecções; outros dizem que no systema vascular é que as sympathias se desafiam por intermedio das anastomozes; outros, a continuação de estructura e mesmo de associação, donde deo origem a se chamar as sympathias umas vezes nervosas, outras de fluxos de liquidões, outras de estructura e de associação, etc.

As sympathias podem tambem ser, ou geraes, ou particulares; as geraes são as que desafiam perturbações de funcções de muitos orgãos: a gastro-enteritis está neste caso: as particulares são as que não saem fóra da orbita de certos orgãos, como notamos no utero para com as mammaes.

As sympathias, de qualquer fórma que sejam consideradas, podem ser de dous modos: naturaes e preternaturaes; as primeiras são as que servem para desafiar um numero de funcções precisas, como por exemplo

estímulo habitual. sua acção diminue-se, e o poder sensorial accumula-se; ao mesmo tempo que sua superabundância ou transbordamento augmenta a actividade da segunda serie das acções associadas por uma sympathia inversa. Porque expondo-se a pelle aquecida ao ar frio, por pouco tempo, augmenta-se a acção do estomago e fortifica-se a digestão.

Quando, ao contrario, um estímulo addicional, mais ou menos limitado é applicado parcialmente a partes que estão em falta, relativamente á quantidade natural de poder sensorial; a perda desse poder sensorial é augmentada, porém em um gráo menor que o augmento de sua secreção no cerebro, ou que os da derivação no orgão fortemente estimulado. De que resulta, que, so entre os individuos fracos, ou naquelles em quem as fibras tem falta de poder sensorial, a primeira serie de uma porção de movimentos associados é submettida por algum tempo a um estímulo mais forte que o ordinario; sobrevem uma maior escreção do poder sensorial, ou uma maior derivação para as partes estimuladas, e seu excesso augmenta a acção da segunda serie dos movimentos associados por uma sympathia directa. Assim, quando apparecem vomitos com frio nas extremidades, um visicatório applicado nas costas, produz em poucas horas calor universal na pelle, e para os vomitos, e quando apparece diarrhea, com pallidez da pelle e extremidades frias, as picadelas que occasiona uma camisa de flanela, applicada immediatamente á pelle, a aquece geralmente, e faz parar ou cura a diarrhea.

Comtudo, algumas porções de movimentos associados, as sympathias inversas tem mais frequentemente lugar que as directas, e em outras estas são mais frequentes que aquellas. Assim, na febre continua com a debilidade, parece haver uma sympathia inversa entre os vasos capillares do estomago e os da pelle. porque o doente experimenta uma aversão total pelos alimentos solidos, e tem constante calor na superficie do corpo. Entretanto, os dous systemas de vasos são outras vezes affectados por uma sympathia directa, como quando as nauseas

sada a relha e a enchada; o piloto teria horror aos perigos do mar; o rico insensível tornar-se-hia surdo de todo aos gemidos da indigência; a caridade desappareceria; a ternura maternal não existiria. Mas graças ás paixões, diz o padre Bro-may, os corações sabem ser sensiveis: a mãe se enternece por seu filho, e se devora em ternura. Os nomes de pai,

a erecção, pela vista do objecto que amamos; o tédio, pela de certos manjares; os desejos extravagantes, pela idéa de outros.

As sympathias preternaturaes são as que em lugar de desafiar mudanças saudaveis, provocam as pathologicas dos órgãos que com elles sympathisam.

„ As sympathias (diz um medico portuguez, o Dr. Antonio de Almeida) de associação, não só têm lugar entre os órgãos de um individuo, mas passam aos outros individuos da mesma especie por meio das impressões que recebem os órgãos dos sentidos, as quaes, communicadas ao cerebro, fazem que a influencia deste produza nos órgãos analogos os mesmos movimentos; daqui vem que um homem boceja quando vê bocejar outro, tem vontade de comer quando vê comer, salta e faz movimentos regulares ao som da musica que o affecta, sem accordo do que está fazendo, etc.: o amor e a amizade, unicas bases dos vinculos sociaes, são igualmente effeitos das sympathias de associação,

são acompanhadas de pallidez da pelle, ou que o frio dos pés causa a indigestão. Esse assumpto deve ser considerado mais amplamente, porque depende provavelmente, não só do mais ou do menos poder sensorial da associação, mas além disso da intervenção de qualquer outra especie de poder sensorial, onde sua secreção maior no cerebro, ou da maior mobilidade de uma parte da porção de acções associadas.

Assim, quando se come ou bebe muito, se não ha superfluidade de poder sensorial no systema, isto é, se não ha bastante para a continuação da acção, apparece pallidez e frio por algum tempo, porque então a perda desse principio, pelo augmento da acção do estomago, é maior que sua secreção. Entretanto o estímulo do vinho e dos alimentos não tarda a augmentar a secreção do poder sensorial no cerebro, e então ha superfluidade no systema, o que determina o calor e o rubor da pelle, depois de ter estado fria e pallida; e nesse caso a sympathia inversa é convertida em sympathia directa; o que é provavelmente devido á intervenção de um novo poder sensorial, ou da sensação agradável.

Quando um vomito causa nauseas, a pelle é pallida durante algum tempo, por sympathia directa com os vasos capillares do estomago; porém no fim de poucos minutos, estando o estomago em estado de inactividade durante as nauseas, o poder sensorial que ali se accumula, determina os vasos capillares da pelle, que estão assoetados com os do estomago, para obrar com mais energia por uma sympathia inversa, e a côr rubra reaparece. Quando a quantidade da acção é diminuida na parte primaria de uma porção de movimentos, quer por uma diminuição preliminar do poder sensorial, quer pela diminuição actual do estímulo, a parte secundaria dessa porção se engrossa por sympathia directa; e quando a quantidade da acção da parte primaria é augmentada pela accumulção do poder sensorial durante seu torpor preecedente, ou pelo augmento actual do estímulo, as acções da parte secundaria são igualmente augmentadas por sympathia directa.

mãe, esposa, irmão, amigo, amante, não são nomes vãos: a humanidade e a boa fé, o brio não são chiméras; ellas têm uma significação altamente expressiva em todos os povos. Tirai as paixões do coração do homem, que todo o universo cahirá para elle no primitivo cahos. Restitui-as de novo ao homem, as cidades e os templos renascerão de suas rui-

e quanto mais homogêneas forem as qualidades dos individuos, mais estreitas serão as sympathias, verificando-se o proverbio, que diz, cada qual ama seu semelhante: o contrario acontece quando as qualidades individuaes são heterogêneas; porque as impressões desagradaveis, e por tanto molestas que taes qualidades produzem nos órgãos dos sentidos, fazem com que o cerebro influa naquelles órgãos, cujos movimentos afastam os individuos das cousas nocivas, ou repugnantes, seguindo-se uma repulsão chamada antipathia."

Não conhecemos até o presente a causa da antipathia; alguns querem attribuir a causas, que a nosso ver são tão futeis, que não nos mercede apontal-as; pelo que nós supponmos que a mais poderosa, é uma repugnancia natural, nervosa, proveniente de uma impressão desagradavel que a presença do objecto nos causa. A antipathia se differença do odio e mesmo da aversão, pela maneira de obrar; a primeira é irreflectida, em quanto que o segundo é mais razoavel.

Na fome moderada, a pelle é pallida, como antes do jantar; o assim é tambem nas nauseas pouco fortes, por não haver ali grande accumulção de poder sensorial; porém na fome violenta, e no torpor do estomago pela presença de, uma materia contagiosa, a accumulção do poder sensorial é levada a tal ponto que affecta o systema arterial capillar, e a febre sobrevem n'um e n'outro caso

Nas febres contagiosas com debilidade arterial, que começam por um torpor de estomago, porque razão a acção do coração diminue-se, no entanto que a dos vasos capillares augmenta-se? E' por que a mobilidade do coração é menor que a do estomago, e a mobilidade dos vasos capillares maior? Ou é por associação entre as fibras musculares do estomago e as do coração serem uniformemente formadas por uma sympathia directa; e os vasos capillares do estomago e os da polle estarem mais frequentemente associados por uma sympathia inversa?

Quando as acções do estomago tem sido já fatigadas por um estímulo muito prolongado, como o dia seguinte á embriaguez, não ha durante o torpor desse órgão, senão pouca ou nenhuma accumulção do poder sensorial, menos do que ré preciso para resarcir a perda que se teve, e eis porque a embriaguez é tão aravelmente seguida de febre. Uma repetição do estímulo é ás vezes mesmo necessaria para determinar sua acção natural, como nos bebados por habito.

Quando não tem havido esgotto preliminar do poder sensorial, e o annel primitivo dos movimentos associados é violentamente estimulado pelo poder sensorial da sensação, o annel secundario é tambem fortemente estimulado por uma sympathia directa, como acontece nas fibras inflammatorias. Mas quando o poder sensorial do systema é menor que no estado natural, o annel secundario dos movimentos associados se engrossa por uma sympathia inversa, como nas bexigas inoculadas; emquanto a erupção apparece no rosto, os pés ordinariamente estão frios.

nas: a mesma virtude reaparecerá; a virtude nascida para habitar com as paixões, sabe tirar dellas as suas mais brilhantes côres, que são, a ternura nas almas ternas, o vigor nas almas fortes, a doçura nos corações bem formados, e a intrepidez nas almas guerreiras; a equidade, tão preciosa em tudo, é poderosamente por elles sustentada e mantida.

Todos conhecem as paixões dos homens, até em certo ponto; dahi por diante é um paiz desconhecido a maior parte da gente; mas onde seria bem facil para todos fazer descobertas, se as estudassem e aprofundassem o seu estudo. As paixões, cujos effeitos são bons e delicados, apparecem mui poucas vezes, e se isto chega a acontecer, só encontram observadores por demais inhabeis. Basta que sejam extremas para que as tomemos por novas. Quasi sempre as que vemos são mediocres. Onde existem os homens perfeitamente amorosos, ambiciosos, ou avaros, não são perfeitos em nada, nem mesmo no mal.

Todas as paixões, diz Vauvenarges, rodam sobre o *prazer* e a *dor*; e como diz o celebre Locke, delles é o principio e o fim. Quando nascemos experimentamos estes dous estados: *prazer*, porque naturalmente elle está ligado ao ser; *dor*, porque é d'elle partilha.

Se nossa existencia fosse perfeita, só conheciamos o *prazer*, porém sendo imperfeita como é, deve-nos ser commum o *prazer* e a *dor*: é da essencia destes dous sentimentos contrarios que tiramos a idéa do *bem* e do *mal*. Mas como o *prazer* e a *dor* não chegam aos homens pelo mesmo caminho, elles attribuem a diversos objectos a idéa do *bem* e do *mal*, conforme sua experiencia, suas paixões, suas opiniões, etc. No entanto só ha dous instrumentos de nossos *bens* e de nossos *males*, que são os sentidos e a reflexão.

As impressões que vem dos sentidos, são immediatas, e não se podem definir nem conhecer; são effeitos da analogia que existe entre nós e os objectos que nos cercam; porém essa analogia occulta nos é desconhecida. As paixões que nos vem pelo órgão da reflexão, são mais conhecidas: têm principio no amor do ser, ou da perfeição do ser, ou no sentimento de sua perfeição e de sua cadencia. Colhemos da experiencia do nosso ser uma idéa da grandeza, do prazer, do poder que queremos sempre augmentar; temos da imperfeição do

nosso ser a idéa da baixaza, do sugeição e de miseria que tratamos de abafar: eis todas as nossas paixões. Ha homens em quem o sentimento do ser é mais forte do que o da imperfeição; e então apparece o contentamento, a doçura, a moderação e os desejos. Ha outros a quem o sentimento de sua imperfeição é mais vivo do que o do ser; e dahi provêm a inquietação, a melancolia e todos os sentimentos deprimentes.

Destes dous modos de sentir de nossas forças, de nossas miserias, nascem as maiores paixões; porque o sentimento de nossas miserias nos prende, e o dos nossos recursos dá-nos coragem, e inspira-nos esperança. Aquelles que só sentem suas miserias nunca se apaixonam tanto, porque não ousam esperar cousa alguma, e nem tambem os que só conhecem sua força, porque desejam mui pouco. Logo, é necessario uma mistura de coragem e de fraqueza, de tristeza e de presumpção. Isto depende do calor do sangue e dos espiritos; e a reflexão, que dirige as paixões, animando às pessoas frias, e dando ardor ás outras, fornecendo-lhes recursos para nutrirem suas illusões. Dahi provem as paixões dos homens de um espirito profundo, e suas opinices; porque elles não são obrigados a se distrahirem pelo esgoto do pensamento como o resto dos homens; ao contrario, suas reflexões são um entretenimento que se estende a seus desejos; e até os anima: isto se explica tambem, porque aquelles que pensam pouco, ou que saboream pensar muito tempo na mesma causa, só têm a inconstancia por partilha.

O primeiro degráo do sentimento agradavel de nossa existencia é o regosijo. A alegria é um sentimento mais penetrante. Os homens joviaes, não sendo ordinariamente tão ardentes como os outros homens, não são talvez capazes de alegrias vivas; e estas duram pouco, e deixam exhausta a nossa alma. E' pelo regosijo que nos tornamos valorosos e intrepidos; damos ser e interesse ás cousas que supponmos importantes, e achamos prazer em nós mesmos, em nossas possessões, em nosso espirito, em nossas sufficiencias, não obstante as grandes miserias. Esta intima satisfação faz-nos algumas vezes estimarmos as frivolidades. Os melancolicos são ardentes, timidos e inquietos, e a maior parte só se salvam da vaidade pela ambição e orgulho.

A paixão da gloria e a das sciencias, assemellham-se em

seus principios, porque ambas vem do intimo da nossa imperfeição; porém uma quer formar-se como um novo ser fóra de nós; a outra cuida em estender e cultivar nossas faculdades. Assim, o amor da glória engrandece por fóra, emquanto que o da sciencia engrandece por dentro. Não se póde ter alma grande ou espirito penetrante, sem alguma paixão pelas letras: as artes são consagradas a pintar as bellezas da natureza; as sciencias a verdade. As artes ou as sciencias, abraçam tudo o que ha no pensamento de ntil ou de nobre; de sorte que resta aos que as rogeitam o que é indigno de ser pintado ou ensinado.

As paixões oppoem-se ás paixões, e se podem servir de contrapeso reciprocamente, mas a paixão dominante só se póde conduzir por seu proprio interesse verdadeiro, ou imaginario, porque ella reina despoticamente sobre a vontade, sem a qual nada se póde.

Os sabios se enganaram offerecendo pai ás paixões: nossas paixões não são distinctas de nós: ha algumas que são todo o fundamento, toda a substancia de nossa alma. O mais insignificantante de todos os seres quereria perecer, por se ver substituido pelo mais sabio? Dê-se-nos um espirito mais justo, mais amavel, e mais penetrante, que aceitaremos com prazer; mas se nos tirarem a alma, que deve gozar ou possuir tudo isto, esses presentes não os quereremos.

O que dissemos não dispensa a ninguém de combater seus habitos, e não deve inspirar aos homens abatimento e nem tristeza. DEOS póde tudo: a virtude não abandona aos que a amam: os vícios mesmos de um homem bem nascido podem se-lhe tornar em gloria.

Em sempiterno eclipse a formosura
Da natureza entrou, mudou-se em sombra
A luz, que outr'ora o rosto banhava;
E do mortal no combatido peito
Se accendeo das paixões a guerra insana;
Cercou-lhe o coração phalange armada,
Liberdade, e razão sem força cedem;
E o claro entendimento annuviando,
Da escravidão se apraz, seus ferros beija.
O proprio amor desordenado e cego,
Dos males todos fonte envenenada,
No coração firmou seu ferreo throno,

A multidão de indomitos caprichos
A cõrte atroz do Déspota formaram;
Sobre a luz da razão seus véos desdobra;
Phantasmas vãs, verdades se lhe antolham;
Abraça illuso imagens da ventura;
Novo Ixião da Fabula, procura
Divindades tocar, e abraça nuvens.
Clama, que sobe ao Templo da Memoria
Na fortuna das armas, e ensaiando
O cego peito á rabida carnagem,
Faz raios do Universo o Corso, ou Cezar;
Delirante Alexandre estreitos julga
Os limites do Mundo, e lhe parece
Muito apertado o circulo da Terra;
Como captivo em carcere se ancêa:
Inda reputa numero pequeno
De seus escravos os humanos todos:
Assim lhe tapa os olhos, e lhe entorna
No peito a embriaguez de gloria, e nome
A' franqueza mortal dobrando as forças.

Surge outra Furia lugubre, e funesta,
Tyranno Amor, que em vergonhosos cepos
Mette escrava a razão, e ao carro atados
Leva em cadêas vis Seneca, e Zeno,
O velho curvo, o flórido mancebo,
Eis sai de infernal carcere o ciume,
Qual venenosa vibora, e retalha
O mortal coração, e ali se nutre
De suspeitas fantasticas, que fórma,
Rompem do Abysmo escuro as Furias todas,
Odio, Cobiça, sordido Interesse;
Dos vicios o mais feio a torpê inveja,
A quem o mal apraz, e o bem desgosta;
(E' seu sustento o livido veneno,
As armas só depõe, repousa um pouco
Quando a virtude, e o merito se esconde
Nas sombras sepulchraes: no altar da morte
Dessangrou ella a victima primeira;
Ao malseguro tímido Valido
Por entre nuvens d'ouro, e de escarlata,
Lhe faz ver seus rivaes; a dura espada
Do vingatiço atroz sustem na dextra,
Grita que é lei vingar-se, e que a virtude
Das almas nobres a vingança seja
Embora a affronta vã, supposto o ultraje.)

Foi destes feros horridos Tyranos
Ludibrio o coração; mesquinho escravo,
O duro Imperio soffre, o sceptro beija;
Da crua guerra é victima, e theatro;
Frente a frente comsigo entra em combate.

MACEDO. *Medit.*, Canto 1.^o

Utilidade das paixões em relação á medicina e á therapeutica.

O homem é o unico ente que raciocina sobre suas paixões; porém essa vantagem está quasi sempre exposta aos vai-vens de sua ventura, quando a educação, as instituições moraes, as leis e os prejuizos religiosos contrariam constantemente suas mais caras affeições, e a impulsão natural de seu coração; porque então irrita-se, contra esses obstaculos é o que só era um simples desejo torna-se em uma paixão fogosa, irresistivel, indomavel, um verdadeiro frenesi, cuja permanencia perturba e perverte sua sensibilidade, destroelhe a razão, causa as mais graves, e até a morte.

Entretanto, as paixões produzem efeitos salutaes, quando se lhes oppõe toda a força de character necessaria para bem conduzil-as, e então essas *paixões* podem ser comparadas aos venenos violentos que o medico transforma em uteis medicamentos, e dos quaes tira tão grande partido no tratamento das mais graves enfermidades.

O homem sem paixões, se tal ente jámais sai das mãos da natureza, limitado, como os mais grosseiros animaes, aos appetites e ao instincto, deve-se-lhes assemelhar em quasi todos os respeitos: a indifferença paralyza seu coração, que se conserva surdo ás doçuras e ás delicias da amizade; nelle nem mesmo ha o sentimento da virtude, pois que esta é o uso moderado das paixões, ou a força de as vencer.

As paixões são a vida da alma: ellas são que a dispõe a todas as impressões, e aos mais vivos gozos, assim como aos sentimentos mais nobres e mais virtuosos; nada se deve esperar de um homem frio e reservado, cheio de fraqueza e de pueril timidez; ao contrario, deve-se esperar tudo do homem apaixonado, tanta força e energia lhe dão as pai-

xões, tanto poder tem seu ascendente sobre tudo que o rodeia, tanto ellas lhe inspiram a vontade firme e immudavel de cumprir tudo que projecta! Quão necessario é que a razão presida a essa vontade, que governe esse instincto moral, que modere, que reprima sua força quasi sempre crescentel Porém o homem é assás corajoso para não consentir que as paixões exerçam algum poder sobre a razão? A força moral, que só pertence á mais sublime philosophia, pôde permanecer? E, além disso, não é mais perigoso oppôr continua resistencia a suas inclinações, do que ceder-lhes algumas vezes? As paixões são tão uteis ao entretenimento da vida physica, como ao da moral: ellas fazem o homem gozar em toda a sua plenitude, criam-lhe uma nova vida; no entanto que uma eterna angustia, molestias desastrosas, terriveis males de nervos, são a partilha das pessoas que se conservam estranhas ás paixões, e que vivem n'uma continencia forçada e absoluta.

Porém, se as paixões moderadas têm uma tão maravilhosa influencia sobre o physico e o moral do homem, quanto desgraçadamente tambem influem em seu destino, se a ellas se abandona sem reserva! Absorvem todas as suas outras affeições, destroem todas as suas faculdades, e preparam-lhe todas as agonias da dor e dos remorsos; não são os homens, aos quaes a natureza ha dotado de um character sem verdadeiro calor, e que, por assim dizer, são por ella creados impassiveis, que devem temer a tyrannia das paixões; mas sim aquelles em que ella reune no mais alto gráo a sensibilidade physica e moral, quasi sempre incompativel com a paz de coração, quasi sempre fatal á felicidade. As almas ardentes devem temer as paixões, por isso mesmo que as que merecem esse nome não espalham encanto algum na vida, magoam e despedaçam o coração, pedem lagrimas de sangue, e essas lagrimas nunca mais se extinguem, porque as impressões fortes das paixões jámais se apagam inteiramente, seguem o homem desgraçado, ou o arrastam ao tumulo.

Interessar-se vivamente pela sorte dos desgraçados, sustental-osno infortunio, afastar-lhes do coração a desesperação, quando já nada pudesse ligal-os á vida, eis os deveres que a natureza e a humanidade impoem, e que são para o homem sensivel a origem dos mais deliciosos gozos, mas esses deveres entram mais nas attribuições do medico, que

nas do moralista; porque este crê sempre attingir ao vencimento das paixões, oppondo a razão dos syllogismos ao que não se raciocina mais, sem reflectir quanto é duro e inhumano condemnar um desgraçado, que muitas vezes não pôde deixar de o ser, e quanto crueis são as idéas geraes ao homem que soffre. O que será desse infeliz, abandonado só aos recursos de sua razão, quando tiver perdido até a esperança de suas afeições; quando um golpe imprevisto houver destruido sua fortuna, tiver ferido o objecto de sua ternura; quando uma doença cruel destruir seu repouso, alterar sua organização, e ameaçar seus dias, mesmo no scio da prosperidade, no meio dos prazeres e das illusões da florescente mocidade? Que será d'elle, se, na rapida passagem da felicidade ao infortunio, não tiver alguém que venha condoer-se de seus desgostos, sentil-os, partilha-los, e que lhe estenda mão protectora? Os sentimentos de beneficencia deveriam conduzir aquelle que se consagra ao allivio de seus semelhantes, aos que pedem soccorro, empregando com elles meios providentes, fazendo-os só ouvir a voz da esperança e da consolação; arredando de sua imaginação pensamentos tristes e afflictivos, para fazer-lhes antever um futuro mais ditoso; oppondo-lhes constantemente o temor á esperança, a tranquillidade á inquietação, a calma e o sangue frio á violencia das paixões fogosas e exasperadas; finalmente, todos os extremos aos extremos. E, ainda mais, para ligal-os á vida, acompanhal-os por toda a parte, seguir suas inclinações, partilhar suas afeições, descer, por assim dizer, até sua fraqueza, submettendo-os pela doçura e respeito. Uma conducta semelhante da parte de um medico, é do mais admiravel character; muitas vezes é uma garantia de seus successos: emfim, se o doente, não obstante todos os seus cuidados succumbe, não tem elle sido conduzido ao termo fatal pelas mais doces illusões, e por um caminho somente de flores?

Séde das paixões.

Os antigos admittiam no grande sympathico, e principalmente no ganglião semilunar, ou no plexo solar situado

sobre a base dos pilares do diafragma, a séde das paixões: Van-Helmont é de opinião que ellas residam no ganglio cardiaco, e centro aponevrotico ou frenico do diafragma. Outros queriam que o estomago fosse a sua séde: porém Gall é de parecer que as paixões tenham a sua séde no cerebro, e não nos gangliões do sympathico, e que ellas dependem, não tanto da vontade, quanto do instincto, e traz a exemplo: os animaes inferiores ao homem não sentem paixões?

Quanto a esta maneira de sentir de Gall, nós não estamos de accordo, bem que reconhecamos engenhoso o seu systema e doutrina.

As inclinações que se observam nos animaes, não se podem chamar verdadeiramente paixões, e se lhe damos este nome, é por não conhecermos outro que exprima os phenomenos moraes dos animaes; e o que é que se nota na natureza das paixões? phenomenos certamente mui diversos: as paixões, estando debaixo do imperio da vontade, só o homem por excellencia as póde modificar, dando-lhes o colorido que melhor lhe convier.

Proschka quer que as paixões tenham sua séde no coração, sob a influencia do 8.º par de nervos: bem como Van-venarges admite que os grandes pensamentos trazem sua origem do coração.

Estas duas opiniões foram abraçadas pelo professor Gilbert, de maneira a lhe fazer dizer (R. sur l'Éloq., L. 1.º, C. 41, Art. 2.º), que o nosso coração é um proceloso oceano, cujas agitações, todos, ainda os mais peritos, não sabem ao certo melhor do que os pilotos os mais praticos conhecem o numero dos ventos que agitam as aguas do mar, etc.

Longino (Trat. do sublime), é quasi do mesmo parecer, por seguir o que se passa no coração no momento em que as paixões obtam.

Magendie quer que as paixões não tenham séde, e diz: « Fallaremos nós da séde das paixões? Diremos com Bichat que ellas residem na vida organica, ou melhor ainda com os antigos e alguns modernos, que a colera reside na cabeça, a coragem no coração, o medo no ganglião semilunar, etc.?

Mas as paixões são sentimentos internos; não podem ter séde. Ellas resultam da acção do systema nervoso, e particularmente da do cerebro: não admittem alguma ex-

plicação. Conyem obserual-as, dirigil-as, calmal-as, ou in-tretel-ás, mas não buscar explical-as.

Mr. Vaidy (Dicc. das S. Med., Art. P., p. 425), quer que ellas não residam no cerebro, e nem dependam das faculda-des intellectuaes, e sim do systema nêrvoso viceral, fun-dâdo-se no estado em que a alma se acha quando o homem está apaixonado, e não experimenta por si mesma paixões, e diz (pag. 427): « Assim, o espirito fórma nossas concep-ções.

Na verdade, delle dependem nossos conhecimentos, qualidades que nascem da experiencia, ou são adquiridas por virem de fóra: ao contrario, o sentimento é innato ou natural em nós; elle determina nossos costumes, nossas in-clinações e nossa conducta, muitas vezes contra toda a razão, porque ella nos arrasta. A infancia e a mocidade succum-bem quasi sempre á torrente das paixões; a idade madura se dirige antes pela luz da razão e da experiencia. Assim, nosso coração é o primeiro desenvolvido, em quanto que o cerebro demanda longos estudos e uma educação para se formar; conyem quasi sempre que a educação comprima as affecções do coração, e dilate as faculdades do espirito. No animal, o coração ou as affecções moraes predominam; no homem racional, são as faculdades intellectuaes. A razão duvida, e por isso busca a verdade; mas a paixão crê tudo, até no erro, porque aspira á saciedade. O espirito póde ter defeitos ou extravagancias, mas o coração tem virtudes ou vicios; tanto a natureza moral sente e se move ás cegas, as-sim tambem a natureza intelligente conhece e quer com li-berdade.»

Mr. Rostan admitte no cerebro a séde das paixões, e fa-zendo a distincção de affecções e paixões, diz, que aquellas se applicam á faculdade de conhecer e raciocinar, em quanto que estas são subordinadas ás primeiras, por serem o resul-tado do sentimento propriamente ditô, das emoções da alma, e que umas vem pelos sentidos, e as outras são consequen-cias da faculdade de sentir, e que esta tem sua séde no ce-rebro.

De mais, reconhece que o experimentar necessidades, geralmente fallando, está na essencia da organização: com o apparecimento dos órgãos, apparecem os desejos de

os pôr em movimento, e o exercicio accarreta perdas, e destas a necessidade de as reparar; as necessidades produzem desejos, os desejos a vontade, e a vontade as paixões; e que conforme o gráo dos desejos e das necessidades, nós sentimos affecções e paixões, cujos actos tem sua séde no cerebro.

Mostra que não partilha do sentimento de Cabanis e Gall, por serem elles exclusivos; o primeiro fundou sua opinião no organismo inteiro, e o segundo em um órgão especial, como por exemplo, o amor ter sua séde no cerebello, etc. As paixões (P. 265, Cours. Elementaire d'Hygiene, 2.^a Ed., T. 2.^o), não são mais que desejos, necessidades violentamente sentidas; ellas tem sua séde no cerebro, mas sua causa está em toda a organização. As paixões não são em geral senão um sentimento instinctivo levado a excesso, assim como o instincto é o resultado da organização. O desejo foi dado (P. 266) ao homem, para por meio d'elle o obrigar a viver; e por isso é a primeira causa da existencia. Não é duvidoso que sem desejo deixará de existir, porque o que seria a vida sem elle?

Acabamos de ver que elle é o resultado necessario da organização. Elle não é particular ao homem, bem que o homem deseje mais que os outros animaes, porque estes entes como elle, acabarão logo, sem nada desejarem. Os desejos são pois necessarios; as paixões, que não são senão desejos violentos, são necessarias tambem; ellas são o mais poderoso mobil de todas as nossas acções, a origem de todos os talentos e de todas as virtudes; se ellas produzem todos os vicios e todos os crimes, isto não é senão por aberrações exceptionaes. Tem-se dito que as paixões, não sendo mais que a exaggeração da acção de um órgão, não podem jámais ser um bem, ao menos para o individuo: devemos confessar que nos é indispensavel partilhar esta opinião, apezar do ridiculo que se tem esforçado alguem de lançar sobre a opinião contraria (1).

(1) Antes de Gall, é verdade, que se tinha em vão procurado a séde da alma. Querer, como elle faz, descobrir os instrumentos particulares, e attribuir á bondade ou ao defeito desses instrumentos as variedades moraes da humanidade, é uma indagação ainda mais indiscreta que a da *síde espirital*, e sobretudo mais perigosa, se não é igualmente inutil.

Pelo que acabamos de ver, supponho que o celebre Rostan claudica em sua opinião, porque admitindo a séde das paixões no cerebro, nos faz ver ser o desejo o primeiro mobil ou a base de todas as paixões: sendo assim, tacitamente nos faz crer que ellas tem sua séde na alma, influenciada pelo systema nervoso, de cujo parecer nós somos; porque o desejo, na linguagem de quasi todõs os metaphysicos, é uma faculdade da alma; e um grande mestre da escola philosophica franceza, La Romiguière, no seu systema dá uma tão grande importância ao desejo, que lhe dá o primeiro lugar entre as faculdades volitivas da alma. La Romiguière reconhece no sujeito pensante duas faculdades elementares, que são *intelligencia e vontade*; subordinada na primeira tres fa-

O materialismo, que alguns sabios julgam poder adoptar, tende para um conhecimento tão detalhado das relações desligadas e delicadas do physico e do moral do homem, e para uma contemplação tão elevada e tão pouco accessivel ao vulgar, que quasi é impossivel semelhante opinião propagar-se e tornar se popular. Não acontece o mesmo com o materialismo, que o systema de Gall pretende estabelecer.

As consequencias desse systema, que por sua parte physionomica não deixam de se espalhar, se delle não se demonstra o erro e a inexactidão; as consequencias, dizemos, que o homem, ainda o mais esclarecido pôde tirar não bem como os sabios e os prudentes, necessariamente conduzirão uma illimitada indulgencia para todo o genero de vícios ou de crimes, ou uma indifferença não menos funesta para as mais sublimes virtudes e os mais distinctos talentos. Assim, ainda que estamos muito longe de contestar a influencia do physico sobre o moral; ainda que reconheçamos mesmo que existem temperamentos e modos de constituições organicas mais proprias aos grandes desenvolvimentos das faculdades intellectuaes, ou ao habito das acções generosas, que outras, somos forçados, entretanto, a confessar que, se cada modificação do coração ou do espirito fosse olhada como uma faculdade distincta e dependente de um orgão particular, não existiria moralidade alguma nas acções humanas, e que a mulher adúltera, o ladrão, o assassino, não eram assim, senão pelo imperio e desenvolvimento de certos orgãos, e se poderiam facilmente desculpar accusando a natureza.

Para esses temores, que todavia não apresentamos como objecções, se responderá, sem duvida, que o merito do obreiro sendo independente da bondade ou dos defeitos de seus instrumentos, os orgãos particulares, que se referem á alma pelo exercicio de suas differentes faculdades, não podem fazer nascer nenhuma duvida sobre a liberdade, nem sobre sua existencia.

Julgamos que ha mais subtiliza, que exactidão nesta resposta.

Se temos bem presente o systema de Gall, conforme a hypothese que no principio faz, se poderia comparar a alma a um habil organista, e os pequenos orgãos, cuja reunião fórma o cerebro, á collecção de instru-

culdades, que são: *atenção, comparação e raciocínio*; e na segunda, *desejo, preferencia e liberdade*. Ora, já vemos que é da essência do *Eu* imaterial o desejar; e se é assim, não podemos exclusivamente dar a um instrumento propriedades que lhe não pertencem.

Nós sabemos que todas as experiencias que se tem feito no cerebro dos animaes, para se reconhecer *a priori* suas propriedades ou funções, tem sido baldadas; e como por meras supposições physiologicas queremos *a posteriori* deduzir com certeza do que não conhecemos? Nós tambem sabemos que o celebre Rostan, encara o homem e o estuda de baixo das vistas physiologicas; abstrahindo o homem moral, o que jámais se pôde fazer, porque sob o mesmo ponto de

mentos de tocar, mais ou menos perfectos, com os quaes o musico espirital jogasse separadamente ou junto, segundo seu desejo e sua vontade.

Assim, conforme esta supposição, que pôde parecer picante e engenhosa, se admitirá que a alma tanto joga com a ambição, com a vaidade ou ardil, como com o espirito de comparação, com diferentes percepções e com a penetração metaphysica, com mais ou menos successo, conforme foram os instrumentos e a maneira de os empregar.

O Dr. Gall e seus partidarios, que não querem passar por materialistas, não temem que se lhes pergunte onde está então a alma, que elles fazem obrar tão materialmente, e que, pouco satisfeito de sua resposta, não se leva a crer que os *orgãos do pensamento* devem obrar por si só, a exemplo das differentes peças das forjas de Vulcano, cujo movimento, engenhoso emblema da vida, era espontaneo e sem causa reconhecida de uma primeira impulsão.

Antes de Gall, profundas indagações, ao mesmo tempo metaphysicas e physiologicas, induziram alguns sabios a encarar a alma como simples faculdade; mas, como já temos notado, os resultados das meditações e dos estudos da philosophia sobre essas grandes questões, estão como mergulhadas nos abysmos da sciencia, e não tem o facil accesso do materialismo a que conduziria a hypothese do Dr. Gall, se fosse fundada na experiencia e na observação.

Já provámos que o gallismo não está estabelecido sobre fundamentos muito solidos, e que applicando-se a seu exame o methodo com que Condillac derrubou as hypotheses creadas pelas imaginações brillantes de Descartes, Leibnitz e Malebranch, é facil ver-se que a nova theoria do cerebro, pelo Dr. Gall, não é fundada, ou pelo menos, que suas bases como o professor Chaussier, não são de modo algum certas e nem fundadas na anatomia.

Basta-nos acrescentar aqui ás comparações que precedem, uma idéa geral das relações do gallismo com a physionomia.

Essas relações podem ser encaradas como a terceira, e consequen-

vista nós também o estudamos, e por mais que combinemos idéas no conhecimento do organismo, de forma alguma o podemos separar quando temos de considerá-lo em sua totalidade.

O cerebro, anatomicamente fallando, tem sido mais ou menos conhecido pelos grandes trabalhos que se tem feito nestes ultimos tempos, e quanto ás suas funcções, nada se tem podido avançar de positivo, porque o mesmo homem das experiencias, o grande Magendie, physiologista sem par, nada tem podido conseguir, de facto, que nos esclareça; e tratando do cerebro (Phys., T. 1, P. 217, 3.ª Ed.), diz: « O que a natureza do homem apresenta de mais maravilhoso e de mais sublime á intelligencia, o pensamento, o

cia do systema, cujo desenvolvimento completo Gall offerceco a seus numerosos ouvintes em quarenta horas de demonstração.

A primeira parte é inteiramente relativa á anatomia, e faz conhecer os novos e interessantes pontos de vista, sob os quaes Gall considera e analisa o systema nervoso.

A segunda parte, abraça as considerações e as hypotheses sobre a acção do cerebro nos phenomenos do pensamento

Ahi começa o systema, que parece feito expressamente para formar um contraste com o de Helvetius.

Na verdãde, o autor do famoso livro do Espirito, que quiz, como se sabe, recusar tudo á natureza para dar maior vantagem ao poder da educação, julgou poder demonstrar que em todos os homẽs o fundo da organisação é primitivamente uniforme relativamente ao espirito; que não differe senão pelo effeito das causas accidentaes de aperfeiçoamento ou de alteração; e que conforme as circumstancias e os meios, todo o individuo bem conformado pôde tornar-se indifferentemente um grande poeta ou um grande philosopho, um profundo sabio ou um amavel literato.

O Dr. Gall não se limitou a combater esta opinião, e a pensar, como os philosophos physiologistas, que as differenças na natureza do espirito e das paixões, dependem do modo da organisação; pretende demonstrar que as funcções intellectuaes, e as inclinações, são facultades tão distinctas como as de ver e de ouvir; que os sentidos internos tem órgãos particulares, como os sentidos externos; que os órgãos dos sentidos interiores constituem o cerebro; que, finalmente, o craneo, offercendo no exterior, e como em relevo, a expressão do que se passa dentro do cerebro, basta saber apalpar uma cabeça, para saber o que ella tem a fazer, e deste modo reconhecer as variedades mais notaveis do coração e do espirito.

Conforme este systema, era preciso dizer meus cerebros, e não meu cerebro, e encarar os relevos collocados na superficie desse órgão, aos quaes se dá o nome de circonvoluções, como outros tantos órgãos separados, cuja extensão está sempre em contacto com a das partes correspondentes do craneo.

instincto, as paixões, e esta admiravel faculdade pela qual nós dirigimos nossos movimentos e exercemos a palavra, etc., etc., são phenomenos de tal sorte dependentes do cerebro, que muitos physiologistas os designam pelo epitheto de funcções cerebraes.

Outros physiologistas, levados e inspirados por crenças religiosas, as consideram como pertencendo a alma, ser de essencia divina, de cujos attributos um é a immortalidade, etc.

O mesmo autor, na continuação deste paragrapho faz ver que não segue em seu estudo opinião alguma nos phenomenos da intelligencia, para não cair nos erros em que grandes homens se tem submergido. Magendie é claro em seus

O Dr. Gall concede, por consequencia, nos diferentes pontos da superficie cerebral, uma séde distincta e um órgão particular a cada inclinação e a cada faculdade; e na superficie do craneo uma séde igualmente distincta para a expressão do desenvolvimento de cada faculdade e de cada paixão.

Convencido da relação intima do exterior e do interior da cabeça, elle marca sobre a superficie do craneo, e com a segurança de um geographo, as diversas regiões das diferentes funcções da alma, sua respectiva extensão, as semelhanças que se comparant, e que elle pretende conhecer.

A essa exploração exterior é que se pôde chamar parte physiologica do systema. Verdadeiro ou falso, o autor o applica com resultados taes que espantam seus ouvintes, e que muitas vezes tem alguma cousa de tão maravilhoso como os prodigios dantes attribuidos ao banquete de Mesmer e ao tumulo do diacono de Paris.

Deste modo, apalpando com cuidado a parte posterior da cabeça, a uma pessoa, e a região do craneo que corresponde ao cerebello, o Dr. Gall, ou seus discipulos, sufficientemente exercitados, poderão dizer se essa pessoa é fria ou ardente no amor, e se fraca ou vivamente excitada pela voluptuosidade. Um pouco acima dessa região do amor physico, elle encontrará a da ternura pela progenitura, da qual poderá julgar igualmente da força e da extensão; todos os outros pontos da superficie do craneo, offerecem, segundo o systema de Gall, indagações analogas, á arte de apalpar a cabeça em alto gráo de perfeição; seria verdadeiramente a arte de conhecer os homens, e bastaria ao Soberano, para nunca ser enganado, fazer enterrogar dessa maneira seus ministros, seus generaes, e seus embaixadores

Qualquer que seja, porém, a força e a exactidão das provas empregadas por Gall, deve-se-lhe conceder grande finura de tacto, um lançar de vista seguro, e uma penetração physiologica, á qual parece que elle deve as vantagens que attribue ao seu systema.

Considerado só como physionomista, elle tem espantado pela rapidez quasi milagrosa e constante exactidão da maior parte de seus juizos e de suas observações.

pensamentos, pois diz que estes phenomenos de tal sorte são dependentes desse órgão; persuadindo-nos que elles não são exclusivamente do cerebro, visto reconhecer a grande difficuldade em dar o seu juizo. Nesta parte elle pensa como Cicero quando escreve a respeito da natureza dos Deoses (L. 1.º) quando diz: Qual é a cousa mais forte do que a temeridade? Ou que cousa ha, tão temeraria, e tão indigna da gravidade e da constancia do sabio, como afirmar falsamente, ou defender com segurança o que ainda não está explorado e sabido? *Quid est enim temeritate fortius? Aud quid tam temerarium, tamque indignum sapientis gravitate, atque constantia, quam aut falsum sentire, aut, quod non satis explore rate perceptum, sit, et cognitum, sine ulla dubitatione defendere?* Abstraindo o systema de La Romiguière, para provarmos o contrario do que tem dito Rostan a respeito de admittir no cerebro as paixões, bem como o *desejo* ser uma propriedade sua, basta copiarmos o que diz Garnier (P. de Psy., Cap. 3.º, Pag. 115) quando trata dos phenomenos complexos de sensibilidade, e diz: «Gozar e soffrer, taes são os phenomenos os mais simples da sensibilidade. *Amar e aborrecer*, já são complexos; elles implicam o conhecimento do objecto que nos causa prazer ou pena. Quando estas palavras se empregam em vista de um objecto innanimado, não exprimem mais que a disposição em que estamos de sermos agradável ou desagradavelmente affectados. Quando se empregam a respeito de alguém, elles exprimem em outro o prazer ou o desprazer que se experimenta em lhes procurar succeder ventura ou desgracia, e mesmo o desejo de lhe ver chegar um ou outro. Este phenomeno é pois aqui mui complicado. Nós acabamos de chamal-o *desejo*; é tambem, segundo nossa opinião, complexo. O desejo nos parece ser a pena que nos causa a *ausencia* de um prazer conhecido. Acontece algumas vezes, que um prazer está ausente, sem que nós sintamos a pena de sua ausencia; logo que esta ausencia torna-se penosa, é o desejo. O desejo implica o prazer anterior, a lembrança deste prazer e pena de sua ausencia. Se o objecto que tem causado o prazer é conhecido, a lembrança deste objecto se mistura com a lembrança do prazer que elle tem produzido em nós; e a ausencia deste objecto nos é penosa, porque a falta do prazer que nos tem causado, faz-nos experimentar neste mesmo momento a

pena. O desejo implica tambem o juizo, que o objecto póde reiterar; se este juizo tem um gráo maior de probabilidade, o phenomeno toma o nome de *esperança*: se se julga que o objecto não póde reiterar a pena de sua ausencia, toma o nome de pezar. O desejo e o pezar estão sempre em razão directa do prazer que o objecto nos tem causado. Todo o amor, quando se abandona além dos limites ordinarios, toma o nome de paixão; se este excesso é condemnado ou reprovado pela noção da moralidade, d'elle resulta uma paixão culpavel como a voracidade, depravação, etc.

Se em nada fere ou perturba a moral, resulta uma nobre paixão, como a das bellas artes, da verdade, da beneficencia, etc. O que se chama um sentimento *ficticio*, não é mais que um sentimento *natural*, que pelas circumstancias particulares, ou por um falso raciocinio tem-se achado desenvolvido sobremaneira em prejuizo de outros sentimentos.

Assim, a saudade que um prisioneiro algumas vezes experimenta em deixar sua prisão, se explica pelo prazer que nos causam os objectos com os quaes nós longo tempo temos vivido. Tambem o amor do avaro para seu ouro se explica pelo falso calculo, que lhe faz crer mui numerosas as relações que tem de o arruinar, pelo amor de sua conservação e associação das idéas que desenvolve este amor sobre as cousas necessarias á vida, e sobre o meio que as obtem. A amizade, o amor da patria, a admiração, o enthusiasmo, o amor da gloria, são entre os sentimentos complexos aquelles que offerecem á analyse os objectos os mais interessantes.

Não nos arrojamos mais a referir sentimentos de outros autores a respeito da *séde das paixões*, porque ainda outras idéas temos ante os olhos a tractarmos; bem que não temos deveres de circumscripção, com tudo é tempo de darmos a nossa opinião a respeito do mesmo objecto, e é que *as paixões têm privativamente sua séde na alma, e subordinadas ou dependentes da acção nervosa*.

Dous elementos essencialmente distinctos; dous elementos por sua natureza differentes, constituem o que chamamos homem, que são *corpo e alma*. O corpo está sujeito ás invariaveis leis da natureza, que presidem a todos os corpos; o corpo com a extincção da vida se reduz por meio da decomposição á seus elementos primitivos, e entra para o seio da

natureza d'onde sahio (1). (Lêde P. Beclard, Anatomia Geral, Secc. 2.ª, e D. da existencia de DEOS por Fenelon, Cap. 4.º, Artigo Homem.) A alma, substancia simples, activa, intelligente e sensivel, desligando-se da sua mysteriosa e incomprehensivel união para com aquelle, existirá sem mescla em quanto durar a Divindade (2).

(1) Em successão continua os Entes passam;
Entre esta lei commum, eu posso acaso
Ter outra, além do tumulto, existencia
(Onde a morte não chegue) eterna e firme?
E não vejo cahir na sepultura,
Vasto imperio das cinzas e das sombras,
A cada instante os miseros viventes,
Quaes do rebusto cegador á foice
Cahem no campo as pallidas espigas?
Pôssô; que nesta habitação terrena
Existe e mora simplice substancia
Incorporea, immortal: assim do Eterno
O quíz a immobil lei: silencio, ó Musa,
Tu não penetras a enrolada nuvem,
A occulta ligação, que prede occulta
A simplice substancia á terrea massa;
De uma e outra a reciproca harmonia,
Mistura de concordia e de tumulto,
Continuada paz, perpetua guerra,
Impérvia sempre a humano entendimento.
A razão neste pélagô se engolfa;
Qual sem a douta bússola o Piloto
Entre cerrado escuro nevoeiro,
Que tolhe a vista da Polar Estrella,
Pelos mares Austraes s'entranha e perde;
Escuto, sinto a lei, e o mais ignoro.
Destá união mysteriosa nasce
Pasmoso um *Todo* harmonico, perfeito.
Alternativas sensações se passam
De uma em outra substancia, e sempre ignoto
Fica o canal.

Macedo, Med. 1, p. 11.

(2) Muitos philosophos, tendo reconhecido e provado a existencia da alma, pretenderam descortinar o mysterio da sua união ao corpo, assim como a maneira de obrar destas duas substancias: visto observarem que as propriedades são diferentes. Não obstante os materialistas negarem a existencia do Espirito, e tudo attribuirem ao jogo physiologico do organismo, com tudo, os factos da intelligencia protestam contra esta hypothese. Os espirituistas tem imaginado diferentes systemas, para explicarem o meio da união da alma para com o corpo, e as mais celebres hypotheses são — : as causas occasionaes de Descartes

Sendo o homem, como já fizemos ver, especulativo por excellencia, e não contemplando somente esta existencia que lhe foi confiada, pouco duradoura e material, estende suas vistas penetrantes e curiosas ao segredo de sua propria essencia; elle cuidadosamente a investiga, e quanto mais confronta suas idéas, tanto mais se entranha no vasto oceano das reflexões: elle acha no mundo intellectual caminho a percorrer; e por fim penetrando o segredo da immaterialidade, elle reconhece e se convence da existencia desta chamma celeste, emanada do ENTE SUPREMO no momento da criação, a que chamamos *alma*. Se buscamos conhecer a sua identidade, achamol-a em si mesma, por ser o centro unico donde evidentemente partem os admiraveis phenomenos da intelligencia, da actividade, e da sensibilidade. Não temos necessidade de recorrer á Escripura Sagrada (como o livro mais antigo, á excepção do Vedas, que conhecemos) para fundarmos os nossos argumentos; porque logo que principiamos a pensar, e experimentamos as primeiras sensações, tambem sentimos a necessidade de distinguir o sujeito que pensa, dos órgãos que conduzem as imagens ou as impressões que nos causaram os objectos exteriores, o que se consegue pelo raciocinio. Vemos de mais que o sujeito pensante em todas as suas manifestações variadas, elle se considera o mesmo, e não muda a sua primeira essencia ou maneira de *ser*; assim, para pensarmos deste modo, bastava-nos a *consciencia* e as faculdades intellectuaes, para nos afirmar a sua existencia; porque a materia por mais bem combinada que seja, e por mais bem organizada que se a considere, jámais produzirá o pensamento e o raciocinio. Existindo no homem uma entidade

e Malebranche, a harmonia prestavel de Lëibnitz; o influxo physico de Euler, e o mediador plastico de Cordworth. Os physiologistas, que reconhecem a realidade da existencia da alma, tem querido, cada um á sua maneira, explicar o meio de communicação das duas substancias; uns tem recorrido á electricidade, e outros ao fluido nervoso, etc.; porém ao nosso ver, assentamos que todos se tem esbarrado, por não darem uma razão sufficiente. Nós não nos arrojamos a dar a nossa opinião, porque ha certos phenomenos na natureza, que o melhor é observal-os, do que pretender explical-os; e só o que avançamos é que, por isso mesmo que a cousa se torna difficil a explicar-se, nisto mesmo está a sua existencia; porque nós conhecemos a DEOS, somente pelas maravilhas do universo, e ninguem nos dirá que já vio a DEOS impunemente; e no entanto é certa a existencia dessa ENTIDADE SUPREMA.

desta natureza, sua existencia deve ser continua e indivisivel; um só ente, e não muitos, porque nossa sensibilidade e nossa actividade não póde ser devida senão a um só principio, a uma unica substancia, sempre a mesma e indivisivel, em suas sensações, e em seus actos, etc.

O que acabamos de dizer, é uma verdade attestada pelo senso intimo, e a mesma razão e experiencia a cada passo nos faz ver que o exercicio das nossas faculdades seria impossivel ser executado, se o principio intelligente fosse multiplo. Demos o caso que sejam muitos os sujeitos pensantes, ou um composto de partes, o resultado seria o perguntarmos: onde collocariamos as sensações, as idéas e a vontade? Ninguem, assentamos, nos poderá responder, porque a vontade, ou outro qualquer acto da alma residiria toda em cada *Eu*, ou em cada parte do *Eu*, e então teriamos muitas vontades ao mesmo tempo; e não suppomos que uma igual determinação, ou uma acção tenha lugar, porque ao mesmo tempo haveria diversidade em seus grãos. Sendo ou existindo em diversas partes do *Eu* a vontade, o que teriamos em resultado seria fragmentos de vontade, o que jámais podemos conceder por ser absurdo. O mesmo argumento se póde applicar aos outros actos da intelligencia.

Finalmente diremos, que o *Eu* immaterial é um e indivisivel em suas affeições e faculdades, em seus pensamentos e em seus actos, e que não ha em nós dous sujeitos pensantes, um que presida á idéa do bem, outro á do mal que nos póde acontecer, e sim um unico Ente, onde se concentram os prazeres e as penas, o amor e odio, e que este centro intelligente é distincto do apparelho organico e das funcções dos mesmos orgãos.

Tudo o que temos dito a respeito da existencia da alma, não é filho tanto da religiosidade, quanto somos forçados a crer por convicção; porque ainda não encontramos quem nos explicasse o que é a consciencia, terrivel tribunal, annuncio do crime, onde o homem é julgado com a maior severidade; se elle foge, ella o acompanha por toda a parte, aguilhoando-lhe o coração com mil reprovações, e chamando-o á moralidade, onde é a séde, etc.

Quem é o que contempla as verdades eternas e eleva o pensamento até a Divindade, o que é o amor da justiça, o que é o amor da humanidade, e finalmente o que é a virtu-

de! Quem foi que levou o celebre bispo de Chiappa, o immortal Lascasas da Europa á America, só por amor da humanidade ultrajada! Quem deo tanta coragem e paciencia a Jób, varão sincero e recto, que sobranceiro ás desgraças, nem em perder sete mil ovelhas, tres mil camellos, quinhentas juntas de bois, quinhentas jumentas, sete filhos, tres filhas e familia numerosissima, blasfemou contra DEOS! antes rasgando as vestes, tosqueando os cabellos, prostrado em terra o adorou, dizendo-lhe: (Jób Cap. 1. , § 21) « Nú sahi do ventre de minha mãe, e nú tornarei para ella: o SENHOR o deo, o SENHOR o tirou; como foi do agrado do SENHOR, assim succedeo: bemdito seja o nome do SENHOR. *Et dixit: nudus egressus sum de utero matris meæ, et nudus revertar illuc: Dominus dedit, Dominus abstulit: sicut Domino placuit, ita factum est; sit nomen Domini benedictum.* Quem é o que consola o misero na indigencial o opprimido na desgraça, a innocencia immolada por crueis que não respeitam a virtude e nem a humanidade soluçante, senão duas unicas idéas: a doce lembrança de uma INFINITA PROVIDENCIA, que não dorme e sim véla sobre a obra de sua criação, e a consolação de um glorioso descanso sem fim em premio de suas desgraças e de suas virtudes. São tão verdadeiras e naturaes estas nossas idéas, que machinalmente as sentimos sem que nos digam.

O selvagem, por mais brutal que seja, e por mais solitario que viva, quando é acommettido por força superior, implora o soccorro do Céu, elevando para elle as mãos e batendo uma na outra, indicando ao seu oppressor, que, se usar com elle de brandura ou lhe perdoar, terá na patria dos piedosos lugar distincto em premio de sua compaixão.

A historia das Americas está cheia de factos, que bem provam o que dizemos, a não mentirem seus autores. A vida de José II, imperador da Alemanha, é um modelo de virtudes sublimes: nelle achamos resumido tudo quanto ha de grande: com o afflicto chorava, ao miseravel soccorria, ao orgulhoso abatia. Que heróe! Não ser a sua vida eterna!

Vem sempre tarde unir-se ao homem a experiencia, e é só na idade madura que ella apparece, e logo que se avizinha, muda no homem aquelles sentimentos, aquellas idéas que nos primeiros dias da vida adquirio. Nós podiamos referir muitos casos acontecidos com grandes homens a este res-

peito; porém deixamos á leitura da historia dizel-os por nós (1). Joully, no artigo cerebro (Dicc. de Med. e Cir. P.), pretende achar no systema nervoso o instrumento material da intelligencia, sem adjutorio dos outros orgãos, e que a sensibilidade, intelligencia, juizo, vontade, etc., são funcções do cerebro, o que justamente é falso; porque o systema nervoso é encarregado pela natureza de receber as impressões que os objectos externos lhes communicam, e transmittil-os immediatamente: estes sentimentos são levados ao interior, onde são apreciados: a sensação não é senão um acto simples, e a simplicidade deste só pôde ser apreciada por cousa que tenha a mesma natureza. O juizo é o resultado de combinações de actos simples, resultante de impressões que se recebem e não combinações materiaes. A idéa que temos de um sentimento é a imagem do objecto que a causou; e se fossem combinações materiaes, o resultado seria diverso, como se nota nas experiencias chemicas, etc. A segunda funcção é não só activar as funcções dos orgãos, como pôl-os em movimento.

(1) Na obra do Dr. Debreyne intitulada —Pensamentos de um crente catholico, se lê que Cabanis depois de quatro annos da publicação da sua obra sobre as relações do physico e moral do homem, reconheceo, em uma carta publicada em 1824, que mandou a um dos seus amigos sobre as causas primeiras, um Ente superior intelligente livre, activo, soberanamente poderoso, justo, bom, causa de tudo quanto existe no mundo; bem como a existencia de um principio particular o *Eu*, causa dos phenomenos moraes do homem dotado de vontade e intelligencia, devedo persistir depois da dissolução do corpo.

Georget seguiu as pegadas de Cabanis, não admittindo uma substancia espiritual ou a alma; mas não tardou em reconhecer o seu erro; por que dous annos antes de sua morte declarou em seu testamento a retractação das suas opiniões, e que se lhe desse toda a publicidade possível: eis aqui a retractação que fielmente traduzimos da obra citada do medico Debreyne, que tambem foi copia do archivo de medicina. « Em 1821, na minha obra sobre a Physiologia do systema nervoso, eu professei declaradamente o materialismo. O anno antecedente publiqui um tractado sobre a loucura, no qual eu enunciei principios contrarios, ou pelo menos, expuz idéas em relação com as crenças geralmente recebidas; e apenas tinha eu publicado a Physiologia do systema nervoso, que novas meditações sobre um phenomeno bem extraordinario, o somnambulismo, não me permittiram mais duvidar da existencia em nós e fóra de nós, de um principio intelligente, inteiramente diverso das existencias materiaes; isto será se quizerem a alma e Deos. Ha em mim a este respeito uma intima convicção, fundada sobre factos que julgo incontestaveis.»

Além disso, a sensibilidade é a faculdade que a alma possui de ser affectada de qualquer fórma que seja. Sob este acto, tres classes de phenomenos notamos, como sejam physicos, moraes e intellectuaes; assim como nós temos tres sortes de sensibilidades, que são sensibilidade physica, que é a que é posta em acção pela presença dos objectos que nos rodeam; e comprehende os gozos e as dores do corpo; sensibilidade moral, que é a que é determinada pela acção de um ser dotado, como nós, de intelligencia e vontade, e comprehende todos os gozos e penas do coração; sensibilidade intellectual, que é a que é provocada pelas differentes noções da intelligencia, e comprehende os prazeres e penas do espirito.

Ha dous phenomenos além destes na sensibilidade, que são a impressão que o objecto faz no orgão do sentido a que chamamos paixão, em quanto a percepção desta impressão se denomina acção da alma. Donde se segue, que qualquer que seja a modificação organica que desperta a sensibilidade, não póde a nossa alma ficar completamente indifferente, porque a dôr e o prazer é logo o sentimento que experimenta; se a impressão que o orgão soffre é desagradavel, a alma tambem padece logo, e se agradavel, ella sente do mesmo modo prazer. A estes actos chamam-se phenomenos complexos da sensibilidade. Na sensação agradavel ou penosa, o que se experimenta é acção da força exterior que nos impressiona, e a sensibilidade que se desenvolver, é differente da que é excitada pela impressão que a determina, e neste caso ella reage para a causa occasional que motiva a impressão; e então este movimento de reacção que alenta com evidencia nossa sensibilidade, varia muito: se é agradavel, a sensibilidade é expansiva, e se o contrario, é deprimente, isto é, e la se retrai e busca livrar-se: estes dois ultimos phenomenos do prazer e dôr, que a alma sente em consequencia da impressão que recebo mediante os sentidos, varia muito. Quando o organismo soffre, tambem a intelligencia se perturba, e isto depende de que as funcções não sendo regulares, ha desordem na sensibilidade.

Nas febres intermittentes, quando o frio invade, as sensações, por exemplo, que se experimentam, são confusas, fracas e obscuras; porque o sangue fugindo dos capillares sanguineos, que serpejam a superficie da pelle, vai-se con-

centrar nos órgãos mais parenchymatosos, para os grossos vasos e coração, por cuja causa se nota tremores, anciéda, fadiga, etc.; neste caso vemos, que em consequencia desta perturbação, o cerebro se abate, e apenas pôde receber fracas impressões e transmittil-as ou reagil-as; porque neste estado todas as forças, obrando de fóra para dentro, concentram-se. Ora, não podendo o cerebro, pelo seu langôr, funcionar bem, as idéas que a alma tiver neste estado, devem ser fracas, etc- A' proporção que o doente vai sentindo aplacar-se o frio e a reacção se vai seguindo, as extremidades nervosas vão ganhando actividade pela depressão das forças vitæes, que dirijindo-se do centro para a circumferencia, ou periferia do corpo, diminuem todos os phenomenos que o frio produzio, em consequencia do accesso do frio ter entorpecido; as sensações se avivam, e proporcionalmente se multiplicam a ponto de se tornarem afflictivas e confusas; pelo excesso e vivacidade dellas, bem como o cerebro, que a principio estava languido, ganha em actividade até ao gráo em que as idéas se desarranjam, e o delirio se manifesta. Nota-se ainda mais, que o espirito fica desassocegado e apto a impacientar-se, ou pelo excesso de vontades ou vehemencia das sensações, que durante este estado o doente experimenta. A' proporção que o phenomeno critico *paulatim* vai apparecendo, e que a febre declina, o espirito, de confuso e agitado que era, passa a tranquillidade.

Na meningitis, tambem se nota perturbações de idéas, de maneira a não ser possivel combinar-se as sensações pelo estado de flogose em que se acham os órgãos. Que terriveis phenomenos não se observam na satyriasis, onde a moral do homem, em consequencia de uma exaltação nos seus órgãos genitæes, põe a alma com desejos eroticos e exaltados; persistencia nas idéas immodestas e voluptuosas, e finalmente perturbação na intelligencia. (Lêde o artigo Satyriasis de Londe, no Dicc. de Med. e Cir. Pr., V. 14.)

Na Nymphomania, em consequencia de uma exaltação do systema uterino, a mulher se vê obrigada aos maiores desvarios que se pôde imaginar. Esta terrivel enfermidade, que não é senão a sensação do amor ou da necessidade do coito, levado ao maior gráo, arrasta a mulher a perder completamente todos os habitos da pudor e da honestidade, que a educação plantou em seu coração: o apparecimento deste

mal é sempre precedido por causas, que obram sobre o cerebro, ou sobre o systema uterino; apesar de que Gall e seus discipulos querem que ellas só obrem sobre o cerebello. Seja qual for a séde deste mal, o que sabemos é, que na mulher, o desejo de se prostituir, em proporção é menor, que a audacia que as affecta. (Jouly, Dicc. de M. e C. P., artigo Nymph., V. 12.) Na hystoria, quantos phenomenos atterradores não ameaçam a infeliz mulher que a experimenta! Bem como tambem na gravidez se observa desejos extravagantes, de maneira a levar a mulher á perversão da razão. Orfila refere muitas passagens (Med. Legal, T. 1.º, P. 517, 3.ª Ed.) de mulheres, que durante a gestação tinham desejos bizarros e appetites depravados, e cita uma passagem referida pelo medico portuguez Rodrigo de Castro, que uma mulher grávida, vendo a espadua de um padeiro, a desejou comer. Outra, de quem falla Langius, que por este tempo desejava conier as carnes de seu marido, de sorte que o matou, e salgou uma grande parte das mesmas carnes, para prolongar seu depravado prazer, etc.

Nos dous sexos, quando chega a época da puberdade, ha uma mudança espantosa; todo o organismo se desenvolve, os órgãos genitales, e o larynge no homem augmentam de volume; na mulher as mammas, o rubor das faces, o bello e encantador torneio das fórmãs, o apparecimento dos menses lhes annuncia que a natureza os convida dizendo-lhe, que já é tempo de preencher o alto fim para que os formou: tudo nessa época é grande, tudo é magnifico, e tudo é activo. As propensões n'um e n'outro sexo, as fruições moraes são tão lisongeiras, que cada um se suppõe preferivel; tudo emprehendem e tudo conseguem. Não ganhando em idade e em exercicio, até que por fim a vida se vai enfraquecendo e avizinhando á inaptidão; idéas bem diversas acompanham ao cançado velho. Assim pois, tambem a alma, á proporção que o organismo perde, tambem ella perde, porque os órgãos não podendo receber com a mesma actividade as impressões, tambem ella as não póde apreciar.

Quando o moral do homem obra sobre o seu organismo, se observam phenomenos bem contrarios; um sentimento de abatimento quasi geral vai-se apoderando do seu corpo; a tristeza se exprime em seu caracter; a imagem da afflicção se apodera delle; a dor o segue, acompanhando-o

para toda a parte; o temor, a angustia é a nutrição ordinária; mesmo a morte se anheia para descanso de tantos sofrimentos. São mais ou menos fortes estes phenomenos, segundo as circumstancias. Lê-se na Castro de J. B. Gomes, Affonso IV pedir a morte a DEOS, etc.

Porque não vens, ó morte, alliviar-me
Do peso da existencia, e de meus crimes?

A alegria, o contentamento, o prazer, o riso, a satisfação, quando não são excessivos, são os signaes que se mostra quando o moral goza.

Quando se nos communica as desgraças de um amigo, de um pai, de um irmão, etc., a quem cegamente amamos, que martyrios não experimentamos? Lemos nos faustos de gloria do immortal José II, que um menino bem miseravel, com 12 annos de idade, pedia esmola em uma das ruas de Vienna d'Austria: encaminha-se humildemente a um senhor, que lhe dava mostras de ser homem de fortuna, e chegando-se para elle, porque seu ar de bondade o animava, pedio-lhe uma esmola. O estado de timidez com que pedia, e as lagrimas que vertia, moveo a curiosidade do desconhecido Monarcha. — Meu amiguinho, lhe diz o Imperador, vós me não pareceis criado, e como pedis esmola? — O' meu DEOS, lhe responde o joven, é para soccorrer minha pobre mãe, viuva, desamparada de todos, que vive em uma cama doente e cheia de miseria. — Vós não tendes medico? — Ah! meu senhor, se não temos dinheiro para satisfazer suas visitas e comprar o remedio por elle ordenado, para que encommoal-o? O desconhecido perguntou-lhe onde morava sua mãe, e depois de ouvir sua resposta, deo-lhe dinheiro para que fosse em busca do medico a soccorrel-a. Este bom filho cordialmente agradeceo a seu bemfeitor, e sem perda de tempo correo em busca do medico.

Logo que ficou só o desconhecido, foi á casa da doente, e assim que entrou vio quam verdadeira era a exposição do bom filho, e que no estado o mais deploravel em que estava, ainda se esforçava em consolar outro filho mais tenro, que chorava com fome. José, inculcando-se medico, pergunta-lhe qual a causa do seu padecimento. A infeliz lhe responde: ah! Sr. doutor, a infelicidade me é mais cruel do

que a propria doença. Depois do fallecimento do meu caro esposo, perdi todos os meus bens e fortuna n'uma banca rota. Tenho dous filhos e em um estado de miseria: o que lhes succederá? A mãe não póde sobreviver-lhes, e breve ficarão sem ella

O monarcha, commovido de tão justas queixas, consola-a, na esperanza de um porvir venturoso; e pedindo-lhe um oitavo de papel para escrever a sua receita, o não achou; rasgou uma folha de livro em que o filho aprendia e deo-lha, e logo que acabou de receitar poz o bilhete sobre a mesa e se retirou dizendo-lhe: « Ahi fica a receita que vos ha de curar.» Apenas tinha sahido, entra o filho exclamando, cheio de satisfação: « Minha mãe, consolai-vos e cobrai animo, que eu já tenho dinheiro, e aqui está um bom medico que vos vem curar!»

« Meu caro filho! disse ella transportada com as lagrimas nos olhos, vem cá que te quero dar um beijo. Tua generosidade e a satisfação do teu rosto, me mostra quanto me amas. D'aqui agora sahio um medico, e ahi em cima da mesa deixou uma receita.»

O medico, que com o filho chegou, pegando e lendo a receita, exclama: « Senhora, alegrai-vos; o medico que com vosco agora aqui esteve, é melhor medico do que eu, e a sua receita é mais efficaz do que a minha; estais livre da indigencia, porque o medico desconhecido é o soberano da Allemanha, o imperador em pessoa, o bom José II, que vos dá uma avultada quantia que podeis mandar receber.»

A mudança que experimentou esta mulher e seu filho, deixamol-a á consideração de quem quer que for a pensar nella.

Não ha limites para o coração materno: os maiores perigos os afronta só por amor do filho querido; é elle a obra prima da natureza; doçura, afago, encantos, tudo deposita no filho, e só para elle vive, e quem lh'o arrancará dos braços? só a morte, pol-a não poder bracejar.

Por nós com a existencia principiam
Da mullier os extremos, sim é ella
Que no seu seio nove mezes guarda,
O fructo de hymeneo tão triste ás vezes;
E no leito da dôr, da sua a custo,

Vida lhe dá; é ella que votada
Ao novo Ente, lhe consagra attentos
Cuidados, que no berço exige a infancia.
Oh! que ternos desvelos! Se adormece
Afas a o insecto que voando o inquieta:
Vedar parece ao despertar que chegue;
Nem do filho arredal-a pôde a noite:
Das sombras ao silencio applica o ouvido,
E se Morfeo lhe illude a vigilancia,
Abrindo os olhos, ao menor sussurro,
Ao berço do filhinho inquieta corre
Se dorme, attenta se recreia em vê-lo,
Tranquilla apenas, a seu leito volta.
Se acorda, logo os peitos lh'offerece,
E saúde lhe dá no leite puro.
Para o manter no amor não ha fadiga,
Vive mais do que em si no filho caro.
E se aos olhos do esposo se apresenta,
Mais bella é quando o filho ao collo pende.
Conjugal fructo, maternal thesouro,
Perfeição és sem par na estima sua.

(Le Gouvé, Poema trad. pelo visconde da Pedra Branca)

Na moral em acção (ternura maternal), se lê o que vamos resumir: « Uma senhora vinha da Martinica (uma das Antilhas), e trazia um filhinho no berço: sendo assaltado o navio de um temporal, e em consequencia delle tudo se despedaçou pelo furor das ondas. Um preto escravo, que sabia nadar, a poz ás costas e juntamente o filho, para ver se os podia levar á praia, que distava alguma cousa; porém ella vendo que o bom do preto já estava exaustado de forças, falla-lhe assim: — Amigo, não te cances inutilmente para me salvar; cuidemos em livrar meu filho, e tu diz-lhe que eu morri por seu amor. — Isto disse, e soltando-se do escravo, que ainda forcejava por segural-a, em pouca distancia delle se submergiu nas ondas.»

Ninguem tambem desconhece, que depois de enchermos o estomago de alimentos, se de repente temos cousa que encommode o nosso espirito, as funcções se retardam, e em lugar do alimento fermentar convenientemente, se altera, por isso que os movimentos peristalticos são fracos e descompassados, etc.

Divisão e classificação das paixões.

Duas são as classes das paixões, que os observadores tem reconhecido como mais exactas, por irem de conformidade com a maneira de obrar das causas; as quaes umas obram excitando o organismo do centro para a circumferencia, isto é, de dentro para fóra; bem como a alegria, o amor, a esperança, etc.; outras obram da circumferencia para o centro, isto é, de fóra para dentro; abatendo os órgãos, e como que paralyndo as forças vitaes, taes como a tristeza, a dor, o medo, o odio, etc.: a essas causas se chamam *deprimentes*, e aquellas *expansivas*. Nós tambem sob este ponto de vista as consideramos.

O padre José Agostinho de Macedo, admite nma paixão elemental, que é o — amor da propria felicidade—; e esta dando nascimento a duas outras, que segundo elle, se tornam exclusivas no homem, e vem a ser: o amor e o odio. (o H. ou os L. da R., cap. 9.º, § 2.º) O barão d'Holbach, na sua moral universal, exprime-se nesta substancia: « Todas as paixões se reduzem a desejar algum bem, algum prazer, alguma felicidade real ou falsa; reccar e fugir de algum mal, quer verdadeiro, quer imaginario. Os desejos são movimentos do amor para um bem verdadeiro ou supposto, que se não possui. A esperança é o amor de um bem que se espera, mas de que se não tem fruição. A colera é uma aversão subita, para um objecto que se crê nocivo.» (M. U. T. 1.º, Cap. 5.º, P. 17.)

Madame a baroneza de Stael, reconhece no amor da gloria, a primazia entre as paixões, e que as mais são justamente modificações deste nobre sentimento. (Inf. das P., P 45.)

Madame Guizot (Cons. de Moral, P. 164), suppõe o amor, geralmente fallando, ser a paixão donde as outras se originam. Descartes reconhece na alma seis paixões primitivas, que são: a *admiração*, o *amor*, o *odio*, o *desejo*, a *alegria* e a *tristeza*, e que a *estima*, o *desprezo*, a *piedade*, o *pudor*, a *colera*, a *indignação*, a *esperança*, a *crença*, a *vaidade*, o *escarneo*, a *inveja*, e o *desespero*, são as paixões secundarias.

Magendie reconhece no homem paixões, que são com-

muns com os animaes, e que consistem em necessidades animaes exageradas; mas ha outras que só se desenvolvem no estado da sociedade: estas são necessidades sociaes exageradas. As paixões animaes se referem ao duplo fim que nós temos indicado, em fallando do instincto, isto é, a conservação da especie. A' conservação do individuo pertence o medo, a colera, a tristeza, o odio, a fome excessiva, etc.; á conservação da especie pertencem os desejos venereos em excesso, o ciuê, o amor ressentido, quando os filhos estão em perigo, etc. A natureza tem unido uma grande importancia a estes generos de paixões, que ella reproduz em toda a sua força no homem civilisado. As paixões que pertencem ao estado de sociedade, não são senão paixões sociaes, levadas a um grão mui subido.

A ambição é o excesso do amor do poder; a avaréza a exageração do desejo da fortuna; o odio, a vingança é o desejo natural e impetuoso de offender a quem nos offende; á paixão do jogo, e quasi todos os vicios, que são tambem paixões, são meios de sentir vivamente a existencia: o amor violento é uma exaltação de desejos venereos, que perturba, agita, perverte, e muitas vezes anima nossa existencia de um bem estar inefavel, etc. Os desejos desenvolvem a intelligencia, as paixões são o principio, ou a causa de tudo o que o homem faz de grande, seja para o bem ou para o mal. — Os grandes homens em todos os generos, os grandes criminosos, ou conquistadores, são ou foram homens apaixonados. (*Precis Elementaire de Phys. T. 1.º, P. 262*).

Platão tinha para si, que não obstante haver no homem muitos modos de paixões e affectos, com tudo só assignala nome distincto, a seis, que são: — o prazer, a dor, a prudencia, o temor, a ira, e a esperança—; e que as outras não podem ter nomes distinctos, por serem simples modificações das seis já ditas.

O professor Rostan admitte o desejo e a aversão, como a origem de todas as nossas paixões.

Aristoteles não concorda no numero das paixões, porque na sua *Rhetorica* faz uma ennumeración, e nos escriptos de moral faz outra.

Gall, e seu discipulo Spurzheim, nos seus tratados de *Phrenologia*, dão os nomes de paixões e affectos a algumas das faculdades primitivas e fundamentaes do sujeito

pensante: as paixões pertencem ás faculdades, cujo gráo for de actividade excessiva: os affectos são modificações das mesmas faculdades primitivas, pelo modo com que são affectadas, e pela maneira de obrarem, deprimindo de fóra para dentro, ou ao contrario: de mais, as paixões, segundo elles, não são outra cousa mais do que um modo de quantidade, e os affectos outro modo de qualidade. A doutrina destes dous escriptores, quanto ás paixões, se torna difficil, porque elles, além de não assignalarem as faculdades primitivas, tambem não concordam quanto ao numero.

Volney admite duas paixões, prazer e dor; e que o amor de si, a aversão, a dor, e o desejo do seu bem estar, foram os moveis simples e potentes que arrancaram o homem do estado selvagem e barbaro em que a natureza o collocou.

Georget fundou sua classificação sob quatro pontos de vista; segundo que a alma está alegre, ou tem colera; temor ou pena.

Quanto ao primeiro modo, elle reconhece sete especies de paixões, que vem a ser:

ALEGRIA.

- | | |
|-----------------------------------|----------------------------------|
| 1. ^a — a alegria | 5. ^a — o enthusiasmo |
| 2. ^a — o prazer | 6. ^a — a contemplação |
| 3. ^a — o contentamento | 7. ^a — o extasi. |
| 4. ^a — a admiração | |

Quanto ao segundo modo, elle reconhece outras sete especies, que são:

COLERA.

- | | |
|---|--------------------------------|
| 1. ^a — a impaciencia | 5. ^a — a indignação |
| 2. ^a — a vivacidade | 6. ^a — o furor |
| 3. ^a — os transportes da ira | 7. ^a — a raiva. |
| 4. ^a — » da colera | |

No terceiro modo de considerar as paixões, elle subordina quinze especies, que vem a ser:

TEMOR.

- | | |
|--------------------------------------|---------------------------------|
| 1. ^a — o susto da timidez | 5. ^a — o espanto |
| 2. ^a — » do pudor | 6. ^a — o desmaio |
| 3. ^a — a emoção | 7. ^a — a inquietação |
| 4. ^a — o pejo | 8. ^a — a afflicção |

- | | |
|------------------------------------|--------------------------------|
| 9. ^a — a pusilanimidade | 13. ^a — a compaixão |
| 10. ^a — o medo | 14. ^a — o horror |
| 11. ^a — o pavor | 15. ^a — o terror. |
| 12. ^a — o assombro | |

No quarto e ultimo modo, elle considera onze especies, que são:

4.^o PENA.

- | | |
|-------------------------------------|----------------------------------|
| 1. ^a — as contrariedades | 7. ^a — o desconforto |
| 2. ^a — os pezares | 8. ^a — a nostalgia |
| 3. ^a — as penas | 9. — as revoluções do espirito |
| 4. ^a — a afflicção | 10. ^a — o desgosto |
| 5. ^a — a tristeza | 11. ^a — o abatimento. |
| 6. ^a — o aborrecimento | |

Além destas, Georget ainda considera á parte outra classe, que é para as paixões propriamente ditas, que julga depender do desejo; e faz duas divisões nella, que são uma para a ambição, e outra para o amor.

Quintiliano faz uma distincção nas paixões, ensinando ao orador a conhecel-as e a manejar-as: na primeira elle colloca os affectos violentos, a que chama Patheticos; na segunda, põe os affectos moderados, a que chama Ethicos. Esta distincção de Quintiliano é fundada no modo porque ellas costumam obrar: os primeiros, como obram na imaginação (como já fizemos ver), perturbam a alma, fazendo com que ella se mude do estado de quietação em que se achava para o de perturbação; e neste estado mudal-a para novos juizos e resoluções: os segundos, obrando sobre o coração, alicia certos sentimentos de favor e de benevolencia a respeito do que se quer. De mais, Quintiliano, no artigo Peroração, quando trata dos instrumentos da persuasão. §§ 2, 3 e 4, faz ver que estas duas classes de paixões se differenceiam por seis modos; 1.^o, porque os affectos Patheticos são paixões fortes, vehementes e agitadas; 2.^o, que os Ethicos são sentimentos brandos e socegados, e que os primeiros obram com violencia, mandando com imperio, e por meio de força perturbando a alma; 3.^o, os Ethicos persuadem lentamente ensinando-se, para por esse meio ganhar a vontade; 4.^o, os Patheticos, por isso mesmo que são mui fortes, tambem sua acção é mui rapida; 5.^o, os Ethicos, não obstante não terem o mesmo grão de força e vehemencia em acção, com tudo

empregados elles obram; 6.º (§ 4.º) « Alguns quizeram que os affectos Ethicos servissem propriamente para as recommendações e para a desculpa. Estes officios pertencem-lhe certamente, mas não são os unicos, antes accrescento ainda, que os affectos Patheticos e Ethicos, umas vezes têm a mesma natureza, e só se differenciam no gráo de força, *id est*, ser a daquelles maior e a destes menor, como por exemplo, o amor é um affecto Pathetico, e a caridade um affecto Ethico; outras vezes são contrarios entre si, como nos Epilogos, onde os affectos Patheticos irritam o juiz, e os Ethicos o costumam a appacar.»

O erudito padre J. Soares Barbosa, traductor e commentador de Quintiliano, escreveu uma rica nota, que achamos muito a proposito transcrever aqui, porque classifica as paixões sob dous pontos de vista, como Quintiliano refere. « T. 1.º, Cap. 13, Art. 2.º, § 4.º, nota 1), e diz: « Sexta differença das paixões aos sentimentos, o — gráo de intenção differente. — Se um affecto Pathetico, e outro Ethico, tem a mesma raiz, e constituem a mesma especie, então não se distinguem senão pelo gráo de intenção. Sobre o mesmo objecto um sentimento vivo é uma paixão, um sentimento brando é um affecto Ethico. Taes são, por exemplo, o Amor e a Caridade, o Desejo e a Saudade, a Compaixão e a Humanidade, o Odio e o Rancor, o Desprezo e a Indifferença, a Alegria e um Genio alegre, a Tristeza grave e um Genio Melancolico, a Colera e o Resentimento, etc. Seus affectos são de differente especie, e se destroem mutuamente, chamam-se affectos Patheticos os que costumam irritar, e Ethicos os que mitigam. Taes são, por exemplo, a Compaixão e o Riso, a Colera e a Clemencia, a Temeridade e a Prudencia, a Petulancia e a Moderação, etc.»

O Sr. Soares Barbosa aparta-se, quanto ao parecer de Quintiliano, tractando de classificar as paixões, e julga que as paixões se podem reduzir a cinco classes principaes, e faz consistir a primeira paixão elementar no amor proprio.

O *Amor Proprio*, isto é, o amor da nossa felicidade e perfeição, pelo qual procuramos o Bem, isto é, tudo o que conserva e aperfeiçoa a nossa existencia, e fugimos do Mal, que é tudo o que destroe e põe peor o nosso estado; o Amor Proprio, dizemos, é, a bem de dizer, a unica paixão do homem. As mais não são, a fallar propriamente, mais que

umas modificações do amor proprio, que variam ao infinito segundo o gráo de força, objecto e circumstancias das pessoas. Pelo que ninguém até agora classificou exactamente as paixões; nem talvez será possível o fazer-o. Comtudo, como as paixões são umas commoções fortes e vivas, nascidas da representação do Bem e do Mal; podemos fazer tantas classes dellas quantos são os differentes modos porque um e outro se nos podem representar.

Ora, o bem ou o mal se nos póde representar, relativamente ao tempo, ou como *passado*, ou como *presente*, ou como *futuro*: e desta consideração nasce a 1.^a Classe. O bem passado é objecto do Desejo e Saudade; o presente da Alegria, o futuro da Esperança. E pelo contrario, o mal passado é objecto do Pesar, o presente da Tristeza, e o futuro do Medo.

O bem e mal futuro tambem se póde considerar com relação aos meios que temos para conseguir aquelle, e fugir deste; e desta consideração nasce a 2.^a Classe das paixões. Se os meios de conseguir o bem são faceis, isto faz a Confiança; se difficeis, a Desconfiança. Da mesma sorte, se nos representamos facil o modo de evitar o mal, nasce em nós o Atrevimento; se pelo contrario, a Desesperação.

Ainda que o bem verdadeiro é ao mesmo tempo honesto, decoroso, e util, e o mal verdadeiro é juntamente indecoroso, e nocivo; com tudo, a nossa imaginação separa muitas vezes estas idéas. E isto é o que basta, para dos differentes aspectos do bem e do mal, se formar uma 3.^a Classe de Paixões. Se o Bem se nos representa como *honesto*, isto produz em nós o Amor da Gloria, e se o é na verdade; e se é só apparente, a ambição. Se o Bem se nos representa como *deleitavel*, dahi nasce o Amor do Prazer, ou verdadeiro ou falso. Deste, se o prazer é venereo, a Lascivia; se é dos conhecimentos uteis, a Curiosidade; se das commodidades, a Luxuria. Se o Bem se nos representa como *util*, sendo verdadeiro, confunde-se com o honesto; porém se é falso e apparente, produz a Avareza. Pelo contrario, se o mal é contrario ao honesto, excita em nós a Colera; se ao decoro, o Pudor; se ao aprazível, o Tedio; se ao util, o Desprezo.

Uma 4.^a Classe nasce do mesmo bem e mal, considerado não em nós, mas nos outros que tem connosco relações do

sangue, ou amizade; ou as oppostas de estranheza e inimidade. Do bem passado e presente damos aos primeiros o Parabem, do futuro o Favor, e do mal passado, presente e futuro, a Compaixão. Aos segundos, do bem honesto ual merecido, temos Indignação; do util, Inveja.

Emfim, da combinação e collisão de duas paixões se levanta uma 5.^a Classe, cujas especies é difficil investigar. Assim, do Mêdo e do Amor se fórma o Ciúme, a Inveja, a Ambição, a Emulação, etc.

Assim como temos duas grandes leis, porque se rege o nosso systema planetario, que são a *atracção e repulsão*; assim tambem podemos considerar dous grandes motores das acções humanas, que são o *prazer e a dor*; os quaes immediatamente geram o amor e o odio: os dous primeiros são quem nos impellem a affugentar do quer que seja: porém ambos os impulsos se reduzem a um, é a gratificação da vontade, ou inclinação propria.

O prazer admite varias modificações; taes como o agrado, o transporte, o extase, gozo, a alegria, contentamento, satisfação, complacencia, vaidade, altivez, e arrogancia. O desejo que o homem tem por qualquer objecto, pódo ser um simples affecto, uma emoção, ou uma paixão. E' infinito o numero das paixões e vicios que emanam do desejo; o assim na nossa maneira de entender, o desejo é uma força, e o interesse é uma força; este motivo ou força, que nos leva a um fim na nossa linguageni, é synonymo.

O pezar tem varias especies como o dissabor, o sentimento, o descontentamento, a tristeza, a pena, a saudade. etc. O temor varia de especie, pois distingue-se o receio da consternação, o terror do desespêro, o remorso da pusillanimidade, a duvida da modestia, a fortaleza da entrepidez, etc.

A colera exprime-se em gradações como o vexame, rabilidade, iracundia, resentimento, indignação, furor, etc. A benevolencia toma o nome de sympathia, amor, amizade, compaixão, clemencia, dó, ternura, affeição, candura, mimo, caridade, pezar, condescendencia, gratidão, etc.

O respeito assume diferentes caracteristicos, desde o respeito e deferencia, reverencia, até a veneração, e dahi chega á adoração, acatamento, e até ao fanatismo. A malevo-

+ Dr Allan Kardec diz que -
O Egoísmo, o Orgulho, a vaidade, a ambi-
ção acubita, o ódio, a inveja, o crime, a
malícia são 5^{as} forças que
nos movem cada dia os maiores el-
gérios são sendo os seus contrários
- a Caridade e a humildade.

lencia tem muitas especies, a saber: a apathia, a inveja, o rancor, a crueldade, o despeito, a ingratião, o resentimento, a vingança, o ciúme, o desprezo, o desdém, o escarneo, etc.

Simplificando mais nossas idéas, vemos que assim como os naturalistas reconhecem um tecido elementar ou gerador, a que elles tem chamado *lamelar*, e este dando origem a dois outros a que chamam *cellular* e *vascular*, de cuja combinação se originam outros muitos; assim, segundo nós, a origem, principio, e motor de todas as nossas paixões e affectos, nascem do interesse bem entendido.

Esta paixão elementar se divide em duas grandes classes; a primeira, das quaes abrange todas aquellas paixões e affectos que tiram sua origem do interesse proprio. A segunda comprehende todas as paixões e affectos que nascem do interesse social.

Reconhecemos na primeira classe duas ordens distinctas; a primeira é aquella que incluye a idéa do bem, isto é, do prazer e do amor; a segunda ordem é aquella em que sobre-sahe a idéa do mal, isto é, da dor e do odio. A primeira ordem funda-se no interesse proprio excitado pela idéa do bem, e abrange dous generos em que se refere ao tempo passado e presente, isto é, do bem de que se está de posse; o outro se refere ao futuro, isto é, ao bem que se espera. O primeiro genero inspira prazer, gosto, alegria; o segundo desejo e esperança.

A segunda classe comprehende duas ordens, a primeira que abrange os desejos e as disposições benevolas, comprehende dous generos, que são, primeiro benevolencia, segundo *sympathia*. A segunda ordem das affectões e das paixões pertence ás que são excitadas pela desplicencia, e nas quaes a idéa do mal, isto é, da dor e do odio, é a predominante; e abrange o aborrecimento; o desprezo; o terror, e colera.

—
x

PAIXÕES EXPANSIVAS.

Prazer, Amor.

RESPEITO.

*Sciis
Silentio
Invidios
certas
Abnegação*

Credulidade
Firmeza
Homenagem
Crença
Perseverança
Honra
Resignação

*Confiança
confidência
Nigor
Pudor
Pudor
Pudor
Pudor*

Segredo
Severidade
Valor
Sinceridade
Verdade
Castidade
Vergonha, &c.

*castella
conselhos
virtude
Urbanidade
Virtude*

*Vigilância
Colheimento
Esforo
Aparição
Aparição
Aparição
Aparição*

Humanidade
Pejo
Contrariedades
Vergonha
Adversidade
Allicção
Consternação
Tristeza
Desconfiança

*Esforço
Pudor*

PEZAR.

Dissabor, ou desgosto habi-
Abatimento
Dissimulação
Nostalgia
Saudade
Mortificação surda
Commiseração
Revoluções do Espirito

MELANCOLIA.

Amargura
Despeito
Apathia
Inveja
Rancor
Crueldade
Desregramento
Desgosto
Desesperação
Hypocrisia
Vicio
Descaramento
Infidelidade

Ingratidão
Resentimento
Ciume
Chôro
Gemido
Impaciência
Indolencia
Insolencia
Moderação
Dó
Desprezo
Lamentação
Desdem

Dr. Allan Kardick

PAIXÕES EXPANSIVAS.

Prazer, Amor.

MELANCOLIA.

Escarneo	<i>orgulho</i>	Insensibilidade	<i>Falsificação</i>
Aversão		Prodigalidade	
Ambição		Indiferença	
— das Honras		Misantropia	
— do Poder		Remorsos	
— da Fortuna		Irresolução	
— da Gloria		Contrição	
Luxuria		Langor	
Avareza		Arrependimento	
Concupiscencia		Resignação	
Sobriedade		Silencio	
Intemperança		Suicidio, &c.	
Cubiça			

PAIXÕES DEPRIMENTES.

Dor e Odio.

TEMOR.

Susto da Timidez	Horror
— do Pudor	Terror
Emoção	Receio
Mal	Egoismo
Espanto	Fraqueza
Desmaio	Baixeza
Desgraça	Ferocidade
Desprezo	Remorso
Inquietação	Calumnia
Afflicção	Mentira
Pusillanimidade	Ingratidão
Mêdo	Timidez
Temor	Obediencia
Desanimo	Covardia.
Assombro	

PAIXÕES DEPRIMENTES.

Dor e Odio.

COLERA.

Impaciencia	Vaidade
Aborrecimento	Fatuidade
Vivacidade	Coragem
Transporte da raiva	Desespêro
— da colera	Impaciencia
Indignação	Arrogancia
Extrema desesperação	Audacia
Dureza	Perversidade
Falsidade	Corrupção
Furor	Depravação
Raiva	Violencia
Rabugem	Brutalidade
Iracundia	Vingança, &c.
Orgulho	

Do Interesse.

O *interesse* não é outra cousa mais que nossos desejos excitados pelas necessidades reaes ou imaginarias, ou é o motivo que nos leva a obrar ou a deixar de obrar, constituindo-se o movel de nossas acções.

O *interesse* do voluptuoso está no gozo dos prazeres dos sentidos; o avaro colloca o seu *interesse* na posse do seu thesouro; o faustoso liga o maior *interesse* em fazer uma vã ostentação de suas riquezas; o ambicioso cuja imaginação illumina-se com a idéa de exercer imperio sobre os outros, está o seu *interesse* no gozo do poder; o *interesse* do homem de letras consiste na gloria; finalmente, o *interesse* do homem de bem consiste em fazer-se estimado e querido dos seus semelhantes.

Quando se diz (escreve Felice), que os interesses dos homens são variados, indica-se simplesmente que suas necessidades, seus desejos, suas paixões e seus gostos não são os mesmos, ou que elles ligam a idéa de bem estar á dos objec-

tos differentes. Logo, é o *interesse* o movel das acções humanas.

A palavra *interesse*, assim como a palavra *paixão*, só apresenta ao espirito o amor de um bem, e o desejo de uma felicidade: portanto não se póde censurar os homens por serem *interesseiros*, o que significa ter necessidades e paixões, senão quando tem interesses, paixões, necessidades nocivas quer para elle proprio, quer para aquelles cujos *interesses* não concordam com os seus.

Helvecio, conhecedor dos pensamentos e das inclinações dos homiens, pôde, por entre o mysterioso do seu coração, comprehender que o *interesse* é capaz de fazer calar as mais evidentes proposições de geometria, e acreditar nos mais absurdos contos religiosos. Clemente XIV dizia ser impossivel, quando se fallava do *interesse*, fazer ouvir a razão aos que tem adoptado um modo de pensar conforme o seu *interesse*; e Montesquieu dizia que ordinariamente observava que os interesses particulares faziam com que facilmente se esquecessem os publicos.

Conforme os seus interesses, dizia o sabio Felice, é que se podem apreciar os homens: praticando mal, obramos sempre em vista de uma vantagem que supomos resultar de nossa conducta. A idéa do bem-estar ou do *interesse*, ligada a prazeres ou a objectos contrarios á nossa propria existencia, constitue o que se chama *interesse* mal entendido: é consequencia dos erros e dos vicio; dos homens, que faltos de experiencia, de reflexão e de razão, desconhecem muitas vezes seus verdadeiros interesses, e só dão ouvidos a necessidades imaginarias e cegas paixões, creadas por sua ignorancia, seus prejuizos e pela loucura de uma imaginação esquentada.

O *interesse* pessoal, e as paixões que as poem em movimento, não são disposições censuraveis senão quando são contrarias ao bem estar daquelles com quem vivemos; isto é, quando faz seguir uma conducta que lhes é nociva ou incommoda: os homens só approvam o que lhes é util; assim seu *interesse* força-os a censurar, odiar, e desprezar tudo que contraria sua tendencia á felicidade.

O *interesse* é louvavel e legitimo, quando tem por objecto cousas verdadeiramente uteis a nós e aos outros. O amor da

virtude não é senão nosso interesse ligado a acções vantajosas ao genero humano. Se o movel do avaro é um interesse sordido, o mais nobre anima o ente bemfazejo; quer ganhar a afeição, a estima, a ternura daquelles que podem sentir os effeitos de sua generosidade.

O marquez de La Rochefoucauld foi mais adiante, quando disse que o interesse faz manobrar toda a classe de vicios e de virtudes.

O homem, logo que não vive só, tem necessidade de prescrever regras ás suas acções, e na sua moralidade achamos interesse, e se não fossé este o principal movel, não amaríamos e não aborreceríamos. Já vemos, pelo que temos dito, que, a idéa do interesse, na nossa maneira de entender, não dista muito da idéa do dever.

Raciocinemos agora um pouco, e consultemos a ordem natural das cousas e dos factos. Demos o caso que um Selvagem perguntasse a quem lhe quizesse responder: o Immenso DEOS da Natureza creou o Universo, assim como a tudo que tem existencia: e o que teria em vista o SUPREMO SENHOR E ARCHITECTO dos Mundos, antes de emprehender a grande obra da criação? Ninguem lhe responderá! Será a Theologia a unica sciencia que resolva a sua pergunta? não; elle desafia o Theologo. Careceria Elle (continúa o Selvagem a perguntar), para continuar a existir, de crear o que vemos? Não teria em si tudo quanto lhe é preciso para continuar do mesmo modo? Dependeria Elle de outro ou outros entes? De certo que não, lhe haviam de responder: e se Elle tivesse em vista alguma cousa, seria dependente? Tambem não: e quem moveo o SOBERANO AUTOR E SENHOR do Universo a crear tantas maravilhas, tantos phenomenos sublimes, que a imaginação do homem não póde comprehender? Lhe dirão que foi crear entes, que O contemplasssem e que O admirassem: e sendo assim, foi levado por esse nobre sentimento, esse motivo a que chamamos *interesse*. Assim, podemos afirmar que o interesse é para o Universo moral, o que o movimento é para o Universo physico: bem como o virtuoso e o malvado são todos levados pelo mesmo gráo de força, *ad est*, ao primeiro as desgraças de seu proximo offerecem uma vista insupportavel, e a idéa do soccorro lhe é irresistivel: o malvado ao contrario, nada o perturba e nada

o move: quer um quer outro tem ante os olhos um prazer resultante do interesse.

Alguns philosophos fundaram sobre uma benevolencia in-nata, que julgaram inherente á natureza humana, mas essa benevolencia só pôde ser effeito da experiencia e da reflexão, que nos mostram que os outros homens são uteis a nós mesmos, e estão em estado de contribuir para nossa propria felicidade. Uma desinteressada benevolencia, isto é, da qual não resultaria para nós da parte daquelles que nol-a inspiram, nem ternura e nem agradecimento, seria um sentimento despido de motivos, ou um effeito sem causa. E' relativamente a si mesmo que o homem mostra benevolencia aos outros. Quer grangear amigos, isto é, pessoas que se interessem por elle; ou então experimenta por aquelles em quem elle mesmo experimenta favoraveis disposições; ou finalmente quer ter a estima propria e a da sociedade.

Talvez se nos diga que pessoas virtuosas levam o desinteresse até mostrar benevolencia a ingratos, e que outras a mostram a homens que nunca conheceram e que jámais viram. Mas essa mesma benevolencia não é desinteressada; se provém da piedade, o homem compadecido consola-se a si mesmo fazendo bem aos outros. Emfim, todo o homem que faz bem, acha sempre em si a recompensa que os ingratos lhe recusam, ou que os desconhecidos não podem testemunhar.

Todas as paixões, os *interesses*, as vontades e as acções do homem, tem por constante objecto satisfazer seu amor proprio. Este *amor de si*, tão censurado por alguns moralistas, e muito mal confundido com um egoismo insaciavel, não é facto senão o desejo permanente de conservar e procurar uma existencia feliz. Condemnar o homem por amar-se a si mesmo, é censural-o de ser homem; pretender que essa afeição vem de sua natureza corrompida, é dizer que uma natureza mais perfeita fel-o negligenciar sua conservação, e seu proprio bem estar; sustentar que esse principio das acções humanas é ignobil e baixo, é dizer que é baixo e ignobil o ser homem.

Ponde á parte os principios de que abundam as obras de um grande numero de moralistas, se examinarmos tal qual a natureza fez o homem, reconheceremos que elle não poderia subsistir, se perdesse de vista o amor proprio; enquanto elle

gozar de órgãos sãos e bem constituidos, não póde odiar-se e nem ser indifferente ao bem e ao mal que lhe acontece; não póde deixar de desejar o bem-estar que não possui, nem temer o mal de que está ameaçado; não póde amar os entes de sua especie senão em quanto os acha favoraveis a seus desejos e dispostos a contribuir para sua conservação e propria felicidade. E' sempre em vista do interesse, que tem affeição aos outros e une-se com elles.

O interesse, diz um sabio, o padre Francisco Agostinho Gomes (Fragmentos de Philosophia ineditos), considerado como movel necessario para instigar o homem ao trabalho, e a ser poupado, e previsto, e que accumulando algum capital assegura para o futuro a sua subsistencia, em vez de ser um movel pernicioso, se torna antes um estímulo de muitas virtudes, quando se encerra dentro dos limites que as nossas obrigações sociaes nos impoem, pois até nos aparta da calaçaria, que tanto fomenta a devassidão dos costumes em grande detrimento do socego interno dos Estados: elle nos induz a cumprirmos com as nossas obrigações, amarmos a frugalidade e a temperança; emfim, a evitar todos os vicios, que a não serem refreados, postergado o interesse, que apreciado, cumpria ser util e proveitoso, não só se nos encurta a propria existencia, mas ainda quando se prolongue, se torna sempre dolorosa: comtudo, se o interesse for demasiadamente attendido, elle se converterá então em mero egoismo, que nos separando dos mais homens, nos desnatura do ser humano; d'aquelle ser emfim, que constituindo o homem sensivel e social, se condoo dos males da humanidade soffredora; não podendo estes lhe serem estranhos, só se o interesse proprio, levado a excesso, grandemente o haja degenerado da sua primitiva natureza.

Por tanto, segue-se daqui concluir, que nem em todos os casos e circumstancias o interesse individual e social podem regular todas as nossas acções, pois outros motivos lhes devem dar o impulso: o mesmo Benthem, acerrimo defensor do principio da utilidade, se vio obrigado a admittir, ao menos entre os motivos das acções moraes, o da *sympathia*; porque posto que desse por axioma philosophico, que as acções humanas eram sempre subordinadas ao interesse proprio, não pretendeo comtudo com esta asserção, imputar ao genero humano egoismo universal; e só por não se afas-

tar do principio favorito, assignalou ainda o da *sympathia* da indole do interesse, por conseguinte incluiria a consciencia, se na sua *philosophia* podesse ter entrada; pois esta só se póde considerar como principio distincto da benevolencia; assim, este insigne Jurisconsulto, namorado do systema que abraçou, descobriu ainda na *sympathia*, que não póde excusar propriedades de interesse, quando não se póde duvidar quantas almas tem havido constituidas de tal natureza, que influidas só de motivos de emprestimo, ou de bemfazer, como principios estaveis do seu proceder, uão em poucas occasiões resistirem ás tentações do interesse pessoal; bem como muitas outras em quem motivos de consciencia ou de obrigação moral, tiveram o maior predominio.

Se este abalisado escriptor, que tantos serviços fez á legislacão philosophica, quaes Bacon prestou em beneficio das sciencias *physicas*, se se cingisse unicamente a occupar-se da legislacão, não se intromettendo com a moral, muito mais proveitoso seria, porque só neste ramo de sciencia, comprehendido o interesse ou principio de utilidade, se viria a conseguir verdadeiros e preciosos resultados; mas estendendo-se a mesma moral, que considera as açções humanas não tanto pelas consequencias que se lhes podem seguir, mas em muitas outras relações, a sua theoria não só se torna defeituosa, mas nociva; porque pervertendo aquella, que fundada em principios mais nobres e desinteressados, é a unica que seguida póde fazer verdadeiramente o homem justo, probo e virtuoso.

Ora, a nosso ver, o mesmo legislador, para mais eficazmente alcançar o fim em que põe ordinariamente a mira, não se contentando só com o principio da utilidade, recorre ainda á moral, e á uma moral religiosa, que doutrinando o povo nas suas obrigações o faça morigerado; effeito este que não póde produzir por si só as penas as mais severas, ainda que immediatamente executadas em seu auxilio, o principio da consciencia não lhe vier dar a mão; por isso se o legislador grandemente confiar do principio somente de utilidade, ainda que em muitas circumstancias da vida seja proveitoso, observando-se este somente, converter-se-ha antes em careio, para commetter o crime, dando occasião a quem está tentado para tal fazer, não horrorisando o aspecto do crime, só calcula as consequencias que se lhe póde seguir, e como

mister lhe seja entrar em deliberação, necessariamente d'ahi se segue haver probabilidade de o commetter, pois da deliberação ao acto pouca distancia vai.

Benthan, olhando só para os resultados das acções humanas, confundio praticamente, e com muita extensão, o principio da utilidade com o das consequencias especificas, e assim induzido julga habitualmente da approvação ou vituperio que merece qualquer acção só pelo calculo das consequencias, as quaes ella por si geralmente praticada pôde tender: erra grandemente por isso como moralista, e muito damno causa quando deixa de tomar em conta a tendencia que tem todo acto de fixar e perpetuar o estado ou caracter do espirito em que ella se originou. Esta inexactidão com tudo, não lhe diminuo o valor das suas especulações na mór parte do assumpto da legislação, pois as relações da acção a que Benthan deo exclusiva attenção, são tambem as de que trata unicamente a legislação. O legislador só se limita a ordenar ou prohibir uma acção, attendendo mui pouco á geral excellencia ou torpeza moral que ella envolve; só olha para as consequencias que podem provir á sociedade de uma acção particular; pois o seu fito não é de tirar ao povo o desejo de commetter o crime, mas desvial-o de o perpetrar, e por consequinte, theoria que somente a isto se estreita, geralmente preenche os fins da philosophia legislativa.

Finalmente, se não basta para explicar muitas das nossas acções o motivo do interesse, ou principio de utilidade, sem que mettamos em conta muitos outros; inegavel é que o interesse pessoal, quasi em geral, como em grande parte os regula com grande vantagem da mesma sociedade, se elie ao social não for de encontro; por consequencia, se o pessoal de que cada um trata para si pôde ser de muito proveito para o mesmo social, de que resultas beneficas não é ainda no caso quando o legislador pospouo o particular ao do maior numero, se persuade que a segurança publica, pelindo que o réo do homicidio seja victima immolada sobre o altar da justiça, forçoso julga despir-se do sentimento de compaixão que a Natureza inspira; porque inimigo se reputaria da sociedade, se deixasse de fulminar contra um tal réo a pena ultima. Porque ainda nesse caso infeliz em que o interesse particular se sacrifica ao geral, o réo do delicto de que tra-

tamos, se n'outra situação estivesse, muito útil julgaria que o culpado de tal crime para conservação da sua propria vida, desejaria que em uma tal pena incorresse.

Quanto, e em melhor condição, não se julga o politico esclarecido com as luminosas especulações da economia, que para alcançar a utilidade social da Nação que administra, não se vendo na dolorosa situação de sacrificar vidas á salvação de muitas outras, ajusta facilmente o interesse pessoal com o da sociedade, honrando o trabalho, libertando de todos os empecilhos a industria, suprimindo as loterias, que tanto alieiam a cobiça para confiar do acaso a fortuna, que só nos pôde vir solidamente do que o mesmo trabalho nos grangeia, fechando as casas de jogo, que como outros tantos estímulos para ganancias de origem corruptora, pervertem o povo e o tornam madraço e propenso aos crimes: augmenta assim a producção que, proporcionalmente distribuida, é a unica que pôde realmente melhorar a condição das classes pobres e trabalhadoras, e não mudanças que os demagogos apregoam como uteis, illudindo-as com promessas lisongei-ras; e se estende a vista a orizontes mais dilatados, franqueia ainda o commercio ás nações estranhas, porque desempoadado do antigo erro, que tal é a condição humana, que não se pôde desejar a prosperidade da patria, sem que se deseje mal aos vizinhos, tem antes a opulencia das nações estranhas, como circumstancia mui venturosa; para que cresçam os proprios productos com a maior saça: não é este o unico beneficio, que dimana do desaparecimento de um erro, que tão fatal tem sido á união do genero humano, pois que desde que appareceo a famosa theoria de J. B. Say, que provou que as nações não pagavam productos senão com outros, e que as leis que prohibem compral-os obstam igualmente vendel-os, e por consequente os interesses das nações estão tão bem ligados entre si, que nenhuma pôde soffrer uma calamidade sem que as mais sintam o effeito; assim como quando uma prospera as visinhas não deixam de ter a sua parte, nascendo daqui que a Europa se deve desenganar que as guerras são verdadeiras loucuras que arruinam o proprio vencedor, e que o interesse geral dos homens pede antes que se ajudem reciprocamente em vez de se malfazerem; como a politica cega ensinava, que por muito tempo as precepitou a taes desatinos: assim J. B. Say teve a gloria de realisar o projecto

de paz perpetua do abbadé de S. Pierre, que no seu tempo passava por visionario.

Por tanto, concebemos que o interesse pessoal pode-se bem ajustar com o geral, quando se despe do egoismo, que o exclue.

Se o interesse, considerado como motivo das nossas acções, é uma virtude; o interesse mal entendido é um vicio, origem dos erros, como bem nota Pascoal, e da perversidade dos homens. A virtude, o amor da humanidade, o sentimento da benevolencia, não são senão o interesse unido ao bem da humanidade. D'Holbach diz: — Se um vil interesse é o movel do avaro, um interesse mais nobre anima o ser beneficente; elle quer ganhar a afeição, a estima e amizade daquelles que são levados a sentir os effeitos de sua generosidade. Sacrificar seu interesse, significa sacrificar um objecto que agrada ou que se ama, a um objecto que é amado mais fortemente ou que mais agrada. Um amigo consente em sacrificar uma parte de sua fortuna por seu amigo, porque este amigo lhe é mais caro que a porção dos bens que elle sacrifica. O enthusiasmo é a paixão para um objecto que se olha unicamente, levado até uma sorte de enbriaguez, que faz que o homem lhe sacrifique até sua propria pessoa: neste caso é sempre por seu proprio interesse, é mesmo por elle, que o homem se sacrifica.

Obrar sem interesse, seria obrar sem motivo... Alguns philosophos tem fundado a moral sobre uma benevolencia innata, que elles tem crido inherente á natureza humana; mas esta benevolencia não póde ser senão o effeito da experiencia e da reflexão, que nos mostra que os outros homens são uteis a nós mesmos, estando em estado de contribuir á nossa felicidade. Uma benevolencia desinteressada, não resultaria para nós da parte daquelles que nol-a inspiram, nem ternura, nem reconhecimento; seria um sentimento desprovido de motivos, ou um effeito sem causa. —»

O *interesse*, como paixão elementar, na nossa maneira de pensar, não é outra coisa mais, que o *motivo* por meio do qual todas as nossas acções, quer clara, quer sob outra forma, nos leva a obrar.

O *interesse* pessoal é o fim do amor proprio e a preferen-

cia de si mesmo aos outros. O amor proprio engana-nos sobre nossos verdadeiros interesses.

Os homens, diz Duclos, não tem senão uma inclinação decidida, é o seu interesse: o amor das riquezas é o grande movel que faz obrar os homens. Se o interesse se liga á virtude, é o homem virtuoso sem esforço: mude-se o objecto, o discipulo da virtude tornar-se-ha escravo do vicio sem ter mudado de character: os monstros e as bellezas pintam-se com as mesmas côres. Ainda que seja verdade o dizer-se que os homens só obrain pelo interesse, não se deve crer com isto que todo o mundo esteja corrompido, é que não haja nelle, nem justiça e nem probidade: ha homens que se conduzem por interesses honestos e louvaveis. E' este o justo discernimento do amor proprio mui razoavel, que ainda referindo todas as cousas a si, segue em toda a sua extensão as leis da sociedade civil, e é isto a que no mundo se chama — gente honrada.—

Os habitos mudam, mas isto não quer dizer que a figura dos corpos mude tambem. A politica ou a incivilidade; a sciencia ou a ignorancia; o mais ou o menos de uma certa ingenuidade; o genio serio ou o gaiato, não são mais que exteriores dos homens: tudo isto muda, mas o coração não, e todo o homem existe no coração. E'-se ignorante n'um seculo, mas a moda de ser sabio póde chegar: é-se interessado; porém a moda de ser desinteressado jámais chegará.

Os homens são, dizem, cheios de amor proprio e ligados ao seu interesse. Bem; diz um escriptor, partamos dahi: essas disposições não tem por si mesmas nada de vicioso, tornam-se boas ou más pelos effeitos que produzem. E' como as plantas, que só podem ser julgadas por seus fractos.

Que seria da sociedade, se fosse privada dos seus recursos, se lhe tirassem as paixões? O que é que se ensina aos homens a amarem-se uns aos outros! como se lhes prova a necessidade de sua felicidade? Póde-se-lhe demonstrar que a sua gloria e seu interesse estão só na pratica dos seus deveres. Que só se os engana para tornal-os mais desgraçados na humilhante idéa que dá-se delles proprios. Elles podem ser criminosos sem cessar: para tornal-os melhores basta só esclarecel-os. O crime é sempre effeito de um juizo falso.

E', em vista do prazer que deo a nosso coração a presença, os conselhos, e as consolações de um amigo, que ama-

mos esse amigo; por experimentarmos os effeitos agradaveis de seu commercio é que nos ligamos a elle. E' pelo prazer que uma amante proporciona á imaginação ou aos sentidos, que o amante a ama a ponto mesmo de algumas vezes sacrificar-se por ella. E' em vista do prazer que uma terna Mãe experimenta, que vendo um filho querido, que ella ama e lhe prodigalisa todos os seus cuidados, mesmo com prejuizo de sua saude e de sua vida: é a nós mesmo que amamos uns aos outros, assim como em todos os objectos a que ligamos nosso amor.

Se alguma vez o *amor proprio* parece não ter nenhuma parte em nossas acções, é que então o coração se perturba; o enthusiasmo enfraquece, não raciocina, não calcula mais, e na desordem em que o homem se acha, é sacrificar-se mesmo ao objecto a que estava cativo, por encontrar nelle sua felicidade. Eis porque a amizade sincera tem chegado a querer morrer por um amigo.

Enternecemos-nos a nós mesmos, quando misturamos nossas lagrimas com as dos desgraçados; choram mesmo quando choramos sobre as cinzas de um objecto em que tinhamos collocado nossa affeição, só porque nos proporcionava grandes prazeres. Finalmente, é pelo amor da gloria que reagirá sobre elle, ou pelo temor da vergonha que o cobrira, que o heróe se immola e se distingue nos combates; elle não duvida então sacrificar a vida ao desejo de merecer consideração e gloria, cuja aclara sua imaginação e o lança sobre o perigo: ou então se sacrifica ao temor de viver deshonorado, o que lhe parece o cumulo do infortunio. E' por si mesmo que o guerreiro quer a estirra e teme a vergonha; logo, é por amor proprio que elle expõe seus dias, e arrosta a morte; no calor de sua imaginação não cuida que póde morrer, que não colherá os fructos desta honra que se habituou a fazer consistir o seu bem estar.

Portanto, não censuramos o amor que todo o homem tem ao seu en; este sentimento é natural e necessario á propria conservação, á sua utilidade e á sociedade. Um homem que odeasse a si mesmo e que fosse indifferente á sua propria felicidade, seria um insensato, bem pouco disposto a fazer bem a seus associados. Um homem que deixasse de amar-se, seria um doente a quem sua propria existencia tornar-se-hia incommoda e se não interessaria de modo algum pelos outros.

Os melancolicos que se matam são gente desta tempera, assim como os fanaticos, que tornados inimigos de si mesmo, separam-se da sociedade e tornam-se inuteis ao mundo. Todavia o solitario e o anachoreta não são isemptos de *interesse* ou de amor proprio; seu odio pelo mundo, por seus prazeres e pelas cousas que os outros homens desejam, é fundado na esperanza de ser um dia mais feliz, privando-se em vida dos objectos que excitam a paixão dos outros: donde se deprehende que é por amor proprio que elles se tornam desgraçados por algum tempo.

No homem que reflecte, o interesse é sempre acompanhado de affeição para os outros; amando aquelles com quem tem relações, não faz senão amar com mais efficacia a si mesmo, pois que ama instrumentos de sua propria felicidade. « Aquelle, diz Séneca, que sabe ser amigo de si mesmo, é amigo de todos os outros.»

Aquelles em quem o *amor proprio* abafa toda a affeição para os outros, são entes insociaveis; um insensato, que não vê que todo o homem vive com outros homens, está em uma completa impossibilidade de trabalhar para sua felicidade sem assistencia dos outros. Todas as nossas paixões cegas, nossos *interesses* mal entendidos; nossos vicios e nossos defeitos nos separam da sociedade; indispondo contra nós nossos associados, tornam-se inimigos pouco favoraveis a nossos desejos. Todos os máos que os detestam, vivem como se vivessem só na sociedade; o tyranuo que os opprime vive em perturbação no meio de seu povo que o odeia; o rico avaro, vive desprezado como um ente inutil; o homem, cujo coração gelado não se aquece por ninguem, não póde esperar que alguém se interesse por elle. Em uma palavra, não ha em moral uma verdade mais clara do que aquella que prova que o homem não póde ser feliz na sociedade sem o soccorro dos outros. Mas vamos ainda mais longe.

Por pouca attenção que demos ao que se passa em nós, sentiremos duas grandes molas de todas as nossas acções, prazer e dor; molas da natureza humana em geral, e por consequencia sagradas para seu autor. Todas as nossas acções em geral tem por fim, ou o gozo de um prazer, ou o afastamento, ou a diminuição de uma dor. Eis aqui o *interesse*, eis a utilidade. E' pois uma lei geral da humanidade o *interesse* ser o fim de toda a acção.

Constantemente verificamos esta lei por nossa propria experiencia, applicando-a ás quatro tendencias da natureza humana: conservação propria, propagação da especie, descoberta da verdade, conhecimento do bem e afastamento do mal. O complemento dessas inclinações é acompanhado de um prazer maior ou menor, segundo a natureza dos objectos que os excitam; e a isso nos entregamos com transporte, porque todo o esforço contrario produz idéas desagradaveis e dor real.

A moral e o Evangelho, que a confirma, outros motivos não nos propõe senão o *interesse*. Recompensa e penas eternas que a razão nos faz entrevir, e que o Evangelho põe na maior evidencia, são os motivos que nos dão para determinar-nos efficaçmente a seguir o caminho da virtude, e afastar-nos do vicio. JESUS CHRISTO em toda a sua pratica nunca exortou-nos a amar a DEOS por amor d'Elle, nem a virtude por ella mesma. Não se ama por elle mesmo, um objecto desconhecido como é DEOS aos mortaes: e não se poderia amar a virtude, palavra generica e que só conhecemos pelas acções virtuosas individuaes, cujo motivo é o *interesse*. Toda a moral do SALVADOR é acompanhada de poderosos motivos, de recompensas e de penas, verdadeiro *interesse* do homem.

Uma acção moralmente boa sem *interesse*, é uma contradicção manifesta, porque uma acção moralmente, é aquella que está conforme com a lei. Ora, não ha lei sem sancção, isto é, sem motivo ou *interesse* sufficiente para determinar-nos a observal-a. Se o legislador, formulando a lei, não antevisse o *interesse*, elle não ligaria este a ella.

Do Prazer.

O *prazer*, segundo Yung, é uma flor que nasce na aste da virtude: elle é uma sensação agradável que em nós causam os objectos que a elle se referem; é o sentimento de uma alma satisfeita, que obteve o que desejava, e que se compraz em seu gozo.

O estado do homem tem seus prazeres (diz Rosseau), prazeres que se derivam de sua natureza e nascem dos seus trabalhos, de suas relações e de suas necessidades; e esses

prazeres que são mais doces quando são gozados por uma alma sã, candida, ingenua, torna a quem sabe desfrutal-o insaciavel a todos os outros. O bom emprego do tempo torna o tempo ainda mais precioso; e quanto mais se o quer aproveitar, menos se acha a perder; por isso vê-se constantemente que o habito do trabalho torna a innação insupportavel, e que uma boa consciencia destroe o gosto dos prazeres frivolos.

Os moralistas dividem o *prazer*: 1.º em prazeres dos sentidos; 2.º, prazeres do espirito; 3.º, prazeres do coração ou do sentimento; 4.º, prazeres naturaes e chimericos; 5.º, prazeres reaes ou imaginarios; 6.º, prazeres falsos ou verdadeiros. O espectáculo da natureza nos offerece prazeres singulares, e por isso nos encanta a vista de um bello predio, de uma campina immensa, a formozura do dia, ou uma bella noite. Todos podem gozar destes prazeres, porque ninguém os monopoliza. A *SUMA BONDADE* franqueia a todos.

Os prazeres chimericos são aquelles que não são fundados na opinião do homem, como o prazer de passar por bello, por bravo, por abastado, etc.

Prazeres reaes são os que dependem de nós, e que não estão sujeitos á mudança: estes prazeres tem o seu fundamento na charidade e na virtude.

Prazeres imaginarios são os que a imaginação nos proporciona, não sendo do mesmo modo para todos os homens: estes prazeres nascem da relação que os objectos tem com nossa maneira de sentir: os prazeres que só se fundam na imaginação, não são duraveis, por que ella cedo ou tarde se enfraquece, e com este enfraquecimento o prazer enlouquece e por fim se acaba.

Os prazeres falsos são os que são seguidos de penas, e que causam remorsos e arrependimento.

Os prazeres verdadeiros são os que a fortuna nos não póde roubar.

Os prazeres dos sentidos são os que vem immediatamente dos objectos sensiveis, e são os que a imaginação e as necessidades nos procuram. Chamam-se tambem prazeres. Consistem nos vivos movimentos de todas as partes do corpo e no exercicio de todas as nossas faculdades.

Prazeres do espirito, são os que nos offerece a reflexão, e consistem no exercicio das faculdades do espirito.

Prazeres do coração, são os que nascem de nossas affeições, e consistem principalmente na idéa da perfeição que se descobre em si ou nos outros.

Os prazeres vergonhosos (diz Chesterfield), sempre custam mais que os licitos; e por isso quem vai atrás delles sempre encontra a dor.

A natureza (diz Fontenelle), fez para os homens prazeres simples, faceis e tranquillos, e sua imaginação creou outros imbaraços, incertos e difficeis de adquirir: inventou a natureza o amor, que é muito agradável; a imaginação, a ambição, que nada pôdem concorrer para a felicidade quando não são bem reguladas. E' deste modo que Mme, Lambert pensa ácerca dos prazeres da opinião: os prazeres do mundo (diz ella) são enganadores; promettem mais do que são; inquietam-nos quando os buscamos e não nos satisfazem quando os possuimos, desesperam-nos quando os perdemos.

Todos os prazeres são subordinados uns aos outros: os dos sentidos são mais vivos, porém menos constantes que os do espirito; os deste são mais duraveis e mais satisfactorios; os do coração são mais constantes e mais profundos: os sentidos se fatigam, o espirito se afrouxa, e só o coração nos pôde dar prazeres continuos.

Madame Stael dizia que os prazeres do pensamento são remedios contra as feridas da alma. Duclos affirmava que as pessoas que são ligadas somente pelo prazer encontram-se com mais vivacidade do que ellas mesmas desejam; coligam-se sem que se procurem, perdem-se sem se deixarem, gozam do prazer de se verem sem nunca o desejarem, e na ausencia perfeitamente se esquecem.

O prazer encontra-se em todas as idades, em todos os estados, em todas as condições, e em todas as situações da vida; sendo moderado é como o orvalho para a planta, que a vivifica e anima.

A ignorancia e a viva impressão dos objectos fazem o prazer da mocidade; o exercicio de um cargo ou de uma profissão, fazem o da idade veril; a experiencia e a sabedoria, formam o prazer da velhice: a tranquillidade do espirito e o repouso do corpo, são os das pessoas que tem abraçado o partido da Igreja; o sentimento da ternura conjugal e filial, é o do casamento; a independencia e liberdade, é o prazer do celibatario.

A estima e a consideração publica, são os prazeres dos magistrados, dos militares, dos sabios, etc.; a esperança de estabelecer fortuna, são os dos negociantes; a saude e a tranquillidade de espirito, são os da vida rustica.

Será crível que a mesma adversidade tenha prazeres? Sim; tambem os tem. Na firmeza com que supporta os trabalhos, em submissão aos decretos da Providencia, e na moderação dos seus desejos encontra o desgraçado prazeres.

Finalmente, tudo sobre a terra muda-se em prazeres para os que sabem gozar: a esperança de saude é o prazer da doença, e a de uma felicidade eterna o da morte. E' na moderação dos desejos, na necessidade de satisfazer os, no sentimento de possessão, que consistem os prazeres; por isso é que se deve desconfiar da sêde insaciavel que cresta a alma e a faz cahir em langor.

O abandono dos prazeres, e principalmente dos prazeres dos sentidos, produz desgostos, aborrecimento, inquietação, dor e enfermidades. Só pertence ao saber gozar-os, e quanto mais elle conhece a imperfeição do prazer, mais capaz é de fruil-o. Um mancebo que delle formou idéas falsas, tem de sentir infallivelmente, e ver seguir-se o desgosto ao gozo, pelo conhecimento que lhe trará depois a verdade: pois que, como bem disse Montagne, o que corre atrás do prazer, as mais das vezes só encontra a dor.

O prazer é relativo ao temperamento e á maneira de pensar do individuo; e por isso se tem conhecido que tal prazer, que nos faz felizes, é porque nós nos julgamos então felizes de gozar tal prazer porque tem relação com a nossa maneira de sentir. Montagne quer como regra, que se moderem os prazeres, afim de que elles possam servir como um meio de felicidade para a existencia.

Olha como o SENHOR, com sabia dextra
Prazeres dispersou!.. como os separa
Por crebros tractos! O desejo illuso
Qual apanha não sabe, e em ocio morre!
Eis avista aqui, e ali descobre apenas.
Sobre immensa extensão mui raios pontos!..
Eis acode á illusão, com pulcros sonhos
De objecto a objecto nos di-strahe, nos suppre
Com ventura ideal real ventura:
DEOS creou o universo, ella o completa

Onde o gozo dormio, desejo esperta
E onde finda o prazer saudade encampa;
E entre votos, projectos e esperanças
O desenho preenche ás vitaes scenas.

DELLILE.

No *prazer*, os olhos se mostram vivos e brilhantes; os musculos intrinsecos deste orgão se movem com promptidão; a bocca se conserva entre-aberta; a physionomia torna-se sgradavel e inspira prazer; a digestão é facil e prompta; as secreções e excreções effectuam-se com facilidade e desembaraço; os actos da intelligencia se activam, etc.

Do Amor.

O amor, geralmente tomado (1), é uma affeição da nossa alma, que busca unir-se a todo o objecto que excita nella um sentimento de prazer, ou que se conforma no gozo deste mesmo objecto. O amor, na opinião de alguns, é indefinivel, porque como todos, o comprehendem melhor sentindo do que definindo, por isso diremos que gerou-nos o amor, creou-nos o amor, vivemos no amor e existimos para amor. Esta paixão inseparavel da existencia, é a vida que anima no mundo as almas, e aonde a existencia do homem mais se apura. Quando se chega a aninhar no mais recondito do peito, que crueis martyrios não experimenta o mi-

- (1) Amor é um fogo que arde sem se ver;
E' ferida que doe e não se sente;
E' um contentamento descontente;
E' dor que desatina sem doer;
E' um não querer mais que bem querer;
E' solitario andar por entre gente;
E' um não contentar-se de contente;
E' cuidar que se ganha em se perder;
E' um estar-se prêso por ventade;
E' servir a quem vence o vencedor;
E' ter, com quem nos mata, lealdade:
Mas como causar pôde o seu favor
Nos mortaes corações conformidade,
Sendo a si tão contrario o mesmo amor?

(Camões.)

sero a quem com o pathetico de sua linguagem o persuadio: faz calar a razão por mais robusta que seja, rouba a paz ao coração mais vigoroso e livre, torna pesados os dias, as noites melancolicas e longas, morto parece o amante á face do universo: os jogos que então se amavam são para seus olhos objectos de desprezo e odio, e o sublime espectáculo da natureza perde para elle seus magicos encantos e seus doces atractivos. O amor busca na solidão da noite o seu mais doce linitivo; é lá que se ouvem as queixas amarguradas feitas contra a perjura amante, pensativo e engolfado em penosas idéas se chama pela morte para alliviar a pungente dôr da alma: lá se ouvem entre-cortados suspiros, soluções longos, ternos ais; e todos os cuidados que então se desconheciam ahí se encontram:

Amavel solidão, tres vezes salve!
Amavel solidão! tu és o extremo
Dos bens que Jehovah reparte ao mundo
Por ti nossos prazeres se aviventam,
Por ti nossos prazeres se amortecem!
Amante desditoso que revolve
No coração océanos de penas
Foge a teu seio: á chaga tu lhe vertes
Salutifero anódino, e benigna.
A dor lhe estancas, e a razão lhe yolves!

Desce a noite, supíta o somno o mundo:
No solitario leito a infausta Dido
Unica vela: em mar de pensamentos
Sua idéa naufraga: amor, vingança,
Odio, furor no peito se lhe alternam,
E em toda a parte o Teucro se lhe antolha.
(E' esta a fé (exclama em pranto a triste)
Desse heroe em piedade abalisado,
Que o velho pae salvou por entre as chammas
Da abrasada Dardania! que blasona
D'interessar os céos em seu destino!
Se é tal um semideus: quem será monstro?
Sacudido do mar co'a morte á vista
A's praias do meu reino, o acolho mciga,
Franqueio-lhe meu paço... oh!.. isto é nada..
Minha mão... e por premio me abandona!..
Cabe tanta maldade em deito humano?..
Ah! se o rosto é fiel retrato d'alma,

Seu rosto taes perfidias não promette!..
Eu talvez m'enganei... suas palavras
Não percebi... talvez. Dido infelice,
Amor com vãos phantasmas te atormenta...
Sim, as naus que engolphadas já presumo,
Talvez na fulva areia a quilha encravam...»
Nada socega a receiosa amante;
Corre inquieta a misera rainha:
Já com trémulo pé ganha alto eirado
Que dominava o mar, e immobil fica;
A' luz da incerta aurora vira a infausta
Do perjuro os baixéis, que a plenas velas
Entre as vagas azues de um mar dourado
Sobre as azas dos ventos se escondiam.
Um ponco torna em si, que não tornára,
Sentíra menos dor!.. « Que! desaferram!..
Partiram! ai de mim!.. Oh Jove! oh numes!..,
Mas que Jove ou que numes! são chimeras,
Cu justos em punir minha loucura!
Eu, em propria devia o tenro filho
Co' estas mãos lacerar... c'os membros d'elle
Banquetear o pael. Mesmo a seus olhos
Levar o fogo ás naus, matar-lhe os socios,
E envial-o depois ao negro inferno
Seus manes consolar.. Mas... ah! que os monstros
Já de todo a meus olhos s'esconderam!..
Zombam do meu furor: E fico inulta!
Furi s, surgi, brami, tufões e ventos,
Inchae-vos, escarceos!.. vossos furores
Sobre o iugrato apurae .. vingae... vingae-me..
Jogo das vagas largo tempo, acabe
Sobre duro penedo. — Esta alma... esta alma...

No amor, o desejo á primeira vista parece ser essencial á natureza desta paixão da alma, o que não é assim; e a razão que temos para deste modo pensar é, que além de ser autorisada por um bom escriptor, a experiencia nos mostra que o amor de nós mesmos, que possui seu objecto, não o deseja, mas se confirma na sua possessão. Assim, quando no amor ha objecto que excita o sentimento de pezar, então temos desejos. Tambem muitas pessoas julgam que a complacencia a respeito do objecto que se ama é quem faz a essencia do amor, e o seu verdadeiro fundamento. Duas são, ao nosso ver, as causas que temos para explicar o phenomeno

do sentimento do prazer que o amor excita em nossa alma; que vem a ser: ou a sensação, ou a reflexão. Se diz que o prazer nos vem pela sensação quando os objectos tocam aos nossos sentidos, e pela reacção somos advertidos; assim como nos vem pela reflexão quando a alma tem julgado que o objecto da nossa afeição é proprio a contribuir para nossa felicidade. D. Pedro (na Castro de J. B. Gomes), nos póde fornecer exemplo, exprimindo-se nesta substancia:

Ah! que seja possível, por meu damno,
Que o melhor dos Monarchas do Universo,
Igualmente não seja o Pai mais terno!
Que um Rei, que desvelado buscou sempre
Fazer os seus vassallos venturosos,
Queira fazer seu filho desgraçado!..
Contratastes, Senhor, sem consultar-me
Um consorcio, ignorando se teu filho
Póde, ou quer d'Hymeneo ás leis cingir-se!
Se essa, que lhe destinas para Esposa,
Póde ao seu coração ser agradavel!
Acaso julgas tu desnecessaria
A minha approvação para estas nupcias!
Não será livre a um coração ao menos
Na escolha de uma Esposa, que amar deve?..
Ah! não! quejras, Senhor, com tal violencia!..

Se achamos uma pessoa bella, esta sensação produz em nós uma reacção momentanea, e nos força a amar. Se este objecto amado possui, ou reúne em si as qualidades moraes, taes como: doçura de coração, modestia nas acções, nobreza de sentimentos, e finalmente uma alma bem formada, então o objecto se torna mais querido, porque ao mesmo tempo obram os sentidos e a reflexão. Se por casualidade descobrimos quando a reflexão obra só, que aquellas qualidades encantadoras foram meramente filhas da illusão dos sentidos, então buscamos afastar-nos do objecto, porque sua presença nos é desagradavel, e a opposição que experimentamos nos é dolorosa, porque cara á cara pejeja o amor com a razão, e neste combate a razão vence: se em lugar de nos afastarmos continuamos na presença do objecto, por mais esforços que empreguemos, e por mais perseverança que tenha a razão, o amor vence.

Tem-se dito que só um bello semblante é a causa exclusiva do amor, ao que nós com Pascal negamos, porque por mais bella que seja a physionomia de uma Senhora, de prompto lhe perderíamos o amor, se uma causa accidental alterasse o magestoso do seu semblante. Muitas vezes amamos extremosamente a uma Senhora, não pelos dotes physicos, mas sim pelas relevantes qualidades do seu espirito, que juntas a um certo — *que* — não explicavel, nos encanta, nos arrebatá, sem nunca vermos a feia cara do enójo. Quando os dotes physicos se reúnem aos moraes, mais força tem o amor: teve razão Duclos quando disse, que não póde haver amor sem estima; e a razão em que se fundou foi que no amor havendo um prazer, os homens se não devem esquivar de achar estima ou interesse nas cousas, mormente que lhes agradam, pelo que faz com que se prefira antes este do que aquelle objecto.

Meus prazeres, meus bens no amor encontro;
O firme amor insidias não receia,
Basta amar, e seguir a natureza.
Aprendamos a amar-nos mutuamente,
E só no puro amor, amor busquemos.
Que dos reis o maior, deixando o throno,
Venha a meus pés depor diadema e sceptro;
Que seu fastoso amor do altivo solio
Aos attractivos meus a mão off'reça;
Ver-me-hão todos preferir aquelle,
Que soube do meu peito achar a entrada,
Ao monarcha, ás grandezas, e a mim mesma.
Abeillard, tu o sabes, o meu throno
Só no teu coração hei collocado.
Eu no teu coração só tenho as pompas,
Os titulos, a gloria, a honra, a fama.
Todos os nomes que a fortuna inventa
Rejeito altiva, e só me lisonjeia
— De tua amante — o nome; e se ainda ha outro
De mim mais digno, e que melhor explique
Meu terno amor, por ti vaidosa o tomo.

Aquelles homens que menosprezam as suas paixões, só o fazem pela reflexão e por grandes esforços da razão; porque este sentimento natural os obriga a que obrem o contrario. No amor, propriamente dito, a razão se perturba, os juizos

são confusos, e o homem por si nada pôde resolver pelo estado de perturbação em que vive, visto sua natureza vacillar segundo os efeitos que produz na imaginação e no coração da pessoa que ama.

Vemos em Virgílio, Dido no excesso da colera fallar ao piedoso Eneas, e lhe dizer: « Perfido, achas graça em me occultar tão grandes crimes? Por esta fórma é que pretendes sahir do meu reino contra a minha vontade? Nem meu amor, nem a fé que me juraste, nem a propria morte que a tua ausencia me causará, te reterá os passos? ». O Poeta Garção mui vivamente nos pinta o estado terrivel desta infeliz rainha pela fuga do Teucro fementido (1).

Tem-se visto homens, que amando extremosamente a uma Senhora (sendo elle dotado de um fundo de probidade), muitas vezes fazer calar o desejo, não obstante imperar no coração de sua amada, só para não ultrajar o objecto querido. Ah! Que sacrificios! Que suspiros taciturnos não desprende sua alma involuntarios! Que combate! A natureza com a virtu-

- (1) Já no rocho Oriente branqueando
As prehes vélas da Troiana frota
Entre as vagas azues do mar dourado
Sobre as azas dos ventos se escondiam.
A miserrima Dido
Pelos paços reaes vaga ullulando,
C'os turvos olhos inda em vão procura
O fugitivo Eneas.
Só ermas ruas, só desertas praças
A recente Carthago lhe apresenta:
Com medonho fragor da praia nua
Fremem de noite as solitarias ondas;
E nas douradas grimpas
Das cupulas soberbas
Piam nocturnas agoureiras aves.
Do marmoreo sepulchro
Attonita imagina
Que mil vezes ouviu as frias cinzas
Do defuncto Sicheu com debeis vozes,
Suspirando chamar: Eliza! Eliza!
D'Orco aos tremendos Numens
Sacrificios prepara,
Mas vio esmorecida
Em torno dos thúricremos altares
Negra escuma ferver nas ricas taças;
E o derramado vinho
Em pelagos de sangue converter-se.

de! Porém esta vence; porque não ha triumpho sem victoria; assim como não se dá esta sem grandissimos obstaculos. Tudo sufoca a virtude, até mesmo os grandes e barbaros impulsos do coração. Nós podiamos encher paginas innumerables, só com exemplos de magnanimidades succedidas em materias de *amores* virtuosos.

Que doce não é para uma alma terna o começo do *amor*! Um simples olhar; um gesto; um curto sorriso; um menêio; uma palavra, é o primeiro gage que desafia, e desperta o instincto, e entrando pelos olhos se vai guardar (difficil caminho) no coração (1): começa brincando, e ao depois seduzindo, e com promessas vans vai ganhando em tempo, e ao depois desafia impetuosidade de desejos, afim de obter favores.

Principia por graça, passa a desejo, e ultimamente vem a tornar-se uma necessidade. Quando o *amor* tem ganhado em tempo, que se suppõe necessidade, acarreta consigo dores, desespéro, indifferentismo, de quando em quando se lhe

Frenetica delira;
Pallido o rosto lindo,
A madeixa subtil desentrançada,
Já com tremulo pé entra sem tino
No ditoso aposento,
Onde do infido amante
Ouvia enternecida
Magoados suspiros, brandas queixas.
Ali as cruéis Parcas lhe mostraram
As Iliacas roupas, que pendentes
Do thalamo dourado descobriam
O lustroso pavez, a Teucra espada.
Com o convulsa mão subito arranca
A lamina fulgente da bainha,
E sobre o duro ferro penetrante
Arroja o tenro crystalino peito:
Em borbutões de espuma murmurando
O quente sangue da ferida salta:
De rôxas espadânas rociadas
Tremem da sala as doricas columnas.
Tres vezes tenta erguer-se,
Tres vezes desmaiada sobre o leito
O corpo revolvendo ao céu levanta
Os macerados olhos.

(Garção, *Cantata*).

(1) Mal vi seu rosto perfeito,

ouve expressões monosyllabicas, que só os amantes as entendem (1).

O coração dos amantes está na razão das entrevistas; porque se está ausente, constantemente vive contrahido, e um aperto quasi permanente sente não só neste orgão, como na região thoracica; o pulso é concentrado, linear e fraco: se está presente se dilata, um sentimento de alegria e satisfação se nota, as pulsações são regulares e cheias, e tudo neste estado é prazer. Aos olhos dos amantes nada escapa; elles se conhecem pelo olhar, pelo andar, e tem havido quem faça applicação de todos os sentidos: um aperto de mãos muitas vezes causa um frio glacial. O *amor* no principio traz protestos, juramentos, preferencias, vantagens sem limites, e innumeras felicidades; são invocadas as Divindades, são revocados dos tumulos os restos sagrados dos mortos; e revocados os sentimentos de ternura e de constancia; porém, cruel *amor*, de quam curta duração não são os teus violentos excessos! De fortes, que são, ao depois se vão enfraque-

Dei logo um suspiro, e elle
Conheceo haver-me feito
Estrago no coração,
Punha em mim os olhos, quando
Entendia eu não olhava;
Vendo que o via, baixava
A modesta vista ao chão.

Chamei-lhe um dia formoso:
Elle, ouvindo os sens louvores,
Com um gesto desdenhoso
Se sorriu e não fallou.
Pintei-lhe outra vez o estado,
Em que estava esta alma posta,
Não me deo tambem resposta,
Constrangeo-se, e suspirou.

Conheço os signaes, e logo
Animado de esperança,
Busco dar um desaffogo
Ao cançado coração.
Pego em seus dedos nevados,
E querendo dar-lhe um beijo,
Cubrio-se todo de pêjo,
E fugio-me com a mão.

(Dirceo, L. 2.)

(1) Eu devia, cruel, seguir teu mando,
TOM. III.

cendo, á medida que se vai gozando : se o coração é bem formado, que não deseja o abandono, vem-lhe substituir o mais nobre sentimento da alma, a singela amizade.

Os movimentos desta paixão, diz Le Bruin, quando simples, são mui brandos; a testa torna-se lisa, as sobrancelhas um pouco erguidas do lado em que estiverem as pupillas, a cabeça inclinada para o objecto que inspira o amor, os olhos podem estar mediocrementemente abertos, e o branco delles (esclerótica) muito vivo e brilhante; a pupilla suavemente voltada para o lado onde está o objecto amado, em fôrma a mostrar-se um pouco scintilante e crescida; o nariz não experimenta mudança alguma, bem como todas as outras partes do rosto, que participando dos espiritos que o animam e aquecem, tornam a côr mais viva e mais vermelha, particularmente nas faces e nos labios; a bocca muitas vezes fica entre-aberta, e os cantos um pouco retrahidos; os labios humidos, e essa humidade pôde ser causada pelo vapor que se eleva do coração.

Esquecer-me de ti, fugir de ver-te,
Tirar do coração o amor sem fruto,
Venenosa raiz de acerbos males
Mas devo combater contra invenciveis?
Tu, que nunca de amor sentiste o jugo,
Tu, só pôdes dizer que amor nos-céde.
Se amor cedesse a rígidos duellos
Inda iolgara na innocencia minha,
Inda meus dias delectosos foram.
Mas eu debil, eu Ninfa, eu que te vejo,
Podia acaso resistir ao Nume,
Que o ferro e o fogo tem, que os Deoses prostra?
Amor, sem ser sentido, enrou no peito,
A' suave traicão obstar não pude:
No fundo mais recondito e sensível
Do puro coração, veio aninhar-se.
A minha confiança a pouco e pouco
Foi ganhondo o fallaz com vãs promessas;
Fallou-me de mil bens para attrahir-me,
Eu mesma consenti no cativeiro;
Depois que me viu presa estar segura,
Em furor converteo sua clemencia,
Sujeitou deshumano os meus sentidos,
Despota sobre mim choveo mil males,
Com dores infernaes ferio-me o peito,
Em fogo devorou minhas entranhas,
Fez meu sangue ferver fel-o agitar-se,

No amor, diz o Sr. Fonseca, tres considerações são precisas que desejemos á pessoa que se ama: 1.º, aquillo que realmente é bom (1), ou ao menos que no nosso conceito passa como tal; 2.º, que não só lhe desejemos este bem, mas lh'o procuremos quanto da nossa parte estiver; 3.º, que este mesmo bem que lhe procuramos, não seja com intuito de utilidade somente nossa, mas daquelle para quem se procura. O poeta Sá de Miranda é desta opinião quando diz:

Amor é senhor grande, não se guia
Por interesses viz, dar e tomar,
E seu tracto não é de mercancia.

O amor se concilia pelos dotes do corpo, se é atrahido ou pelo brilho da tez e regularidade das feições; o character da physionomia que exprime sentimentos agradaveis. Os dotes do espirito, os talentos e a vasta erudição, quasi sempre arrastam a mulher para o amor, e isto é tão verdadeiro,

Offuscou-me a razão, roubou-me o somno,
E a minha antiga paz, e os meus prazeres
Tornou em cinzas, como faz ás flores
Feroz incendio que pegou nos bosques.
E posso destruir quem tanto póde?

(*Ech. a Narc.*)

(1) Se este mudo espectaculo dos campos
Para os sêntidos teus contém delicias,
Sabe que a Natureza inda é mais ampla:
Tens visto um pouco dos thesouros d'ella,
Mas d'ella inda o melhor não tens gozado.
Tem doces mimos, diyinaes, supremos,
Que em seu seio recata, e só concede
A'quelles, que de amor as leis adoram:
Adora as leis de amor, goza estes mimos.

Se eu vivo sempre em ais, sempre em desgostos;
Solitaria chorando entre os desertos,
Não te faça tremer a sorte minha;
Eh amo, e vivo em barbaro abandono;
De meus tormentos teu rigor é cansa.
Mas tu, se amares, acharás ternura,
E a mais doce e fiel correspondencia.
Os frutos gozarás que tu me negas;

que Camões se pronunciou (Canto 2.º, Est. 88) nestes termos:

Que o nome illustre a um certo amor obriga,
E faz a quem o tem amado e raro.

E G. P. de Castro tambem disse:

Que a fama de altos feitos traz comsigo
Afeição, que se n'alma occulta imprime.

Em geral, a mulher ama aquillo que ella mais admira.
Ama-se por gratidão, e pelos beneficios que se fazem,
que se experimentam e gozam, do que procede o indefec-
tivel amor que sempre se consagra aos bons governantes, e
aos homens bemfazejos, como gravemente disse o illustre
Ferreira:

Ama o povo o bom rei, e é delle amado,
Lêdo e facil em crer, e em julgar bem.

Sem jamais conhecer o que é desgosto,
Invejado serás dos proprios Deoses.

Uma esposa ternissima, e constante
Que puro nome tão credor d'inyeja!
Uma benigna carinhosa esposa,
Te faria sentir quanto és amavel !
Quando cansado de correr no monte,
No fim do dia aos lares teus voltasses
Já fatigado, e de suor cuberto,
Adiante de ti correndo alegres
Ladrariam teus cães; e a tua amante
Te viria encontrar em teu caminho.
Seu rosto alegre da innocencia imagem,
Seus abraços suavissimos, seus beijos,
Os risos, as perguntas, as caricias
Te fariam sentir que eras ditoso.
Para te alliviar, te fortaria
Aurea cadeia d'onde pende a atjava.
Tirara de teu braço o arco eburneo,
Nas melindrosas mãos o conduzira.
Sobre teus hombros lançaria o braço,
Apertando-te ao selo, e muitas vezes,
Como caçaste, perguntara, e quando,
E a quantas feras arrancaste a vida.
Dir-te-hia, que saudosa em tua ausencia,
Só se occupava em ti, pensando sempre

Imigo de todo o animo dobrado.
Sempre a mão larga, sempre aberto tem
O generoso peito ao premio justo,
E triste e vagarosa a pena vem.

Quando S. Bernardo pranteia a morte de seu irmão Geraldo, e motiva a causa de suas lagrimas com o proveito que seu irmão lhe dava: « proveitoso nas consas grandes e pequenas, nas publicas e particulares, interior e exteriormente, por onde com razão perdi tudo daquelle que me era tudo; e tomando sobre si todo o trabalho me deixava só o nome e honra de superior. Eu tinha o nome de abbade, e elle os cuidados do governo. »

Ama-se pelo mesmo amor por que nos amamos, quando temos certeza de que somos tambem amados.

Inda que seja pobre e pescador
Não sei em desprezar-me quanto acertas,
Pois que rico de amor me faz amar.

(FERREIRA.)

Alguns perigos, que encontrar podias,
Temia os precipícios, as carreiras,
Os bravos javalis, ardentes lobos.
Desejava que o sol levasse o dia,
E á noite mais feliz em fim viesse
Socegal-a, e lançat-te entre seus braços:
Que para distrahir os seus cuidados,
Fara t'-as offertar, andou tecendo
Floreas capellas, onde poz teu nome:
Que andou só para ti colhendo os frutos,
Mais doces, mais gostosos que encontrara,
E entre a murta os guardou em seus cestinhos:
Que depois de não ver-te o dia inteiro,
Com tua voz se alegrava tanto,
Como a terna, lanigera ovelhinha,
Que o pastor deixou só no rude aprisco,
Se alegre, quando a mãi dos pastos volta:
Que muito longo parecêra o dia,
Que a noite ao pé do esposo é só momentos!
Isto e mil cousas, que a ternura inspira.

(Ech. a Narc.)

Se a constancia no amor apparece, é antes filha de um longo habito, ou da reflexão, nascido do dever de probidade, do que da violencia deste sentimento. E' da essencia do amor inconstante a variedade, a novidade; vencer a resistencia do pudor, unica força e prompta sentinella que a natureza deo á casta e vergonhosa donzella: sacrificios enormes faz o perfido amante só para ganhar victorias. O homem ama com facilidade, e este sentimento nelle é exaltado; e por isso mesmo que é violento, é de pouca duração; porém esta regra não deixa de ter sua excepção. Conta-se que o medico Fernelio, pouco tempo durou depois da morte de sua cara e adorada consorte. Danton sentio perder a vida e deixar sua consorte, e ao pé do cadafalso disse: « Oh minha amada! Oh minha mulher! Não te verei mais (H. de Rev. Franceza, T. 2.^o, por Mignet). D. Pedro I, se sobreviveo, foi para vingar a morte de sua querida Castro, etc. O Inglez Roberto, poucos dias durou depois da morte de Anna d'Arfet (L. Epanaphoras D. F. M. de Mello, e o bello epizodio de Zargéida de Medina).

« Um amor favorecido (diz o coronel de Weiss P. Philosophiques Politiques et Moraux, T. 1.^o, p. 93) e contrariado pelas circumstancias, pôde durar muitos annos; a difficuldade o irrita, a esperanza o sustenta, a ausencia o nutre; mas ao depois de ter vencido todos os obstaculos, resta-lhe (como diz Ninon) o maior de todos, e é de o não ter... (p. 94) E' nos corações simples, ingenuos, formados pela natureza, na sombra de um asylo, que convem tirar a verdade: é lá que escapam estas ninharias, que se procura dessimular-as. A simplicidade ennobrecida pelo sentimento, tem mais encantos que todas as subtilezas da arte, todo o requinte da garidice jámais pôde igualar.»

E' assim que muitas vezes nas mulheres sisudas, sensatas e frias na apparencia, se acham os sentimentos mais activos, a imaginação a mais delicada, a alma mais profundamente occupada, e por contraste, a resistencia a mais segura: mas a severidade, quando não tem disfarce, e que a ternura acompaña, offerece prazeres que lhe são proprios.

A excitante difficuldade, sens motivos respeitaveis, o mystico da linguagem a importancia que se dá, unidas ás ninharias, os grandes escrupulos para as cousas ridiculas: este

combate entre a propensão e o dever; esta mistura de recato e abatimento do coração, de ternura e de caridade, de sancto e de profano... esta vista que se eleva ao céu, parece accusar seu rigor, e que se humilhando pede perdão de sua crueldade... tudo isto tem attractivos superiores aos ares das me-retrizes, as graças vivas e a leviandade de uma rapariga namorada: uma nos facina outra nos move; uma nos arrasta, outra nos prende; a estima nos indemnisa de um lado, do que perdemos do outro, e os louros da castidade se enlaçam com as rosas de amor.

Muitas mulheres difficulosamente amam; e se são perseguidas, e chegam a amar, este sentimento nellas é mui duradouro; e algumas ha que não podem sobreviver a seus amantes,

P. F. A. Gomes disse, que a mulher de um boticario na Bahia, chamado Moniz, teve tanto sentimento da morte de seu marido, que pouco tempo lhe pôde sobreviver.

Contaram-nos que a irmã do bacharel em Direito, M. V. Tosta, a Sra. D. Umbelina, teve tanto pezar da morte de seu consorte, que metteo-se em um quarto, entregue a todas as privações da vida, e que só delle sahio quando foi pagar á natureza os tributos da saudade, unindo seu virtuoso espirito ao d'aquelle por quem só amava a existencia.

São os homens mui injustos com a melhor porção da humanidade, mil baldões lhe sacam sem piedade, não attendendo a seu estado organico sob as relações anatomico-physiologicas (lêde Adelon, Physiologia do homem, T. 4.º, e Virey da mulher, secção 3.ª, Cap. 2.º e 3.º, Secc. 4.ª, Cap. 1, 2 e 3), como seja a inconstancia, a falta de character no amor, etc., ao que nós por ellas respondemos: tudo na mulher depende da educação, e que se entre ellas alguma apparece inconstante, é devido á predominanciã do systema nervoso; meio preventivo com que a natureza as dotou para mais captivar o coração do homem.

Ao nosso ver, certos actos que se observam na vida das mulheres, são filhos das circumstancias; e alguns, ellas não tem parte directa: certa inconstancia que ellas, real ou sagazmente procuram mostrar ao homem, não é mais que para despertar o seu amor que cuida enfraquecido. Se grande

numero de mulheres prevaricam (1), são os homens mais culpados que ellas; porque são instigadas e levadas por muitas promessas e muitos protestos: outras são arrastadas pela necessidade, e outras pelo total abandono.

E que diremos do homem se estivesse em identicas circumstancias? agora cala-se elle, porque é tão miseravel, que muitas vezes no furor do *ciúme* basta ouvir dellas uma palavra, um *carinho*, para se persuadir e dissipar as imagens aterradoras (2). Em defendendo as mulheres dos baldões que os homens lhe sacam, é advogar a causa da natureza: não buscamos agradar, quando a verdade é quem falla em seu abono; não podemos tolerar a afronta feita contra um sexo que merece nossos respeitos. Aquelles que menos prezam as qualidades encantadoras das mulheres, são os que mais miseraveis se consideram, e os que mais repudiados tem sido.

- (1) Bem que eu não sigo as linguas venenosas,
Que as mulheres só tratam de aleivasas:
Sei, que muitas o são, sim, não duvido,
Pelos casos, que vejo, e tenho ouvido;
Mas contem-se as traições d'ellas e d'elles,
Se acharem nellas mil, ha dez mil nelles.

(Carvalho, *Ecloga* 2.^a, *Galatêa*.)

- (2) Se n'este horror profundo um raio ao menos
De esperanças me luzisse! . . E ainda era tempo;
Inda este coração te perdoava;
Fôra inda teu! Vem: solta-te dos laços
Com que essa astuta serpe te rodêa:
Vem desgrenhada, tremula, chorosa,
Toda acceza de amor e de vergonha
Arrojar-te a meus pés, beijar a terra,
Pedir perdão, jurar. . . Jurar! quem! ella?
Já nem juras, nem lagrimas me bastam;
Quero, preciso, devem'o, derrame
O çumo vil do coração perverso,
A morte a purifique, e serei d'ella.

Mas, se tu eras pura: se pensavas
N'este momento em mim! se em quanto verto
Contra ti maldições, tu solitarie
Benções pedes aos Céos, que me protejam,
Me afastem todo o mal fôra as saudades,
Me conservem fiel, te dem já ver-me!
Se era falso o teu crime! Ah que se o fosse! . .

(*Ciúmes do Bardo*.)

Que grande não é o coração de uma mulher? Quem poderá igualar no amor a uma desvelada Mãe? E'-nos mais tocante e mais sublime vê-la com seu filho nos braços, que o melhor quadro da natureza.

O amor, sendo a lei universal da natureza animal, costuma a obrar de uma maneira uniforme no genero humano; recebe um sem numero de modificações, dependentes das relações variadas, em que as duas substancias de que é composto o homem está; assim como de todas as causas physicas e moraes, que podem obrar, ou sobre os sentidos, ou sobre a alma.

Nos irracionaes, a união dos dous sexos é justamente um acto puramente mecanico ou animal, que nenhuma variedade apresenta: a inclinação que tem um para outro sexo; é filha da necessidade do seu organismo, ou de sua constituição; visto que o ponha em acção, bem como as outras necessidades inherentes á vida, sem que para isso intervenha a escolha ou a liberdade. No homem, ao contrario, a união dos sexos é um acto nascido da vontade, e subordinado tanto aos sentidos, como á imaginação: no irracional não ha preparatorio; no homem ha e por grãos; no homem ha preferencia, e no irracional não a ha. No homem; as necessidades physicas andam de envolta com os sentimentos moraes, o que produz o amor; e no irracional só o que apparece é a necessidade physica. O primeiro phenomeno que se observa no amor physico, é que um sexo submetta a outro, e que um sirva de potencia em quanto que o outro de resistencia; porque a victoria que quer ter o amante, é de igualar o seu amor com o do objecto amado. O amor tem a propriedade de reduzir a alma a um estado tal, que lhe faz communicar ao mesmo tempo fraqueza e força, de modo que uma Senhora pôde soffrer e encarar as desgraças com prazer, com tanto que a seu lado esteja o seu amante. Esta nossa asserção não é filha de theorias, porque se lançarmos as vistas no terrivel quadro da revolução franceza, veremos factos, que á primeira vista parecem incriveis. Todo o mundo sabe das desgraças de D. Leonor, mulher do capitão Manoel de Sepulveda, na volta da India para Portugal.

Domingos Catalufo, não obstante estar sua mulher coberta da mais asquerosa lepra, lançando um cheiro insupor-

tavel, jámais se separava della, nem no leito, nem na mesa.

Em Napoles, um lavrador cultivando o campo ao pé do mar, uns piratas levaram-lhe a mulher, que descuidada por ali passeava, e o marido assim que isto vio, atirou-se ao mar e chegando ao navio mourisco pedio ao capitão do joelhos que o levasse tambem captivo, pois assim queria viver ao lado de sua mulher. Levaram-nos ambos ao rei, o qual vendo tão caridoso amor, os mandou pôr em liberdade.

O amor se conhece, ou se manifesta pelos signaes e meios seguintes: um grande interesse se toma por tudo que diz respeito ao objecto amado; nota-se a palidez subita, seguida de calor e rubor dos pomulos; movimentos convulsivos e alternados dos musculos zygomaticos, e mesmo do orbicular dos labios, quando os amantes são noviços e se chegam a fallar; nota-se tambem relaxamento incompleto dos musculos levantadores das palpebras, de modo a algumas vezes conserval-as abertas para o pequeno angulo dos olhos. Quando o amor é encoberto, e que tem quem o observe; a sua linguagem é muda e o seu dizer é de olhos. Umaz vezes as expressões são eloquentes, outras entrecortadas; muitas vezes nota-se nas extremidades dos dedos uma frieza extraordinaria, que depois se inverte. No principio o sangue se concentra por momentos e a circulação se afrouxa, e ao depois apparece uma reacção o o pulso se accelera. Se o amor é excessivo, a impaciencia se declara, bem como a inapetencia aos alimentos. De quando em quando se desprendem suspiros involuntarios, e nesse estado o olhar é rapido e vivo; se o amante está na presença do objecto querido, elle se esforça a se tornar bem feito, seus movimentos são rapidos e inspiram vivacidade e prazer; sua voz se torna harmoniosa e bella; a amante tambem se esforça em tornar-se graciosa; o olhar é terno e encantador, suas maneiras são seductoras: se, ao contrario, ella receia alguma repulsa, tudo é sombrio, os movimentos são involuntarios, seguidos de serenidade apparente, o olhar é mysterioso, nobreza no semblante e sentimentos concentrados.

O Dr. Mello Franco, na sua estimavel obra, diz: « O amor é muito diverso do *orgasmo*, ou appetite carnal; por quanto é este vago, indeterminado, e quasi o mesmo em todo o

reino animal: aquelle porém é dirigido a um só objecto que se idolatra, e de quem se deseja anciosamente ser idolatrado; que se procura possuir, e que se estuda em conservar. E' um amor meramente carnal, é uma fogosa necessidade, a qual satisfeita em breve passa; é aquell'outro mais espirital physico, porque a posse e gozo do bem, que é o motivo de tantos desvelos e de tão excessivos cuidados, não apaga o fogo que abraza o coração, antes é, pelo contrario, uma como substancia resinosa, que o conserva e augmenta. Quantos exemplos não tem liavido de pessoas de ambos os sexos, que não poderam sobreviver muito á perda do objecto em que empregavam o primor de seus cordiaes affectos? Diremos destes assim sacrificados nas aras de amor tão vehemente e tão puro, que era o appetite physico o que os dominava? Ninguem o dirá.

Esta paixão, tão propria do coração humano, quando é bem formado, ou em quanto a immoralidade o não tem corrompido, é o principio fundamental da inestimavel harmonia conjugal; é além disto a verdadeira origem do amor paterno; e estas duas especies de amor estabelecem as bases da felicidade social. Quão desassisada por tanto não tem sido a inutil empreza de alguns misantropos de entranhas bronzeadas, que pretenderam desarraigir do coração humano um affecto, que bem dirigido faz a ventura deste nosso mundo, que por elle é conservado! Mas quão pouco valem os delirios dos homens, quando encontram as sabias leis da natureza!

Esta paixão é sempre acompanhada de outras; e por isso devemos consideral-a como composta. Se o amor é feliz, isto é, se as pessoas que se amam tem para si que são reciprocamente correspondidas, seus corações trasbordam de prazer, de suave alegria, e de serenidade de espirito. As forças vitaes diffundem-se do centro para a periphèria; o semblante aviva-se; o sangue circula regularmente; toda a organização por ultimo somente indica permanente concórdancia. Se pelo contrario é desditoso, isto é, se algum dos amantes crê ou imagina que seus desvelados affectos não são igualmente retribuidos, então o assaltam sustos, receios, ciumes, angustias, tristeza, e até desesperação. Não é possivel expor com palavras o tropel de amargurados sentimentos que martyrisam o coração de um amante que se

julga mal correspondido, e que receia ou sabe que é preferido por outrem.

No meio deste inexplicavel vai-vem de tão malfazejos affectos, que prendem as forças no epigastrio, apparece o semblante palido, os olhos amortecidos, os lagrimaes pisados, as faces encovadas, os membros tremulos e sem vigor. Esta pintura não encarecida, quando a paixão é vehemente, e a ingratidão, ou certa, ou quasi certa, assaz demonstra quão damnosa e cruel é uma tal situação, e quão profunda é a alteração que padece a organização inteira.

A época em que esta paixão violenta mais se incendeia, é desde a puberdade até á idade varonil, isto é, pouco mais ou menos desde dezoito até trinta e seis annos. Pássado este periodo de fogo, entra a razão a predominar, e já não é o amor ardente o que figura, pois vamos sendo mais sensiveis aos doces encantos da amizade, que impera sobre o amor. Já nos não deixamos allucinar pela simples belleza physica, que entramos a olhar como cousa caduca: só nos namoram os dotes moraes, a que damos o maior apreço; porque já então sabemos que estes soamente fazem a nossa verdadeira consolação, pois duram em quanto dura a vida. Pelo seu influxo é que pessoas que tem de casadas sessenta annos (como nós conhecemos), cordialmente se estimam e não podem viver ausentes. Verdade é que o habito de viverem sempre juntas não deixa de contribuir para fundamentar esta prolongada amizade; somos porém de opinião, que sem qualidades moraes nunca tal amizade chegaria a estabelecer-se. Assim o confirma a experiencia de todos os dias, a qual tambem nos mostra que pessoas moças, por fogosas e faltas de experiencia, só por acerto casam bem; e não há quem ignore os graves e innumeraveis males que desta desgraça resultam.

Do amor conjugal.

O amor conjugal é um sentimento composto de diversas affeições: elle tem mais variedade que as amizades ordinarias, e mais transportes que o amor em começo. O amor conjugal funda-se na ternura que a natureza nos inspira para com os filhos. O amor do dever e da propriedade a elle

juntam-se e lhe augmentam os encantos. Ainda que os sentidos entrem de alguma sorte no amor conjugal, não lhe fazem entretanto a essencia: podemos amar nossa mulher, sem que seja bella, e sem termos desejos. Mas o que é indispensavel na união de dous esposos, é a semelhança dos caracteres, dos espiritos e dos sentimentos; quando isto não se encontra, as uniões, mesmo as mais vivas, em seu começo, são ao depois destruidas.

O amor conjugal conserva-se como todas as amizades, por cuidados e atenções. Extingue-se no langor e indifferença, e perece com as dissensões.

Bem que o casamento seja o tumulto do amor, comtudo este sentimento póde conservar-se embora sem transportes, com vivacidade e esmeros.

Uma mulher intelligente e cheia de attenciosa condescendencia, que sabe insinuar-se sem pretenções no animo do seu esposo, e ao mesmo tempo lhe sabe inspirar amor, torna feliz o estado sem que o amor enfraqueça. Temos observado que na pluralidade dos casos, o pessimo viver dos casados é dependente da mulher, pela idéa falsa que a occupa com a segurança ou legitima possessão do homem, sem se lembrar que a legitimidade do facto não a desonera dos seus deveres, das incessantes attenções e desvelos; antes, pelo contrario, a mulher casada deve tudo attender, e mais que muito prevenir convenientemente para que seu marido a considere e sempre a ame.

Em um escripto do Sr. Tenreiro Aranha, impresso no Pará em 1830, vem um soneto feito á mameluca Maria Barbara, mulher de um soldado do regimento de Macapá, cruelmente assassinada no caminho da fonte do Marco, por não querer adularter, e proferio a morte á mancha de infiel a seu esposo. Eis o soneto:

Se acaso aqui topares, caminhante,
Meu frio corpo já cadaver feito,
Leva piedoso com sentido aspeito
Esta nova ao esposo afflicto, errante.

Diz-lhe como de ferro penetrante
Me viste por fiel cravado o peito,
Lacerado, insepulto, e já sujeito
O tronco fêo ao corvo altivolante:

Que de um monstro inhumano, lhe declara,
A mão cruel me trata desta sorte,
Porém que allivio busque á dor amara,
Lembrando-se que teve uma consorte,
Que, por honra da fé, que lhe jurára,
A' mancha conjugal prefere a morte.

O Dr. Aprigio José de Sousa pouco tempo durou depois
da morte de sua esposa.

Do amor paterno e materno.

Natureza, que déste ao sexo bello
As feiticeiras graças
O mimo attrahidor, as mui fagueiras
Carinhosas meiguices,
Que lhe orvalhaste os labios com sorrisos
De mellica doçura
Que entram no coração, q'esparses n'alma
Delicias e prazeres;
Que nos olhos da mãe pozeste o affago,
E no materno peito
Acrysolaste esmeros e desvelos,
As ancias que inspiram
D'enternecido amor e de ternura
Timida e receiosa
Toda meigas caricias, toda extremos
De apaixonado affecto;
Tu mais viril porção doaste ao homem
De constante firmeza,
E em menos terno coração pozeste
A solidez e affinco
No levar certo o rumo compassado
Dos negocios da vida.
Tu, nos olhos do pae, tu em seus labios
Providente juntaste
Os severos dictames da virtude
E da verdade rígida,
C'os amorosos ralhos, c'os amigos
E prudentes conselhos.
Tu lhe adornaste a face veneranda
Da magestade augusta
Que ao filho respeitoso antolha a imagem
Dos soberanos deuses.
Olha como na voz lhe trocem asperas
Reprehensões austeras

Em quanto os seios d'alma se lhe rasgam
O coração lhe chora.
Amor que não deixou cingir a venda,
Terno mas justicioso:
Que o facho acende á toxa da virtude,
Facho que não deslumbra,
Faisca desse amor que a pró dos homens
Arde d'um Deos no seio.

GARRETT.

Do amor paterno.

O amor paterno é um sentimento mixto, por ser composto e originado do instincto da natureza íntima e profunda da organização physica dos animaes. Os animaes que desconhecem o amor proprio, sentem, como nós, ou talvez melhor que nós, este sublime sentimento. A differença que existe a este respeito entre o homem e o irracional, é que ao instincto, que nos é commum, juntamos os sentimentos que excitam em nós o desejo de perpetuar nossa especie, e a satisfação de nos vermos renascer em nossos filhos; como se essa parte de nós mesmos se pudesse sempre subtrahir á morte, que cedo ou tarde abafa em seu seio as gerações.

O amor paterno é uma affeição natural, intimamente profunda, que o SER SUPREMO gravou nos nossos corações para se perpetuarem as especies que ELLE espalhou sobre a terra. Desempenhar e cultivar este sentimento, é corresponder ás vistas Providenciaes do ALTÍSSIMO. O pae tem para com os seus filhos deveres impostos por DEOS, que os deve cumprir.

Que doce que é ser mãe! — Que meigo quadro
E' ver a esposa ao lado do consorte
Nos braços lindos embalando o filho,
Seu unico desvelo,
Que largou de cansado o niveo seio
E foi suavemente adormecendo
No amplexo maternal. — Inda invejoso
Não encubrio de todo
O casto véo segredos pudibundos
Só do esposo sabidos: enlevada
Nas doçuras de mãe, toda prazeres,
Só para o filho attenta.

Vêde-a sorrindo ao tenro innocentinho,
Como se espelha nas mimosas faces,
E colhe nas feições, uma por uma,

O transumpto do esposo.

Com que graça lh'o diz! como suspira
Magoada e triste se o consorte amado
Toda, não vê a semelhança

Que a ponto ella distingue!

Oh! se pallida ousou tocar-o a febre,
Aqui são os desvelos, os extremos,
As não dormidas noites, os cansados,

Affadigosos dias.

Eil-a que se definha junto ao berço,
Que as lagrimas rettem, que os ais suffoca
Se condoido Morpheo nos tenros olhos

Pousou do filho caro.

Que promessas, que votos tão do peito
Se um deos compadecido... E os deoses ouvem
Mais que rôgo nenhum maternas preces.

Já visos de melhora

No semblante infantil vão despontando.
Oh que alegrias! — recortadas inda
De enternecidos sustos, que os prazeres

Aguados emmurhecem.

E salvo emfim: já cresce e ao lado folga
Da carinhosa mãe; já co'as mãosinhas
Lhe trava da orla ao candido vestido,

Ou travêso lh'o rasga.

Os annos correm, graças vão medrando
No corpinho gentil, n'alma embebida
Em suaves lições de sã virtude

Co'o exemplo avigorada.

Tal esmêro de Flora e mimo d'ella,
Cresce-alvo lirio em valle deleitoso;
Brando zephyro o ameiga, a aurora o rega,
E as bellas o cubiçam.

A mulher, mais sensível que o homem, mais terna, mais carinhosa e mais cheia de extremos, quando se sente mãe, sua organização se compenetra tanto, que lhe faz desenvolver um sentimento que ninguem o póde proferir, porém ella o experimenta. As dores da maternidade são esquecidas com a vista do recém-nascido; o risco de sua vida é compensado com um beijo. Cuidados, extremos, previdencia, sacrificios, tudo, tudo faz uma mãe por amor de seu filho!

O professor Richerand conhecia tão fóra do ordinario o amor materno, que lhe não achou um lugar no organismo da mulher, onde elle tivesse sua séde; elle está em toda a organização.

Do amor filial.

Este sentimento é fundado no reconhecimento e no habito; a natureza ahi tem tanta parte como a reflexão e o dever: é menos forte do que a afeição paternal. O reconhecimento nos filhos bem nascidos, previne o que o dever lhes impõe. E' de nossa natureza amarmos aquelles que nos protegem e de quem dependemos; e se isto acontece na ordem natural das cousas, quanto mais com aquelles que nos deram o ser, os cuidados, a educação! Os moralistas, indicando aos filhos as obrigações para com seus pais, assignalam-lhes deveres, que a transgressão é delicto de lesa natureza que DEOS não perdoa. Coriolano sacrificou-se pelo amor materno.

Conhecemos na Bahia uma familia hespanhola destituida dos bens da fortuna, e havendo filhos que deveriam cuidar de seus pais já velhos, abandonaram a casa; porém uma das filhas, a virtuosa D. Francisca de Paula, á custa do seu trabalho, suprou seus pais. Com um ferro de engommar na mão, dia e noite trabalhava, e vendo-se com a saúde arruinada, foi aprender a fazer charutos, para ver se com mais facilidade adquiria o necessario para a vida. Esta virtuosa Senhora é um prodigio de nobres qualidades.

Um quadro não menos interessante é o que se passa dia e noite no Rio de Janeiro, entre a Sra. D. J. V. e seu honrado pae, o Sr. A. A. V. Este senhor soffre de ha muitos annos, e esta filha, unida a seu honrado pae, consome o tempo em prodigalizar-lhe, mesmo com ruina de sua saúde, todos os encargos do amor filial. E' tocante vêl-os! No ultimo quartel da vida, atormentado de dores e de outros soffrimentos, leva as noites em claro, e ella, junto a seu pae, priva-se de todos os gozos, de todos os commodos, só para suavisar-lhe as dores. Com 19 annos de idade, a Sra. D. J. V., é o transumpto da filha que recebeo na hora extrema um legado precioso por bocca de sua mãe, os cuida-

dos de seu velho pae, cuja lembrança Delille conserva no seu poema a Compaixão.

(*La Pitié*).

Do amor fraternal.

Tambem é um sentimento natural o amor entre os irmãos: a fortuna, um nome commum, o mesmo nascimento, a mesma educação, e algumas vezes o mesmo character, enfim, o habito de se olharem como pertencentes uns aos outros, e como que não tendo mais que um ser, eis o que faz os irmãos amarem-se. Este amor muitas vezes tem durado até á morte, e outras tem desaparecido por infinitas circumstancias. Irmãos tem havido que se tem sacrificado por seus irmãos, e desenvolvido por este amor rasgos extraordinarios de grandeza d'alma.

Do amor proprio.

O amor proprio é o amor de nós mesmos, que véla constantemente em nossa conservação e nos cuidados de nos fazer felizes. O amor proprio bem entendido é causa de todas as nossas virtudes; porém mal entendido torna-se tambem origem dos maiores vicios. Os philosophos o chamam amor de nós mesmos, para o distinguirem desse cego *amor proprio*, que faz tudo por amor de si, e que produz todos os vicios e todos os crimes que se praticam sobre a terra.

Sendo, pois, o *amor proprio*, o motivo de nossas acções, e fazendo consequentemente nossa felicidade ou nossa desgraça, é mui conveniente saber mol-o levar com regra, o que não se póde fazer senão pelo conhecimento de nós mesmos, e dos nossos deveres. O autor dos synonymos, fazendo as differenças *ideaes*, diz que o *amor de si*, ou antes de nós, é expressão philosophica que designa aquelle sentimento universal necessario, pelo qual nos inclinamos e somos levados a buscar aquillo que nos deleita. Quando este sentimento exclue toda a consideração reflexa, chama-se espontaneo, e quando é acompanhado da consideração do fim

a que nos impelle a natureza, isto é, quando nos propomos lograr nossa felicidade, chama-se reflexo. O amor proprio é o mesmo que o amor de nós reflexo, desenvolvido no estado da sociedade; é porém muito mais complicado que aquelle, pois tende á conservação e melhoramento da existencia social do homem.

Egoismo, é o amor proprio levado a um ponto tão excessivo, que o homem se ama a si mesmo, não só com injusta preferencia, mas até com total ou quasi total exclusão dos outros homens. O eguista só tem em mente sua propria utilidade, não cura dos commodos ou incommodos dos outros, com tanto que nada soffra e de tudo goze.

Do amor da patria.

O amor da Patria, diz um escriptor, que á primeira vista parece tão nobre, não é mais que o amor proprio disfarçado. A mulher, os filhos, os paes, os amigos e os bens, eis o que prende a maior parte dos homens á patria. A lembrança dos primeiros annos da vida, e os prazeres que essa feliz idade traz consigo, a vista dos lugares onde se os gozou, é que a tornam tão cara a muitas pessoas. Mui poucos são os homens que amam a patria pelo sentimento do dever: o general tem o nome da patria na bocca e o interesse proprio no coração! Catão, comprehendendo bem o amor da patria antes de morrer, fallando a Marco Bruto, lhe diss:

Se queres libertar-nos, corta rijo,
Corta pela raiz a tyrannia,
Cerceando por abusos, profundando
Nas fistulosas ulceras do estado,
E levando com o balsamo o cauterio
Ao mais solapado onde a peçonha
Do arraigado cancro tem nascença.
Depois o facho da razão accende
Com mãos puras e limpas de interesse...
Puras!!— que em dextra sordida essa têa
Sem dar luz, queima e rapida devora
Antes que um só vislumbre rompa as trevas

Com elle, c'o esse facho luminoso
A téus concidadãos mostra a verdade
Não curvado de espolios sanguinosos
Mas puro todo e candido com ella.
Salva-os das convulsões, da crise horrivel
Que as populares commoções arrastam;
Moderação e paz reine em teus labios;
Generoso perdoa, austero pune
Mas pelo orgão da lei, mas só com ella.
Os pendões hãstear da liberdade
Nas ameias da horrifica discordia,
Grito amotinador alçar aos povos
Para os deixar no cahos da anarchia
Mutuamente e á porfia destruir-se
E' querer lacerar o seio á patria
Sem jámais a salvar.

O amor da patria (Roquete e Fonseca), que melhor diremos, amor á patria, é um affecto natural; o patriotismo é uma virtude. Aquelle é propriamente o apêgo que naturalmente temos ao solo em que nascemos, em que conhecemos nossos paes e amigos, e adquirimos as primeiras inclinações; o que geralmente se tem á lingua, aos usos, aos costumes com que fomos creados, aos principios da educação que recebemos, aos objectos que nos recordam as primeiras e indeleveis impressões da infancia. Este affecto natural é quasi commum a todos os homens, sem exceptuar os que habitam os paizes mais incultos.

O effeito, que causa o amor da patria, é um character activo e desinteressado, é o patriotismo, que consiste n'um ardente desejo de servir-a, de defendel-a, de contribuir a seus progressos, a seu bem, á sua prosperidade.

O amor da patria póde provir de amor proprio, de vaidade e orgulho, e então é um defeito, um vicio em seus effeitos; o patriotismo é sempre uma virtude que chega a elevar-se até ao heroismo, produzindo as mais nobres e sublimes acções. Aquelle que, sem contribuir em nada para a defesa e bem de sua patria, se compraz em suas felicidades, se gloria de haver nascido nella, encarece suas vantagens, e a prefere a todas; crê ter patriotismo, porém só tem amor da patria, ou antes amor proprio nacional, desvanecendo-se com suas glorias, como se a elle só pertencêssem.

A nossa historia está cheia de nomes gloriosos, que até mesmo pagaram com a vida esse amor excessivo que votavam á patria. O padre Caneca, Domingos José Martins, o desembargador Joaquim Nunes Machado, e outros, são vultos que levarão á posteridade o exemplo personificado do amor da patria.

E a patria, por quem tanto hão feito,
Que digno premio lhes ha dado?

GARRETT.

Do amor da ordem, ou do dever e amor da gloria.

Estas duas especies de amor, são modificações do amor proprio: uma nos excita ás grandes acções; outra nos anima á virtude: a gloria tem mais brilho, mas é sujeita aos contratempos. O dever basta a si mesmo, e não espera nada dos homens: é muito raro a gloria nos fazer felizes, e nunca se é desgraçado seguindo-se a virtude. A primeira está submettida aos caprichos dos homens; a segunda só está sujeita a DEOS: está em nós escolhermos entre estes dous moveis das acções humanas a que mais compativel for com o nosso pensar. O escravo da gloria respeita a virtude, e aquella é quasi nada aos olhos do homem virtuoso.

Do amor das letras e das sciencias.

O homem nasce rodeado de objectos estranhos que não conhece, e excitado pelas necessidades tem de sair de si mesmo e procurar os meios de se satisfazer; conhecendo porém suas tentativas a analogia que tem com elle, procura então, animado pelo resultado, descobrir os objectos mais remotos, esperando sempre tirar desse conhecimento meios de augmentar o seu prazer, ou diminuir seus desgostos: tal é a origem das artes e das sciencias. Fracos successos e grandes esperanças nos sustem e animam nossa penivel indagação: adquirimos insensivelmente o habito de reflectir e comparar, e chegamos enfim ao ponto de amar

as artes e as sciencias, que não servem muitas vezes senão de apartar-nos dos deveres ligados á nossa condição. Mais feitos para obrar, do que para conhecer, experimentamos um desgosto que nos leva a nosso primeiro destino; porém mais vãos do que razoaveis, tomam então para as especulações alguns instantes de ligeiro prazer, e consumimos assim a vida, perseguindo uma sombra fugitiva — a verdade; — ou procurando no estudo um remedio a essa inquietação, tão natural ao homem.

O interesse e as necessidades, o desejo do bem, a pratica das virtudes, fazem a occupação da vida do homem um bem de si e da sociedade.

Remedio para o amor.

O famoso padre Antonio Vieira, no sermão do Mandato, tratando do amor, diz:

« Os remedios do amor, mais poderosos e efficazes que até agora tem descoberto a natureza, approved a experiencia, e receitado a arte, são quatro: o *tempo*, a *ausencia*, a *ingratidão*, e sobre tudo o *melhorar de objecto*.

« O primeiro remedio, como dizemos, é o tempo. Tudo cura o tempo, tudo faz esquecer, tudo gasta, tudo digere, tudo acaba. Atreve-se o tempo a columnas de marmore, quanto mais a corações de cera? São as affeições como as vidas, que não ha mais certo sinal de haverem de durar pouco, que terem durado muito. São como as linhas, que partem do centro para a circumferencia, que quanto mais continuadas, tanto menos unidas. Por isso os antigos sabiamente pintaram o amor menino, porque não ha amor tão robusto que chegue a ser velho. De todos os instrumentos, com que o armou a natureza, o desarma o tempo. Afronta-lhe o arco, com que já não atira; embota-lhe as settas, com que já não fere; abre-lhe os olhos, com que vê o que não via, e faz-lhe crescer as azas, com que voa e foge. A razão natural de toda esta differença, é por que o tempo tira a novidade ás cousas, descobre os defeitos, enfastia-lhe o gosto, e basta que sejam usadas para não serem as mesmas. Gasta-se o ferro com o uso, quanto mais o amor? O mesmo amar é

causa de não amar, e o ter amado muito, de amar menos. Baste por todos os exemplos o do amor de David.

« O segundo remedio do amor, é a ausencia. Muitas enfermidades se curam só com a mudança do ar; o amor com a da terra. E' o amor como a lua, que em havendo terra em meio, da-o por eclypsado. A' sepultura chamou David discretamente terra do esquecimento: *Terra oblivionis*. E que terra ha, que não seja a terra do esquecimento, se vos passastes á outra terra? Se os mortos são tão esquecidos, havendo tão pouca terra entre elles e os vivos que podem esperar: que se póde esperar dos ausentes? Se quatro palmos de terra causam taes effeitos, tantas legoas que farão? Em os longes passando de tiro de setta, não chegam lá as forças do amor. Seguiu Pedro a CHRISTO de longe, e deste longe que se seguiu? Que aquelle que na presença o defendia com a espada, na ausencia o negou e jurou contra elle. Os philosophos definiram a morte pela ausencia: *Mors est absentia animæ à corpore*. E a ausencia tambem se ha definir pela morte, posto que seja uma morte de que muitas vezes se resuscita. Vêde-o nos effeitos naturaes de uma e outra. Os dous primeiros effeitos da morte são dividir e esfriar. Morreo um homem, apartou-se a alma do corpo: se o apalpardes logo, achareis algumas reliquias de calor; se tornastes dahi a pouco, tocastes um cadaver frio, uma estatua de regêlo. Estes mesmos effeitos, ou poderes, tem a vice-morte, a ausencia. Despediram-se com grandes demonstrações de affecto, os que muito se amavam, apartaram-se enfim; se tomardes logo o pulso ao mais enternecido, achareis que palpita no coração as saudades, que rebentam nos olhos as lagrimas, e que sabem da bocca alguns suspiros, que são as ultimas respirações do amor. Mas se tornardes depois destes officios de corpo presente, que achareis? Os olhos enxutos, a bocca muda, o coração socegado: tudo esquecimento, tudo frieza. Fez a ausencia seu officio como a morte; apartou, e depois de apartar esfriou.

« O terceiro remedio do amor, é a ingratição. Assim como os remedios mais efficazes são ordinariamente os mais violentos; assim a ingratição é o remedio mais sensitivo do amor, e juntamente o mais effectivo. A virtude que lho dá tamanha efficacia, se eu bem o considero, é ter este remedio da sua parte a razão. Diminuir o amor o tempo, esfriar

o amor a ausencia, é semrazão de que todos se queixam: mas que a ingratitude mude o amor e o converta em aborrecimento, a mesma razão o approva, o persuade, e parece que o manda. Que sentença mais justa, que privar do amor a um ingrato? O tempo é natureza, a ausencia pôde ser força, a ingratitude sempre é delicto. Se ponderarmos os effeitos de cada um destes contrarios, acharemos que a ingratitude é o mais forte. O tempo tira ao amor a novidade, a ausencia tira-lhe a communição, a ingratitude tira-lhe o motivo. De sorte que o amigo, por ser antigo, ou por estar ausente, não perde o merecimento de ser amado: se o deixamos de amar, não é culpa sua, é injustiça nossa: porém se foi ingrato, não só ficou indigno do mais tibio amor, mas merecedor de todo o odio. Finalmente, o tempo e a ausencia combatem o amor pela memoria, a ingratitude pelo entendimento e pela vontade. E ferido o amor no cerebro, no coração, como pôde viver? O exemplo que temos para justificar esta razão ainda é maior que os passados. Adão e Caim.

« Não havendo aproveitado até agora, nem o remedio natural do tempo, nem o artificial da ausencia, nem o violento da ingratitude; antes tendo mostrado a experiencia que com os remedios cresce a enfermidade, e com os contrarios se augmenta, como já disse Ricardo Victorino: *Quis amoris incendium ex alterutra contradictione magis exaestuat*: tambem eu parára aqui, e deixara de applicar ou explicar o quarto remedio, se elle não fôra tão poderoso e superior na efficacia a todos, que sobre a maior desconfiança pôde dar esperanças de melhoria

« E', pois, o quarto e ultimo remedio do amor, e com o qual ninguem deixou de sarar, o melhorar de objecto. Dizem que um amor com outro se paga, e mais certo é, que um amor com outro se apaga. Assim como dous contrarios em gráo intenso não podem estar juntos em um sujeito, assim no mesmo coração não podem caber dous amores; porque o amor que não é intenso, não é amor. Ora grande cousa deve de ser o amor, pois sendo assim, que não bastam a encher um coração mil mundos, não cabem em um coração dous amores. D'aqui vem, que se acaso se encontram e pleiteiam sobre o lugar, sempre fica a victoria pelo melhor objecto. E' o amor entre os affectos como a luz entre as ca-

lidades. Commummente se diz que o maior contrario da luz são as trevas, e não é assim. O maior contrario da luz, é outra luz maior.»

Da dor.

A *dor* é o sentimento do mal presente, que nos chega pela privação ou perda de algum bem. Este sentimento se reproduz algumas vezes pela lembrança de um mal passado, que a imaginação vivamente nos apresenta; que estragos não produz essa perda!

E ella só, geme!
Em languido silencio, quasi morte,
Só vida, por que sente. — E vêem-se as lagrimas
A fio e fio a lhe cahir dos olhos,
Tão róxos, tão inchados, já sem lume,
Que lhe apagou a dor a luz e o brilho.
Olha as mãos esfriadas que lhe cahem,
Desfallecida! Misera! Que magoa
Não está desfazendo aquelle peito!
Ai do seu coração! Como o tem ella!
Ralado, consummido de amarguras,
Traspassado d'espinhos, embebido
De fel e de veneno! Mas nas faces
Desbotadas, no corpo amortecido
Como ha visos ainda de belleza!
A flor dos annos entre angustia e penas.
Murchou-lh'o o padecer!..

(Lyrica de João Minimo.)

A dor, que sentimos dos soffrimentos que causa a molestia, não produz tantos estragos como a dor da alma. A respeito da dor que sentimos pela perda ou privação de algum bem, é signal de fraqueza de espirito; porque a dor e o arrependimento não reparam os males.

Metastasio quer que a dor, por mais duração que tenha, a

não ser profundamente vehemente, nunca chega a matar, e por isso disse:

E' falso dizer que mata
Uma dor que muito dura,
Pois facilmente se atura
A que não chega a matar,
Esta que eu padeço é pena,
Que cança
Toda a constança,
Que a vida me envenena
Que me não deixa acabar.

Ha entretanto perdas taes, como a da mulher que profundamente amamos, de um filho, de um pae ou mãe, ou de um querido amigo, que nos são tão sensiveis, que apesar de toda a força de espirito imaginavel não nos podemos defender: é um tributo que devemos á natureza, mas é ser se insensato se a elle nos entregarmos de todo.

Na verdadeira dor da alma não se pôde chorar, quasi sempre os estragos são promptos.

Um velho amava muito a um unico filho que tinha, o qual era sacerdote na Bahia: sahindo este uma manhã para a rua, foi acommettido de uma apoplexia fulminante, e sendo conduzido para casa morto, a mãe atirou-se sobre elle, e desfeita em lagrimas desafogou o coração; porém o velho pae, sentado em sua poltrona fronteiro ao filho, e com os olhos nelle, mudo e silencioso, poucas horas lhe sobreviveo.

A dôr, que é uma modificação da actividade, uma maneira penosa e desagradavel de existir, é a causa das nossas antipathias, e conjunctamente, o primeiro movel das nossas acções. E' commum a todos os animaes, e desperta a guarda de sua conservação. Ordinariamente é produzida pelo abuso do prazer, pela laxidão dos órgãos que nos transmittem as impressões dos objectos exteriores ou que estão em nossa imaginação pelos choques dos corpos estranhos, e por seu encontro imprevisto.

As grandes dores, e os prazeres excessivos, são mudos: a rapidez dos movimentos d'alma e sua irregularidade, desarranjam os laços secretos que a unem ao corpo; o rubor que cora o rosto, ou a pallidez que o cobre; as pulsações do coração, e algumas vezes o tremor de todo o corpo, d'ahi provem: esse torpor, essa estupidez apparente é que faz

commummente dizer-se que a alma se aperta, como se ella tivesse extensão e penetrabilidade.

Muitas vezes a dor tem produzido effeitos maravilhosos, e desenvolvido os grandes homens; em accesso de dor arrojou a sua espada Gusmão, o bom, para que decapitassem a seu filho sob os muros de Tarifa; em um excesso de dor escreveu Byron as suas melhores paginas, nas quaes vislumbra Maria Chaworth; em um momento de dor pronunciou Talleyrand o seu celebre discurso contra Robspierre, por ordenar a sua capitação e de sua noiva Josephina: este discurso eloquentissimo fez que a assembléa approvasse o famoso decreto contra o sanguinario e façanhudo demagogo. Em um extase de dor escreveu Tasso suas inimitaveis estrophes; em um rasgo de sentimento por sua prima, adquirio Cooper essa habitual melancolia e pensativa amargura, que inspiram em seus numerosos escriptos: nunca foi tão grande o poeta Petrarcha, como quando o arroubou um extase de dor pela noticia da morte de Laura; Milton pintou o demonio mais grandioso que as outras suas personagens, por que sua obstinada mulher fazia-o muitas vezes ver o Paraiso Perdido, ainda estando cego. O celebre Santos e Silva, mergulhado na dor pela perda da sua Lesbia, escreveu o seu famoso poema a Sepultura. O nosso amigo, o visconde da Pedra Branca, por um excesso de dor, escreveu o seu bello poema os Tumulos. O celebre Moraes da Palmeira dos Indios, tornou-se o maior malvado dos tempos modernos, por lhe terem assassinado o pae e um cunhado.

Emfim, estes momentos de intenso padecer da alma, são muitas vezes periodicos, e se effectuam em momentos exceptionaes, em que a actividade da alma domina sobre as outras potencias: e quaes são os conductores deste maravilhoso poder espirital? os nervos do sentimento, que reagem sobre as potencias d'alma a ponto de dominal-a.

Do odio.

O odio é um sentimento de adversão; é uma repulsão que sentimos para tudo que olhamos como um mal. Elle nos foi dado pela natureza para guarda da nossa conserva-

ção, e para repellir a offensa. O odio é quasi sempre um movimento cego, que nos arrasta e que apaga toda a razão.

O odio muda-se em Eumenides (diz o padre Brumey); o amor, surgido do casto seio da natureza innocente, respirava um ar puro: nascido para procurar a suprema felicidade, para se alimentar de virtudes e repousar em sua origem, afastou-se do seu caminho e foi seduzido pelas bellezas mortaes. Nascido o odio, para evitar os males, para oborrer o vicio e castigal-o, e para conservar as virtudes, teve por fim de se encontrar com o *ciume*. Do ciume (diz Lo Brum) se gera o odio, e como essas paixões tem grande semelhança entre si, e os movimentos exteriores são quasi iguaes, por isso nada temos a notar de differente e nem de particular no ciume que se não encontre no odio. O nosso amigo, o Sr. Castilho; descrevendo o caracter destas duas paixões, se exprime assim:

Pudesse eu pôr na voz do odio a furia!
Mudando em turbilhão, lançar um grito
Por lago, serras, bosque, de repente
O tigre fulminar, transir a ingrata!
Velho, alem... sob a extrema do horisonte...
Lá onde mais negreja... é lá o inferno.
Ali, a luz do horoscopo maligno,
Nasci, amei, amaram-me, fui morto.
Ai de hora a hora o sou, de instante a instante!
Agora mesmo que me crês contigo,
Lá me estão novamente apunhalando!!!
Tu nada vêz. e eu vejo tudo! oh tudo!!!
Em vão lhe ruge o bosque ameaças torvas
De balde treme o valle, os céos retroam;
Lá vai o impio feliz... lá chega occulto...
Bate; ninguém o ouvio, ouvio a ingrata.
Volveo-se a chave cumplice no crime...
Entra... feixam-se!.. Os passos tenebrosos
Lhes guia amor nefando ao leito horrivel!..
Longe o pudor e os véos!.. Cresce o delirio!..
Fervem beijos de furias e demonios...
Tornou-os um do crime a sympathia!!
A tela sótoposta ao jogo infame
Cobre este coração que espesinhado,
Veneno, sangue e lagrimas escorre.
Julgam-se immunes, sós, neste universo;

Insensatos! meus olhos os contemplam,
Os meus ouvidos por seus labios roçam
E eu vago inteiro pela mente de ambos.
Deos, que a vil, como a mim trabio jurando,
Não mos fulmines, fóra leve a pena:
Torna-os immoveis, sem tirar-lhes a vida;
Tectos, muros subverte, expostos jazam
Por toda a eternidade exemplo ao mundo.
Emquanto olhos e mãos houver na terra,
Bons e máos apedrejem-os passando:
Vendo perpetua a dor, sem fim o ultraje,
Surdo o céu, surda a morte, o amor convertam
Em maldições de fel, em mutuos odios:
Parecendo gozar, mordam-se uivando,
E engula um do outro os olhos desvendados!
Ai perfida!.. Oh vingança... oh minha sêde!..
Vivas se pungem nas entranhas da alma
Puhaladas da mão que se adorara.

(C. do Bardo).

No odio, a voz é grossa quando se principia a fallar, mas no fim torna-se muito aguda: os olhos tomam maior brilho que de ordinario; a expressão physionomica torna-se sombria e carregada; os movimentos são rapidos.

Para se excitar o odio, convem enumerar separadamente e com exaggeração as maldades e os vicios d'aquelle contra quem se move, e pintar vivamente as acções que se oppoem ao homem que muito estimamos. Convem mesmo inspirar o odio que se possui; e para desvanecel-o convem seguir o caminho opposto.

Da alegria.

A *alegria* é o prazer que a alma sente quando considera a posse de um bem presente ou futuro, que tem como certo. Ella é um signal do contentamento do coração, e este raras vezes se pôde alegrar sem a boa consciencia.

Quando se não tem o espirito e o coração gasto pelos sentimentos que seduzem a imaginação, e nem por paixões ardentes, encontra-se a alegria facilmente; tendo por origem a saude e a innocencia. Mas logo que se tem a desgraça de

se acostumar a prazeres vivos, fica-se insensível aos verdadeiros.

A alegria é um sentimento mais vivo que o regosijo, e é mais do character que do habito.

Le Brum diz: « Se a alegria se apossa da alma, os movimentos que a experimem são totalmente differentes das outras paixões: na alegria, a testa fica serena, a sobrançelha sem movimento e arqueada; os olhos mediocremente abertos e risonhos; as pupillas vivas e sintilantes; as ventas pouco abertas; a bocca com os cantos um tanto erguidos; a tez brilhante; as faces e os labios vermelhos.»

Diz um escriptor, que a alegria quasi que só se encontra no povo, por que ordinariamente pensa pouco.

Roquete, discriminando os valores das palavras *alegria* e *contentamento*, etc., diz que o contentamento é uma situação agradável do animo, causada ou pelo bem que se possui, ou pelo gosto que se logra, ou pela satisfação do que se goza. Quando o contentamento se manifesta exteriormente nas acções e palavras, é *alegria*. Póde uma pessoa estar contente e não *alegre*: *alegre* e não contente. Póde fingir-se a *alegria*, porque é demonstração exterior e pertence á imaginação; não assim o contentamento, que é affecto interior, e pertencê principalmente ao juizo e á reflexão. Dizemos que o contentamento é philosophico, a alegria poetica; aquelle suppõe igualdade e socego de animo, tranquillidade de consciencia, conduz a felicidade e sempre a acompanha; ao contrario, esta é desigual, buliçosa, e até immoderada, quiza louca em seus transportes; muitas vezes prescinde da consciencia, ou é surda a seus gritos, porque na embriaguez do espirito se deixa arrastar da força do prazer; não é a felicidade, nem a ella conduz, nem a acompanha. O homem *alegre* nem sempre é feliz; muitos ha que, sem mostrarem alegria, gozam de felicidade.

A felicidade, segundo D. Fr. Francisco de S. Luiz, é um sentimento menos vivo, mais tranquillo e suave que a *alegria*: o *jubilo* é mais animado que a *alegria*, e manifesta-se por sons, vozes, gritos de acclamação. A *exaltação* é o ultimo grão da *alegria*, que não cabendo no coração, rompe em saltos, dansas, etc., segundo a força do verbo exultar, que é saltar de gozo, de alegria. O *regosijo*, é o gozo repetido ou prolongado, e quasi sempre se applica ás demonstrações

publicas de gosto e alegria, celebradas com festas, bailes, etc., em memoria de faustos acontecimentos.

Da felicidade.

A felicidade é o sentimento que se possui da ventura. Um homem pôde ser feliz sem gozar a felicidade: um desgosto passageiro, uma leve dor, os resultados de uma molestia, uma difficuldade mesma, um motivo muito insignificante, impedem algumas vezes de se gozar uma ventura.

Dizia Thales, que a felicidade do corpo consiste na saude, e a do espirito na sabedoria. Ella é um tranquillo esquecimento e uma suave illusão. A felicidade, diz Rochfoucauld, está no gosto e não nas cousas: é na posse do que amamos, que somos felizes, e não por termos o que os outros acham amavel.

A posse dos bens, diz o abbade Girard, de honras, de amigos, da saude, fazem a ventura da vida; mas o que faz a felicidade é o ouro, o gozo, o sentimento e o gosto de todas as cousas.

A felicidade, diz Voltaire, é o estado permanente do contentamento da alma, ao menos por algum tempo: este estado é muito raro. Pôde acontecer-nos uma ventura; uma ventura pôde vir: tenho uma ventura, porém não se pôde dizer: temos uma felicidade. Quando se diz: este homem goza de uma perfeita felicidade, o termo uma, não se toma numericamente, e serve somente para mostrar que a felicidade de que elle goza é perfeita. Pode-se ter uma ventura sem ser-se feliz: um homem tem a ventura de escapar a uma desgraça, e muitas vezes é mais desgraçado. A ventura se differença da felicidade; a ventura tem seus grãos, a felicidade não. Uma ventura é um acontecimento favoravel, e tomada indifferentemente, é ella uma continuação desses acontecimentos: o prazer é um sentimento agradável e passageiro: a ventura, considerada como sentimento, é uma successão de prazeres; a prosperidade é uma successão de acontecimentos favoraveis; a felicidade um gozo intimo da prosperidade que se frue.

Do gozo.

O gozo é o sentimento reflectido e agradável da posse de um objecto que se ama. Para gozar-se bem as cousas, é preciso conhecer-lhes o preço, e não desejal-as inui ardentemente: o ardor dos desejos e a imaginação que exaggera o valor das cousas, levam a perturbação ao gozo e arrastam o desgosto a pós elle.

Conhecemos pessoas que possuem cousas de grande valor, e que não gozam por não saberem dar-lhes a estima que merecem; d'aqui vem que os moralistas discriminando os sentimentos, dizem que o gosto applica-se particularmente ao moral, e o gozo ao physico, e só figuradamente ao moral: — o gosto que me causou sua vista, encheo de gozo meu coração. Não se diz o gosto da alma, senão o gozo; nem o gozo de comer uma fruta, senão o gosto.

Applicados ao moral, o gozo suppõe um effeito mais inherente, mais sublime, causado por objectos mais nobres; o gosto é uma sensação menos subida, e causada por objectos mais communs.

Da satisfação.

A *satisfação* é o sentimento jucundo que experimentamos quando se cumpre nosso desejo ou nosso gosto; se este sentimento é cabal e duravel, se nelle se aquieta a alma judiciosamente o approva, esse é o estado de contentamento. A satisfação precede o contentamento, o qual é sua consequencia ou o seu complemento.

O contentamento está no coração, e a satisfação está nas paixões: o primeiro é um sentimento que traz a alma sempre tranquilla; o segundo é um successo que lança a alma ás vezes em perturbação. Um homem inquieto e timido, nunca está satisfeito.

Quasi que não é possível que um homem esclarecido fique satisfeito com seu trabalho, ainda que esteja contente com a escolha do assumpto.

Muitas pessoas que trabalham admiravelmente, só ficam contentes quando se lhes dá apreço a seus trabalhos, e no

entanto vivem satisfeitas com elles. Está-se contente quando se não tem mais cuidados, ainda que se não esteja sempre satisfeito, quando se obtem aquillo em que se cuidava. Quantas vezes acontece não estar a gente contente, depois de ter sido satisfeito! Só DEOS é que póde gozar de perfeito contentamento: o homem, sendo um ser contingente, não póde gozar na terra senão de um contentamento imperfecto, porém sufficiente para assegurar-lhe a felicidade de que é susceptivel. Este contentamento refere-se ao interior de seu coração, e consiste no sentimento reflectido e habitual que lhe torna a alma tranquilla, que fal-a gozar do que possui, e cujo gozo elle desfruta no estado em que está collocado, sem desejos inquietos capazes de lhe perturbarem o descanso. A alegria muitas vezes passageira, não é mais que uma demonstração exterior, que exprime o estado agradável porém momentaneo, do coração, que algumas vezes agita o espirito.

Uma paixão satisfeita, produz tambem um tormento sobre o successo com que se applaude; o prazer é ainda uma sensação agradável, porém pouco duravel, cujas consequências são muitas vezes desgostosas, e algumas vezes mesmo amargas. Nem a alegria, a satisfação e os prazeres, produzem o verdadeiro contentamento. Depois de nos havermos entregado á alegria, depois de termos satisfeito a uma paixão, depois de termos gozado um prazer, a alma não está mais tranquilla, e ordinariamente ficamos menos contente que antes.

Tudo quanto é exterior á nossa alma, como sejam: riquezas, honras, póde contribuir para a felicidade daquelle que sabe gozar de suas vantagens, porém isso ainda não faz o contentamento do espirito: para isto é mister mais alguma cousa; disposição para o gozo desse estado, sentimento de approvação de si proprio, aptidão para achar a felicidade no que é seu e no que possui. Muitas vezes mesmo póde-se estar n'um estado de contentamento, que é o da felicidade. Suas honras, amigos, saude, tudo isto póde contribuir para a felicidade de um homem, porém o que faz a felicidade, o que produz o contentamento, é o uso desses bens, é o gozo, é o sentimento e o gosto de todas essas cousas; é o estado de uma alma tranquilla, que se conhece, sente-se e approva-se. Assim, as cousas estranhas

podem servir á felicidade dos humanos, mas o homem sabio faz a sua propria felicidade, procurando e conservando o contentamento do espirito.

O homem contente, é, pois, aquelle que se satisfaz bastante com o seu estado interior e exterior, para desejar nelle conservar-se, e que se fórma em outras occasiões alguns outros desejos os proporciona ás suas posses, sem perder a tranquillidade d'alma. A origem dos nossos desejos depende da sensibilidade natural e da ligação das nossas idéas; a origem do nosso poder depende das leis physicas e da vontade dos entes pensantes com quem vivemos. Com um espirito justo aprende-se a regular a moderar os desejos, a proporcional-os a suas posses, combinal-os, submettel-os mesmo á vontade dos outros a renuncial-os, se as circumstancias o exigirem; por tanto, para se conseguir o contentamento do espirito, é preciso ter espirito justo, logica natural, ver as coisas taes como são em suas relações, saber julgar, comparar e obrar com rectidão.

A presumpção, o orgulho, a ambição, todas as paixões violentas são por isso mesmo obstaculos ao verdadeiro contentamento, porque são uma origem inexgotavel de desejos immoderados que afugentam a alma da tranquillidade. Chamados, todavia, a conviver com nossos semelhantes em diversas relações, conhecer distinctamente os deveres que resultam d'essas relações, e preenchel-os exactamente, é um outro meio de se estar contente e sempre tranquillo.

O homem de razão esclarecida pelo estudo e experiencia, sente que lhe falta uma cousa para a sua felicidade na terra, que é perturbada por obstaculos que elle não póde vencer: seu coração não póde estar satisfeito na estreita senda dos bens de que goza; seus desejos o levam a cuidar em outra existencia depois desta vida. Procura um ente capaz de lhe proporcionar contentamento; uma outra economia; uma felicidade de que se sente capaz. Seu coração só póde estar contente quando seu espirito se persuade que ha com effeito um Ente, que póde e quer conduzil-o á felicidade de que é susceptivel: então é que sua alma fica tranquilla e contente, e se alguma cousa ainda lhe falta sobre a terra, elle se sustenta, se consola, e se tranquillisa com a esperança da compensação que espera.

Do enthusiasmo.

O *enthusiasmo*, é um esforço extraordinario, com o qual rapidamente se enleva a alma para objectos que sobrepujam a commum capacidade humana. Os latinos chamam a este sentimento affecto divino, ou melhor ainda, furor ou espirito divino, como o que pretendem ter os poetas nos seus vaticinios contra os effeitos da força da sua imaginação, como bem descreve Filinto Elysio:

Éstro filho de Apollo, quando desces
Do verde Pindo, sobre accesas nuvens,
 Impetuoso assaltas
 Inopinado Ingenho,
E chamma imperiosa, insana furia
Levantas na alma digna de teu vôo.

Tu á morada Olympia arrebataste
O Cantor Grego, Pae da heroica tuba,
 Que Achilles iracundo
 Troa, quando affadiga
O anhelante Hector, longe dos muros
Da emmudecida Troya descórada.

Tu lhe déste ousadia, com que olhasse
Fito a fito o tremendo Soberano
 Dos Deoses e dos Homens,
 Que só c'um sobre-cenho
(Quando a cholera as faces lhe roxêa)
Abala os céos e a terra, empóla os mares.

O padre Blatau diz, que como não chegam as nossas forças á sublimidade d'aquelles objectos, e que na esphera da nossa natureza, os que para estes raptos tem melhor disposição, não podem fazer grandes progressos, nem ir muito longe, se os não levarem; sempre foi tido por cousa certa, que necessariamente nestes extraordinarios esforços se unisonava um não sei que de divino, que arrebatava a natureza, e d'este não sei que, que alguns chamam espirito, ou fogo divino, se compõe a palavra *enthusiasmo*, que os Gregos compuzeram para expressar estes raptos. Agora é de advertir que os enthusiasmos e arroubamentos são varios e de di-

versas especies, segundo a differença das faculdades enlevadas, e segundo a diversidade dos objectos, para os quaes se enlevam. Se o raptó é só pela parte intellectual e pela imaginativa, potencia subalterna e subordinada, então toma o raptó as idéas luminosas e excelsas, as imagens nobres e de grande representação; e subsiste com visões illustres e expressões vigorosas e magnificas, e é propriamente aquello enthusiasmo que ignorantes e nescios chamam a loucura dos poetas. Se pois este raptó é de toda a pessoa, se a parte intellectual prevalece ao appetite, se a alma arrebatá o corpo, e se com mutua e suave violencia aspira ao bem Divino e soberano, ou aquella nobre eminencia, que nesta vida é o ultimo termo de perfeita e consummada virtude, então esse raptó geral, que é raptó de acção, é o enthusiasmo que se attribue aos heroes, e que na virtude heroica é buscado pelos philosophos.

Do Regosijo.

O *regosijo* é um sentimento de complacencia em nossas paixões, e provém da consideração de sua utilidade, relativamente a nós.

O *regosijo* differe da alegria, por ser menos vivo que esta, e tambem por ser fruto da reflexão; no entanto que a alegria é effeito do temperamento.

O *regosijo* é o mais precioso bem da natureza, e o mais agradável para si e para os outros. Serve de espirito na sociedade e de companhia na solidão. E' o primeiro encanto da mocidade, e o ornato da idade proveta. O *regosijo* é opposto á *tristeza*, assim como a *alegria* ao *desgosto*: a *alegria* e o *desgosto* são situações; a *tristeza* e o *regosijo* são caracteres. Mas muitas vezes os caracteres mais seguros são destruidos pelas situações, e é por isso que se vê o homem *triste* entregar-se á *alegria*, e o alegre ao *desgosto*. Raramente se encontra a alegria onde não ha saúde. A verdadeira *alegria*, como que circula o systema arterial venoso. A alegria que é só exterior, é como uma flor artificial, que só é feita para enganar os olhos: a alegria deve presidir aos prazeres da mesa, mas basta muitas vezes chamal-a para ella fugir.

Do gosto.

O *gosto* é uma especie de instincto, que nos descobre de repente e sem ajuda da reflexão, o bom e o máo das obras. Só elle pôde julgar das cousas sensiveis, e é nisso que differe do *juizo*, que se estende sobre tudo; porém suas decisões neim sempre são justas como as do *gosto*.

O *gosto* provém de uma feliz disposição dos orgãos, e se aperfeiçoa pelo estudo e pela pratica. Percebe de um só lance de vista os defeitos ou as bellezas de uma obra, compara-os, aprecia-os e julga-os; mas esse exame e esse julgamento são delicados e promptos, que parecem antes effeito do sentimento que da discussão.

Entende-se tambem por *gosto* esses sentimentos passageiros de affeição, que nos attrahem rapidamente para um objecto, e essas vivas enlevações de uma alma para os prazeres. Esses gostos são tão inconstantes, como o prazer que delles é causa. E' tão ordinario ver mudar o *gosto* (diz Rochefoucauld), como extraordinario ver mudar as inclinações. Um *gosto* vivo é semelhante a uma paixão.

Do contentamento.

(*Vide alegria*).

Do extase.

O *extase* é uma maneira de existir, muito differente do estado ordinario. Quando a admiração é causada por algum objecto que está acima do conhecimento da alma, como o poder de DEOS e sua infinita grandeza, então os movimentos de admiração e de veneração serão differentes; a cabeça e a pupilla inclinam-se para o lado do coração: a inclinação da cabeça denota prostração da alma.

Por esta razão é que os olhos e as sobrancelhas não são abaixados do lado externo, mas levantados para o Céu, onde parecem fitos para descobrir o que a alma não pôde

conhecer. A bocca é um tanto aberta, tendo os cantos erguidos, o que testemunha o extase. Se ao contrario do que acabamos de dizer, o objecto que a principio causa-nos admiração, nada tem que nos mereça estima, e sim o desprezo.

Guepin, na sua theoria do Extase e do Extatico, suppondo ser o extase um poder reflexo que tem a intelligencia e o cerebro, que privados dos seus meios habituaes de communicação, faz criar novos, e então transportados ao epigastro, dá origem a phenomenos particulares, pela ausencia da contractibilidade muscular, e sobre tudo da sensibilidade, que deslharmonizando os sentidos, dá origem a este modo de existir que se nota nos extaticos.

Do desejo.

O *desejo* é certa inclinação da alma, cujo objecto são as cousas e não as pessoas, taes são: o desejo de saber, de viver em sociedade, da estima dos outros, da excellencia e superioridade do poder e do mando. Diferença-se o *desejo* do *appetite*; primeiro, em que este (o *appetite*), reside no corpo, e aquelle na alma; segundo, em que este vem de tempo a tempo, e aquelle promptamente; terceiro, em que esto sacia-se, e aquelle não se farta. O desejo é um acto mais positivo, mais decidido da vontade: por pouco que esta se incline ao desejo, já começa a haver paixão, e segundo os adjectivos com que se acompanhe, serão maiores ou menores, fortes ou moderados: tenho desejo vehemente de tal cousa, neste caso já é paixão manifesta.

Da falsificação.

E' a *falsificação* a acção pela qual o homem falsifica um objecto que era verdadeiro em si mesmo. Ha differença em fabricar uma cousa falsa e falsificar. Fabricar uma cousa falsa, é fabricar um objecto que não existia, e dar-lhe um caracter supposto; ao contrario, falsificar uma cousa, é supprimir ou ajuntar alguma cousa a um objecto verdadeiro

em si mesmo, a fim de enganar. Esta acção, por demais reprehensível, é muitas vezes paixão dominante em alguns indivíduos.

Da vangloria.

A *vangloria* é uma paixão, resultante do abuso que se faz da superioridade das honras. Como paixão ordinaria, ella só póde ser filha dos sentimentos mesquinhos de quem a possui. O verdadeiro merecimento despreza a vangloria, porque comprehende o desejo das honras em relação ás suas circumstancias.

Da rectidão.

A *rectidão* é a acção, pela qual a nossa alma obra com recta intenção, boa conformidade, e boa vontade. Este sentimento é de tão subido valor na sociedade, que quem o possui é olhado com estima e apreço. E' a rectidão a partilha do julgador, e sempre que d'ella se afasta, aparta-se da justiça.

Do reconhecimento.

O *reconhecimento* é o sentimento de um beneficio junto ao desejo de mostrar a obrigação em que se está: é uma virtude tanto mais estimavel, por ser o penivel fructo da reflexão, visto os homens serem naturalmente ingratos. Seu amor proprio julga-se humilhado em receber, e vê-se muitas vezes, para vergonha da humanidade, que longe de procurar testemunhar o reconhecimento de um beneficio, fogem do seu bemfeitor. Comtudo, o habito do reconhecimento torna a pratica tão facil, que nos parece em seguida uma disposição natural. Elle é o unico thesouro do pobre, diz Shakespeare, como é amante dos bons corações.

Da emulação.

A *emulação* é um desejo de imitar os outros pelo bom

comportamento, e até de excedel-os se possível for. Sem *emulação*, sem as paixões que nos fazem obrar, tudo se acabaria no mundo moral. A *emulação*, diz o cavalheiro de Ioucourt, é uma paixão nobre e generosa, que admirando o merecimento, o bello, e as acções de outrem, cuida em imital-o ou excedel-o, trabalhando com coragem para isso por principios honrados e virtuosos. Eis o character da *emulação*, e o que a distingue de uma ambição desordenada do ciume e da inveja: busca as dignidades, os cargos e os empregos pela honra e pelo amor do dever e da patria, que o anima.

A *emulação* e o *ciume*, quasi que só se encontram nas pessoas da arte, do mesmo talento e mesma condição. Um homem de espirito, diz La Bruyère, não é ciumento e nem emulo de um obreiro que fabrica uma boa espada, ou de um estatuario que acaba de fazer uma bella estatua: elle sabe que ha nas artes regras e um methodo que não adivinha; que ha utencilios dos quaes nem conhece o uso, nem os nomes e as figuras; certo de que não estudou essa materia para não ter aspirações.

A *emulação* é um sentimento voluntario, corajoso e sincero, que torna a alma fecunda, fazendo-a aproveitar os bons exemplos, elevando-a acima mesmo do que ella mais admira: o *ciume*, ao contrario, é um movimento violento, e como que uma confissão forçada da falta de merito, fazendo negar o que existe nos outros; é uma paixão vergonhosa, que por seu excesso se torna reprehensiva.

O Sr. P. J. da Fonseca, fallando da *emulação*, faz sentir, que ella se differença da inveja em ser uma paixão boa e de almas virtuosas, sendo a inveja inteiramente ao contrario; aquella procura conseguir por meios legitimos os bens que se desejam, quando o principal fim da inveja é privar delles os outros. Demais, a *emulação* suppõe o apreço que se faz dos seus rivaes, pelo que fica sendo opposta ao desprezo; de maneira que as mesmas riquezas e dignidades, que possuidas por pessoas qualificadas em merecimento podem mover aquelle affecto, provocam o desprezo, havidas pelo caminho do vicio, ou para o fim de as mal empregar. Por esta causa Ferreira tem umas e outras em pouca consideração, dizendo:

Ajunta o precioso ouro, que adoras,
Avaro cobiçoso, taes riquezas,
Que havidas temes, que perdidas choras.

Procura honras, estados e altezas,
Ambicioso vão, farta esse pe'lo,
Que emfim contigo acabam essas grandezas.

Excita-se a emulação por tres modos: 1.º, mostrando que pessoas iguaes, ou superiores, gozam aquelles bens que devidamente se estimam, como são: a virtude, a sabedoria, etc., ou outros de que pôde resultar utilidade aos demais, e por cujo meio nos pomos em estado de lhes ser de proveito, assim como os magistrados, as riquezas, etc.; ou finalmente aquelles, cuja posse não pára somente em nós, mas o seu fruto se estende aos nossos amigos, parentes e compatriotas, quaes são por exemplo uma deliciosa herdade, ou rica bibliotheca, etc.

Camões estimula os homens a procurarem a solida gloria e a verdadeira honra, dizendo-lhes:

Por meio destes horridos perigos,
Destes trabalhos graves, e temores,
Alcançam os que são da fama amigos,
As honras immortaes, e os grãos maiores.
Não encostados sempre nos antigos
Troncos nobres de seus antecessores:
Não nos leitos dourados, entre os finos
Animaes de Moscovia Zebellinos.

E pela mesma maneira nas outras estancias até ao fim do Canto.

2.º Representando aquelles a quem se falla, as suas antigas virtudes, se acaso se houverem dellas desviado, ou propondo-lhes outras, que de novo possam adquirir, e fazendo-lhes conhecer a gloria e honra, que ás ditas virtudes são inherentes.

Desta sorte provoca Camões os que são amigos da fama, a poderem-n'a justamente alcançar, dizendo:

Por isso, ó vós, que as famas estimaes,
Se quizerdes no Mundo ser tamanhos,
Despertai já do somno do ocio ignavo,
Que o animo, de livre, faz escravo.

E ponde na cobiça um freio duro;
E na ambição tambem: que indignamente
Tomaes mil vezes: e no torpe e escuro
Vicio da tyrannia, infame e urgente.

E continúa:

Ou dai na paz as leis iguaes, constantes,
Que aos Grandes não dêem o dos Pequenos;
Ou vos vesti das armas rutilantes,
Contra a lei dos inimigos Sarracenos.
Fareis os Reinos grandes e possantes,
E todos tereis mais, e nenhum menos:
Possuireis riquezas merecidas,
Com as honras, que illustram tanto as vidas.

3.º Propondo o exemplo dos antepassados, e de todos aquelles que possuem as vantagens que podem excitar esta mesmia paixão. Por isso que, segundo adverte o sobredito poeta:

Qualquer Nobre trabalha, que em memoria
Vença, ou iguale os Grandes já passados.
As invejas da illustre e alheia historia
Fazem mil vezes feitos sublimados.
Quem valerosas obras exercita,
Louvor alheio muito o esperta e incita.

D. João de Castro, quando em sala publica se despede de seu filho D. Fernando, que mandá a soccorrer Dio, assim lhe falla: «Encommendo-vos que tenhais lembrança d'aquelles de quem vindes, que para a linhagem são vossos avós, e para as obras são vossos exemplos: fazei por merecer o appellido que herdastes, acordando-vos que *o nascimento em todos é igual, as obras fazem os homens differentes; e em todos é igual, as obras fazem os homens differentes; e lembro-vos que o que vier mais honrado, esse será meu filho. Esta é a benção que nos deixaram nossos maiores, morrer gloriosamente pela lei, pelo rei, e pela patria. Eu*

vós ponho no caminho da honra, em vós está agora ganhada. »

Da altivez.

A *altivez* é o sentimento das próprias vantagens. Ella traz á sociedade uma confiança razoavel, porém torna-se condemnavel quando se lhe mistura o *orgulho* ou o *desdem*. A altivez da alma, diz Voltaire, é um merito compativel com a modestia, quando é sem orgulho. E' só quando a altivez se mostra no ar e maneiras que offende; nesse caso ella até desagrada aos proprios reis. A altivez exterior na sociedade, é expressão de orgulho: a altivez da alma é grandeza. As differenças são mui delicadas, porque o espirito altivo é uma censura, alma altiva é um louvor; o *espirito altivo* entende-se de um homem que pensa vantajosamente de si mesmo; por *alma altiva* entende-se sentimentos elevados. A altivez manifestada no exterior, é tanto defeito, que os pequenos, que por baixaza louvam os grandes por essa qualidade, são obrigados para adoçar-a, ou antes a releval-a, dar-lhe o epitheto de nobre altivez. Ella não é simplesmente a vaidade, que consiste em se fazer valer por cousas pequenas, e nem a presumpção de ser capaz das grandes; não tem tambem o desdem que dá o desprezo das outras á grande opinião de si mesmo; mas se alicia intimamente com todos os seus defeitos. Servem-se desta palavra nos romances, nos versos, e principalmente nas operas, para exprimir a severidade do pudor; encontra se por todo a parte *van altivez*, *rigorosa altivez*. Os poetas tem talvez mais razão do que pensam. A altivez de uma mulher não é simplesmente o pudor severo e o amor do dever, porém tambem o alto preço que seu amor proprio dá á sua belleza. Diz-se algumas vezes *altivez do pincel*, para significar os traços livres e ousados.

Da admiração.

A *admiração* é uma grande surpresa, misturada de respeito, e muitas vezes de amor. Differe do simples espanto

pela importancia do objecto, que é grande e maravilhoso. Um homem de espirito vê poucas cousas dignas de admiração; um estúpido nada admira; e um tolo achia tudo admiravel.

Le Brum diz que a admiração é a primeira e a mais composta de todas as paixões, e na qual o coração sente menos agitação, o rosto tambem pouca mudança soffre em suas partes; se alguma existe, é só na elevação das sobrancelhas; mas os dous lados della estarão iguaes, e então o olho um pouco mais aberto que de ordinario, e as pupillas igualmente entre as palpebras sem movimento; fixa-se sobre o objecto que causa a admiração. A bocca permanece entre-aberta e sem alteração alguma, bem como o resto do rosto. Esta paixão só produz uma suspensão de movimento, para dar tempo á alma deliberar sobre o que deve fazer, e para considerar com attenção o objecto que se lhe apresenta, por que é raro e extraordinario gerar-se a estima do primeiro e simples movimento da admiração.

Do merito.

E' o *merito* o direito que temos ao reconhecimento dos outros pelas boas acções que praticamos: dizia Weis, que só o titulo de homem de merito designa o seu significado: pertence áquelle, a quem as uteis qualidades dão direito a pretender a estima e consideração dos seus semelhantes. Vauvernages quer que nada seja tão util como a reputação, e nada a póe dar como dá o merito. Esta virtude tão importante na vida social, por si só distingue o homem que a possui dos demais, porque sendo nascida das disposições naturaes, embora lhe neguem por algum tempo o valor, acaba por fim de se lhe reconhecer e estimar. **Conhecemos** mulheres de tanto merito, por suas não fingidas qualidades, que sempre que as vemos manifestamos o nosso reconhecimento. O merito de qualquer cousa está na estimação do que ella vale: o merito de uma acção é o fruto de uma boa estimação. O verdadeiro merito do homem está na virtude. A natureza, diz Rochefoucauld, é que faz o merito, mas a fortuna é que o põe em acção.

Da consideração.

A *consideração* é o testemunho dos sentimentos de estima e de respeito que attrahem o merito e as qualidades pessoas, e mais vezes ainda a posição da pessoa e as riquezas. Consiste nos respeitos, nas attenções, nos serviços e no credito.

A *consideração*, diz Duclos, é um sentimento de estima, misturado com uma especie de respeito pessoal, que o homem inspira em seu favor. Gozamos della igualmente entre os nossos inferiores, nossos iguaes, e entre aquelles que nos são superiores por sua posição e nascimento. As mais das vezes a consideração só é dada ás riquezas. E' preciso não confundir a *consideração* com a *reputação*: esta é em geral fructo dos talentos ou da probidade; aquella preza á posição, ao credito, ás riquezas, ou antes, á necessidade que se tem d'aquelles a quem ella se dá. A ausencia ou o afastamento, longe de enfraquecer a reputação, lhe são muitas vezes uteis: a consideração, ao contrario, é toda exterior, e só existe na presença. Um ministro incapaz de exercer tal cargo, tem mais consideração e menos reputação que um homem de letras, ou que um artista celebre. Um homem rico e tolo, tem por sua fortuna consideração; porém o homem de merito, embora pobre, tem reputação.

Da authoridade.

A *authoridade* é o poder legitimo que os superiores exercem sobre aquelles que lhe estão submittidos. A *authoridade* dos soberanos quando se funda na equidade e na justiça, é o mais firme apoio dos estados. O seu dever é fazer executar as leis para manter a ordem civil e promover o bem publico; toda a authoridade que se afasta deste fim, é tyranica. DEOS não fez soberanos, e nem permittio que a natureza os creasse: é á conservação dos povos que os homens se convencionaram em escolher um, em quem depositassem a authoridade, afim de administrar a justiça e de regel-os: foi por tanto a convenção dos povos quem creou os soberanos.

nos; e toda a convenção é uma obrigação reciproca. O primeiro caracter da soberana authoridade, quando ella é pura e legitima e não é degenerada, nem em sua origem, nem em seu fim, é governar pelas leis, e tudo por ellas regular, privando-se mesmo de tudo o que ellas defendem; e isto fez dizer a Massilon, que não é o soberano, mas sim a lei quem deve reinar sobre os povos. Napoleão reconheceo que o soberano só tem um dever para com o estado, que é fazer observar a lei. Luiz XII estava tão certo da sua posição, que dizia ser a lei o soberano dos soberanos. Neste caso, o principe e as leis governam conjunctamente; o que é muito differente do poder arbitrario. O principe guia sua conducta pela ordem, separando assim a sua authoridade da do direito publico. O segundo caracter que distingue a soberana authoridade do poder arbitrario, é saber o principe conservar um meio termo entre a severidade e a complacencia ou moderação.

Do desinteresse.

O *desinteresse* é uma qualidade digna de elogios n'aquelles que a possuem: uns cuidam que consiste em abandonar o proprio interesse pelo interesse dos outros; é um prejuizo. Procurar o interesse proprio, é uma cousa justa, e abandonal-o quando é legitimo e verdadeiro, é fraqueza ou loucura. O desinteresse consiste em não exigir salario pelo serviço que se faz sem que nos custe; e preferirmos o interesse maior dos outros a um menor que nos seja pessoal.

Da contemplação.

A *contemplação* é a attenta consideração que se faz de alguma cousa humana ou divina, ou por outra, é o exame que se faz dos objectos sensiveis e das idéas abstractas e compostas. Ella consiste em conservar sem interrupção a percepção, o nome ou as circumstancias de um objecto que tem a desapparecer. A contemplação, que tem por objecto o conhecimento do homem e das cousas uteis á sociedade,

conduz-nos á virtude; a que se dirige ás causas primas dos effeitos naturaes, e que não tem por fim senão uma vã curiosidade, não é de tanto merito quanto a precedente.

Da brandura.

A *brandura* é um sentimento profundo de complacencia, que nos faz condescender com a vontade de outrem, é uma qualidade do temperamento que a educação e a reflexão fortifica. O autor dos synonymos, fazendo as differenças ideaes da brandura e da docilidade, diz:

« *Docilidade* é, em geral, a facilidade ou aptidão para aprender ou fazer qualquer cousa segundo a vontade dos outros. *Brandura de genio*, ou mansidão, *mansuetudo*, que melhor se exprime pela palavra franceza *douceur*, é a estimavel qualidade que muitas pessoas têm de folgarem de fazer o que os outros desejam. Aquella pertence á vontade; esta á indole. Um menino é docil, quando obedece a seus paes e a seus mestres. Uma mulher é branda de genio, quando outra vontade não tem senão a de seu marido.

« A docilidade póde não ser branda, quando só se contenta com submeter-se; a brandura é sempre docil, é feliz em submeter-se. A docilidade não discute; a brandura nem discutir sabe. Com estudo e reflexão póde adquirir-se a docilidade; a brandura é um dom da natureza. A docilidade é uma virtude que encaminha á sciencia e á perfeição; a brandura é um encanto que nos attrahe para a pessoa que a possui. A docilidade só se exerce quando ha obediencia; a a brandura faz-se sentir a todos os momentos e nas menores occasiões. Crê a docilidade que tem razão de fazer o que d'ella se exige; crê a brandura que têm razão para lh'o exigir. Póde vir a docilidade do sentimento de sua superioridade pessoal; parecê a brandura reconhecer a superioridade dos outros.»

Este affecto, diz o Sr. Fonseca, se move por seis modos contrarios aos da ira, pois toda a demonstração por que se conheça que a acção injuriosa não foi voluntaria, faz que a dita acção se não tome por desprezo, e consequentemente, que em vez de excitar a ira, a modere e aplaque.

1.º Se confessarmos com ingenuidade e arrependimento a culpa commettida.

Quando S. Pedro volta ao Horto, e nelle vê derramado o sangue do Redemptor, arrependido de o haver negado, assim procura abrandar a cólera Divina, segundo a ficção de um poeta:

Oh Senhor meu, que tens da vida a chave,
Se tua bondade (disse) se não cerra,
Co' a malicia de minha culpa grave,
Se val arrepender-se a quem te erra,
Sobr' este Sangue Teu sacro e suave,
Sobr' esta dos Teus pés pisada terra,
Me faz mercê da morte, acabarei
Aqui, onde a temel-a comecei.

2.º Se nos portarmos submissos e humilhados, principalmente quando o offendido for pessoa de espirito generoso.

Egas Muniz em Camões desarma a cólera do rei de Castella, não só pela confissão da propria culpa, e offerecendo-se ao castigo, mas tambem pelo modo lastimoso com que se lhe apresenta acompanhado de mulher e filhos.

Vendo Egas que ficava fementido,
O que delle Castella não cuidava,
Determina de dar a doce vida
A troco da palavra mal cumprida.

E com seus filhos e mulher se parte
A levantar com elles a fiança,
Descalços e despídos de tal arte,
Que mais move a piedade, que a vingança.
Se pretendes, Rei alto, de vingar-te
De minha temeraria confiança,
Dizia, eis-aqui venho offerecido
A te pagar com a vida o promettido.

Ves aqui trago as vidas innocentes
Dos filhos sem peccado, e da consorte:
Se a peitos generosos e excellentes
Dos fracos satisfaz a fera morte;
Vês aqui as mãos, e a lingua delinquentes:
Nellas sós exprimenta toda a sorte
De tormentos, de mortes, pelo estilo
De Sciuis, e do touro de Perillo.

3.º Devem empregar-se para aplacar a ira, aquelles que tem menos força, e em quem não haja suspeita de que possam fazer resistencia ou opposição ao irado; taes são os meninos, as mulheres, os velhos e os sacerdotes, autorisados por dignidades ou virtudes.

Assim lemos, que a formosa Abigail socegára o animo irado de David, Esther o de Assuero, Volumnia e Veturia o de Coriolano, e que por intervenção das Sabinas se estabeleceu a paz entre Romulo e Tacio. Venus na Eneida faz Jupiter favoravel aos Troyanos com suas supplicas e lagrimas, e se serve dos mesmos meios nos Lusíadas, quando o procura tornar placido para com os Portuguezes. A mesma Deosa em outro lugar deste poema:

Abrandar determina por amores
Dos ventos a nojosa companhia,
Mostrando-lhe as amadas Nymphas bellas,
Que mais formosas vinham que as estrellas.

e o consegue. E se a infeliz Castro não pôde alcançar outro tanto do mal aconselhado e enfurecido rei, o poeta lhe faz todavia empregar quanto para isso mais convinha, como era, além dos rogos e pranto, a presença dos tenros innocentes netos, fazendo-a fallar desta maneira:

Se já nas brutas feras, cuja mente
Natura fez cruel de nascimento,
E nas aves agrestes, que somente
Nas rapinas aerias tem o intento,
Com pequenas crianças vio a gente
Terem tão piedoso sentimento,
Como co' a mãe de Nino já mostraram,
E co's irmãos, que Roma edificaram.

O' tu, que tens de humano o gesto e o peito,
(Se de humano é matar uma donzella
Frac'a e sem força, só por ter sujeito
O coração, a quem soube vencel-a):
A estas criancinhas tem respeito,
Pois o não tens á morte escura della;
Mova-te a piedade sua, e minha,
Pois te não move a culpa, que não tinha.

4.º Faz muito para abrandar a ira a escolha do tempo como se a vingança estiver já satisfeita em algum outro, e for passado o primeiro furor; ou o animo da pessoa offendida se achar contente, seja por haver conseguido alguma particular felicidade, ou pela conjuncção ser de prazer, v. g., em dias de festividades publicas, etc.

Aristoteles nos diz, que perguntando-se a Philocrates, contra quem os Athenienses estavam embravecidos, porque não ia justificar-se perante elles, respondêra, que ainda não era tempo. Pois quando cuidas tu, que o poderá ser? replicou o outro. Quando *vir*, disse Philocrates, que algum ja está condemnado.

5.º Se se mostrar com prudencia quanto é mais de estimar a brandura que o desejo da vingança.

Esta consideração deveria ser bastante para temperar a cólera do grande Albuquerque contra um soldado que mandou rigorosamente justicar, como Tethys pondera em Camões, dizendo-lhe entre outras razões:

O grande Capitão, que o Fado ordena,
Que com trabalhos gloria eterna merque,
Mais ha de ser um brando companheiro
Para os seus, que juiz cruel e inteiro.

Mas em tempo, que fomes e asperezas,
Doenças, frechas e trovões ardentes,
A sazão e o lugar fazem cruezas
Nos soldados a tudo obedientes,
Parece de selvaticas brutezas,
De peitos inhumanos e insolentes,
Dar extremo supplicio pela culpa,
Que a fraca humanidade e amor desculpa.

6.º Emfim, val muito para mitigar a ira, dizer que a culpa fôra commettida involuntariamente e não de caso pensado, ou por malicia; que não nascêra de desprezo, mas que fôra effeito da cólera, da inadvertencia, da fraqueza humana, ou por ser a isso constrangido o que nella cahio, por quanto, como se explica o nosso poeta:

O grande aperto em gente, inda que honrosa,
A's vezes leis magnanimas quebranta.

Oh como outro também judiciosamente diz:

É quando humanamente erro acontece,
(Quem pôde acertar sempre?) a culpa é leve,
E todo bom juízo a compadece.

Leia-se todo o largo discurso que Castro, na tragedia do seu nome, faz perante o rei, e observe-se os fortes meios de que usa para pôr em tranquillidade aquelle alterado espirito. Eis-aqui um entre os muitos:

S'os olhos de teu filho s'enganaram
Com o que viram em mim, que culpa tenho?
Paguei-lhe aquelle amor com outro amor,
Fraqueza costumada em todo o estado.
Se contra DEOS pequei, contra ti, não.

E depois:

Não cuidava, Senhor, que t'offendia,
Defenderas-m'ó tu, e obedecêra.

Da brandura.

Sendo a brandura um sentimento mui importante para a vida social; quando ella é adornada de outras virtudes, torna-se o individuo que a possui mui recommendavel no mundo. Entre nós esta qualidade é usual entre as mulheres de educação, e conhecemos algumas que a possuem em gráo eminente. Entre as pessoas que conhecemos, a Sra. D. Deolinda Emilia, além da severidade de seus costumes, da pureza de seus sentimentos, é de um caracter tão brando, e de um genio tão docil, que a constitue um ente perfeito.

Da illusão.

A *illusão* é o erro da paixão; é o que se crê, porque se tem ou se deseja: augmenta em proporção da força do sentimento e da fraqueza da razão: ella offusca ou embelleza todos os gosos da vida, ou deslumbra qualquer virtude: no instante em que se perdem as illusões agradaveis, cahe-se em inercia e em desgosto.

Da esperança.

Ali caminha pensativo um espirito atormentado pela adversidade; ali caminha um infeliz para a morte, arrastando o peso de duros ferros que lhe arroxelam os pulsos, e ambos desamparados de tudo, ainda os segue a esperança: cheios ainda de confiança, elles com sigio dizem:

Vem, vem, doce esperança, unico allivio
Desta alma lastimada;
Mostra na c'roa a flor da amendoeira,
Que ao lavrador previsto,
Da Primavera proxima dá novas.

Vem, vem, doce esperança, tu que animas
Na escravidão pesada
O afflicto prisioneiro: por ti canta
Cõdemnado ao trabalho,
Ao som da braga, que nos pés lhe sôa.

Por ti veleja o panno na tormenta
O mareante afouto:
No mar largo, ao saudoso passageiro
(Da esposa e dos filinhos)
Tu lhe pintas a terra pelas nuvens.

Tu consolas no leito o lasso enfermo
C'os ares da melhora:
Tu dás vivos clarões ao moribundo,
Nos já vidrados olhos
Dos horizontes da Celeste Patria.

(FILINTO ELYSIO).

E ella (a esperança) os vai induzindo até á hora solemne!! E ainda os acompanha... Para a Eternidade.

E' a esperaça um sentimento de confiança que nos sustenta na expectativa de um bem, que a fortuna parece prometter-nos, e que nos faz gosar-o antecipadamente. A esperança é o maior dos bens que pôssuimos, porque nos'ajuda a supportar os males, e nos inspira firmeza para resistirmos aos obstaculos, e paciencia para soffrermos as desgraças presentes.

Aqui nos inspira uma inteira resignação aos suprenios de-

cretos da DIVINA PROVIDENCIA, pela recompensa que nos promete, e deposita a sua confiança na misericórdia de Deos: é uma das virtudes theologicas.

Eis a descripção da Esperança pelo padre Brumoy.

« Vejo descer do Céu uma deidade agradável aos homens e aos Deoses: a Esperança. O' vós, que me escutais, perdoai esta metamorphose de paixão em divindade á minha musa. Quem não faz de sua paixão seu deus? Eil-a perto de nós; a deusa que preside á expectativa. Que segurança em seu porte! que serenidade em seu semblantel que dignidade em suas maneiras! Um raio de alegria e uma aureolâ de luz, brillham em seus olhos, e uma nuvem clara parece cobrir seu rosto com um véo. Se anda, seu andar é altivo e nobre; se pára, seu aspecto é cheio de confiança. Porém ou em repouso, ou em movimento, não é sempre a mesma. Como mulher, seu genio é voluvel, inconstante e alguma vez perfido. A's vezes mais prompta do que o vento, vóa; outras vezes custa a se arrastar, ou acha difficuldade em se conservar em qualquer apoio. Muitas vezes tambem é de excessiva pequenez, o toda concentrada em si mesma: de repente augmenta-se prodigiosamente, e eleva a cabeça até aos astros. E', ora emferma, ora cheia de saude e vigor. Com um sorriso muito amavel, sempre tímida, com um ar cheio de fogo, tem em si mil attractivos. Desta sorte attrahe a si todos os homens, que após della suspiram; sua corte avida e dilligente, jámais a deixa. Rica de nome, pobre em effeitos, achou o segredo de nutrir essa corte, não de realidades, porém de apparencias. Em lugar de bens, ella prodigalisa-lhes sombras; e elles se satisfazem. Erram elles? Na espera é que está o encanto; a possessão aborrece. Todos os dons da Esperança são adubados de um não sei que preferivel á ambrosia. Um doente do corpo ou do espirito saborêa em longos tragos o venêno da esperança; outro tanto faz o amante; outro tanto faz o nauta sobre a vaga prestes a precipital-o; outro tanto faz o velho quasi engolido pelo sepulcro. O inexhoravel Caronte olha com vista terrivel, e elle ainda tem esperança ao pé de seu thesouro. A esperança é seductora e seduzente; engana e é enganada. Neste jogo mutuo passa-se a vida: espera-se sempre, até que a morte abafe o derradeiro esforço da esperança. Vinde, chara deusa, e já que vossos dons tem o poder de intreter nossos corações, vertei-os a mãos cheias.

Sem elles a vida é insupportavel; sem elles não ha remedio a nossos males: tudo languece e morre. Por vós goza-se o repouso, a voluptuosidade, as delicias, ou pelo menos o mais doce dos erros. Ah! não vos torneis cruel com vossos credulos! Enganai-nos, porém occultai a arte que para isso usais. Estendei uma nuvem sobre vossas innocentes fraudes, o deixai-nos gozar de seu encanto. E' sob vossos felizes auspicios que se desdobram os véos da prosperidade: e no reverso della sois uma solida ameia. O navio está em perigo; mas que importa, se ella tem por ancora a esperança?

Os prazeres que gozamos neste mundo, diz Joucourt, são em tão pequeno numero, e tão passageiros, que o homeni seria a mais miseravel de todas as creaturas se não fosse dotado dessa paixão que lhe procura antecipadamente o gozo de uma felicidade que lhe póde chegar um dia. Ha tantas vicissitudes sobre a terra, que é algumas vezes difficil de julgar em que ponto estamos para obter a realisação de nossa esperança; entretanto nossa vida é mais feliz quando nossa esperança attinge um objecto de uma natureza sublime: é por isso que a esperança religiosa sustem a alma entre os braços da morte, e mesmo no meio dos soffrimentos.

Mas a esperança immoderada dos homens a respeito dos bens temporacs, é uma origem de desgostos e calamidades: custa muitas vezes tantos trabalhos, que os temores causam cuidados. As esperanças mui vastas e de longa duração, são as mais desarrazoadas, porque o tumulto está occulto entre nós e o objecto por que suspiramos. Demais, nessa immoderação de desejos descobrimos sempre novas prespectivas além daquellas que terminavam a principio nossas vistas. Nesse caso a esperança é um espelho magico, que nos seduz com falsas imagens: então cega-nos com falsas illusões, e nos engana como ao pobre vidraceiro Persiano dos *Contos Arabes*, que n'um momento lisongeiro destruiu com um pontapé toda a sua pequena fortuna. Emfim, a esperança desta natureza, perturbando-nos com phantasmas deslumbrantes, impede-nos de gozar repouso e de trabalhar em nosso bem-estar, pelo socorro da providencia e da sabedoria. O que Pyrrhus ganhou por suas conquistas, perdeu por suas vãs esperanças; porque o desejo de correr após do que elle não possuia, e a esperança de o obter, foi causa

delle não conservar o que tinha adquirido, semelhante ao que junta aos dez, em lances favoráveis, mas que não os sabe aproveitar. Porque não descançais agora? lhe disse Cinéas.

As consequências que nascem deste pequeno numero de reflexões, são niui simples. A esperança é um presente da natureza, que não sabemos apreciar; conduz-nos ao fim do nosso desejo por um caminho agradável e semeado de flores. Devemos esperar tudo que é bom, diz um poeta, por que não ha cousa alguma desse genero que seja impossivel de alcançar o homem honrado, nem que os deoses não lhe possam conceder. Porém os homens fluctuam constantemente entre temores ridiculos e falsas esperanças. Em vez de se guiarem pela razão, forjam monstros que os intimidam, ou chimeras que os dissuadem. Aristoteles dizia que a *esperança* é o sonho do homem acordado, ou a visão do que está em vigilia. Rousseau quer que a *esperança* seja o sonho do homem acordado; é apoio que nos adormece as magoas.

Como os movimentos da *esperança* são interiores, conserva ella o interior do homem. diz Le Brum, suspenso entre o temor e a segurança, de sorte que se um lado da sobrancelha denota temor, o da outra marca segurança; e do mesmo modo todas as partes do corpo e do rosto são divididas e intermeiadas dos movimentos desta paixão.

Da prudencia.

A *prudencia* é uma deliberação dos meios que nos podem conduzir ao fim a que nos propomos: contém em si o exame, a reflexão, a execução, e a circumspecção. A circumspecção regula a nossa crença, nossos sentimentos, nossas palavras e nossas acções. A circumspecção em nossos sentimentos abafa o amor proprio quando nos comparamos com aquelles que estão acima de nós pelas vantagens que julgamos possuir: regula os desejos do coração, que se tornam em paixões a que se não põe cobro; os appetites corporeos que nos proporcionam prazeres quando commedidos, as paixões que nos impellem a procurar riquezas e honras:

e que são tão uteis á sociedade, quando se não tornam necessarios pelo excesso.

A circumspecção nas palavras e nas acções, ordinariamente, é fructo d'ella, bem como nos pensamentos e nos sentimentos; e mesmo a dos sentimentos provém da maneira de pensar. Ella bane a maledicencia, a disputa, a indisposição e a liberdade das proposições. A circumspecção nas acções não nos deixa fazer cousa alguma que não tenha o caracter de justo e de virtude: prescreve-nos o estudo dos usos e dos bons exemplos, dos beneficios e do pudor. Cicero dizia que sem a prudencia ha poucas virtudes. Leopoldo affirmava que muitas vezes vale a prudencia mais do que o valor.

Da contenção.

A *contenção* é uma longa e penosa applicação do espirito em qualquer objecto de meditação. A *contenção* provém da dificuldade, e mesmo da importancia da materia, do capricho e do trabalho da parte do philosopho. Ha cousas que só se adquirem pela *contenção*: chama-se tambem *contenção* uma forte e attenta applicação dos orgãos: entre a *contenção* e a applicação não ha senão differença de mais e de menos: a *contenção* é o resultado de esforços reiterados.

Da temperança.

A *temperança* é uma das quatro virtudes cardiaes, que modera os appetites, e a ella pertencem como espécies a *frugalidade*, a *sobriedade*, e a *parcimonia*.

A *frugalidade* evita o excesso na qualidade e quantidade da comida; o homem frugal contenta-se com o que a natureza quer e offerece. A *sobriedade* evita o excesso no comer e beber; o homem sobrio contenta-se com o que a natureza exige. A *parcimonia* só olha aos gastos e despezas que regra, poupando quanto póde, e talvez com estreiteza e acanhamento. Quando passa os limites que prescreve a *frugalidade*, e isto se não faz por espirito de mortificação, degenera em escaceza e até em avareza e mesquinhez.

Marmota Huminense de 1854.

Quadras offerecidas ao illustre autor da Physiologia do
Paiçós.

1.^a
Livro! tu és de mil flores,
Ramatete primoroso,
De suave e doce amora,
Brilha ex celso e portentoso!

2.^a
Tus in ti bellizas mil,
Tus incantos, tus saberes,
Livro algum já mais ati
De igualar tem e poder!

3.^a
Tallas n'alma, a mente exaltas,
Instrues, delicias, agradas,
Nao se causa quem percorre
Tuas folhas variadas!

4.^a
Sob as formas differentes
Do mulher, do homem tratas;
Nada te esquece entre ambos,
Fiel a ambos retratas!

5.^a
Paiçós, susações, affetos,
Tudo in ti vus discernido,
Cate d'esteril terreno
Mil flores brotar ferido!

6.^a
Tu tens, entre os outros livros,
A distincta primaria,
Pois tomar sabes a senso
O que outro causar faria!

7.^a
Gloria ati seja portanto!
Gloria ati, a livro ex celso!
Paiçós de fama te dita
Omnia p' tua humilde verso

Marmota Huminense de 1854.

Quadras offerecidas ao illustre autor da *Physiologia da Paisagem*.

^{1.^a}
Livro! tu és de mil flores,
Ranathete primoroso,
De suave e doce amora,
Brilha ex celso e portentos!

^{2.^a}
Tus em ti bellas mil,
Tus encantos, tens saber,
Livro algum já mais ati
De igualar tem o poder!

^{3.^a}
Fallas n'alma, a mente exaltas,
Instrues, delectas, agradas;
Nao se causa quem percorre
Tuas folhas variadas!

^{4.^a}
Sob as formas differentes
Da mulher, do homem tratas,
Nada te esquece uno ambos,
Fiel a ambos retratas!

^{5.^a}
Paisagem, sensações, affetos,
Tudo em ti vaes descrevendo,
Cate d'esteril terreno
Mil flores brotar fazendo!

^{6.^a}
Tu tens, entre os outros livros,
A distincta primazia,
Pois tomar sabes azenho
O que outro causar faria!

Gloria ati, seja portanto!
Gloria ati, o livro ex celso!
Paisagem de fama te dita
Omne pbre e humilde verso.

Do ciúme (1).

Este abuso do amor é mais ordinario nas mulheres que nos homens. Esta paixão é um vivo sentimento mortificador que se segue ao amor quando se está na supposição que se quer roubar ou disputar o gozo do objecto que amamos com ternura. Virey (cap. 2, p. 247 da mulher) diz « que uma das paixões de que a mulher se resente com mais violencia, é o *ciúme*. Com effeito, como a mulher faz no amor maiores sacrificios que o homem, e que ella se expõe a todos os males da maternidade; como as leis são mais severas contra novos laços para com ella do que para com elle. e vendo-se desamparada, é se sentir immolar á mais cruel injuria e deshonra. E' pois natural que se abandone ao furor do *ciúme*: e quiçá que a privação dos prazeres que experimentou, não é o movel inferior desta paixão que arruina a toda a sua alma.

Se o amor não se póde occultar por muito tempo, o ciúme se manifesta mui facilmente n'uma amante aos olhos de uma outra mulher. Este furioso sentimento da alma, obra mais ou menos impetuosamente conforme as circumstancias; e segundo que a pessoa é mais delicada ou mais sensível.

(1) A palavra *ciúme*, comparada com a *inveja*, tem suas distincções, e D. Fr. Francisco de S. Luiz (Ensaio sobre alguns Synonimos da Lingua Portugueza, artigo 17, pagina 1.^a), como philologo, as que apresenta são as seguintes: « *Inveja* é um sentimento penoso, causado pelo bem que outrem possui. *Ciúme* é um sentimento penoso, causado pela pretensão que outrem tem, ou receio que tenha de possuir um bem que julga seu, ou que aspira a gozar exclusivamente. A inveja é mais geral que o ciúme. Afflige-se do bem alheio, ainda que não possa pretendel-o, nem aspirar a elle, nem d'ahi lhe venha mal algum. O ciúme é mais limitado na sua extensão, e somente domina aquelles que pretendem ou podem pretender a posse do mesmo objecto. A inveja é um sentimento baixo e abjecto; é o tormento das almas vis: tudo o que póde servir de alguma utilidade ou vatagem aos outros a irrita, como se o bem alheio fosse mal seu! O ciúme tem uma origem mais nobre: nasce do orgulho, isto é, da idéa vantajosa que cada um tem da superioridade do seu merecimento; e olha como inimigo o competidor que lhe disputa essa superioridade. A inveja rói e consome em segredo o coração que a nutre: envergonha-se da sua propria baixeza, e não ousa apparecer em publico a cara descoberta. O ciúme, como é menos vil, não teme manifestar-se de um modo sensível e publico: rompe muitas vezes com impeto, e os seus effeitos são mais estrondosos, e talvez mais funestos.»

Quando a pessoa amada tem qualidades brilhantes, como amabilidade e gentileza no seu todo, sempre apparece certa desconfiança pelo que respeita a permanencia do gozo. O coronel Weiss quer que esta paixão seja mais peculiar do homem que da mulher, do feio que do formoso, dos velhos que dos moços, etc., ao que segundo a nossa maneira de sentir julgamos que é particular, tanto a um como ao outro sexo; o caso é, que o estado de preferencia se declare. O velho Pedro Charron (de la Sagesse, cap. 30, p. 194) supõe que o *ciume* é a doença das almas fracas, nescias e ineptas, e mais, que é terrivel e tyrannica; que elle começa por amizade, e que sob este titulo quando se assenhorea da alma, muda-se tudo em furor, o amor em odio, o respeito em desdem, a confiança em desprezo. E' assim um fel que corrompe todo o mel de nossa vida.

Os effeitos do ciume chegaram a tal ponto no coração da furiosa Medéa, que só por Jason se agradar de Creusa, filha de Creante, lhe mandou uma boceta cheia de pedras preciosas encantadas, que logo que a infeliz moça as tocou e tambem seu pae, immediatamente morreram. Lançando em rosto de Jason sua perfidia, desesperada pega dos filhos em presença de seu pae, e os despedaça. E' magnifico ler os transportes das duas personagens em P. Corneille. Os despezos e fugida de Alvares foram a causa da morte de Moema. (Lêde o bello episodio do Caramurú de Durão sobre este objecto).

No ciume, o estado de perturbação da alma, e o furor, são os que sobresaem ás mais paixões; a ligação dos juizos é perturbada, e por isso teve razão Montaigne (Ensaios) quando disse: « Logo que o ciume se apossa destas pobres almas fracas e sem resistencia, é tocante como elle as acaanha e cruelmente as tyrannisa. Elle se insinua com apparencia de amizade, mas logo que as prende; as mesmas causas que serviram de fundamento á benevolencia, servem de base ao odio capital: é das doenças do espirito aquella em que mais cousas servem de fundamento, e menos cousa serve de remedio.»

Finalmente, em resumo diremos, que a idéa que formamos desta paixão, é de um sentimento por sua natureza extravagante e improprio de uma alma bem formada, por que consiste na idéa de preferencia; e por isso é que um amante

ciuma do seu rival, porque suppõe ter o outro, aos olhos de sua amada, qualidades superiores á sua; e neste estado em que a alma vacila em um oceano de inquietações, por fim se entrega ao furor da desordem (1).

Le Brum diz que o ciúme se exprime pela testa enrugada, as sobrancelhas abatidas e crespas, os olhos scintillantes, as pupillas cheias de fogo, contrahidas e sempre voltadas para o lado onde está o objecto que excita a paixão; o olhar de travez e contrario á situação do rosto; as ventas quasi em movimento; a bocca fechada, mas fazendo perceber que os dentes estão cerrados; o labio superior excede ao inferior, tendo os cantos da bocca retrahidos; os musculos dos lados do queixo como que inchados; a côr do rosto muda a cada instante, e os labios ora pallidos, ora lividos. Sente-se uma dor ardente na valvula cardiaca do estomago.

Da amizade.

A *amizade*, na accepção a mais generica, é um sentimento de afeição, que nos leva a amar alguém pelo attractivo que nos promette com o seu commercio. Ella é uma benevo-

- (1) Fé, hom Velho, virtude, amor, constancia,
Fugiram deste globo indigno delles:
Mulher pura e fiel não ha, nem houve;
Crês tu que a tua o seja? Aos lares corre,
Entra imprevisto, e lá verás se eu erro.
Todos nós somos victimas incautas,
Todas ellas... verdugos. As melhores
Com flores o punhal disfarçam rindo.
Credulidade em nós, astucia n'ellas
Ao Pudor feminil afearam templos.
Em vão zeloso amante as fecharia
Do mar no fundo, ou no amago da terra;
Adultera lá mesmo ardêra a mente.
E tão celeste a voz, o olhar tão puro,
Tão meigo o riso, as lagrimas tão promptas! . .
Raça infame de víboras dolosas!
Podesse uma só não contel-as todas,
E o piloto fosse eu: —triumpho eterno!
Livre erê o mundo e os seculos vingados!
Desejos sempre vãoos? . . reacs só dores.

(*Ciúmes do Bardo*).

lencia, cujos attributos primordiales são a sinceridade, a fidelidade, a constancia, a generosidade, a ternura, a docilidade, a previdencia, a religiosidade, o desinteresse (1), etc. Sentimentos estes que se observam quando se a cultiva verdadeiramente.

Suave inclinação d'alma sensível,
Do sabio apreciada, e mais querida
Do homem virtuoso.
Tu do amigo ao lado, o gosto augmentas
E poucas o pezar: mimo do Olympo
Carinhosa amizade,
Do puro coração deleite e vida,
Irmã de amor; sem venda, e sem archote
Sem agro do ciume
Mais do que amigo, só conheço amiga:
De seu sexo meiguices privativas
A' amizade requintam.
O amigo é outro eu, no amigo existo
E o laço encantador que as almas prende.
E's tu, nobre amizade.
Na amizade o favor desaparece;
São gostoso dever os sacrificios;
Tudo merece o amigo.
Para salvar o amigo o p'riego esquece,
A sanha da desgraça affronta, e a morte
O animo sublime.

(B. de Barros).

Este nobre e philantropico sentimento é uma necessidade d'alma, cujos fundamentos, nascidos da igualdade, fazem plantar no coração do homem o mais doce estimulo. A amizade é o melhor bem que nos veio das mãos do Creador; ella é a chave do coração, é o laço que prende com venturosos e suaves grilhões uma alma sensível a outra. Desde o Céu até a terra, desde o sceptro até o mais humilde cajado, tu, precioso bem, assazonas os males da humanidade. Na grandeza ou na desgraça, no degredo ou na prisão, na

(1) Quando fallamos de interesse, o leitor já nos entende, que fallamos do sentimento nobre de que já tratámos, para irmos de accordo com as idéas.

dor ou no prazer, na alegria ou na saudade, na presença ou na ausência, nobre amizade, tu te mostras risonha, qual suspirada aurora ao perdido nauta, a quem n'uma medonha noite seu navio ficou entregue ao furor das vagas e dos ventos, sem mastro e sem leme, seu pensamento fluctuando á descripção da dor, da afflicção, da sorte e da morte, cujos nevoeiros dispersam; affugenta o medo, a imagem da morte desaparece, e finalmente um quadro novo apresenta a natureza, para demandar um porto amigo.

A amizade não nasce como os outros sentimentos; ella nasce pelas relações da honra, dos gostos dos espiritos; ella se augmenta com a estima, se sustenta pelas attencões da reciprocidade; ella nasce de uma confiança sem reserva e sem limites. Quem poderá com a existencia em qualquer situação, que nos depare a providencia, sem o sagrado influxo deste piedoso sentimento; o tyranno, por mais orgulhoso e soberbo que seja, respeita o sanctuario da amizade, humilhando o sceptro vai aliviar as magoas de sua alma no sagrado templo d'essa divindade: ali respira o benefico ar desinfectador dos remorsos; e então ella se mostra singela como a virtude; meiga como o coração materno; feliz como a Divindade. Ali domina a confiança; todos os sentimentos e todos os pensamentos que sente, nascidos do prazer ou pena, são communicados com franqueza; um interesse particular se toma nas cousas as mais triviais; de sorte que as nossas afflicções são partilhadas e borrhifadas de um prazer illimitado.

O marquez de Caraccioli (caracteres da amizade), supõe este sentimento divinizado, e o titulo que lhe dá é de virtude, e diz: « Vós exprimis a sua imagem; fazeis as suas funcções; inspirais o seu gosto; a sabedoria vos dirige, a candura vos annuncia. Quanta differença ha entre a *amizade* e o *amor*? A *amizade* é mãe dos prazeres innocentes; o *amor* é origem das perturbações e das tristezas; o *amor* não respeita leis algumas, a *amizade* as observa todas; o *amor* é a obra do capricho, a *amizade* é o fructo da reflexão; o *amor* extingue-se tão depressa, como se accende; a *amizade* toma-se pouco a pouco, e nunca morre; o *amor* queixa-se, a *amizade* cala-se; o *amor* atormenta, a *amizade* tranquillisa.» A experiencia parece ter-nos mostrado, que a verdadeira amizade só se póde dar entre a mulher e o homem.

São tantos os exemplos que a historia de todos os tempos nos fornece a respeito da *amizade*, que seria um despropósito enumeral-os.

Da *saudade*.

A *saudade* é um sentimento mavioso de pezar, que possui a nossa alma pela lembrança de um objecto que está ausente e que se deseja (1). Esta palavra, na sua acceção etymologica, exprime uma sorte de *soledade*, ou desamparo

- (1) Tu que n'ausencia privações disfarças,
Na enganosa attracção levando a mente
Aos sitios da ventura,
Que minoras o mal, nos ais que exhalas,
E sabes dar ás lagrimas que vertes
A gradação do gozo:
Vem querida *saudade*, espello fido
Em que amor ante os olhos da lembrança
O bem passado off'rece.
O' venturosa lua, que os lugares
Vás de meus gostos ver, este suspiro
Toma, e n'elles derrama!
Dize-lhes onde estou:
Das tristes companheiras, noite, vagas,
E o desabrido noto.
Vai, dos formosos lumes de Marilia,
O somno pouco a pouco desprendendo,
E languidos abrindo,
Vai, e n'esse momento preguiçoso,
Em que os requebros do celêste corpo
Vires, mal acordado,
Dize-lhe docemente, porém n'esse
Mudo fallar que os labios não conhecem,
Que os olhos só comprehendem,
Dize-lhe!.. a tyrannia com que matas
E' mui doce, ó *saudade*! basta, vai-te,
Se me não deixas, morro.
O' d'ausencia cruel querida amiga!
Tão vivas recordar gratas memorias
Bem é, peor que o mal.
E' dar amargo fel em taça de ouro;
Dobra o mal do infeliz, do bem o aspecto,
Basta, não mais, *saudade*.

(Borges de Barros).

em que se sente a alma, privada momentaneamente ou para sempre de um objecto, que já foi causa de seu prazer e gosto.

« E' por tanto (diz D. Francisco de Mello nas suas Epanaphoras), a *saudade* uma mimosa paixão da alma, e por isso tão subtil, que equivocadamente se experimenta, deixando-nos indistincta a dor da satisfação. *E' um mal de que se gosta, e um bem que se padece*: quando fenece, troca-se a outro maior contentamento, mas não que formalmente se extingua; porque se sem melhora se acabasse a *saudade*, é certo que o amor e o desejo se acabarão primeiro: não é assim como a pena, porque quanto maior é a pena, tanto é maior a *saudade*, e nunca se passa ao maior mal, antes rompe pelos males; conforme succede aos rios impetuosos conservarem o sabor de suas aguas, muito espaço depois de misturar-se com as ondas do mar mais opulento. Pelo que diremos que a *saudade* é um suave fumo de fogo de amor, e que do proprio modo que a lenha odorifera lança um vapor leve, alvo e cheiroso, assim a *saudade* modesta e regulada, dá indicios de um amor fino, casto e puro.

« Não necessita de larga ausencia; qualquer desvio lhe basta para que se conheça. Assim prova ser parte do natural appetite da união de todas as cousas amaveis e semelhantes, ou ser aquella falta que da divisão d'essas taes cousas procede.»

Na *pena* o objecto póde estar ausente ou presente; porém na *saudade*, sempre está ausente: na *pena*, o sentimento é doloroso; na *saudade*, este sentimento não só é doloroso, mas ao mesmo tempo é mavioso. A *saudade* é um sentimento que se não póde confundir com os outros sentimentos, que parecem designar a mesma idéa; ella se distingue da dôr moral, porque a dôr é um sentimento penoso, e profundamente nascido da representação do mal que já soffremos ou que se soffre, ou que se ha de ou poderá soffrer. Tambem se distingue do *pezar*, por ser este uma especie de dôr causada pela representação das más acções que praticamos. A *saudade* se distingue ainda da *afflicção*, por ser esta uma especie de dôr mais pungitiva causada pelo mal presente ou imminente, talvez irremediavel, que póde vir de encontro, ou á nossa felicidade, ou atacar os objectos que nos são mais caros. A *saudade* se differença da *consternação*, por ser esta

um effeito da dôr causada pela presença ou proximidade da cousa que accomette repentinamente ao nosso espirito, deprimindo-o de tal fórma, que o pôde tornar inapto.

A *saudade* ainda se differença da *melancolia*, por ser esta uma disposição para a *tristeza* e mesmo para a *saudade*; na *melancolia* as mais das vezes apparecem as lagrimas involuntarias, e na *saudade*, quando isto succede, é provocado pelo desejo. Na *saudade*, o pesadume, ou este amargo gostoso que se soffre, é aggravado pelas recordações dos mimos que se logrou; a memoria do bem passado, o trato ameno, a ausencia do bem querido e grato, é quem rala de *saudades* a alma (1).

- (1) Saudade! O' saudade amarga e erua,
Numen dos ais, do pranto!
Deusa que os corações sem dô, sem mágoa
Tão cruel dilaceras!
Sinto, sinto o teu ferro abrir-me o peito,
E na chaga que abriste
Rocar-me as tranças desgrenhadas, humidas,
Que da pallida fronte,
Sobre os torvados, macilentos olhos,
Sobre a face te descem.
Continuamente os barbaros ministros
De teu furor tyranno.
(Duras lembranças de passados gostos,
De fugitiva gloria)
Batendo as negras, as funereas azas
Dentro me esvoaçam n'alma.
Piedade! oh! por piedade um só momento
As angustias suspende.
Da já convulsa vista um só momento
Oh! tira este retrato,
Tira esse gesto, que adorei, que adoro,
Que amor por meu tormento,
Que a natureza pródiga formaram.
Da branda voz tão meiga
Porque imitar-me o som, coar-m'o ao peito
Dos cortados ouvidos?
Porque lembrar-me os ditos engraçados?
Porque na face pallida
Renovar-me a impressão, que foi tão meiga,
Dos osculos lascivos?
Porque aos labios, que em fel azedo escumam,
De teu sópro crestados,
Mandar assomos de tornados beijos,
Do saboreado nectar!

Todo o mundo sabe que esta paixão foi quem mais rapido levou á sepultura o grande Luiz de Camões. Este Epico Divino lamentava não os trabalhos da vida por que passou, nem menos a indigencia, nem os desprezos de uma Patria de ingratos, porém sim a amargurada *saudade* que a sua querida Natércia (D. Catharina de Ataide) lhe causou. O Sr. Garrett, no seu excellente Poema (o *Camões*, canto 6.º (1), optimamente exprime o terno sentimento daquelle peito mavioso, quando elle se queixava das suas desgraças.

Risca... Mas ah! perdoa; ó sacra deusa,
A's sacrilegas vozes
De blasphemo delirio! Oh! volve ao peito
O pungir de tuas dores:
Teus ais, teu pranto são delicias, mimo
Dos corações sensiveis,
Os gemidos que arrancas dentro d'alma
São desfôgo ás mágoas:
Ternas memorias, deliciosas, meigas,
Sem ti que fôra d'ellas?
Sem ti que fôra do prazer gosado?
Sorveria um momento
Seculos tantos que juntou de gosto,
Que accumulou sobre elle.
Que, novo Prometheu, roubou do Olympo
Amor co'a mão piedosa.

(Lyrica de João Minimo).

- (1) O viço de meus annos se ha murchado
Nas fadigas, no ardor sevo de Marte.
Estranhas praias, ignoradas gentes,
Barbaros cultos vi; gemi n'angustia,
Penei ao desamparo, em soledade,
Vaguei sosinho á mingua, e sem confôrto
Pelos palmares, onde rugo o tygre:
Tudo soffri no alento d'uma esp'rança,
Que, no instante de vel-a, me ha fugido.
Rosa d'amor, rosa purpurea, e bella,
Quem entre os goivos te esfolhou da campa?
Longe, por esse azul dos vastos mares,
Na soldão melancolica das aguas
Ouvi gemer a lamentosa Alcyone,
E com ella gemo minha saudade.
Alta noite, escutei o carpir funebre
Do nauta, que suspira por um tumulo
Na terra de seus pais; aos longos pios
Da ave triste ajunctei meus ais mais tristes.

Da benevolencia.

A *benevolencia* é a inclinação habitual que a nossa alma tem em desejar constantemente o bem e a felicidade dos nossos semelhantes. Este sentimento ou disposição natural que nos leva a fazer ou desejar o bem-estar dos outros, se manifesta por um certo interesse que se toma por tudo o que diz respeito á humanidade: o semblante neste sentimento se torna um pouco alegre, inspirando singelleza; amenidade no trato e nas maneiras; vigilancia em cuidar dos objectos de que se encarrega, etc.

Da humildade.

A *humildade* é um sentimento de imperfeição de nosso ser, que ordinariamente é fructo de uma longa e infructuosa indagação da verdade. No ardor de se instruir o homem, acha-se a cada instante detido pela impossibilidade de des-

Os ventos pelas gaveas sybilaram;
Duras rajadas d'escarcéo tremendo
As descosidas pranchias semeavam
Pelas cavadas onças. Feia morte
Nos acenou co'as roxas agonias
Malditas da esperanza... — E eu só a via;
Eu só por entre o horror da tempestade
Via brilhar a luz da meiga estrella,
Unico norte meu. Por mar em fóra
Os duros membros negros estendia
Esse gigante, cujo aspecto horrendo
Primito eu vi, primeiro a seus amores
Corri o véo dos interpostos seculos:
Quiz-me punir do ousado sacrilegio,
Com que os segredos sens vulguei na lyra.
As iras lhe arroetei, ouvi sem medo
Os amarellos dentes a ranger-lhe
Por entre os furacões d'atra procella.
Vi-lhe a esqualida barba de despeito,
Arrepelar-se, e a côr terrena e pallida
Ao clarão dos relampagos luzir-lhe
De sanguinosa colera inflammada.
Não me aterrou, que do almejado pôrto
Me alumiaava o pharol de amigo lume.

.....—.....

cobrir os segredos da natureza, os principios dos seres, a essencia do que se chama espirito, alma, etc. A cada passo encontra limites do entendimento, e depois de um penoso estudo, fica persuadido que o homem só pôde saber pouco: esse conhecimento fal-o sentir sua fraqueza, é esse sentimento que se chama humildade. Só pertence ao philosopho ser humilde; o ignorante não imagina que possa haver cousa ainda a saber além do que elle sabe.

Ella é algumas vezes effeito de um temperamento melancolico.

A humildade é tambem uma virtude christã, que nos faz sentir nosso nada perante DEOS, e que lhe attribue a gloria de nossos conhecimentos, de nossos successos, e de nossos talentos.

A humildade differe da modestia, porque esta contenta-se em não se elevar, aquella apraz-se em rebaixar-se.

Da consternação.

A *consternação* é o ultimo degráo do terror. Experimenta-se pela expectativa ou pela noticia de uma grande desgraça. Dizemos expectativa ou noticia, por que nos parece que quando o mal chega causa dôr, mas a consternação só é effeito do mal que se teme.

A perda de uma grande batalha não espalharia a consternação nas provincias, se ellas não temessem consequencias mais funestas: tambem em taes casos, propriamente fallando, as provincias vizinhas ao campo de batalha é que ficam consternadas. Se a morte de Germanicus tivesse sido natural, Roma só ficaria abysmada em profunda dôr, mas como foi attribuida ao veneno, os subditos lançaram os olhos com desprezo sobre os monstros que os governavam, e a dôr foi misturada de consternação.

Da frivolidade.

A *frivolidade* é o gosto de bagatellas: é signal de pouco espirito. Um homem que tem vista de interesse, affecta al-

gumas vezes ser frívolo com as pessoas que o são, a fim de ganhar sua confiança e sua amizade; porque só amamos a aquelles que julgamos que se nos assemelham, e aos quaes nossa imaginação empresta muitas vezes nossas boas ou más qualidades.

A frivolidade está nos objectos e nos homens. Os objectos são frívolos quando não tendem á ventura e á perfeição do nosso ser: os homens são frívolos quando se occupam seriamente de objectos frívolos, ou quando tratam ligeiramente objectos serios. E'-se frívolo quando não se tem assás extensão e rectidão de espirito para calcular a natureza das cousas, do tempo e de sua existencia. E'-se frívolo por vaidade, quando se quer agradar no mundo, onde se é levado ou por exemplo ou por uso; quando se adopta por fraqueza os gostos e as idéas do maior numero, quando imitando e repetindo, crê-se sentir e pensar. E'-se frívolo quando não se tem nem paixões e nem virtudes; então, para livrar-se do enojo constante, procura algum divertimento, que assim que possui deixa de o ser, entrega-se ás suas fantasias, e avido de objectos novos, em torno dos quaes o espirito voltêia sem meditar e sem se esclarecer, o coração conserva-se vazio no meio dos espectaculos, da philosophia, dos amantes, dos negocios, das bellas artes, do grotesco, dos banquetes, dos divertimentos, das dissertações, das palavras elegantes, e algumas vezes mesmo no meio das bellas acções. Se a frivolidade pudesse permanecer por muito tempo a par do verdadeiro talento e do amor das virtudes, destruiria um e outro. O homem frívolo e sensato seria precipitado na miseria e na depravação. Ha sempre para todos os homens um remedio contra a frivolidade, é o estudo de seus deveres como homens e como cidadãos.

Da fidelidade.

A *fidelidade* é a constante observação dos deveres que nos temos imposto por nossos contractos, quer seja por juramento, por escripto, verbal ou tacitamente. Todo o contracto suppõe uma obrigação reciproca, porque não ha contracto sem vantagem; assim, quando faltamos á condição

expressa ou tacita, restituimos a fé que nos ha permittido. Se aquelles que se queixam da infidelidade dos outros se examinassem bem antes, reconheceriam muitas vezes que elles foram que primeiro faltaram á fidelidade. Quanto são injustos os homens muitas vezes no juizo que fazem sobre a virtude das mulheres! Se elles quizessem indagar as causas, conheceriam que é quasi sempre por culpa dos maridos ou amantes, que as mulheres andam erradas.

A fidelidade no amor, diz Magendy, não é a constancia, porém uma virtude mais delicada, mais escrupulosa e mais rara: com effeito, vê-se muitos amantes constantes, e encontra-se poucos amantes fieis; é que em geral os homens são mais seduzidos que verdadeiramente affeicionados.

A fidelidade é pois essa attenção continua, com que o amante, occupado dos juramentos que fez, empenha-se em não se tornar perjuro. E' por ella que, sempre terno, sempre verdadeiro, sempre o mesmo, elle não existe, não pensa e não sente senão pelo objecto amado, e só a elle acha amavel. Lendo nos olhos adorados seu amor e seu dever, sabe que para provar a verdade de um, não se deve afastar nunca das regras que lhe prescreve o outro.

Que de encantos para o amante fiel! Que ventura encontra em o ser, e que prazer em pensar que o será sempre! Os maiores sacrificios são para elles gostosos, sua delicadeza quizera que elles fossem ainda mais precisos.

A fidelidade é prova de um sentimento muito verdadeiro e de uma grande probidade. Basta amar com amor sincero, para se desfructar a doçura que se sente em se conservar fiel. Passar todos os instantes da vida junto do objecto que d'ella faz o encanto, empregar todos os seus dias em fazer o gosto aos prazeres d'elle, não cuidar senão no que lhe póde agradar sempre; eis as idéas deliciosas do verdadeiro amante, e a sensação encantadora do amante fiel.

Dizemos mais, que a fidelidade pertence a uma alma honesta. Examinemos o que é o amor das mulheres para nós, e vejamos por isso o que devemos ser para ellas. O que é prejuizo na ordem natural, torna-se lei na ordem civil. A honra, a reputação e a gloria, puras chimeras para a mulher da natureza, são para a mulher que vive na sociedade a ordem mais necessaria de seus deveres.

Que reconhecimento não devemos nós a tão grandes sa-

crifícios? E' amando muito, e amando sempre, que as podemos merecer, e praticando a mais escrupulosa fidelidade; pensando em fim que as cousas agradaveis, ainda mesmo as mais lewianas, que não dizem respeito ao objecto amado, são fructos do amor.

D'aqui se vê muito bem, que é só quasi no amor virtuoso que pôde haver amor fiel. A fidelidade, diz o cavalheiro de Joucourt, é a causa de quasi todos os commercios entre os seres racionaes; é um nó sagrado que faz o unico bem da confiança na sociedade de particular a particular; porque logo estabelecer que se pôde faltar á fidelidade por qualquer pretexto, por exemplo, por um grande interesse, não será mais possível fiarmo-nos em alguém, por que este alguém pôde achar uma grande vantagem e violar a fé que nos jurou.

Da frugalidade.

A *frugalidade* é o amor da simplicidade em comer e beber. Contenta-se com a nutrição que a natureza nos fornece sem procurar os acípipes e a delicadeza que a arte da coziulha moderna inventou. Differe da *sobriedade*, por que esta refere-se á quantidade dos alimentos. A frugalidade é opposta á golodice, a sobriedade á glotonia.

Entende-se ordinariamente por frugalidade, a temperança em comer e beber; mas esta excede muito a sobriedade; não se limita só á meza, estende-se aos costumes, de que é o mais firme apoio. Os Lacedemonios d'ella faziam expressa profissão.

Phocion adquirio o nome de homem de bem, pela frugalidade de sua vida; foi por ella que teve meios de alliviar a indignação de seus compatriotas, e de dotar as raparigas honestas, que por sua pobreza não casavam.

S. Evremon dizia: « A frugalidade, tão celebrada pelos Romanos, não é uma abstinencia voluntaria das cousas superfluas, mas um uso necessario e grosseiro do que elles tinham.» Façamos mais justiça ao tempo dos bellos dias da republica romana, e a esse Fabricio, por exemplo, a esse Curio e a esse Camillo, tão conhecidos, e outros, sabendo limitar-se á herança de seus antepassados, não

quizeram mudar o uso grosseiro do que possuíam, para abraçar o superfluo. O primeiro recusou sem difficuldade as offeras magnificas que se lhe fizeram da parte de Pyrrhus; o segundo despresou todo o dinheiro que lhe foi apresentado da parte de Samnites; o terceiro consagrou no templo de Jupiter todo o ouro que tinha tomado na derrota dos Gaulos. Nutridos todos tres conforme as regras da austera frugalidade, foram o recurso de sua patria nas guerras perigosas que elles tiveram a sustentar.

Para sentir o preço da frugalidade é preciso gozal-a. Não serão os que estão corrompidos pelas delicias, diz o autor do *Esprit des lois*, que hão de amar a vida frugal; e se isso fosse commum, Alcibiades não teria feito a admiração do universo. Não serão tambem aquelles que admiram e invejam o luxo dos outros, que louvarão a frugalidade: os homens que não tem ante os olhos senão os ricos ou tão miseraveis como elles, detestam sua miseria, sem estimar e conhecer o que faz o termo da miseria. O amor da frugalidade é excitado pela frugalidade; é então que se sentem suas preciosas vantagens; este amor da frugalidade, limitando-se ao desejo de ter o necessario em attenção á sua familia, reserva o superfluo a bem de sua patria. Desta sorte os sabios demócratas, recommendando e estabelecendo por lei fundamental a frugalidade domestica, abriram a porta aos gastos publicos para Athenas e Roma: logo a magnificencia nasceo da frugalidade mesmo. E assim a religião, ajunta Montesquieu, manda que se tenham as mãos puras para fazer offerendas aos Deoses; as leis quizeram costumes frugaes, para se ter com que dotar a patria.

Da concupiscencia.

A *concupiscencia* é o desejo da carne. Provém mais vezes do desregramento da imaginação, do que do temperamento. Esta paixão absorve a alma, e a torna incapaz de conhecer a verdade. Ella tem sido muitas vezes origem dos maiores crimes: mas tambem é ella que conserva a sociedade e que repara os estragos da morte. Logo, é verdade dizer-se que não ha vicios que não produzam alguns bens á sociedade: elles só fazem mal aquelles que os tem.

A concupiscencia por si mesma não é vicio nem virtude, mas conforme as circumstancias, ella produz uma ou outra cousa.

Da gloria.

A *gloria* é o brilhante phantasma que persegue o orgulho e a ambição; é effeito das grandes acções e dos grandes talentos algumas vezes; porém mui raramente das grandes virtudes. Só é real na consideração que procura, e então é um grande bem; mas cessa de o ser, quando nos custa a virtude. O sabio, contente por a merecer, consola-se de não obtel-a, e espera uma outra recompensa de sua virtude.

Alguns falsos philosophos, diz um sabio, affectam desprezar a gloria, mas esse desprezo é só effeito de um amor proprio. Tudo é imperfeito nos homens, gloria, entendimento e virtude; porém as cousas mais pequenas são proporções reconhecidas.

Deve-se entender por verdadeira gloria, a honra que se fórma da constante admiração que toços os homens, ainda os mais viciosos, testemunham pelas virtudes eminentes, etc., e pelos talentos extraordinarios e uteis á sociedade, a homenagem que são obrigados a tributar-lhes. Não ha nação policiada que não tenha sido tocada pela gloria; ellas não teriam tanto cuidado em conservarem suas historias, a memoria de suas proezas, se não estivessem persuadidas que augmentavam a estima e a consideração dos outros povos.

E' pois um erro manifesto fazel-a nascer do orgulho, da ambição, do fausto, do poder ou da intriga. Se essas impõe algumas vezes aos homens a ponto de arrancar-lhes alguma demonstração de admiração ou de respeito, essas demonstrações são vãs, forçadas e passageiras.

Em uma palavra, a gloria pura e legitima que abrilhanta a vida da maior parte dos grandes homens, e que ha immortalizado sua memoria, nasceo do suffragio publico, que-remos dizer, do concurso das testemunhas que cada um prestava ás virtudes distinctas e aos talentos reconhecidos.

A gloria é um luzimento proprio e essencial á virtude, quando ella está em estado de brilhar a nossos olhos: assim um grande homem, que sabe que a gloria é inseparavel da virtude conhecida, adquire-a sem procural-a, e a possui sem despezal-a; faz quanto póde para merecel-a, e nada para obtel-a. O ambicioso corre sempre atrás da gloria que lhe foge: o heróe e o sabio só correm atrás da virtude.

A gloria não está em eternisar seu nome, mas sim suas virtudes: um nome que passa á mais remota posteridade, é só para transmittir a memoria dos vicios e dos crimes de quem a possui; um grande nome só, é uma verdadeira gloria, quando traz com sigo a lembrança e a admiração, o respeito e o amor áquelle que o soube illustrar.

.Da commiserção.

A *commiserção* é um enternecimento d'alma á vista das necessidades e dos males que experimentam os miseraveis: parece juntar á compaixão mais um grão de sensibilidade.

A saúde e as riquezas, diz La Bruyère, tirando aos homens a experiencia do mal, lhes inspira dureza para com seus semelhantes; os homens carregados de sua propria miseria, são os que sentem mais compaixão pelo que os outros soffrem.

Da ousadia.

A *ousadia* é um movimento d'alma, que a eleva acima de si mesma, e que muitas vezes a faz transpor a ordem das cousas. Deve ser olhada como uma virtude, quando se limita a atacar com prudencia e bons direitos; porém degenera em audacia praticando de outra maneira. Ha uma ousadia nobre, que nasce da justa confiança de nosso proprio merito, ou da amizade, ou da protecção d'aquelles que queremos interessar a nosso favor: d'outra sorte, desagrada, fátiga, e não é regeitada, porque ella não se regeita mesmo a si. Esta especie de ousadia é hoje a fonte da maior parte das graças, e ao mesmo tempo o desanimo do verdadeiro merito.

Da continencia.

(*Vide castidade, pudor, etc.*).

Da grandeza d'alma.

A *grandeza d'alma* é um instincto elevado d'alma, que nos impelle ao bello, ao grande e ao honesto, e nos inspira o desprezo dos bens falsos e caducos. Inimiga da preguiça, dá-nos emulação, fonte dos talentos, e firmeza necessaria para executar grandes cousas.

Brilha mais na classe elevada, mas pôde encontrar-se no povo.

Distingue-se no porte pela decencia, nas maneiras pela nobreza das graças, nos discursos pelas gradações finas e delicadas. Torna-nos respeitaveis quando é acompanhada de bondade e doçura; mas faz-nos odiosos quando não é temperada por essas virtudes, porque então degenera em orgulho. Nos grandes embellece o fausto e reprime a louca vaidade, que as riquezas escudam: apresenta-se com uma mistura de gravidade, de agrado, de indulgencia e de severidade; despreza os lisongeiros, louva e ama o merito dos outros; anima os talentos, e não teme nem os perigos, nem os trabalhos, nem os supplicios.

A verdadeira grandeza d'alma tem sua origem no coração: é fructo da educação e da reflexão, e tambem ás vezes de um feliz temperamento. E' na adversidade que a grandeza d'alma mais brilha.

Da antipathia.

E' a *antipathia* uma especie de odio que a natureza nos inspira para certos objectos: ella é um sentimento livre de toda a reflexão: é uma especie de instincto que nos é commum com os animaes: sua causa é inteiramente desconhecida, e seus effeitos são prodigiosos e admiraveis, frequentemente exaggerados, e por vezes fabulosos.

Da sympathia.

(*Vide a pagina 198, nota*).

Da apathia.

A *apathia* é um estado de tranquillidade, que paixão nenhuma póde perturbar. Este estado (se o é), é antes insensibilidade, effeito do temperamento, do que fructo dos esforços da razão: é a *pedra philosophal* da moral; é uma grande felicidade para a sociedade; porque se o homem pudesse fazer-se feliz por si mesmo, pouco se inquietaria com a felicidade dos outros: o homem é feito pela acção e não pela contemplação.

Da constancia.

A *constancia* é uma firmeza d'alma superior a todos os generos de trabalhos ou obstaculos que se apresentem.

Como a constancia ordinariamente é filha da reflexão, as pessoas que sobre ella insistem, sempre conseguem triumpho em seus desejos, porque ninguem persiste em uma idéa sem que de autemão a não tenha confrontado por todas as faces, e então convencido de suas vantagens e importancia, honestidade, etc., se entrega todo a ella.

Se porém a affeição é reprovavel, toma o nome de obstinação, e a constancia o de razão.

A constancia é uma das mais nobres virtudes que possue um animo valoroso e esforçado com que se arrosta os trabalhos, sem abattimento nem violencia, e ainda sem ostentação. A constancia se distingue da fortaleza, em ser esta a força que prepara o animo para arrostar as difficuldades, domar as paixões, suffocar o interesse proprio, encarar e supportar os trabalhos que a cada passo se lhes antolham.

Da virtude.

Virtude é tudo que é conforme á ordem, ás leis prescriptas pelo CREADOR a todos os entes do universo relativamente á sociedade: é o desejo da felicidade dos homens; é a constante e affectuosa pratica de nossos deveres; é a preferencia do bem publico ao interesse pessoal. Ha uma virtude independente do costume, e fundada na luz que recebemos do SER SUPREMO; essa é a verdadeira: a que só é estabelecida na opinião dos homens não merece esse nome.

O amor de DEOS é a origem das virtudes christãs; o amor do proximo é o principio das virtudes moraes. Dá-se tambem esse nome ás boas qualidades do espirito.

Na virtude se encerram nossos deveres.

A sciencia vem-nos de DEOS; os homens só a podem dar, se DEOS fizer calar nossas paixões e tornar a consciencia attenta aos preceitos dos sabios.

A virtude está no coração, diz Duclos; é o sentimento e a inclinação ao bem, e ao amor pela humanidade. A probidade defende, a virtude ordena. *Não faças aos outros o que não queres que te façam*: observação exacta e precisa desta maxima, feita á probidade é: *Fazei aos outros o que quereis que vos fizessem*: eis a virtude.

Chama-se tambem virtude toda a acção boa que nós custa esforços. Sua recompensa está em nosso coração e na estima das pessoas de bem.

Foi uma bella invenção, diz Montaigne, acceita pela maior parte das cidades policiadas do mundo, estabelecer-se certos signaes vãos e sem preço, para honrar e recompensar a virtude; como as coróas de carvalho, de louro; a fórmula de certas vestimentas, a prerogativa de alguns appellidos e titulos; certas marcas nos brasões e outras cousas semelhantes, cujo uso tem sido diversamente recebido, segundo a opinião das nações. E' na verdade um excellente e aproveitavel costume achar um meio de conhecer o valor dos homens raros e bons, contental-os e satisfazel-os por julgamentos e pagas que de modo algum sobrecarregam o publico, e que nada custam ao principe. Quanto ao mais, nós já dissemos, sem todas estas distincções, que só servem para inspirar-nos motivos falsos, a virtude basta a si mesma e

encontra sua recompensa na testemunha de uma boa consciência.

Cada virtude é vizinha de um defeito, e opposta ao vicio.

Está entre duas extremidades; logo ha dous vicios para uma virtude. A piedade está entre o relachamento e o fanatismo.

O estado da virtude, diz S. Evremont, não é um estado sem desgosto; o da sabedoria é doce e tranquillo. A sabedoria reina em paz sobre nossos movimentos, e nada mais é preciso que saber governar bem; no entanto que a virtude tem de combater inimigos: por isso é que a virtude, consistindo no esforço, é mais meritoria que a prudencia, que é ordinariamente um dom da natureza.

As almas rectas e bem formadas, diz Montaigne, seguem o mesmo trilho, e apresentam em suas acções o mesmo character das virtuosas; porém a virtude tem um não sei que mais sublime e mais activo em se deixar vencer por uma feliz compaixão e conduzir-se doce e pacificamente, conforme a razão. Aquelle que por doçura e facilidade natural desprezasse as offensas recebidas, seria mui digno de louvor.

Do vicio.

Vicio é aquillo que é opposto á *virtude*. Dimana do amor proprio mal entendido. É a preferencia do interesse pessoal ao bem publico: é isso que se chama mal moral.

Entende-se tambem por vicio as más qualidades do coração e do espirito; é distincto dos defeitos e dos ridiculos. Os vicios nascem da alma; os defeitos do temperamento, e os ridiculos do espirito. Podem-se corrigir os vicios e os ridiculos; porém não se destróe facilmente os defeitos do corpo.

O vicio não prejudica a harmonia do universo, só offende seu autor: excepto o vicio da seducção, que tão nocivo é a quem o pratica como aos outros, e que por essa razão merece ser duplamente punido:

Os vicios, diz Rochefoucauld, entram na composição das virtudes, como os venenos nas composições dos remedios.

A prudencia ajunta-os e tempera-os, e d'elles se serve utilmente contra os males da vida.

O espirito do mundo só julga os homens pela relação de suas qualidades com as vantagens pessoaes; muitas vezes prefere um vicio agradavel ou um ridiculo brilhante, a uma virtude seria e desgostosa.

Do orgulho.

O *orgulho* é o sentimento da superioridade que cremos ter sobre os outros, e que lhes testemunhamos sem attenção ao seu amor proprio; é uma ridicuļa altivez que nos inspira o nascimento, os talentos, as vantagens da natureza e da fortuna, de que nos glorificamos para rebaixar os outros. Provém da boa opinião que se tem de si mesimo, e do desprezo de outrem.

Destreza, complacencia, subtiliza, ardil, artificio.

A *destreza* é saber levar as empresas de uma tal maneira, que o resultado seja o bom exito d'ellas; *complacencia* é uma disposição em se accommodar ás conjecturas e aos acontecimentos imprevistos; *subtileza* é a maneira de obrar occulta e secretamente; *ardil* é querer chegar a qualquer fim disfarçadamente; *artificio* é um meio provado e pouco natural para a execução de qualquer designio. As tres primeiras palavras tornam-se muitas vezes mais favoravelmente que as outras duas.

A *destreza* emprega meios e pede intelligencia; a *complacencia* evita obstaculos e quer descanço; a *subtileza* insinua-se de uma maneira insensivel, e se suppõe cheia de penetração; o *ardil* engana e tem necessidade de uma imaginação engenhosa; o *artificio* sorprehende e se serve de uma dissimulação estudada.

Affectação.

A *affectação* é uma maneira empenhada em ostentar qua-

dades, que sentimos que nos faltam e que queremos ter. Nunca se é tão ridículo, diz la Rochefoucauld, pelas qualidades que temos, como por aquellas que affectamos ter.

Toda a affectação, diz Duclos, acaba por se manifestar, e fica então abaixo de seu valor real. Assim fica-se meio vingado por se ter sido logrado. Sejam os pois o que somos; não augmentemos nada a nosso character; tratemos sómente de suprimir o que póde ser incommodo para os outros e perigoso para nós mesmos; tenhamos coragem de subtrahirmo-nos á escravidão da moda, sem passarmos os limites da razão.

A affectação é pois como temos dito, uma maneira de imitar qualidades que não existem, ou que queremos ter: isto estabelece duas especies de affectações.

A primeira chama-se hypocrisia.

Affectação, propriamente dita (diz Richelieu), é uma certa escolha de expressões singulares; é prova da esterelidade dos pensamentos; é uma especie de moeda falsa, para a qual não ha recurso senão na indigencia.

A affectação é causa do ridículo.

Avareza.

A *avareza* é o amor excessivo das riquezas.

O Avaro é um tratante que occulta um effeito que deve circular no commercio, e que por essa circulação traz á sociedade a fertilidade e a abundancia; semelhantes a esses vapores que o sol attrahe a si para os espalhar sobre toda a terra. As riquezas nos são dadas para as distribuirmos com aquelles que não as tem. E' um deposito que a Providencia confia aos ricos. Quão poucos são os que d'ella sabem fazer bom uso!

Hypocrisia.

A *hypocrisia* é a mascara da virtude, é a affectação de piedade ou de virtudes que se não tem.

Hypocrisia, diz Rochefoucauld, é uma homenagem que o vicio presta á virtude.

Um homem, que occulta muito tempo um vicio ou uma paixão, quando se chega a descobrir, conhece-se que ó um hypocrita. A hypocrisia não consiste em occultar os vicios, mas sim em ostentar virtudes que se não possuem.

Lamentação.

A *lamentação* é uma forte e continuada queixa. A queixa exprime-se pelo discurso, os gemidos acompanham a lamentação: lamentamo-nos na dôr, e queixamo-nos na desgraça: o homem que se queixa pede justiça, o que se lamenta implora piedade.

Baixeza.

A *baixeza dos sentimentos* é um defeito de elevação na alma; defeito que vem de uma educação pouco cuidada, e algumas vezes tambem de um vicio de constituição. Os indolentes ordinariamente não são muito elevados nos sentimentos e se mergulham n'um estado tal de baixeza, que se chama abjecção, quando é voluntaria.

Bizarria.

A *Bizarria* é o gosto das cousas singulares: é signal de espirito falso. Ella é algumas vezes effeito do amor proprio, no desejo de se distinguir por qualquer meio que seja.

Decencia.

A *Decencia* é a conformidade dos discursos ou das acções, relativamente ás pessoas, á idade, ao sexo, aos tempos e aos lugares, segundo os usos e os respeitos estabelecidos na sociedade.

A decencia muitas vezes não é mais do que uma mascara de virtude: ostenta sentimentos que não tem, e occulta com cuidado os defeitos reaes.

Boa fé.

Boa fé é uma fidelidade sem desconfiança, e sem artificio.

Bondade.

A *bondade de coração* é uma disposição que não só nos leva a fazer bem, como a procurar occasião de o fazer. Differe da benevolencia em ter uma significação mais geral. Uma é a causa, outra o effeito.

Nada é mais raro, diz la Rochefoucauld, do que a verdadeira bondade: aquelles mesmos que julgam tel-a, não tem ordinariamente senão complacencia ou fraqueza. Ninguem merece o titulo de bom, se não tem ousadia para ser máo. Qualquer outra bondade não é mais do que preguiça ou impotencia de vontade.

A verdadeira bondade consiste na inclinação que se tem de amar os homens, desculpar seus defeitos, perdoar seus vicios, interpretar o que fazem do modo mais favoravel, supportal-os, e fazer-lhes bem, ainda mesmo que nada se tenha a esperar em troca. Eis o que faz os homens bons. Para deprimir a qualidade dos bons, os máos imaginaram chamar a um bom homem, a uma boa mulher, fracos e imbecis. Esse ruim modo de se exprimir tem sido adoptado por um grande numero de homens que não reflectem.

Valor.

O *valor* é uma firmeza d'alma, que se expõe ao perigo pela honra ou pelo dever, antes, que por esse ardor impaciente que se chama coragem. Differe desta ultima, porque é fruto de reflexão, no entanto que a outra é do temperamento. Tornamo-nos valorosos e nascemos corajosos.

O valor é mais esclarecido que a coragem: a coragem mais impetuosa teme menos o perigo e os obstaculos.

Pezar.

O *pezar* é o effeito da tristeza.

O espirito *pezaroso*, diz Theophrasto, faz não estar-se contente de ninguém (nem mesmo de nós, poderia elle ajuntar), e queixar-se constantemente e sem fundamento.

Circumspecção.

A *circumspecção* é julgarmos com moderação as acções dos homens. Para bem se julgar é necessário conhecer-se o motivo, e d'isso é que jámais nos podemos lisonjear, porque não podemos ser tão circumspectos, logo que se trata de louvar ou deprimir alguém sobre falsas apparencias. A *circumspecção* tem uma significação mais extensa.

Ambição.

A *ambição* é um desejo violento de obter honras e dignidades. E' facil conhecel-a como obra da imaginação, diz Fontenelle; ella tem seu character: inquieta, cheia de projectos chimericos, vai além de seus desejos, e logo que estão completos, ha sempre para ella um termo a que jámais póde attingir. E' a mais incuravel doença do espirito. As outras paixões se acalmam pela aquisição do bem que se pretende, mas a sêde do ambicioso assemelha-se á do hydropico; irrita-se e cresce á medida que a procura satisfazer.

O sabio, diz la Bruyère, cura a ambição com a mesma ambição: ella pende para tão grandes cousas, que não se póde limitar ao que se chama thesouros, empregos, fortuna e favores. Nada vê em tão fracas vantagens, que seja assás bom, assás sólido para encher seu coração e para merecer seus cuidados e seus desejos; tem necessidade de esforços

para os não desdenhar de todo. O unico bem, capaz de o tentar, é essa especie de gloria que só deveria nascer da virtude simples e pura; porém os homens raramente a dão, e assim se passa a vida.

A ambição moderada, que só emprega meios legitimos para obter, chama-se emulação; é então uma virtude que concorre para o bem da sociedade, e por consequencia para felicidade d'aquelle que a exerce.

A fortuna, o poder, a autoridade, são bens de segunda ordem, e que, como uteis, merecem ser procurados, ou como meios de conservar a felicidade para nós ou para os outros: negligenciar adquiril-as, é expor-nos aos males da pobreza, acabar nossa independencia, e tornarmo-nos inuteis e desprezíveis á sociedade. E' muito louvavel aspirar a uma grande consideração para conservar a mais nobre das faculdades e poder fazer bem.

Audacia, temeridade.

A *audacia* é uma coragem intrepida que inspira o desespero do perigo: a *temeridade* é um furor brutal, que se precipita a elle, por que não o vê, e muitas vezes mesmo porque o teme: a audacia, ao contrario, vê o perigo, affronta-o, e vóa a seu encontro. O poltrão, que o furor e a vergonha aguilhoam, torna-se algumas vezes temerario; o homem corajoso, que a honra ou a virtude animam, tem no maior perigo momentos de audacia que o levam a grandes acções. Finalmente, a temeridade não é mais do que um movimento cego e passageiro: audacia é o effeito de uma coragem esclarecida. Audacia se diz ainda d'esses discursos insolentes, ou d'essas maneiras altivas que os inferiores tem para com seus superiores.

Aversão.

A *aversão* é um afastamento que a natureza nos inspira para com as pessoas em cousas que não tem semelhança alguma com nossas inclinações, nossos gostos e nossos sentimentos.

A aversão é um sentimento passageiro, mais fraco que o odio, e mais razoavel do que a antipathia, cujos effeitos são muitas vezes inexplicaveis. Damos a razão de nossa aversão ou de nosso odio, porém não podemos dar de nossa antipathia.

Brutalidade.

A *brutalidade* é um ardor cego e impetuoso que perturba o juizo, e torna o homem semelhante aos animaes ferozes. E' um meio do temperamento que vem da quantidade e da má qualidade dos homens. Encerra em si a idéa de força junta à iniquidade. O homem brutal obra pelo primeiro movimento e nunca pela reflexão.

Esta desgraçada disposição se corrige pela educação e pelo habito de raciocinar, que enfraquecem insensivelmente as paixões contrarias á felicidade.

Eis como Theophrasto pinta a brutalidade. E', diz elle, uma certa dureza, e uma ferocidade que se encontra em nossa maneira de obrar, e que chega até as nossas palavras. Se perguntardes a um brutal: o que é feito de fulano? vos responderá duramente: não me quebreis a cabeça. Se o saudares, não vos fará a honra de responder-vos. Se pozer à venda alguma cousa que lhe pertence, é inutil perguntar-lhe o preço; não vos escutará, mas dirá altivamente a quem a quizer comprar: que tendes a dizer?

Castidade.

A *castidade* é uma virtude moral, que consiste em nada dizer, em nada fazer que possa ferir o pudor ou a fidelidade conjugal.

A castidade, diz Diderot, é uma virtude moral, pela qual nós moderamos os desejos desregrados da carne. Entre os appetites que recebemos da natureza, um dos mais violentos é o que attrahe um sexo para outro: appetite que nos é com-

mum com os animaes de qualquer especie que seja, por que a natureza não velou menos na conservação dos animais, que na do homem. Mas ha entre os homens, esse instincto por excellencia, o que não se nota nos outros animais; é o enganar a natureza, gozando do prazer que ella liga á propagação da especie humana, pouco preza o fim desse attractivo, é isto precisamente o que constitue a essencia da impureza, e por consequencia a essencia da virtude a ella opposta; está em saber-se prudentemente aproveitar o que recebemos da natureza, e jámais separar o fim dos meios.

A castidade tem-se fóra do casamento e no casamento: no casamento, satisfazendo tudo que a natureza exige, de que a religião e as leis do estado autorisam; no celibato, resistindo á impulsão da natureza, que sem respeito ao tempo, aos lugares, ás circumstancias, aos usos, ao culto, aos costumes e ás leis, nos arrasta a acções proscriptas.

E' preciso não confundir a castidade com a continencia. Póde-se ser casto sem ser continente, e reciprocamente continente sem ser casto.

A castidade é de todos os tempos, de todas as idades e de todos os estados; a continencia é só do celibato, quando não é um estado de obrigação. A idade torna necessariamente os velhos continentes, mas é muito raro tornal-os castos.

Eis tudo quanto a philosophia parece nos dictar sobre a castidade; mas as leis da religião christã são muito mais restrictas; uma expressão, um olhar, uma palavra, um gesto mal intencionado, offendem a castidade christã. O christão não attinge á verdadeira castidade, senão quando se conserva n'um estado de pureza angelica, não obstante as instigações perpetuas da malignidade e da carne. Tudo que póde favorecer os esforços desses inimigos de nossa innocencia, são outros tantos obstaculos á castidade; taes como o excesso em beber e comer, o trato de pessoas desregradas ou mesmo de um outro sexo á vista de um objecto indecente, um discurso equivoço, uma leitura desonesta, um pensar livre, etc.

Desconfiança, suspeita.

A *desconfiança* é o temor de ser enganado por pessoas

que se não conhece; *suspeita* é o temor de ser enganado por homens de má fé e duplicidade de posição.

A desconfiança é effeito de uma prudencia esclarecida pela experiencia e conhecimento dos homens; a suspeita é effeito de um temperamento naturalmente timido e suspeito.

A desconfiança não faz boa idéa das pessoas de que desconfia, mas não passa d'ali.

A suspeita vai mais longe, e tem sempre má opinião d'aquelles de quem suspeita: em fim uma desconfia porque não conhece com quem lida, outra suspeita porque d'elle pensa mal.

O sabio deve desconfiar de seus juizos e dos favores da fortuna; porém deve ter no commercio da sociedade uma confiança esclarecida.

Desgosto.

O *desgosto* provém da saciedade, ou da idéa falsa de um bem que hão exagerado. O que está occupado sempre em se tornar feliz, persegue com ardor tudo que tem apparencia de bem: o gozo o desengana, ou o excesso corrompe-lhe a doçura, e d'ahi nasce o desgosto.

O philosopho que reconhece o preço de cada cousa, o homem moderado que sabe jogar, não conhecem os desgostos.

Curiosidade.

A *curiosidade* é uma necessidade do espirito, que nos inspira o desejo de saber, e faz-nos procurar no conhecimento dos objectos que nos cercam a felicidade que buscamos continuamente. Nasce da vivacidade, da imaginação e da promptidão das operações do entendimento, que procura cotejar as cousas que o affectam.

Esta disposição, que annuncia espirito, é causa da maior parte dos nossos conhecimentos e tambem de nossos erros, quando só tem por fim a indagação dos prazeres.

O desejo de instrucção, diz o cavalheiro de Jaucourt, é tão natural, que nada se ganharia em abandonal-a, pois que

serve de base ás verdades intellectuaes, á sciencia e á sabedoria. Porém este desejo de esclarecimento e de instrucção, não é comtudo uma idéa propria da alma que desde sua origem é independente dos sentidos, como algumas pessoas imaginam. Philosophos judiciosos, entre outros Quesnay, têm demonstrado que o desejo de alargar seus conhecimentos é uma afeição d'alma excitada pelas sensações ou pelas percepções dos objectos que conhecemos mui imperfeitamente. Esta idéa não só faz-nos perceber nossa ignorancia, como excita-nos a adquirir quanto é possivel um conhecimento mais exacto e mais completo do objecto que representa. Quando vemos, por exemplo, o exterior de um relógio, concebemos que ha no interior deste diversas partes, uma organização mecanica, e um movimento que faz andar o ponteiro que marca as horas: d'ahi nasce o desejo que nos faz abrir o relógio para examinarmos sua construcção interior. A curiosidade não póde pois ser attribuida senão ás sensações e percepções que nos affectam, e que nos vem por via dos sentidos.

Porém essas sensações e essas percepções, para serem um pouco fructuosas, demandam trabalho e perseverança: da curiosidade passageira não tiramos vantagem alguma. Jámais descobriríamos a existencia do relógio, se não nos demorassemos em observar com attenção cada uma das partes que o compõe, e de que sua organização e seu movimento dependem. O mesmo acontece com as sciencias: aquelles que as percorrem só ligeiramente, não adquirem nada solido; a pressa de se instruirem, por necessidade momentanea, por vaidade ou por passatempo, não produz mais do que idéas vagas no espirito que breve se apagam.

Os conhecimentos intellectuaes são, pois, com muita razão, imperceptiveis, aos que fazem pouco uso da attenção; porque estes conhecimentos não são adquiridos senão com uma applicação continuada, ao que a maior parte dos homens não se sujeita. Só os mortaes, formados por uma completa educação, é que chegam directamente aos conhecimentos intellectuaes, ou aquelles em quem uma viva curiosidade excita a descobri-los por uma profunda meditação. Porém mesmo quando chegam a esse ponto, ainda acham em que se entreterem, porque a natureza deo muita extensão á nossa curiosidade, e estreitou os limites á nossa intelligencia.

Desdem.

O *desdem* é um sentimento de desprezo misturado de altivez. Este sentimento vem da comparação que se faz das próprias vantagens com os vícios e os defeitos dos outros. Ha, diz o abbadé Girard, homens vãos que fazem do *desdem* uma propriedade pessoal, de que usam como uma etiqueta, para annunciar o merito que pretendem ter, e onde só se vê o contrario do que querem possuir.

Dureza.

E' a insensibilidade dos males que endurecem os miseraveis; é um vicio do coração que vem do temperamento. Os velhos são ordinariamente menos compadecidos que os moços; parece que o coração se gasta: a experiencia dos males é que o endurece.

Calumnia.

A *calumnia* é a maledicencia injusta, fundada em falsas apparencias. Deve sua nascença ao odio, á inveja, ou á maldade.

Desgraça.

E' o estado constante de penas e soffrimentos. E' um erro dizer-se que ha homens que nascem desgraçados. O sentimento de infortunio é que faz a desgraça. O mesmo que se cria desgraçado pela falsa opinião que tinha do mal, quando tem d'elle uma justa idéa acha-se muito feliz.

Temos já dito, e agora repetimos, que a doença não é um mal real, e por se ser doente não se é pois desgraçado, somente se sente menos a ventura.

O homem é que faz sua desgraça ou sua ventura. E isso acontece porque não nos podemos applicar muito em conhecer o bem e o mal.

Quasi todas as desgraças da vida provêm das idéas falsas que se formam do que se passa, diz Rochefoucauld.

Affeição.

A *afeição* é a maneira porque a alma é affectada de cousas dependentes da moral. O homem do mundo é afeiçãoado a tudo que se refere á gloria; o philosopho a tudo que tende á felicidade: um prefere a reputação á virtude; o outro a virtude á reputação. Esta expressão toma-se pela má ou pela boa parte: diz-se igualmente que um homem está bem ou mal afeiçãoado: entre tanto é mais ordinario ella ser empregada favoravelmente, e então afeição significa amor.

Arrogancia.

A *arrogancia* é uma maneira altiva de obrar ou de fallar, que nos annuncia pretensões. Ha sem duvida homens a quem todos os respeitoos são devidos, mas cujas pretensões são muito ridiculas. O homem nasceo livre e independente em suas vontades, e se apraz em recusar o que d'elle se exige, só dá com gosto voluntariamente.

Heroismo.

E' a pratica d'uma virtude eminente: toma origem na grandeza d'alma, e se estende em todos os generos de virtude, ainda que communmente se empregue só para significar coragem brilhante, e esse valor que despreza os perigos e a mesma morte. Um infortunado que soffre com paciencia os revezes da sorte, e que se immola ao bem do estado, de sua familia ou de seus amigos, é mais heroe que aquelle que affronta os perigos.

Neste caso está a virtuosa D. Anna Barbosa Correia de Araujo, cuja vida de sacrificios e heroismo poucas pessoas podem tel-a. No meio das maiores contrariedades seu animo

não se abatia, e resignada sob a compressão dos revezes, não se lhe ouvia um signal de desesperação.

Parece, diz La Bruyère, que o heroe é de uma só materia, a da guerra, e que o homem grande é de todas as materias, ou da roupa, ou da espada, ou do gabinete: todos não valem um homem de bem.

Desregramento, depravação.

Desregramento é alguma cousa menos que *depravação*: póde-se sahir do desregramento, morrer-se na depravação. Crer-se comtudo que o desregramento é um estado perdoavel ou mesmo desculpavel, é um prejuizo; um desregrado falta com o respeito ás leis e autorisa as fraquezas a sacudir d'ellas o jugo, e destroe as mais bem formadas sociedades; um homem desregrado é capaz de muitos excessos, e quasi nunca de cousas honestas e virtuosas.

Entende-se pela palavra *depravação*, uma corrupção escandalosa do espirito, dos gostos e dos costumes: nada avilta mais o homem do que este estado: não se póde levar mais longe a baixeza e o esquecimento de si mesmo: é o tumulo da razão e do sentimento. Se ha um ente desprezivel que se deve evitar e fugir, é certamente o homem depravado; mas entretanto elle é admittido na sociedade, onde se acha ás vezes amavel e divertido, e muitas vezes desejado.

Continencia.

A *continencia* é uma moderação no uso dos prazeres; é uma virtude moral, que só dá ás necessidades da natureza o que lhe é precisamente necessario para as satisfazer. Esta palavra entende-se tambem como precaução voluntaria dos prazeres, e então é uma virtude christã.

A continencia é uma virtude moral, pela qual resistimos ás impulsões da carne. Parece haver uma differença entre a castidade e a continencia, que vem a ser, que o ser casto não custa nenhum esforço, pois é uma das consequencias naturaes da innocencia; no entretanto que a continencia mos-

tra ser uma victoria alcançada sobre si mesmo. Nós julgamos que o homem casto não experimenta movimento algum no espirito, no coração e no corpo, que seja opposto á pureza; ao contrario, o homem continente deve ser atormentado por todas as emoções a que tem de resistir, e segue-se que ha mais merecimento em ser-se continente do que casto. A castidade tem muita tranquillidade de espirito, a continencia tem o imperio que adquire sobre os desejos. O apreço que se faz desta virtude não é indifferente ao estado popular. Se os homens e as mulheres ostentassem a incontinença publicamente, esse vicio se espalharia sobre todos, até mesmo sobre o gosto, e a propagação da especie é que soffria particularmente, diminuindo necessariamente á proporção que esse vicio augmentasse. Basta reflectir um momento sobre sua natureza, para achar as causas physicas e moraes deste effeito.

Cubiça.

A *cubiça* é um desejo immoderado. Estende-se á gloria, ás riquezas, aos prazeres e geralmente sobre tudo que é objecto de nossos desejos. Ella é uma paixão baixa e impropria de uma alma nobre.

Affabilidade.

A *affabilidade* é uma maneira doce e affectuosa de receber e de ouvir pessoas que o acaso ou a necessidade de negocios traz á nossa presença; é uma virtude da sociedade, fundada sobre o amor dos homens e o desejo de lhes agradar; ella nos faz attentos, previdentes e promptos a tudo emprehender para prestar serviços. E' mais devida á reflexão que ao pensamento.

Sensualidade.

E' uma disposição da alma a ser facilmente affectada dos

objectos sensiveis, e nisso é que differo da sensibilidade, pois que esta é só affectada das cousas moraes.

A excessiva sensibilidade e excessiva sensualidade, são o principio das grandes paixões e origem do genio.

Toma-se commummente a palavra *sensualidade* em máo sentido, quando se a emprega para exprimir o prazer que sente um comilão, ou aquelle que a recebe do temperamento. Mas, tornamos a repetir, a sensualidade não é um mal: ella reúne os maiores bens; e só seu abuso é reprehensivel.

Entretanto, se a sensualidade contribue para a ventura e para o genio, é preciso convir que é nociva aos conhecimentos. O homem sensual sente mais do que pensa. Fortemente occupado da sensação presente, exerce menos suas outras faculdades, a memoria e a reflexão. Concentrado em si mesmo, ditoso em sua existencia actual, elle se compraz que a necessidade, a inquietação e o desejo, que são d'ella o resultado, o leve para novos objectos.

Sentimento.

E' a maneira, pela qual a alma é affectada dos objectos intellectuaes e das cousas dependentes da moral.

O *sentimento* revela-se no homem por tudo que serve de lhe recordar a idéa de sua excellencia, como a amizade, a ternura, o livre exercicio de suas faculdades, a idéa da perfeição em si mesmo ou nos outros.

E' o sentimento quem excita a memoria, e que muitas vezes determina nossos juizos, e consequentemente nossas acções.

Preguiça.

E' o odio ao trabalho. Toda a natureza está em acção, e não subsiste senão pela acção. O homem principalmente tem necessidade do trabalho, e deve procurar tornar-se util, tanto para o bem da sociedade, como para sua propria ventura: logo, a preguiça, que é a fuga de qualquer trabalho,

a respeito do corpo ou do espirito, é um dos maiores obstáculos á ventura. Causa-nos um langor, um abatimento que nos torna incapazes de tudo; oppõe-se ao cumprimento de nossos deveres, e longe de dar-nos descanso e tranquillidade, só produz aborrecimento e penuria. Em qualquer circumstancia do corpo em que um preguiçoso se ache, nunca está bem. A preguiça é prejudicial á saúde, e aos conhecimentos que se poderiam adquirir, impede as boas acções que poderíamos fazer, e faz-nos muitas vezes falliar o successo dos projectos mais uteis, retardando nossos passos.

Arrependimento.

E' o sentimento das faltas que quizeramos não ter commettido, junto ao desejo de as reparar.

Nesta situação, diz Condillac, o homem recorda-se das circumstancias em que tem sido mais feliz. Lembra-se que quando estava livre do objecto que fez seu tormento, tinha outros de que o gozo lhe era offerecido, e que sabia por experiencia serem proprios á ventura; julga então que em seu poder estava preferil-os, como havia feito em outras occasiões: lamenta-se, e não somente soffre pelos males que acompanham a escolha que fez, como ainda pela privação das vantagens que lhe fugiram. Ora, o desgosto que experimenta quando faz essa comparação, que julga só devida á sua má escolha, é que chamamos arrependimento.

Rectidão.

E' o sentimento do verdadeiro; é uma qualidade de espirito que sabe distinguir o falso do verdadeiro. O habito de reflectir é que o dá.

A rectidão dá-nos tambem ordinariamente facilidade para reproduzirmos nossos pensamentos com clareza e precisão, ainda mesmo sem o dom da expressão; é o fructo do conhecimento da linguagem e do habito de escrever e de fallar.

Indulgencia.

E' uma disposição do espirito, que nos faz desculpar as faltas e os defeitos dos outros. Provém do temperamento ou da reflexão: do temperamento nos caracteres doces: da reflexão naquelles que se dedicam a conhecer os homens. Quanto mais estudamos o coração humano, mais nos persuadimos que o homem é mais fraco do que o vicio, e que por esse titulo merece mais nossa compaixão e indulgencia, do que nosso odio e rigoroso juizo. D. Francisca de Paula é a indulgencia personificada.

E, entretanto, condemnamos nos outros o que permittimos em nós. Do mesmo papel, diz Montaigne, em que se escreve a condemnação de um adulterio, o juiz rasga um pedaço para fazer um bilhete amoroso á mulher do seu vizinho.

Providencia.

E' essa intelligencia superior que tudo ordena. Brilha na igual distribuição dos bens e dos males: reparte com os pobres de espirito as riquezas que elles por si não poderão adquirir, e áquelles que são mal tratados da fortuna distribue talentos para ganhá-las, ou pelo menos dá-lhes a firmeza necessaria para supportar os trabalhos, e saude para gozar dos prazeres que são communs a todos os homens, tranquillidade de espirito e paz de coração.

A providencia deveria brilhar igualmente na distribuição das cousas necessarias á vida. Deo aos povos do norte com que se defenderem dos rigores do frio, e aos do meio dia refrigerantes para apasiguarem a sêde ardente que os devora.

Não se pôde sustentar que DEOS, gozando o eterno repouso de uma felicidade inalteravel, não se importasse com o governo do universo.

Mal.

Mal, em geral, é tudo que é nocivo por sua natureza.

Relativamente a nós, olhamos como males tudo que se oppõe á nossa ventura, tudo que nos priva de qualquer bem, e tudo que tende á nossa destruição.

Os males são relativos, e pela maior parte só males na opinião.

Commummente olha-se como males, a pobreza, a obscuridade, o exilio, a escravidão, a dependencia, a infamia, a imbecilidade, a fealdade, a ignorancia, etc. As cousas, diz Montaigne, não são tão dolorosas, nem tão difficeis por ellas mesmas; porém nossa fraqueza e cobardia assim as fazem.

Noossa vida é composta, com a harmonia do mundo, de cousas contrarias, e tambem de diversos tons, doces e asperos, agudos e baixos, frouxos e graves. O musico que só gostasse de uns, como se poderia expressar?

E' preciso que elle saiba servir-se de todos em commum e mistural-os: o mesmo nos acontece com os bens e males que são consubstanciaes á nossa vida.

Humanidade.

O amor dos homens é um sentimento de benevolencia, que nos excita a fazer sua ventura, ou por nossos conselhos, ou por nossos exemplos, ou por nossos beneficios; é o principio do bem moral.

A humanidade é o fructo de uma boa educação e de um amor proprio esclarecido, que raciocina sobre sens verdadeiros interesses: tambem é effeito de um bom temperamento. As pessoas doces e doudas são naturalmente dadas ao amor do humanidade.

A humanidade, esse sentimento nobre, que nos affecta de compaixão ou de amor para com nossos semelhantes, nos faz participar de alguma sorte á felicidade da divindade, que se apraz em amar, soccorrer e conservar a natureza humana.

Entre as muitas pessoas que conhecemos dotadas de humanidade, é a Sra. D. Maria do Carmo Carias de Azevedo, mulher do Sr. Pedro José de Azevedo, senhora tão huma-

na, que nos fez tributar-lhe profundo respeito pelo muito que presenciámos posto em pratica por ella.

Adoração.

A *adoração* é a homenagem que se deve á divindade. E' tomada de duas maneiras: a primeira é uma elevação da alma para seu Creador; a segunda, que se chama culto, é o modo porque se deve adorar a DEOS.

Os deistas querem que a primeira seja só sufficiente, e não admittem culto de maneira alguma.

Clemencia, misericordia.

Como são duas virtudes que tendem por diverso modo ao mesmo fim, que é fazer bem ao desgraçado, minorar-lhe o seu mal, fallaremos d'ellas juntas, e ao depois da clemencia em particular.

A *clemencia* (Roquete) é aquella virtude que tempera e modera o rigor da justiça; a *misericordia* a que inclina nosso coração a compadecermos dos trabalhos, desgraças e misérias de nossos semelhantes, e a procurar soccorrel-as.

A clemencia considera o homem em relação á sua fragilidade ou malicia; a misericordia, em relação á sua infelicidade e miseria. A primeira é o effeito da bondade ou generosidade do animo, que mitiga o rigor merecido ou perdoa os aggravos que póde legalmente castigar; a segunda é o effeito da compaixão, que inclina a executar aquellas inclinações que podem alliviar os males ou consolar as afflicções. A clemencia não é de justiça, antes a debilita mais ou menos; por isso os estoicos a tinham por fraqueza de animo.

A misericordia porém não é fraqueza, senão justiça e caridade, e tem que ser ollhada como virtude, até pelos mais rigidos estoicos.

Implora-se a clemencia ou a misericordia d'aquelle de cuja vontade depende o castigo ou a vingança; porém é com differentes relações: na clemencia pedimos um effeito de

generosidade; na misericórdia um effeito de compaixão. Por isso ás obras de misericórdia não se podem chamar com igual propriedade, obras de clemencia. Segundo o Evangelho todes devemos ser *misericordiosos*; aos soberanos, e aos administradores da justiça só pertence ser *clementes*.

A clemencia tem sua origem no amor da humanidade. Ella é a mais brilhante das virtudes, e que torna o homem mais semelhante a DEOS. Uma clemencia cega e sem limites é tão perigosa em um estado, como é tambem uma grande severidade; porque se ella faz o elogio do coração, ao mesmo tempo faz a censura do espirito.

A clemencia, diz Montesquieu, é a qualidade privativa dos monarchas. Na republica, onde ha por principio a virtude, ella é menos necessaria.

N'um estado despotico, onde impera o temor, a clemencia é pouco usada, porque é preciso sustentar os grandes do estado com exemplos de severidade. Nas monarchias, onde governa a honra, que muitas vezes exige o que a lei prohibe, a clemencia torna-se de absoluta necessidade.

O conde de Oxenftirn, fallando da clemencia, diz ser o mais excellente adorno da corôa de um soberano, e este deve fazer com que ella brilhe em toda a parte onde se trata de consolar o povo e os desgraçados.

Por meio d'ella se grangeia a benção do Céu e o applauso dos homens; e como a justiça raras vezes se queixa da clemencia, assim o principe deve suavisar o rigor da primeira com a mansidão da segunda; pois muitas vezes se observa que *summum jus, summa injuria*; assim, primeiro que castigue, deve considerar bem o que faz.

Muito se deleitou Marco Antonio de lèr o epitafio de certo rei de Chypre, que diz: *Nunca castiguei ninguem, que primeiro não lhe tivesse perdoado quatro vezes: tendo-me muitas vezes arrependido de ter castigado, mas nunca de ter dado o perdão*. De mais disso, é certo que os homens deixam-se mais depressa ganhar pelos favores, do que pela força e crneldade. A insignia de Marco Aurelio era: *Regni Clementia Custos*; e Crobro mandou gravar na sua moeda estas palavras: *Clementia Augusti virtus Cæsaris*. E' o Soberano o Lugar-Tenente de DEOS em seus estados, e por conseguinte deve amoldar-se o mais que é possivel ao me-

thodo de reinar do Rei dos Reis, que é a suprema bondade e clemencia infinita.

Do que temos dito se conclue, que os principes, que governam com doçura e clemencia, reinam sobre os povos e suavizam por esta fôrma a fastidiosa e triste sorte de terem nascido vassallos; ao mesmo tempo que os tyrannos têm de ordinario desgraçado fim. Quasi todos os reis de Roma foram assassinados: os que foram bons tiveram bom fim.

Os antigos faziam da clemencia uma diversidade de subida ordem, a ponto de lhe consagrar um culto.

Nada ha mais bello do que ver a apologia que faz Cicero á clemencia de Cezar quando, defendendo a Marcello, consegue-lhe o perdão.

« Domastes, dizia Cicero a Cezar, povos na crueldade barbaros, na multidão innumeraveis, nas regiões infinitos, e em todo o genero de tropas abundantes; mas venceste o que de sua condição e natureza era vencivel, porém não ha fortaleza tão robusta que com ferro e força se não possa enfraquecer e quebrantar: vencer o animo. refrear a ira, ter moderação na victoria, não só levantar donde estava prostrado a um emulo insigne por nobreza, intendmento e valor; mas augmentando-lhe o seu antigo credito; quem isto obrar, nós o não compararemos com os maiores homens, mas o teremos por um semelhante a Deos. . . Com razão pois anteporás este dia ás tuas maiores façanhas; esta acção é propria só de Cezar: as de mais, que obraste como general, são grandes na verdade e muitos tiveram nellas parte; porém desta és juntamente o capitão e o soldado. Tão insigne é ella, que não haverá idade que ponha fim a teus tropheos. Não ha obra nem manufacturá que o tempo por fim não consuma e acabe; mas esta tua rectidão e brandura de animo cada dia florecerá mais, de modo que quanto os annos tirarem as tuas acções, tanto augmentarão os louvores desta. Muito ha que venceste em justiça e clemencia a todos os mais vencedores das guerras civis; mas hoje te venceste a ti mesmo.»

Cicero encareceo tanto as qualidades de Cezar, que não teve nome com que qualificasse a grandeza d'alma do mesmo Cezar.

O cão fiel

creve uma folha estran-
cão fiel, a cuja memoria
monumento na cidade de

res, diz essa folha, hão
de uma noticia que ha
s acerca de um monu-
baroneza Burdett-Coutts
a memoria de um cão, em Edim-
burgo. Eis a historia desse animal, cujo
nome passará á posteridade:

Em 1858 enterrava-se em Edimburgo, no
velho cemiterio de Greyfriars, o cadaver de
um pobre homem chamado G. No cor-
tejo funebre, aliás pouco numeroso. No cor-
se a presença do cão do finado, que se en-
atraz do feretro, com a cabeça baixa e pre-
za de uma visivel tristeza. No dia seguinte
o guarda do cemiterio encontrou o cão dei-
tado sobre a campa de seu dono. A entrada
no cemiterio era prohibida aos visitantes
daquella especie e por isso o guarda poz
fóra o pobre Bobby. No dia seguinte, porém,
repetiu-se o mesmo facto.

No terceiro dia fazia frio e o tempo estava
humido, porém o cão lá estava no mesmo
sítio. O velho guarda teve pena do animal
e deu-lhe de comer. Desde esse momento
Bobby julgou-se com direito de ficar e ficou.
O Sr. Scott, sargento de engenheiros, ali-
mentou-o durante muitos annos e depois
seguiu-se-lhe o Sr. Trail, dono de um res-
taurant da visinhança. Ao tiro de peça do
meio dia, disparado da cidadella, Bobby
corria á sôpa. Isto durou mais de 40 annos.

Veio o imposto sobre os cães. Era o mes-
mo que pedir a Bobby a bolsa ou a vida. Vin-
te pessoas offereceram-se ao mesmo tempo
para pagar o que competia ao cão, porém o
lord prevoste, sabendo do facto, isentou o
pobre animal do imposto e, para lhe teste-
munhar a sua estima, deu-lhe uma soberba
colleira, onde mandou gravar as seguintes
palavras: «Greyfriars Bobby. Esta colleira
foi-lhe offerecida pelo lord prevoste de
Edimburgo em 1867.»

Beneficencia, benevolencia.

Já, de passagem, tratámos da *benevolencia*; agora a apresentamos ligada á *beneficencia*.

A *benevolencia* é o desejo de fazer bem; a *beneficencia* é o cumprimento, ou antes a mesma acção. São duas virtudes que nascem do amor da humanidade, e que deveriam ser inseparáveis; mas, por desgraça, acham-se muitas vezes desunidas. Quantas pessoas vemos nós, que pensam muito fazer, limitando-se sómente á *benevolencia*! E' um sentimento que qualquer homem se deve lisongear de inspirar, mas custa tão pouco, que não é muito meritorio. Na difficuldade é que a virtude adquire o brilho, e é pelos esforços que faz, que mereça recompensas.

Nada dispõe mais á *benevolencia*, que collocou a natureza favoravelmente a encarar os homens e suas acções pela parte boa, que dar á sua conducta uma interpretação vantajosa; e, finalmente, considerar seus defeitos como effeito de seus erros antes, que de seus vicios.

Estes dous sentimentos parecem ter sido as virtudes exclusivas do Sr. D. Pedro II, actual imperador do Brasil, e de sua virtuosa Esposa, a Senhora D. Thereza Maria Christina. São tantos os actos de *beneficencia* deste generoso Senhor, que a historia quando as compendiar e confrontar, fará conhecer que o Sr. D. Pedro II foi mais *beneficente* que José II da Allemanha, e mais *benevolente* que Tito. Sua vasta erudição a par de um coração de anjo, marcará uma época solidaria nos annaes de nossa historia (1).

Aborrimto.

E' um estado d'alma que experimenta inquietações; é uma perturbação, uma agitação que nasce da actividade do espirito que procura um objecto que o possa encher e fixar, porque um tolo que se zanga por tudo, e um estúpido que

(1) São taes as excellentes qualidades deste grande homem, que mesmo entre os partidarios das diversas crenças politicas não tem elle inimigos.

de nada é affectado, não conhecem o aborrimto, elles só são feitos para o inspirar aos outros. O aborrimto, diz Massilon, só se encontra no desregramento de uma vida de agitação, onde cousa alguma jámais está em seu lugar.

O aborrimto é no universo uma mola, mais geral e mais poderosa do que se pensa. De todas as dôres é, sem contradição a menor, mas enfim é uma d'ellas. O desejo da felicidade nos fará sempre olhar um mal a ausencia do prazer.

Ha, diz Joucourt, dous meios de evitar o aborrimto: sentir e pensar. Mas como é raro e quasi impossivel poder sempre encher a alma só com a meditação, e como é perigoso algumas vezes entregarmos ás paixões que nos affectam, procuremos contra o aborrimto um remedio praticavel, ao alcance de todos, e que não traga inconveniente algum: é o trabalho corporal reunido á cultura do espirito, pela execução de um plano bem formado que cada um pôde fazer e completar acertadamente, segundo sua classe, sua posição, sua idade, seu sexo, seu character e seus talentos.

E' pois preciso evitar a inacção e a ociosidade, tanto como remedio, como felicidade.

Logo, o trabalho de qualquer especie, é o remedio a este mal. Quando mesmo o trabalho não tivesse outra vantagem, quando mesmo fosse incompleto, por lhe faltar os vicios, como diz La Fontaine, traria com sigo mesmo a recompensa em todos os estados da vida, quer no palacio do mais poderoso monarcha, quer na choupana do mais pobre lavrador.

Acabrunhamento, abatimento, desanimo.

O *acabrunhamento* provém do corpo ou do espirito: o *acabrunhamento* do corpo provém de doença ou de fadiga; *acabrunhamento* de espirito é o estado em que a alma fica, quando succumbe sob o peso de seus desgostos.

Este estado degrada o homem, e mostra sua fraqueza. Não ha males, nem situação na vida, para os quaes não haja remedio; e quando mesmo não ouvessem, seria sempre uma loucura affligirmo-nos, pois que isso de nada serviria.

O *abatimento* é um langor que a alma experimenta á vista de um mal que lhe acontece, e nos conduz algumas vezes ao acabrunhamento, que produz sempre o desanimo.

O *desanimo* é uma fraqueza que cede ás difficuldades, e que nos faz abandonar uma empreza começada, tirando-nos a coragem necessaria para acabar.

Candura.

Á *candura* é uma disposição de franqueza. Nasce do amor da verdade; mostra-se nos discursos, no mesmo silencio, nas acções, no semblante, nos olhos, no som da voz, e emfim, em qualquer gesto que escapar. Esta disposição, que faz a mocidade tão seductora, apaga-se pelo commercio do mundo, que dá algumas vezes a necessaria dissimulação. Ha pessoas de alma tão candida, que nem sob a compressão dos desgostos do infortunio se deixam arrastar pelo engano; antes fortificadas em si mesmo, caminham sem torpeço para que sua alma candida e pura, mostre-se em qualquer situação da vida como na realidade é. No grande theatro do mundo é que podemos conhecer e avaliar as nobres qualidades da alma de quem as possui, e para a candura ninguem nos poderá fornecer um exemplo mais original que a virtuosa D. Leonor Joaquina de Araujo.

Inveja.

E' um sentimento de odio misturado de desejos; sentimento que nasce em nós pelo desgosto de ver possuir a outro o bem que desejamos.

E' a mais triste e a mais vergonhosa de todas as paixões; torna-se o tormento dos que a possuem e dos que d'ella são alvos. O invejoso encara o bem que se faz a alguém como um roubo feito a elle, e muitas vezes busca vingar-se como de uma offensa, do que faz o beneficio e do que o recebe. A inveja é fructo de um amor proprio desordenado.

Se a inveja é um mal, póde-se dizer entretanto que al-

gumas vezes produz um bem, excitando a emulação, apresentando-nos nossos defeitos.

Eis como o cavalheiro de Joucourt define a inveja.

E', diz elle, uma inquietação d'alma causada pela consideração de um bem que desejamos, e do qual outro goza.

Resulta desta definição, diz Loche, que a inveja pôde ter muitos degrãos, que pôde ser mais ou menos desgraçada e reprehensivel. Em geral, é baixeza, porque de ordinario essa sombra real de merito não procura senão rebaixal-o, em vez de cuidar em se elevar até elle: fria e severa com as virtudes de outrem, nega-as ou recusa-lhes os louvores que lhe são devidos.

Se ella se junta ao odio, forticam-se uma na outra, e são recorriveis entre si, porque o odio dirige-se á pessoa, e a inveja ao estado, á condição, á fortuna, aos talentos, ou ao genio. Ambos multiplicam os objectos e tornam-os maiores do que são: a inveja é um vicio pusillanime, mais digno de desprezo que de resentimento.

Sem ajuntar aqui o que os autores dizem de *excellente* sobre esta paixão, basta considerar quanto soffre o invejoso, e quaes são os seus recursos e suas delicias, para preservarnos de sua violencia. O que dá satisfação ás almas bem nascidas e bem formadas, causa-lhes os mais vivos dissabores, e as boas qualidades de seus semelhantes tornam-se-lhes amargas: a mocidade, a belleza, o valor, os talentos, a sobriedade, etc., despertam-lhe dôr.

Os recursós da inveja limitam-se ás pequenas manchas, e aos ligeiros defeitos que se descobrem nas pessoas mais illustres. Seu pezar e suas delicias são quasi semelhantes áquellas de um gigante de romance, que toma por gloria matar homens, para ornar com seus membros as muralhas de seu palacio. E' impossivel demonstrar completamente os desgraçados effeitos da inveja, quando arrasta os homens a encarar como rivaes e inimigos aquelles que por seus conselhos poderiam ajudal-os a tocar a meta de sua ambição.

Modestia.

E' uma contensão nas palavras e nas acções, que impede

Figura do homem moderato

A modéstia está entre a impudência
e a apatia. É moderato aquele que
recusa com pouco a prosperos de causas
bravas q' se lhe quer dar - Ocles,
~~romano~~, com pouco incansável
mente os sinais do homem mo-
derato com os do homem verga e hão
q' fosse prevaler nos episódios
de uma infirmitade de causas de-
paradas. Aristotélis proem, e
Admancia, mais conformes, com
observação de quem q' os moderato, são
moderado nos seus palcos, e em seus
movimentos; tem avôr forte e avaros
raças tranquillo, e os outros alegres, negos
ou nussos por ^{humid} tem seu brilhante
nem se ^{to} abento, e nem se ^{to} fixado,
~~passa~~ movem ^{to} brando. O corpo
é sim pouco arguido, os olhos, sub-
e com attesta liza,

pag 364

~~Figura do homem Six goulou
e do homem Modesto~~

~~Assim se vê esta localidade entre
a imprudencia e a patina, e modesto
e o velho homem~~

Sinceridade.

E' a confissão de nossos sentimentos e pensamentos: é oposta á falsidade, que é um fingimento desses mesmos sentimentos e pensamentos.

Moderação.

E' uma disposição d'alma, que sem esforço a faz fugir de todos os excessos; provém do temperamento.

Os moços, que tem o sangue quente, e as pessoas agitadas por alguma paixão, não a conhecem: é partilha da idade madura e da velhice.

A razão e o habito de reflectir e combater nossas paixões, podem tambem nol-a dar. Socrates disso é uma prova; nasceu violento e arrebatado, e a philosophia tornou-o o mais meigo e o mais moderado de todos os homens.

A *moderação é thesouro do sabio*, diz Voltaire. E' ella que nos torna felizes, limitando nossos desejos. E' ella que nos instrue, regradando nossos desejos, porque a avidéz de tudo querer saber e conhecer, é o maior obstaculo á sciencia. A universalidade de talentos e conhecimentos é dada a muito pouca gente, e nada annuncia mais mediocridade, que a pretensão de ser nniversal.

Crueldade.

A *crueldade* é uma sêde de sangue humano; é uma especie de doença que provém do temperamento melancolico. O homem cruel é um desgraçado, acabrunhado com o peso de sua existencia, que odeia tudo que o cerca, e que quererá ter companheiros de infortunio. Desta maneira se produz n'alma um furor, effeito da força junta á iniquidade.

A crueldade é tambem ás vezes effeito da colera, e então chama-se *vingança*.

A crueldade é uma paixão feroz que incerra em si, ri-

De Tristano

Figura do homem triste

A tristeza provem conforme os auto-
res medievos, do humor melancolico
cuja origem e' a verde, e do agridor
causado p' uma obesa liza e do
hem p' muita applicacao a estudos,
na a honra tristura.

Chamam humilde tem o rosto tris-
te e o humor de carater tristonho
tem a testa rugosa, o rosto fino,
e a batida, bem como os olhos; e
o olho p' a vida inda tristonho.
Chamam humilde tem o rosto tris-
te, e com movimentos vagarosos,
o cabelo, e os nervos, e a fronte
gravel, e as sombancinhas, e o rosto
as vezes de brancos, e a liza e a
voz de bel, e como que se sentida
a respiracao, e a ampla, e a
p' a vida

gor, dureza para com os outros, incommiseração, vingança, gosto de fazer mal, pela insensibilidade de coração, ou pelo prazer de ver soffrer.

Esse vicio detestavel provém da cobardia, da ferocidade natural, da vista dos horrores, dos combates e das guerras civis, e de outros espectaculos crueis, do habito de derramar sangue dos animaes, do exemplo, emfim, de um zelo destruidor e supersticioso.

Em todos os paizes a humanidade, tomada no verdadeiro sentido, é uma qualidade mais rara do que se pensa. Quando se lê a historia das nações mais civilizadas, e que se vê tantos exemplos de barbaridade, fica-se tanto horrorizado, como confundido. Surprende-nos sempre quando ouvimos pessoas de uma certa ordem, apresentarem na conversação juizos contrarios á humanidade geral de que devemos estar possuidos. Parece, por exemplo, que tudo que vae além da morte, como execuções de justiça, tende á crueldade. Que se exerça o rigor da lei no corpo dos criminosos depois de sua morte, vá feito; mas antes d'esse termo, reprovamos os soffrimentos, por que respeitamos a humanidade até nos scelerados que a tenham violado; respeitamol-a tambem nos animaes, e não prendemos em vida a quem não damos liberdade, como fazia Montaigne, e não podemos esquecer que Pithagoras comprava os passarinhos para soltal-os. Porém a maior parte dos homens tem idéas tão differentes desta virtude, que começamos a temer que a natureza não tenha posto no homem alguma inclinação á inhumanidade.

Colera.

A *colera* é um sentimento vivo de odio, ao qual se junta o desejo de vingança; é um esforço que a alma faz para se desembaraçar de um mal que nos ataca. E' uma paixão que nasce muitas vezes do temperamento, e sempre do amor proprio offendido. Nem sempre se mostra por arrebatamento e ameaças: é ás vezes concentrada e então mais perigosa. As causas que produzem esta desordem são, um humor atrabliario, fraqueza, molleza e soffrimento de espirito, falsa delicadeza, sensibilidade reprehensivel, curiosidade

vã, facilidade em crer, amor proprio, amor de cousas pequenas, o pezar de ser desprezado e injuriado; disto procede ser a colera na mulher tão viva e tão plenaria: nasce muitas vezes da recusa de um desejo. Os effeitos desta paixão são ás vezes lamentaveis. Segundo a analyse de Charron, ella nos faz de injustos, lança-nos em grandes males por sua inconsideração, faz-nos dizer e fazer cousas indecorosas, vergonhosas, indignas, e muitas vezes funestas e irreparaveis, a que se seguem os remorsos: a historia antiga e moderna nos fornecem muitos exemplos.

Esta paixão irritante lança-nos em transportes violentos, e causa uma grande desordem em nossa machina.

E' tal a sua natureza, que põe subitamente, seja qual for a causa, todo o systema nervoso em uma agitação extraordinaria, pela constricção violenta que produz nas partes musculares, e que augmenta prodigiosamente, não somente a systole do coração e de seus vasos contiguos, porém ainda o tom das partes fibrosas de todo o corpo.

Esse movimento impetuoso do sangue e da alteração do fluido nervoso nas pessoas em que a colera chega a seu derradeiro periodo, se manifesta evidentemente no augmento do pulso, na promptidão da respiração, na sêde, na inchação, no rubor do rosto, na pulsação das arterias da cabeça, mais forte e mais elevada, sobre tudo ao redor das fontes, no brilho dos olhos, no gaguejar, na voz rouca, no fallar precipitado, na supressão das urinas, no tremer das partes exteriores, emfim, em certa precipitação notavel nas funcções do espirito.

Estes symptomas se acham mais ou menos reunidos, conforme o temperamento e a força da paixão: a physiologia os explica sem trabalho pela constricção spasmodica de todo o systema nervoso.

Quando a colera se apodera d'alma, diz Le Brum, os olhos ficam rubros e inflamados, as pupillas espantadas e scintillantes, as sobranceiras ora abatidas, ora levantadas; a testa mui enrugada, com vincos entre as orelhas; as ventas abertas e largas; os labios apertados, formando ás vezes um riso cruel e desdenhoso. Os dentes rangem e a bocca espuma; o rosto pallido em algumas partes e n'outras inflamado e de todo inchado; as veias da testa, das fontes e do pescoço intumescidas; os cabellos irriçados e distendidos; o coração

como que se abafa pela quantidade de sangue que para elle afflue. A' colera muitas vezes succedem a raiva ou a desesperação.

Sensibilidade, ternura.

A *sensibilidade*, diz o abbade Roubaud, tende mais á sensação, á ternura, ao sentimento: esta tem uma analogia mais directa com os transportes de uma que se atira para os objectos, é activa: aquella tem uma relação mais notavel com as impressões que os objectos fazem sobre a alma: é passiva.

A *ternura* é uma timidez; a sensibilidade uma fraqueza. A primeira é um estado d'alma; a segunda uma disposição. O coração terno experimenta sempre uma inquietação analogá do amor, porém calma e tranquilla, se não está entregue á essa paixão.

A sensibilidade obriga-nos a velar sobre nossa segurança pessoal; a ternura nos empenha a cuidar no interesse dos outros.

O habito de amar não extingue a ternura; o de sentir gasta a sensibilidade.

Ha, diz Duclos, uma especie de sensibilidade vaga, que não é mais que effeito de uma fraqueza organica, mais digna de compaixão, que de reconhecimento. A verdeira sensibilidade é a que nasce de nossos juizos.

O homem sensível muitas vezes é de difficil trato; é sempre preciso appellar para sua delicadeza. O homem terno está sempre de bom humor, ou pelo menos com uma disposição sempre favoravel, busca sempre interessar-nos e agradar-nos.

O coração sensível não será máo, talvez porque não póde ferir outrem sem ferir a si mesmo. O coração terno é bom, porque a ternura é uma sensibilidade activa. Queremos que o coração sensível não seja inimigo da humanidade, mas sentimos que o coração terno seja d'ella a alma.

Desprezo.

E' antes um juizo do espirito, do que um sentimento do

coração; sentimol-o por todas as acções que aviltam o homem. Por exemplo, pelo cobarde tener da morte, pelo poltrão que foge ao perigo, pelo homem sem honra que abraça uma profissão infame; todas essas acções, degradando a grandeza da alma, inspiram-nos esse sentimento que chamamos *desprezo*.

A maior parte dos homens affecta desprezar as qualidades e os objectos que não possui, e que muitas vezes deseja ter.

O desprezo, que se annuncia com orgulho, diz Duclos, nem é indifferença, nem desdem; é a linguagem do ciume, do odio, e tambem da estima, coberta pelo mesmo odio; porque o odio é muitas vezes mais motivo de estima, que a propria confissão de estima sincera.

Adversidade.

A *adversidade* são acontecimentos desgraçados; a adversidade é o effeito de todos esses accidentes. Os accidentes são passageiros; a adversidade é um estado constante de desgraça.

As adversidades são tão inseparaveis de nossa condição, que em qualquer estado que estejamos sempre as devemos esperar, e é este o meio de as tornar menos sensiveis.

A adversidade não é um mal real; não é mais que a privação de alguns bens: muitas vezes ella é causa de nossas virtudes, e por consequencia de nossa felicidade.

Se nos negocios deste mundo, diz Montaigne, algum reverso não enganasse o espirito do homem, com um temperamento de afflicções, a prosperidade o causaria.

Civilidade.

A *civilidade* é uma virtude da sociedade, que dá a cada um o que lhe é devido. Consiste nos respeitos mutuos que o uso e differença das classes e das condições estabelecem.

A civilidade é tambem a demonstração de nossos senti-

mentos officiosos para com nossos semelhantes, de nossos gestos e de nosso ar.

Ingratidão.

A *ingratidão* é o esquecimento dos benefícios: ella é oposta ao reconhecimento. Ha menos ingratos do que se crê, diz S. Evemont, por que ha menos generosos do que se pensa. Aquelle que cala o beneficio que recebe, é um ingrato, e o que publica o beneficio que faz, torna-o em injuria.

Para justificarmos o character desta paixão, copiaremos um facto que registra o *Passatempo*, jornal portuguez, que é o seguinte:

« Um viajante inglez, o joven Inkle, naufragando no continente da America, entre os Caraibas, escapa de ser devorado por estes selvagens, por inspirar com a primeira vista á formosa caraiba Zafica a paixão mais violenta. No mesmo momento pôde a infeliz occultar o seu bem vindo á morte; assim o guarda alguns mezes, até que se escapam uma noite, e em uma pequena barca chegam a salvamento ás Barbadas. Ao saltar em terra: que faria o ingrato? nega-se a penna a escrevel-o! conduz a desditosa amante ao mercado e trata de ajustar-lhe o preço! A desolada, vendo-se assim trahida, exclama para o infame: ah ingrato! vês-me gravida e queres vender-me! Estás gravida? lhe responde o traidor, melhor para mim, que te venderei por maior preço.»

Temor.

O *temor* é o sentimento do mal que nos póde chegar, e que sentimos como se estivesse presente. O temor só nos deve servir para evitar o mal que nos ameaça, ou para preparar-nos a soffrel-o pacientemente, se o não podemos evitar.

O temor é um motivo de determinar muitas acções. E' antes effeito do temperamento, que da reflexão: o melancolico é de um natural timido e desconfiado.

O temor, que nasce do amor de nossa conservação, da idéa de um risco ou de um perigo proximo, chama-se medo. Logo, o temor, e essa agitação, essa inquietação de nossa alma, quando pensamos em qualquer mal que nos possa acontecer, é uma emoção desagradavel, triste e amarga, que nos leva a crer que não obteremos o bem que desejamos, e que nos faz recear um mal que nos ameaça e mesmo o que não nos ameaça, porque se torna ás vezes em delirio.

Esse estado, tão enfadonho, afecta sensivelmente em qualquer circumstancia, mais ou menos a todos, produzindo nos tyrannos crueldade.

Esta paixão supersticiosa serve-se da instabilidade dos acontecimentos futuros para seduzir o espirito de que se apodera, e lançar-lhe a perturbação e o terror. Trazendo á idéa as desgraças que suppõe, multiplica-as, exaggera-as, e o mal que receia está sempre ante seus olhos.

Atormenta-nos, diz Charron, com os males, como se faz com os contos de fadas ás crianças; males que muitas vezes são só imaginarios. O terror que temos é que os realisa, e até acha no mesmo bem que gozamos razões para nos affligir. A quantos homens o medo da miseria não tem feit^o adoecer? Origem fecunda de pezares, o temor não tem limites e nem se adoça. Os outros males sentem-se quando existem realmente, e o desgosto só dura em quanto dura a causa; porém o temor se estende sobre o passado, o presente e o futuro. Inimigo de nosso descanso, o temor não somente conhece o mal, ás vezes erradamente, mas até afasta e destroe, por assim dizer, os bens reaes de que gozamos, e se apráz em corromper todas as doçuras de nossa vida. Eis aqui, pois, uma paixão eugenhosamente tyrannica, que em vez de tirar o mel das flores, só lhe tira o amargor, cortando a alegria do coração ante os tristes sonhos de que é formada.

O temor, que acabamos de descrever, tem sua origem no character, na vivacidade inquieta, na desconfiança, na melancolia, na prudencia pusilanime, na falta de vigor do espirito, na educação e no exemplo.

Generosidade.

A *generosidade* é o sacrificio do interesse pessoal ao bem dos outros: a reflexão é que a faz nascer em nós. A generosidade differé da liberalidade por ser a causa de que ella é effeito. Um homem verdadeiramente generoso não tem em vista senão o prazer de fazer bem, o que faz muitas vezes sem querer ser conhecido: aquelle que beneficia com alguma vista de interesse ou de recompensa, não é generoso. A recompensa do generoso está em seu mesmo coração.

A generosidade é uma dedicação aos interesses dos outros, que lhes faz sacrificar as vantagens proprias. Em geral, quando se cede de seus direitos em favor de alguém, é-se generoso. A natureza, produzindo o homem no meio de seus semelhantes, prescreveo-lhe deveres a cumprir entre elles: na obediencia a esses deveres consiste a honestidade, e além d'esses deveres começa a generosidade. A alma generosa eleva-se acima das intenções com que a natureza parece a ter formado. Que felicidade para o homem poder tornar-se assim superior a seu mesmo ser! E que preço não deve ter a seus olhos o ver que lhe proporciona essa vantagem! Pode-se olhar a generosidade como o mais sublime de todos os sentimentos, como a mais bella de todas as acções, e talvez como o germen de todas as virtudes; porque tem em pouco tudo que não é essencialmente o sacrificio de um interesse pessoal a um estranho. E' preciso não confundir a grandeza d'alma, a generosidade, a beneficencia e a humanidade; póde-se ter grandeza d'alma só para si, e não se é generoso senão para com os outros; póde-se ser beneficente sem fazer sacrificios, só se exerce a humanidade para com os desgraçados e os inferiores; a generosidade é um sentimento tão nobre como a grandeza d'alma, tão útil como a beneficencia, e tão terno como a humanidade; ella é o resultado da combinação destas tres virtudes, e mais perfeita que qualquer d'ellas; póde supprir todas. Que bello plano não seria aquelle em que todo o genero humano fosse generoso? Neste mundo, tal qual é, a generosidade é a virtude dos heroes; o resto dos homens limita-se a desejar. A generosidade é de todos os estados, é a virtude de que a pratica mais satisfaz o amor proprio. E' uma arte o ser gene-

roso, mas essa arte não é commum, consiste em occultar o sacrificio que se faz. A generosidade não póde ter melhor motivo que o amor da patria e o perdão das injurias. A liberalidade não é mais do que a generosidade restringida a um objecto peculiar, e entretanto é uma grande virtude, quando se propõe ao allivio dos desgraçados, porém uma sabia e razoavel economia deve sempre dirigir o homem na dispensa de seus beneficios.

Prodigalidade.

A *prodigalidade* é uma liberalidade excessiva; provém mais da impossibilidade de recursos e do desejo ardente de satisfazer suas paixões, do que da genorosidade. Raramente a generosidade passa dos limites do poder. O liberal é sempre um homem virtuoso, em quanto que o prodigo é vicioso.

Paciencia.

A *paciencia* é uma especie de coragem, que supporta sem queixar-se, nem murmurar, os males que não póde impedir: taes como os castigos, as contradições de que a vida é cheia, as perseguições, e os defeitos dos homens.

As sagradas determinações do ALTÍSSIMO, quando são supportadas com paciencia, podem santificar o homem.

Ella é uma virtude sublime.

Desesperação.

A *desesperação* é um vivo sentimento de dôr, que se apossa de nós á vista de um acontecimento desgraçado, de uma perda consideravel, ou de um bem que não podemos obter: ella apparece de surpresa, e nos cega.

Manifesta-se differentemente, conforme a natureza dos caracteres. No homem pacato chama-se *acabrunhamento*, e no homem impetuoso *furor*.

A desesperação é um signal de fraqueza; a impaciencia em supportar os males, sem evitar. livrar-se com prudencia, quasi sempre traz a ruina do homem.

Austeridade.

A *austeridade* é uma rigidez, uma inflexibilidade de costumes, que inspira aversão pelos prazeres. Tem sua origem no temperamento melancolico, ou n'uma devoção exagerada, que melhor se chamaria superstição: então ella é signal de um espirito fraco e pouco esclarecido. A virtude não consiste somente nas praticas austeras, que não fazem nem bem nem mal á sociedade; mas sim no amor de Deos e do proximo. A mais amavel é a menos suspeita.

Simplicidade.

A *simplicidade* é uma facilidade em crer nas cousas mais absurdas; simplicidade de coração é uma disposição d'alma em receber as verdades da religião e as maximas da moral, disposição que faz nascer o amor da virtude, mas que tem sempre alguma cousa do temperamento: a simplicidade de maneiras é tudo fazer sem affectação; é signal de um bom natural, de um character docil, e de uma alma justa.

Efeito das paixões em geral.

A *dor* do espirito, sendo um sentimento penoso e profundo, causado pelo mal passado, presente, ou futuro, perturba a tal ponto o espirito, que grandemente o incommoda pela privação de um bem.

Ella é uma maneira de existir penosa da alma, e parece ser a causa da antipathia, e se manifesta pelo rubor da testa, ou pallidez do rosto, batimento de coração, tremer de todo o corpo seguido de estupidez momentanea ou apparente, etc.

O *odio*, na linguagem da moral, é um sentimento de aversão que a alma tem para tudo que lhe é desagradavel, e que suppõe um mal, do qual se deseja desfazer. Este sentimento nos offerece tantas modificações em sua marcha como o *amor*; elle nos foi dado pela natureza para não só velarmos em nossa conservação, como tambem para repellirmos as offensas que tudo quanto nos circula nos ameaça ou pôde ameaçar. O odio, na maioridade dos casos, vem a ser uma paixão, que não admite motivos certos, e por isso se torna um sentimento cego, que nos leva a aborrecer, ou impellir o objecto da nossa aversão.

O *odio* se distingue da *ira*, porque esta paixão é um desordenado desejo de vingança contra aquillo que nos despreza ou nos offende; ella se pôde curar, e é agitada ou apparece por motivos particulares; aquelle quasi, que nunca se remedeia, e conserva aversão a tudo quanto é subordinado ao objecto que se odeia. Quantas vezes temos visto na ordem social, a ira aggravar mais a crueldade das offensas que se commetteram; conspirar-se contra a pessoa d'aquelle que recebeu a offensa, bem como contra o offensor, contra os damnos presentes ou futuros? o que não succede com o odio. O Dr. Mello Franco faz um parallelo entre o *odio* e a *colera*, dizendo: « A *colera* é semelhante a uma enfermidade agudissima, e o odio a uma chronica; só differem pela precipitação ou lentura de seus effeitos, que são de fazer mal á pessoa de que alguém se dá por aggravado. Aquella, muito mais rapida e violenta, arrasta o homem aos maiores desatinos, mas não são estes tão criminosos, por se deverem reputar como vindos das mãos de um louco furioso: este porém, que se conserva como a brasa debaixo das cinzas, é tão damnoso ao objecto odiado, como deshonoroso a quem o tem, porque aquelle que teve alguma educação e que não tem o coração pervertido, nunca se deixa levar de uma paixão tão insocial, que lhe dá tempo para meditar no que pretende fazer, maquinando regra, e aboninando vingança, crime detestado por todas as nações, e que põe o ferrete da infamia a quem o pratica. A *colera* aliena o espirito, desfigura o semblante, que fica como inflammado. No meio de sua violencia, a bocca escuma, os olhos scintillam, o pulso é grande forte e arrebatado; outras vezes é o espasmo tão desmedido, que todos estes effeitos tomam o aspecto contrario; o semblante torna-

se cadaverico, as extremidades esfriam, todo o corpo treme convulso, a respiração prende-se, e o pulso é pequeno, contraído e irregular.

O *pezar* não se mostra como as outras paixões, por não ser violento, e por isso muito mortifica o espirito. Elle é um sentimento deprimente, porque se manifesta por um abatimento consideravel da face, pela retracção dos angulos da bocca, o olhar amortecido, e relaxamento das sobrancelhas. Nota-se mais um aperto doloroso no epigastrio e na região thoracica; a respiração é curta, o pulso é concentrado; outras vezes é frequente. As digestões são tardias, as secreções e excreções são mui pouco abundantes. As funções da intelligencia são perturbadas, porque as sensações são tardias. Finalmente, esta paixão é a causa de muitos males que soffre a humanidade. Conta-se que o celebre Vesalio morreo de pezar, por ter aberto um homem que ainda vivia. As desgraças de Luiz XIV foram a causa da morte do poeta Racine, bem como a do marquez de Louvois.

Na *alegria* todos os órgãos vivem em perfeita harmonia e tudo passa satisfeito: os olhos se apresentam vivos e brilhantes entre-abertos; os angulos dos labios estão as mais das vezes retrahidos; as alas do nariz de quando em quando se dilatam; os musculos zygomaticos se contraem de modo, que muitas vezes se afastam e dão origem a duas covinhas no meio da face. O semblante está sempre rosado, inspirando gosto; a bocca risonha, a respiração é facil, o pulso é chcio, as digestões, secreções e excreções se executam promptamente. Sendo a *alegria* excessiva, então phenomenos contrarios se observam, porque o systema nervoso se enthusiasmando, apparecem lagrimas, soluços, e profundos ais. Estes phenomenos fazem desordenar as funções, e até muitas vezes se manifestam syncopes, e mesmo a morte. Os estragos de uma *alegria* excessiva são mui consideraveis nas pessoas nimiamente nervosas e debeis, porque nem sempre está nas mãos do sugeito que soffre o poder resistir á rotura do equilibrio em que o organismo se põe, não só quanto a si, como a respeito da intelligencia. Quando a *alegria* é seguida de symptomas nervosos, os phenomenos são rapidos, e ha que recear da vida da pessoa que soffre.

A *melancolia* se conhece por um aperto doloroso, que se sente na região do coração, e que pouco a pouco vai des-

trunido o equilibrio das funcções da vida, de sorte que faz desapparecer o appetite, e as forças gastricas diminuem muitas vezes a ponto de inflammam o estomago. Na melancolia o semblante se abate, os olhos muitas vezes se mostram humidos de lagrimas, o pulso é fraco, a respiração é difficil, as secreções e excreções são pouco abundantes, as vigílias são prolongadas, seguidas de um peso consideravel de cabeça, e finalmente a pessoa melancolica quasi sempre se entrega a um profundo abandono.

A *colera* soffre grãos, e por isso temos a *escandecencia*, que é o começo da *ira*; temos a *ira*, que é a violenta commoção da alma, quando é excitada pela idéa do mal ou injuria. A *colera* é uma commoção mais violenta, ou por outra, é uma ira mais agitada. A *sanha* é uma ira desajoçada: assim como a *raiva* é um modo de ser de paixão da alma no maior grão, porque sempre é seguida de violencia e furor, e se differencam, a primeira pela côr abrasada do rosto, a segunda pela variedade nas mudanças, e a terceira pela pallidez do rosto, que quasi sempre é um symptoma peculiar: a sanha se conhece pelos gestos e contracções como que espasmodicos dos musculos da face; finalmente, a raiva, pelo excesso de furor em que se apresenta a pessoa, parecendo ser affectada de desarranjos cerebraes. A colera na sua maneira de obrar, põe o organismo como em um estado inflammatorio, porque a intelligencia parece que fica alienada: a bocca espumia, os olhos parecem lançar chammas, o coração se accelera, e as suas contracções são mui fortes; o pulso é cheio e frequente, a respiração é curta e alguma cousa difficil, os movimentos são da mesma natureza que a violencia da paixão. De mais se tem observado, que quando a colera é excessiva, a pessoa toma um estado todo original, bem como o semblante se apresenta cadaverico, as extremidades frias, o pulso concentrado e fraco; muitas vezes esta paixão dá origem ás apoplexias, ás hemorrhagias, ás febres inflammatorias, epilepsias, etc.

O *temor*, geralmente fallando, é a justa e certa apprehensão que se faz do mal que nos póde acontecer, pelo que este sentimento, que á primeira vista parece ser filho de uma alma fraca, o não é, porque elle não exclue a razão illuminada, e nem menos o coração animoso; a razão de assim pensarmos é, que muitos homens que possuem aquellas qua-

lidades, temem os altos juizos da Providencia; temem o crime e a ignominia, temem infringir a lei, porque temem o castigo que ella impõe ao infractor. Este sentimento se differença do medo e mesmo do receio, porque o medo nasce da ignorancia e pusillaniedade, em quanto que o temor não; o receio provém da indecisão do entendimento, e talvez produz a irresolução da vontade. No temor a pallidez se manifesta, os olhos ficam como que espantados, os membros tremem, o coração palpita com grande força, e muitas vezes ha tal perturbação, que a circulação para e a intelligencia se perturba; os sphinctres do anus e da bexiga se relaxam a ponto de deixar sahir involuntariamente os objectos contidos nestes órgãos.

As paixões e affecções alegres, quando obram sobre o organismo, não produzem resultado funesto, salvo se ellas passam a excesso; porque, neste caso, em lugar de serem agradaveis, se tornam nocivas pela permanencia de uma especie de orgasmo em que põe o systema nervoso. Quando as paixões e affectos não chegam a este ponto de vehemencia, por si podem curar alguns padecimentos do homem.

As paixões e affecções tristes obram ao contrario das alegres; ellas são causa de um grande numero de padecimentos, porque sendo a sua acção deprimente, faz concentrar as forças do organismo, dando origem ao recalçamento do sangue, e por conseguinte aos padecimentos do figado, baço, estomago, e mesmo males nervosos.

Quanto ao gráo de força de cada uma das paixões, sabemos pelo que já dissemos, quando fizemos a distincção de paixões e affectos, que as paixões são mais perigosas que os affectos, porque aquellas em sua força são desproporcionadas em relação a estas, e por conseguinte os effeitos de necessidade devem ser mui differentes: por exemplo, o amor simples ou moderado, causa deleite á nossa alma; porém se elle é violento, torna-se perigoso, porque a acção do moral sobre o physico é penosa, e pouco a pouco as forças se vão enfraquecendo a ponto de desafiar mil males.

A historia antiga nos conta que o tragico Sophocles morreo de gosto, quando recebeu a corôa por premio da sua tragedia em Athenas; o contrario succedeo a Christovão Colombo, que morreo de desgosto em Valladolid pelas ingratições de Fernando, o Catholico, rei de Hespanha.

A historia da **Philosophia** está cheia de factos, que mostram o quanto a **humanidade** tem sido victima das paixões. Quanto á duração de cada uma das paixões, verdadeiramente nós não podemos assignalar, porque isto está subordinado ou dependente a muitas circumstancias; só o que com certeza podemos dizer é, que as que são mui fortes e vehementes, obram á maneira das enfermidades agudas, que é com muita rapidez, e dura mui pouco tempo, apesar de que neste curto intervallo seus resultados são mui desfavoráveis: taes como o amor excessivo, a colera, etc. As que não tem o mesmo gráo de actividade, podemos comparar ás enfermidades chronicas, taes como a melancolia, a pena, a saudade, etc., que pouco a pouco vão destruindo a harmonia, ou os fundamentos de nossa existencia, até que por fim a morte vem por ultimo acabar os soffrimentos.

Em resumo diremos, que neste Universo o que mais nos admira é o homem, considerado sob todos os pontos de vista, e principalmente sob aquelle em que o moral obra sobre o physico, e vice-versa; bem como tambem as mudanças oppostas que nos apresentam as paixões, e os grãos por que passam. Ellas obram sobre o **systema nervoso**, perturbando, e depois de ter feito uma completa revolução, o espirito participa d'ella, de modo que a sensação que primeiramente se teve, se vai enfraquecendo, e esta é logo substituida ou por outra de semelhante natureza, ou de caracter diverso ou variavel em grãos.

Da morte.

..... A morte só é termo
Da vida, da existencia, não.... No intimo
D'alma poz DEOS o sentimento vivo
Da eternidade.....
..... O sepulchro
Não é jazigo, é estrada. Convenceste
A minha alma, Platão: hei de encostar-me
Tranquillo, e repousando no ataúde,
Como viajante reclinado á pôpa
Da galé que bonança vai singrando
Com brandos ventos para o porto amigo.

(Garrett).

E' a morte a suspensão da harmonia organica, despren-

dendo as relações da materia, pondo limite á dôr, e fazendo com que o homem deixe de viver. Viver é soffrer, é peregrinar incerto no mundo, é lutar com os elementos e com as paixões, é caminhar errante até á porta do sepulchro, por onde se entra para a eternidade: essa porta, que sempre está aberta, quer de dia, quer de noite, é a estrada direita por onde se chega á presença do **ALTÍSSIMO DEOS**.

O homem fraco, dizia Francklin, receia a morte; o desgraçado a chama; o bravo a provoca.

Desejar a morte é máo, dizia Pyndaro, e temel-a é ainda peor: ella é o regresso á verdadeira vida. Se a vida é um bem, dizia o conde de Segur, a morte é o seu fructo; porém se é um mal, a morte é o seu termo.

Um sopro dá começo á vida, e um sopro a finda. Quando o homem está proximo á morte, diz Legoas, as suas extremidades tornam-se frias, os olhos perdem o seu brilhantismo, o pulso afrouxa-se cada vez mais, e apparece intermitente; a respiração é difficultosa, a inspiração pequena e lenta; uma ultima expiração annuncia finalmente a absoluta extincção desta funcção. Desde então o sangue reflue pela arteria pulmonar para as cavidades direitas do coração, as quaes se entregam ainda a alguns movimentos, mas em breve succumbem tambem: a morte geral os affecta ultimamente.

Raras vezes o homem social alcança a época em que a vida cessa pela extincção progressiva de suas propriedades: as paixões, os excessos, as molestias e os accidentes, são outras tantas causas que abreviam a sua existencia, e lhes impedem o chegar á idade senil. A morte accidental é a extincção prematura da vida, determinada pelas molestias ou por causas exteriores e violentas: ella é subita ou lenta.

A morte subita principia pela abolição mais ou menos rapida das funcções de um dos orgãos principaes, que são o coração e o cerebro. Na morte lenta acontece como na morte senil ou natural. Com a cessação da vida animal, os laços da machina organica se paralisam e a materia vai mudar de fórma. A alma, que não está sujeita á lei da morte, desembaraçando-se do corpo, onde residia, vò á presença do **ALTÍSSIMO** a receber o premio dos seus feitos na terra.

Por um sentimento (dizia Cicero) que não posso definir, a minha alma tomando um vôo para a eternidade, parece

não descobrir na morte mais do que o principio da vida. Se não fosse certo que as nossas almas são immortaes, as maiores e as mais bellas não tenderiam para a immortalidade.

A morte é o desengano da vida, a terminação das illusões, o esquecimento do mundo, e a lembrança da eternidade. E quem ha que encarando para ella, a possa ver sem se lembrar de um Deos?

O riso d'alegria insulta ao triste,
Mansão da morte, augusto cemiterio
Tu mostras que são dôr, miseria, angustias,
O sustento amargoso da existencia.
Ah! quanto observo em ti, sinto em meu peito:
Não sei que força invicta a ti me arrastra;
A dor convida a dor, o pranto ao pranto.
No impassivel silencio dos tumulos
Ante mirrados ossos, fria cinza,
N'essa muda eloquencia do sepulcro,
E' que o seu nada reconhece o homem.
As graças, prendas, que a belleza enfeitam,
As bellas fórmas qu'encontravam hontem,
O que são hoje? Abri-vos sepulturas;
A vida dos sentidos dura um dia,
As illusões no feretro se apagam
E da imaginação as vãs mentiras
Ao clarão da verdade se esvaecem,
O desengano o coração resfria;
Viver é esperar que a morte chegue.

V. DA P. BRANCA.

Da eternidade.

Convencidos profundamente da immortalidade de nossa alma, e por conseguinte que além d'esta vida ha a vida eterna, onde o homem beneficente e humano, o infeliz resignado espera gozar a bemaventurança, e o máo, o soberbo, o avaro, o perseguidor da humanidade tem de soffrer a punição eterna de seus crimes e maldades; transcrevemos as idéas luminosas de um opusculo, que o nosso amigo, o Sr. Dr. Cezar Augusto Marques, verteo em lin-

guagem; apresentado ao nosso erudito amigo, o Exm. Sr. Arcebispo da Bahia, D. Romualdo Antonio de Seixas (sem contradição o padre mais instruido que possui actualmente a Igreja brasileira), no anno de 1852, sob o titulo:

Provas da existencia do outro mundo, fundadas na natureza, na historia, na philosophia e na religião.

« Quando a eterna Providencia que governa o mundo, collocou o genero humano sobre a terra, para passar d'este mundo de experiencias a um outro de recompensas e punições, os homens foram advertidos do seu grande destino.

« As tradições e os livros da antiguidade têm conservado a lembrança d'estes factos memoraveis, de tal sorte, que toda a nação, quer antiga quer moderna, tem sido por isto persuadida da existencia de um mundo futuro, habitação perpetua das almas depois da sua carreira terrestre.

« Desde a origem do genero humano, o Céu tem tido o cuidado de lembrar muitas vezes, por semelhantes acontecimentos, o futuro supremo que nos é destinado. Elle o fez notavelmente na época em que CHRISTO, enviado de DEOS para regeneração da humanidade infamada, veio repromulgar a religião sobre a terra. Examinemos o que aconteceu n'esses tempos famosos, ha 18 seculos. Uma multidão de livros e monumentos, deixados pelas nações d'então, existentes ainda hoje, estudados e comparados pelos sabios, fazem conhecer o que se passava em longiquas idades.

« No tempo em que CHRISTO nasceo, o mundo estava preocupado com solemne e religiosa expectação. Tinha-se chegado ao tempo em que antigas prophcias se deviam realisar. Voltados para a Palestina os olhos das nações asiaticas scintillavam de esperanza. Parecia que seus olhares, atravessando a obscuridade dos dias futuros, descobriam um ser extraordinario, algum genio poderoso e bom, que vinha trazer a felicidade aos mortaes.

« Acontecia isto, porque tinha sido prognosticado que n'esse tempo. e no paiz que assim atrahia os olhares, nasceria um grande Reparador. Tradições antigas e sagradas o assignalavam. Munidas do sello da Religião, ellas erão acreditadas indestructivelmente. Por ellas os povos antigos acre-

ditavam na personagem mysteriosa que então devia sabir do seio das sombras propheticas. A Palestina, sobre tudo, foi instruida longo tempo antes da época, do lugar e da familia em que elle deveria apparecer. Prophecias authenticas davam a este paiz conhecimentos preciosos sobre o acontecimento esperado.

« Em todo o Oriente tinha soado a antiga e constante opinião, que queriam os destinos que n'esse tempo sahisses da Judéa os dominadores do mundo. Um grave e celebre historiador, que escreveo pouco depois, o affirma positivamente (1).

« Emfim, é chegado o tempo. Grande silencio reina sobre a terra. Do alto dos Céos, a Divindade está attenta. Eis os dias preditos.

« No paiz designado, na cidade nomeada antes, na familia especificada expressamente, uma virgem de real origem, dá ao mundo CHRISTO, esse grande reparador que a terra esperava.

« A missão de CHRISTO era instruir e expiar. Em tenra idade já conversava publicamente com os doutores da capital de sua patria, e a sabedoria de suas palavras enche de admiração estes sabios.

« Elle cresce. A excellencia de seu character se desenvolve, sua bella alma se expande. Como uma flor deixa descobrir no fundo de seu calice embalsamado o fructo que a mão de DEOS ahi depositou, assim a natureza humana de CHRISTO se entre-abre pouco a pouco, e patenteia alguma cousa de divino.

« Tendo chegado á idade de trinta annos, elle se prepara durante quarenta dias para a realisação de sua missão doutrinal e expiatoria. Passa estes dias na solidão, absorto em supplicas e macerado com jejuns. Depois caminha para a regeneração do genero humano.

« A terra coberta de verdades religiosas e tambem de erros que a ignorancia reputava sagrados, tinha então o selvagem aspecto de um campo em que cardos de toda a especie disputam ás plantas domesticas a substancia do solo e a luz do dia. Os mais afamados philosophos tinham-se lison-

(1) Suetonio: Vespasiani vita n. 12.

geado de discriminar infallivelmente n'esta immensa confusão, o verdadeiro do falso, e o bem do mal. Todos tinham emprehendido uma escolha; todos cahiram em numerosos e grosseiros enganos. CHRISTO estende com segurança a mão; colhe doutrinas verdadeiras e santas; regeita as produções do erro, mentira e diversos vicios; faz completa a geral purificação (1).

« Elle ensina publicamente durante tres annos. Dá suas lições tanto ás cidades como aos campos, ás classes ricas como ás pobres, ás familias poderosas como ás fracas, ás assembleas sabias como ás populações não instruidas. Conversa com seus discipulos, discute contra seus adversarios, toma parte nas controversias dos theologos, pronuncia discursos no templo de Jerusalem, falla ás grandes multidões. Por todas as maneiras e em todos os lugares ensina sua sciencia e sabedoria, sem se contradizer em parte alguma, sem variar em nada, e sem jámais errar. Unico entre os doutores da terra, ensinou sem erros.

« A' vista d'este Reparador divino as paixões agitam-se e se manifestam encolerisadas. A vaidade o insulta por faustosos desprezos, a inveja o difama por odiosas imposturas, a avareza o cerca de laços e obstaculos, o egoismo o persegue com encarniçamento, a crueldade o arrasta ao supplicio dos criminosos. A tantos ataques só oppõe corajosa paciencia, e magestosa serenidade, em cujo seio todas as suas virtudes florescentes exhalam celestes perfumes.

« Profunda e fervorosa a piedade de CHRISTO, não enfraquece, nem na prosperidade, nem na desgraça, nem á sombra do retiro, nem em presença do publico.

« Sua justiça é irreprehensivel. Não emprega uma só acção, palavra e signal, que offenda illegitimamente seus amigos ou inimigos (2).

(1) Objecta o philosophismo que o ensino do Salvador existia antes de sua vinda; que tudo o que disse *Christo* outros já o haviam dito, e que *Jesus* nada inventara. E' justamente isto, responde muito bem Mr. Roselly de Lorgnes, uma prova de sua divindade. Existindo a verdade eternamente, *Christo* não poderia creal-a na sua vida. Ella existia e elle limitou-se a mostral-a e a recorral-a aos homens. E sem instituir cousa alguma nova, elle renovou o universo.

(2) O que tem dito os Evangelistas dos discursos de *Jesus Christo*, é em alguns pontos tão mal traduzido nas versões vulgares, que este

« Seu desinteresse, temperança, castidade e modestia, são sem macula. Não busca nem riquezas, nem prazeres, nem honras. Sua vida passa virgem e pobre, longe do fausto dos palacios, do brilhantismo das academias, da enlevação das festas e dos prazeres da terra. Uma vez os habitantes de Jerusalem cobrem de palmas e vestidos o caminho que calçam seus pés. Celebram sua santidade, cantam suas maravilhas, conduzem-o em triumpho e o appellidam Rei. Que faz elle então? Retira-se para os campos. Outra vez cinco mil homens, testemunhas dos milagres que se operavam com suas palavras, querem proclamar-o Rei, Elle foge para a solidão.

« E sua bondade quanto é tocante e magnanima! Como affectuosamente acolhe os miseros humenos! Como se empenha em soccorrel-os! Como são enternecedoras as palavras que lhes diz! Um dos discipulos de CHRISTO, um dos homens que elle tinha admittido na intimidade de sua confiança, o entrega de repente á espada de seus perseguidores. No instante em que se consumma o crime, a victima vê o traidor: *Meu amigo por que viestes* (1), lhe diz e se cala.

« Ah! é digna de um enviado de DEOS a caridade que junca de beneficios o solo da Palestina, que se extenua á força de espalhar-os, e que, quando está de todo esgotada, soffre tormentos de uma cruz, para fazer descer ainda um ultimo sobre seus inimigos!

« Depois de tres annos assim passados, em privações de vida pobre, pelos tristes caminhos da adversidade, em instruir o mundo com palavras e obras, CHRISTO é agarrado por mãos brutaes e homicidas.

justo ultimatum « que não commette peccados » n'elles apparece culpado de injuria. Pode-se ver esses defeitos de traducção rectificadros em uma versão moderna, que tem por titulo: « *Le nouveau Testament, traduit fidelement du texte original grec et commenté sur les points qui ont besoin d'explication.* Paris 1844, chez Mar. Aurel. »

Além d'isso, *Jesus Christo* muitas vezes dirigio aos grandes culpados d'entre os sacerdotes e philosophos da Judéa, classes então muito numerosas, exprobações de certa vehemencia. Sem personalidades e inoffensivas para cada um em particular, eram demonstraões geraes, tão licitas como as dos pregadores e moralistas verdadeiramente commedidos.

(1) Evangelho de S. Matheus, cap. 26.

« Conduzido precipitadamente á presença de um juiz, a quem a populaça furiosa incita, por ameaçadores gritos á iniquidade; é acommettido por insultos e açoitado com varas. Sua virtude tudo soffre com heroica paciencia. O juiz não se atrevendo a condemnar uma innocencia sem macula, o entrega fracamente aos furores de seus inimigos. Estes rugem de feroz alegria. Corôam de espinhos sua sancta victima, opprimem-na com sanguinolentos insultos, martyrisam-na com pancadas, estendein-no em uma cruz, furam-lhe os membros, dilaceram-na, torturam-na, e levam-na pregada ao infame patibulo. CHRISTO morre, expira. Seus labios gelados acabavam de dizer a DEOS: *O' meu pael! perdoaelles* (1).

« O filho de Maria havia previsto esta triste vida, e morte lamentavel. A ella se havia votado por amor dos homens. Queria offerecer por elles o maior dos holocaustos espiatorios. Tinha dito: *Dou minha vida por seu resgate*. E este heroico sacrificio, elle o consummou com dedicacão, calma e intrepidez, que tem admirado a terra.

« O proprio paganismo exclamou, que JESUS tinha sido um sabio (2). Ninguem, até os oraculos do gentilismo, deixou de prestar homenagem á graudeza de sua virtude. A alma d este homem, disseram elles, era d'uma santidade eminente (3).

« Mortaes, eis quem foi o autor divino, que tem sido reverenciado por nossos paes. Levantae os olhos e vêde a antiga religião do genero humano ornada de seus esplendores primitivos; é d'elle que ella os recebeo. Olhae para as maravilhas moraes da christandade; foi elle quem as fez. O divino modelo, pelo qual são formados os mais bellos caracteres, as mais altas virtudes: é elle. O grande reparador, cuja memoria todas as nações esclarecidas e florescentes têm abençoado, é ainda elle.

« Agora escutai:

(1) Evangelho de S. Matheus, cap. 20.

(2) Palavras de Porphyrio, citadas por S. Agostinho: De civitate Dei, 1, 19 e 23.

(3) Oraculo pagão, citado por Porphyrio e referido por Eusebio: Demonstratio Evangelica, 13, c. 6.

« Prophecias pomposas, extraordinarias, porém precisas e constantes, tinham ha muitos seculos annuciado a vinda de um doutor tal como a terra nunca tinha visto. Ellas tinham designado a época e o lugar de sua apparição; e diziam que sua sabedoria se levantaria, como a aurora, sobre os povos adormecidos na noite do erro. Affirmavam que sua piedade expiaria heroicamente os crimes da terra, e asseguravam que então se operaria no mundo uma grande e magnifica regeneração. E' constante que todas estas cousas foram preditas. E não o é menos, que todas se têm realizado pelo ministerio de CHRISTO.

« Eis já uma prova da missão divina que elle veio preencher sobre a terra.

« Com esta prova, uma outra é desenvolvida pela historia á vista do genero humano. O santo reparador caminhava revestido do poder do Céu. Numerosos milagres marcaram sua passagem entre os homens. A' sua voz, viram-se as doenças terminarem-se, as enfermidades desaparecerem, a morte restituir os cadaveres á vida, a invencivel natureza inclinar-se respeitosa e submissa. Depois, no momento em que deo o ultimo suspiro, a terra tremula, e o sol escurecido, cobriram-se de dó.

« A antiguidade atesta estes factos com alta e firme voz. Christãos, Judeos, Pagãos, contemporaneos de JESUS CHRISTO, ou nascidos pouco depois da época em que elle viveo, apresentam-se em multidão para certificar-os.

« Primeiramente consideremos as testemunhas da primitiva christandade.

« No proprio seculo de CHRISTO quatro autores escreveram, cada um uma relação dos principaes acontecimentos de sua vida. S. Matheus, funcionario publico, empregado na administração das finanças do imperio romano, foi testemunha de grande parte destes factos. S. Marcos, africano, que veio para a Judéa, vivia no meio de pessoas que d'elles foram testemunhas occulares. S. Lucas, medico instruido, indagou-os diligentemente nas melhores origens. S. João, habitante da Palestina, tinha visto uns e sabido outros por verdadeiras relações. Estes quatro historiadores, tão bem instruidos das acções de JESUS CHRISTO, eram além d'isto de probidade e sinceridade exemplares, de tal sorte, que suas relações chamadas Evangelhos, são dignas de toda a fé.

« Aos leitores não instruídos na arte da critica, incapazes de distinguir um livro antigo de um escripto moderno, ou uma historia sincera de um conto apocrypho, as narrações evangelicas podem parecer fabulosas. Porém o mesmo não acontece aos sabios que têm feito um estudo aprofundado da antiguidade. Elles têm a habilidade de discutir, na multidão de livros, os antigos dos modernos, os sinceros dos fallaces, os dignos de credito dos falsos e suspeitos. Ora, elles têm reconhecido e provado que os Evangelhos datam do seculo dos apóstolos, que estes escriptos são obra dos homens a quem os attribue a christandade, que sem grave alteração têm sido conservados, e que de sua verdade se tem garantias certas. Podemos pois cital-os com segurança.

Os quatro autores do Evangelho contam como certos e notorios em seu tempo os diversos milagres de que acabamos de fallar. Elles os commentam com minuciosidade e precisão. Suas narrações concordam satisfactoriamente. Podeis assegurar-vos de todos estes factos pela leitura do Evangelho, o mais conhecido de todos os livros do mundo.

« Depois dos Evangelistas, muitos outros christãos que viveram, uns no mesmo seculo, outros um pouco mais tarde, têm contado ou mencionado essas maravilhas em escriptos que a nós chegaram. E estes autores, sinceramente religiosos, eram incapazes de quererem acreditar imposturas.

« Vejamos agora as certificações judaicas.

« O *Talmud*, copilação feita ha 15 ou 17 seculos antes do nosso pelos theologos judeos, falla de JESUS CHRISTO nestes termos: — Elle trouxe do Egypto segredos magicos em uma incisão que fizera no seu corpo. . . Na vespera de Pascoa suspenderam JESUS em um patibulo. —

« Era um costume commum na Judéa e em outras partes, attribuir á magia os milagres, cuja celeste origem se não queria conhecer.

« Uma historia dos Israelitas, composta poucos annos depois da morte de JESUS CHRISTO por Flavio Joseph, judeo de distincção e autor celebre, contém as seguintes linhas!; — N'este tempo (no tempo de Pilatos) appareceo JESUS, homem sabio, se se deve chamal-o homem, porque fazia cousas admiraveis e instrua os homens que gostam de colher verdades. Ganhou as affeições de muitos judeos e gregos. Era

CHRISTO. Pilatos, tendo mandado crucifical-o por uma accusação de muitos d'entre nós, os que antes o tinham amado, sempre ficaram seus affeioados. Porque lhes appareceu vivo tres dias depois. Os prophetas sagrados tinham annunciado a respeito d'elle estas cousas e muitas maravilhas. A seita dos Christãos, assim chamada pelo seu nome, ainda hoje dura.—

« Existem tambem, sobre a vida de **CHRISTO**, tres relações compostas por judeos muitos seculos depois da historia que acabais de ouvir citar. Estes escriptos exprimem tradições antigas. Todos contam de **CHRISTO** factos sobre-naturaes.

« Uma destas obras diz que **JESUS** fez muitos prodigios, e que os fez em presença dos sacerdotes de Jerusalem.

« Outra conta o seguinte: — Israelitas trouxeram a **JESUS** um côxo que nunca se pôde sustentar em seus pés. Pronunciou sobre elle o nome infavel de **DEOS**, e nesse momento o côxo se levantou e sustentou-se nos seus pés. Todos se inclinaram perante **JESUS** e disseram: é sem duvida o Messias. Elles tambem lhe trouxeram um leproso. Pronunciou o nome infavel, poz-lhe as mãos, e este foi logo curado... Fez tambem com o nome infavel de **DEOS** reviver um morto... e uma vez eaminhou sobre as aguas do mar.—

« A terceira obra contém estas linhas: — Sendo trazido um leproso á sua presença, o curou com o infavel nome... Trouxeram-lhe outro leproso. Poz-lhe as mãos, pronunciou o infavel nome, e o poz são, a ponto de sua carne apresentar o mesmo aspecto que a dos meninos ordinariamente. **JESUS** disse disse depois: « Tragam-me um cadaver. » Trouxeram-lhe um cadaver, e este resurgio e poz-se logo em pé logo que lhe poz as mãos e pronunciou o infavel nome... Depois começou a obrar outros milagres perante o povo. —

« Vamos aos depoimentos pagãos.

« No imperio romano, os governadores das provincias costumavam informar ao imperador das cousas notaveis que n'ellas aconteciam. Pilatos devia enviar a Tiberio uma memoria, ou ao menos algumas linhas, sobre a memoravel vida de **CHRISTO**. S. Justino, nascido na Palestina no principio do segundo seculo da era christã, conta que o governador d'esse paiz observou o uso de que fallámos. Que **JESUS**

tinha feito caminhar os côxos (dizia aos pagãos este sabio philosopho) ; que tinha feito fallar os mudos, ver os cegos; que tinha curado os leprosos e resuscitado os mortos: é o que podeis colher das memorias redigidas por Poncio Pilatos. Tertuliano, lembrando estes factos aos magistrados romanos, lhes dizia tambem: — Pilatos infôrrou de tudo isto a Tiberjo, então imperador.—

« Depois de Pilatos, a antiguidade nos apresenta o philosopho pagão Celso, que foi quasi contemporaneo de CHRISTO. Este autor disse, que JESUS, por actos de um grande poder, se fez passar por um Deos . . . Qualifica de encantos as obras poderosas que a historia conta de JESUS. Pensa que estas maravilhas eram prestigios . . . Accusa o SALVADOR de as haver feito por magia (1).

« Hierocles da Bethynia, governador romano, que viveo um seculo depois de Celso, se exprime assim: — Os christãos, por causa de alguns pequenos prodigios, pretendem que JESUS é um DEOS — (2).

« Até aqui só tendes ouvido autores, como garantias das maravilhas da vida de CHRISTO. Tambem com estes e como estes, uma multidão de judeos e pagãos as testemunham solemnemente.

« Com effeito, considerai o que se passa no mundo na época de que fallamos. O Messias, depois de haver pregado o Evangelho na Palestina, foi ahi morto e sepultado. Seus discipulos ahi publicam quatro historias, nas quaes contam e lhe attribuem grande numero de milagres. Dizem que estes acontecimentos tiveram lugar ha pouco tempo, que a Judéa foi e theatró d'elles, que a maior parte se passaram em lugares publicos, no meio de numerosas reuniões, e á vista de multidões attentas. Nomeiam os lugares, designam as testemunhas, mencionam as circumstancias. Fornecem meios de verificação, appellam para a notoriedade publica, e concluem que se deve crer na missão divina de JESUS CHRISTO.

(1) Perdeo-se o escripto de Celso, porém Origene, que o havia lido e refutado extensamente, o conhecia. E' elle quem nos diz nos termos que acabamos de citar, o que Celso dizia dos milagres de *Jesus Christo*.

(2) Palavras citadas por Eusebio *Contra Hieroclem*, pag. 512, edição de 1628.

« Attendei a isto. Ou os acontecimentos são falsos ou são verdadeiros.

« Se as historias evangelicas são tecidos de mentiras; se a Judéa não vio os milagres que ellas affirmam ter-se passado não ha muito tempo á sua vista, ella o sabe com certeza. Os christãos, os judeos e pagãos que habitam, tanto a Palestina, como os paizes limitrophes, estão certos da falsidade dos factos. Eis pois os Evangelhos publicamente vencidos de imposturas insolentes, confundidos por todas as partes, e desprezados geralmente.

« Se ao contrario, são reaes e notorios os factos, se a nação judaica foi testemunha d'elles ha mui poucos annos, ella d'elles se lembra perfeitamente, e não pôde desmentir os Evangelhos. Na Judéa e nas provincias visinhas, confessam-se os acontecimentos, reconhece-se a verdade das relações evangelicas sobre este ponto, ou ao menos guarda-se silencio a tal respeito. Christãos, judeos e pagãos, d'estes paizes, estão concordes a este respeito. Ora, qual dos dous casos de que fallamos aconteceu? Aqui respondem os monumentos da historia com alta e unanime voz. Elles dizem que nem a christandade, nem a nação judaica, nem o gentilismo, contemporaneos de CHRISTO e dos apóstolos, não desmentiram as maravilhas publicas d'este grande Reparador, contadas nos Evangelhos. Ao contrario, acrescentam que a christandade tem respeitado esses escriptos como historias incontestaveis, que a nação judaica os confirmou por declarações, e que o gentilismo lhes rendeo semelhantes homenagens.

« Todas estas cousas são provadas por autores antigos. Um grande numero de testemunhas os depoem. Ha testemunhas de todos os caracteres e opiniões, ordens e interesses.

« Isto não é tudo.

« A christandade não tem só publicado attestações relativas aos milagres de CHRISTO. Estas attestações são por ella sustentadas até a morte, e selladas com o seu sangue.

« A nação Judaica não tem somente guardado silencio de adhesão, e consignado em seus livros fórmaes approvações; tem dado ao christianismo numerosos proselytos, que a tem defendido com ardente fé e constancia á prova de supplicios.

« O gentilismo não tem também, pelo mesmo silencio e semelhantes confissões, adherido ás attestações christãs. Em grande parte elle tem tudo abandonado e sacrificado, para sustental-os. Longe de desconhecel-os, elle soffreo dous seculos de perseguições, deixou derramar seu sangue em torrentes, deixou despedaçar e mutilar seus membros. Em prova destes factos a antiguidade apresenta uma multidão de testemunhas em quasi todas as partes do vasto imperio romano.

« Assim, a christandade, a nação Judaica e o gentilismo, contemporaneo de CHRISTO, estas tres grandes partes do genero humano, de interesses oppostos, inimigos reciprocos, ardentes em se contradizerem logo que se offerece occasião, tem rendido innumeraveis e unanimes homenagens á verdade dos Evangelhos, relativamente aos factos de que se trata. E estas homenagens não soffrido, sem enfraquecerem, as mais terriveis provas.

« Eis pois os milagres publicos da vida de CHRISTO, provados por multidões de christãos, judeos e pagãos; attestados com conhecimento certo dos factos, provados invariavelmente, confirmados tanto no infortunio como na prosperidade, certificados pelo preço do que ha de mais caro no mundo, e durante um supplicio de dous seculos, que não tinha outro fim senão arrancar retractações (1).

« Agora dizei, já vistes em parte alguma testemunhas de sinceridade mais seguramente garantida? Conheceis factos antigos mais authenticamente certificados? Existe em toda a historia da antiguidade uma prova mais irrecusavel? Não.

(1) Não esqueçaes que se trata não de opiniões philosophicas, ou tradicionaes, não de factos obscuros ou já antigos, porém de acontecimentos re-entes e notorios, sobre cuja realidade a christandade, a nação Judaica e o gentilismo não podiam illudir-se.

E, notai bem, não é possivel que ellas fossem presas de artificios, porque *Jesus Christo* não curava em lugares impenetraveis aos olhos do publico; não escollia um doente ou enfermo; não escollia de ante-mão uma reunião de preparativos e de circumstancias. Porém em qualquer lugar que elle se achasse, no camiho, nas ruas ou nas praças publicas, diante de assembléas, de sinagogas, em presença de philosophos, apresentavam lhe quem queriam para que fosse curado. *Christo* pronunciava algumas palavras ou punha as mãos; e immediatamente os cegos viam, os surdos ouviam, os côxos caminhavam com passos iguaes, os leprosos viam seus membros sãos, os enfermos e doentes de toda a especie iam curados.

« Os milagres publicos da vida de CHRISTO são pois indubitaveis. Assim de uma parte está verificado que as magnificas prophecias que o promettiam á terra, se cumpriram em sua pessoa, e de outra parte temos certeza de que sua pregação foi autorizada por grande numero de milagres.

« Estes factos reunidos, formam uma prova decisiva da missão divina que CHRISTO preencheo, e por conseguinte da verdade das instrucções que elle deo aos homens. Seu ensino acha-se assim ractificado pelo Céu.

« Ora, JESUS CHRISTO altamente pregou a existencia do outro mundo, de que este é o caminho. Elle a pregou em nome e com a sancção do Céu.

« Ouvi suas palavras. — Eu vos declaro em verdade, que não ha pessoa alguma, que tendo deixado pelo Evangelho sua casa ou seus campos... que não receba no mundo futuro uma vida eterna (1). Não temais aquelles que matam o corpo sem poder matar a alma. Temei antes aquelle que póde fazer perecer no inferno a alma e o corpo (2). Eu vos asseguro que no dia de juizo, os homens darão conta de toda a palavra reprehensivel que houverem pronunciado (3). Então o Filho do homem separará os homens uns dos outros, como o pastor separa as ovelhas dos cabritos. Elle porá as ovelhas á sua direita e os cabritos á esquerda. Depois dirá o SENHOR aos da direita: « vinde, bemditos de meu Pai, receber em partilha o reino que para vós foi preparado desde a formação do mundo... » Depois dirá aos da esquerda: « ide, malditos, para longe de mim, para o fogo eterno, preparado pelo diabo e seus anjos... » Então estes irão para o supplicio eterno, e os justos para a vida eterna. Um homem rico regosijava-se cada dia esplendidamente, e tinha em sua porta um pobre por nome Lazaro, atormentado de ulceras, que desejava nutrir-se das migalhas cahidas de sua mesa. Morreo este pobre e foi levado pelos anjos aos braços de Abrahão. Morreo o rico tambem e foi sepultado. Este, estando nos infernos e em tormentos, levantou os olhos

(1) Evangelho de S. Marcos, Cap. 10.

(2) Evangelho de S. Matheus, Cap. 10.

(3) Idem, Cap. 12.

e de longe vio Abraham e nos seus braços Lazaro. Então exclamou: « Padre Abrahão tende piedade de mim e mandai Lazaro mergulhar a extremidade de seu dedo na agua e refrescar minha lingua, porque soffro cruelmente nesta chamma. » Abrahão respondeo: « Meu filho, lembrae-vos que durante vossa vida fostes o unico em gozar de vossos bens, e que Lazaro soffreo sem companhia os males. Presentemente elle está consolado, e vós soffreis. Além disto, entre vós e nós ha um grande abysmo; de sorte que aquelles que quizessem passar d'aquí para vós, ou de lá para nós, não o poderiam » (1).

« Por estas e outras semelhantes palavras, CHRISTO, doutor divino, interprete do Céu, embaixador do ALTÍSSIMO entre os homens, formalmente notificou que existe um mundo ulterior ao em que vivemos, perpetuo como nossas almas, terrivel para os máos e desejavel para os justos, por que cada um ahi será recompensado ou punido segundo suas obras n'este.

« Assim, a existencia do outro mundo (eternidade) nos é assegurada por JESUS CHRISTO: a verdade dos ensinoss de JESUS CHRISTO por solemnes milagres, e a realidade d'estes milagres por monumentos historicos.

« De sorte que esta grande e capital verdade da existencia do outro mundo, verdade já fundada sobre a natureza e philosophia, repousa ainda firmemente sobre as bases historicas, sólidamente estabelecidas.

« Ainda ha mais; porque a Providencia, attenta ás misérias mentaes, como as necessidades corporaes da humanidade, tomou grandes precauções, afim de que o homem não ignorasse jámais seu destino sublimé.

« O homem, logo que é introduzido na scena do mundo terrestre, pelo mão creadora do Pai de todos os seres, não tarda em lançar em roda de si olhares de curiosidade inquieta. Depois de rapida observação do que se passa na natureza dentro do alcance de seus olhos espantados, elle pergunta com emoção donde vem, e para onde vae sua mysteriosa existencia. Esta grande questão, problema de toda a vida humana, é avidamente apprehendida pelo seu espirito

(1) Evangelho de S. Lucas, Cap. 16.

e tratada com ardor, até que a tenha resolvido, a não ser dotado de profundo idiotismo, ou continua demencia; tal é, e tal deve ser o homem sobre a terra.

« A providencia paterna, que vela sobre elle, sabe esta necessidade natural de conhecimentos religiosos. Ella foi a propria que a fez nascer, dotando o homem de razão. E a previne de muitas maneiras, com vigilancia que nunca se extingue.

« Por isso do Oriente ao Occidente, de um polo do globo ao outro, os povos sabem a origem e o destino do homem. Todos estão instruidos da existencia de um DEOS omnipotente, e da de um mundo futuro. D'isto todos têm intima persuasão e immortal crença. E assim era nos seculos passados. Toda a antiguidade, diz Cicero, até á mais proxima origem das cousas, professava que a morte não é o termo de nossa existencia.

« Tão antiga como o genero humano, e como elle universal, sempre a convicção do outro mundo reinou poderosa sobre a terra.

« Quereis ouvir as nações declarar sua fé profunda? Desejais que as antigas, sabindo do pó dos seculos passados, venham com as modernas vos dar testemunho? Pois escutai suas vozes solemnes.

« Os Chaldeos: — A alma do homem é immortal. As constellações que se não veem, têm sido reunidas para os mortos. Ellas julgam o universo.

« Os Egepcios: — A alma humana é immortal, e é julgada no dia de juizo. As almas culpadas serão punidas de diversas maneiras nas zonas infernaes. . . Porém as almas que têm achado graça aos olhos de DEOS habitam as moradas da gloria, onde ellas sempre gozarão da sua presença.

« Os Hebreos: — Segundo as promessas que DEOS fez aos nossos pais, e cujo cumprimento as nossas doze tribus esperam ver, DEOS ressuscitará os mortos. Elle julgará todas as acções, até as mais reconditas. A tradição nos falla do fogo do inferno. Cada um de nós acredita, segundo a grande certeza, que DEOS nos deo, que aquelles que observaram fielmente sua lei, d'elle receberão melhor vida.

« Os Persas: — Na ressurreição dos mortos, as boas obras serão recompensadas e os peccados punidos. . . Aquelles cujas almas criminosas tiverem merecido o inferno, temerão

por si mesmos. . porém as almas santas que tiverem feito bem, passarão acompanhadas por espiritos célestes ao *götterman* (1).

« Os Indios: — O homem recebe a recompensa de suas boas acções e a punição das más. Depois da morte, as almas que tiverem commettido más acções, têm um corpo destinado a ser submittido ás torturas do inferno. . . Porém o homem que se houver conformado com as regras prescriptas pela revelação e tradição, obtem no outro mundo perfeita felicidade.

« Os Chinezes: — O corpo morto é mudado em terra bruta, porém seu sopro vital (a alma) sahe d'elle, move-se, brilha, e inspira respeito e temor. Ha depois da morte supplicios preparados para os máos e recompensas para os bons. O homem admittido no Céu, está perto do SENHOR SUPREMO do Universo.

« Os Gregos: — As tradições antigas e sagradas nos ensinam que a alma é immortal, e que depois da morte ella é julgada. Ha um supplicio que soffrer no *adés* (2), no tribunal de DEOS. Segundo a tradição, os mortos que são julgados incuraveis por causa da enormidade de seus peccados, são precipitados no tartaro, d'onde nunca mais sahem. Aquelles que não commetteram senão peccados expiaveis e que mudaram de procedimento com arrependimento, são também precipitados no tartaro, porém d'ahi a tempos sahem. . . Quanto aos justos, esses entram em uma habitação elevada e pura.

« Os Romanos: — Um juiz decide da sorte dos mortos, depois de ter examinado suas vidas e seus peccados. . . Depois da morte, as almas expiam com supplicios o mal que fizeram. . . Os desgraçados, que premeditaram e realisaram algum grande crime, estarão perpetuamente no tartaro. . . Porém no Elyseu (Paraiso), mansão de felicidade, estarão todos aquelles que por seu merito, de seus nomes deixaram uma lembrança.

« Os Tartaros: — Ainda que o corpo esteja sujeito á morte, ha uma alma immortal que nunca é destruida, Existe

(1) Nome do Paraiso.

(2) E' a região dos mortos.

um immenso e profundo abysmo, no qual são precipitadas as almas dos peccadores... As almas que forem salvas, serão collocadas em região de gloria.

« Os Celtas: — O mesmo espirito anima o corpo no outro mundo. A morte é uma passagem para uma longa vida.

« Os Scandinavos: — Alfader (1) deo ao homem uma alma que nunca morrerá, ainda quando o corpo fosse reduzido a pó pela podridão, ou a cinzas pelo fogo... Os máos irão para a região infernal... Os bons e justos habitarão a região Celeste por todos os seculos.

« Os Europeos: — No dia terrivel dos seus juizos, Deos julgará cada um conforme suas obras. Dará vida eterna aos que pela perseverança de suas boas acções aspiram á gloria immortal; e ao contrario espalhará sua indignação e sua colera sobre os que vivem na injustiça. Então os máos irão ao supplicio eterno, e os justos chegarão á vida eterna. O pobre que presentemente tem soffrido com paciencia os seus males, depois da morte é consolado, e o rico que só tem gozado de seus bens, depois de morto soffre no inferno.

« Os Turcos: — Deos julgará todos os mortos... Cada um receberá o premio de suas obras. O fim dos peccadores será terrivel, os justos irão para a bemaventurança.

« Os Mexicanos: — Ha penas e recompensas na eternidade. As almas soffrem o mal ou gozam de uma vida mais feliz, conforme a vida passada.

« Os Peruvianos: — Depois d'esta vida ha outra, peor para os máos, por causa de seus supplicios; melhor para os bons, por causa de suas recompensas.

« Os Selvagens: — A alma não morre com o corpo; na eternidade recebe a sua recompensa.

« Tal tem sido, desde a aurora dos seculos até nossos dias, a persuasão do genero humano.

« Entre as sciencias humanas mencionaremos alguns nomes illustres d'entre muitos que se persuadiram da existencia do outro mundo.

« A philosophia nos apresenta, entre outros sabios de primeira ordem: — Socrates, Platão, Cicero, Bacon, Descartes, Malebranche, Leibnitz, De Lignac, Reid.

(1) E' o autor de todas as cousas.

« A sciencia das mathematicas: — Viète, Cavalieri, Pascal, Fermat, Maclaurin, Euler, M. Cauchy.

« A astronomia: — Tycho-Brahé, Copernic, Galileo, Kepler, Newton, La Caille, M. Herschell.

« A physica: — Bayle, Descartes, Huygens, Newton, Priestley, Volta, M. Biot.

« A chimica: — Sthal, Lavoisier, Cavendish, Davy, M. Berzelius.

« A geologia: — Le Duc, Cuvier, M. Buckland.

« A historia natural: — Lineo, Reaumur, Buffon, Spallanzani, Bonnet, De Jussieu, Haüy, Cuvier.

« A medicina: — Hippocrates, Galeno, Sydenhan, Stahl, Boerhaave, Hoffman, Morgagni, Van-Swteten, Haller, Laennec, Dupuytren.

« A philologia: — Varron, Vossius, Bochart, Du Cange, Court de Gebelin, Jones, M. Balbi.

« A historia: — Varron, Eusebio, Erasmo, Baronius, Gro-tine, Sirmont, Petau, Saumase, Mabillon, Huet, Fleury, Fabricius, Mont-faucou, Muraton, D'Herbelot, Eichhorn, M. de Haller e M. de Sacy.

« Assim, a doutrina do outro mundo se nos apresenta, autorisada pelas sciencias humanas, sanccionada pela sciencia divina, coroada de homenagens pela universalidade do genero humano, e garantida pelo sentimento dos espiritos superiores de todos os tempos.»

O poeta, convencido de que a existencia terrestre continúa deste para o outro mundo, disse:

Seja qual for a mão, qual a barreira
Que de meu caro filho me separa,
Hei de tornal-o a ver, a alma não morre,
Sopro de DEOS é como DEOS eterna.
Só o que é falso, e máo é impossivel.
Revelações ás vezes tem nossa alma
Do que ha de acontecer, nós não só vemos
Pelos olhos do corpo: mysteriosos
Mais penetrantes são d'alma os sentidos,
Quando a fim prematuro declinamos.
Quantas vezes erguendo as mãos e os olhos
Para a imagem da immaculada Virgem,

Seu angelico aspecto, me enlevava!
Punha seu coração em sua préce.
Da pia contricção necessidade
A prece é, a prece é o perfume
Que só deve incensar de DEOS os passôs.
Devota relação de DEOS com o homem,
Meio glorioso de tratar com o ETERNÔ,
Cadeia que suspende o pensamento
Dos mundos, e que os prende á Divindade!
Delicia, alivio d'existencia afflicta,
Privilegio sem par com que podemos
Em lampejos de luz, a furto a vista
Pôr no horizonte de futura vida;
Vida sem fim, e não essa que marca
Oscillações do pendulo, e que passa
Como a roda do carro, que rodando
Encurta o espaço; e nem como da nau
A prôa que após si as vagas deixa;
Gozo do coração, gozo da mente;
Eu sinto a préce se elevar ao Emyrio.

PEDRA BRANCA.



INDICE.

PRIMEIRO VOLUME.

	Pag.
Considerações geraes e phylosophicas sobre o homem.....	1
Do homem e da mulher em geral.....	21
Reflexões geraes e paralelo entre o homem e a mulher.....	25
Analogias physionomicas dos dous sexos.....	31
Parallelo do homem e da mulher.....	32
Dos caracteres exteriores das mulheres.....	35
Idéa geral dos caracteres interiores e da natureza da mulher ...	41
Influencia da mulher na obra da geração.....	51
Do effeito da imaginação da mãe sobre o filho.....	68
Modificações naturaes na constituição das mulheres segundo as idades.....	72
Considerações sobre as causas do amor entre os sexos.....	78
A mulher considerada em relação ás suas paixões.....	91
Da amizade entre a mulher e o homem.....	99
Da mulher como mãe.....	105
Da mulher como esposa.....	112
Da mulher como filha.....	128
Da mulher como irmã.....	142
Da mulher como amante.....	145
A mulher é generosa, magnanima e sublime!!! ninguém a imita	151
Da mulher como irmã da caridade.....	166
Da mulher perante o Evangelho.....	173
Do bello e da belleza.....	170
O merecimento das mulhieres.....	190
Das mulheres illustres em letras e em bellas artes.....	212
Modo de conhecer a mulher pelos caracteres physionomicos ...	217
Da physionomia das mulheres, consideradas em suas diferentes idades.....	219
Da mulher virtuosa e da má mulher.....	221
Do Pudor.....	224
Importancia da mulher.....	242

SEGUNDO VOLUME.

	Pag.
Organographia physiologica, physionomica e philosophica do homem e da mulher.....	1
Enumeração dos musculos.....	7
Da cabeça.....	24
Considerações physiologicas e physionomicas do craneo do homem.....	25
Sentimentos de Herder.....	26
Lavater e Gall, comparados em seus systemas por seus commentadores.....	»
Da face.....	28
Considerações physiologicas dos dentes.....	29
Dos caracteres do genero humano, tirados da fórma do semblante, e extrahido das observações de Lavater.....	30
Musculos do craneo, que servem para exprimir as paixões e os sentimentos.....	34
Musculos da face, que exprimem as paixões.....	35
Da pelle sob as relações anatomicas, physiologicas e moraes....	38
Sentimentos de Lavater, em relação á côr e á physionomia da pelle.....	42
Reflexões de Herder sobre o semblante.....	51
Sentimentos de Lavater.....	»
Diferença das côres e configuração nos homens.....	57
Da physionomia da testa.....	72
Idéas philosophicas de PeusebelI sobre a physionomia da testa	75
Dos olhos.....	78
Descripção anatomica, physiologica e physionomica do olho e do aparelho da visão.....	79
Da orbita; das sobrancelhas; das palpebrás.....	80
Sentimentos de Herder sobre as sobrancelhas.....	83
Do globo dos olhos.....	»
Glandula lacrimal.....	84
Das lagrimas.....	85
Mechanismo da visão.....	89
Observações de Buffon sobre o olho.....	91
Observações de Lavater sobre os olhos e sobrancelhas.....	93
Dos musculos dos olhos.....	98
Physionomia moral do olho, por Salomão.....	»
Observações de Lavater e de Herder.....	99
Physionomia de uns olhos, pelo Sr. V. da S. Pereira.....	»
Observações philosophicas do conde Oxenstirn, ácerca da vista	100
Da audição.....	101
Mechanismo da audição.....	102
Relação da impressão auditiva com a intelligencia.....	103
Pensamentos de Salomão sobre a importancia do ouvido.....	104
Reflexões de Lavater sobre a orelha.....	105

	Pag.
Pensamentos moraes de diversos philosophos sobre os ouvidos; juizo do Dr. Antonio Ferreira; da musica	106
Do nariz ou orgão do cheiro	115
Do mechanismo do cheiro; utilidade do olfacto; physionomia do nariz por Lavater	117
Da respiração	119
Cavidade do peito	121
Pulmões	122
Do ar atmospherico	123
Mechanismo da respiração	124
Do calor animal, sua introduccão e conservação no corpo organico e vivo	126
Do aparelho da voz	128
Do canto; da poesia	133
Do grito, do riso, do suspiro e do soluço	134
Do gosto e do aparelho gustador	136
Mechanismo do gosto	137
Dos sabores	138
Reflexões philosophicas do conde de Oxensfirn sobre o gosto... Da bocca	139
Descripcão anatomico-physiologica da bocca; physionomia da bocca e dos labios por Lavater	142
Physionomia moral da bocca por Salomão	144
Da palavra	145
Considerações philosophicas sobre a palavra	146
Do aparelho da digestão	155
Apparelho biliario	163
Dos vasos chyliferos, e dos demais fluidos do corpo do homem e mechanismo	168
Absorpção do chylo; absorpção cutanea	169
Absorpção mucosa; aparelho da circulação do coração	170
Uso das aurículas	172
Mechanismo da circulação	173
Observações physiologicas; do pericardio; considerações philosophicas, physionomicas, moraes e affectivas do coração	174
Physionomia do coração por Salomão	179
Pensamentos moraes sobre o coração, por diferentes autores .. Das arterias	180
Funccões physiologicas das arterias	181
Das veias	185
Da circulação no systema capillar	187
Dos vasos lymphaticos	189
Dos orgãos genito-urinarios	192
Funccão do aparelho urinario	193
Dos orgãos reproductores; orgãos reproductores do homem ... Visiculas seminaes	194
Apparelho reproductor da mulher	195
Mechanismo da reproducção	197
Do peritonéo	198
Dos temperamentos	200
	204
	205

	Pag.
Predominancia do systema nervoso.....	209
Predominancia do systema exhalante digestivo; predominancia do systema respiratorio com hematose abundante; predominancia do systema biliar.....	210
Predominancia do systema digestivo; predominancia do systema sexual; da homogeneidade do corpo, extrahido de Lavater..	211
Das idades.....	218
Da infancia.....	219
Da puberdade.....	221
Idade adulta.....	223
Velhice.....	224
Da influencia dos agentes physicos sobre o homem.....	228
Dos climas e sua influencia sobre o homem.....	232
Do exercicio ou movimento.....	241
Do repouso e da inacção.....	245
Dos cabellos; physionomia dos cabellos.....	247
Do cabelo e da barba, segundo Lavater.....	248
Reflexões sobre a influencia da imaginação, relativamente á physionomia, segundo Lavater.....	258
Da influencia das physionomias, umas sobre as outras; passagem tirada das indagações philosophicas sobre os Americanos....	265
Passagem de uma obra ingleza.....	268
A physionomia apoiada por autores.....	269

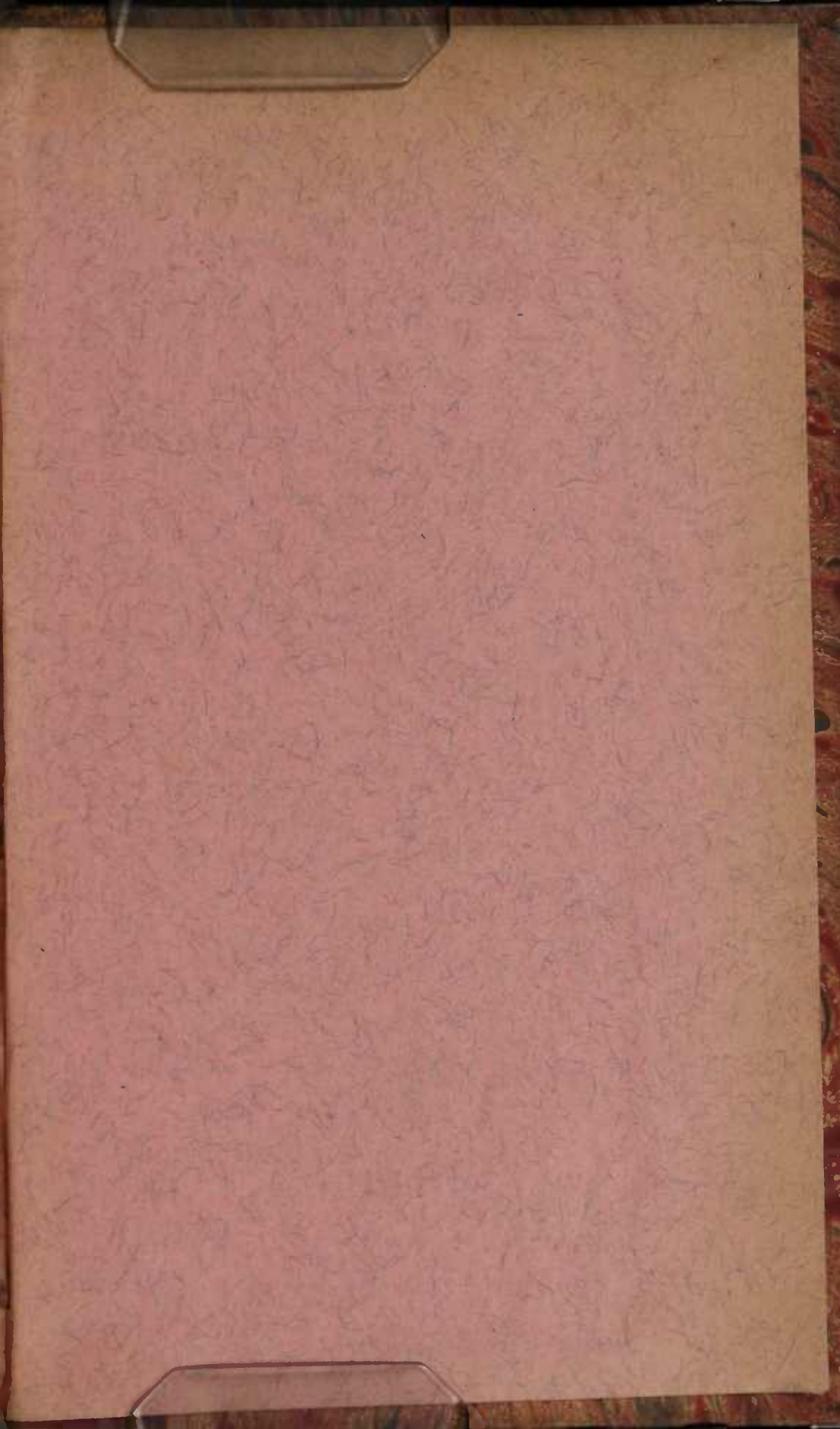
TERCEIRO VOLUME.

	Pag.
Do systema nervoso; do cerebro (orgão da intelligencia), dos seus involucros e funcções.....	5
Do cerebro.....	6
Do cerebello.....	27
Do interior do cerebro.....	28
Da medula da espinha.....	32
Dos involucros do cerebro ou meninges.....	33
Da arachinoide; da pia-mater.....	36
Dos nervos.....	37
Considerações geraes sobre a intelligencia humana.....	45
Da pluralidade dos órgãos intellectuaes.....	56
Exposição da doutrina de Gall..	57
Da alma e suas faculdades.....	62
Dos phenomenos da consciencia e das nossas idéas em geral	68
Differentes caracterês das idéas.....	69
Diversas especies de idéas.....	70
Da origem e formação das idéas.....	71

Theoria das faculdades da alma.....	74
Da sensibilidade.....	75
Da faculdade de conhecer, ou da razão.....	78
Das faculdades que se referem á faculdade de conhecer.....	81
Da consciencia.....	82
Da attenção.....	84
Da pcrcepção exterior.....	85
Do juizo.....	86
Do raciocinio.....	87
Da abstracção.....	88
Da generalisação.....	89
Da memoria.....	90
Da associação das idéas.....	91
Da actividade; da actividade voluntaria e livre.....	93
Do phenomeno da vontade e da sua circumstancia; demonstração da liberdade.....	94
Do eu.....	97
Da identidade do eu.....	100
De sua unidade.....	104
Da distincção da alma e do corpo.....	107
Phenomenos anormaes do systema nervoso nos extaticos e sensíveis.....	114
Do somno e seus phenomenos.....	118
Do methodo, da analyse e da syntexe.....	129
Da definição.....	130
Da divisão das classificações.....	132
Da certeza.....	133
Da analogia.....	134
Da inducção, da deducção.....	135
Autoridade do testemunho dos homens.....	136
Do raciocinio.....	137
De suas differentes fórmãs.....	138
Dos sophismas e do meio de resolvel-os.....	141
Dos signaes e da linguagem em suas relações com o pensamento.....	144
Da moral.....	146
Das penas e recompensas moraes.....	151
Da sancção da moral; deveres do homem para consigo mesmo.....	155
Moral social, ou deveres do homem para com seus semelhantes; deveres do homem em geral.....	156
Deveres para com o estado.....	157
Destino do homem. Provas da immortalidade da alma.....	158
Conselhos moraes para a conduta da vida.....	159
Do homem em diversas regiões da terra, em relação ás suas paixões.....	162
Extracto da historia do homem, por Buffon.....	166
Esboço da estrutura do corpo humano: seus movimentos são voluntarios, organicos, ou convulsivos?.....	172
Extracto de Winkelman.....	173
Dos caracteres do genero humano, tirados da fórmula do semblante.....	175
Do homem em relação á mulher.....	180

	Pag.
Da mulher em relação ao homem.....	182
Das paixões e affectos em geral, considerações philosophicas..	186
Das paixões spasmodicas, segundo o Dr. Pinel.....	193
Das paixões debilitantes, ou oppressivas, segundo o Dr. Pinel..	194
Das paixões alegres ou expansivas, segundo o Dr. Pinel.....	195
Das paixões compostas, segundo Le Brum.....	196
Utilidade das paixões.....	199
Utilidade das paixões em relação á medicina e á therapeutica...	207
Séde das paixões.....	209
Divisão e classificação das paixões.....	230
Classificação das paixões, segundo a força com que obram sobre o espirito, a imaginação e o coração.....	238
Do interesse.....	242
Do prazer.....	254
Do amor.....	258
Do amor conjugal.....	270
Do amor paternal e materno.....	278
Do amor paterno.....	279
Do amor filial.....	281
Do amor fraternal; do amor proprio.....	282
Do amor da patria.....	283
Do amor da ordem, ou do dever e amor da gloria; do amor das letras e das sciencias.....	285
Remedio para o amor.....	286
Da dôr.....	289
Do odio.....	291
Da alegria.....	293
Da felicidade.....	295
Do gozo; da satisfação.....	296
Do entusiasmo.....	299
Do regosijo.....	300
Do gosto; do contentamento; do extase.....	301
Do desejo; da falsificação.....	302
Da vangloria; da rectidão; do reconhecimento; da emulação...	303
Da altivez; da admiração.....	307
Do merito.....	308
Da consideração; da autoridade.....	309
Do desinteresse; da contemplação.....	310
Da brandura.....	311
Da illusão.....	315
Da esperança.....	316
Da prudencia.....	319
Da contenção; da temperança.....	320
Do ciume.....	321
Da amizade.....	323
Da sandade.....	326
Da benevolencia; da humildade.....	330
Da consternação; da frivolidade.....	331
Da fidelidade.....	332
Da frugalidade.....	334

	Pag.
Da concupiscencia.....	335
Da gloria	336
Da commiseração, da ousadia	337
Da continencia; da grandeza d'alma; da antipathia	338
Da sympathia; da apathia; da constancia.....	339
Da virtude	340
Do vicio.....	341
Do orgulho; destreza; complacencia; subtileza; ardil; artificio; affectação	342
Avareza; hypocrisia	343
Lamentação; baixaza; bizarrria; decencia	344
Boa-fé; bondade; ardor.....	345
Pezar; circumspecção; ambição.....	346
Audaci; temeridade; aversão.....	347
Brutalidade; castidade.....	348
Desconfiança; suspeita	349
Desgosto; curiosidade.....	350
Desdem; dureza; calunnia; desgraça.....	352
Affeição; arrogancia; heroismo.....	353
Desregramento; depravação; continencia.....	354
Cubiça; affabilidade; sensualidade.....	355
Sentimento; preguiça.....	356
Arrependimento, rectidão	357
Indulgencia; proidencia; mal.....	358
Humanidade	359
Adoração, clemencia; misericordia	360
Beneficencia; benevolencia; aborrimto	363
Acabrunhamento; abatimento; desanimo.....	364
Candura; inveja.....	365
Modestia.....	366
Indifferença; doçura.....	367
Sinceridade; moderação; crueldade.....	368
Colera.....	369
Sensibilidade; ternura; desprezo.....	371
Adversidade; civilidade.....	372
Ingratidão; temor.....	373
Generosidade	375
Prodigalidade; paciencia; desesperação	376
Austeridade; simplicidade.....	377
Efeito das paixões em geral.....	»
Da morte	382
Da eternidade.....	384





BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).